

Anais

ENCONTRO INTERNACIONAL  
**PARA UM PENSAMENTO  
DO SUL**



Anais

ENCONTRO INTERNACIONAL  
**PARA UM PENSAMENTO  
DO SUL**

SESC | Serviço Social do Comércio  
Departamento Nacional  
**Rio de Janeiro**  
agosto 2011

## SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Presidência do Conselho Nacional

Antonio Oliveira Santos

Departamento Nacional

Direção-Geral

Maron Emile Abi-Abib

Divisão Administrativa e Financeira

João Carlos Gomes Roldão

Divisão de Planejamento e Desenvolvimento

Álvaro de Melo Salmito

Divisão de Programas Sociais

Nivaldo da Costa Pereira

Consultoria da Direção-Geral

Juvenal Ferreira Fortes Filho

ENCONTRO INTERNACIONAL PARA UM PENSAMENTO DO SUL

Coordenação Geral

Edgar Morin

Coordenação Técnica

Direção da Divisão de Planejamento e Desenvolvimento

Álvaro de Melo Salmito

Coordenação Acadêmica e Organização

Marta de Azevedo Irving

Assessoria Técnica da Gerência de Desenvolvimento Técnico/DPD

Marcia Alegre Pina

Assessoria Técnica da Gerência de Estudos e Pesquisas/DPD

Mônica da Silva Castro

Apoio Técnico

Diretoria da Escola SESC de Ensino Médio

Claudia Fadel

Antonio Viveiros

Assessoria Técnica da Escola SESC de Ensino Médio

Rosângela Logatto

Apoio de Relatoria

Mauro Maldonato

Francisco Aparecido Cordão

ORGANIZAÇÃO

Assessoria de Divulgação e Promoção

Christiane Caetano

Mônica Merola

Ygor Hespanhol

PUBLICAÇÃO

Assessoria de Divulgação e Promoção/DG

Christiane Caetano

Supervisão Editorial

Fernanda Silveira

Projeto Gráfico

Ana Cristina Pereira (Hannah23)

Tradução Espanhol e Francês

Idiomas & Cia

Revisão de Texto

Márcia Capella (Português)

Stella Maris Baygorria (Espanhol)

Editoração

Livros & Livros Construção Ltda.

Produção Gráfica

Celso Mendonça

Estagiária de Produção

lasmin Simas

VÍDEO

Direção e Supervisão Geral

Wagner Campos

Mediador

Edgard Carvalho

Encontro Internacional para um Pensamento do Sul (2011 : Rio de Janeiro, RJ).

Anais. — Rio de Janeiro : SESC, Departamento Nacional, 2011. 304 p. ; 21 x 29,7 cm.

Texto em português, com tradução paralela em espanhol. ISBN 978-85-89336-68-0.

1. Desenvolvimento social — América Latina - Congressos. 2. Educação — América Latina — Congressos. 3. Cultura — América Latina — Congressos. 4. Morin, Edgar, 1921- . I. SESC. Departamento Nacional.

CDD 361.2

©SESC Departamento Nacional  
Av. Ayrton Senna, 5555 — Jacarepaguá  
Rio de Janeiro — RJ  
CEP 22775-004  
Tel.: (21) 2136-5555  
www.sesc.com.br

Impresso em agosto de 2011.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida sem autorização prévia por escrito do SESC — Departamento Nacional, sejam quais forem os meios e mídias empregados: eletrônicos, impressos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

O Serviço Social do Comércio — SESC é uma entidade criada pela Confederação Nacional do Comércio, que tem como objetivo maior o papel de contribuir para a paz social e para a garantia de uma sociedade democrática. Criado em 1946, faz parte, hoje, de um dos maiores sistemas de desenvolvimento social de todo o mundo.

Aos 65 anos de existência, o SESC está presente em todos os estados do Brasil, sob um regime de descentralização executiva. Contribui para a qualidade de vida de sua clientela prioritária — comerciários e sua família — desenvolvendo ações que objetivam o desenvolvimento de uma sociedade melhor, por meio dos Programas Cultura, Lazer, Educação, Assistência e Saúde.

Um trabalho complexo, que leva em conta a regionalidade, a vivência, o cotidiano de cada pessoa atendida, em um país de extensão continental, de características variadas, com seus “nortes” e “suis”, porém, com uma identidade estabelecida — unidade na diversidade.

Esse perfil institucional oportunizou as condições propícias para que o SESC realizasse o Encontro Internacional Para um Pensamento do Sul.

Ideia defendida pelo filósofo Edgar Morin, o pensamento do Sul seria aquele capaz de delinear ao mundo novas formas viáveis e solidárias para uma sociedade crescentemente democrática. O Sul teria formas originárias para uma ação política, econômica e social, aproveitando o melhor do Norte e o melhor do Sul.

Com esse desafio, o SESC apresenta esta publicação, que reúne o resultado de um ano de trabalho, para que o ideal de um mundo melhor possa começar a ser delineado. É apenas o início de uma jornada para uma nova proposta de civilização, de forma provocativa e convocatória.

## **Antonio Oliveira Santos**

Presidente do Conselho Nacional do SESC

*El Servicio Social del Comercio — SESC — es una entidad creada por la Confederación Nacional del Comercio y tiene como principal objetivo el rol de contribuir con la paz social a fin de asegurar una sociedad democrática. Creado en el año 1946, actualmente forma parte de uno de los más importantes sistemas de desarrollo social de todo el mundo.*

*Con sus sesenta y cinco años de experiencia, SESC tiene presencia en todos los Estados de Brasil, bajo un régimen de descentralización ejecutiva. Aporta a la calidad de vida de sus clientes prioritarios — comerciantes y sus familias — llevando adelante acciones que procuran a su vez desarrollar una mejor sociedad mejor por medio de sus Programas de Cultura, Entretenimiento, Educación, Asistencia y Salud.*

*Se trata de un trabajo complejo que toma en consideración la regionalidad, la vivencia, la vida cotidiana de cada persona que atiende, correspondiente a un país de dimensión continental, de características variadas, con sus «nortes» y «sures», pero con una identidad establecida — unidad en la diversidad.*

*Dicho perfil institucional ha brindado las condiciones propicias para que SESC pudiera realizar el Encuentro Internacional Para un Pensamiento del Sur.*

*Idea defendida por el filósofo Edgar Morin, el pensamiento del Sur sería aquel capaz de presentar al mundo nuevas formas viables y solidarias formas para una sociedad crecientemente democrática. El Sur tendría formas originarias para una acción política, económica y social, aprovechando lo mejor del Norte y lo mejor del Sur.*

*Considerando ese reto, SESC presenta esta publicación que reúne el resultado de un año de trabajo, para que se pueda empezar a delinear el ideal de un mundo mejor. Este es sólo el comienzo de una jornada a una nueva propuesta de civilización, de manera provocativa y convocatoria.*

**Antonio Oliveira Santos**

*Presidente del Consejo Nacional de SESC*

Centrado em uma perspectiva da América Latina, o Encontro Internacional Para um Pensamento do Sul foi planejado a partir da visita de Edgar Morin ao Departamento Nacional do SESC, em janeiro de 2010, propondo-nos o desafio de discutir as contribuições que os vários “suis” poderiam lançar no sentido de uma nova política de civilização.

O evento contou com 42 convidados, “amigos” de Morin, estudiosos do pensamento complexo e representantes de diversas inserções temáticas e institucionais, do Brasil e de países como Colômbia, Argentina, Cuba, México, Peru, Bolívia, Uruguai, República Dominicana, Itália, Canadá e França.

Esses convidados foram mobilizados a refletir sobre o texto de Morin, “Para um pensamento do Sul”, e produzir contribuições individuais, preparatórias para as discussões que viriam durante o encontro no SESC.

No evento, os participantes foram divididos em três grupos temáticos: 1) pensamento econômico, questões sociais e pobreza, 2) reforma da educação e 3) unidade humana e diversidade cultural. Dedicando-se a discussões e construções coletivas, de forma a responder às inquietações provocadas e que apontassem “para um pensamento do Sul”.

Por fim, Edgar Morin escreveu um texto refletindo sobre as construções de cada grupo, a fim de produzir uma proposta política, iniciando um movimento para uma nova forma de pensar, um novo fazer e um novo mundo. Unindo tradição e inovação, formas complexas de cultura, a ciência, a democracia, o Norte e o Sul.

O SESC, parceiro e empreendedor de ações e reflexões que contribuam para o aperfeiçoamento humano e social, sente-se realizado por ter conduzido e promovido tamanho desafio. Sentimo-nos orgulhosos com o resultado conseguido e esperançosos de que uma civilização mais solidária possa ser iniciada.

Nestes Anais estão registradas todas as produções referentes a cada fase do evento. Espera-se que, a partir das reflexões e propostas do Sul, tenha-se dado o primeiro passo para um futuro melhor.

## **Maron Emile Abi-Abib**

Diretor-Geral do Departamento Nacional do SESC

*Enfocado en una perspectiva latinoamericana, el Encuentro Internacional Para un Pensamiento del Sur ha sido planteado a partir de la visita de Edgar Morin al Departamento Nacional de SESC, en enero del año 2010. Nos propusimos el desafío de discutir los aportes de los varios «sures» hacia una nueva política de civilización.*

*El evento contó con 42 invitados, «amigos» de Morin, estudiosos del pensamiento complejo y representantes de diferentes inserciones temáticas e institucionales de Brasil y de países como Colombia, Argentina, Cuba, México, Perú, Bolivia, Uruguay, República Dominicana, Italia, Canadá y Francia.*

*Los invitados fueron convocados a reflexionar sobre el texto «Para un Pensamiento del Sur» de Morin, permitiéndose producir aportes individuales, introductorios a las discusiones que surgirían durante el encuentro en SESC.*

*En el evento, los asistentes se dividieron en tres grupos temáticos: 1) pensamiento económico, cuestiones sociales y pobreza, 2) reforma educacional y 3) unidad humana y diversidad cultural; dedicándose a las discusiones y construcciones colectivas, para responder a las inquietudes que surgieran apuntando «hacia un pensamiento del Sur».*

*Finalmente, Edgar Morin escribió un texto de reflexión sobre las construcciones de cada grupo, con el objetivo de producir una propuesta política, iniciando un movimiento para una nueva forma de pensar, un nuevo hacer y un nuevo mundo. Uniendo tradición e innovación, formas complejas de cultura, la ciencia, la democracia, el Norte y el Sur.*

*SESC, socio y emprendedor de acciones y reflexiones que contribuyan con el perfeccionamiento humano y social, se siente realizado al haber conducido y promovido tal desafío. Estamos orgullosos del resultado obtenido y tenemos esperanzas de que efectivamente sea el principio de una civilización más solidaria.*

*En estos Anales están registradas todas las producciones concernientes a cada fase del evento. Se espera que a partir de estas reflexiones y propuestas del Sur se haya dado el primer paso para un futuro mejor.*

## **Maron Emile Abi-Abib**

*Director General del Departamento Nacional de SESC*



Mensagem da coordenação acadêmica do Encontro Internacional Para um Pensamento do Sul <i>Mensaje de la coordinación académica del Encuentro Internacional Para un Pensamiento del Sur</i>	14
Participantes do Encontro Internacional Para um Pensamento do Sul <i>Participantes del Encuentro Internacional Para un Pensamiento del Sur</i>	19
Para um pensamento do Sul <i>Para un pensamiento del Sur</i> <b>Morin, Edgar</b>	20
Pensamento econômico, questões sociais e pobreza <i>Pensamiento económico, cuestiones sociales y pobreza</i> <b>Grupo 1</b>	36
A reforma da educação <i>La reforma de la educación</i> <b>Grupo 2</b>	50
Unidade humana e diversidade cultural <i>Unidad humana y diversidad cultural</i> <b>Grupo 3</b>	72
Contribuições para um pensamento do Sul <i>Aportes para un pensamiento del Sur</i> <b>Cordão, Francisco Aparecido Maldonato, Mauro</b>	90
Convocação para um pensamento do Sul <i>Convocatoria para un pensamiento del Sur</i> <b>Morin, Edgar</b>	98

# Sumário

## ANEXOS

Contribuições para a reflexão: diálogos com Edgar Morin <i>Aportes para una reflexión: diálogos con Edgar Morin</i>	106
A esperança vem do Sul <i>La esperanza viene del Sur</i> Adão, Antonieta Capparelli	108
Pensamento do Sul <i>Pensamiento del Sur</i> Aguirre, Julio Leônidas	110
Pensamento do Sul como reserva antropológica <i>Pensamiento del Sur como reserva antropológica</i> Almeida, Maria da Conceição de	114
A cegueira: o movimento do mundo e a reforma das instituições e mentes <i>La ceguera: el movimiento del mundo y la reforma de las instituciones y mentes</i> Almeida, Rosilene Sousa	118
Pensamento do Sul: uma bússola para um novo mundo? <i>Pensamiento del Sur: ¿una brújula para un nuevo mundo?</i> Barros, Luiz Fernando de Moraes Charret, Heloize da Cunha Mello, Edir Figueiredo de O. Teixeira de	122
Temas centrais que inspiram o pensamento do Sul <i>Temas centrales que inspiran el pensamiento del Sur</i> Carrizo, Luis	126
Contribuições para um pensamento do Sul <i>Aportes para un pensamiento del Sur</i> Carvalho, Edgard de Assis	130
Quais os temas centrais que inspiram o pensamento do Sul? <i>¿Cuáles son los temas centrales que inspiran el pensamiento del Sur?</i> Cordão, Francisco Aparecido	136
Contribuições para um pensamento do Sul <i>Aportes para un pensamiento del Sur</i> Coutinho, Jairo	144

Contribuições para um pensamento do Sul <i>Aportes para un pensamiento del Sur</i> Estarque, Tereza Mendonça	148
Contribuições para um pensamento do Sul <i>Aportes para un pensamiento del Sur</i> Falci, Nurimar Maria	154
Religar a experiência do Sul e o Sul da experiência: um método alternativo de pesquisa-ação-formação <i>Religar la experiencia del Sur y el Sur de la experiencia, un método alternativo de investigación-acción-formación</i> Galvani, Pascal	160
Em direção a um pensamento do Sul: uma visão peruana <i>Hacia un pensamiento del Sur: una visión desde el Perú</i> Gamero, Teresa Salinas	168
Inspirações do Sul para uma nova política de civilização <i>Inspiraciones del Sur para una nueva política de civilización</i> Irving, Marta de Azevedo	174
Algumas reflexões sobre o pensamento do Sul <i>Algunas reflexiones sobre el pensamiento del Sur</i> Leite, Márcia Costa Rodrigues	182
Para um pensamento do Sul: notas para reflexão <i>Para un pensamiento del Sur: apuntes para reflexión</i> Limena, Maria Margarida Cavalcanti	186
Rumo ao Sul <i>Rumbo al Sur</i> Maldonato, Mauro	190
Uma experiência transdisciplinar de auto-eco-organização de uma universidade do Sul <i>Una experiencia transdisciplinar de auto-eco-organización de una universidad del Sur</i> Martínez, Ana Cecilia Espinosa	196

Contribuição dos estudos “descoloniais” para os desafios propostos por Edgar Morin para a organização do pensamento do Sul <i>Aporte de los estudios «descoloniales» para los desafíos propuestos por Edgar Morin para la organización del pensamiento del Sur</i>	204
Leonardo e Anderson: encontro entre os Alpes Suíços e a Floresta Amazônica <i>Leonardo y Anderson: encuentro entre los Alpes Suizos y la Selva Amazónica</i>	210
Considerações sobre Edgar Morin e a defesa de um pensamento do Sul <i>Consideraciones sobre Edgar Morin y la defensa de un pensamiento del Sur</i>	214
Contribuições para um pensamento do Sul <i>Aportes para un pensamiento del Sur</i>	222
Contribuições para um pensamento do Sul <i>Aportes para un pensamiento del Sur</i>	232
Para uma leitura de Edgar Morin <i>Para una lectura de Edgar Morin</i>	234
Algumas questões centrais sobre o pensamento do Sul <i>Algunas cuestiones centrales sobre el pensamiento del Sur</i>	240
Pensamento do Sul <i>Pensamiento del Sur</i>	246
Um pensamento do Sul e a esperança de uma nova política de civilização <i>Un pensamiento del Sur y la esperanza de una nueva política de civilización</i>	252

Temas centrais que inspiram o pensamento do Sul <i>Temas centrales que inspiran el pensamiento del Sur</i>	
Riera, Elba del Carmen	258
Temas centrais que inspiram o pensamento do Sul <i>Temas centrales que inspiran el pensamiento del Sur</i>	
Rodríguez Zoya, Leonardo Gabriel	262
O pensamento do Sul: uma visão crítica do desenvolvimento destrutivo <i>El pensamiento del Sur: una visión crítica del desarrollo destructivo</i>	
Sebilía, Andres Salomon Cohen	268
Pensamento do Sul: construindo uma nova civilização <i>Pensamiento del Sur: construyendo una nueva civilización</i>	
Simões, Carlos Artexes	274
Pensamento do Sul e humanismo latino-americano na trama do universal <i>Pensamiento del Sur y humanismo latinoamericano en la trama de lo universal</i>	
Soriano, Luz Inmaculada Madera	280
Em direção a um pensamento — complexo e crítico — do Sul <i>Hacia un pensamiento — complejo y crítico — del Sur</i>	
Sotolongo, Pedro Luis Codina	286
Contribuições para um pensamento do Sul <i>Aportes para un pensamiento del Sur</i>	
Souza, Maria Alice Lopes	292
Pensamento do Sul <i>Pensamiento del Sur</i>	
Vallejo-Gómez, Nelson	298
Reconectar o que está disperso: um pensamento do Sul planetário <i>Reconectar lo que está disperso: un pensamiento del Sur planetario</i>	
Velasco, Juan Miguel González	302

# Mensagem da coordenação acadêmica do ENCONTRO INTERNACIONAL PARA UM PENSAMENTO DO SUL

Estes anais refletem o esforço para a realização de um projeto conduzido pelo SESC — desde janeiro de 2010, no momento da visita de Edgar Morin ao Brasil. Nesta ocasião e, a partir das discussões realizadas na Escola SESC de Ensino Médio e das ideias norteadoras de uma conferência realizada, à época, no Departamento Regional do SESC em São Paulo, intitulada “Para um Pensamento do Sul”, surgiu a provocação para que se organizasse um encontro internacional, que pudesse agregar uma rede de colaboradores de diversas inserções temáticas e institucionais com o objetivo de refletir sobre as possíveis contribuições do denominado “pensamento do Sul” para uma nova política de civilização. E, desde então, foi se configurando um projeto com este objetivo, iniciado efetivamente em abril de 2010, para o qual foi mobilizada uma equipe do SESC, com a assessoria acadêmica de uma pesquisadora da UFRJ. Desde a sua concepção original, o projeto foi gradativamente sendo delineado, de maneira a configurar uma perspectiva da América Latina que pudesse também contribuir para a reflexão em outras regiões no futuro. Essa reunião, de perspectiva interdisciplinar e intercultural, foi também concebida de maneira a viabilizar um real *encontro* entre aqueles que pensam e buscam novas formas de existir, na contemporaneidade, a partir de uma perspectiva humanizante e solidária. Com base nesse compromisso, o projeto foi estruturado nas seguintes fases:

#### **Fase 1: Mobilização para o projeto**

Essa fase, efetivada entre abril e agosto de 2010, se subdividiu em duas etapas: a) discussão conceitual e balizamento da proposta, leitura e discussão do texto-base inspirador de Edgar

Morin, intitulado “Para um pensamento de Sul”, mobilização e intercâmbio da equipe técnica e gerencial envolvida e, a definição das etapas de planejamento; b) detalhamento metodológico do projeto e identificação da matriz de colaboradores, segundo a orientação de Edgar Morin, definição de medidas internas administrativas e operacionais no SESC para a efetivação do processo, consolidação do material preparatório, convite e formalização de participação no evento e balizamento da versão final do projeto.

#### **Fase 2: Reuniões técnicas com Edgar Morin e a equipe do SESC para discussão e ajuste de projeto**

Essa fase envolveu reuniões técnicas sistemáticas para formação da equipe de coordenação e encontros desta equipe com Edgar Morin durante o mês de setembro de 2010, com o objetivo de discutir a proposta e os ajustes metodológicos de projeto, com base nos “inputs” do próprio pensador.

#### **Fase 3: Acompanhamento técnico e gerencial do processo**

Essa fase constituiu a própria implementação do projeto, no plano institucional, iniciada efetivamente em outubro de 2010 a partir de diretrizes técnicas para planejamento e realização do evento, construídas e discutidas no âmbito da equipe de coordenação do projeto. Para tal, foram realizadas reuniões periódicas com o objetivo de discussão teórica e efetivação de medidas operacionais previstas.

#### Fase 4: Envio de material de reflexão aos participantes do encontro e leitura das contribuições escritas recebidas

Entre novembro de 2010 e fevereiro de 2011 foi realizado o processo de envio de material preparatório para reflexão aos convidados previamente identificados, e foram recebidas pelo SESC as contribuições escritas dos participantes que confirmaram presença no evento. Até o mês de fevereiro foram recebidos 36 textos de contribuição ao evento. Eles foram sistematizados na publicação intitulada *Para um pensamento do Sul: diálogos com Edgar Morin*, enviada aos convidados do encontro para prévia leitura e reflexão.

#### Fase 5: Realização do evento

O “Encontro Internacional para um Pensamento do Sul”, concebido como uma reunião de trabalho, foi realizado entre os dias 14 e 17 de março de 2011, no Departamento Nacional do SESC, no Rio de Janeiro, e contou com a presença de 42 participantes de países como Colômbia, Argentina, Cuba, México, Peru, Bolívia, Uruguai, República Dominicana, Itália, Canadá e França. A metodologia do encontro se baseou em quatro momentos interdependentes: a) conhecimento do grupo e balizamento conceitual de Edgar Morin; b) reflexão temática, com base na discussão em grupo, tendo como inspiração os seguintes temas “Pensamento econômico, questões sociais e pobreza”, “Reforma da educação” e “Diversidade e unidade cultural”. Para tal, foram delineadas duas questões para orientar os debates: *Quais os temas centrais que inspiram o pensamento do Sul? Quais as experiências inovadoras implementadas e/ou em curso que ilustram a pensamento e/ou as identidades do Sul?* c) reflexão de síntese, envolvendo o processo de síntese nos mesmos grupos, com base nas seguintes questões norteadoras: *Qual a mensagem do Sul para uma nova política de civilização? E quais os desdobramentos esperados do processo?* d) apresentação, em plenária, dos resultados dos grupos de trabalho, discussão e síntese e encerramento de Edgar Morin. Nessa etapa, além dos trabalhos em grupo anteriormente descritos, foi também realizada uma entrevista com Edgar Morin para compor estes anais do encontro.

#### Fase 6: Avaliação de processo e elaboração dos anais do encontro

Imediatamente após a realização do encontro, foram realizadas reuniões técnicas de avaliação e definidos, conjuntamente, o cronograma, a estrutura dos anais e as responsabilidades envolvidas no processo. Os anais visam consolidar e registrar, pedagogicamente, o processo e os resultados obtidos na discussão realizada, para que essa reflexão inspire novas iniciativas e possa contribuir, efetivamente para a capilarização, em maior escala, desse debate. Pretende-se também consolidar, a partir de um diálogo amplo de ideias e pensamentos diversos, uma mensagem do Sul capaz de influenciar a construção de novos paradigmas na perspectiva de uma reforma de civilização.

Assim, certos do aspecto inovador da iniciativa, convidamos a todos para leitura e reflexão dos Anais do Encontro Internacional Para um Pensamento do Sul.

Marta de Azevedo Irving

Coordenadora Acadêmica do Encontro Internacional  
Para um Pensamento do Sul



# Mensaje de la coordinación académica del ENCUENTRO INTERNACIONAL PARA UN PENSAMIENTO DEL SUR

*Estos anales reflejan el esfuerzo en la realización del proyecto conducido por SESC desde enero de 2010, con ocasión de la visita de Edgar Morin a Brasil. En ese entonces, a partir de las discusiones realizadas en la Escuela SESC de Enseñanza Media y de las ideas que condujeron la conferencia «Para un Pensamiento del Sur», realizada a la fecha en el Departamento Regional de SESC en São Paulo, surgió el desafío de organizar un encuentro internacional que pudiera agregar a una red de colaboradores de las diferentes inserciones temáticas e institucionales con la finalidad de reflexionar sobre los posibles aportes de dicho «pensamiento del Sur» para una nueva política de civilización. Desde ese entonces, se fue configurando un proyecto con este objetivo, que tuvo inicio efectivamente en abril de 2010 y para el cual se movilizó un equipo de SESC, con la asesoría académica de una investigadora de la Universidad Federal de Río de Janeiro (UFRJ). Desde su concepción original, el proyecto se fue delineando gradualmente para configurar una perspectiva de América Latina que pudiera también contribuir en la reflexión para otras regiones en el futuro. Dicha reunión de perspectiva interdisciplinaria e intercultural se concibió con el fin de viabilizar un encuentro real entre aquellos que piensan y buscan nuevas formas de existir en la contemporaneidad a partir de una perspectiva humanizante y solidaria. Basándose en este compromiso, el proyecto se estructuró en las siguientes fases:*

## **Fase 1: Movilización para el proyecto**

*Esta fase se implementó entre abril y agosto de 2010, subdividiéndose en dos etapas: a) discusión conceptual y alineamiento de la propuesta, lectura y discusión del texto base inspirador de Edgar Morin «Para un Pensamiento del Sur», movilización e intercambio del equipo técnico y gerencial involucrado y la definición de las eta-*

*pas de planificación; b) definición metodológica del proyecto e identificación de matriz de colaboradores, según la orientación de Edgar Morin, definición de medidas internas administrativas y operacionales en SESC para la ejecución del proceso, consolidación del material preparatorio, la invitación y formalización de la participación en el evento, así como el alineamiento de la versión final del proyecto.*

## **Fase 2: Reuniones técnicas con Edgar Morin y el equipo de SESC para discusión y ajuste del proyecto**

*En esta fase se desarrollaron reuniones técnicas sistemáticas para la formación del equipo de coordinación y encuentros del mismo con Edgar Morin durante el mes de septiembre de 2010, con la finalidad de discutir la propuesta y los ajustes metodológicos del proyecto, con base en los «inputs» del pensador.*

## **Fase 3: Seguimiento técnico y gerencial del proceso**

*Esta fase constituyó la implantación misma del proyecto en el plano institucional. Se inició efectivamente en octubre de 2010, a partir de lineamientos técnicos para la planificación y realización del evento, construidos y discutidos entre el equipo de coordinación del proyecto. Para ello, se efectuaron reuniones periódicas con el objetivo de realizar una discusión teórica y llevar a cabo las medidas operacionales previstas.*

## **Fase 4: Envío de material de reflexión a los participantes del encuentro y lectura de los aportes escritos recibidos**

*Ente el mes de noviembre de 2010 y febrero de 2011, se efectuó el proceso de envío de material preparatorio para reflexión a los invitados previa-*

mente identificados y se recibieron en SESC los aportes escritos de aquellos participantes que confirmaron su asistencia al evento. Dichos aportes fueron reunidos en la publicación *Para um pensamento do Sul: diálogos com Edgar Morin (Para un Pensamiento del Sur: diálogos con Edgar Morin)*, enviada a los invitados del encuentro para una previa lectura y reflexión.

### **Fase 5: Realización del evento**

El «Encuentro Internacional para un Pensamiento del Sur», concebido como una reunión de trabajo, se llevó a cabo entre los días 14 y 17 de marzo de 2011 en el Departamento Nacional de SESC, en Río de Janeiro, y contó con la presencia de 42 participantes de países como Colombia, Argentina, Cuba, México, Perú, Bolivia, Uruguay, República Dominicana, Italia, Canadá y Francia. La metodología del encuentro se basó en cuatro momentos interdependientes: a) conocimiento del grupo y alineamiento conceptual de Edgar Morin; b) reflexión temática, con base en la discusión en grupo, teniendo como inspiración los siguientes temas: «Pensamiento económico, cuestiones sociales y pobreza», «Reforma educacional» y «Diversidad y unidad cultural». Para ello, se delinearon dos cuestiones de orientación al debate: ¿Cuáles son los temas centrales que inspiran el pensamiento del Sur? ¿Qué experiencias innovadoras implantadas y/o en curso ilustran el pensamiento y/o identidades del Sur?; c) reflexión de síntesis, tomando en cuenta el proceso de síntesis en los mismos grupos, basándose en las siguientes cuestiones orientadoras: ¿Cuál es el mensaje del Sur para una nueva política de civilización? ¿Y cuáles son los despliegues que se esperan como resultantes del proceso?; d) presentación, en plenaria, de los resultados de los grupos de trabajo, discusión, síntesis y cierre de Edgar Morin. En esta fase, además de dichos trabajos en grupo, se realizó también una entrevista a Edgar Morin, la cual compone estos anales correspondientes al encuentro.

### **Fase 6: Evaluación de proceso y elaboración de los anales del encuentro**

Inmediatamente después de la realización del encuentro, se realizaron reuniones técnicas de evaluación y se definieron, conjuntamente, el cronograma, la estructura de los anales y las responsabilidades correspondientes al proceso. Los anales visan consolidar y registrar pedagógicamente el proceso y los resultados que se obtuvieron en la discusión realizada para que esta reflexión pueda inspirar nuevas iniciativas y aportar efectivamente a la difusión, en mayor escala, de dicho debate. Se pretende, de igual manera, consolidar a partir de un diálogo amplio de ideas y pensamientos diversos un mensaje del Sur capaz de influenciar la construcción de nuevos paradigmas en la perspectiva de una reforma de civilización.

De esta manera, seguros del aspecto innovador de esta iniciativa, invitamos a todos a la lectura y reflexión de los Anales del Encuentro Internacional Para un Pensamiento del Sur.

Marta de Azevedo Irving

Coordinadora Académica del Encuentro Internacional  
Para un Pensamiento del Sur

---

## Participantes do Encontro Internacional Para um Pensamento do Sul

### *Participantes del Encuentro Internacional Para un Pensamiento del Sur*

Ana Cecilia Espinosa Martínez

Andres Salomon Cohen Sebilha

Antonieta Capparelli Adão

Carlos Artexes Simões

Claudia Santos de Medeiros

Danilo Santos de Miranda

Edgar Morin

Edgard de Assis Carvalho

Edir Figueiredo de O. Teixeira de Mello

Elba del Carmen Riera

Francisco Aparecido Cordão

Gustavo Lopez Ospina

Heloize da Cunha Charret

Hugo Neira

Irlando Tenório Moreira

Izabel Petraglia

Jairo Coutinho

Juan Miguel González Velasco

Julio Leônidas Aguirre

Leonardo Gabriel Rodríguez Zoya

Luis Carrizo

Luiz Fernando de Moraes Barros

Luz Inmaculada Madera Soriano

Márcia Costa Rodrigues Leite

Maria Alice Lopes Souza

Maria Cândida Moraes

Maria da Conceição de Almeida

Marta de Azevedo Irving

Maria Margarida Cavalcanti Limena

Mauro Maldonado

Nelson Vallejo-Gómez

Nurimar Maria Falci

Pascal Galvani

Paulo Henrique Martins

Pedro Luis Codina Sotolongo

Rosilene Sousa Almeida

Santo di Nuovo

Teresa Salinas Gamero

Tereza Mendonça Estarque

# Para um pensamento do Sul

Morin, Edgar

O que é o Sul? Em primeiro lugar, trata-se de uma noção falsamente clara. Se é evidente que o Sul se define em relação ao Norte, um sul — como o Magrebe em relação à Europa — é um norte para a África. Na Europa, a Itália é um país do sul europeu que faz limite norte com Milão, a Lombardia. País do norte, a França tem o seu sul: a Provença, o Languedoc. Metrópole do sul, São Paulo é muito impregnada de norte. A noção de sul é relativa. Devemos, portanto, evitar qualquer reificação ou substancialização do termo “sul”. Quanto ao Norte, ele também não pode ser concebido como entidade geográfica. Ele é muito heterogêneo e não falamos obviamente da Rússia, mais próxima culturalmente do sul europeu do que do norte anglo-saxão, nem evidentemente da Sibéria. Ele tampouco pode ser entendido como um tipo ideal, na maneira concebida por Max Weber. Não é, igualmente, uma noção redutora que esqueceria todas as qualidades oriundas do Norte. Na verdade, o que hoje denominamos Norte era há algumas décadas chamado de Ocidente, quando o opúnhamos ao Oriente; ele se tornou Norte, oposto do Sul, quando o termo “Terceiro Mundo” caiu em desuso. Para o Sul, existe de fato uma hegemonia do Norte, que é a hegemonia da técnica, da economia, do cálculo, da racionalização, da rentabilidade e da eficiência. Essas noções não devem ser rejeitadas, embora um pensamento do Sul talvez deva se expressar de maneira consciente e crítica a respeito delas pelo fato de que essa hegemonia insufla intensamente seu dinamismo

no planeta como um todo. E mais ainda porque o Norte está atualmente devorando — ou tentando devorar — o Sul.

Existem evidentemente vários “suis”, muito diferentes uns dos outros, mas que são submetidos à concepção única vinda do Norte, do atraso, do subdesenvolvimento, do imperativo do desenvolvimento e da modernização. Essa visão impede perceber que nos “suis” existem qualidades, virtudes, artes de viver, modos de conhecimento que deveriam não apenas ser salvaguardados, mas também propagados pelos “nortes”. Para chegar à plena consciência das qualidades e virtudes do Sul, seria preciso um pensamento do Sul. Um pensamento como esse ainda tem que ser elaborado a partir das experiências dos diversos “suis”.

Um esclarecimento preliminar é necessário. Afirmei que Norte e Sul eram noções relativas. É preciso acrescentar que não é preciso idealizar nem desvalorizar uma ou outra. Qualquer cultura ou qualquer civilização (aqui a distinção entre ambas pouco importa) têm qualidades, virtudes, ilusões, imperfeições.

Oriunda do Ocidente europeu, desenvolvida no mundo anglo-saxão, a cultura do Norte trouxe a democracia representativa, os direitos humanos, os direitos da mulher, as autonomias individuais. Mas também possui carências profundas concentradas no poder e nos desenvolvimentos materiais; ela tem suas cegueiras, suas ilusões, expressas até uma época recente na ocultação da relação vital entre o ser humano

e o mundo natural ou no mito de um progresso concebido como lei inelutável da história humana.

Do lado dos “suis”, numerosas culturas mantêm a autoridade incondicional dos poderes políticos e religiosos, a dominação do homem sobre a mulher, interditos de todos os tipos. A totalidade da reflexão aqui proposta é a da recusa da redução (de um complexo a um de seus elementos), da disjunção (que separa ideias aparentemente antagônicas e, no entanto, complementares).

Qual poderia ser a contribuição do mediterrâneo para a elaboração de um pensamento como esse? Existe a herança cultural mais antiga que, sem dúvida, é a de uma divindade universal, que o faraó Akenáton quis reconhecer e adorar por meio do sol. O deus universal reapareceu na Bíblia e nos Evangelhos. Ele repele os deuses múltiplos das religiões politeístas. Em minha opinião, um pensamento do Sul conciliaria o sentido da diversidade concreta da natureza expressa pelos deuses dos politeísmos antigos, principalmente o grego e o latino, assim como o sentido da unidade do universo que o Deus único exprime.

A partir de Paulo de Tarso surgiu uma religião dirigida a todos os seres humanos em que “não há mais judeus nem gentios”. Ela contém uma fonte de universalidade concreta que se dirige à multiplicidade humana em suas diferentes etnias e que se reencontrará no Islã e, depois, sob forma laicizada, no humanismo europeu.

Encontramos outra fonte de universalidade na herança cultural helênica: qualquer ser humano é dotado de razão, o que lhe permite exercer sua competência na política da pólis. A deusa Atena não dirige a cidade de Atenas, ela a protege. Quem dirige é a assembleia dos cidadãos. E na democracia, como na filosofia ateniense, o debate desempenha um papel central: é o caminho para a verdade. Além disso, a filosofia se define não somente como uma busca de sabedoria mas, ainda mais, como uma vontade de reflexão acerca de todas as coisas.

Precisamos também assumir a herança universalista do Império Romano expressa no édito de Caracala, que reconheceu os direitos de cidadão romano a qualquer habitante do Império, independentemente de sua origem étnica.

É necessário, igualmente, assumir a mensagem do Renascimento — outra mensagem do Sul — e é essa mensagem que precisamos assumir e retomar expressa no termo “problematizar”. O Renascimento é um movimento do espírito no qual se problematiza o mundo: “O que é o mundo?” Problematiza-se o homem: “O que é o homem?” Problematiza-se a natureza: “O que é a natureza?” Problematiza-se Deus: “De qual Deus falamos? Ele existe?”

Um humanismo nasceu a partir dessa problematização. A palavra “humanismo” tem duas faces. Há uma face que precisamos abandonar. É a do homem dominador, destinado a se tornar senhor e mestre da natureza, segundo a formulação de Descartes. Devemos rejeitar esse humanismo arrogante, porque sabemos, de agora em diante, que qualquer vontade de dominar a natureza degrada, não apenas essa natureza, mas também nossa humanidade, inseparavelmente ligada a ela, que depende dela ainda mais do que ela de nós. A outra face do humanismo é a do valor e da dignidade de todo ser

humano, qualquer que seja ele, venha de onde vier. É esse humanismo que devemos não apenas assumir, mas também propagar nesta era planetária, em que toda a humanidade vive uma comunidade de destino.

Temos que assumir também a herança cultural do Renascimento, porque hoje, de novo, devemos problematizar o mundo. Nosso universo não é mais

**A outra face do humanismo é a do valor e da dignidade de todo ser humano, qualquer que seja ele, venha de onde vier.**

o de Copérnico e o de Galileu, no qual o sol se tornara central. É um universo absolutamente gigantesco, onde não há mais centro, onde a Terra é o minúsculo planeta de um minúsculo sol, astro menor de uma pequena galáxia periférica. Devemos problematizar o real: onde está a "verdadeira" realidade? Nas partículas e nos átomos? Nos objetos de nossa percepção?

Na nossa mente? O que significa a realidade hoje em dia?

Devemos reproblematicar nossa relação com a natureza, que temos considerado como feita de objetos a serem manipulados, domesticados ou destruídos, quando somos inseparavelmente e vitalmente ligados a ela. Devemos reproblematicar nossas crenças e credos, a começar pela nossa crença num progresso irreversível da humanidade.

Precisamos, enfim, problematicar o próprio instrumento da problematicação que é a razão. Devemos começar a entender que a razão não é única, monolítica, simples. Existe uma racionalidade aberta que reconhece os limites de sua capacidade de apreensão e que não se pode senão reconhecer o mistério do universo.

Existe a racionalidade teórica, que elabora sistemas de ideias. Existe a racionalidade crítica, que ataca as crenças infundadas. Existe a racionalidade autocrítica, que examina racionalmente a própria cultura e a própria pessoa. Existe a razão fechada, incapaz de acolher os argumentos e os fatos que a contradizem. Existe a racionalidade quente, estimulada por uma paixão. E existe a racionalidade glacial do cálculo. Existe uma racionalidade degenerada, que é a racionalização, fundada numa lógica implacável e limitada. Existe a racionalidade instrumental, que está a serviço dos delírios e crueldades humanas. Temos, evidentemente, que regenerar o que a virtude da racionalidade contém: a capacidade teórica, a capacidade crítica, a denúncia dos dogmas, a resistência ao anátema e, sobretudo, também a capacidade autocrítica, que ainda é muito subdesenvolvida.

Precisamos misturar essas heranças culturais mediterrâneas com as heranças culturais africanas e sul-americanas. Por mais diferentes que sejam, todas elas comportam modos míticos ou religiosos de integração no cosmo e na natureza, dos quais devemos extrair a verdade profunda e ligá-la à nossa nova consciência ecológica, que reconhece nossa integração na biosfera, algo que o devir da mundialização continua

a degradar, impulsionado pelo Norte. Existe a herança das tradições de solidariedade, que implica integrar e não destruir. Existem múltiplos conhecimentos, saberes sobre o mundo mineral, vegetal e animal que temos que incorporar. Existem artes de viver muito diversas e ricas, inclusive nas pequenas sociedades indígenas da América do Sul e da África.

Deste modo, ao reunir e conjugar todas essas heranças culturais, um pensamento do Sul é capaz de realizar uma nova e grande problematicação.

Começamos por problematicar a mundialização. Iniciado no fim do século xv com a conquista das Américas e a navegação ao redor do globo, esse processo se desenvolveu na e por meio da colonização e da escravidão e, a partir dos anos 1990, se desdobrou sob a forma da globalização. Esse processo prossegue de maneira desenfreada. A ciência, a técnica, a economia, o lucro são os motores desse dinamismo que propulsa a nave espacial Terra. Este dinamismo científico-técnico-econômico produziu novos perigos para toda a humanidade, com a proliferação das armas nucleares, com a degradação da biosfera, com as polícrises planetárias e, também, com os novos conflitos étnico-religiosos que dilaceram nosso planeta e podem provocar a utilização das armas de aniquilamento. Somos testemunhas e vítimas atuais de uma crise econômica decorrente da ausência de regulação de uma economia mundial corrompida pela especulação financeira. Essa crise se inscreve num conjunto de crises. Crise da relação entre os seres humanos e a natureza, como o provam as múltiplas degradações da biosfera. Crise das sociedades tradicionais, que tendem a se desintegrar sob o dinamismo dessa mundialização, que, na verdade, é uma ocidentalização. Crise da própria modernidade, já que não só a modernidade alcançada nos países da Europa ocidental e nos Estados Unidos não cumpriu as promessas de uma vida melhor, de uma vida emancipada, de uma vida harmoniosa, mas, ao contrário disso, criou um novo mal-estar na civilização. Crise da modernidade também, no sentido em que o que justificava seu devir era a ideia transformada em dogma universal no século xx de que o progresso era uma lei implacável da história humana. Acontece que, progressivamente, descobrimos que motores do progresso eram profundamente ambivalentes, como a ciência, a técnica, o desenvolvimento. Descobrimos também que a promessa morreu, que o futuro é incerto, que o amanhã é desconhecido. A autodestruição da

ideia de progresso nos levou a uma crise do futuro. E diante da crise do futuro, da angústia do presente, o que sobra a não ser à volta às raízes, isto é, ao passado? O filósofo tcheco Jan Patočka formulou a visão mais correta acerca desse tema: "O devir é problematizado e ele o será para sempre." Isso quer dizer que a aventura humana é uma aventura desconhecida.

Assim, todas essas crises desembocam na crise do desenvolvimento. É certo que o desenvolvimento trouxe bem-estar, autonomias individuais, emancipações por meio da criação de novas classes médias. Mas o desenvolvimento trouxe também a destruição das solidariedades tradicionais, novas corrupções, crescimento das desigualdades por toda parte do globo, enormes misérias. Presenciamos esse conjunto de fatos na Ásia, na América Latina, na África, em megalópoles com imensos subúrbios ou periferias empobrecidas. Como afirmou com muito acerto o pensador iraniano Majid Rahnema, foi a miséria que trouxe consigo a pobreza. Certamente uma parte da pobreza foi dissipada pela prosperidade das novas classes médias, mas a pobreza que permitia um mínimo de vida digna foi superada em grande parte pela miséria que implica dependência, humilhação.

Vivemos, então, a crise do desenvolvimento, que é, ao mesmo tempo, a crise da ocidentalização e a crise da mundialização. São três faces da mesma crise. A crise da mundialização é, também, a crise da unificação tecnoeconômica do globo. Essa crise ocorreu após o colapso das economias ditas socialistas na União Soviética, na China, no Vietnã, na e pela mundialização do capitalismo e das telecomunicações, que permitem que todos os pontos do planeta estejam em conexão imediata (telefone, fax, internet). Presenciamos uma fantástica unificação do planeta. No entanto, essa unificação coincide com decomposições de todas as modalidades: a União Soviética se desagrega em nações novas e, por vezes, antagônicas, como o Azerbaijão e a Armênia e, recentemente, a Geórgia e a própria Rússia; logo depois de 1990, a ofensiva dos nacionalismos croata e sérvio desagrega uma nação aparentemente integrada como a Iugoslávia e produz uma guerra atroz contra a qual a Europa se mostrou impotente. Depois a Tchecoslováquia se dividiu em duas regiões e, a partir de 1989, constitui a chamada República Eslovaca. Um pouco por toda parte, forças centrífugas estão em ação no seio das nações e das etnias que reivindicam sua transformação em nações.

Essa coincidência pode ser compreendida porque a unificação tecnoeconômica produziu a desarticulação sociocultural: essa unificação traz consigo uma homogeneização civilizacional que, em inúmeros casos, ameaça as originalidades e as singularidades culturais, étnicas, nacionais. Daí decorre uma reação de retorno à nação, à etnia e, até mesmo, à religião. Cada vez mais, o processo de unificação provoca ainda mais desagregação, do mesmo modo que a incerteza histórica trouxe simultaneamente a perda da fé no progresso, a perda da esperança num mundo novo, a angústia do presente, o que contribuiu para o fechamento das nações e das mentes, para o retorno ao passado religioso, étnico e/ou nacional.

Assistimos ao desencadeamento combinado de duas pragas para a humanidade. A primeira praga é a unificação abstrata e homogeneizante que destrói as diversidades. A segunda é o fechamento das singularidades em si mesmas que, desse modo, se tornam abstratas, porque se isolam do resto da humanidade. Vivenciamos o processo de duas abstrações de natureza diferente.

É preciso entender aqui o vínculo entre a unidade e a diversidade humana. É evidente que existe uma unidade anatômica, genética, fisiológica, cerebral, afetiva de todos os seres humanos, mas essa unidade se expressa de uma maneira extremamente diferenciada. Não há dois indivíduos que se asseme-



lhem: mesmo gêmeos homozigotos se diferenciam um do outro. Acontece o mesmo com a cultura (isto é, tudo o que é aprendido: saberes, fazeres, crenças, mitos etc.), marca universal na humanidade que só existe por intermédio das culturas singulares — a música só existe por meio das músicas etc. — o que faz com que o tesouro da unidade humana seja a diversidade e o da diversidade humana, a unidade. Leibniz afirmava: “O uno conserva e salva o múltiplo.” Essa recomendação fundamental poderia nos indicar um caminho para sair do antagonismo entre a diversidade fechada em si mesma e a unidade abstrata, um caminho que um pensamento do Sul deveria conceber.

Estamos confrontados com a crise da humanidade que não consegue atingir a humanidade. Estamos confrontados com um planeta que ao mesmo tempo em que dá continuidade ao dinamismo triunfante da técnica, da ciência e da economia, coloca-se em situação perigosa. Com uma grande lucidez, Heidegger afirmava que apesar de acreditarmos estar numa nova era do Iluminismo, entramos na noite e na escuridão.

O que é hegemônico no Norte produz agora a cegueira a respeito da globalização e da crise da humanidade. É a cegueira do pensamento fundado essencialmente no cálculo, cego para a existência, a alegria, o sofrimento, a infelicidade, a consciência, cego para o lado humano da humanidade.

A visão produtivista/quantitativista do Norte ignora as qualidades e, portanto, a qualidade de vida. Por isso, uma das mensagens do Sul deveria ser: “Antes melhor do que mais” e por vezes até mesmo “menos, porém melhor!” Claramente, quando se trata dos despossuídos, o mais deve caminhar com o melhor. Mas quando se observa o processo mundial de produção e consumo de objetos, uns com qualidades ilusórias, que se tornam rapidamente outros, ficando obsoletos, a maioria deles descartáveis e não reparáveis; modas superficiais, desperdícios de energias, tempos, bens, devemos nos conscientizar de que nossa civilização suscita e sofre de inúmeras intoxicações consumistas.

O pensamento dominante do Norte é fundamentado na redução do complexo ao simples e na disjunção, ou seja, na separação do que, na verdade, é inseparável. O espírito de redução permitiu isolar a célula, a molécula, o átomo, a partícula. O espírito de disjunção possibilitou os desenvolvimentos das disciplinas produtoras dos conhecimentos que nos levaram a rever inteiramente

nossa visão do mundo e da vida. A especialização das disciplinas fechadas, estranhas umas às outras, desemboca, porém, no primado de um pensamento que se torna míope, que isola os objetos de seus contextos e de seus laços naturais. Esse pensamento é cego ao que é global e fundamental, porque os conhecimentos separados não permitem apreender a complexidade dos fenômenos globais e o caráter fundamental de nossos problemas vitais.

O pensamento fundado na noção de homo *economicus*, determinado unicamente pelo interesse pessoal, é cego a tudo o que escapa desse interesse: o amor, a dádiva, a comunhão, a brincadeira. Podemos mesmo dizer que as conquistas do Norte, tão importantes no plano do individualismo, ao permitirem a autonomia da vida, produziram, ao mesmo tempo, desenvolvimentos egoístas e egocêntricos ligados à degradação das solidariedades tradicionais e do sentimento de responsabilidade em relação ao todo do qual somos partes.

Nos tempos atuais existem dois princípios na ética que são vitais para os indivíduos e para as sociedades humanas: a solidariedade e a responsabilidade.

Na visão hegemônica do Norte, a *expertise* de um especialista competente numa área substitui o pensamento que religa áreas diferentes. A *expertise* é parcelar, o pensamento religa. Quem é que triunfa diante da perda do que é fundamental e do que é global? O que triunfa são as ideias parcelares. Ao mesmo tempo, o que triunfa são ideias globais ocas, que ignoram principalmente os laços entre unidade e diversidade. O que domina é a causalidade mecânica, a causalidade determinista que é a das máquinas artificiais que produzimos nos grandes complexos industriais. Aplicamos cada vez mais essa causalidade determinista cronometrada, linear, aos indivíduos e às sociedades.

No entanto, é preciso considerar que nem o indivíduo humano nem a sociedade humana são máquinas triviais. Uma máquina trivial é uma máquina totalmente determinista, cujos *outputs* são conhecidos quando os *inputs* são também conhecidos; se conhecemos as informações e os programas que a integram, conhecemos os comportamentos e os resultados dela decorrentes. Ocorre que tudo o que aconteceu à humanidade decorre do fato de que não somos máquinas triviais. Podemos também considerar que os grandes profetas — Jesus, Maomé —, que os grandes filósofos, os grandes cientistas, os

grandes músicos — Mozart, Beethoven —, os grandes estadistas não eram máquinas triviais, já que levaram em consideração o inesperado e o criador. Cada um de nós também, mesmo subjugados a lógicas triviais, escapa, porém, da trivialidade por intermédio de nossas aspirações, nossos sonhos, nas nossas súbitas manifestações amorosas, estéticas, transgressoras.

Cronometrada e hiperespecializada, a lógica da eficácia, da previsibilidade, da “calculabilidade” cronometrada e hiperespecializada se espalhou em inúmeros setores de nossa vida. A começar pelas administrações públicas, nas quais a burocracia gangrena a atividade gestonária. Ela assume os comandos do mundo urbano e até mesmo do mundo rural, com a industrialização da agricultura e da criação de gado. Invade também a educação, para voltá-la à formação de profissionais eficientes e rentáveis. Invade a vida cotidiana. Invade o consumo, as regras, os lazeres, os serviços. Há o que Ritzler chama de “a macdonaldização da sociedade”. Em outras palavras, uma forma fechada de racionalização está se espalhando por todo o planeta e essa racionalização produz uma irracionalidade total.

Fala-se do pensamento único na política. Mas o pensamento único na política não é senão um dos ramos de um pensamento, ao mesmo tempo redutor e disjuntivo, que reina em todas as áreas e comanda, igualmente, os opositores do pensamento único, que fazem denúncias justas, mas são incapazes de traçar qualquer argumento que possa nos conduzir a um caminho novo.

A lógica do Norte, enfim, é cega às realidades do Sul, consideradas por ela como atraso, arcaísmo, preguiça. O pensamento do Norte é feito para tratar os problemas de organização técnicos, práticos e quantificáveis, ou seja, a prosa da vida. Acontece que a vida humana não comporta apenas a prosa. A prosa é o que fazemos por obrigação, por imposição, para ganhar nossa vida. E ganhamos nossa vida, muitas vezes perdendo-a. A prosa nos faz sobreviver. Viver significa, entretanto, viver poeticamente, isto é, no amor, na comunhão, na realização de si, na alegria e, no limite, no êxtase. Retomo aqui a expressão de Hölderlin: “Poeticamente o homem habita a Terra.” Na realidade, habitamos a Terra prosaica e poeticamente. A prosa tende, porém, a invadir nossa vida. Será que o pensamento do Sul teria como missão lembrar unicamente o caráter essencial da poesia do viver? Ainda mais pelo fato de que no Sul existem as artes de viver, arte de viver em praça pública, arte de viver de maneira extrovertida, arte de viver na comunicação, arte de viver que comporta a hospitalidade, arte de viver que preserva as qualidades poéticas da vida.

Não digo isso para rejeitar em bloco a lógica do Norte. Penso que precisamos aclimatar o que vem do Norte. É necessário que nos beneficiemos das contribuições do Norte. É preciso fazer isso principalmente no que concerne aos direitos da mulher, frequentemente muito subestimados no Sul, à emancipação dos adolescentes e da juventude, que é uma contribuição positiva às ideias de autonomia individual, desde que combinadas ao sentimento das solidariedades que frequentemente existe no Sul. Creio que é preciso integrar as contribuições benéficas do Norte, recusar seus aspectos perversos e nocivos e, sobretudo, recusar sua hegemonia. Em consequência disso, é necessário ser capaz de mostrar um caminho.

De fato, o pensamento do Sul deveria estar apto para enfrentar as complexidades de nossa vida, a complexidade das realidades humanas e da “insustentável complexidade do mundo”. O pensamento do Sul só pode ser complexo, e isso pelo fato de que, de acordo com o sentido original da palavra *complexus* em latim, “o que é tecido em conjunto”, o pensamento complexo é aquele que religa o que foi artificialmente separado. A missão desse pensamento se fixa no adágio latino *sparsa colligo*, que quer dizer “religo o que está disperso”.

Nesse sentido, o pensamento do Sul seria um pensamento que religa e, por isso mesmo, estaria apto a ressuscitar os problemas globais e fundamentais. Trata-se de um pensamento que reconheceria, defenderia e promoveria as qualidades e a poesia da vida, ainda mais porque o Sul ainda permanece depositário dessa poesia que, frequentemente, é considerada pelo Norte como atraso, ou como algo reservado simplesmente aos períodos de férias, um folclore que se pode desfrutar gozando do sol e do mar.

Aliás, vocês sabiam que vieram do Norte — até mesmo antes da era industrial — as grandes nostalgias pelo Sul? Goethe afirmava isso por intermédio das palavras de Mignon: “Você conhece o país onde floresce o limoeiro?” Maravilhado e deslumbrado, Hölderlin refere-se à grécia de Patmos. Durrell se delicia com Alexandria. O Norte também precisa do Sul. O que ele vai buscar nas férias significa algo mais profundo do que uma necessidade superficial de relaxamento. Fique bem entendido que a visão quantitativa ignora o problema essencial: a qualidade da vida. Reanimado pelo pensamento do Sul, pode-se, porém, retornar às ocupações, ao *business*, à técnica, ao poder.

O pensamento do Sul é solicitado a reproblematicizar a sabedoria. Vocês sabem que uma das grandes heranças culturais da Antiguidade grega e romana é a busca da sabedoria. Ocorre que a ideia de sabedoria identificada a uma vida dotada de razão, uma vida regrada oposta a uma vida feita de paixão, não é satisfatória, na medida em que sabemos, principalmente a partir dos trabalhos de Antonio Damasio e Jean-Didier Vincent, que a razão pura não existe. Mesmo o matemático voltado para o cálculo demasiadamente racional tem paixão pela matemática. Não existe razão sem paixão. Em contrapartida, a paixão sem essa lanterna que é a razão se perverte em delírio. A nova sabedoria precisa, então, procurar a “dialógica”, diálogo permanente, complementaridade no antagonismo, entre a razão e a paixão. Não há paixão sem razão, não há razão sem paixão. Não se trata de uma sabedoria que pode ser programada, mas sim uma espécie de momento que deve se regenerar incessantemente para nos guiar na vida. Essa nova sabedoria reconhece, portanto, as virtudes da poesia, isto é, as virtudes do amor e do sentido de comunidade.

A missão do pensamento do Sul seria, então, restaurar o concreto, a existência, o que existe de afetivo na nossa vida. Restaurar o singular, não

dissolvê-lo num universal abstrato, mas integrá-lo no universal concreto que liga a unidade à diversidade. Restaurar o contexto e o global. É um pensamento que deveria empenhar-se em restaurar as solidariedades concretas e não apenas as solidariedades que se degradaram nas nossas civilizações ocidentalizadas ou nortificadas, mas também a nova solidariedade planetária, cuja necessidade é vital para nós. Queremos uma mundialização de solidariedade e de compreensão, uma religião da fraternidade humana no sentido cunhado por mim de Terra-pátria.

O pensamento do Sul deveria restaurar valores que nele permanecem fortes, como o sentimento da honra e da hospitalidade. Deveria promover a regeneração ética a fim de poder regenerar as solidariedades e as responsabilidades, ao mesmo tempo em que defenderia a autonomia moral e intelectual. Dupla e una, essa autonomia comporta a busca da verdade e a abertura estética que nos fazem estar plenamente conscientes das imensas emoções propiciadas pelas artes, pela literatura, pelo espetáculo da natureza.

Saibamos que quando essa autonomia individual se degrada, um niilismo e um estetismo frívolo se instalam em nós. Seu caráter intolerável aposta num retorno às crenças absolutas e estreitas que acreditávamos ultrapassadas e em um retorno dos fanatismos e das intolerâncias. Saibamos, finalmente, que para dominar as angústias de todo tipo, impostas pela crise da humanidade, as únicas respostas às angústias, inclusive às angústias de morte, estão na comunidade, no amor, na doação de si. São esses os problemas da humanidade neste terceiro milênio. São esses os caminhos salutares. Já que o Norte não pode fazê-lo, cabe ao Sul assumir a condição humana.

A nave espacial Terra está na noite e na neblina. Ela segue provavelmente rumo às catástrofes, rumo ao abismo...

---

**A missão do pensamento do Sul seria, então, restaurar o concreto, a existência, o que existe de afetivo na nossa vida. Restaurar o singular, não dissolvê-lo num universal abstrato, mas integrá-lo no universal concreto.**

Muito felizmente, porém, na história humana o improvável às vezes aconteceu, e ainda bem que tenha sido assim. E talvez um dos improváveis mais admiráveis da história se encontre no Sul, no sul da Europa, na Grécia, cinco séculos antes da nossa era. Depois disso, um gigantesco império, o império persa, que já havia absorvido todas as cidades gregas da Ásia Menor, para realizar uma última absorção, lançou-se à conquista da pequena cidade de Atenas. Apesar de todas as probabilidades em contrário, o pequeno exército ateniense, com a ajuda dos espartanos, consegue resistir em Maratona e repelir o enorme exército dos persas. O império persa atacou Atenas uma segunda vez e, dessa vez, conquista, incendeia e saqueia toda a cidade: tudo parece perdido. Mas a frota grega preparou uma armadilha no golfo de Salamina para a enorme frota persa, que viu seus navios destruídos, um após outro, ao passar pelo estreito. Depois de Salamina, Atenas não sofreu mais o perigo persa e algumas décadas mais tarde nasciam a democracia e a filosofia. Esse triunfo do improvável deu, portanto, lugar à nossa cultura.

Podemos hoje restaurar uma esperança no improvável. Essa esperança não tem nenhuma certeza científica, porque a dita certeza científica do progresso foi atualmente abolida. Trata-se de uma esperança que não obedece a nenhuma promessa histórica, depois do colapso de todas as promessas de um futuro melhor, entre eles o radiante futuro soviético. Estamos falando de uma esperança que não é uma esperança qualquer, mas a esperança. Podemos fundá-la? Em primeiro lugar, podemos fundá-la na ideia da crise, porque o que é característico de uma crise, é que ela contém perigos enormes de regressão e destruição, mas também encerra chances de imaginação criativa, de diagnóstico pertinente, de elaboração de um caminho para a saída. Por que haveria um despertar criativo? Porque em todas as sociedades, como em todos os seres humanos, existem capacidades criativas adormecidas. Para explicitar meu argumento, uso o exemplo das células-tronco que dormem no adulto, em nossa coluna vertebral, em nosso cérebro. Como são polivalentes, são portadoras de capacidades regenerativas inéditas que permitem fabricar o fígado, o baço, o cérebro, a pele. Mais cedo ou mais tarde, a biologia e a medicina vão despertá-las...

Tomo o exemplo das células-tronco como metáfora para dizer que capacidades geradoras dormem nas sociedades e despertam em épocas

de crise. Além do mais, em toda sociedade rígida, normalizada, em que as mentes são quase todas domesticadas, elas existem e podem despertar nos indivíduos desviantes: poetas, escritores, músicos, descobridores, *bricoleurs*.<sup>1</sup> Essas capacidades criativas podem, então, despertar com a crise e com o perigo.

Existe, igualmente, a aspiração à harmonia, que permeia toda a história da humanidade. Submetidos, porém, à organização social, às compartimentalizações, às hierarquias, salvamos cantinhos, pedacinhos de harmonia na nossa vida cotidiana na medida do possível: em festas, em refeições compartilhadas com amigos, em jogos de futebol, nos nossos amores. A aspiração à harmonia foi expressa nos paraísos cristão e muçulmano. Foi expressa nas ideias libertárias socialistas, comunistas, mas o destino histórico decepcionou ou enganou até hoje essa aspiração. Ela se manifestou nas revoltas juvenis de maio de 1968, e voltará a se manifestar de qualquer modo. Em minha opinião, essa aspiração ainda vai suscitar outras regenerações.

Quando um sistema não é capaz de tratar seus problemas vitais e fundamentais, ele se desintegra, ou então é capaz de se metamorfosear, ou seja, de engendrar um metassistema mais rico que possa tratar esses problemas. O sistema Terra não consegue hoje tratar seus problemas vitais: o retorno da fome; a morte da humanidade representada pela utilização das armas nucleares; a degradação da natureza; a violência da economia. Nosso sistema está, portanto, condenado à morte ou à metamorfose. Claro, a metamorfose não se decreta. A metamorfose não se programa. Não se pode, talvez, até mesmo prever a forma que essa nova sociedade assumiria na escala do mundo, algo que certamente não negaria as pátrias, mas criaria uma verdadeira Terra-pátria. Então busquemos, busquemos os caminhos, caminhos improváveis, é verdade, mas possíveis, que permitirão caminhar na direção da metamorfose. Seria essa a missão grandiosa e universal do pensamento do Sul.

<sup>1</sup> Termo utilizado para definir criadores que não têm um projeto definido para a produção de objetos em geral, fazendo uso de resíduos culturais acabados. (N.T.)

# Para un pensamiento del Sur

Morin, Edgar

*Qué es el Sur? Antes que nada, se trata de una noción falsamente clara. Si es evidente que el Sur se define en relación al Norte, un Sur — como el Magreb con relación a Europa — es un Norte para África. En Europa, Italia es un país del Sur europeo que tiene como límite Norte Milán, en la Lombardía. Francia, país norteño, tiene su Sur: Provenza o Languedoc. Metròpoli sureña, Sao Paulo está bastante impregnada de Norte. La noción de Sur es relativa. Debemos, por lo tanto, evitar clasificar como cosa o sustancia el término «Sur». El Norte tampoco puede ser concebido como una entidad geográfica. Es muy heterogéneo, y no hablamos obviamente de Rusia, la más cercana culturalmente del Sur europeo que del Norte anglosajón, ni hablamos de Siberia. El Norte tampoco puede ser comprendido como un tipo ideal, como lo concibe Max Weber. No es, asimismo, una noción reductora que olvidaría todas las cualidades propias del Norte. En verdad, lo que hoy denominamos Norte hace algunas décadas se conocía como Occidente, cuando lo oponíamos a Oriente. Se convirtió en Norte, opuesto a Sur, cuando el término «Tercer Mundo» dejó de ser usual. Para el Sur, existe de hecho una hegemonía del Norte, la hegemonía de la técnica, de la economía, del cálculo, de la racionalización, de la rentabilidad y de la eficiencia. No se deben rechazar dichas nociones, pese que un Pensamiento del Sur deba expresarse de una manera consciente y crítica respecto a ello por el hecho de que dicha hegemonía insufla intensamente su dinamismo en el planeta como un todo, y aún más porque actualmente el Norte se está devorando — o tratando de devorar — el Sur.*

*Es evidente que existen varios «sures», muy diferentes entre sí, pero que se someten a la concepción única que viene del Norte: del retraso, del subdesarrollo, de lo imperativo del desarrollo y de la modernización. Esta visión impide observar que en los diferentes «sures» existen cualidades, virtudes, artes de vivir, modos de conocimiento que deberían no simplemente salvaguardarse, sino propagarse a través de los «nortes». Para llegar a la plena conciencia de las cualidades y virtudes del Sur, sería necesario un pensamiento*

*del Sur. Dicho pensamiento aún debe ser elaborado a partir de las experiencias de los diferentes «sures».*

*Se hace necesaria una aclaración preliminar. He afirmado que Norte y Sur representaban nociones relativas. Debo agregar que no es necesario idealizar o desvalorizar una u otra. Cualquier cultura o civilización (y aquí poco importa la distinción entre ambas) tiene cualidades, virtudes, ilusiones e imperfecciones.*

*La cultura del Norte, la cual nació en el Occidente europeo y se desarrolló en el mundo anglosajón, aportó la democracia representativa, los derechos humanos, los derechos de las mujeres, las autonomías individuales. Sin embargo, también posee profundas carencias concentradas en el poder y en los desarrollos materiales; tiene sus cegueras, sus ilusiones, las cuales estaban expuestas hace poco tiempo en la ocultación de la relación vital entre el ser humano y el mundo natural o en el mito de un progreso que se concibió como ley ineluctable de la historia humana.*

*Por el lado de los «sures», numerosas culturas mantienen la autoridad incondicional de los poderes políticos y religiosos, la dominación del hombre sobre la mujer, entredichos de todos tipos. La totalidad de la reflexión que aquí se propone es la del rechazo a la reducción (de un complejo a uno de sus elementos), a la disyunción (que separa ideas aparentemente antagónicas y, sin embargo, complementarias).*

*¿Cuál podría ser el aporte del mediterráneo en la elaboración de dicho pensamiento? Existe la herencia cultural más antigua que, sin lugar a dudas, es la de una divinidad universal, que el faraón Akenatón quiso reconocer y adorar por medio del Sol. El dios universal reapareció en la Biblia y en los Evangelios, repeliendo los dioses múltiples de las religiones politeístas. En mi opinión, un pensamiento del Sur conciliaría el sentido de la diversidad concreta de la naturaleza expresada por los dioses de los politeísmos antiguos, principalmente el griego y el latino, así como el sentido de la unidad del universo que el Único Dios manifiesta.*

A partir de Pablo de Tarso surgió una religión direccionada a todos los seres humanos, en la que «ya no hay judíos ni gentiles». Esa religión contiene una fuente de universalidad concreta que se dirige a la multiplicidad humana en sus diferentes etnias y que se reencontrará en el Islam y, enseguida, bajo forma laicizada, en el humanismo europeo.

Encontramos otra fuente de universalidad en la herencia cultural helénica: cualquier ser humano posee la razón, lo que le permite ejercer su competencia en la política de la Polis. La diosa Atenea no dirige la ciudad de Atenas, sólo la protege. La Asamblea de ciudadanos es la que dirige. Y en la democracia, tal como en la filosofía ateniense, el debate desempeña un rol central: es el camino hacia la verdad. Además, la filosofía se define no solamente como una búsqueda de sabiduría, sino, aún más, como una voluntad de reflexión acerca de todas las cosas.

Es necesario también que asumamos la herencia universalista del Imperio Romano, expresada en el Edicto de Caracalla, la cual reconoció los derechos de ciudadano romano a cualquier habitante del Imperio, independientemente de su origen étnico.

Asimismo, debemos asumir el mensaje del Renacimiento — otro mensaje del Sur — y ese es el mensaje que necesitamos asumir y retomar expresado en el término «problematizar». El Renacimiento es un movimiento del espíritu en el cual se problematiza el mundo: «¿Qué es el mundo?» Se problematiza al hombre: «¿Qué es el hombre?» Se problematiza la naturaleza: «¿Qué es la naturaleza?» Se problematiza a Dios: «¿De qué Dios hablamos? ¿Él existe?»

Un humanismo nació a raíz de esa problematización. La palabra «humanismo» tiene dos caras. Una de sus caras es la que necesitamos abandonar, la cara del hombre dominador, destinado a convertirse en señor y maestro de la naturaleza, según lo formula Descartes. Debemos rechazar ese humanismo arrogante porque sabemos, de ahora en adelante, que cualquier deseo de dominar la naturaleza degrada, no solamente esa misma naturaleza, sino también nuestra humanidad, inseparablemente ligada a ella, la cual depende de ella aún más que ella de nosotros. La otra cara del humanismo es la del valor y de

la dignidad de todos los seres humanos, independientemente de quiénes sean o de dónde vengan. Es ese humanismo que debemos no sólo asumir, sino también difundir en esta era planetaria en la que toda la humanidad vive una comunidad de destino.

Debemos asumir aun la herencia cultural del Renacimiento, porque hoy, nuevamente, debemos problematizar el mundo. Nuestro universo ya no es el de Copérnico y el de Galileo, en el que el sol era el tema central. Es un universo absolutamente gigante que no posee un centro, en el que la Tierra es el minúsculo planeta de un minúsculo sol, astro menor de una pequeña galaxia periférica. Debemos problematizar lo real: ¿Dónde está la «verdadera» realidad? ¿En las partículas y en los átomos? ¿En los objetos que podemos percibir?

¿En nuestra mente? ¿Qué significa la realidad actualmente?

Debemos re-problematizar nuestra relación con la naturaleza, a la que hemos considerado como hecha de objetos a ser manipulados, domesticados o destruidos, cuando somos inseparable y vitalmente ligados a ella. Debemos re-problematizar nuestras creencias y credos, empezando por nuestra creencia en un progreso irreversible de la humanidad.

Debemos, finalmente, problematizar al instrumento mismo de la problematización, es decir, la razón. Debemos empezar a entender que la razón no es única, monolítica, simple. Existe una racionalidad abierta que reconoce los límites de su capacidad de aprehensión y que no se puede sino reconocer el misterio del universo.

Existen la racionalidad teórica, que elabora sistemas de ideas; la racionalidad crítica, que ataca las creencias infundadas; la racionalidad autocrítica, que examina racionalmente su misma cultura y su mismo ser; la razón cerrada, incapaz de acoger argumentos y hechos que la contradicen; la racionalidad caliente, estimulada por una pasión. Y existe la racionalidad glacial del cálculo. Existe una racionalidad degenerada, que es la racionalización fundada sobre lógica implacable y limitada; la racionalidad instrumental, que está a servicio de los delirios y perversidades humanas. Es evidente que debemos regenerar lo que contiene la virtud de la racionalidad: la capacidad teórica, la capacidad crítica, la denuncia de los dogmas, la resistencia al anatema y, sobre todo, la capacidad autocrítica, la cual aún es muy subdesarrollada.

Necesitamos mezclar esas herencias culturales mediterráneas con las herencias culturales africanas y sudamericanas. Por más distintas que

**La otra cara del humanismo es la del valor y de la dignidad de todos los seres humanos, independientemente de quiénes sean o de dónde vengan.**

*puedan ser, todas contienen modos míticos o religiosos de integración en el cosmos y en la naturaleza, de los cuales debemos extraer la verdad profunda y conectarla a nuestra nueva conciencia ecológica, que reconoce nuestra integración en la biosfera, algo que el desarrollo de la globalización sigue degradando, impulsado por el Norte. Existe la herencia de las tradiciones de solidaridad, que implica integrar y no destruir. Existen múltiples conocimientos, saberes sobre el mundo mineral, vegetal y animal que debemos incorporar. Existen artes de vivir muy distintas y ricas, incluso en las pequeñas sociedades indígenas de Sudamérica y de África.*

*De esta manera, al reunir y conjugar todas esas herencias culturales, un pensamiento del Sur es capaz de realizar una nueva y gran problematización.*

*Empecemos problematizando la mundialización. Ese proceso surgió a fines del siglo XV con la conquista de las Américas y la navegación alrededor del globo, se desarrolló en y por medio de la colonización y de la esclavitud y, a partir de los años 1990, se desplegó bajo la forma de la globalización. Este proceso prosigue desenfrenadamente. La ciencia, la técnica, la economía y la ganancia son los motores de ese dinamismo que propulsa la nave espacial Tierra. Este dinamismo científico-técnico-económico ha producido nuevos peligros para la humanidad, con la proliferación de las armas nucleares, la degradación de la biosfera, las polícrisis planetarias y también con los nuevos conflictos étnico-religiosos que desgarran nuestro planeta y pueden provocar la utilización de armas de aniquilación. Somos testigos y víctimas actuales de una crisis económica gracias a la ausencia de regulación de una economía mundial que la especulación financiera corrompe. Esa crisis se sienta en un conjunto de crisis. Crisis de la relación entre los seres humanos y la naturaleza, como lo comprueban las múltiples degradaciones de la biosfera. Crisis de las sociedades tradicionales, que tienden a desintegrarse bajo el dinamismo de esa mundialización que, en verdad, es una occidentalización. Crisis de la modernidad misma, ya que no sólo la modernidad que han alcanzado los países de Europa Occidental y Estados Unidos dejó de cumplir las promesas de una vida mejor, de una vida emancipada y armoniosa, sino que, al contrario, hizo surgir un nuevo malestar en la civilización. Crisis de la modernidad, también, pues lo que justificaba su suceder era la idea transformada en dogma universal en el siglo XX, de que el progreso era una ley implacable de la historia humana. Sucede que, progresivamente, hemos descubierto que motores del progreso eran profundamente*

*ambivalentes, como la ciencia, la técnica, el desarrollo. Hemos descubierto también que la promesa murió, que el futuro es incierto, que el porvenir es desconocido. La autodestrucción de la idea de progreso nos ha llevado a una crisis del futuro y ante esa crisis del futuro, de la angustia del presente, ¿qué es lo que sobra sino el regreso a las raíces, es decir, al pasado? El filósofo checo Jan Patocka formuló la visión más correcta acerca de este tema: «El devenir es problematizado y siempre lo será». Eso significa que la aventura humana es una aventura desconocida.*

*De esta forma, todas esas crisis conllevan a la crisis del desarrollo. Es cierto que el desarrollo trajo bienestar, autonomías individuales, emancipaciones por medio de la creación de nuevas clases medias. Pero el desarrollo trajo, también, la destrucción de las solidaridades tradicionales, nuevas corrupciones, crecimiento de las desigualdades por todo el globo, enormes miserias. Presenciamos este conjunto de hechos en Asia, Latinoamérica, África, en las megalópolis con inmensos suburbios o periferias empobrecidas. Como lo dijo acertadamente el pensador iraní Majid Rahnema, la miseria fue la que trajo consigo la pobreza. Ciertamente una parte de la pobreza se disipó por la prosperidad de las nuevas clases medias, pero la pobreza que permitía un mínimo de vida digna fue superada en gran parte por la miseria, que implica dependencia, humillación.*

*Vivimos, entonces, la crisis del desarrollo que es, al mismo tiempo, la crisis de la occidentalización y la crisis de la mundialización. Son tres caras de la misma crisis. La crisis de la mundialización es, también, la crisis de la unificación tecnoc-económica del globo. Esa crisis sucedió tras el colapso de las economías denominadas socialistas en la Unión Soviética, China, Vietnam, en y por la mundialización del capitalismo y de las telecomunicaciones, que permiten que todos los puntos del planeta estén conectados de manera inmediata (teléfono, fax, internet). Presenciamos una impresionante unificación del planeta. Sin embargo, esa unificación coincide con descomposiciones de todos tipos: la Unión Soviética se disgrega en naciones nuevas y, muchas veces, antagónicas, como Azerbaiyán y Armenia y, recientemente, Georgia y la misma Rusia; justo después de 1990, la ofensiva de los nacionalismos croata y serbio disgrega a una nación aparentemente integrada como Yugoslavia y provoca una guerra atroz, contra la que Europa se mostró impotente. Enseguida, Checoslovaquia se dividió en dos regiones y, a partir de 1989, constituye la llamada República Eslovaca. Por todas partes, fuerzas centrífugas están en acción en el seno de*

*las naciones y de las etnias que reivindican su transformación en naciones.*

*Es posible comprender esa coincidencia, ya que la unificación tecnoeconómica produjo la desarticulación sociocultural: esa unificación trajo consigo una homogeneización civilizacional que, en incontables casos, amenaza las originalidades y singularidades culturales, étnicas y nacionales. De eso resulta una reacción de regreso a la nación, a la etnia e, incluso, a la religión. Cada vez más, el proceso de unificación provoca aún más disgregación, del mismo modo que la incertidumbre histórica trajo simultáneamente la pérdida de la fe en el progreso, la pérdida de la esperanza en un mundo nuevo, la angustia del presente, lo que aportó al cierre de las naciones y de las mentes, para el regreso al pasado religioso, étnico y/o nacional.*

*Observamos el surgimiento combinado de dos plagas para la humanidad. La primera plaga es la unificación abstracta y homogeneizadora que destruye las diversidades. La segunda, el cierre de las singularidades en sí mismas que, de ese modo, se vuelven abstractas, porque se aíslan del resto de la humanidad. Vivenciamos el proceso de dos abstracciones de diferente naturaleza.*

*En este punto, es necesario entender el vínculo entre la unidad y la diversidad humanas. Es evidente que existe una unidad anatómica, genética, fisiológica, cerebral, afectiva de todos los seres humanos, pero esa unidad se expresa de una manera extremadamente diferenciada. No hay dos individuos idénticos: incluso los gemelos homocigotos se diferencian el uno del otro. Lo mismo ocurre con la cultura (es decir, todo lo que se aprende: saberes, quehaceres, creencias, mitos etc.), marca universal en la humanidad que solo existe por fuerza de las culturas singulares — la música solo existe por medio de las músicas etc. — lo que hace que el tesoro de la unidad humana sea la diversidad y el de la diversidad humana la unidad. Leibniz decía: «El uno conserva y salva el múltiplo». Esta orientación fundamental podría señalarnos un camino para salir del antagonismo entre la diversidad cerrada en sí misma y la unidad abstracta, un camino que un pensamiento del Sur debería concebir.*

*Estamos confrontados con la crisis de la humanidad que no puede alcanzar a la humanidad. Estamos confrontados con un planeta que, al mismo tiempo en que prosigue al dinamismo triunfante de la técnica, de la ciencia y de la economía, se pone en una situación peligrosa. Con gran lucidez, Heidegger afirmaba que aunque creamos estar en una nueva era de la Ilustración, entramos en la noche y en la oscuridad.*

*Lo que es hegemónico en el Norte produce ahora una ceguera al respecto de la globalización y de la crisis de la humanidad. Es la ceguera del pensamiento fundado esencialmente en el cálculo, ciego para la existencia, la alegría, el sufrimiento, la infelicidad, la consciencia, es decir, ciego para el lado humano de la humanidad.*

*La visión productivista/cuantitativa del Norte ignora las cualidades y, por lo tanto, la calidad de vida. Por ello, uno de los mensajes del Sur debería ser: «Antes, mejor que más» y muchas veces incluso «¡menos, pero mejor!» Claramente, cuando se trata de los desposeídos, lo más debe caminar junto con lo mejor. Pero cuando se observa el proceso mundial de producción y consumo de objetos, unos con cualidades ilusorias, que se convierten rápidamente en otros y se vuelven obsoletos, la mayoría de esos desechables y no reparables; modas superficiales, desperdicios de energías, tiempos, bienes, debemos concientizarnos de que nuestra civilización produce y sufre incontables intoxicaciones consumistas.*

*El pensamiento dominante del Norte está basado en la reducción de lo complejo a lo sencillo y en la disyunción, es decir, en la separación de lo que, en verdad, es inseparable. El espíritu de reducción ha permitido aislar la célula, la molécula, el átomo, la partícula. El espíritu de disyunción ha posibilitado los desarrollos de las disciplinas productoras de los conocimientos que nos han llevado a replantear enteramente nuestra visión del mundo y de la vida. La especialización de las disciplinas cerradas, extrañas las unas a las otras, conlleva, sin embargo, al predominio de un pensamiento que se vuelve miope, que aísla los objetos de sus contextos y de sus lazos naturales. Ese pensamiento es ciego a lo que es global y fundamental, ya que los conocimientos separados no permiten aprehender la complejidad de los fenómenos globales y el carácter fundamental de nuestros problemas vitales.*

*El pensamiento fundado en la noción de homo economicus, determinado únicamente por el interés personal, es ciego a todo lo que escapa a ese interés: el amor, la dádiva, la comunión, el juego. Podemos incluso decir que las conquistas del Norte, tan importantes en el plano del individualismo, al permitir la autonomía de la vida, han ocasionado, al mismo tiempo, procesos egoístas y egocéntricos ligados a la degradación de las solidaridades tradicionales y del sentimiento de responsabilidad con relación al todo del cual formamos parte.*

*En los tiempos de hoy, existen dos principios en la ética que son vitales a los individuos y sociedades humanas: la solidaridad y la responsabilidad.*



Según la visión hegemónica del Norte, la expertise de un especialista competente en un área sustituye el pensamiento que reconecta áreas diferentes. La expertise es parcelaria, el pensamiento lo reconecta. ¿Quién triunfa ante la pérdida de lo que es fundamental y de lo que es global? Lo que triunfa son las ideas parcelarias, a la vez que son igualmente triunfantes las ideas globales huecas, que ignoran principalmente los lazos entre unidad y diversidad. Domina la causalidad mecánica, la causalidad determinista, es decir, la de las máquinas artificiales que producimos en los grandes complejos industriales. Aplicamos cada vez más esa causalidad determinista cronometrada, lineal, a los individuos y a las sociedades.

Sin embargo, hay que considerar que ni el individuo humano ni la sociedad humana son máquinas triviales. Una máquina trivial es una máquina totalmente determinista cuyos outputs se conocen cuando los inputs también se conocen; si conocemos las informaciones y los programas que la integran, sabemos los comportamientos y los resultados que provienen de ella. Ocurre que todo lo que le pasó a la humanidad proviene del hecho de que no somos máquinas triviales. Podemos también considerar que los grandes profetas — Jesús, Mahoma — que los grandes filósofos, científicos, músicos — como Mozart y Beethoven — y los grandes estadistas no eran máquinas triviales, pues consideraron lo inesperado y lo creador. Cada uno de nosotros también, aunque subyugados a lógicas triviales, escapa de la trivialidad por intermedio de nuestras aspiraciones, nuestros sueños, en nuestras súbitas manifestaciones amorosas, estéticas, transgresoras.

Cronometrada e híper-especializada, la lógica de la eficacia, de la previsibilidad, de la «calculabilidad» cronometrada e híper-especializada se esparció en incontables sectores de nuestras vidas. A empezar por las administraciones públicas en las que la burocracia gangrena la actividad de gestión. La misma asume los comandos del mundo urbano e incluso del mundo rural, con la industrialización de la agricultura y de la creación de ganado. Invade también la educación, para dirigirla a la formación de profesionales eficientes y rentables. Irrumpe en la vida cotidiana, en el consumo, las reglas, el entretenimiento, los servicios. Lo que Ritzler llama de «la mcdonaldización de la sociedad». En otras palabras, una forma cerrada de racionalización se está esparciendo por todo el planeta y esta racionalización produce una irracionalidad total.

Se habla del pensamiento único en la política. Pero el pensamiento único en la política no es sino

una de las ramas de un pensamiento, a la vez reductor y disyuntivo, que reina en todas áreas y comanda de igual manera a los opositores del pensamiento único, quienes hacen denuncias justas, pero son incapaces de delinear cualquier argumento que pueda conducirnos a un nuevo camino.

La lógica del Norte, en fin, es ciega a las realidades del Sur, consideradas por ella como atraso, arcaísmo, pereza. El pensamiento del Norte está hecho para tratar los problemas de organización técnicos, prácticos y cuantificables, es decir, la prosa de la vida. Pero la vida humana no abarca solo la prosa. La prosa es lo que hacemos por obligación, por imposición, para ganarnos la vida. Y nos ganamos la vida, muchas veces, perdiéndola. La prosa nos hace sobrevivir. Vivir significa, sin embargo, vivir poéticamente, es decir, en el amor, en la comunión, en la realización de uno mismo, en la alegría y en el límite, en el éxtasis. Retomo aquí la expresión de Hölderlin: «Poéticamente el hombre habita la Tierra». En realidad, habitamos la Tierra prosaica y poéticamente. La prosa tiende, sin embargo, a invadir nuestras vidas. El pensamiento del Sur tendría como misión recordar únicamente el carácter esencial de la poesía del vivir? Sobre todo por el hecho de que en el Sur existen las artes de vivir, como el arte de vivir en plaza pública, arte de vivir de manera extrovertida, arte de vivir en la comunicación, arte de vivir que comporta la hospitalidad, arte de vivir que preserva las cualidades poéticas de la vida.

No digo eso para rechazar del todo la lógica del Norte. Pienso que necesitamos aclimatar lo que viene del Norte. Es necesario que nos beneficiemos de lo que el Norte nos aporta. Debemos hacerlo sobre todo en lo que concierne a los derechos de la mujer, frecuentemente muy subestimados en el sur, a la emancipación de los adolescentes y de la juventud que es una contribución positiva, a las ideas de autonomía individual siempre y cuando estén combinadas al sentimiento de las solidaridades que frecuentemente existe en el sur. Creo que es necesario integrar las contribuciones beneficiosas del Norte, rechazar sus aspectos perversos y nocivos y, sobre todo, rechazar su hegemonía. Como consecuencia, es necesario ser capaz de señalar un camino.

De hecho, el pensamiento del Sur debería estar apto a enfrentar a las complejidades de nuestras vidas, la complejidad de las realidades humanas y de la «insustentable complejidad» del mundo. El pensamiento del Sur solo puede ser complejo, y eso por el hecho de que, de acuerdo con el sentido original de la palabra *complexus*, en latín, «lo que se teje en conjunto», el pensamiento

complejo es aquel que reconecta lo que fue artificialmente separado. La misión de ese pensamiento se fija en el adagio latino *sparsa colligo*, que significa «reconecto lo que está disperso». En este sentido, el pensamiento del Sur sería un pensamiento que reconecta y, por lo mismo, estaría apto a resucitar los problemas globales y fundamentales. Se trata de un pensamiento que reconocería, defendería y promovería las cualidades y la poesía de la vida, aún más porque el Sur todavía permanece como un depositario de esa poesía que, frecuentemente, el Norte considera como un retraso o algo simplemente reservado para los períodos de vacaciones, un folclore que se puede disfrutar gozando del sol y del mar.

Además, ¿sabían ustedes que vinieron del Norte —incluso antes de la era industrial— las grandes nostalgias por el Sur? Goethe lo afirmaba por medio de las palabras de Mignon: «¿Conoces el país donde florece el limonero?» Maravillado y deslumbrado, Hölderlin se refiere a la Grecia de Patmos. Durrell se deleita con Alejandría. El Norte también necesita el Sur. Lo que él busca en las vacaciones significa algo más profundo que una necesidad superficial de relajarse. quede claro que la visión cuantitativa ignora el problema esencial: la calidad de vida. Reanimada por el pensamiento del Sur, se puede sin embargo, retornar a las ocupaciones, al business, a la técnica, al poder.

El pensamiento del Sur es llamado a re-problematizar. Ustedes saben que una de las grandes herencias culturales de la Antigüedad griega y romana es la búsqueda por la sabiduría. Ocorre que la idea de sabiduría identificada a una vida dotada de razón, una vida reglada opuesta a una vida hecha de pasión no es satisfactoria, conforme sabemos, principalmente a partir de los trabajos de Antonio Damasio y Jean-Didier Vincent, que la razón pura no existe. Incluso el matemático centrado en el cálculo demasiado racional tiene pasión por la matemática. No existe razón sin pasión. Por otro lado, la pasión sin esta linterna que es la razón se pervierte en delirio. La nueva sabiduría necesita por tanto, buscar la «dialógica»,

**La misión del pensamiento del Sur sería, por lo tanto, restaurar lo concreto, la existencia, lo que existe de afectivo en nuestras vidas. Restaurar lo singular, no disolverlo en un universal abstracto, sino integrarlo en lo universal concreto.**

dialogo permanente, complementariedad en el antagonismo entre la razón y la pasión. No hay pasión sin razón, no hay razón sin pasión. No se trata de una sabiduría que puede programarse, sino de una especie de momento que debe regenerarse incesantemente para guiarnos en la vida. Esa nueva sabiduría reconoce, por lo tanto, las virtudes de la poesía, es decir, las virtudes del amor y el sentido de comunidad.

La misión del pensamiento del Sur sería, por lo tanto, restaurar lo concreto, la existencia, lo que existe de afectivo en nuestras vidas. Restaurar lo singular, no disolverlo en un universal abstracto, sino integrarlo en lo universal concreto que conecta la unidad a la diversidad. Restaurar el contexto y lo global. Es un pensamiento que debería empeñarse en restaurar las solidaridades concretas y no sólo las solidaridades que se han degradado en nuestras civilizaciones occidentalizadas o nortificadas, sino también la nueva solidaridad planetaria, cuya necesidad es vital para nosotros. Queremos una mundialización de solidaridad y de comprensión, una religión de la fraternidad humana en el sentido nombrado por mi Tierra-patria.

El pensamiento del Sur debería restaurar valores que en él permanecen fuertes, como el sentimiento del honor y de la hospitalidad. Debería promover la regeneración ética a fin de poder regenerar la solidaridad y las responsabilidades, al mismo tiempo en que se defendería la autonomía moral e intelectual. Estructurada de forma doble y unida, esa autonomía comporta la búsqueda de la verdad y la apertura estética que nos hacen estar plenamente conscientes de las inmensas emociones otorgadas por las artes, la literatura y el espectáculo de la naturaleza.

Comprendamos que cuando esa autonomía individual se degrada, un nihilismo y un estetismo frívolo se instalan en nosotros. Su carácter intolerable apuesta por un regreso a las creencias absolutas y estrechas que creíamos ultrapasadas y en un regreso de los fanatismos y de las intolerancias. Comprendamos, por fin, que para dominar las angustias de todo tipo impuestas por la crisis de la humanidad, las únicas respuestas a las angustias, incluso a las angustias de la muerte, se encuentran en la comunidad, en el amor, en la donación de sí. Esos son los problemas de la humanidad en este tercer milenio. Son esos los caminos saludables. Dado que el Norte no lo puede hacer, le toca al Sur asumir la condición humana.

La nave espacial llamada Tierra se encuentra en la noche y en la neblina. Sigue probablemente rumbo a las catástrofes, al abismo...

*Afortunadamente, sin embargo, en la historia humana lo improbable algunas veces ocurrió, y menos mal que haya sido así. Y quizás uno de los improbables más admirables de la historia se encuentre en el Sur, en el Sur de Europa, en Grecia, cinco siglos antes de nuestra era. Después de eso, un gigantesco imperio, el Imperio Persa, que ya había cautivado todas las ciudades griegas de Asia Menor, para realizar un último movimiento, se lanzó a conquistar la pequeña ciudad de Atenas. A pesar de todas las probabilidades que tenía en contra, el pequeño ejército ateniense, con la ayuda de los espartanos consigue resistir en Maratón y ahuyentar al enorme ejército de los persas. El Imperio Persa atacó Atenas por segunda vez y, esa vez, conquistó, incendió e saqueó toda la ciudad: todo parece perdido. Pero la flota griega preparó una trampa en el golfo de Salamina para la enorme flota persa, que tuvo destruidos sus navíos, uno tras otro, al pasar por el estrecho. Después de Salamina, Atenas ya no sufrió el peligro de los persas y algunas décadas más tarde nacía la democracia y la filosofía. Ese triunfo de lo improbable fue lo que dio, por lo tanto, lugar a nuestra cultura.*

*Podemos hoy restaurar una esperanza en lo improbable. Esa esperanza no tiene ninguna certeza científica, porque dicha certeza científica del progreso actualmente ya no existe. Se trata de una esperanza que no obedece a ninguna promesa histórica, después del colapso de todas las promesas de un futuro mejor, entre ellos el radiante futuro soviético. Hablamos de una esperanza que no es una esperanza cualquiera, sino la esperanza. ¿Podremos fundarla? En primer lugar, podemos fundarla en la idea de la crisis, porque es característico de una crisis el encerrar peligros enormes de regresión y destrucción, pero, además, encerrar oportunidades de imaginación creativa, de diagnóstico pertinente, de elaboración de un camino para la salida. ¿Por qué habría un despertar creativo? Porque en todas las sociedades, como en todos los seres humanos, existen capacidades creativas adormecidas. Para volver más explícito mi argumento, utilizo el ejemplo de las células madre, que duermen en el adulto, en nuestra columna vertebral, en nuestro cerebro. Como son polivalentes, son portadoras de capacidades regenerativas inéditas que permiten fabricar el hígado, el bazo, el cerebro, la piel. Tarde o temprano, la biología y la medicina las despertarán...*

*Tomo el ejemplo de las células madre como metáfora para decir que capacidades generadoras duermen en las sociedades y despiertan en épocas de crisis. Además, en toda sociedad rígida,*

*normalizada, en las que las mentes son casi todas domesticadas, existen y pueden despertarse en los individuos desviados: poetas, escritores, músicos, descubridores, bricoleurs.<sup>1</sup> Esas capacidades creativas pueden, entonces, despertarse con la crisis y con el peligro.*

*Asimismo, existe la aspiración a la armonía, que permea toda la historia de la humanidad. Sometidos, sin embargo, a la organización social, a las compartimentalizaciones, a las jerarquías, salvamos pedacitos, trocitos de armonía en nuestras vidas cotidianas conforme sea posible: en fiestas, al compartir una comida con amigos, en partidos de fútbol, en nuestras relaciones amorosas. El deseo de armonía se expresa en los paraísos cristiano y musulmán, en las ideas libertarias socialistas, comunistas, pero el destino histórico decepcionó o engañó hasta hoy ese deseo. El mismo se manifestó en las revueltas juveniles de mayo de 1968, y volverá a manifestarse de cualquier modo. En mi opinión, ese deseo aun suscitará otras regeneraciones.*

*Cuando un sistema no es capaz de tratar sus problemas vitales y fundamentales, se desintegra, o entonces es capaz de metamorfosearse, o sea, de engendrar un metasistema más rico que pueda tratar esos problemas. El sistema Tierra no puede actualmente tratar sus problemas vitales: el regreso del hambre; la muerte de la humanidad representada por la utilización de las armas nucleares; la degradación de la naturaleza; la violencia de la economía. Nuestro sistema se encuentra, por lo tanto, condenado a la muerte o a la metamorfosis. Claro, la metamorfosis no se decreta ni se programa. No se puede, quizás, incluso predecir la forma que esa nueva sociedad asumiría en la escala del mundo, algo que seguramente no negaría las patrias, pero crearía una verdadera Tierra-patria. Entonces, busquemos, busquemos los caminos, caminos improbables, es verdad, pero posibles, que permitirán caminar hacia la dirección de la metamorfosis. Sería esa la misión grandiosa y universal del pensamiento del Sur.*

<sup>1</sup> Término utilizado para definir a los creadores que no tienen un proyecto definido para la producción de objetos en general, haciendo uso de residuos acabados. (N.T.)

\* **Coordenador do grupo:** Gustavo Lopez Ospina (Colômbia)

**Relator:** Jairo Coutinho (Brasil)

**Participantes:** Andres Salomon Cohen Sebilía (DN), Carlos Artexes Simões (Brasil), Fernando Dysarz (DN), Heloize Charret (ESEM), Irlando Tenório Moreira (DN), Julio Leonidas Aguirre (Argentina), Nelson Vallejo-Gomez (França), Pedro Luis Sotolongo Codina (Cuba), Tereza Mendonça Estarque (Brasil).

# Grupo 1\*

## Pensamento econômico, questões sociais e pobreza

Discussão temática I

Quais os temas que inspiram o pensamento do Sul?

Discussão temática II

Quais as experiências inovadoras implementadas e /ou em curso que ilustram o pensamento e/ou identidades do sul?

Reflexões de síntese

Quais as questões prioritárias a serem tratadas pelo olhar do sul na direção de uma política de civilização?

Continuidade do processo

Conclusões e recomendações para a continuidade do processo

## Introdução

Este relatório apresenta um consolidado dos debates realizados, que foram apresentados em sua síntese na Plenária Final do Encontro Internacional do Pensamento Sul, promovido pelo SESC, e realizado na cidade do Rio de Janeiro, de 14 a 17 de março de 2011.

Segue-se, portanto:

### **Parte A : Contribuições do pensamento do Sul para uma economia solidária**

Participantes: Heloize Charret (ESEM), Nelson Vallejo-Gomez (França), Irlando Tenório Moreira (DN)

### **Parte B: Questões centrais do pensamento do Sul para contribuir com o debate econômico e social**

Participantes: Julio Leonidas Aguirre (Argentina), Fernando Dysarz (DN), Pedro Luis Sotolongo Codina (Cuba), Tereza Mendonça Estarque (Brasil)

### **Parte C: Estratégias metodológicas que caracterizam inovações**

Participantes: Andres Salomon Cohen Sebilía (DN), Gustavo Lopez Ospina (Colombia), Jairo Coutinho (Brasil)

#### Parte D: Reflexões de síntese

Texto final aprovado pelo grupo a partir de proposta de redação elaborada por Julio Leonidas Aguirre (Argentina) e Pedro Luis Sotolongo Codina (Cuba), com contribuições de Tereza Mendonça Estarque (Brasil)

#### Parte E: Conclusões e recomendações para a continuidade do processo

Proposta de ações aprovadas pelo grupo e encaminhadas para a Plenária Final

### Parte A : Contribuições do pensamento do Sul para uma economia solidária

A globalização das relações humanas, sociais e mesmo entre os estados nacionais põe a economia no centro dos questionamentos (pela escassez consequente dos recursos). O paradigma econômico imposto baseia-se no racionalismo capitalista em benefício majoritariamente dos interesses individuais e privados (lógica liberal). O desenvolvimento das economias nacionais construiu-se historicamente com bases conceituais alicerçadas no positivismo, no progresso, desenvolvimento e no racionalismo científico (método da lógica binária).

A lógica proposta pela economia liberal sustentou o desenvolvimento da modernidade e da primeira revolução industrial, porém não oferece respostas para os desafios impostos pela complexidade da *sociedade da era planetária*.

Repensar uma economia que atenda não unicamente aos interesses individuais da lógica liberal, mas também a complementaridade entre os interesses individuais e os bens públicos solidários, implica propor uma nova concepção de gestão dos recursos materiais e imateriais que constituem a economia de uma sociedade. Uma economia cujo objetivo não seja o enriquecimento quantitativo e individual de grupos, mas sim o atendimento ao bem viver dos indivíduos.

Esta revolução econômica requer a visão de um novo homem, seus valores e suas necessidades.

Se, por um lado, a lógica dominante do Norte coloca todo o valor econômico no princípio da acumulação do capital e do lucro, por outro lado o Pensamento do Sul deve ser capaz de objetivamente indicar e mobilizar uma nova proposta de valores que incluam o elemento humano como um valor, ou mesmo como um capital simbólico. A construção do código de valores calcada no elemento humano, na solidariedade e na qualidade de vida, indica outra perspectiva que precisa ser cotejada no âmbito de uma construção metodológica para um pensamento econômico do Sul, qual seja: a educação de um cidadão comprometido com tais valores.

É preciso problematizar as relações comerciais travadas no âmbito da lógica econômica do Norte para além do acúmulo de capital e de bens materiais. A propaganda de massa vem “vendendo” novas necessidades, necessidades estas que justificam a produção e o consumo de novos produtos. Assim, as demandas que movem as relações de consumo na perspectiva do Norte passam a tecer uma trama de conexões virtuais que põem em risco as condições materiais necessárias para a manutenção da própria vida humana no planeta.

Uma educação econômica comprometida com a formação de valores humanísticos precisa necessariamente utilizar mecanismos de resposta a estratégia de propaganda de massa utilizada como instrumento formativo ideológico

amparando as ações comerciais do Norte e trazendo foco novamente para as reais necessidades do coletivo humano no planeta.

Iniciativas eficientes em ilustrar uma economia solidária, representativas do pensamento do Sul, caracterizam-se por tratar das demandas individuais reais de forma coletiva, por meio da cooperação de pequenos grupos comunitários. São exemplos de tais iniciativas as cooperativas de costureiras da Rocinha, as diversas cooperativas pesqueiras, a Cine Cufa, entre outras.

Nesse sentido, a perspectiva do pensamento do Sul em seu viés econômico culminaria gradativamente com um processo de emergência do caráter local como resposta à globalização da crise.

Os mecanismos de validação e legitimação das relações econômicas são elementos vitais de problematização por um pensamento do Sul. A própria natureza da lei precisa ser questionada se seu compromisso central não reside na manutenção das condições mínimas de subsistência humana, mas sim na manutenção das relações comerciais e sociais preconizadas pela lógica do Norte, já que o ordenamento mundial do capitalismo liberal tem por referência normativas hegemônicas de um direito racional abstrato, em detrimento dos costumes, tradições e indivíduos concretos. O pensamento do Sul deve resgatar a *poiesis* (criatividade) jurídica. Já que o direito representa uma forma de poder, pode frear, impulsionar ou consolidar o desenvolvimento socioeconômico com base em indicadores inovadores que contemplem os bens materiais, os bens imateriais e o bem viver das pessoas.

Nesse sentido, apontamos os mecanismos de subversão da lei observados frequentemente em comunidades carentes, principalmente as ações voltadas para a apropriação indevida de recursos, tais como energia elétrica, sinal de tevê a cabo, água. Tais iniciativas encarnam, antes de tudo, uma negação da lei que coloca o direito ao acúmulo de capital acima do acesso aos serviços básicos para a manutenção da qualidade de vida dos indivíduos. É preciso reconhecer nestas ações um potencial criativo do indivíduo frente às necessidades reais experienciadas em seu cotidiano e um viés para ações objetivas de discussão de uma nova legalidade para o Sul, legalidade esta que seja centrada não nos interesses do capital, mas nos interesses coletivos humanos.

## Parte B: Questões centrais do pensamento do Sul para contribuir com o debate econômico e social

Reorientar o regime de bem-estar em torno à ideia do “bem viver”. O “bem viver” como princípio orientador para guiar na tarefa de refletir sobre a questão social.

Desconstruir e reconstruir os índices e indicadores do desempenho econômico e social de nossas sociedades, baseados nos ensinamentos ancestrais de nossos povos originais sobre o “bem viver” (Bolívia), “viver bem” (Equador e Peru), “nada é meu... tudo é de todos” (América Central).

Não vivemos uma época de mudanças, mas uma mudança de época. O êxodo da sociedade salarial nos leva a pensar na forma como são governadas nossas sociedades. Devemos planejar novos processos e iniciativas capazes de gerir a convivência num mundo incerto e em constante mudança.

Considerar a “dinâmica entre o local e o global”. Perceber como pequenas mudanças locais podem chegar a produzir grandes mudanças globais. O efeito borboleta pode começar com pequenas ações coletivas, que levam à emergência de uma mudança global. Os fenômenos emergentes de localização já estão constituindo-se em alternativas à estrutura e processos de poder global.

O pensamento do Sul sugere pensar a economia como uma atividade a serviço da vida e da preservação do tecido social vivo, não ao contrário. Da mesma forma, devemos pensar a economia como uma gestão responsável, solidária e sustentável de recursos físicos, naturais, humanos, intelectuais etc. A ideia de efetividade econômica faz referência à existência de objetos concretos que devem guiar à economia, os quais implicam princípios orientadores que podem ser nutridos desde o “bem viver”. Dessa forma, devem ser deixados de lado os princípios de lucro, competição e a irresponsabilidade sobre os efeitos da ação econômica sobre a vida.

Estes novos princípios devem, da mesma forma, ser considerados para reformular a educação e a formação de economistas e cientistas sociais. Devem, ainda, por sua vez, propor novas perguntas e objetos de pesquisa com o fim de reorientar as investigações científicas (passar do estudo dos mercados financeiros irresponsáveis à busca pelo desenvolvimento de uma economia

sustentável, solidária etc.). Essa reformulação na formação de todos os profissionais vinculados ao mundo dos negócios deve modificar o sistema de ideias que configura uma cultura organizacional guiada por um lucro irresponsável, a competição inescrupulosa e sem limites humanos, naturais ou sociais.

É preciso fazer a diferença entre miséria (dependência total), pobreza (mínimo de autonomia) e exclusão, assim como partir da hipótese de que a exclusão é *exclusão* em sociedade, isto é, os excluídos são um produto de um sistema socioeconômico injusto, uma consequência inevitável do mesmo. Neste sistema, alguns excluem outros, fazendo com que estes “outros” permaneçam invisíveis aos nossos olhos. A existência de excluídos em sociedade é nada mais que uma evidência da ruptura no laço social e humano que produzem nossas sociedades capitalistas.

Por sua vez, sugerimos fazer a diferença entre: atividade (toda atividade humana social e economicamente relevante), emprego (simples venda da força de trabalho no mercado de trabalho) e trabalho (como uma atividade social e economicamente relevante, independentemente de seu valor nos mercados, que permite uma autossuperação pessoal, favorece o fortalecimento das redes de socialização e robustece a autoestima). É preciso também diferenciar as diferentes formas de trabalho (remunerado, voluntário, doméstico etc.). Consideramos que esta diferenciação é importante principalmente no atual estado de desenvolvimento tecnológico e produtivo, no qual nos encontramos (automação e robotização, deslocamento da produção etc.). O mundo atual e seus modos de produção determinam uma mudança na relação do homem com o trabalho. Perante isso, torna-se urgente a mudança na concepção de trabalho sem deixar de lado a qualidade de vida dos trabalhadores. Logo, sugerimos abandonar a estratégia da flexibilização em prol de um

caminho médio entre o “trabalho precário” e o “emprego pleno” (ambas inviáveis), que procure novas formas de trabalho centradas na cooperação, na solidariedade e na responsabilidade social e ambiental.

Devemos repensar o valor simbólico da moeda e do consumo, dentro do que a publicidade e os meios têm um papel fundamental. A subjetividade está cooptada pelo consumo, gerando “necessidades virtuais”. Devemos, então, buscar novas formas de socialização e construção de identidades que nos reconectem com os valores culturais centrais de nossos povos.

É preciso desacelerar o consumo de luxo e, ao mesmo tempo, democratizar o consumo e acesso aos bens, serviços e direitos básicos necessários à vida plena.

O pensamento do Sul deve aprofundar o problema do governo de bens públicos solidários, dando especial ênfase àqueles bens públicos sob a órbita dos estados nacionais, mas de importância planetária. Isso demanda repensar a cooperação e a responsabilidade internacional para com o cuidado do meio ambiente.

Alguns outros problemas sobre os que deve tratar o pensamento do Sul são: a corrupção política e econômica; a especulação financeira e seus efeitos nos mercados cada vez mais globalizados; a feminização da pobreza e do desemprego; a situação de pobreza, violência e falta de proteção geral na que se encontram as crianças; a deterioração dos sistemas de saúde. Deve-se enfatizar a prevenção da doença e a promoção das práticas saudáveis. Por este motivo, sugerimos que o pensamento do Sul possa nutrir-se de sabedoria ancestral de nossos povos sobre o cuidado com a saúde.

Algumas experiências e alternativas a ser consideradas: a renda básica de cidadania (em sua versão universal e plena) como uma alternativa aos sistemas de transferência que possam afrontar o problema do desemprego estrutural e a deterioração da relação ativos/passivos. O novo cooperativismo, a assistência (tecnológica, financeira e educacional) aos trabalhadores e produtores livremente associados. A economia social (propriedade social e coletiva da propriedade e dos meios de produção) e as estratégias de consumo inteligente (aproximar os produtores e consumidores em redes solidárias de comercialização com a finalidade de baratear custos, principalmente no caso de alimentos). Buscar revitalizar as redes internacionais de

**O mundo atual e seus modos de produção determinam uma mudança na relação do homem com o trabalho. Perante isso, torna-se urgente a mudança na concepção de trabalho sem deixar de lado a qualidade de vida dos trabalhadores.**



solidariedade que se ativam de forma espontânea perante as catástrofes naturais (como os terremotos em Haiti, no Chile ou no Japão), mas parecem não perdurar no tempo. Sugerimos o profundo questionamento sobre as causas que levam à emergência dessas redes e pensar em como conseguir mantê-las ativas de forma permanente. O Sul deve antecipar-se aos próximos movimentos migratórios massivos desde os grandes polos de população mundial em direção dos países do sul com grandes recursos naturais.

## Parte C: Estratégias metodológicas que caracterizam inovações

1. Criação/fortalecimento de espaços internacionais de diálogo, intercâmbios, propostas e adoção de pactos políticos e de diretrizes de ações coletivas.

Exemplos: Grupo dos 20, Fórum Social, Fórum das Comunidades Indígenas, outros.

2. Reinvenção da filosofia, governabilidade internacional, políticas e mobilização de recursos financeiros que deve orientar a cooperação multilateral.

Exemplos:

- Sistema das Nações/Reforma em processo
- Ordenamento do Sistema Financeiro Internacional (FMI)
- Conselho de Segurança das Nações Unidas (transformar em conselho de solidariedade)
- Banco mundial; bancos regionais (BID, Banco Africano etc.)

3. Ratificação e revisão integral dos pactos e marcos internacionais que regulam, hoje em dia, a mundialização financeira, econômica e social.

Exemplos:

- Tratados de livre-comércio entre governos
- Organização Mundial do Comércio
- Acompanhamento/regulação dos grupos que orientam, controlam atualmente a revolução científica e tecnológica; (atuação da Bolsa de Valores)

4. Construção de pactos sociais, com a verdadeira participação de distintos atores (trabalhadores — empresários — governos, principalmente) que orientam as mudanças e reformas para o bem viver.

Exemplos:

- Organização Internacional do Trabalho — OIT “Informe mundial para a superação das desigualdades sociais” 2005
- “Pactos Comunitários” que mobilizam a caminhada para fazer frente a problemas e necessidades fundamentais
- “Pactos Nacionais” emoldurados em processos de transformação social (Equador, Bolívia, outros)

5. Construção de novos indicadores que mostrem os impactos qualitativos da miséria e da pobreza no bem viver do ser humano.

Exemplos:

- Centro Internacional de Pobreza das Nações Unidas “Sede Brasília”. Novas formas de leitura econômica da medição da miséria e pobreza; políticas de reformas estruturais.
- Plataforma do Milênio das Nações Unidas, os oito objetivos 2015.
- Esforços que na Comunidade Andina são desenvolvidos com os povos andinos na construção de indicadores sobre o bem viver (Equador).

6. Formulação de um novo paradigma de planificação e elaboração de projetos para a mobilização, aplicação e avaliação a partir do pensamento complexo e pensamento do Sul.

Exemplos:

- Construção de planos, projetos comunitários participativos (uma grande diversidade de metodologias e experiências existe na região). Progressivamente se implantam em outros continentes os orçamentos participativos.
- Agências de Desenvolvimento Territorial/Regional Integral e Integrado (Europa, América Latina, África, Arábia).
- Instituições Financeiras (Banco Mundial, bancos regionais, bancos nacionais e agências de fomento) e a transformação urgente e radical dos princípios, critérios, normatividade e instrumentos que orientam, por meio de projetos e planos de execução, custos e inversões de grande significado e impacto para as sociedades (focalizar a eliminação da corrupção — prestar atenção a aplicação eficaz para o bem viver).

7. Inovação nos programas acadêmicos de formação de profissionais, especialistas nas áreas de Economia, Sociedade, Pobreza.

Exemplos:

- IPEA/Brasil
- Universidade das Nações Unidas (Tóquio), seus programas mundiais em nível de Pós-Graduação e investigação científica
- Redes universitárias/ Termos de trabalho em rede mundial (desenvolvimento sustentável, outros)
- Escolas de pensamento, de formação de líderes

8. Desenvolvimento sustentável, biodiversidade e interculturalidade.

Exemplos:

- Rio + 20 (Cenário mundial, chave para o impulso do pensamento do Sul)
- Convenções Mundiais (clima, biodiversidade, outros)

9. Valorização do bem viver e dos comportamentos individuais, coletivos orientados a mudança.

Exemplos:

- Poder dos cidadãos na aplicação de políticas antiéticas, anticonsumistas, antiambientais.
- Poder da publicidade na mudança e nas reformas.

## Parte D: Reflexões de síntese

### Tópicos centrais das reflexões

#### Contribuições do pensamento do Sul à política da civilização

1. O bem viver como cosmovisão. Na noção do “bem viver” (baseada na dignidade da pessoa e o “haver” sustentado com a sociedade e a natureza), se levanta uma particular cosmovisão que questiona o sistema capitalista (que mediante suas pautas de exploração, especulação, exclusão e corrupção não responde a um bem viver para todos); e, por sua vez, nos impõe buscar uma nova estratégia para gerar os recursos (de todo tipo) e a formação de todas as pessoas vinculadas a esta.

O bem viver como cosmovisão implica adotar uma nova antropologia que abandone o “homem como lobo do homem” e se centre na cooperação e na solidariedade como estratégia para a gestão da convivência num mundo incerto e instável, ao mesmo tempo em que nos interpela sobre a interdependência do homem com a natureza e os outros homens, já que todos nós temos responsabilidade sobre o presente e o futuro numa comunidade de destino.

2. As novas Ciências Sociais para construir o bem viver. Sugerimos que o pensamento do Sul deve prestar especial atenção à conformação dos fenômenos sociais como processos complexos emergentes. O pensamento do Sul demanda Ciências Sociais de novo tipo que superem as limitações do “paradigma da simplificação e da fragmentação” e deem conta de que os fenômenos como o trabalho, a pobreza, a exclusão e a miséria são interdependentes e devem ser pensados desde uma política de civilização. Para tal, sugerimos apreender as ferramentas que proporcionam as *novas ciências da complexidade*, mas lidas desde a particular sabedoria acumulada por nossos povos. Isto nos impõe problematizar os conceitos, dentro os quais se impõe interpretar a vida social, ao mesmo tempo em que problematizamos os próprios instru-

**O bem viver como cosmovisão implica adotar uma nova antropologia que abandone o “homem como lobo do homem” e se centre na cooperação e na solidariedade.**

mentos de interpretação (teorias e paradigmas dominantes), inclusive aqueles novos insumos propiciados pelas *ciências da complexidade*.

3. Caminhos em direção de uma identidade planetária. Sugerimos prestar atenção à riqueza que emerge na relação entre o local e o global. A dinâmica entre o local e o global se configura como cenário no que se desdobram as sociedades atuais. Nesse, os novos movimentos sociais podem ser os que produzam as pequenas mudanças locais que gerem uma propagação capaz de levar a uma mudança no sistema global. Para isso, deve-se resgatar e nutrir as identidades locais, hoje cooptadas pelos padrões culturais hegemônicos, dentro dos quais o social se encontra sequestrado pelo político, e o político se encontra sequestrado pelo econômico, e onde a própria civilização se move em torno a diversos *vícios* que, como atrativos sociais, condicionam o comportamento humano.

Consideramos que uma estratégia que contemple o movimento dos movimentos sociais é central para o trabalho contra-hegemônico do pensamento do Sul. Por este motivo, sugerimos atenção especial aos acontecimentos no Oriente Médio (Egito, Líbia, entre outros), e à constante conformação de movimentos sociais existentes na revitalização das identidades (familiares, tribais, religiosas, de gênero etc.), que numa dinâmica interdependente, crítica e compreensiva, podem estar presentes na construção de uma identidade planetária acolhedora de paz e não violência, uma unidade múltipla.

## Parte E: Conclusões e recomendações para a continuidade do processo

Considerar como momentos especiais para a o pensamento do Sul em um horizonte imediato:

### 1. RIO + 20

Conferência da ONU sobre desenvolvimento sustentável, 2012, Rio de Janeiro.

Oportunidade privilegiada para uma intervenção qualificada junto aos diversos segmentos, atores sociais, que estarão envolvidos nesta conferência, com repercussão na opinião pública mundial.

### 2. II Manual de iniciação pedagógica do pensamento complexo (2012)

Produção de um segundo manual do pensamento complexo, tendo como meta para seu lançamento o momento de realização Conferência Mundial de Meio Ambiente, convocada pela ONU para o ano 2012, no Rio de Janeiro.

### 3. Plataforma do milênio 2015

O ano de 2015 é o ano de avaliação do cumprimento das metas propostas pelo Plano Global para alcançar os objetivos de desenvolvimento do milênio, lançado pela ONU, em janeiro de 2005.

### 4. Observatório das experiências emergentes/exitosas do pensamento do Sul

Organização de espaço/observatório/instrumento (algo nesse sentido), que possa estar recebendo/recolhendo informações sobre as miríade de experiências que emergem de forma exitosa, pelo mundo, representativas do pensamento do Sul, de forma a ser compartilhadas em rede.

# Grupo 1<sup>\*</sup>

## Pensamiento económico, cuestiones sociales y pobreza

**\* Coordinador del Grupo:** Gustavo Lopez Ospina (Colombia)

**Relator:** Jairo Coutinho (Brasil)

**Participantes:** Andres Salomon Cohen Sebilía (DN), Carlos Artexes Simões (Brasil), Fernando Dysarz (DN), Heloize Charret (ESEM), Irlando Tenório Moreira (DN), Julio Leonidas Aguirre (Argentina), Nelson Vallejo-Gomez (Francia), Pedro Luis Sotolongo Codina (Cuba), Tereza Mendonça Estarque (Brasil).

*Discusión temática I:*

*¿Cuáles son los temas que inspiran el pensamiento del Sur?*

*Discusión temática II:*

*¿Cuáles son las experiencias innovadoras implementadas y/o en curso que ilustran el pensamiento y/o identidades del Sur?*

*Reflexiones de síntesis:*

*¿Cuáles son las cuestiones prioritarias a ser tratadas por la mirada del Sur hacia una política de civilización?*

*Continuidad del proceso:*

*Conclusiones y recomendaciones para la continuidad del proceso.*

### Introducción

*Esta presentación es un informe consolidado de los debates que se realizaron y se presentaron en síntesis en el Plenario Final del Encuentro Internacional del Pensamiento del Sur, promovido por SESC y que se realizó en la ciudad de Río de Janeiro, del 14 al 17 de marzo del 2011.*

*Sigue, por lo tanto:*

#### **Parte A: Aportes del pensamiento del Sur para una economía solidaria**

*Participantes:* Heloize Charret (ESEM), Nelson Vallejo-Gomez (Francia), Irlando Tenório Moreira (DN)

#### **Parte B: Cuestiones centrales del pensamiento del Sur con la finalidad de aportar al debate económico y social**

*Participantes:* Julio Leonidas Aguirre (Argentina), Fernando Dysarz (DN), Pedro Luis Sotolongo Codina (Cuba), Tereza Mendonça Estarque (Brasil)

#### **Parte C: Estrategias metodológicas que caracterizan innovaciones**

*Participantes:* Andres Salomon Cohen Sebilía (DN), Gustavo Lopez Ospina (Colombia), Jairo Coutinho (Brasil)

#### **Parte D: Reflexiones de síntesis**

*Texto final aprobado por el grupo a partir de la redacción de Julio Leonidas Aguirre (Argentina) y Pedro Luis Sotolongo Codina (Cuba), con aportes de Tereza Mendonça Estarque (Brasil)*

#### **Parte E: Conclusiones y recomendaciones para la continuidad del proceso**

*Propuesta de acciones aprobadas por el grupo y encaminadas al Plenario Final*

## Parte A: Aportes del pensamiento del Sur para una economía solidaria

*La globalización de las relaciones humanas, sociales y aun entre los estados nacionales ponen a la economía al centro de los cuestionamientos (por la escasez consecuente de los recursos). El paradigma económico impuesto se basa en el racionalismo capitalista mayormente en beneficio de los intereses individuales y privados (lógica liberal). El desarrollo de las economías nacionales se ha formado, históricamente, con bases conceptuales cimentadas en el positivismo, en el progreso, en el desarrollo y en el racionalismo científico (método de la lógica binaria).*

*La lógica que propone la economía liberal ha sustentado el desarrollo de la modernidad y de la primera revolución industrial, pero no ofrece respuestas a los desafíos que impone la complejidad de la sociedad de la era planetaria.*

*Repensar una economía que atienda no únicamente a los intereses individuales de la lógica liberal, sino también a la complementariedad entre los intereses individuales y los bienes públicos solidarios, implica proponer una nueva concepción de gestión de los recursos materiales e inmateriales que constituyen la economía de una sociedad, la misma cuyo objetivo no sea el enriquecimiento cuantitativo e individual de los grupos, sino la atención al buen vivir de los individuos.*

*Dicha revolución económica requiere la visión de un hombre nuevo, sus valores y necesidades.*

*Si bien por un lado la lógica dominante del Norte pone todo el valor económico en el principio de acumulación de capital y ganancia, por el otro el pensamiento del Sur debe ser capaz de objetivamente indicar y movilizar una nueva propuesta de valores que incluyan el elemento humano como un valor o, aun, como un capital simbólico. La construcción del código de valores, basada en el elemento humano, en la solidaridad y calidad de vida, señala otra perspectiva que se debe confrontaren el ámbito de una construcción metodológica para un pensamiento económico del Sur: la educación de un ciudadano comprometido con dichos valores.*

*Es necesario problematizar las relaciones comerciales trabadas en el ámbito de la lógica económica del Norte, para además de la acumulación de capital y de bienes materiales, la propaganda de la masa viene «vendiendo» nuevas necesidades que justifican la producción y el consumo de nuevos productos. De esta manera, las demandas que mueven las relaciones de consumo en la perspectiva del Norte pasan a entrelazar una trama*

*de conexiones virtuales que ponen en riesgo las condiciones materiales necesarias para el mantenimiento de la vida humana misma en el planeta.*

*Una educación económica comprometida con la formación de valores humanísticos necesita necesariamente utilizar mecanismos de respuesta a la estrategia de propaganda de masa que se utiliza como instrumento formativo ideológico, amparando las acciones comerciales del Norte y focalizando nuevamente las necesidades reales del colectivo humano en el planeta.*

*Iniciativas eficientes en ilustrar una economía solidaria, que representan el pensamiento del Sur, se caracterizan por tratar las demandas individuales reales de forma colectiva, por medio de la cooperación de pequeños grupos comunitarios. Son ejemplos de estas iniciativas las cooperativas de costureras de la favela de Rocinha, las diferentes cooperativas pesqueras, la Cine Cufa, entre otras.*

*En este sentido, la perspectiva del pensamiento del Sur en términos económicos culminaría gradualmente con un proceso de emergencia del carácter local como respuesta a la globalización de la crisis.*

*Los mecanismos de validación y legitimación de las relaciones económicas son elementos vitales de problematización por un pensamiento del Sur. Es necesario cuestionar la naturaleza misma de la ley si su compromiso central no reside en el mantenimiento de las condiciones mínimas de subsistencia humana, sino en el mantenimiento de las relaciones comerciales y sociales reconocidas por la lógica del Norte, ya que el ordenamiento mundial del capitalismo liberal tiene como referencia normativas hegemónicas de un derecho racional abstracto en perjuicio de las costumbres, tradiciones e individuos concretos. El pensamiento del Sur debe rescatar la poeiesis (creatividad) jurídica, pues el derecho representa una forma de poder, puede frenar, impulsar o consolidar el desarrollo socioeconómico basándose en indicadores innovadores que contemplan los bienes materiales, los inmateriales y el buen vivir de las personas.*

*En este sentido, señalamos los mecanismos de subversión de la ley observados frecuentemente en comunidades carentes, principalmente las acciones dirigidas a la apropiación indebida de recursos como la energía eléctrica, las señales de televisión de cable y el agua. Dichas iniciativas representan, ante todo, una negación de la ley que pone el derecho a la acumulación de capital por encima del acceso a los servicios básicos para mantenimiento de la calidad de vida de los individuos. Es necesario reconocer en estas*

*acciones un potencial creativo del individuo frente a las necesidades reales experimentadas en su cotidiano y un rumbo para las acciones objetivas de discusión de una nueva legalidad para el Sur y que la misma esté centrada no en los intereses del capital, sino en los intereses colectivos humanos.*

## Parte B: Cuestiones centrales del pensamiento del Sur para contribuir al debate económico y social

*Reorientar el régimen de bienestar en torno a la idea del «buen vivir». El «buen vivir» como principio orientador para guiar en la tarea de reflexionar en torno a la cuestión social.*

*De-construir y reconstruir los índices e indicadores desde los cuales se aborda el desempeño económico y social de nuestras sociedades, basados en las enseñanzas ancestrales de nuestros pueblos originarios sobre el «buen vivir» (Bolivia), «vivir bien» (Ecuador y Perú), «Mío nada... Todo de todos» (Centro América).*

*No vivimos una época de cambio sino un cambio de época; el éxodo de la sociedad salarial nos lleva a plantearnos la forma en la que son gobernadas nuestras sociedades. Debemos diseñar nuevos procesos e iniciativas para gestionar la convivencia en un mundo incierto y en constante cambio.*

*Tomar en consideración la «dinámica entre lo local y lo global». Dar cuenta de cómo pequeños cambios locales pueden producir grandes cambios globales; el efecto mariposa puede iniciarse por pequeñas acciones colectivas que lleven a la emergencia de un cambio global. Los fenómenos emergentes de localización ya están constituyéndose en alternativas a la estructura y procesos de poder global.*

*El pensamiento del Sur sugiere pensar a la economía como una actividad al servicio de la vida y la preservación del tejido social vivo, y no al revés. Así mismo, debemos pensar la economía como una gestión responsable, solidaria y sustentable de recursos físicos, naturales, humanos, intelectuales etc. La idea de efectividad económica hace referencia a la existencia de objetivos concretos que debe guiar a la economía, estos objetivos implican principios orientadores que pueden ser nutridos desde el «buen vivir». Así, deben ser dejado de lado los principios del lucro, la competencia y la irresponsabilidad sobre los efectos de la acción económica sobre la vida.*

*Estos nuevos principios deben, así mismo, ser tomados en consideración para reformular la educación y formación de economistas y científicos sociales, a su vez, deben proponer nuevas preguntas y objetos de investigación para reorientar las investigaciones científicas (pasar del estudio de los mercados financieros irresponsables a la búsqueda de desarrollar una economía sustentable, solidaria etc.). Esta reformulación en la formación de todos los profesionales vinculados al mundo de los negocios, debe modificar el sistema de ideas que configura una cultura organizacional guiada por un lucro irresponsable, la competencia inescrupulosa y sin límites humanos, naturales ni sociales.*

*Es propicio diferenciar entre miseria (dependencia total), pobreza (mínimo de autonomía) y exclusión. Se debe partir de la hipótesis de que la exclusión es exclusión EN sociedad, esto es, los excluidos son un producto de un sistema socio-económico injusto, una consecuencia ineludible de este. En este sistema algunos excluyen a otros, haciendo que estos «otros» acaezcan invisibles ante nuestros ojos. La existencia de excluidos en sociedad no es sino una evidencia de la ruptura en el lazo social y humano que producen nuestras sociedades capitalistas.*

*A su vez, sugerimos diferenciar entre: actividad (toda actividad humana social y económicamente relevante), empleo (simple venta de la fuerza de trabajo*

en el mercado de empleo) y trabajo (como una actividad social y económicamente relevante, independientemente de su valor en los mercados, que permite una auto-superación personal, favorece el fortalecimiento de las redes de socialización y robustece la autoestima). Así mismo, deben diferenciarse las distintas formas de trabajo (remunerado, voluntario, doméstico etc.). Consideramos que esta diferenciación es particularmente importante en el actual estado del desarrollo tecnológico y productivo (automatización y robotización, deslocalización de la producción etc.). El mundo actual y sus modos de producción determinan un cambio en la relación del hombre con el trabajo, ante esto, urge un cambio en la concepción del trabajo sin dejar de lado la calidad de vida de los trabajadores. Ante esto, sugerimos abandonar la estrategia de la flexibilización en pro de un camino medio entre el «trabajo precario» y el «pleno empleo» (ambas inviables), que busque nuevas formas de trabajo centradas en la cooperación, la solidaridad y la responsabilidad social y ambiental.

Debemos replantear el valor simbólico de la moneda y el consumo. En esto, la publicidad y los medios juegan un rol esencial. La subjetividad está cooptada por el consumo generando «necesidades virtuales», ante esto debemos buscar nuevas formas de socialización y construcción de identidades que nos reconecten con los valores culturales centrales de nuestros pueblos.

Hay que desacelerar el consumo suntuario y, a la vez, democratizar el consumo y acceso a los bienes, servicios y derechos básicos necesarios para la vida plena.

El pensamiento del Sur debe profundizar el problema del gobierno de los Bienes Públicos solidarios, haciendo especial énfasis en aquellos bienes públicos bajo la órbita de los Estados Nacionales pero de importancia planetaria. Esto demanda replantear la cooperación y responsabilidad internacional para el cuidado del medio ambiente.

Algunos otros problemas sobre los que debe expedirse el pensamiento del Sur son: la corrupción política y económica, la especulación financiera y sus efectos en los mercados cada vez más mundializados, la feminización de la pobreza y el desempleo, la situación de pobreza, violencia y desprotección general en la que se encuentran los niños, el deterioro de los sistemas de salud, debe hacerse énfasis en la prevención de la enfermedad y la promoción de las prácticas saludables, ante esto, sugerimos que el pensamiento del Sur puede nutrirse de la sabiduría ancestral de nuestros pueblos sobre el cuidado de la salud.

Algunas experiencias y alternativas a tomar en consideración: la Renta Básica de Ciudadanía (en su versión universal y plena) como una alternativa a los sistemas de transferencia que pueda afrontar el problema del desempleo estructural y el deterioro de la relación activos/pasivos. El Nuevo cooperativismo, la asistencia (tecnológica, financiera y educativa) a los trabajadores y productores libremente asociados. La economía social (propiedad social y colectiva de la propiedad y los medios de producción) y las estrategias de consumo inteligente (acercar productores y consumidores en redes solidarias de comercialización con el objeto de abaratar costos, sobre todo de alimentos). Buscar revitalizar las Redes Internacionales de Solidaridad que se activan de forma espontánea ante las catástrofes naturales (como los terremotos en Haití, Chile o Japón) pero parecen no perdurar en el tiempo. Sugerimos indagar con profundidad sobre las causas que llevan a la emergencia de estas redes y pensar cómo lograr mantenerlas activas de forma permanente. El Sur debe anticiparse a los próximos movimientos migratorios masivos desde los grandes polos de población mundial hacia los países del Sur con grandes recursos naturales.

## Parte C: Estrategias metodológicas que caracterizan innovaciones

1. Creación/fortalecimiento de espacios internacionales de diálogo, intercambios, propuestas y adopción de acuerdos políticos y lineamientos de acciones colectivas.

Ejemplos: Grupo de los 20, Foro Social, Foro de las Comunidades Indígenas, entre otros.

2. Reinención de la filosofía, gobernabilidad internacional, políticas y movilización de recursos financieros que debe orientar la cooperación multilateral.

Ejemplos:

- Sistema de las Naciones / Reforma en proceso
- Ordenamiento del Sistema Financiero Internacional (FMI)

**El mundo actual y sus modos de producción determinan un cambio en la relación del hombre con el trabajo, ante esto, urge un cambio en la concepción del trabajo sin dejar de lado la calidad de vida de los trabajadores.**

- Consejo de Seguridad de las Naciones Unidas (*Transformar en Consejo de Solidaridad*)
  - Banco Mundial; Bancos regionales (BID, Banco Africano etc.)
3. *Ratificación y revisión integral de los pactos y marcos internacionales que regulan hoy en día la mundialización financiera, económica y social.*
- Ejemplos:*
- Tratados de libre comercio entre gobiernos
  - Organización Mundial del Comercio
  - Seguimiento / regulación de los grupos que orientan, controlan actualmente a la revolución científica y tecnológica (*Actuación en la Bolsa de Valores*)
4. *Construcción de pactos sociales, con la verdadera participación de distintos actores (trabajadores — empresarios — gobiernos, principalmente) que orientan los cambios y las reformas para el buen vivir.*
- Ejemplos:*
- Organización Internacional del Trabajo — OIT «Informe Mundial para la superación de las desigualdades sociales» 2005
  - Pactos Comunitarios» que movilizan la caminata para hacer frente a los problemas y necesidades fundamentales
  - Pactos Nacionales» enmarcados en los procesos de transformación social (*Ecuador, Bolivia, entre otros*)
5. *Construcción de nuevos indicadores que muestren los impactos cualitativos de la miseria y la pobreza en el buen vivir del ser humano*
- Ejemplos:*
- Centro Internacional de Pobreza de las Naciones Unidas «Sede Brasilia». Nuevas formas de lectura económica de la medición de la miseria y la pobreza; Políticas de reformas estructurales
  - Plataforma del Milenio de las Naciones Unidas, los ocho objetivos 2015
  - Esfuerzos desarrollados en la Comunidad Andina con los pueblos andinos en la construcción de indicadores sobre el buen vivir (*Ecuador*)
6. *Formulación de un nuevo paradigma de planificación y elaboración de proyectos para la movilización, aplicación y evaluación a partir del Pensamiento complejo y del pensamiento del Sur.*
- Ejemplos:*
- Construcción de planes, proyectos comunitarios participativos (*hay en la región una gran diversidad de metodologías y experiencias*).
- Progresivamente se implantan en otros continentes con presupuestos participativos*
- Agencias de Desarrollo Territorial/Regional Integral e Integrado (*Europa, América Latina, África, Arabia*)
  - Instituciones Financieras (*Banco Mundial, Bancos Regionales, Bancos Nacionales y Agencias de fomento*) y la transformación urgente y radical de los principios, criterios, normativa e instrumentos capaces de orientar, por medio de proyectos y planes de ejecución, los costos e inversiones de gran significado e impacto para las sociedades (*focalizar la eliminación de la corrupción — poner atención a la aplicación eficaz para el buen vivir*)
7. *Innovación en los programas académicos de formación de profesionales, especialistas en las siguientes áreas: Economía, Sociedad, Pobreza.*
- Ejemplos:*
- IPEA/Brasil
  - Universidad de las Naciones Unidas (Tokio), sus programas mundiales en nivel de posgrado e investigación científica
  - Redes Universitarias/Términos de Trabajo en red mundial (*desarrollo sostenible, entre otros*)
  - Escuelas de pensamiento, de formación de líderes
8. *Desarrollo Sostenible, Biodiversidad e Interculturalidad.*
- Ejemplos:*
- Río + 20 (*Escenario Mundial, llave para el impulso del pensamiento del Sur*)
  - Convenciones Mundiales (*Clima, biodiversidad, entre otros*)
9. *Valoración del buen vivir y de los comportamientos individuales, colectivos, orientados al cambio.*
- Ejemplos:*
- Poder de los ciudadanos en la aplicación de políticas antiéticas, anticonsumistas, antiambientales
  - Poder de la Publicidad en el Cambio y en las Reformas

## Parte D: Reflexiones de síntesis

### Tópicos centrales de las reflexiones

#### Aportes del pensamiento del Sur a la política de la civilización

1. *El buen vivir como cosmovisión. En la noción del buen vivir (basada en la dignidad de la persona y el «haber» sustentado con la sociedad y la naturaleza), emerge una particular cosmovisión que cuestiona*



*al sistema capitalista (que mediante sus pautas de explotación, especulación, exclusión y, corrupción, no responde a un buen vivir para todos); y a su vez, nos impone buscar una nueva estrategia para gestionar los recursos (de todo tipo) y la formación de todas las personas vinculadas a esta.*

*El buen vivir como cosmovisión implica adoptar una nueva antropología que abandone al «hombre como lobo del hombre» y se centre en la cooperación y la solidaridad como estrategia para la gestión de la convivencia en un mundo incierto e inestable, a la vez que nos interpela sobre la interdependencia del hombre con la naturaleza y los otros hombres ya que todos compartimos responsabilidad sobre el presente y el futuro en una comunidad de destino.*

*2. Las nuevas Ciencias Sociales para construir el buen vivir. Sugerimos que el pensamiento del Sur debe prestar especial atención a la conformación de los fenómenos sociales como procesos complejos emergentes. El pensamiento del Sur demanda Ciencias Sociales de nuevo tipo que superen las limitaciones del «paradigma de la simplificación y la fragmentación» y den cuenta de que fenómenos como el trabajo, la pobreza, la exclusión y la miseria son interdependientes y deben ser pensados desde una política de civilización. Para ello, sugerimos aprehender las herramientas que proporcionan las nuevas ciencias de la complejidad, pero leídas desde la particular sabiduría acumulada por nuestros pueblos. Esto nos impone problematizar los conceptos desde los cuales se ha impuesto interpretar la vida social, a la vez que problematizamos los instrumentos mismos de interpretación (teorías y paradigmas dominantes), inclusive aquellos nuevos insumos propiciados por las ciencias de la complejidad.*

*3. Caminos hacia una identidad planetaria. Sugerimos prestar atención a la riqueza que emerge en la religación entre lo local y lo global. La dinámica entre lo local y lo global se configura como el escenario en el que se despliegan las sociedades actuales, en este, los nuevos movimientos sociales pueden ser quienes produzcan los pequeños cambios locales que generen una propagación que lleve a un cambio en el sistema global. Para ello, se debe rescatar y nutrir a las identidades locales, hoy cooptadas por los patrones culturales hegemónicos dentro de los cuales lo social se encuentra secuestrado por lo político, y lo político se encuentra secuestrado por lo económico, y donde la civilización misma se mueve en torno a diversas adicciones que, como atractivos sociales, condicionan el comportamiento humano.*

*Consideramos que una estrategia que contemple el Movimiento de los Movimientos Sociales es*

*central para el trabajo contra-hegemónico del pensamiento del Sur. Por ello sugerimos prestar especial atención a los eventos en Oriente Medio (Egipto, Libia, entre otros), y a la constante conformación movimientos sociales que han asistido en la revitalización de las identidades (familiares, tribales, religiosas, de género etc.) que en una dinámica interdependiente, crítica y comprensiva, pueden asistir para la construcción de una identidad planetaria acogedora de paz y no violencia, una Unidad Múltiple.*

## Parte E: Conclusiones y recomendaciones para la continuidad del proceso

*Considerar como momentos especiales para el pensamiento del Sur como horizonte inmediato:*

### *1. RIO + 20*

*Conferencia de la ONU sobre Desarrollo Sostenible, 2012, Río de Janeiro*

*Oportunidad privilegiada para una intervención calificada junto a los diversos segmentos, actores sociales, que estarán involucrados en dicha Conferencia, con repercusión en la opinión pública mundial.*

### *2. Il Manual de iniciación pedagógica en el pensamiento complejo (2012)*

*Producción de un segundo Manual del Pensamiento Complejo, teniendo como meta para su lanzamiento el momento de realización de la Conferencia Mundial de Medio Ambiente convocada por la ONU para el año 2012, en Río de Janeiro.*

### *3. Plataforma del milenio 2015*

*2015, año de evaluación del cumplimiento de las metas propuestas por el Plan Global para Alcanzar los «Objetivos de Desarrollo del Milenio», lanzado por la ONU en enero del 2005.*

### *4. Observatorio de las experiencias emergentes/exitosas del pensamiento del Sur*

*Organización de espacio/observatorio/instrumento (algo en este sentido) que pueda recibir/recolectar informaciones sobre las miríadas de experiencias que emergen de forma exitosa, por el mundo, representativas del pensamiento del Sur, para que se puedan compartir en red.*

**El buen vivir como cosmovisión implica adoptar una nueva antropología que abandone al «hombre como lobo del hombre» y se centre en la cooperación y la solidaridad.**

\* **Coordenadora do grupo:** Maria Conceição de Almeida (Brasil)

**Relatora:** Maria Cândida Moraes (Brasil)

**Participantes:** Ana Cecilia Espinosa Martinez (México), Antonio Viveiros (Brasil), Elba Del Carmen Riera (Argentina), Hugo Neira (Peru), Izabel Cristina Petraglia (Brasil), Juan Miguel Gonzalez (Bolívia), Luiz Carrizzo (Argentina), Luiz Fernando de Moraes (Brasil), Luz Madera Soriano (Rep. Dominicana), Marco Antonio Velilla Moreno (Colômbia), Maria Alice Lopes de Souza (Brasil), Pascal Galvani (Canadá), Rosilene Souza Almeida (Brasil), Teresa Salinas Gamero (Peru), Santo Di Nuovo (Itália)

## Grupo 2\*

# A reforma da educação

Os trabalhos foram iniciados tendo como referências as seguintes questões propostas pela coordenação-geral do evento:

- Quais são os temas que inspiram o pensamento do Sul?
- Quais as experiências inovadoras implementadas e/ou em curso que ilustram o pensamento e as identidades do Sul?
- Que questões prioritárias devem ser tratadas pelo olhar do Sul na direção de uma política de civilização?
- Que conclusões e recomendações podem ser identificadas para a continuidade do processo?

De início, duas preocupações, em relação aos resultados pretendidos deste Encontro foram abordadas. Primeira, a necessidade de se garantir que o pensamento do Sul realmente se converta em proposta concreta de ações e intervenções nos diversos âmbitos educacionais. Segunda, a importância de se ter clareza em relação às possíveis estratégias que permitam levar o pensamento do Sul à educação formal, não formal e informal, com o que todos concordaram.

A seguir, foi observada a importância de se esclarecer o sentido em que está sendo utilizada a palavra Sul. Após algumas intervenções, chegou-se à conclusão de que a expressão “pensamento do Sul” estaria sendo usada em um sentido metafórico e estratégico. Trata-se de uma metáfora, de uma noção aberta, o que significa estar aberto às alternativas que emergem não somente do contexto hegemônico do Norte, mas também fora dele. Aberto às experiências emergentes de mudança educacional dos diversos países; à necessidade de dar visibilidade àquelas experiências que nascem nas periferias, às experiências reveladoras da mestiçagem dos povos, da igualdade de gêneros, às experiências que valorizam sua ancestralidade, entre outros aspectos.

Ainda dentro dessa visão metafórica, destacou-se a importância de se resgatar as alternativas educacionais genuínas emergentes nos países do Sul, o que implica estar aberto às diferentes reivindicações de suas culturas nativas e atento ao resgate de suas tradições. Nesse sentido, ratificou-se a importância de se recuperar o espírito andino de construir-se, reconstruindo-se a cada instante, de buscar o bem comum e o bem viver, de almejar o bem estar comunitário; o espírito revelador de sua coerência, destacando sua capacidade de diálogo e consciência de reciprocidade, na tentativa de integrar a sabedoria de vida com a sabedoria universal.

Além da visão metafórica, chegou-se ao acordo de que a palavra Sul tem também um sentido estratégico, capaz de incluir o que acontece nas diversas culturas, para que se possa prestar mais atenção ao que é minoritário, ao que é emergente e ao que é excluído. É uma palavra que traz consigo a possibilidade

de fermentação de algo novo, capaz de regenerar uma nova política de civilização. Destacou-se também a necessidade de se ter cuidado para não se trabalhar o pensamento do Sul a partir de uma visão reducionista do ser humano e da vida e a importância de conjugar este pensamento com os problemas da humanidade atualmente mais relevantes e com o que já está estabelecido no pensamento complexo de Edgar Morin. Falar do pensamento do Sul é falar do pensamento complexo. Falar do pensamento do Sul é falar da visão complexa da condição humana.

A seguir, foram levantadas as seguintes questões: como fazer com que o pensamento do Sul chegue aos estudantes, às escolas e às universidades? Como fazer com que os reitores e os gestores de instituições públicas e privadas verdadeiramente se comprometam? Como fazer com que o pensamento do Sul incida sobre as políticas públicas e a sociedade civil?

Na discussão, ficou evidente que o primordial estaria no enfrentamento dos diferentes tipos de resistências presentes no pensamento hegemônico e que, em especial, permeiam todas as instâncias universitárias. Resistência às ideias-guia que fundamentam a reforma da educação, embora também se reconheça que novos horizontes começam a se abrir. Entre as ideias-guia do pensamento complexo provocadoras de resistência inversa àquela exercida pelo pensamento hegemônico do Norte, destacam-se: Primeiro, o reconhecimento da complexidade humana. Segundo, a valorização do uso de diversas linguagens. Terceiro, a valorização do conflito. Quarto, a possibilidade de um planejamento flexível. Quinto, a possibilidade de uma autoanálise constante. Sexto, a reforma da educação decorrente, integrada e simultânea à reforma do pensamento. Sétimo, o caminhar da disciplinaridade à transdisciplinaridade. Oitavo, o cultivo do estado poético da existência humana. Nono, a esperança de construção de uma nova política de civilização, da qual nos fala Edgar Morin. Destacou-se, ainda, a invisibilidade do paradigma da fragmentação no indivíduo inconsciente de sua presença e a importância de se encontrar brechas para se iniciar a reforma da educação integrada à reforma do pensamento, necessariamente iluminada por uma maior abertura do coração. Para curar o mundo é preciso recuperar a capacidade amorosa natural do ser humano, ajudá-lo a questionar os padrões de conduta destrutivos, a compreender suas emoções, sentimentos e afetos para que

se possa resgatar a esperança de que outra civilização é possível, urgente e necessária.

Foi também enfatizado que a reforma da educação deveria acontecer a partir de diferentes eixos: o ontológico, o epistemológico, o antropológico, além do eixo ético-político. Todos esses eixos foram muito bem trabalhados por Edgar Morin em suas diversas obras. Não se trata, portanto, de começar a trabalhar um primeiro que o outro, mas todos simultaneamente. E mais, em relação aos aspectos epistemológicos, é preciso deixar claro o que se entende por conhecimento, explicitando suas cegueiras e os compromissos éticos implicados em sua produção.

Por outro lado, é preciso também esclarecer, em relação ao pensamento do Sul, quais são os aspectos éticos e sociopolíticos desejados ou o tipo de diálogo que deverá acontecer entre política e poética. Ou seja, a questão é como estabelecer ou conformar uma política que trabalhe fortemente os aspectos humanistas? Como conceber ou propor determinada política educacional que promova as transformações humanísticas preconizadas no livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro*?

Destacou-se, também, a necessidade de se problematizar o real, de se problematizar as estruturas de poder baseadas na dominação e que estão presentes nas organizações, em geral, e nos sistemas educacionais, em particular, evidenciando suas consequências. É importante reconhecer que, em nossos países, ainda nos defrontamos com pensamentos autóctonos, geradores de uma forma de pensar que homogeneiza processos e que desconsidera as especificidades culturais e a diversidade humana.

Continuando a discussão sobre quais os temas suscitados pelo pensamento do Sul, ficou evidenciado que o saber da existência humana se contrapõe a qualquer ideia de democracia cognitiva obrigatória, reforçando-se a necessidade de se evitar a homogeneização do pensamento. E que não é preciso inventar modelos, mas problematizar, criticar, conscientemente, o atual modelo educacional e não ficar pensando em problemas abstratos. Uma das questões que deveria balizar o pensamento do Sul seria: como construir nosso futuro? Sabemos que o futuro é construído a partir do nosso presente, das escolhas realizadas no presente. É preciso também problematizar a razão, em prol de uma racionalidade aberta, capaz de acolher argumentos e fatos aparentemente contrários, ou seja, problematizar o abuso da racionalidade fechada.

Ao se pensar em reforma da educação, a partir do pensamento do Sul, outras questões também devem ser trabalhadas: como fazer com que os sistemas educativos aprendam a trabalhar com o imprevisível, o inesperado, o novo e o emergente? Como devemos educar para que os alunos possam afrontar o imprevisível? Como criar condições ou circunstâncias que favoreçam a curiosidade, a surpresa e a descoberta? É preciso compreender que a incerteza é parte constitutiva da vida e de seus processos auto-eco-organizadores e aprender a dedicar um tempo para trabalhar o imprevisível decorrente da "ecologia da ação", trabalhar o imaginário e reinventar o que precisa ser reinventado. Ficou também evidenciado que, hoje, apesar de todo sistema de informação disponível, temos dificuldades para pensar sobre o nosso pensar, para novas descobertas, para sermos originais em nossa maneira de ser, de pensar e de viver/conviver.

Outra questão importante está na necessidade de evitar a dissonância cognitivo-afetiva de que nos fala Morin e buscar integrar pensamento e sentimento, educação e vida, vida e aprendizagem, dando o devido destaque aos saberes decorrentes das experiências vividas. A aceleração da vida vem fazendo com que não respeitemos o tempo *kairós* de cada indivíduo. A complexidade precisa nos ajudar a reconhecer o tempo *kairós* de cada ser humano. Cada indivíduo traz consigo a singularidade de sua experiência e a aprendizagem implica o reconhecimento das experiências vividas, a compreensão dos sentidos das vivências internalizadas, digeridas e incorporadas por cada um. Conhecer, aprender, ser capaz de organizar e transmitir informações requer o exercício do tempo kairológico de cada ser humano. A fragmentação do tempo é consequência do desconhecimento das condições implícitas da existência humana.

A seguir, ficou evidenciado que todos esses aspectos discutidos exigem um quadro epistemológico e metodológico mais amplo e profundo e que um dos grandes problemas da educação atual, que dificulta a reforma do pensamento e a reforma da educação, é a insuficiência da formação docente recebida por parte do professorado e a dificuldade que a maioria tem de trabalhar as questões ontológicas e epistemológicas e suas implicações nas práticas educativas. Trata-se, em realidade, de uma volta coperniana que implica a passagem de um paradigma de uma ciência aplicada a um paradigma reflexivo e crítico, a partir de processos auto-eco-formadores enraizados na

formação para o bem viver. Bem viver como cosmovisão baseada na preservação da dignidade humana e na sustentabilidade do planeta.

Chegou-se a um consenso geral de que é preciso pensar, com urgência, na formação dos formadores, tanto no que se refere à formação inicial como à formação ao longo da vida profissional, condição para alcance dos objetivos pretendidos a partir desse pensamento. Esta é uma questão chave, uma questão central para a reforma da educação a partir de uma reforma do pensamento do professorado, entendendo que o pensamento do Sul pode dar origem a uma importante rede de formação de formadores, com impacto nos diferentes países.

Para tanto, é preciso desenvolver um olhar antropológico, trabalhar as dimensões ético-políticas, aprender a reconhecer a unidade na diversidade, compreender a complexidade dos processos de ensino-aprendizagem, incorporar a incerteza como desafio emergente, trabalhar a "ecologia da ação", aprender a problematizar a vida. O grande desafio está em como trabalhar e articular essas questões no cotidiano dos centros educativos e em seus respectivos contextos, em como religar os diferentes saberes e iniciar o diálogo das civilizações, um diálogo nutrido por um pensamento complexo, crítico e descolonizador.

Por outro lado, é também preciso nutrir a humildade e ser consciente de que não somos os representantes da diversidade dos saberes das tradições, muito menos donos da verdade.

E mais, urge pensar em estratégias integradas capazes de colaborar para a reforma da educação. Estratégias que envolvam políticas públicas, administrações, professorado, alunado, bem como o uso das tecnologias digitais. É preciso também reconhecer os impedimentos reais que dificultam o trabalho em educação e descobrir as brechas que nos ajudem a colocar em marcha o pensamento do Sul, ou seja, o pensamento complexo no âmbito educacional.

Vários outros aspectos também foram evidenciados nas intervenções realizadas. Entre eles, destacou-se que o pensamento do Sul, entre outros aspectos, deveria:

- Constituir-se em uma nova proposta que necessariamente aprenda a dialogar com o pensamento do Norte, identificando suas cegueiras e incompreensões.
- Trabalhar a partir de uma educação libertadora, para que os indivíduos possam, conscientemente, exercer sua cidadania.

- Reconhecer que um de seus conceitos-chave está na dialógica, como um dos operadores cognitivos mais importantes para o enfrentamento da problemática inerente ao pensamento moderno.

- Pensar a educação como um sistema global, reconhecendo a existência de outros espaços de aprendizagem e meios facilitadores que influenciam a mudança de consciência do ser aprendiz, destacando, inclusive, o importante papel da família e da comunidade na consecução de tais processos.

- Cuidar também dos aspectos estéticos inerentes à complexidade, escolhendo termos, expressões e palavras mais representativas e condizentes com os fundamentos professados.

No que se refere à segunda pergunta pertinente às experiências inovadoras implementadas e/ou em curso que ilustram o pensamento e as identidades do Sul, estas serão apresentadas ao final deste documento.

Em relação ao debate desenvolvido a partir da terceira pergunta: quais são as questões prioritárias a serem tratadas pelo olhar do Sul na direção de uma política de civilização? Ou seja, quais são as mensagens do Sul para uma política de civilização, foram destacados vários aspectos importantes, a seguir, apresentados.

Partiu-se do reconhecimento de que vários são os aspectos a ser trabalhados sob a ótica do pensamento do Sul. Entre eles, inicialmente, foram listados os seguintes: a concepção dialógica do uno e do múltiplo; a ética da compreensão; a reflexividade e a autocrítica; a solidariedade e a responsabilidade como aspectos vitais para o desenvolvimento dos indivíduos e das sociedades; a humildade necessária diante dos limites do conhecimento; a democracia cognitiva, a cultura cidadã e o cultivo do estado estético e poético da existência humana.

Nesse debate, ficou evidenciada a necessidade do pensamento do Sul restaurar valores, regenerar e promover uma ética da diversidade, bem como a democracia, destacando a importância de se revitalizar as qualidades e os valores culturais de cada comunidade, incentivando a solidariedade entre os povos e promovendo uma educação solidária, que reconheça o outro em seu legítimo outro, que ajude o aluno a aprender a dialogar, a descentrar-se, a desenvolver empatia, a colocar-se no lugar do outro. É preciso fazer da escola um laboratório para uma educação democrática,

para a vivência da democracia no cotidiano da vida escolar. Falar de democracia cognitiva é falar do diálogo entre consenso e conflito, o que implica o verdadeiro exercício dialógico, como condição fundamental para o alcance dos objetivos almejados por um pensamento complexo do Sul.

Após o debate a respeito dos aspectos elencados, foi abordada a necessidade de se garantir a ecologia de conhecimentos, bem como a importância de se reconhecer os diferentes estilos de aprendizagem e formas de produção do conhecimento, em especial, a importância das tradições.

Chegou-se também a um consenso sobre a necessidade de que a mensagem do Sul reconheça a percepção da desordem como algo criativo e possibilitador de novas emergências construtivas e significativas. É mais, conhecer o conhecimento implica saber que temos limites como também muitas outras possibilidades enriquecedoras. Daí a necessidade de se resgatar a humildade diante do processo de construção do conhecimento e diante da realidade, a partir do reconhecimento de que, em verdade, não representamos a realidade. Ela é construída e reconstruída a cada instante, a partir das relações de interdependência entre indivíduo/sociedade e natureza, a partir de nossas relações com o triângulo da vida. Daí a importância de nos abirmos a uma educação para a vida ao longo de toda vida!

Foi também evidenciado a necessidade de se repensar o que é ser humano em pleno século XXI, bem como de se discutir a respeito do significado da vida e a importância de reconhecê-la como uma obra sempre aberta que se auto-organiza e se reorganiza a cada instante, a partir de sua natureza autopoietica.

A partir desta compreensão, abordou-se a necessidade de que a mensagem do Sul, em direção a uma nova política de civilização no campo educacional, que verdadeiramente privilegie o aprendizado a respeito da vida, a partir de vivências concretas, e refletindo a cada instante sobre o que é o bem viver e a importância de se trazer vida aos ambientes educativos. Precisamos exercitar esta experiência de fluxo nos ambientes educacionais e abrir a razão humana para vivenciar, de maneira dialógica, esta abertura, para integrar os saberes provenientes das experiências lógicas com os saberes poéticos nutridores da vida. Tais aspectos devem incitar o indivíduo a perguntar sempre a respeito do que

é que vale a pena ser conhecido e aprendido e qual a natureza do conhecimento pertinente.

De maneira complementar, foi evidenciada a importância de a educação iniciar ou incorporar o debate sobre a questão da consciência e da espiritualidade, esclarecendo sempre de qual espiritualidade se está falando. O mesmo deve ser feito em relação à consciência. Um destaque especial foi dado à importância do exercício do silêncio como oportunidade de autoconhecimento, de escuta sensível das próprias necessidades e como condição para se promover estados de serenidade, calma e paz interior, dimensões humanas fundamentais para o cultivo de uma cultura de paz e não violência.

Foi também ratificada a importância de se criar ou de se construir ambientes de aprendizagem ou cenários de aprendizagem que privilegiem o diálogo, em seu sentido mais amplo. Os professores precisam aprender a dialogar se pretendem que as disciplinas verdadeiramente dialoguem. Diálogo entendido não apenas como requisito existencial que valoriza a construção coletiva do conhecimento, mas também como forma de construção de cenários participativos, criativos e emocionalmente saudáveis, facilitadores de processos reflexivos e inovadores.

Discutiu-se também sobre a necessidade do pensamento do Sul gerar uma nova política de civilização, de criar e nutrir outra forma de civilização, capaz de resgatar a vida ameaçada no planeta Terra. Para tanto, é necessário, no que se refere ao conhecimento, se trabalhar com outros princípios de inteligibilidade e operar no nível da experimentação fenomenológica, lembrando que conhecimento implica experiência corporal e a educação deve fomentar, com maior ênfase, momentos de experimentação individual e construção coletiva. Observou-se também a importância da educação prover mecanismos pedagógicos para que o aluno possa experimentar outros estados de ser.

Nesse sentido, foi destacada a importância do pensamento do Sul incorporar estratégias didáticas alternativas que reconheçam a multidimensionalidade humana, entendendo que toda reforma do pensamento deve vir acompanhada ou balizada por maior abertura do coração, para que se possa recuperar a capacidade amorosa natural do ser humano. Entendemos que, para curar o planeta, é preciso curar os padrões de condutas destrutivos de seus habitantes. Para tanto, é preciso educar a sensibilidade, privilegiar não apenas os aspectos cognitivos, mas também os emocionais; aprender a se auto-observar, a contemplar, a sentir esteticamente, a desenvolver uma escuta mais sensível e um diálogo mais afetivo, reconhecendo o papel das emoções nos processos de reflexão e de construção do conhecimento.

Destacou-se também a importância da transdisciplinaridade, como metodologia aberta favorecedora de processos de construção do conhecimento, uma ferramenta capaz de assegurar um novo espaço de interconexão disciplinar e que muito colabora para o reconhecimento e a valorização de outros tipos de conhecimento, a partir da pluralidade de olhares, de linguagens e compreensões.

Para finalizar esta etapa, foi destacada a necessidade de se conjugar esforços no sentido de ratificar a importância das recomendações estabelecidas na Carta de Fortaleza<sup>1</sup>, para a consolidação de uma política de civilização a partir da educação, de uma educação pautada na solidariedade, no desenvolvimento da compreensão humana e na formação ética do gênero humano.

<sup>1</sup> A *Carta de Fortaleza* foi aprovada em Reunião Plenária realizada em 24 de setembro de 2010, ao final da Conferência Internacional sobre os Sete Saberes Necessários à Educação do Presente, promovida pela Unesco/Brasil, em parceria com a Universidade Estadual do Ceará e Universidade Católica de Brasília. Vários educadores e colaboradores do pensamento complexo estavam ali presentes, incluindo Edgar Morin.

Em relação à quarta questão proposta pelos organizadores deste encontro, no sentido de propor algumas recomendações importantes para a continuidade do processo, observou-se, no que se refere às estratégias de ação, visando futuros encaminhamentos e desdobramentos, a importância de se criar um fórum permanente de ações e pesquisas para se pensar em uma educação para uma nova política de civilização. Pretende-se com isto criar uma comunidade de pesquisa-formação-inovação que propicie o desenvolvimento de novas estratégias mais coerentes com a visão complexa e integradora presente no pensamento do Sul. Para tanto, pretende-se incentivar a criação de uma rede de cooperação interinstitucional, capaz de colocar em marcha projetos compartilhados de pesquisa, de formação de formadores e outras ações conjuntas diversificadas. Os princípios que inspiram esta rede deverão ser os mesmos estabelecidos no documento pensamento do Sul.

Foi, também, reconhecida e destacada a importância de se promover a criação do que se poderia chamar de “crisálidas do pensamento complexo”, como uma rede de incubadoras de ideias nutridoras do pensamento do Sul, a serem construídas e multiplicadas em diversas culturas, cidades, universidades e escolas. Seriam espaços criativos e não dogmáticos dedicados a discutir a diversidade de saberes e modos de viver. Como incubadora de ideias e experiências, esses espaços teriam, como princípio maior, a dialogia simplicidade-ousadia. Em alguns lugares, fariam parte da estrutura formal de organizações educativas. Em outros, seriam mantidos à margem da estrutura formal de ensino, mas assumidos e mantidos pela instituição (como unidades suplementares, no caso das universidades). Algumas dessas crisálidas poderiam ser itinerantes e servir de pontes de deslocamentos facilitadores do intercâmbio entre saberes diversos.

As crisálidas itinerantes teriam como atividade principal promover cursos de extensão, de formação e atualização de professores do ensino básico, médio e superior, cursos que poderiam ser oferecidos duas vezes por ano, com duração de duas semanas cada. Tais cursos seriam organizados e desenvolvidos, conjuntamente, por pesquisadores acadêmicos e intelectuais da tradição.

Singulares em seus formatos, as crisálidas teriam em comum dois horizontes: a construção de um pensamento e uma cultura plurais, e o desenvolvimento de estratégias de métodos que facilitem a emergência de um pensamento do Sul, complexo, capaz de tecer junto saberes científicos e saberes da tradição.

Entendido como estratégia, portanto em permanente construção, o método poder-se-ia valer, talvez, de um operador quaternário que agrupasse os verbos gerar, expandir, expulsar, consolidar. Como pontos de um holograma, cada um desses movimentos deveria conter as potencialidades dos outros. O interior das crisálidas (gestação e expansão) se desdobraria e se desterritorializaria (expulsão) para alcançar a maturidade (consolidação) e, mais uma vez, gerar novos caminhos, expandindo experiências, induzindo a exo-referências, entre outros relevantes aspectos.

**A importância de se promover a criação do que se poderia chamar de “crisálidas do pensamento complexo”, como uma rede de incubadoras de ideias nutridoras do pensamento do Sul.**

Sejam chamadas crisálidas do pensamento do Sul, crisálidas do pensamento complexo, crisálidas de saberes plurais ou crisálidas de saberes da tradição, esses espaços de regeneração e metamorfose do pensamento teriam o reconhecimento institucional, o financiamento e apoio para seus projetos e atividades, mas não se vinculariam excessivamente à estrutura institucional e burocrática. A sensibilização e o convencimento institucional sobre a importância desses espaços poderiam



torná-los mais flexíveis, dinâmicos e livres: lugares de respiração das instituições, reservatórios de criatividade, incubadoras de ideias, maquetes de uma sociedade-mundo mais diversa, mestiça, múltipla, plural.

## Reflexões de síntese

### Aspectos centrais das reflexões:

### Contribuições do pensamento do Sul à política de civilização

1. Gestar uma nova política de civilização capaz de resgatar a vida, em seu sentido mais amplo, a partir da construção de políticas sociais, em especial, as educacionais. Resgatar tanto a vida ameaçada no planeta Terra, como a vida nos ambientes educacionais, compreendendo, na prática pedagógica, que educação e vida, vida e aprendizagem não estão separadas. Vida compreendida como obra sempre aberta, sujeita ao imprevisto, ao inesperado, às emergências ocorrentes da “ecologia da ação” e de processos auto-eco-organizadores presentes no fluxo da vida.

Resgatar a vida nos ambientes educacionais implica a necessidade de se evitar a dissonância cognitivo-afetiva de que nos fala Edgar Morin, buscando, para tanto, integrar pensamento, sentimento e ação, e dando o devido destaque aos saberes decorrentes das experiências vividas e aos saberes ancestrais. Reconhecer que cada indivíduo traz consigo a singularidade de suas experiências vividas e que a aprendizagem requer a compreensão do sentido de cada vivência internalizada. Conhecer, aprender, ser capaz de organizar e transmitir informações requer o exercício do tempo natural da vida, do tempo kairológico de cada ser humano, presente na complexidade de sua existência.

A presença da vida nos ambientes educacionais implica também a percepção da desordem como algo criativo e possibilitador de novas emergências construtivas e significativas. Requer também a compreensão de que a vida é construída e reconstruída a cada instante, nas relações de interdependência entre indivíduo/sociedade/natureza, ou seja, em nossas relações com o triângulo da vida. Recomenda-se, portanto, uma educação para a vida ao longo da vida.

Assim, uma política de civilização deverá necessariamente privilegiar o aprendizado do respeito a todas as formas de vida, partindo de vivências concretas que levem à reflexão sobre o bem viver

e à importância de nutrir de vida os ambientes educacionais. Isso também requer a integração dos saberes provenientes das experiências lógicas com os saberes poéticos nutridores da vida.

2. Privilegiar, em educação, a ecologia de conhecimentos diversos, a ecologia de saberes, ou seja, investir em uma ecologia de saberes e de conhecimentos de modo a exercitar diferentes níveis de inteligibilidade que reconheçam, no diálogo, o exercício ético de superação das dualidades, das ambivalências e fragmentações. Isso implica a importância de se fazer dialogar educação e vida para poder compreender e colocar em prática o verdadeiro sentido do bem viver. Fazer dialogar o pensamento do Norte e o Pensamento do Sul, identificando suas cegueiras, incompreensões, como também suas emergências criativas. Por a dialogar as ciências naturais com as ciências humanas, bem como os vários segmentos e níveis institucionais do processo educativo, as experiências interculturais, reconhecendo em cada delas a unidade na diversidade e promovendo o diálogo da razão sensível com a razão técnica, para que o poder do conhecimento disciplinar possa ser questionado e capaz de dialogar com outras formas de conhecimento. Para tanto, é preciso que o pensamento do Sul seja um pensamento ecologizante, capaz de religar os diferentes saberes, bem como as diferentes dimensões da vida.

3. Promover estratégias didáticas alternativas que reconheçam a multidimensionalidade humana. Não se recomenda trabalhar em educação com uma visão reducionista do ser humano e da vida, pois a natureza humana é dotada de uma engenharia complexa. Essa multidimensionalidade complexa nos informa que coexiste, em cada sujeito, o pensamento racional, técnico, simbólico, juntamente com o pensamento mítico, intuitivo e mágico, já que não existe um pensamento puramente racional, emocional ou intuitivo. Em realidade, somos feitos de poesia e de prosa, de sonhos, de fantasias, de emoções, de ilusões e de racionalidade. Somos seres bio-psico-socioculturais e espirituais, múltiplas dimensões constitutivas de nossa humanidade.

O desafio está em como trabalhar e articular essas diferentes dimensões no cotidiano da sala de aula, em reconhecer os diferentes estilos de aprendizagem e formas de produção de conhecimento.

Destaque especial foi dado à importância do exercício do silêncio como estratégia para o auto-conhecimento, para uma escuta mais sensível

das próprias necessidades e as do outro, além do reconhecimento da dimensão espiritual do ser humano, a ser mais bem trabalhada nos ambientes educacionais.

4. Promover a reforma da educação integrada à reforma do pensamento e à necessidade de maior abertura do coração, para que se possa recuperar a capacidade amorosa do ser humano e evitar os padrões de conduta destrutivos. Para tanto, é preciso educar a sensibilidade, privilegiar não apenas os aspectos cognitivos, mas também os emocionais; aprender a se auto-observar, a contemplar, a sentir, pensar e agir esteticamente, a desfrutar do silêncio, a desenvolver uma escuta mais sensível e um diálogo mais compreensivo, afetivo e humano, reconhecendo o papel das emoções nos processos de reflexão e de construção do conhecimento, condição fundamental para o desenvolvimento de uma cultura de paz e não violência.

A pretendida reforma da educação deve acontecer nos eixos ontológico, epistemológico, antropoético e ético-político, trabalhados simultaneamente, como condição para se restaurar valores, regenerar e promover uma ética da diversidade, bem como a democracia. Condição, também, para se revitalizar as qualidades e os valores culturais de cada indivíduo e de cada comunidade, incentivando a solidariedade entre os povos e promovendo uma educação solidária, que reconheça o outro em seu legítimo outro. Uma educação que ajude o aluno a aprender a dialogar, a descentrar-se, a desenvolver a empatia, a colocar-se no lugar do outro e a viver plenamente a democracia. É preciso fazer da escola um laboratório para uma educação democrática, para a vivência da democracia no cotidiano da vida escolar, a partir de uma educação libertadora, para que os indivíduos possam, conscientemente, exercer sua cidadania.

A reforma da educação precisa também estar mais atenta à importância do cultivo do lado estético e poético da existência humana.

5. Promover a criação de uma rede de incubadoras de ideias nutridoras do pensamento do Sul, denominadas "crisálidas do pensamento

## A reforma da educação precisa também estar mais atenta à importância do cultivo do lado estético e poético da existência humana.

complexo". Uma rede incubadora de ideias, a ser construída e multiplicada em diversas culturas, cidades, universidades e escolas. Essas crisálidas do pensamento complexo seriam espaços criativos e não dogmáticos dedicados a discutir a diversidade de saberes e modos de viver. Como incubadora de ideias e experiências, esses espaços teriam, como princípio maior, a dialogia simplicidade-ousadia. Em alguns lugares, fariam parte da estrutura formal de organizações educativas. Em outros, seriam mantidos à margem da estrutura formal de ensino, mas assumidos e mantidos pela instituição (como unidades suplementares, no caso das universidades). Algumas dessas crisálidas poderiam optar por ser itinerantes e servirem de pontes de deslocamentos facilitadores do intercâmbio entre saberes diversos.

Como estruturas itinerantes, elas teriam como atividade principal promover cursos de extensão, de formação e atualização de professores do ensino básico, médio e superior, a serem oferecidos duas vezes por ano, com duração de duas semanas cada. Tais cursos seriam organizados e desenvolvidos, conjuntamente, por pesquisadores acadêmicos e intelectuais da tradição.

Singulares em seus formatos, as crisálidas teriam em comum dois horizontes: a construção de um pensamento e uma cultura plurais, e o desenvolvimento de estratégias de métodos que facilitem a emergência de um pensamento do Sul, complexo, capaz de tecer junto saberes científicos e saberes da tradição.

## Recomendações para continuidade do processo

1. Levantamento do estado da arte de experiências educativas complexas e transdisciplinares, no âmbito da educação formal, não-formal e informal, no sentido de identificar os diferentes atores e forças sociais que comungam dos mesmos princípios e fundamentos estabelecidos no pensamento do Sul.
2. Difusão generalizada do pensamento do Sul nos diversos âmbitos educativos, a partir de estratégias de integração transnacional.
3. Estratégias intensivas de formação de formadores mediante o uso de redes nacionais e internacionais, por meio da criação de fóruns permanentes de ações e pesquisas voltadas para uma educação que privilegie o pensamento complexo, crítico e transdisciplinar, visando à construção

de uma nova política de civilização. Para tanto, sugere-se a criação de uma comunidade de pesquisa-formação-inovação que propicie o desenvolvimento de novas estratégias de cooperação interinstitucional, capazes de colocar em marcha projetos compartilhados de pesquisa e formação de formadores, a partir da visão complexa e integradora presente no pensamento do Sul.

4. Desenvolvimento de uma agenda comum que leve em conta as recomendações estabelecidas na Carta de Fortaleza, sobre os sete saberes para uma educação do presente, no sentido de conjugar esforços intelectuais e recursos em direção a uma educação pautada na solidariedade, no desenvolvimento da compreensão humana e na formação ética do gênero humano.
5. Criação de uma rede de incubadoras de ideias nutridoras do pensamento do Sul, denominadas “crisálidas do pensamento complexo”, como estruturas itinerantes para se promover cursos de extensão, de formação e atualização do professorado dos diversos níveis de ensino. Seriam espaços criativos e não dogmáticos dedicados a discutir a diversidade de saberes e modos de viver, entre outros aspectos importantes.

## Algumas experiências inovadoras em andamento

Sabemos que a consolidação de um pensamento do Sul pressupõe audácia, persistência e dedicação na proposição e no desenvolvimento de reflexões e ações concretas que se retroalimentam constantemente. Em relação à segunda pergunta: Quais as experiências inovadoras implementadas e/ou em curso ilustrativas do pensamento e das identidades do Sul, foram apresentadas as seguintes experiências, a seguir relatadas.

1. Em Pós-Graduação
  - a. No espaço acadêmico da pós-graduação brasileira, três experiências já consolidadas expressam esse estilo de pensar e de produzir conhecimento. Uma é representada pelo Grecom, núcleo de pesquisa ligado aos programas de pós-graduação em Educação e em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Outra experiência importante vem sendo desenvolvida pelo Núcleo de Pesquisa Complexus, da PUC/SP e uma terceira vem sendo desenvolvida pelo NIIC, Núcleo de Pesquisa vinculado ao Programa de Educação da Universidade Nove de Julho/Uninove, em São Paulo.
  - b. Vale também destacar o trabalho que, nos últimos três anos, vem sendo desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa ECOTRANS, da Universidade Católica de Brasília e que, assim como as experiências anteriormente citadas, vem desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa e extensão, visando à articulação transdisciplinar entre ciência e arte, educação e vida, saberes científicos, humanísticos e os das tradições.
2. Em Educação Fundamental:
  - a. Uma das experiências significativas em andamento no Brasil, e que vem sendo desenvolvida desde 1981, é o trabalho desenvolvido pela Escola Vila, em Fortaleza, Ceará, voltado para a formação do ser humano integral, com base em uma proposta pedagógica de natureza complexa e transdisciplinar, preocupado com a integração corpo e mente, teoria e prática, educador e educando, buscando romper disjunções, fragmentações e simplificações epistemológicas e metodológicas. Desde sua fundação, a Escola Vila vem se destacando por sua proposta inovadora, voltada para a construção de uma educação diferenciada, a partir da descoberta das necessidades genuínas de cada aluno, da revelação

de seus talentos e habilidades, do resgate de sua autoestima, do desenvolvimento de sua autonomia intelectual e moral, associada a uma profunda reflexão sobre valores, condutas éticas e padrões de comportamentos responsáveis.

- b. Experiência relevante vem sendo desenvolvida pelo SESC e se intitula SESC LER, projeto de alfabetização e escolarização, destinado aos anos iniciais do Ensino Fundamental — de jovens e adultos, e que se encontra presente em 67 municípios do Brasil. É uma experiência que possui estrutura própria para atendimento a pessoas excluídas social e educacionalmente, com foco no acesso e na permanência da educação como direito. O projeto tem em sua concepção a perspectiva da educação em sua totalidade, entendida sob as formas de atuações/intervenções na sociedade, de forma autônoma. Para a coordenação dessa experiência, o pensamento do Sul está presente no Projeto, considerando que busca a mobilização e a intervenção nas comunidades para além da democracia participativa; o respeito à diversidade dos sujeitos e suas diferentes culturas. Pretende-se também que os centros educacionais envolvidos tornem-se polos irradiadores e catalisadores de educação e cultura, a partir de problematizações que possam contribuir para melhoria e ampliação do “bem viver”, como políticas de civilização e humanização. O reconhecimento e a contextualização dos saberes dos educandos de forma transdisciplinar vêm sendo uma estratégia pedagógica importante, bem como o investimento na formação continuada dos professores, tendo como referência a tematização de suas práticas pedagógicas a partir da complexidade em suas diferentes implicações nos processos ensino e aprendizagem.

### 3. Em Educação Superior

Foi relatada também uma experiência em Educação Superior desenvolvida na Itália, mais precisamente na Universidade de Catania, e que teve como objetivo o desenvolvimento da consciência autoanalítica, crítica e auto-organizadora dos sujeitos envolvidos, a partir de seus interesses, atitudes, autoimagem e capacidade decisória. Nessa experiência, que privilegiou sujeitos imigrantes e sem habilitação para o trabalho, a auto-orientação para a escolha do percurso

formativo e profissional, vem sendo desenvolvida desde a escola primária, implicando, ativamente, professores e familiares dos alunos e utilizando múltiplos instrumentos para intercâmbio de informações como, por exemplo, a internet, para assegurar a máxima difusão.

A experiência do Centro de Estudos Universitários Arkos, localizado em Puerto Vallarta, situado em Jalisco, México, também foi destacada em função de sua relevância, pertinência e identificação com o pensamento do Sul. Teve como ponto de partida a busca de uma formação capaz de equilibrar as relações Indivíduo/sociedade/natureza na construção de um mundo melhor. Essa experiência, que envolve docentes, estudantes e gestores, vem sendo desenvolvida há mais de cinco anos, por esta universidade e tem como foco central de suas ações a passagem de uma formação universitária disciplinar para uma formação de natureza transdisciplinar, em todos os seus programas educacionais.

Para tanto, foram desenvolvidas oficinas de pesquisa-ação, a partir das quais foram construídas quatro grandes estratégias, a saber: 1) oficinas de pesquisa-ação-formação transdisciplinar; 2) mesas-redondas transdisciplinares; 3) seminários de teses transdisciplinares; 4) exercícios transdisciplinares em classes universitárias. Tais estratégias vêm consolidando a construção de um caminho capaz de elucidar o como operacionalizar a transdisciplinaridade e a complexidade em uma instituição de educação superior, onde todos os atores universitários estejam implicados e comprometidos com a nova proposta.

Destaca-se também o trabalho de mudança institucional que vem sendo desenvolvido pela Universidade APEC, de Santo Domingo/República Dominicana, na tentativa de reverter um paradigma profissionalizante, centrado em uma docência antipedagógica, alheia à pesquisa, no qual professores e alunos não eram devidamente valorizados, para uma instituição centrada nos processos e nas normas.

Para consecução desse objetivo, a instituição universitária foi reconhecida como um sistema social aberto, cujo processo de mudança poderia ser propiciado mediante a indução de um processo de caos-auto-eco-organizado. Para tanto, a auto-organização institucional deveria estar orientada por um novo esquema de comportamento docente considerado um atrator para o reordenamento do sistema. Foram, então, identificados e considerados como “agentes atratores” do processo os próprios docentes, capazes

de religar os estudantes, formadores e gestores acadêmicos em novos modos de funcionamento e visão institucional. Para tanto, foi redefinido um processo de fortalecimento de suas competências docentes e o empoderamento no esquema de relações institucionais. Foi também estabelecido um novo plano de formação docente centrado em uma pedagogia dialógica, pautada no questionamento e na pesquisa reflexiva, assim como na construção de rede de docentes. Todas essas iniciativas provocaram significativas mudanças na gestão da sala de aula, nas relações com os estudantes, requerendo, por sua vez, a necessidade de formação dos gestores para o devido acompanhamento e intervenção adequada no processo. Exigiu-se também modificações no plano pedagógico institucional, que passou a estar centrado na dinâmica institucional do estudante, o que favoreceu a emergência de uma nova visão e missão da universidade, aumentando sua visibilidade e impacto no contexto nacional.

Outras realizações e experiências foram também apresentadas como, por exemplo, aquelas desenvolvidas na Argentina e voltadas para a construção de uma comunidade do pensamento complexo, envolvendo instituições e pessoas dedicadas à formação, difusão e pesquisa aplicada dos enfoques da complexidade. Esta comunidade possui 4900 membros, distribuídos em 40 países e envolvendo 30 instituições.

Além desta atividade anterior, tanto na Argentina como no Brasil, também, nas últimas décadas, foram organizados vários grupos de estudo e pesquisa, em universidades públicas e privadas, tendo como foco de trabalho o pensamento complexo. Tais grupos vêm publicando, elaborando livros coletivos e atuando em cursos de Mestrado, Doutorado e Pós-Graduação.

Em relação ao trabalho desenvolvido na Colômbia, fomos informados de que a experiência prática sobre o pensamento complexo se desenvolveu em relação a dois grandes objetivos. Primeiro, visando à socialização do Pensamento complexo e, segundo, voltado à construção de estratégias capazes de integrar as experiências desenvolvidas. No que se refere à socialização, esta aconteceu em duas perspectivas: uma, a socialização teórica mediante a difusão dos princípios ou ideias-guia do pensamento complexo, complementada em uma segunda etapa pela socialização à determinadas populações da sociedade civil.

No que se refere às estratégias de integração das experiências, segundo o relator, essas aconteceram mediante a produção de um manual de iniciação ao pensamento complexo e o oferecimento de uma proposta ao sistema educativo colombiano, mediante o projeto "Franquicia Educativa", visando à socialização de experiências exitosas desenvolvidas a partir do pensamento complexo aplicado à educação. Foi também programado "Fórum-Clube", envolvendo ministros, presidentes de agremiações de companhias e as altas cortes do país, para discussão de políticas públicas, a partir das ideias-base da complexidade e sua incidência em diversas disciplinas.

# Grupo 2<sup>\*</sup>

## La reforma de la educación

**\* Coordinadora del Grupo:** Maria Conceição de Almeida (Brasil)

**Relatora:** Maria Cândida Moraes (Brasil)

**Participantes:** Ana Cecilia Espinosa Martinez (México), Antonio Viveiros (Brasil), Elba Del Carmen Riera (Argentina), Hugo Neira (Perú), Izabel Cristina Petraglia (Brasil), Juan Miguel Gonzalez (Bolivia), Luiz Carrizzo (Argentina), Luiz Fernando de Moraes (Brasil), Luz Madera Soriano (Rep. Dominicana), Marco Antonio Velilla Moreno (Colombia), Maria Alice Lopes de Souza (Brasil), Pascal Galvani (Canadá), Rosilene Souza Almeida (Brasil), Teresa Salinas Gamero (Perú), Santo Di Nuovo (Italia)

*Los trabajos se iniciaron teniendo como referencia las siguientes cuestiones propuestas por la Coordinación General del evento:*

- *¿Qué temas inspiran el pensamiento del Sur?*
- *¿Cuáles son las experiencias innovadoras implementadas y/o en curso que ilustran el pensamiento y las identidades del Sur?*
- *¿Cuáles son las cuestiones prioritarias que deberán ser tratadas por la mirada del Sur hacia una política de civilización?*
- *¿Qué conclusiones y recomendaciones pueden identificarse para la continuidad del proceso?*

*Inicialmente, se han abordado dos preocupaciones respecto a los resultados que se esperan de este Encuentro. La primera es la necesidad de garantizar que el pensamiento del Sur realmente se convierta en una propuesta concreta de acciones e intervenciones en los diferentes ámbitos educacionales. La segunda es la importancia de tener claridad respecto a las posibles estrategias que permitan llevar el Pensamiento del Sur a la educación formal, no formal e informal, con lo que todos estuvieron de acuerdo.*

*Enseguida, se ha observado la importancia de aclarar el sentido en que se está utilizando la palabra SUR. Después de algunas intervenciones, se ha llegado a la conclusión de que la expresión «pensamiento del Sur» estaría siendo utilizada en un sentido metafórico y estratégico. Se trata de una metáfora, de una noción abierta, lo que significa estar abierto a las alternativas que emergen no solamente desde el contexto hegemónico del Norte, sino también fuera de él. Abierto a las experiencias emergentes de cambio educacional de los diferentes países; a la necesidad de dar visibilidad a aquellas experiencias que nacen en las periferias, a las experiencias reveladoras del mestizaje de los pueblos, de la igualdad de géneros, a las experiencias que valoran su ancestralidad, entre otros aspectos.*

*Aún dentro de esta visión metafórica, se ha destacado también la importancia de rescatar las alternativas educacionales genuinas emergentes en los países del Sur, lo que implica estar abierto a las diferentes reivindicaciones de sus culturas nativas y atento al rescate de sus tradiciones. En este sentido, se ha ratificado la importancia de recuperar el espíritu andino de construirse, reconstruyéndose a cada momento, de buscar el bien común y el buen vivir, de aspirar el bienestar comunitario, el espíritu revelador de su coherencia, destacando su capacidad de diálogo y conciencia de reciprocidad, en el intento de integrar la sabiduría de la vida a la sabiduría universal.*

*Además de la visión metafórica, se ha llegado a un acuerdo de que la palabra SUR tiene también un sentido estratégico, capaz de incluir lo que ocurre en las diversas culturas, para que se pueda dar mayor atención a lo que es minoritario, emergente y excluido. Es una palabra que trae en sí la posibilidad de fermentación de algo nuevo, capaz de regenerar una nueva política de civilización. Se ha destacado también la necesidad de cuidado en no trabajar el pensamiento del Sur desde una visión reduccionista del ser humano y de la vida, así como la importancia de conjugar este pensamiento con los problemas de la humanidad actualmente más relevantes y con lo que ya está establecido en el pensamiento complejo*

de Edgar Morin. Hablar del pensamiento del Sur es hablar del pensamiento complejo, de la visión compleja de la condición humana.

Luego, se han levantado las siguientes cuestiones: ¿Cómo hacer que el pensamiento del Sur llegue a los estudiantes, a las escuelas y universidades? ¿Cómo hacer que los rectores y gestores institucionales del sector público y privado se comprometan realmente? ¿Cómo hacer que el pensamiento del Sur incida sobre las políticas públicas y la sociedad civil?

En dicha discusión, se pudo notar evidentemente que lo primordial reside en el enfrentamiento de los diferentes tipos de resistencias presentes en el pensamiento hegemónico y que, especialmente, permean todas las instancias universitarias. Resistencia a las ideas-guías que fundamentan la reforma de la educación, aunque también se reconozca que nuevos horizontes empiezan a abrirse. Entre las ideas-guías del pensamiento complejo provocadoras de resistencia inversa a aquella que se ejerce por el pensamiento hegemónico del Norte, se destacan: Primero, el reconocimiento de la complejidad humana. Segundo, la valoración del uso de los diferentes lenguajes. Tercero, la valoración del conflicto. Cuarto, la posibilidad de una planificación flexible. Quinto, la posibilidad de un autoanálisis constante. Sexto, la reforma de la educación que se origina, se integra y es simultánea a la reforma del pensamiento. Séptima, el caminar de la disciplinarietà a la transdisciplinarietà. Octava, el cultivo del estado poético de la existencia humana. Novena, la esperanza de construcción de una nueva política de civilización, de la que nos habla Edgar Morin. Se ha destacado, aun, la invisibilidad del paradigma de fragmentación en el individuo inconsciente de su presencia y la importancia de encontrar brechas para iniciar la reforma de la educación integrada a la reforma del pensamiento, necesariamente alumbrada por una mayor apertura del corazón. Para curar el mundo, es necesario recuperar la capacidad amorosa natural del ser humano, ayudarlo a cuestionar los patrones de conducta destructivos, a comprender sus emociones, sentimientos y afectos para que se pueda efectivamente rescatar la esperanza de que es posible, urgente y necesaria otra civilización.

Se ha enfatizado, asimismo, que la reforma de la educación debería ocurrir desde diferentes ejes: el ontológico, el epistemológico, el antropoético, además del eje ético-político. Todos esos ejes fueron muy bien trabajados por Edgar Morin en sus diferentes obras. No se trata, por lo tanto, de empezar a trabajar en uno antes que en el otro, sino que en todos simultáneamente. Es más: respecto a los aspectos epistemológicos, es necesari-

rio aclarar qué es lo que se entiende como conocimiento, explicitando sus cegueras y los compromisos éticos que residen en su producción.

Por otro lado, también es necesario aclarar, respecto al pensamiento del sur, cuáles son los aspectos éticos y sociopolíticos que se aspiran o el tipo de diálogo que deberá ocurrir entre política y poética. Es decir, la cuestión es: ¿Cómo establecer o conformar una política que trabaje fuertemente los aspectos humanistas? ¿Cómo concebir o proponer determinada política educacional que promueva las transformaciones humanísticas preconizadas en el libro Los siete saberes necesarios para la educación del futuro?

Se ha destacado también la necesidad de problematizar lo real, problematizar las estructuras de poder basadas en la dominación y que se encuentran presentes en las organizaciones en general, en particular en los sistemas educacionales, evidenciando sus consecuencias. Es importante reconocer que en nuestros países aún nos deparamos con pensamientos autóctonos, generadores de una forma de pensar que homogeneiza procesos y desconsidera las especificidades culturales y la diversidad humana.

Siguiendo la discusión sobre cuáles son los temas que suscita el pensamiento del Sur, ha quedado evidente que el saber de la existencia humana se contrapone a cualquier idea de democracia cognitiva obligatoria, reforzando la necesidad de evitar la homogeneización del pensamiento. Y que no es necesario inventar modelos, sino problematizar, criticar, conscientemente, el actual modelo educacional y no pensar en problemas abstractos. Una de las cuestiones que debería distinguir el pensamiento del Sur sería: ¿Cómo construir nuestro futuro? Sabemos que el futuro se construye a partir de nuestro presente, de las elecciones realizadas en el presente. Es necesario también problematizar la razón en pro de una racionalidad abierta, capaz de acoger argumentos y hechos aparentemente contrarios, es decir, problematizar el abuso de la racionalidad cerrada.

Al pensar en reforma de la educación, a partir del pensamiento del Sur, otras cuestiones también deben ser trabajadas: ¿Cómo hacer que los sistemas educativos aprendan a trabajar con lo imprevisible, lo inesperado, lo nuevo y lo emergente? ¿Cómo debemos educar para que los alumnos puedan afrontar lo imprevisible? ¿Cómo crear condiciones o circunstancias que puedan favorecer la curiosidad, la sorpresa y el descubrimiento? Es necesario comprender que la incerteza es parte constitutiva de la vida y de sus procesos auto-eco-organizadores y aprender a dedicar un tiempo a trabajar lo impredecible que se origina

en la «ecología de la acción», trabajar lo imaginario y reinventar lo que debe reinventarse. También se ha evidenciado que hoy, pese a todo el sistema de información disponible, tenemos dificultades para pensar sobre nuestro pensar, para nuevos descubrimientos, para ser originales en nuestra manera de ser, de pensar y de vivir/convivir.

Otra cuestión importante reside en la necesidad de evitar la disonancia cognitivo-afectiva de la que nos habla Morin y buscar integrar pensamiento y sentimiento, educación y vida, vida y aprendizaje, dando el debido relieve a los saberes que vienen de las experiencias vividas. La aceleración de la vida viene haciendo que no respetemos el tiempo *kairós* de cada individuo. Se a complejidad nos debe ayudar a reconocer el tiempo *kairós* de cada ser humano. Cada individuo trae consigo la singularidad de su experiencia y el aprendizaje implica el reconocimiento de las experiencias vividas, la comprensión de los sentidos de las vivencias internalizadas, digeridas e incorporadas por cada uno. Conocer, aprender, ser capaz de organizar y transmitir informaciones requiere el ejercicio del tiempo *kairológico* de cada ser humano. La fragmentación del tiempo es consecuencia del desconocimiento de las condiciones implícitas de la existencia humana.

Luego, se ha evidenciado que todos estos aspectos en discusión exigen un cuadro epistemológico y metodológico más amplio y profundo y que uno de los grandes problemas de la educación actual, que dificulta la reforma del pensamiento y la reforma de la educación, es la insuficiencia de la formación docente que el profesorado recibe y la dificultad que la gran mayoría tiene de trabajar las cuestiones ontológicas y epistemológicas y sus implicaciones en las prácticas educativas. Se trata, en realidad, de un giro Copernicano que implica el pasaje de un paradigma de una ciencia aplicada a un paradigma reflexivo crítico, desde procesos auto-eco-formadores arraigados en la formación para el buen vivir. Buen vivir como cosmovisión, basada en la preservación de la dignidad humana y en la sostenibilidad del planeta.

Se ha llegado a un consenso general de que se debe pensar, urgentemente, en la formación de los formadores, tanto en lo que concierne a la formación inicial, como a la formación a lo largo de la vida profesional, condición para el alcance de los objetivos que se aspiran a partir de dicho pensamiento. Esta es una cuestión clave, central para la reforma de la educación a partir de una reforma del pensamiento del profesorado, entendiendo que el pensamiento del Sur puede originar una importante red de formación de formadores, con impacto en los diferentes países.

Para ello, es necesario desarrollar una mirada antropológica, trabajar las dimensiones ético-políticas, aprender a reconocer la unidad en la diversidad, comprender la complejidad de los procesos de enseñanza-aprendizaje, incorporar la incerteza como desafío emergente, trabajar la «ecología de la acción», aprender a problematizar la vida. El gran desafío está en cómo trabajar y articular dichas cuestiones en el cotidiano de los centros educativos y en sus respectivos contextos, cómo reconectar los diferentes saberes e iniciar el diálogo de las civilizaciones, un diálogo nutrido de un pensamiento complejo, crítico, descolonizador.

Por otro lado, es necesario nutrir también la humildad y ser conscientes de que no somos los representantes de la diversidad de los saberes de las tradiciones, mucho menos los dueños de la verdad.

Asimismo, se hace urgente pensar en estrategias integradas capaces de colaborar con la reforma de la educación. Estrategias que involucren políticas públicas, administraciones, profesorado, alumnado, así como el uso de las tecnologías digitales. Es necesario también reconocer los impedimentos reales que dificultan el trabajo en educación y descubrir las brechas que nos ayuden a poner en marcha el pensamiento del Sur, es decir, el pensamiento complejo en el ámbito educacional.

Varios otros aspectos fueron expuestos en las intervenciones que se han realizado. Entre ellos, se destaca que el pensamiento del Sur, entre otros aspectos, debería:

- Constituirse en una nueva propuesta que necesariamente aprenda a dialogar con el pensamiento del Norte, identificando sus cegueras e incomprensiones.
- Trabajar desde una educación libertadora, para que los individuos puedan, conscientemente, ejercer su ciudadanía.
- Reconocer que uno de sus conceptos clave reside en la dialógica, como uno de los operadores cognitivos más importantes para el enfrentamiento de la problemática inherente al pensamiento moderno.
- Pensar la educación como un sistema global, reconociendo la existencia de otros espacios de aprendizaje y medios facilitadores que influyen el cambio de consciencia del ser aprendiente, destacando, incluso, el importante papel de la familia y de la comunidad en la consecución de tales procesos.
- Cuidar también los aspectos estéticos inherentes a la complejidad, eligiendo términos, expresiones y palabras más representativas y que sean coherentes con los fundamentos profesados.



*En lo que concierne a la segunda pregunta, referente a las experiencias innovadoras implementadas y/o en curso que ilustran el pensamiento y las identidades del Sur, las mismas serán presentadas al término de este documento.*

*Respecto al debate desarrollado a partir de la tercera pregunta: ¿Cuáles son las cuestiones prioritarias que deberán ser tratadas por la mirada del Sur hacia una política de civilización? Es decir, cuáles son los mensajes del Sur para una política de civilización, se han destacado varios aspectos importantes que presentamos a continuación.*

*El punto de partida fue el reconocimiento de que son varios los aspectos que deben ser trabajados a partir del pensamiento del Sur. Entre ellos, inicialmente, se han listado los siguientes: la concepción dialógica de lo uno y de lo múltiple; la ética de la comprensión; la reflexividad y la autocrítica; la solidaridad y la responsabilidad como aspectos vitales para el desarrollo de los individuos y sociedades; la humildad necesaria ante los límites del conocimiento; la democracia cognitiva, la cultura ciudadana y el cultivo del estado estético y poético de la existencia humana.*

*En dicho debate, se ha planteado la necesidad que tiene el pensamiento del Sur de restaurar valores, regenerar y fomentar una ética de la diversidad, así como la democracia, destacando la importancia de revitalizar las cualidades y valores culturales de cada comunidad, impulsando la solidaridad entre los pueblos y fomentando una educación solidaria, que reconozca el otro en su legítimo otro, que ayude al alumno a aprender a dialogar, a descentralizarse, a desarrollar empatía, a ponerse en el lugar de otro. Es necesario hacer de la escuela un laboratorio para una educación democrática, para la vivencia de la democracia en el cotidiano de la vida escolar. Hablar de democracia cognitiva es hablar del diálogo entre consenso y conflicto, lo que implica el verdadero ejercicio dialógico, como condición fundamental para el alcance de los objetivos esperados por un pensamiento complejo del Sur.*

*Después del debate sobre los aspectos aquí expuestos, se ha abordado la necesidad de garantizar la ecología de conocimientos y la importancia de reconocer los diferentes estilos de aprendizaje y formas de producción del conocimiento, especialmente la importancia de las tradiciones.*

*Se ha llegado también a un acuerdo sobre la necesidad de que el mensaje del SUR reconozca la percepción del desorden como algo creativo y posibilitador de nuevas emergencias constructivas y significativas. Es más: conocer el conocimiento implica saber que tenemos tanto límites,*

*como también muchas otras posibilidades enriquecedoras. De ahí la necesidad de rescatar la humildad ante el proceso de construcción del conocimiento y ante la realidad, desde el reconocimiento de que, en verdad, no representamos la realidad, sino que la misma se construye y se reconstruye a cada momento, a partir de las relaciones de interdependencia entre individuo/sociedad y naturaleza. Es decir, a partir de nuestras relaciones con el triángulo de la vida. Por ello, es importante que nos abramos a una educación para la vida a lo largo de toda la vida!*

*Se ha expuesto aún la necesidad de repensar lo que es Ser Humano en pleno siglo XXI, así como discutir sobre el significado de la vida y la importancia de reconocerla como una obra siempre abierta que se auto-eco-organiza y se reorganiza a cada instante, a partir de su naturaleza autopoética.*

*Desde esta comprensión, se ha abordado la necesidad de que el mensaje del Sur hacia una nueva política de civilización en el campo educacional pueda realmente privilegiar el aprendizaje sobre la vida, a partir de vivencias concretas y reflejando en todo tiempo lo que es el buen vivir y la importancia de traer vida a los ambientes educativos. Necesitamos ejercitar esta experiencia de flujo en los ambientes educacionales y abrir la razón humana para vivenciar, de forma dialógica, esta apertura, para integrar los saberes provenientes de las experiencias lógicas a los saberes poéticos que nutren la vida. Dichos aspectos deben incitar el individuo a preguntarse siempre sobre qué vale la pena conocer y aprender y cuál es la naturaleza del conocimiento pertinente.*

*Complementariamente, se ha expuesto sobre la importancia de que la educación inicie o incorpore el debate sobre la consciencia y la espiritualidad, aclarando siempre qué espiritualidad se está planteando. Lo mismo debe hacerse respecto a la conciencia. Se ha destacado la importancia del ejercicio del silencio como oportunidad de autococonocimiento, de escucha sensible de las mismas necesidades y como condición para la promoción de estados de serenidad, calma y paz interior, dimensiones humanas fundamentales para el cultivo de una cultura de paz y no-violencia.*

*Se ha ratificado, también, la importancia de la creación o construcción de ambientes de aprendizaje o escenarios de aprendizaje que privilegien el diálogo en su sentido más amplio. Los profesores deben aprender a dialogar si desean que las disciplinas realmente dialoguen. Diálogo entendido no solamente como requisito existencial que valora la construcción colectiva del conocimiento, sino también como forma de construcción de*

escenarios participativos, creativos y emocionalmente saludables, facilitadores de procesos reflexivos e innovadores.

Se ha discutido, también, sobre la necesidad de que el pensamiento del Sur gesté una nueva política de civilización, cree o nutra otra forma de civilización, capaz de rescatar la vida amenazada en el planeta Tierra. Para ello, se necesita — en lo que se refiere al conocimiento — trabajar con otros principios de inteligibilidad y operar en nivel de la experimentación fenomenológica, teniendo en cuenta que conocimiento implica experiencia corporal y la educación debe fomentar, más enfáticamente, momentos de experimentación individual y construcción colectiva. Se ha observado también que es importante que la educación provea mecanismos pedagógicos para que el alumno pueda experimentar otros estados de ser.

En este sentido, se ha destacado que es importante que el pensamiento del Sur incorpore estrategias didácticas alternativas que reconozcan la multidimensionalidad humana, entendiendo que toda reforma del pensamiento debe estar acompañada o demarcada de mayor apertura del corazón, para que se pueda recuperar la capacidad amorosa natural del ser humano. Entendemos que para curar el planeta es necesario curar los patrones de conductas destructivos de sus habitantes. Para ello, es necesario educar la sensibilidad, privilegiar no solamente los aspectos cognitivos, sino también los emocionales; aprender a auto observarse, a contemplar, a sentir estéticamente, a desarrollar una audición más sensible y un diálogo más afectivo, reconociendo el papel de las emociones en los procesos de reflexión y de construcción del conocimiento.

Se ha destacado también la importancia de la transdisciplinariedad como metodología abierta que favorece los procesos de construcción del conocimiento, una herramienta capaz de asegurar un nuevo espacio de interconexión disciplinar y que mucho colabora con el reconocimiento y la valoración de otros tipos de conocimiento, a partir de la pluralidad de miradas, lenguajes y comprensiones.

**La importancia de promover la creación de lo que se podría llamar «crisálidas del pensamiento complejo», como una red de incubadoras de ideas que nutren el pensamiento del Sur.**

Para finalizar esta etapa, se ha destacado la necesidad de conjugar esfuerzos en el sentido de ratificar la importancia de las recomendaciones que se encuentran establecidas en la Carta de Fortaleza<sup>1</sup>, para la consolidación de una política de civilización a partir de la educación, de una educación pautada en la solidaridad, en el desarrollo de la comprensión humana y en la formación ética del género humano.

Respecto a la cuarta cuestión propuesta por los organizadores de este Encuentro, en lo que concierne a proponer algunas recomendaciones importantes para la continuidad del proceso, se ha observado que se refiere a las estrategias de acción, con la finalidad de encontrar futuros encaminamientos y despliegues, la importancia de crear un foro permanente de acciones e investigaciones para pensar una educación para una nueva política de civilización. Con ello, se pretende crear una comunidad de investigación-formación-innovación que propicie el desarrollo de nuevas estrategias más coherentes con dicha visión compleja e integradora presente en el pensamiento del Sur. Para ello, se pretende fomentar la creación de una red de cooperación interinstitucional que ponga en marcha proyectos con partidos de investigación, formación de formadores y otras acciones conjuntas diversificadas. Los principios que inspiran esta red deberán ser los mismos que se establecieron en el documento pensamiento del Sur.

De igual manera, se ha reconocido y destacado la importancia de promover la creación de lo que se podría llamar «crisálidas del pensamiento complejo», como una red de incubadoras de ideas que nutren el pensamiento del Sur, a ser construidas y multiplicadas en diversas culturas, ciudades, universidades y escuelas. Serían espacios creativos y no dogmáticos dedicados a discutir la diversidad de saberes y modos de vivir. Como incubadora de ideas y experiencias, dichos espacios tendrían, como principio mayor, la dialogía simplicidad-osadía. En algunos lugares, formarían parte de la estructura formal de organizaciones educativas. En otros, se mantendrían al margen de la estructura formal de enseñanza, pero la institución los asumiría y los mantendría (como unidades suplementarias, en el caso de las universidades). Algunas de las crisálidas

<sup>1</sup> La Carta de Fortaleza fue aprobada en la Reunión Plenaria realizada en 24 de septiembre del 2010, al término de la Conferencia Internacional sobre Los Siete Saberes Necesarios a la Educación del Presente, promovida por Unesco/Brasil, en asociación con la Universidad Estatal de Ceará y la Universidad Católica de Brasilia. Varios educadores y colaboradores del pensamiento complejo se encontraban presentes, inclusive a Edgar Morin.

*podrían optar por ser itinerantes y servir de puentes de dislocación facilitadores del intercambio entre saberes diversos.*

*Dichas crisálidas itinerantes tendrían como actividad principal la promoción de cursos de extensión, formación y actualización de profesores de enseñanza básica, media y superior. Los cursos podrían ofrecerse dos veces al año, con duración de dos semanas cada uno. Estos cursos serían organizados y desarrollados en conjunto por investigadores académicos e intelectuales de la tradición.*

*Singulares en sus formatos, las crisálidas tendrían en común dos horizontes: la construcción de un pensamiento y una cultura plurales, y el desarrollo de estrategias y métodos capaces de facilitar la emergencia de un pensamiento del Sur, complejo, que teja juntamente a ello los saberes científicos y saberes de la tradición.*

*Así comprendido como estrategia, por lo tanto en permanente construcción, el método podría valerse, quizá, de un operador cuaternario que agrupara los verbos *gestar*, *expandir*, *expulsar*, *consolidar*. Como puntos de un holograma, cada uno de dichos movimientos debería contener las potencialidades de los otros. El interior de las crisálidas (*gestación* y *expansión*) se desdoblaría y se desterraría (*expulsión*) para alcanzar la madurez (*consolidación*) y, una vez más, *gestar* nuevos caminos, *expandiendo* experiencias, *induciendo* la *exo-referencia*, entre otros aspectos relevantes.*

*Ya bien reciban el nombre de crisálidas del pensamiento del Sur, crisálidas del pensamiento complejo, crisálidas de saberes plurales o crisálidas de saberes de la tradición, dichos espacios de regeneración y metamorfosis del pensamiento tendrían el reconocimiento institucional, el financiamiento y apoyo para sus proyectos y actividades, pero no estarían vinculados excesivamente a la estructura institucional y burocrática. La sensibilización y el convencimiento institucional sobre la importancia de dichos espacios podrían tornarlos más flexibles, dinámicos y libres: lugares de respiración de las instituciones, reservorios de creatividad, incubadoras de ideas, maquetas de una sociedad-mundo más diversa, mestiza, múltiple, plural.*

## Reflexiones de síntesis

### Aspectos centrales de las reflexiones: Aportes del pensamiento del Sur a la política de civilización

*1. Gestar una nueva política de civilización capaz de rescatar la vida, en su sentido más amplio, a partir de la construcción de políticas sociales, especialmente las educacionales. Rescatar tanto la vida amenazada en el planeta Tierra, como la vida en los ambientes educacionales, comprendiendo, a partir de la práctica pedagógica, que educación y vida, vida y aprendizaje, no están separadas. Vida comprendida como obra siempre abierta, sujeta a lo imprevisto, a lo inesperado, a las emergencias que ocurren a partir de la «ecología de la acción» y de procesos auto-eco-organizadores presentes en el flujo de la vida.*

*Rescatar la vida en los ambientes educacionales implica la necesidad de evitar la disonancia cognitivo-afectiva de la que nos habla Edgar Morin, buscando, para ello, integrar pensamiento, sentimiento y acción y dando el debido destaque a los saberes que provienen de las experiencias vividas y los saberes ancestrales. Reconocer que cada individuo lleva adentro la singularidad de sus experiencias vividas y el aprendizaje requiere la comprensión del sentido de cada vivencia internalizada. Conocer, aprender, ser capaz de organizar y transmitir informaciones requiere el ejercicio del tiempo natural de la vida, del tiempo kairológico de cada ser humano, presente en la complejidad de su existencia.*

*La presencia de la vida en los ambientes educacionales implica también la percepción del desorden como algo creativo y posibilitador de nuevas emergencias constructivas y significativas. Requiere también la comprensión de que la vida se construye y se reconstruye a cada momento, a partir de las relaciones de interdependencia entre individuo/sociedad/naturaleza, es decir, a partir de nuestras relaciones con el triángulo de la vida. Se recomienda, por lo tanto, una educación para la vida a lo largo de la vida.*

*De esta manera, una política de civilización deberá, necesariamente, privilegiar el aprendizaje del respeto a todas las formas de vida, a partir de vivencias concretas que lleven a la reflexión sobre el buen vivir y a la importancia de nutrir de vida los ambientes educacionales. Esto requiere también la integración de los saberes provenientes de las experiencias lógicas con los saberes poéticos que nutren la vida.*

*2. Privilegiar, en educación, la ecología de conocimientos diversos, la ecología de saberes, es*

*decir, invertir en una ecología de saberes y de conocimientos para ejercitar diferentes niveles de inteligibilidad que reconozcan en el diálogo el ejercicio ético de superación de las dualidades, de las ambivalencias y fragmentaciones. Esto implica la importancia del diálogo entre educación y vida para poder comprender y poner en práctica el verdadero sentido del buen vivir. Hacer dialogar el pensamiento del Norte y el pensamiento del Sur, identificando sus cegueras, incomprendiones, como también sus emergencias creativas. Poner en diálogo las ciencias naturales y la ciencias humanas, así como los varios segmentos y niveles institucionales del proceso educativo, las experiencias interculturales, reconociendo en cada una de ellas la unidad en la diversidad y promoviendo el diálogo entre la razón sensible y la razón técnica, para que el poder del conocimiento disciplinar pueda ser cuestionado y capaz de dialogar con otras formas de conocimiento. Para ello, es necesario que el pensamiento del Sur sea un pensamiento ecologizante, capaz de reconectar los diferentes saberes, así como las diferentes dimensiones de la vida.*

*3. Promover estrategias didácticas alternativas que reconozcan la multidimensionalidad humana. No se recomienda trabajar en educación a partir de una visión reduccionista del ser humano y de la vida, pues la naturaleza humana está dotada de una ingeniería compleja. Esta multidimensionalidad compleja nos informa que coexiste, en cada sujeto, el pensamiento racional, técnico, simbólico, juntamente con el pensamiento mítico, intuitivo y mágico, ya que no existe un pensamiento puramente racional, emocional o intuitivo. En realidad, estamos hechos de poesía y de prosa, de sueños, de fantasías, de emociones, de ilusiones y de racionalidad. Somos seres bio-psico-socioculturales y espirituales, múltiples dimensiones constitutivas de nuestra humanidad.*

*El desafío reside en cómo trabajar y articular las diferentes dimensiones en el cotidiano del aula de clases, en reconocer los diferentes estilos de aprendizaje y formas de producción del conocimiento.*

*Se ha dado especial relieve a la importancia del ejercicio del silencio como estrategia para el autoconocimiento, para escuchar sensiblemente*

*de las necesidades de uno y del otro, además del reconocimiento de la dimensión espiritual del ser humano, a ser mejor trabajada en los ambientes educacionales.*

*4. Promover la reforma de la educación integrada a la reforma del pensamiento y la necesidad de mayor apertura del corazón, para poder recuperar la capacidad amorosa del ser humano y evitar los patrones de conducta destructivos. Para ello, es necesario educar la sensibilidad, privilegiar no solamente los aspectos cognitivos, sino también los emocionales; aprender a auto observar, contemplar, sentir, pensar, actuar estéticamente, disfrutar del silencio, desarrollar una audición más sensible y un diálogo más comprensivo, afectivo y humano, reconociendo el papel de las emociones en los procesos de reflexión y construcción del conocimiento, condición fundamental para el desarrollo de una cultura de paz y no-violencia.*

*La reforma de la educación que a la que se aspira debe ocurrir a partir de los ejes ontológico, epistemológico, antropológico y ético-político, trabajados simultáneamente como condición para restaurar valores, regenerar y promover una ética de la diversidad, así como la democracia. Ésta también es una condición para revitalizar las cualidades y valores culturales de cada individuo y de cada comunidad, incentivando la solidaridad entre los pueblos y promoviendo una educación solidaria, que reconozca el otro en su legítimo otro. Una educación que ayude al alumno a aprender a dialogar, a descentrarse, a desarrollar la empatía, ponerse en el lugar del otro y vivir plenamente la democracia. Es necesario hacer de la escuela un laboratorio para una educación democrática, para la vivencia de la democracia en el cotidiano de la vida escolar, a partir de una educación liberadora, para que los individuos puedan ejercer su ciudadanía de manera consciente.*

*La reforma de la educación necesita también estar más atenta a la importancia del cultivo del lado estético y poético de la existencia humana.*

*5. Promover la creación de una red de incubadoras de ideas que nutren el pensamiento del Sur, a las que se denominan «crisálidas del pensamiento complejo». Una red incubadora de ideas que debe construirse y multiplicarse en las varias culturas, ciudades, universidades y escuelas. Las crisálidas del pensamiento complejo serían espacios creativos y no dogmáticos dedicados a discutir la diversidad de saberes y modos de vivir. Como incubadora de ideas y experiencias, dichos espacios tendrían, como principio máximo, la dialógica simplicidad-osadía. En algunos lugares formarían parte de la estructura formal de organizaciones educativas. En otros, se mantendrían*

**La reforma de la educación necesita también estar más atenta a la importancia del cultivo del lado estético y poético de la existencia humana.**

al margen de la estructura formal de enseñanza, pero la institución los asumiría y los mantendría (como unidades suplementarias, en el caso de las universidades). Algunas de las crisálidas podrían optar por ser itinerantes y servir de puentes de dislocación facilitadores del intercambio entre saberes diversos.

Como estructuras itinerantes, las mismas tendrían como actividad principal la promoción de cursos de extensión, formación y actualización de profesores de enseñanza básica, media y superior. Los cursos podrían ofrecerse dos veces al año, con duración de dos semanas cada uno. Estos cursos serían organizados y desarrollados en conjunto por investigadores académicos e intelectuales de la tradición.

Singulares en sus formatos, las crisálidas tendrían en común dos horizontes: la construcción de un pensamiento y una cultura plurales, y el desarrollo de estrategias y métodos capaces de facilitar la emergencia de un pensamiento del Sur, complejo, que teja juntamente a ello los saberes científicos y saberes de la tradición.

## Recomendaciones para la continuidad del proceso

1. *Análisis del Estado del Arte de experiencias educativas complejas y transdisciplinarias en el ámbito de la educación formal, no formal e informal, en el sentido de identificar los diferentes actores y fuerzas sociales que comparten los mismos principios y fundamentos que el pensamiento del Sur establece.*
2. *Difusión generalizada del pensamiento del Sur en los diferentes ámbitos educativos, a partir de estrategias de integración transnacional.*
3. *Estrategias intensivas de formación de formadores mediante el uso de redes nacionales e internacionales, por medio de la creación de foros permanentes de acciones e investigaciones volcadas a una educación que privilegie el pensamiento complejo, crítico y transdisciplinar, procurando la construcción de una nueva política de civilización. Para ello, se sugiere la creación de una comunidad de investigación-formación-innovación que propicie el desarrollo de nuevas estrategias de cooperación interinstitucional, capaces de poner en marcha proyectos compartidos de investigación y formación de formadores, a partir de la visión compleja e integradora presente en el pensamiento del Sur.*
4. *Desarrollo de una agenda común que tome en cuenta las recomendaciones establecidas en la*

*Carta de Fortaleza, sobre los Siete Saberes para una Educación del Presente, en el sentido de conjugar esfuerzos intelectuales y recursos en dirección a una educación pautada en la solidaridad, en el desarrollo de la comprensión humana y en la formación ética del género humano.*

5. *Creación de una red de incubadoras de ideas que nutran el pensamiento del Sur, denominadas «crisálidas del pensamiento complejo», como estructuras itinerantes para promover cursos de extensión, formación y actualización del profesorado de los diferentes niveles de enseñanza. Serían espacios creativos y no dogmáticos, dedicados a discutir la diversidad de saberes y modos de vivir, entre otros aspectos importantes.*

## Algunas experiencias innovadoras en curso

*Sabemos que la consolidación de un Pensamiento del Sur presupone audacia, persistencia y dedicación en la proposición y en el desarrollo de reflexiones y acciones concretas que se retroalimentan constantemente. Respecto a la segunda pregunta, ¿Cuáles son las experiencias innovadoras implementadas y/o en curso que ilustran el pensamiento y las identidades del Sur?, se presentaron experiencias relatadas a continuación:*

1. *En nivel de Posgrado:*
  - a. *En el espacio académico de Posgrado brasileño, tres experiencias ya consolidadas expresan dicho estilo de pensar y de producir conocimiento. Una de ellas está representada por el Grecom, un núcleo de investigación ligado a los Programas de Posgrado en Educación y Ciencias Sociales de la Universidad Federal de Rio Grande del Norte; Otra experiencia importante viene desarrollándose por medio del Núcleo de Investigación Complexus, de la PUC/SP y una tercera experiencia es desarrollada por el NIIC, Núcleo de investigación vinculado al Programa de Educación de la Universidad Nove de Julho/Uninove, en Sao Paulo.*
  - b. *Se destaca también el trabajo que viene desarrollando en los últimos tres años el Grupo de Investigación ECOTRANS, de la Universidad Católica de Brasilia que, así como las experiencias anteriores, viene desarrollando actividades de enseñanza, investigación y extensión, con la finalidad de*

*articular transdisciplinariamente ciencia y arte, educación y vida, saberes científicos, humanísticos y los de las tradiciones.*

## *2. En nivel de Educación Fundamental:*

- a. Una de las experiencias significativas en curso en Brasil — y que viene desarrollándose desde el año 1981 — es el trabajo desarrollado por Escola Vila, en Fortaleza, Ceará, volcado a la formación del ser humano integral, con base en una propuesta pedagógica de naturaleza compleja y transdisciplinar, preocupada por la integración cuerpo y mente, teoría y práctica, educador y educando, procurando romper disyunciones, fragmentaciones y simplificaciones epistemológicas y metodológicas. Desde su fundación, la Escola Vila se viene destacando por su propuesta innovadora dirigida a la construcción de una educación diferenciada, a partir del descubrimiento de las necesidades genuinas de cada alumno, de la revelación de sus talentos y habilidades, del rescate de su autoestima, del desarrollo de su autonomía intelectual y moral, asociada a una profunda reflexión sobre valores, conductas éticas y patrones de comportamientos responsables.*
- b. Otra relevante experiencia la viene desarrollando SESC y se denomina SESC LER, proyecto de alfabetización y escolarización destinado a los años iniciales de la Enseñanza Fundamental de jóvenes y adultos, y que se encuentra presente en 67 municipios de Brasil. Es una experiencia que posee estructura propia para la atención a personas excluidas social y educacionalmente, y se concentra en el acceso y permanencia de la educación como derecho. El Proyecto tiene en su concepción la perspectiva de la educación en su totalidad, entendida bajo las formas de actuaciones/intervenciones en la sociedad, de forma autónoma. El pensamiento del Sur está presente en el Proyecto para la coordinación de dicha experiencia, teniendo en cuenta que busca la movilización e intervención en las comunidades más allá de la democracia participativa. El respeto a la diversidad de los sujetos y sus diferentes culturas. Se busca, también, que los Centros Educativos involucrados se conviertan en polos irradiadores y catalizadores de educación y cultura, a partir de problematizaciones que puedan contribuir*

*para la mejora y ampliación del «buen vivir», como políticas de civilización y humanización. El reconocimiento y la contextualización de los saberes de los educandos de forma transdisciplinar viene siendo una estrategia pedagógica importante, así como la inversión en la formación continuada de los profesores, teniendo como referencia la tematización de sus prácticas pedagógicas a partir de la complejidad en sus diferentes implicaciones en los procesos de enseñanza/aprendizaje.*

## *3. En nivel de Educación Superior:*

*Se ha relatado una experiencia en Educación Superior que se llevó a cabo en Italia, más precisamente en la Universidad de Catania, y que tuvo como objetivo el desarrollo de la conciencia autoanalítica, crítica y auto-organizadora de los sujetos involucrados, a partir de sus intereses, actitudes, autoimagen y capacidad decisoria. Esta experiencia, que privilegió a individuos inmigrantes y sin habilitación para el trabajo, la auto-orientación para la elección del camino formativo y profesional viene desarrollándose desde la escuela primaria, implicando activamente a los profesores y a los familiares de los alumnos, y utilizando múltiples instrumentos para intercambio de informaciones como, por ejemplo, la Internet para asegurar la máxima difusión.*

*La experiencia del Centro de Estudios Universitarios Arkos, ubicado en Puerto Vallarta, en Jalisco, México, también se ha recibido destacado por su relevancia, pertinencia e identificación con el pensamiento del Sur. Tuvo como puesta en marcha la búsqueda de una formación capaz de equilibrar las relaciones individuo/sociedad/naturaleza en la construcción de un mundo mejor. Esta experiencia involucra a los docentes, estudiantes y gestores, y viene desarrollándose hace más de cinco años por la universidad y tiene como foco central de sus acciones el pasaje de una formación universitaria disciplinar para una formación de naturaleza transdisciplinar, en todos sus programas educacionales.*

*Para ello, se han desarrollado talleres de Investigación-Acción, a partir de las cuales fueron construidas cuatro grandes estrategias: 1) Talleres de investigación-acción-formación transdisciplinar; 2) Mesas redondas transdisciplinares; 3) Seminarios de tesis transdisciplinares; 4) Ejercicios transdisciplinares en clases universitarias. Dichas estrategias vienen consolidando la construcción de un camino capaz de dilucidar el cómo operar la transdisciplinariedad y la complejidad en*

*una institución de educación superior, en donde todos los actores universitarios estén implicados y comprometidos con la nueva propuesta.*

*Se destaca también el trabajo de transformación institucional que se viene desarrollando en la Universidad APEC, de Santo Domingo, en República Dominicana, en el intento de revertir un paradigma profesionalizante, centrado en una docencia antipedagógica, ajena a la investigación, en la que profesores y alumnos no eran debidamente valorados, para una institución centrada en los procesos y normas.*

*Para consecución de dicho objetivo, la institución universitaria fue reconocida como un sistema social abierto, cuyo proceso de transformación podría ser propiciado mediante la inducción de un proceso de caos-auto-eco-organizado. Para ello, la auto-organización institucional debería orientarse por medio de un nuevo esquema de comportamiento docente, considerado un atractor para el reordenamiento del sistema. Fueron, entonces, identificados y considerados «agentes atractores» del proceso los mismos docentes, capaces de reconectar los estudiantes, formadores y gestores académicos en nuevos modos de funcionamiento y visión institucional. Para ello, se definió un proceso de fortalecimiento de sus competencias docentes así como de empoderamiento en el esquema de relaciones institucionales. Se estableció así mismo un nuevo plan de formación docente concentrado en una pedagogía dialógica, pautada en el cuestionamiento y en la investigación reflexiva, así como en la construcción de redes docentes. Todas estas iniciativas provocaron significativos cambios en la gestión del aula de clases, en las relaciones con los estudiantes, requiriendo, a su vez, la necesidad de formación de los gestores para el debido acompañamiento e intervención adecuada en el proceso. De igual manera, se exigieron modificaciones en el plan pedagógico institucional, que pasó a centrarse en la dinámica institucional del estudiante, lo que favoreció la emergencia de una nueva visión y misión de la universidad, aumentando su visibilidad e impacto en el contexto nacional.*

*También se presentaron otras realizaciones y experiencias como, por ejemplo, aquellas desarrolladas en Argentina y volcadas a la construcción de una Comunidad del pensamiento complejo, involucrando instituciones y a las personas dedicadas a la formación, difusión e investigación aplicada de los enfoques de la complejidad. Dicha comunidad posee 4900 miembros, distribuidos en 40 países e incluyendo a 30 instituciones.*

*Además de la actividad anterior, tanto en Argentina como también en Brasil, en las últimas décadas*

*se organizaron varios grupos de estudio e investigación, en universidades públicas y privadas, teniendo como foco de trabajo el pensamiento complejo. Estos grupos se encuentran publicando, elaborando libros colectivos y actuando en nivel de Maestrías, Doctorados y Postgrados.*

*Respecto al trabajo desarrollado en Colombia, nos han informado que la experiencia práctica sobre el pensamiento complejo se desarrolló con relación a dos grandes objetivos. Primero, con vistas a la socialización del pensamiento complejo y, segundo, dirigido a la construcción de estrategias capaces de integrar las experiencias desarrolladas. En lo que concierne a la socialización, la misma ocurrió en dos perspectivas: una, la socialización teórica, mediante la difusión de los principios o ideales-guía del pensamiento complejo, lo que se complementó en una segunda etapa por la socialización a determinadas poblaciones de la sociedad civil.*

*En lo que se refiere a las estrategias de integración de las experiencias, según el relator, éstas se dieron mediante la producción de un manual de iniciación al pensamiento complejo y el ofrecimiento de una propuesta al sistema educativo colombiano, mediante el proyecto «Franquicia Educativa», que tiene como objetivo la socialización de experiencias exitosas desarrolladas a partir del pensamiento complejo aplicado a la educación. De igual manera, se programó un «Foro Club», incluyendo a ministros, presidentes de gremios de compañías y las Altas Cortes del País, para discusión de políticas públicas a partir de las ideas-base de la complejidad y su incidencia en las diferentes disciplinas.*

\* **Coordenador do grupo:** Danilo Santos Miranda (Brasil)

**Relatora:** Márcia Costa Rodrigues Leite (Brasil)

**Participantes:** Ana Maria Cardachevski (Brasil), Antonieta Capparelli Adão (Brasil), Cláudia Santos de Medeiros (Brasil), Dodou Dienne (França), Edgar de Assis Carvalho (Brasil), Edir Mello (Brasil), Leonardo Rodríguez Zoya (Argentina), Maria Margarida Limena (Brasil), Nurimar Maria Falci (Brasil) e Paulo Henrique Martins de Albuquerque (Brasil)

# Grupo 3\*

## Unidade humana e diversidade cultural



## Introdução

Edgar Morin lançou o desafio, embasado na reflexão sobre um conceito complexo, o pensamento do Sul. Uma tarefa emocionante, enfrentada por um grupo de professores, intelectuais e profissionais de diferentes partes do mundo, cada um contribuindo com um pouco de suas experiências, reflexões e histórias.

O processo de construção deste texto, trabalho coletivo de muitas vozes e mãos, já é um indicador do que se espera de uma produção do Sul. Não só os produtos são relevantes, mas eles estão necessariamente comprometidos com as cartografias de seus processos de elaboração.

Nesse pedaço do mundo chamado Brasil, Rio de Janeiro, no século XXI, março de 2011, juntaram-se vários modos de ser, viver, pensar e fazer, a partir da provocação do texto "Para um pensamento do Sul", para contribuir na construção de uma outra proposta civilizatória, que inclua o bem viver de todos.

As crises existentes no Norte e as reivindicações do Sul foram o ponto de partida das reflexões sobre a atualidade, sobre as novidades do hoje, que fazem com que haja uma mobilização planetária a favor da sobrevivência, da sustentabilidade do planeta e dos seres humanos, com todas as riquezas de suas diferentes culturas, etnias, religiões e saberes.

A crise civilizatória, resultante de projetos hegemônicos, precisa superar as dicotomias e entender unidade e diversidade como condições de humanidade, tema deste grupo de trabalho: "Unidade humana e diversidade cultural".

## Temas que inspiram o pensamento do Sul

### Crise civilizatória

O projeto colonizador ocidental ignorou e destruiu povos e culturas, em nome de um padrão civilizatório, considerando-os inferiores, sem história e sem valor. Esse processo de universalização de um modo de ser particular gerou um cenário de fraturas profundas na humanidade, com a imposição de um modelo hegemônico de vida em detrimento de modos de ser e de viver singulares. Uma tensão que atravessa a história por meio de crises e lutas constantes, que se atualizam em função das condições e características de cada época.

Nesse sentido, o hoje se depara com um processo de mundialização, onde as imposições e proposições econômicas, políticas e culturais misturam-se com a velocidade das novas tecnologias, das redes de conhecimento, solidariedade e troca, propagando novas possibilidades nas relações humanas.

O planeta está se mexendo. Não só suas placas tectônicas provocam *tsunamis* e terremotos. O velho continente acorda de seu sonho de civilidade com o barulho das lutas de libertação, com as reivindicações dos cidadãos antes colonizados. O novo continente tenta se reerguer dos escombros de suas torres, pela manutenção de seu poder econômico, cultural e bélico, mas se incomoda ao encontrar seu lado Sul fortalecido pelos processos democráticos que começam a se consolidar.

As manifestações de resistência, no *locus* das experimentações históricas dos modelos ocidentalizados, converteram o Sul em possível protagonista de transformações para uma ética humanizante, na qual a cultura representa a síntese e o resgate de outros modos de existir.

Romperam-se as fronteiras, as verdades absolutas entre Norte e Sul. Existem fatos históricos que construíram imaginários e crenças de opressão, mas também de libertação. O compartilhamento das diferentes perspectivas entre os povos do Norte e do Sul permitem evitar os maniqueísmos gerados por leituras unilaterais e dicotômicas. Existe um Sul dentro do Norte. Existe um Norte dentro do Sul. São vários suís e vários nortes, que se encontram, se estranham, exploram, destroem, mas também podem se ajudar, integrar, respeitar e construir.

O desafio da crise civilizatória é enfrentar a discussão da diferença como hierarquia, como justificativa de dominação. É entender que unidade não é uniformidade e que a diferença é condição de humanidade, e a partir daí experimentar outras relações econômicas, políticas e sociais.

## Um pensamento do Sul

Devemos evitar qualquer reificação ou substancialização do termo Sul.

EDGAR MORIN

O potencial pensamento do Sul é um tema bastante intenso e muito amplo. Territorialidade histórica, cultural e humana da diversidade, ele assume um papel protagônico no mundo contemporâneo como produtor de novos sentidos e possibilidades diante da homogeneização provocada pela mundialização.

Simultaneamente e contraditoriamente, as culturas do Sul representam a síntese, a tensão e a busca da restauração entre os nortes e os suís, no sentido de uma nova perspectiva civilizatória. O conjunto de suas expressões sintetiza identidades e singularidades de cada "lugar" simbolicamente representado.

A noção de Sul ultrapassa sua condição geográfica. Através da história, ela se propaga ideologicamente nos tempos e espaços humanos, em torno de três eixos paradigmáticos: memória, imaginário e ética.

### Memória

Não se podem descontextualizar os processos históricos de constituição dos suís. Nem esquecê-los. As questões levantadas de forma científica no século XVIII, como a explicação sobre a diversidade das espécies e a hierarqui-

zação das raças, foram construções ideológicas, historicamente construídas. Vários autores da época usaram esse "paradigma da raça" para justificar os processos de colonização. A Europa levou para outros continentes, para seu exterior, seus modelos e interesses como exercício civilizatório, iluminada pelos postulados científicos.

**São vários suís e vários nortes, que se encontram, se estranham, exploram, destroem, mas também podem se ajudar, integrar, respeitar e construir.**

A partir daí constitui-se a problemática do Sul. O Sul como um problema civilizatório, precisando ser destruído, catequizado, ensinado, dominado e desenvolvido, por meio de forças militares, religiosas, econômicas, políticas e culturais:

Força militar: o extermínio físico dos povos não civilizados.

Força política: o escravismo e a colonização.

Força econômica: a dependência dos meios de produção e sobrevivência.

Força religiosa: a catequização dos povos. “O índio não tem alma.”

Força cultural: a imposição de valores, hábitos e costumes.

### Imaginário

O processo de dominação se inscreve no imaginário coletivo dos povos colonizados, onde acontece a reconstrução das identidades. A noção de civilização se impõe a partir de critérios e conceitos ocidentais, raciais, religiosos e científicos.

O conceito de universal surge a partir desse processo: “é universal tudo que se parece comigo.” Ideologia da dominação. O diferente, os outros lugares são terras vazias, sem alma, sem valor, invisíveis. Para sobreviver, todos precisam ser iguais. As relações se estabelecem pelas igualdades, que se legitimam, e as diferenças são ignoradas, desrespeitadas, escondidas.

A noção de “América Latina”, por exemplo, como a representação de um Sul geográfico e de um Norte cultural, ideológico, onde parte do continente é tratada de um modo uniforme, a partir do paradigma ocidental, branco e católico. O conceito latino reproduz a padronização, que pode desconsiderar as culturas e saberes dos habitantes primeiros. O mapeamento simbólico da América Latina indica uma experiência de fragmentação da sua identidade. Entretanto, a riqueza e a pluralidade dos povos “latinos” continuam produzindo múltiplos modos de ser e de viver, antropofagicamente e dialogicamente, condição de humanidade, pensamento do Sul.

### Ética

Os processos de dominação geraram novos modos de apropriação e acomodação, novos valores, que se apresentam, hoje, como contribuições do Sul, como resistência cultural, identidade igualitária e diversidade cultural.

O pensamento do Sul se fortalece consegue pensar a diversidade como direito, como condição

da relação humana, propondo uma ética que respeite e incorpore os diferentes modos de ser e fazer, religando as noções de indivíduo, sociedade, espécie.

Embora lugar de experimentação histórica dos modelos ocidentalizados, o Sul pode ser concebido como protagonista de transformação e de uma ética humanizante, conciliadora, planetária, na qual a cultura representa a síntese e o resgate de modos de existir que conseguem identificar as identidades locais específicas valorizando, assim, o que é peculiar e diferente e, ao mesmo tempo inserindo-as em conjuntos mais amplos constituídos pelas identidades universais e cósmicas.

Norte e Sul, unidade e diversidade, razão e emoção, prosa e poesia, sensível e inteligível vivem uma relação dialógica perene que se efetiva em um amplo circuito de ações e retroações, orientando-se pela articulação de uma dupla lógica racional e imaginária constitutiva do viver e do existir humanos.

### Instrumentalização do Sul

Para o Norte, as diferenças geram hierarquias e justificam os processos de controle e dominação e universalidade é a imposição do próprio jeito de ser, com a negação da diversidade. Entretanto, na atualidade, as questões relacionadas aos fluxos migratórios questionam e sacodem esses valores e práticas colonizadoras, possibilitando que o pensamento do Sul comece a ocupar um espaço importante na agenda das discussões planetárias.

Historicamente, os países do Sul foram territórios de experiências da diversidade, o que possibilitou a construção de novas formas de viver. Ainda assim, temos uma instrumentalização do Sul, que se apresenta de três formas:

Manutenção da dominação — Quando os próprios países do Sul absorvem o mesmo processo ideológico do colonizador: a construção da desumanidade do outro e depois a sua destruição. As relações de dominação são mantidas por intermédio das hierarquias inquestionáveis e vitalícias, nos diversos grupos sociais e de diferentes formas.

Hiperrelativismo cultural e direitos humanos — Quando, em nome de uma diversidade sem unidade, os direitos humanos podem ser violados. Ou quando, em nome de uma unidade sem diversidade, práticas culturais são condenadas sem haver um diálogo crítico, uma reflexão mais profunda.

É preciso rediscutir a própria criação dos Direitos Humanos. Redigido pelo Norte, em 1948, ele foi, e continua sendo, utilizado pelo Sul para combater a colonização e dominação. Entretanto, em um pensamento do Sul eles não devem pertencer a nenhum povo específico. O universal como construção coletiva, em que todos contribuem para o diálogo. “Toda vida é uma vida” (Carta de Mande, 1226).

Folclorização das culturas do Sul — Quando há uma apropriação das culturas do Sul como folclore como, por exemplo, o paradigma ideológico do sol, praia, sexo e pecado. A ausência da complexidade na abordagem e na leitura das manifestações culturais gera uma superficialidade nos modos de ver e entender as diferentes matrizes componentes da diversidade existente, estigmatizando e uniformizando-as folcloricamente.

Entretanto, hoje, existe um confronto de valores, muito sutil: o Sul está agora no Norte, em decorrência das migrações. E há uma crise de identidade no Norte ao não saber lidar com o Sul batendo na sua porta. Mais uma vez o pensamento do Sul se revigora com a possibilidade de assumir o protagonismo na construção de uma nova política civilizatória.

Uma observação singular: os imigrantes do Sul estão cuidando das crianças e velhos do Norte. Um outro modelo de trocas culturais, de movimentos dialéticos que colaboram para que o Sul possa romper com o processo de vitimização, construído ao longo da história.

## Cultura

O pensamento do Sul deveria estar apto a enfrentar as complexidades de nossa vida, as complexidades das realidades humanas e a “insustentável complexidade do mundo”. A missão deste pensamento se fixa no adágio latino *sparsa colligo* que quer dizer religo o que está disperso.

EDGAR MORIN

Unidade e diversidade são elementos essenciais da própria existência humana. Dessa forma, a cultura constitui modos de ser, religando as noções de indivíduo e sociedade e suas manifestações expressam, portanto, as singularidades de cada “lugar”, simbolicamente representado nestes diferentes planos.

A compreensão de cultura no denominado “Sul” configura resistência e, também processos cria-

tivos em construção permanente e não apenas a reprodução de signos e significados ocidentais.

Historicamente as culturas do Sul foram apropriadas e folclorizadas a partir de uma lógica de dominação que retificou cosmologias e significados, pasteurizando e rotulando as manifestações culturais. Mas embora o Sul tenha representado o “locus” privilegiado de experimentação dos modelos ocidentalizados, este se reconfigura na protagonização, na síntese e restauração de diferentes modos de existir. Assim, as culturas do Sul representam simultaneamente e, contraditoriamente, a síntese e a tensão entre os nortes e os suís.

Nessa perspectiva, a cultura é entendida com expressão de liberdade, autonomia e criatividade. O Sul representa não apenas a força de resistência aos padrões ocidentais, mas um processo permanente de criação, que integra três dimensões essenciais, dinamicamente articuladas: estética, ética e espiritual. Toda manifestação cultural precisa ser sustentada por essas três dimensões, simultaneamente. Quando há o predomínio de apenas uma dessas dimensões, vira um objeto mercadológico, gera até mesmo uma crise civilizatória, o que se exemplifica através da história.

A compreensão da “insustentável complexidade do mundo” pode fornecer pistas fundamentais para a restauração da própria maneira de se pensar a existência humana, a partir da afirmação do processo de construção coletiva e progressiva de identidades plurais, baseada na noção de patrimônio material e imaterial comuns.

A cultura envolve planilhas de reconhecimento mútuo e enraíza-se na experiência concreta. Como elo entre tradições e expressões modernas, revela novas possibilidades de apropriações emancipatórias e do bem viver. Entendida como modo de agir, interagir e simbolizar, assume um papel fundamental na perspectiva do Pensamento Complexo e pode ser problematizada em quatro vias voltadas para o futuro da humanidade: cultura como via, instrumento, reconhecimento e experimentação. Via de uma política de civilização.

## Redes de conhecimento

Para um pensamento do Sul, a questão colocada sobre o conhecimento está relacionada à problematização do conceito de ciências e sobre qual é a importância política desta discussão epistemológica.

Não é negar a importância dos conhecimentos científicos para a história da humanidade, mas

relativizar sua hegemonia, fortalecendo outras formas de saber, algumas até muito mais antigas e duradouras. Pensar em outras formas de produção o conhecimento, onde a natureza, incluindo os humanos, não seja um conjunto de objetos a ser manipulado.

Um outro desafio a ser enfrentado é a significação política dos padrões e critérios de avaliação dos pesquisadores e das publicações acadêmicas, que acabam definindo as prioridades dos conteúdos estudados.

Ainda precisamos incluir na discussão as questões relacionadas ao papel das novas tecnologias na sociedade contemporânea. Elas não são neutras, não são simples instrumentos. Da mesma forma que criam uma nova exclusão, àqueles que não tem acesso à informática, a web e as redes sociais, aceleraram a troca de informações, possibilitaram aproximações no espaço e no tempo, e aceleraram mobilizações solidárias, transformando as relações humanas da contemporaneidade.

## Experiências inovadoras implementadas e/ou em curso que ilustram o pensamento e/ou as identidades do Sul

São inúmeras as iniciativas já existentes que indicam novos caminhos para a construção de outras perspectivas civilizatórias. Em diferentes partes do planeta, pessoas, grupos sociais e países empreendem reflexões, movimentos, projetos e lutas que surpreendem o que já está estabelecido e se configuram como inovações emancipatórias e humanizantes. Essas iniciativas apresentam algumas afinidades, que podem ser consideradas como características de um pensamento do Sul:

- Um desafio. É algo que temos que realizar, não está pronto.
- Uma construção coletiva.
- Um pensar e um fazer alternativo.
- Uma práxis.

Pensar a complexidade do Sul implica desenvolver outras categorias de compreensão e análise do mundo, rompendo os pressupostos convencionais e instituídos, sejam científicos, sociais ou políticos, resgatando as singularidades das culturas que podem ser relevantes para se pensar os modos de viver além dos limites epistêmicos da ideia de desenvolvimento formulada tradicionalmente pelo Norte.

Entre as especificidades do Sul que resistiram e criaram um fato novo, destacamos algumas experiências ilustrativas e gestantes de outras possibilidades.

O Fórum Social Mundial ilustra a potência de uma nova forma de diálogo e interação entre os nortes e suís, e o protagonismo do Sul na direção de uma síntese que transcende esta polarização histórica e ideológica. Além de representar uma forma de resistência política e cultural, diante dos padrões globais da mundialização, também representa uma via de construção identitária, em prol de "outro mundo possível".

As culturas indígenas, apesar de todos os processos de extermínio e catequese, ainda são exemplos vivos de uma cultura integrada e cooperativa. O movimento dos povos da floresta resgata essas tradições e se atualiza com a afirmação de suas identidades em projetos como o Movimento Transamazônico, que ultrapassa a noção de Estado e país.

---

**Pensar a complexidade do Sul implica desenvolver outras categorias de compreensão e análise do mundo, rompendo os pressupostos convencionais e instituídos.**

Os movimentos dos seringueiros da Amazônia identificam-se também como resistência ao processo histórico de dominação. De uma forma organizada, eles conquistaram um poder legitimado pela sociedade. Hoje, não é possível intervir na região sem atender às suas exigências.

O trabalho desenvolvido na Cidade de Deus, Rio de Janeiro, por meio de projetos socioculturais, recupera a autoestima e o empoderamento de seus moradores, apesar dos estereótipos apresentados no filme homônimo.

As ações desenvolvidas pelo SESC — Serviço Social do Comércio, no Brasil. Instituição mantida pelo empresariado do comércio que tem por objetivo a qualidade de vida dos trabalhadores do comércio e da sociedade como um todo. Mantém centros de atividades em todo o país, desenvolvem atividades de educação, no seu sentido mais amplo, envolvendo cultura, saúde e lazer.

Nunca se acompanhou tantos projetos interdisciplinares nas universidades, rompendo o padrão acadêmico, fragmentado e disciplinar. Destacam-se os observatórios e fóruns criados em parcerias com instituições e sociedade civil. É relevante o trabalho da PUC-SP, por meio do Núcleo de Estudos da Complexidade — Complexus.

A partir da experiência de Bogotá, Colômbia, o movimento Nossa São Paulo consolida uma rede de cidades cidadãs, trazendo reflexões inovadoras para a sociedade, ultrapassando autorias individualizadas, institucionais e mesmo governamentais.

O Protagonismo Juvenil, encontro de jovens da América Latina, está produzindo redes de relações e trocas de experiências, informações e conhecimentos, que criam laços fraternos entre culturas heterogêneas.

Também pode servir de referência para o Norte a convivência pacífica entre diversas religiões no Brasil.

Ainda se destacam nesse país o modelo desenvolvido pelo SUS — Sistema Único de Saúde, que articula os diferentes sistemas, federal, estadual e municipal, com entidades privadas, ampliando o atendimento à saúde pública, e a criação dos Pontos de Cultura, apoio técnico financeiro a artistas e grupos ligados às diversas manifestações artísticas em todas as regiões brasileiras, sem intermediações. São ações desenvolvidas pelo Estado, Ministério da Saúde e Ministério da Cultura, respectivamente, em uma articulação respeitosa com a

sociedade civil, que promovem sua organização e autonomia, além de melhorar os serviços e atendimentos.

Por fim, identifica-se que as manifestações culturais da atualidade recuperam o vigor dos movimentos sociais dos anos 1970, com novas formas de lutas políticas e resistências culturais.

## Questões prioritárias a serem tratadas pelo olhar do Sul na direção de uma política de civilização

1. Pensamento do Sul: dialogia entre diversidade e unidade.
2. A unidade complexa: o uno que se constrói a partir da diversidade.
3. A urgência de conciliação entre polos complementares e não excludentes.
4. A cultura como força de resistência e criação permanente.

### Pensamento do Sul: dialogia entre diversidade e unidade

O Sul, território histórico, cultural e humano da diversidade, pode assumir um papel protagonista no mundo contemporâneo como produtor de sentidos e possibilidades, a partir da crítica da homogeneização ditada pela dinâmica de mundialização e da fragmentação do conhecimento promovida pela técnica. Constitui-se hoje como alternativa de reflexão sobre os processos de sujeição, questionando a unidade que advém da uniformização e folclorização das diferenças, promotora da desqualificação e tipificação dos modos de ser e de fazer dos povos historicamente colonizados.

O pensamento do Sul configura-se como força de transformação, por meio de uma tensão crítica constante na articulação da memória, do imaginário e da ética. Construído na territorialidade geográfica e, evocado pela história, está engendrado no imaginário, como resultado ideológico aos processos de domesticação propagados no âmbito das ideias, práticas e discursos.

Transformando a diversidade em valor social fundamental, o pensamento potencial do Sul está vocacionado ao reconhecimento e ao respeito às singularidades culturais, éticas e espirituais, de acordo com a unidade assegurada pela condição humana que reafirma a sociedade como lugar imprescindível para as interações entre

todos os povos e suas diferenças. De acordo com a denominação da complexidade, há uma força dialógica traduzida por um diálogo permanente entre a unidade humana e a diversidade cultural.

### Unidade complexa: o uno que se constrói na diversidade

O pensamento do Sul traduz-se como força crítica ao que oprime, unifica, distorce e empobrece. Configura-se em diferentes dimensões, mas sempre reunindo o que há de melhor conquistado pela civilização ao que há de melhor nos modos de ser e de viver dos que habitam os espaços/tempos/imaginários dos povos colonizados.

Na dimensão epistemológica, um pensamento que reúna Norte e Sul possibilita o respeito pela unidade e diversidade dos sistemas humanos do conhecimento (Ciência, Filosofia e saberes tradicionais orais ou grafados) problematizando, no entanto, o significado político de cada um deles. Uma resistência ao colonialismo cultural deve incentivar novas formas de produção e difusão do saber, especialmente a construção de redes do conhecimento e de pesquisas abertas, distribuídas e colaborativas.

Na dimensão política, cabe ponderar sobre as finalidades do pensamento do Sul: para que e para quem? Uma constante reflexão sobre seus objetivos, estratégias e abrangência na busca de alternativas aos preceitos econômicos, sociais e políticos do ocidente.

Na dimensão cultural, o pensamento do Sul se reelabora por meio da compreensão crítica para regenerar a memória, levando em conta os processos históricos de longa duração, como as guerras pela independência, revoluções sociais e políticas, e também as resistências artístico-culturais na poesia, na literatura, na música, na pintura, cinema, teatro e na dança, que atravessam fronteiras com suas mensagens estéticas e éticas de críticas e novos sentidos e expressões.

### A urgência de conciliação entre polos complementares e não excludentes

As culturas do Sul representam, simultaneamente e contraditoriamente, a tensão e a busca da restauração entre os nortes e os suís, no sentido de uma nova perspectiva civilizatória. Representam o *locus* privilegiado para integração entre razão e emoção, prosa e poesia. Incorporam

assim diferentes modos de ser e fazer, religando as noções de indivíduo, espécie, sociedade, cidadania. Sua expressão sintetiza identidades e singularidades de cada "lugar" simbolicamente representado nesses diferentes planos.

Unidade e diversidade são aspectos essenciais e inseparáveis da existência humana. Embora lugar de experimentação histórica dos modelos ocidentalizados, o Sul se apresenta hoje como portador de capacidades para restaurar uma ética conciliadora de preservação de recursos e ecossistemas do planeta e para a qual a cultura é expressão do esforço neste equilíbrio entre cultura e natureza e cuja legitimidade parte da valorização das diferenças.

A unidade, nesse sentido, não significa uniformidade, mas a garantia da igualdade humana como princípio universal, que ultrapassa as dualidades, encontrando-se nas diferenças, características da "insustentável complexidade do mundo".

### Cultura como força de resistência e criação permanente

As expressões dinâmicas do potencial pensamento do Sul podem se articular em torno da promoção de identidades plurais, abertas e associadas ao compartilhamento de um patrimônio comum, material e imaterial.

As manifestações de resistência converteram os "suís" em protagonistas de transformações socioculturais e políticas, com perfil humanizador e democrático.

Como expressão de saberes e fazeres, a cultura se refaz como realidade econômica, social e ideológica. É também o espaço/tempo comum, o conjunto sócio-histórico gerado e acumulado pelos seres humanos de todos os tempos, com suas manifestações sempre entendidas nas dimensões ética, estética e espiritual.

Sem ser lógico como o universal ou derivado da produção como o uniforme, o comum investe em uma política da coparticipação, da equidade. Envolve ações e atitudes de reconhecimento mútuo, consolidando-se nos discursos e na experiência.

A cultura potencializa-se como elo entre as tradições e as expressões modernas, apresentando novas possibilidades emancipatórias e para o bem viver. Entendida como modo de agir, interagir e simbolizar, assume papel fundamental na perspectiva do pensamento complexo, conforme a cultura seja entendida:

- Via para emergência de uma política de civilização para a Terra-pátria.
- Instrumento para afrontar a força do quadrimotor da dinâmica planetária — ciência, técnica, economia, lucro — e regenerar a democracia dos povos e nações.
- Reconhecimento da unidade e diversidade das expressões humanas.
- Experimentação na religação entre o prosaico e o poético e os limites das várias possibilidades do norte e dos seus.

## Conclusões e recomendações para a continuidade do processo

### Por uma política de civilização

A crise civilizatória contemporânea impõe a busca de identificação da unidade e da diversidade como condição de humanidade. É neste ato que residem os laços de humanidade.

É na afirmação da unidade/diversidade das sociedades que reside a possibilidade de construção de um pensamento do Sul que enfrente a homogeneização das culturas, contribuindo de forma decisiva para uma política de civilização. Para isso, faz-se necessária a sistematização de reflexões permanentes e dinâmicas para uma nova inteligibilidade, a afirmação da unidade na diversidade sociocultural, a partir da construção de paradigmas fundamentados nas experiências plurais do Sul. É urgente ao entendimento da diversidade como base, fundamento e construção da unidade humana. A busca da sustentabilidade das relações por meio da busca e compreensão da diversidade bio-política-social é o ponto de partida inegociável para a sustentabilidade da Terra-pátria.

As dinâmicas do pensamento do Sul se articulam por dois fatores interligados: a produção de identidades abertas, plurais e o compartilhamento de um patrimônio comum que contém resistência, criatividade, bifurcação, democracia, equidade. O pensamento do Sul deve vislumbrar possibilidades futuras para modos de conhecimento complexo que invistam na simbiose entre seres humanos e produções técnicas e, mais que isso, busquem a possibilidade da metamorfose nas várias reformas a ser postas em prática nas instituições e, também, fora delas.

Fazer e viver democraticamente implica experimentar processos cotidianos de diversidade, transparência, trocas de pontos de vista, intercâmbios estéticos e fortalecimento de valores e princípios éticos.

É preciso, ainda, destacar o papel das redes sociais nas mobilizações solidárias da contemporaneidade, a importância da difusão do acesso dos bens materiais, imateriais e virtuais, possibilitando a construção do conhecimento/pensamento de modo colaborativo, planetário, visando o bem viver de todos.

Não obstante a necessidade de caracterizar o pensamento do Sul e discriminar seus objetivos, princípios e valores, como possibilidade de enfrentamento das questões civilizatórias do século XXI, não se pode perder de vista a referência do caráter provisório das conclusões, quando as diversidades são inevitáveis, condição própria das coisas do mundo e, ao mesmo tempo, fundamentos inalienáveis para o futuro da *sapiens-demens* em nosso planeta destituído de qualquer modalidade de antropocentrismo e dominação.



# Grupo 3<sup>\*</sup>

## Unidad humana y diversidad cultural

★ **Coordinador del Grupo:** Danilo Santos Miranda (Brasil)

**Relatora:** Márcia Costa Rodrigues Leite (Brasil)

**Participantes:** Ana Maria Cardachevski (Brasil), Antonieta Capparelli Adão (Brasil), Cláudia Santos de Medeiros (Brasil), Dodou Dienne (Francia), Edgar de Assis Carvalho (Brasil), Edir Mello (Brasil), Leonardo Rodriguez Zoya (Argentina), Maria Margarida Limena (Brasil), Nurimar Maria Falci (Brasil) y Paulo Henrique Martins de Albuquerque (Brasil)

### Introducción

*Edgar Morin ha lanzado un desafío a partir de la reflexión sobre un concepto complejo, el pensamiento del Sur. Una tarea emocionante que enfrenta un grupo de profesores, intelectuales y profesionales de diferentes partes del mundo, cada cual aportando con algo de sus experiencias, reflexiones e historias.*

*El proceso de construcción de este texto, trabajo colectivo de muchas voces y manos, ya señala lo que se espera de una producción del Sur. No solamente los productos son relevantes, sino que ellos están necesariamente comprometidos con las cartografías de sus procesos de elaboración.*

*En esta parte del mundo a la que llamamos Brasil, Rio de Janeiro, en el siglo XXI, en el mes de marzo del año 2011, se han juntado varios modos de ser vivir, pensar y hacer, a partir de la provocación del texto «Para un pensamiento del Sur», para aportar a la construcción de otra propuesta civilizatoria, que incluya el buen vivir de todos.*

*Las crisis existentes en el Norte y las reivindicaciones del Sur fueron el punto de partida de las reflexiones sobre la actualidad, sobre las novedades del presente, que llevan a que haya una movilización planetaria a favor de la sobrevivencia, la sustentabilidad del planeta y de los seres humanos, con todas las riquezas de sus diferentes culturas, etnias, religiones y saberes.*

*La crisis civilizatoria que resulta de proyectos hegemónicos necesita superar las dicotomías y entender la unidad y la diversidad como condiciones de humanidad, tema de este grupo de trabajo: «Unidad humana y diversidad cultural».*

### Temas que inspiran el pensamiento del Sur

#### Crisis civilizatoria

*El proyecto colonizador occidental ignoró y destruyó pueblos y culturas en nombre de un estándar civilizatorio, considerándolos inferiores, sin historia y sin valor. Este proceso de universalización de un modo de ser particular generó un escenario de rupturas profundas en la humanidad, con la imposición de un modelo hegemónico de vida que sacrifica modos de ser y de vivir singulares. Una tensión que cruza la historia a través de crisis y luchas constantes, que se actualizan en función de las condiciones y características de cada época.*

*En este sentido, el presente se depara con un proceso de mundialización, en donde las imposiciones y proposiciones económicas, políticas y culturales se mezclan con la velocidad de las nuevas tecnologías, de las redes de conocimiento, solidaridad e intercambio, propagando nuevas posibilidades en las relaciones humanas.*

*El planeta se está moviendo. No solamente sus placas tectónicas provocan tsunamis y terremotos. El viejo continente despierta de su sueño de civilidad con el ruido de las luchas de liberación, con las reivindicaciones de los ciudadanos antes colonizados. El nuevo continente intenta erguirse nuevamente de los escombros de sus torres por el mantenimiento de su poder económico, cultural y bélico, pero se incomoda al encontrar su lado Sur fortalecido por los procesos democráticos que empiezan a consolidarse.*

*Las manifestaciones de resistencia, en el locus de las experimentaciones históricas de los modelos occidentalizados, convirtieron al Sur en un posible*

*protagonista de transformaciones para una ética humanizante, en la que la cultura representa la síntesis y el rescate de otros modos de existir.*

*Se han roto fronteras, las verdades absolutas entre Norte y Sur. Existen hechos históricos que construyeron imaginarios y creencias de opresión, pero también de liberación. El compartir las diferentes perspectivas entre los pueblos del Norte y del Sur permite evitar los maniqueísmos generados por lecturas unilaterales y dicotómicas. Hay un Sur dentro del Norte. Hay un Norte dentro del Sur. Son varios sures y varios nortes que se encuentran, se espantan, explotan, destruyen, pero también pueden ayudarse, integrar, respetar y construir.*

*El desafío de la crisis civilizatoria es enfrentar la discusión de la diferencia como jerarquía, como justificación de dominación. Es entender que unidad no es uniformidad y que la diferencia es una condición de la humanidad, y a partir de entonces experimentar otras relaciones económicas, políticas y sociales.*

## Un pensamiento del Sur

*Debemos evitar cualquier cosificación o sustancialización del término Sur*

EDGAR MORIN

*El potencial pensamiento del Sur es un tema muy intenso y muy amplio. Territorialidad histórica, cultural y humana de la diversidad, asume un papel protagónico en el mundo contemporáneo como productor de nuevos sentidos y posibilidades ante la homogeneización que provoca la mundialización.*

*Simultánea y contradictoriamente, las Culturas del Sur presentan la síntesis, la tensión y la búsqueda de restauración entre los nortes y los sures, en el sentido de una nueva perspectiva civilizatoria. El conjunto de sus expresiones sintetiza identidades y singularidades de cada «lugar» simbólicamente representado.*

*La noción de Sur excede su condición geográfica. A través de la historia, la misma se propaga ideológicamente en los tiempos y espacios humanos alrededor de tres ejes paradigmáticos: memoria, imaginario y ética.*

### Memoria

*No se pueden descontextualizar los procesos históricos de constitución de los sures, ni tampoco olvidarlos. Las cuestiones que se levantan de forma científica en el siglo XVIII, como la explicación sobre la diversidad de las especies y la jerarquización de las razas, fueron construcciones ideológicas, históricamente construidas. Varios autores de aquella época utilizaron ese «paradigma de la raza» para justificar los procesos de colonización. Europa los trasladó a los demás continentes, hacia su exterior, sus modelos e intereses como ejercicio civilizatorio, iluminada por postulados científicos.*

*A partir de entonces se constituyó la problemática del Sur. El Sur como un problema civilizatorio, necesitando ser destruido, catequizado, disciplinado, dominado y desarrollado por medio de fuerzas militares, religiosas, económicas, políticas y culturales:*

*Fuerza Militar: el exterminio físico de los pueblos no civilizados.*

*Fuerza Política: el esclavismo y la colonización.*

*Fuerza Económica: la dependencia de los medios de producción y sobrevivencia.*

*Fuerza Religiosa: la catequización de los pueblos. "El indio no tiene alma."*

*Fuerza Cultural: la imposición de valores, hábitos y costumbres.*

**Son varios sures y varios nortes que se encuentran, se espantan, explotan, destruyen, pero también pueden ayudarse, integrar, respetar y construir.**

## Imaginario

*Este proceso de dominación se inscribe en el imaginario colectivo de los pueblos colonizados, donde ocurre la reconstrucción de las identidades. La noción de civilización se impone a partir de criterios y conceptos occidentales, raciales, religiosos y científicos.*

*El concepto de universal surge a partir de este proceso: "es universal todo lo que se parece a mí". Ideología de la dominación. Lo diferente, los demás lugares son tierras baldías, sin alma, sin valor, invisibles. Para sobrevivir todos deben ser iguales. Las relaciones se establecen por las igualdades, que se legitiman, mientras que se ignoran, no se respetan y se esconden las diferencias.*

*La noción de «América Latina», por ejemplo, es la representación de un Sur geográfico y un Norte cultural, ideológico, donde se trata parte del continente de manera uniforme, a partir del paradigma occidental, blanco y católico. El concepto latino reproduce la estandarización, que puede desconsiderar las culturas y saberes de los habitantes primeros. El mapeo simbólico de América Latina señala una experiencia de fragmentación de su identidad. Sin embargo, la riqueza y la pluralidad de los pueblos «latinos» siguen produciendo múltiples modos de ser y vivir, antropológicamente y dialógicamente, condición de humanidad, pensamiento del Sur.*

## Ética

*Los procesos de dominación han generado nuevos modos de apropiación y acomodación, nuevos valores que hoy se presentan como aportes del Sur, como Resistencia Cultural, Identidad Igualitaria y Diversidad Cultural.*

*El pensamiento del Sur se fortalece y logra pensar la diversidad como un derecho, como condición de la relación humana, proponiendo una ética que respete e incorpore los diferentes modos de ser y hacer, reconectando las nociones de individuo, sociedad, especie.*

*A pesar de ser un lugar de experimentación histórica de los modelos occidentalizados, el Sur puede ser concebido como protagonista de transformación y de una ética humanizante, conciliadora, planetaria, en la que la cultura representa la síntesis y el rescate de modos de existir que logran identificar a las identidades locales específicas valorando, de esa manera, lo que es peculiar y diferente y, a la vez, insiriéndolas en conjuntos más amplios constituidos por las identidades universales y cósmicas.*

*Norte y Sur, unidad y diversidad, razón y emoción, prosa y poesía, sensible e inteligible vivencian una relación dialógica perenne que se hace efectiva en un amplio circuito de acciones y retroacciones, orientándose mediante la articulación de una doble lógica racional e imaginaria constitutiva del vivir y del existir humanos.*

## Instrumentalización del Sur

*Para el Norte, las diferencias generan jerarquías y justifican los procesos de control y dominación. Y la universalidad es la imposición de su misma manera de ser, con la negación de la diversidad. Sin embargo, hoy en día, las cuestiones relacionadas a los flujos migratorios cuestionan y sacuden dichos valores y prácticas colonizadoras, haciendo posible que el pensamiento del Sur empiece a ocupar un importante espacio en las agendas de las discusiones planetarias.*

*A lo largo de la historia, los países del Sur fueron territorios de experiencias de la diversidad, lo que permitió la construcción de nuevas formas de vivir. Aun así, tenemos una instrumentalización del Sur, que se presenta de tres maneras:*

*Mantenimiento de la dominación — Cuando los mismos países del Sur absorben el mismo proceso ideológico del colonizador: la construcción de la deshu-*

*manidad de otro y después su destrucción. Las relaciones de dominación se mantienen por medio de las jerarquías incuestionables y vitalicias, en los diversos grupos sociales y de diferentes formas.*

*Hiperrelativismo cultural y derechos humanos — Cuando se puede violar los derechos en nombre de una diversidad sin unidad. O cuando, en nombre de una unidad sin diversidad, se condenan prácticas culturales sin la existencia de un diálogo crítico, una reflexión más profunda.*

*Es necesario rediscutir la misma creación de los Derechos Humanos. Redactados por el Norte en el año 1948, los mismos fueron y siguen siendo utilizados por el Sur para combatir la colonización y dominación. Sin embargo, en un pensamiento del Sur, no deben pertenecer a ningún pueblo específico. Lo universal como construcción colectiva, en que todos aportan al diálogo. «Toda vida es una vida» (Carta de Mandén, 1226).*

*Folklorización de las culturas del Sur — Cuando hay una apropiación de las culturas del Sur como folklore como, por ejemplo, el paradigma ideológico del sol, playa, sexo y pecado. La ausencia de la complejidad en el abordaje y en la lectura de las manifestaciones culturales genera una superficialidad en los modos de ver y entender las diferentes matices que componen la diversidad existente, estigmatizando y uniformizándolas folklóricamente.*

*Sin embargo, hoy en día, existe un conflicto de valores muy sutil: el SUR está ahora en el NORTE, como resultado de las migraciones. Y hay una crisis de identidad en el Norte, que no sabe lidiar con el hecho de que el Sur le golpea la puerta. Una vez más, el pensamiento del Sur se revitaliza con la posibilidad de asumir el protagonismo en la construcción de una nueva política civilizatoria.*

*Una observación singular: los inmigrantes del Sur están cuidando los niños y viejos del Norte. Es otro modelo de intercambios culturales, de movimientos dialécticos que aportan para que el Sur pueda romper con el proceso de victimización construido a lo largo de la historia.*

## Cultura

*El pensamiento del Sur debería estar apto a enfrentarse a las complejidades de nuestras vidas, la complejidad de las realidades humanas y de la “insustentable complejidad del mundo”. La misión de ese pensamiento se fija en el adagio latino sparsa colligo, que significa reconecto lo que está disperso.*

EDGAR MORIN

*Unidad y diversidad son elementos esenciales de la misma existencia humana. De esta manera, la cultura constituye modos de ser, reconectando las naciones de individuo y sociedad a las manifestaciones que expresan. Consecuentemente, las singularidades de cada «lugar», son simbólicamente representados en estos diferentes planos.*

*La comprensión de cultura en el denominado «Sur» configura resistencia y también procesos creativos en construcción permanente y no solamente la reproducción de signos y significados occidentales.*

*Históricamente, las culturas del Sur fueran apropiadas y folklorizadas a partir de una lógica de dominación que transformó cosmologías y significados, pasteurizando y rotulando las manifestaciones culturales. Pero, a pesar de que el Sur haya representado el «locus» privilegiado de experimentación de los modelos occidentalizados, el mismo se reconfigura en la protagonización, en la síntesis y restauración de diferentes modos de existir. De esta manera, las culturas del Sur representan simultáneamente y contradictoriamente la síntesis y la tensión entre los nortes y los sures.*

*Bajo esta perspectiva, se entiende la cultura como expresión de libertad, autonomía y creatividad. El «sur» representa no solamente la fuerza de resistencia a*

*los patrones occidentales, sino un proceso permanente de creación que integra tres dimensiones esenciales y dinámicamente articuladas: estética, ética y espiritual. Toda la manifestación cultural necesita sostenerse en esas tres dimensiones, simultáneamente. Cuando predomina solamente una de dichas dimensiones, se vuelve un objeto mercadológico, genera incluso una crisis civilizatoria, lo que se puede ejemplificar a lo largo de la historia.*

*La comprensión de la «insustentable complejidad del mundo» puede proporcionar pistas fundamentales para la restauración de la manera de pensar la existencia humana. Esto a partir de la afirmación del proceso de construcción colectiva y progresiva de identidades plurales, basada en la noción de patrimonio material e inmaterial comunes.*

*La cultura involucra planillas de reconocimiento mutuo y se arraiga en la experiencia concreta. Como ligación entre tradiciones y expresiones modernas, revela nuevas posibilidades de asimilaciones emancipatorias y del buen vivir. Como modo de actuar, interaccionar y simbolizar, la cultura asume un papel fundamental en la perspectiva del pensamiento complejo y puede ser problematizada en cuatro caminos dirigidos hacia el futuro de la humanidad: Cultura como camino, instrumento, reconocimiento y experimentación. Camino de una política de civilización.*

### Redes de conocimiento

*Para un pensamiento del Sur, la cuestión planteada sobre el conocimiento se relaciona con la problematización del concepto de ciencias y sobre cuál es la importancia política de esta discusión epistemológica.*

*No se trata de negar la importancia de los conocimientos científicos para la historia de la humanidad, sino relativizar su hegemonía, fortaleciendo otras formas de saber, algunas de ellas mucho más antiguas y duraderas. Pensar en otras formas de producción o conocimiento, donde la naturaleza — incluyendo al ser humano — no sea un conjunto de objetos que manipular.*

*Otro desafío que se debe enfrentar es la significación política de los patrones y criterios de evaluación de los investigadores y de las publicaciones académicas, que terminan por definir las prioridades de los contenidos estudiados.*

*Aún necesitamos incluir en la discusión las cuestiones relacionadas al papel de las nuevas tecnologías en la sociedad contemporánea. Las mismas no son neutras, no son simples instrumentos. Así como crean una nueva exclusión a los que no tienen acceso a los medios informáticos, la Internet y las redes sociales han acelerado el intercambio de informaciones y permitido acercamientos en el espacio y en el tiempo, además de estimular movilizaciones solidarias, transformando las relaciones humanas de la contemporaneidad.*

### Experiencias innovadoras implementadas y/o en curso que ilustran el pensamiento y/o identidades del Sur

*Incontables iniciativas ya existentes señalan nuevos caminos a la construcción de otras perspectivas civilizatorias. En diferentes partes del planeta, personas, grupos sociales y países emprenden reflexiones, movimientos, proyectos y luchas que sorprenden lo que ya está establecido y se configuran como innovaciones emancipatorias y humanizantes. Dichas iniciativas presentan algunas afinidades que se pueden considerar como características de un pensamiento del Sur:*

- *Un desafío. Es algo que debemos realizar, no está terminado.*
- *Una construcción colectiva.*
- *Un pensar y un hacer alternativo.*
- *Una praxis.*

*Pensar a través de la complejidad del Sur implica el desarrollo de otras categorías de comprensión y análisis del mundo, rompiendo los presupuestos convencionales e instituidos, ya sean científicos, sociales o políticos, rescatando las particularidades de las culturas que pueden ser relevantes para pensar los modos de vivir más allá de los límites epistémicos de la idea de desarrollo formulada tradicionalmente por el Norte.*

*Entre las especificidades del Sur que resistieron y crearon un nuevo hecho, destacamos algunas experiencias ilustrativas y gestantes de otras posibilidades.*

*El Foro Social Mundial ilustra la potencia de una nueva forma de diálogo e interacción entre los nortes y los sures, y el protagonismo del Sur en dirección a una síntesis que trasciende esta polarización histórica e ideológica. Además de representar una forma de resistencia política y cultural, ante los estándares globales de la mundialización, también representa una vía de construcción de la identidad en favor de «otro mundo posible».*

*Las culturas indígenas, pese a todos los procesos de exterminio y catequesis, aún son un ejemplo vivo de una cultura integrada y cooperativa. El movimiento de los pueblos de la selva rescata dichas tradiciones y se actualiza con la afirmación de sus identidades en proyectos como el Movimiento Transamazónico, que excede la noción de Estado y país.*

*Los movimientos de los seringueiros (hombres que extraen el caucho) de la Amazonia se identifican también como resistencia al proceso histórico de dominación. De una manera organizada, ellos han conquistado un poder legítimo por la sociedad. Hoy no es posible ninguna intervención en la región sin atender a sus exigencias.*

*El trabajo desarrollado en Ciudad de Dios, Rio de Janeiro, mediante proyectos socioculturales, recupera la autoestima y el empoderamiento de su gente, a pesar de los estereotipos presentados en la película homónima.*

*Las acciones desarrolladas por SESC — Servicio Social de Comercio, en Brasil. La institución es mantenida por el empresariado del comercio y tiene como objetivo la calidad de vida de los trabajadores del comercio y de la sociedad en su totalidad. Mantiene centros de actividades en todo el país, desarrollan actividades de educación en su sentido más amplio, involucrando cultura, salud y entretenimiento.*

*No hay precedentes de tantos proyectos interdisciplinarios en las universidades, rompiendo el estándar académico, fragmentado y disciplinar. Destacan los observatorios y foros que se generan mediante alianzas de las instituciones y la sociedad civil. Uno de los trabajos más relevantes es el de la PUC-SP, a través del Núcleo de Estudios de la Complejidad — Complexus.*

*A partir de la experiencia de Bogotá, Colombia, el movimiento Nossa São Paulo consolida una red de ciudadanos de las ciudades, trayendo reflexiones innovadoras a la sociedad, ultrapasando autorías individualizadas, institucionales y gubernamentales.*

*El Protagonismo Juvenil, encuentro de jóvenes de América Latina, produce redes de relaciones e intercambio de experiencias, informaciones y conocimientos que crean lazos fraternos entre culturas heterogéneas.*

---

**Pensar a través de la complejidad del Sur implica el desarrollo de otras categorías de comprensión y análisis del mundo, rompiendo los presupuestos convencionales e instituidos.**

*También puede servir de referencia para el Norte la convivencia pacífica entre diversas religiones en Brasil.*

*En ese país aún destacan el modelo desarrollado por el SUS — Sistema Único de Salud, que articula los diferentes sistemas, federal, estatal y municipal, con entidades privadas, ampliado la atención a la salud pública y la creación de los Puntos de Cultura, apoyo técnico financiero a artistas y grupos ligados a las*

diferentes manifestaciones artísticas en todas las regiones del país, sin intermediaciones. Son acciones que desarrolla el Estado, el Ministerio de Salud y el Ministerio de Cultura, respectivamente, en una articulación respetuosa con la sociedad civil, que promueven su organización y autonomía, además de mejorar el servicio y la atención en general.

Por fin, se identifica que las manifestaciones culturales en la actualidad recuperan el vigor de los movimientos sociales de los años 70, con nuevas formas de luchas políticas y resistencias culturales.

## Cuestiones prioritarias que trata el pensamiento del Sur en dirección de una política de civilización

1. *Pensamiento del Sur: dialogía entre diversidad y unidad.*
2. *La unidad compleja: un uno que se construye a partir de la diversidad.*
3. *La urgencia de conciliación entre polos complementares y no excluyentes.*
4. *La cultura como fuerza de resistencia y creación permanente.*

### Pensamiento del Sur: dialogía entre diversidad y unidad

El Sur, territorio histórico, cultural y humano de la diversidad, puede asumir un papel protagonista en el mundo contemporáneo como productor de sentidos y posibilidades, a partir de la crítica de la homogeneización dictada por la dinámica de mundialización y de la fragmentación del conocimiento promovida por la técnica. Se constituye hoy como alternativa de reflexión sobre los procesos de sujeción, cuestionando la unidad que adviene de la uniformización y folklorización de las diferencias, promotora de la descualificación y tipificación de los modos de ser y hacer de los pueblos históricamente colonizados.

El pensamiento del Sur se configura como fuerza de transformación, a través de una tensión crítica constante en la articulación de la memoria, del imaginario y de la ética. Construido en la territorialidad geográfica y evocado por la historia, está engendrado en el imaginario como resultado ideológico a los procesos de domesticación que se propagan en el ámbito de las ideas, prácticas y discursos.

Transformando la diversidad en un valor social fundamental, el pensamiento potencial del Sur está orientado al reconocimiento y al respeto a las

singularidades culturales, éticas y espirituales, de acuerdo a la unidad que la condición humana asegura, que reafirma la sociedad como lugar imprescindible para las interacciones entre todos los pueblos y sus diferencias. De acuerdo con la denominación de la complejidad, hay una fuerza dialógica traducida por un diálogo permanente entre la unidad humana y la diversidad cultural.

### Unidad compleja: un uno que se construye a partir de la diversidad

El pensamiento del Sur se traduce como fuerza crítica al que oprime, unifica, distorsiona y empobrece. Se configura en diferentes dimensiones, pero a partir de la reunión de lo mejor que la civilización conquistó con lo que hay de mejor en los modos de ser y de vivir de los que habitan los espacios/tiempos/imaginarios de los pueblos colonizados.

En la dimensión epistemológica, un pensamiento que reúna el Norte y el Sur permite el respeto hacia la unidad y diversidad de los sistemas humanos del conocimiento (ciencia, filosofía y saberes tradicionales orales o escritos) problematizando, sin embargo, el significado político de cada uno de ellos. Una resistencia al colonialismo cultural debe incentivar nuevas formas de producción y difusión del saber, principalmente la construcción de redes del conocimiento y de investigaciones abiertas, distribuidas y colaborativas.

En la dimensión política, cabe ponderar sobre las finalidades del pensamiento del Sur: ¿para qué y para quién? Una constante reflexión sobre sus objetivos, estrategias y alcance en la búsqueda de alternativas a los modelos económicos sociales y políticos del occidente.

En la dimensión cultural, el pensamiento del Sur se reelabora por medio de la comprensión crítica para regenerar la memoria, teniendo en cuenta los procesos históricos de larga duración, como las guerras por independencia, revoluciones sociales y políticas, y también las resistencias artístico-culturales en la poesía, la literatura, la música, la pintura, el cine, el teatro y el baile, que cruzan las fronteras con sus mensajes estéticos y éticos de críticas y nuevos sentidos y expresiones.

### La urgencia de conciliación entre polos complementarios y no excluyentes

Las culturas del Sur representan, simultáneamente y contradictoriamente, la tensión y la búsqueda de la restauración entre los nortes y los sures, en el sentido de una nueva perspectiva civilizatoria. Representan el «locus» privilegiado para la

*integración entre la razón y la emoción, la prosa y la poesía. Incorporan, de esta manera, diferentes modos de ser y hacer, reconectando las nociones de individuo, especie, sociedad, ciudadanía. Su expresión sintetiza las identidades y particularidades de cada «lugar» simbólicamente representado en esos diferentes planos.*

*Unidad y Diversidad son aspectos esenciales e inseparables de la existencia humana. A pesar de ser un lugar de experimentación histórica de los modelos occidentalizados, el Sur se presenta hoy como poseedor de capacidades para restaurar una ética conciliadora de preservación de recursos y ecosistemas del planeta, siendo la cultura, para sí misma, una expresión de esfuerzo en dicho equilibrio entre cultura y naturaleza y cuya legitimidad parte de la valoración de las diferencias.*

*La unidad, en este sentido, no significa uniformidad, sino la garantía de la igualdad humana como principio universal que excede las dualidades, encontrándose en las diferencias, características de la «insostenible complejidad del mundo».*

### **Cultura como fuerza de resistencia y creación permanente**

*Las expresiones dinámicas del potencial pensamiento del Sur pueden articularse alrededor de la promoción de identidades plurales, abiertas y asociadas al compartir de un patrimonio común, material e inmaterial.*

*Las manifestaciones de resistencia convirtieron los sures en protagonistas de transformaciones socioculturales y políticas, con perfil humanizador y democrático.*

*Como expresión de saberes y haceres, la cultura se rehace como realidad económica, social e ideológica. Es también el espacio/tiempo común, el conjunto socio-histórico que los seres humanos de todos los tiempos han generado y acumulado, con sus manifestaciones siempre comprendidas en las dimensiones ética, estética y espiritual.*

*Sin ser lógico como lo universal, ni derivado de la producción como lo uniforme, lo común invierte en una política de coparticipación, de equidad. Involucra acciones y actitudes de reconocimiento mutuo, consolidándose en los discursos y en la experiencia.*

*La cultura se potencializa como enlace entre las tradiciones y las expresiones modernas, presentando nuevas posibilidades de emancipación y para el buen vivir. Al entenderla como manera de actuar, interactuar y simbolizar, la misma asume un papel fundamental en la perspectiva del pensamiento complejo, conforme:*

- *Cultura como vía para emergencia de una política de civilización para la Tierra-patria.*
- *Cultura como instrumento para enfrentar la fuerza del cuatrimotor de la dinámica planetaria — ciencia, técnica, economía, ganancia — y regenerar la democracia de los pueblos y naciones.*
- *Cultura como reconocimiento de la unidad y diversidad de las expresiones humanas.*
- *Cultura como experimentación en la reconexión entre lo prosaico y lo poético, y los límites de las muchas posibilidades del Norte y de los sures.*



## Conclusiones y recomendaciones para la continuidad del proceso

### Por una política de civilización

*La crisis civilizatoria contemporánea impone la búsqueda de identificación de la unidad y de la diversidad como condición de humanidad. En este hecho residen los lazos de humanidad.*

*En la afirmación de la unidad/diversidad de las sociedades reside la posibilidad de construcción de un pensamiento del Sur que enfrente la homogeneización de las culturas, contribuyendo de una manera decisiva a una política de civilización. Para ello, es necesaria la sistematización de reflexiones permanentes y dinámicas para una nueva inteligibilidad, la afirmación de la unidad en la diversidad, a partir de la construcción de paradigmas fundamentados en las experiencias plurales del Sur. Es urgente al entendimiento de la diversidad sociocultural como base, fundamento y construcción de la unidad humana. La búsqueda de la sustentabilidad de las relaciones por medio de la búsqueda y comprensión de la diversidad bio-política-social es el punto de partida innegociable para la sustentabilidad de la Tierra-patria.*

*Las dinámicas del pensamiento del Sur se articulan por dos factores interconectados: la producción de identidades abiertas, plurales y el compartimiento de un patrimonio común que contiene resistencia, creatividad, bifurcación, democracia, equidad. El pensamiento del Sur debe hacer conjeturas sobre las posibilidades futuras para modos de conocimiento complejo que inviertan en la simbiosis entre los seres humanos y las producciones técnicas y, aun más, que busquen la posibilidad de la metamorfosis en las varias reformas a ser puestas en práctica en las instituciones y también fuera de ellas.*

*Hacer y vivir democráticamente implica experimentar procesos cotidianos de diversidad, transparencia, intercambio de puntos de vista, intercambios estéticos y fortalecimiento de valores y principios éticos.*

*Es necesario, aun, resaltar el papel de las redes sociales en las movilizaciones solidarias de la contemporaneidad, la importancia de la difusión del acceso de los bienes materiales, inmateriales y virtuales, posibilitando la construcción del conocimiento/pensamiento del modo colaborativo, planetario, procurando alcanzar el buen vivir de todos.*

*Si bien existe la necesidad de caracterizar el pensamiento del Sur y discriminar sus objetivos, principios y valores, como posibilidad de enfrentamiento de las cuestiones civilizatorias del siglo XXI, no se puede perder de vista la referencia del carácter provisorio de las conclusiones, cuando las diversidades son inevitables, condiciones mismas de las cosas del mundo y, a la vez, fundamentos inalienables para el futuro de la sapiens-demens en nuestro planeta destituido de cualquier modalidad de antropocentrismo y dominación.*

\* Documento elaborado pela equipe de relatores gerais do Encontro Internacional Para um Pensamento do Sul, que reuniu Educadores e Pesquisadores de treze países (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, França, Itália, México, Peru, República Dominicana, Senegal e Uruguai), convocados pelo pensador francês Edgar Morin e reunidos pelo SESC — Serviço Social do Comércio, no período de 14 a 17 de março de 2011, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil.

# Contribuições para um pensamento do Sul\*

Cordão, Francisco Aparecido  
Maldonato, Mauro

A história recomeça a correr. Após décadas de globalização político-econômica e de racionalização técnico-científica, o planeta enfrenta questões cruciais pelo próprio destino. A humanidade, frente ao frágil equilíbrio na corda bamba entre múltiplas formas de vida, corre o duplo perigo da fragmentação e da homogeneização. A longa história da submissão da pluralidade humana e do planeta aprisionada numa teologia racionalística — que pretende não só a unificação de todo o conhecimento no interior de uma ordem artificial, mas também a submissão a uma verdade absoluta e dogmática — produziu ídolos e valores de desculturação e de subalternidade.

Uma nova consciência planetária está emergindo e se desenvolvendo de maneira difusa em busca da liberdade. É um arquipélago de língua e cultura aberto de regiões linguístico-culturais que, para além do confinamento geográfico são capazes de escutar-se, confrontar-se, acordar-se, deixando-se atravessar pela heterogeneidade, sem renunciar a si mesmo. Essa cultura da relação não é um humanismo de boas intenções, mas o *ethos* que perpassa a tradição ocidental e oriental; um *ethos* aberto a plena compreensão da conduta, dos ritos e das emoções do outro, cujos fundamentos são o respeito da dignidade da pessoa humana, os valores da pólis da Grécia Antiga e da cultura do renascimento — um *ethos* que habita entre homens livres e solidários.

As soluções que prescindem da multiplicidade da experiência humana e das infinitas formas

de vida geram destruição da tradição e acentuam os conflitos das sociedades. Os indivíduos e a comunidade são os fundamentos da diversidade: vale para a Cultura, o Direito, a Antropologia, a Arte e tudo o mais. Pretende estabelecer a diversidade cultural nos planos ideológico, político e legislativo; significa fazer da harmonia natural das relações humanas um pesadelo real, muito além daquilo que os historiadores chamam hetero-gênese dos fins. Em outras palavras, uma diversidade cultural autêntica e exatamente oposta a uma diversidade normativa e prescritiva.

Nesse sentido, é necessário afirmar o princípio da unidade e da diversidade como elemento essencial da existência humana. Isso significa fazer uma crítica ao prejuízo identitário. Os desafios que temos pela frente nos solicitam, antes de tudo, a manter viva a crítica à “totalidade” em suas diferentes declinações, a manter vivo o amor pelas complexidades culturais, científicas e filosóficas, em radical contraste com o simplismo brutal que caracteriza os monismos. Uma ordem totalitária sempre será fundamentada no ódio pelas complexidades vivas, na destruição das minorias, na unificação forçada das diversidades, na nulificação dos indivíduos e no desprezo das vocações.

O abuso da razão no século XX atingiu sua máxima expressão. Não é a razão, mas a moral humana que torna possível uma ordem difusa da interação humana. Somente somos livres em nossas metas se formos livres na escolha de nossos obje-

tivos de vida. Nesse sentido, devemos pensar na economia como uma atividade a serviço da vida e da preservação do tecido vivo e não ao contrário. Assim, devemos pensar a economia como uma gestão responsável, solidária e sustentável de recursos físicos, naturais, humanos e intelectuais. O caos natural de uma ordem espontânea é, pela sua vitalidade, preferível ao “caos planejado” que destrói riquezas naturais e energéticas, institucionalizando o desperdício e o consumo desenfreado. A falsa ideia da democratização que, em nome da extensão dos direitos tem reduzido a multiplicidade e a complexidade dos fenômenos econômico-sociais à exclusiva dimensão normativa, provoca o silêncio do direito e contribui para alimentar e multiplicar conflitos. A multiplicação incessante da legislação tem produzido alterações e corrosões sistemáticas do ordenamento jurídico. Um conjunto de prescrições separado das mentes, das experiências e das emoções do homem. É um verdadeiro eclipse dos sentimentos. A ordem econômico-humana não pode ser reduzida somente ao mercado. Nisto vive uma ordem moral constituída da concorrência — que entre diferentes âmbitos gera mudanças positivas e permite a redução da desigualdade social e o aumento da solidariedade — que sempre aprimora a livre cooperação entre os homens, reconhecendo as diferenças individuais.

A evolução do mundo contemporâneo abriu novas possibilidades de liberdade individual, apesar do sistema de instrução e da organização burocrática — sistemas meramente quantitativos, estatísticos e uniformizadores — estão desencorajando os processos de fruição, de criação e de descoberta. É necessário repensar o conceito auto-eco-educação que é parte de um pensamento educativo capaz de encontrar a natureza dos processos cognitivos presentes na evolução social.

O conhecimento é um caminho ordinário e extraordinário. A didática não pode evitar o pensamento. Deve confrontar-se com ele sempre. Sem um pensamento verdadeiramente pensante não há ensino e aprendizagem eficazes. Esta é uma questão decisiva, porque o futuro será o que são as escolas de hoje. O ensinante deve levar em conta que a informação só é instrutiva se vier acompanhada de uma sinapse estrutural entre dois sistemas cognitivos e emocionais: a do ensinante e a do aprendente (Morin, *A cabeça bem feita*). Nosso sistema educativo é propenso a gerar cidadãos previsíveis e conformistas, que amputam aquele estado interno que gera imprevisibilidade e novidade. Como não ver que o mundo está mudando com uma velocidade sem precedentes? Mais uma vez, como não ver que uma escola estruturada sobre saberes técnico-utilitários represente uma resposta frágil aos gigantescos problemas que devemos enfrentar? A pretensão de um saber de base nivelado e uniforme se transforma num instrumento ineficaz. Para poder reger o estranhamento e o desraizamento de um mundo em permanente mutação, é necessário que os saberes de base contenham perguntas que façam sentido.

O desafio da reforma do pensamento é o conjunto de problemas postos à convivência humana e de uma interdependência planetária que exige cada vez mais, uma nova organização dos saberes, a fim de que mulheres/homens deste planeta enfrentem lucidamente os próprios destinos.

A civilização contemporânea encontra-se numa curva difícil de sua história. A excepcional quantidade de informações que circulam se, de um lado, contribuiu para criar um mundo de “crescentes expectativas”, por outro lado, tem enfraquecido a criatividade individual, transformando o conhecimento em simples curiosidade. O caminho difícil

---

**A didática não pode evitar o pensamento. Deve confrontar-se com ele sempre. Sem um pensamento verdadeiramente pensante não há ensino e aprendizagem eficazes.**

do conhecimento virou coisa do passado e se transformou numa simples passagem para se conseguir mais rapidamente atingir um objetivo. A consequência disso é a desvalorização do conhecimento que, ao contrário, significa estar atento, abrir-se aos acontecimentos e à exploração do desconhecido. Pensar, conhecer e descobrir exige problematizar a evidência dos fatos: sempre existe um além, um passo à frente, algo mais para se conseguir. Este é o significado último da pesquisa para todos aqueles que se sentem obcecados pelo desejo do conhecimento e pelo prazer da descoberta.

Nas nossas instituições educacionais, avança a perigosa armadilha da banalização da informação e do conhecimento. Essa banalização é uma ardilosa armadilha que, embora disfarçada sob formas de uma simplificação às vezes necessária, tem penetrado nos mecanismos ordinários do ensino, achatando e tornando inútil o conhecimento. A tentativa de atenuar a inevitável fadiga do saber teve como êxito uma artificial autoreferencialidade institucional, que nos conduz à separação de qualquer sentido possível. A vertiginosa expansão das liberdades individuais encontra diante de si um sistema educacional uniformizado e estandarizado que, com sua rigidez administrativa e o seu papel nada natural de “agências de socialização”, está nivelando o conhecimento por baixo, contaminado pela mediocridade, o que torna difícil a possibilidade de, a partir de uma pergunta viva, atingir um objetivo compartilhado.

Devemos, então, nos perguntar: para que deveria servir um ensino que banaliza quase tudo do pouco que é ensinado e absorvido? Mais do que isso: para que deveria servir a escola, com toda a ambiguidade da palavra servir, com seu duplo sentido de conhecimento básico, instrumental e funcional a serviço de qualquer coisa, onde a palavra servo assume o seu sentido verdadeiro? Até parece que ela tem como objetivo primeiro amputar aquelas experiências interiores que geram a imprevisibilidade e a novidade. O método de verificação da aprendizagem utilizado pelas nossas escolas mostra isso. A prova, na qual são feitas perguntas das quais já se conhece ou já está definida a resposta, é uma demonstração disso, com suas respostas previsíveis, que o estudante deve dar de cor. Trata-se de perguntas ilegítimas e não verdadeiras. Devemos nos perguntar se não seria mais fascinante pensar num sistema educativo que tivesse como objetivo evitar a banalização dos estudantes, ensinando-os a fazer “perguntas legítimas e verdadeiras”, perguntas das quais, necessariamente, não se conhece previamente a resposta.

Uma escola com base no conformismo e em lugares comuns, inevitavelmente, corre o risco de se tornar uma escola servil, submissa a uma ideologia hegemônica, a um poder político, a qualquer certeza (doxa) e “verdade” prestabelecida. As raízes clássicas da escola dizem, ao contrário, algo muito diferente. A escola grega clássica, por exemplo, era um momento da vida, consagrado ao início do conhecimento, um tempo separado da vida da cidade e do trabalho e que, por isso mesmo, era considerada de preparação para vida. Alguém pode questionar: aquele era um mundo aristocrático e exclusivo, não replicável na realidade do dia a dia de hoje. Talvez. Mas como não enxergar que a resposta a um tempo de revoluções científicas, culturais e tecnológicas se encontra na recuperação daquelas funções insubstituíveis? Como não enxergar que uma escola estruturada sobre conhecimentos técnico-utilitários é uma fraca resposta aos gigantescos problemas do nosso tempo? Como não enxergar que, enquanto tudo muda numa velocidade sem precedentes, um conhecimento de base nivelado e uniforme, se torna um instrumento velho e sem utilidade? Finalmente, como não enxergar que, para resistir ao choque desorientador e desenraizante de um mundo em permanente mudança, os conhecimentos básicos devem conter perguntas que façam sentido e que

desenvolvam a capacidade de aprendizagem autônoma e a contínua possibilidade de autoeducação?

Frente ao mundo homologado nos signos de um pensamento que deleta as diferenças e as singularidades, é imperativo interrogar qual o sentido do homem habitar a terra. O pensamento do Sul é o pensamento da Matria/ Pátria, um pensamento geo-filosófico do Sul, de sua identidade e de suas múltiplas raízes, que entende inaugurar um contra-movimento inspirado em valores universais do humanismo. A ideia é a mesma de civilização que, solicita a cultivar as características de uma humanidade que não existe como ideia abstrata, mas sempre na pluralidade de agregações humanas que, cada vez de maneira única, habita tempos, espaços e lugares, conferindo-lhes um significado absolutamente singular. O pensamento do Sul pertence a nossa história e às nossas tradições. Ele não é um modelo e nem está imune a contradições. Mas, enquanto pensamento das origens e do berço da civilização quer reafirmar os valores e os direitos universais. Por um motivo ou por outro, terra, pátria, idioma, povo, raça, tornaram-se palavras impronunciáveis. Sobre elas, por um bom tempo, projetou-se um longo cone de sombra. Hoje, no entanto, estão a espera de respostas nossas, respostas à altura da mudança histórica que estamos vivendo. Delas depende o amanhã da humanidade. Não há outras fronteiras a serem violadas porque toda fronteira certa se dissolveu e com elas toda a integridade territorial. Talvez hoje, finalmente, poderíamos reencontrar a capacidade de abrir as próprias fronteiras ao outro. Temos que esperar que o Sul saiba se pensar espaço onde a vontade de poder se converta e que ele, de construtor de utopias, saiba remontar uma visão mais clara do mundo. Quando isso acontecer o Sul poderá doar ainda aos seus futuros viandantes e a todo mundo aquela terra sem nostalgia a caminho da qual nos encontramos. Não é uma meta o que põe fim à busca. A meta está na própria busca. É nela que cresce o amor por aquilo que procuramos.

# Aportes para un pensamiento del Sur\*

Cordão, Francisco Aparecido  
Maldonato, Mauro

\* Documento elaborado por el equipo de relatores generales del Encuentro Internacional para un pensamiento del Sur, evento que reunió a Educadores e Investigadores de trece países (Argentina, Bolivia, Brasil, Chile, Colombia, Cuba, Francia, Italia, México, Perú, República Dominicana, Senegal y Uruguay), convocados por el pensador francés Edgar Morin y reunidos por SESC — Servicio Social de Comercio, en el periodo de 14 a 17 de marzo de 2011, en la ciudad de Río de Janeiro, en Brasil.

*La historia recomienza a correr. Tras décadas de globalización político-económica y de racionalización técnico-científica, el planeta afronta cuestiones cruciales por su mismo destino. La humanidad, frente al frágil equilibrio en la cuerda floja entre múltiples formas de vida, corre el doble peligro de la fragmentación y de la homogeneización. La larga historia de la sumisión de la pluralidad humana y del planeta, aprisionada en una teología racionalista — que busca no solamente la unificación de todo el conocimiento en el interior de un orden artificial, sino también la sumisión a una verdad absoluta y dogmática — produjo ídolos y valores de desculturación y de subalteridad.*

*Una nueva conciencia planetaria emerge y se desarrolla de una manera difusa en búsqueda de la libertad. Es un archipiélago de lengua y cultura abierto de regiones lingüístico-culturales que, más allá del confinamiento geográfico, son capaces de escucharse, confrontarse, despertarse mutuamente, dejándose atravesar por la heterogeneidad, sin renunciar a sí mismo. Esa cultura de la relación no es un humanismo de buenas intenciones, sino el ethos que supera la tradición occidental y oriental; un ethos abierto a la plena comprensión de la conducta, de los ritos y las emociones del otro, cuyos fundamentos son el respecto a la dignidad de la persona humana, los valores de la polis de la Grecia Antigua y de la cultura del renacimiento — un ethos que habita entre hombres libres y solidarios.*

*Las soluciones que prescinden de la multiplicidad de la experiencia humana y de las infinitas formas de vida, generan destrucción de la tradición y acentúan los conflictos de las sociedades. Los*

*individuos y la comunidad son los fundamentos de la diversidad: vale para la cultura, el derecho, la antropología, el arte y todo lo demás. Procura establecer la diversidad cultural en los planos ideológico, político y legislativo; significa transformar la armonía natural de las relaciones humanas en una pesadilla real, mucho más allá de aquello que los historiadores llaman heterogénesis de los fines. En otras palabras, una diversidad cultural auténtica y exactamente opuesta a una diversidad normativa y prescriptiva.*

*En ese sentido, es necesario afirmar el principio de la unidad y de la diversidad como elemento esencial de la existencia humana. Esto significa hacer una crítica al perjuicio de la identidad. Los desafíos que tenemos adelante requieren de nosotros, sobre todo, mantener viva la crítica a la “totalidad” en sus diferentes declinaciones, mantener vivo el amor por las complejidades culturales, científicas y filosóficas, en radical contraste con el simplismo brutal que caracteriza los monismos. Un orden totalitario siempre estará fundamentado en el odio por las complejidades vivas, en la destrucción de las minorías, en la forzosa unificación de las diversidades, en la anulación de los individuos y en el desprecio a las vocaciones.*

*El abuso de la razón en el siglo XX alcanzó su máxima expresión. No es la razón, sino la moral humana lo que permite un orden difuso de la interacción humana. Solamente somos libres en nuestras metas si tenemos la libertad de elegir nuestros objetivos de vida. En este sentido, debemos pensar en la economía como una actividad al servicio de la vida y de la preservación del tejido vivo y no lo contrario. De esta manera, debemos pensar la economía como una gestión*

responsable, solidaria y sustentable de recursos físicos, naturales, humanos e intelectuales. El caos natural de un orden espontáneo es, por su vitalidad, preferible al "caos planificado" que destruye riquezas naturales y energéticas, institucionalizando el desperdicio y el consumo desenfrenado. La falsa idea de la democratización, que en nombre de la extensión de los derechos ha reducido la multiplicidad y la complejidad de los fenómenos económico-sociales a la exclusiva dimensión normativa, provoca el silencio del derecho y contribuye con la alimentación y multiplicación de conflictos. La multiplicación incesante de la legislación ha producido alteraciones y corrosiones sistemáticas del ordenamiento jurídico. Un conjunto de prescripciones separado de las mentes, de las experiencias y de las emociones del hombre. Es un verdadero eclipse de los sentimientos. El orden económico-humano no puede reducirse solamente al mercado. En ello reside un orden moral constituido de la competencia — que entre diferentes ámbitos genera cambios positivos y permite la reducción de la desigualdad social y el aumento de la solidaridad — que siempre mejora la libre cooperación entre los hombres, reconociendo las diferencias individuales.

La evolución del mundo contemporáneo abrió nuevas posibilidades de libertad individual, a pesar del sistema de instrucción y de la organización burocrática — sistemas meramente cuantitativos, estadísticos y uniformizadores — están desanimando los procesos de fruición, creación y descubrimiento. Es necesario repensar el concepto auto-eco-educación, que es parte de un pensamiento educativo capaz de encontrar la naturaleza de los procesos cognitivos presentes en la evolución social.

El conocimiento es un camino ordinario y extraordinario. La didáctica no puede evitar el pensamiento, sino que debe confrontarlo siempre. Sin un pensamiento realmente pensante no hay enseñanza y aprendizaje eficaces. Esta es una cuestión decisiva, porque el futuro será lo que son las escuelas de hoy. El docente debe considerar que la información sólo es instructiva si viene seguida de una sinapsis estructural

entre dos sistemas cognitivos y emocionales: la del enseñante y la del aprendiente (Morin, La cabeza bien puesta). Nuestro sistema educacional tiende a generar ciudadanos predecibles y conformistas que amputan aquél estado interno que genera imprevisibilidad y novedad. ¿Cómo no ver que el mundo está cambiando a una velocidad sin precedentes? Una vez más, ¿cómo no ver que una escuela estructurada sobre saberes técnico-utilitarios represente una respuesta frágil a los gigantescos problemas que debemos enfrentar? La pretensión de un saber de base nivelado y uniforme se transforma en un instrumento ineficaz. Para poder regir el extrañamiento y el desarraigo de un mundo en permanente mutación, es necesario que los saberes de base contengan cuestionamientos que tengan sentido.

El desafío de la reforma del pensamiento es el conjunto de problemas planteados a la convivencia humana y de una interdependencia planetaria que exige cada vez más una nueva organización de saberes, con la finalidad de que mujeres y hombres de este planeta puedan enfrentar lúcidamente sus mismos destinos.

La civilización contemporánea se encuentra en una curva difícil de su historia. La excepcional cantidad de informaciones que circulan, si de un lado aporta a la creación de un mundo de «crecientes expectativas», del otro ha debilitado la creatividad individual, transformando el conocimiento en simple curiosidad. El camino difícil del conocimiento se volvió algo anticuado y se transformó en un simple pasaje para conseguir más rápidamente alcanzar un objetivo. La consecuencia de ello es la desvalorización del conocimiento que, al contrario, significa estar atento, abrirse a los acontecimientos y a la exploración de lo desconocido. Pensar, conocer y descubrir exige problematizar la evidencia de los hechos: siempre existe un más allá, un paso adelante, algo más que conseguir. Este es el significado último de la investigación para todos los que se sienten obcecados por el deseo de conocimiento y por la satisfacción del descubrimiento.

En nuestras instituciones educacionales, avanza la peligrosa trampa de la banalización de la información y del conocimiento. Dicha banalización es una astuta trampa que, aunque oculta bajo formas de una simplificación a veces necesaria, ha penetrado en los mecanismos ordinarios de la enseñanza, aplastando e inutilizando el conocimiento. El intento de atenuar el inevitable cansancio del saber tuvo como éxito una artificial auto referencialidad institucional que nos conduce a la separación de cualquier sentido posible. La vertiginosa expansión de las libertades

**La didáctica no puede evitar el pensamiento, sino que debe confrontarlo siempre. Sin un pensamiento realmente pensante no hay enseñanza y aprendizaje eficaces.**



individuales encuentra delante de sí un sistema educacional uniformizado y estandarizado que, con su rigidez administrativa y el papel nada natural de «agencias de socialización», está nivelando el conocimiento por abajo, el cual se contamina por la mediocridad, volviendo difícil la posibilidad de, a partir de una pregunta viva, alcanzar un objetivo compartido.

Debemos, entonces, preguntarnos: ¿para qué debería servir una enseñanza que banaliza casi todo de lo poco que se enseña y absorbe? Más que eso: ¿para qué debería servir la escuela, con toda la ambigüedad de la palabra servir, con su doble sentido de conocimiento básico, instrumental y funcional a servicio de cualquier cosa, donde la palabra siervo asume su verdadero sentido? Parece, incluso, que la misma tiene como su objetivo principal amputar las experiencias anteriores que generan imprevisibilidad y novedad. El método de verificación del aprendizaje que se utiliza en nuestras escuelas lo demuestra. El examen, en el que se hacen preguntas de las cuales ya se conoce y ya se tiene definida una respuesta, lo demuestra, con sus respuestas predecibles que el estudiante debe saber de memoria. Se trata de preguntas ilegítimas y no verdaderas. Debemos preguntarnos si no sería más fascinante pensar en un sistema educacional que tuviera como objetivo evitar la banalización de los estudiantes, enseñándolos a hacer «preguntas legítimas y verdaderas», preguntas de las que necesariamente no se conoce previamente la respuesta.

Una escuela que se basa en la conformidad y en lugares comunes inevitablemente corre el riesgo de volverse una escuela servil, sumisa a una ideología hegemónica, a un poder político, a cualquier certeza (doxa) y «verdad» preestablecida. Las raíces clásicas de la escuela dicen, al contrario, algo muy diferente. La escuela griega clásica, por ejemplo, era un momento de la vida, consagrado al inicio del conocimiento, un tiempo separado de la vida de la ciudad y del trabajo y que, por esta misma razón, se consideraba de preparación para la vida. Alguien puede cuestionar: aquél era un mundo aristocrático y exclusivo, no replicable en la realidad de la vida cotidiana actual. Quizás. Pero ¿cómo no ver que la respuesta a un tiempo de revoluciones científicas, culturales y tecnológicas se encuentra en la recuperación de aquellas funciones insustituibles? ¿Cómo no ver que una escuela estructurada sobre conocimientos técnico-utilitarios es una débil respuesta a los enormes problemas de nuestra época? ¿Cómo no ver que, mientras todo cambia en una velocidad sin precedentes, un conocimiento de base nivelado y uniforme se vuelve un instru-

mento viejo y sin utilidad? Finalmente, ¿Cómo no ver que para resistir al choque desorientador y que desarraiga de un mundo en permanente cambio, los conocimientos básicos deben contener preguntas que tengan sentido y que desarrollen la capacidad de aprendizaje autónomo y la continua posibilidad de autoeducación?

Frente al mundo homologado en los signos de un pensamiento que borra las diferencias y las singularidades es imperativo interrogar qué sentido tiene que el hombre habite la Tierra. El pensamiento del Sur es un pensamiento de Matria/Patria, un pensamiento geo-filosófico del Sur, de su identidad y múltiples raíces, que tiende a inaugurar un contra-movimiento inspirado en valores universales del humanismo. La idea es la misma de civilización, que solicita cultivar las características de una humanidad que no existe como idea abstracta, pero siempre en la pluralidad de agregaciones humanas que, cada vez de forma más única, habita tiempos, espacios y lugares, dándoles un significado absolutamente singular. El pensamiento del Sur pertenece a nuestra historia y a nuestras tradiciones. No es un modelo y no está inmune a las contradicciones. Sin embargo, como pensamiento de las orígenes y de la cuna de la civilización quiere reafirmar los valores y derechos universales. Por un motivo u otro, tierra, patria, idioma, pueblo, raza, se volvieron palabras impronunciadas. Sobre ellas, por un largo tiempo, se proyectó un largo cono de sombra. Pero hoy están a la espera de respuestas de nuestra parte, respuestas a la altura del cambio histórico que estamos viviendo. De ellas depende el mañana de la humanidad. No hay otras fronteras a ser violadas, porque todas las fronteras ciertas se disolvieron y con ellas toda la integridad territorial. Tal vez hoy, finalmente, podríamos reencontrar la capacidad de abrir nuestras mismas fronteras al otro. Debemos esperar que el Sur sepa pensar el espacio donde la voluntad de poder se convierta y que él, de constructor de utopías, sepa remontar una visión más clara del mundo. Cuando eso ocurra, el Sur podrá donar aún más a sus futuros viandantes y a todo el mundo aquella tierra sin nostalgia camino de la cual nos encontramos. No es una meta lo que le pone fin a la búsqueda. La meta es la búsqueda misma: en ella crece el amor por aquello que buscamos.

Convocação para  
um pensamento  
do Sul Morin, Edgar

Nós, homens e mulheres dos diversos “suis”, educadores e pesquisadores de 13 países, reunidos no Rio de Janeiro entre os dias 14 e 17 de março, anunciamos as seguintes considerações:

1. Considerando que o futuro globalizado do nosso planeta produz uma comunidade de destino para todos os seres humanos confrontados com perigos mortais, mas que, ao mesmo tempo, esses perigos conduzem a desastres suicidas para a humanidade;
2. Considerando que o desenvolvimento das ciências, das técnicas e da economia globalizada produz inúmeros benefícios, porém, simultaneamente, a multiplicação das armas de destruição em massa, a degradação da biosfera da qual nós fazemos parte, o aumento das desigualdades e a desregulação de uma economia entregue às especulações do capitalismo financeiro;
3. Considerando que a economia deva ser religada ao homem, ao ambiente e à sociedade; que a economia deva ser regenerada de acordo com os princípios de ética social como a transparência e a responsabilidade, assim como, em muitos aspectos, deve ser expressão de fraternidade e solidariedade em âmbito local e global;
4. Considerando que a morte dos totalitarismos do século XX foi seguida pelos insaciáveis fanatismos raciais, nacionais, étnicos, religiosos e pelo furor do capitalismo financeiro especulativo que ameaça toda a humanidade;
5. Considerando que as múltiplas crises do nosso século (crises econômicas, crise da modernidade ocidental, crise das sociedades tradicionais e crises do progresso) constituem a grande crise da humanidade, que não consegue se constituir como humanidade;
6. Considerando a arrogância de um pensamento fundamentado unicamente no cálculo e nos desenvolvimentos quantitativos, cego às realidades humanas profundas e aos problemas fundamentais e globais;
7. Considerando que a disjunção entre cultura científica, cultura humanista e cultura midiática mutila cada uma dessas culturas, pois a científica não possui a capacidade de refletir, a cultura humanista desconsidera aspectos cruciais dos conhecimentos científicos e a midiática frequentemente sofre de superficialidade e futilidade;
8. Considerando que o poder do capital induzido pela monetarização generalizada reduziu ao extremo, no mundo ocidentalizado, a parte livre da existência, desenvolveu enormes corrupções em todos os países e permitiu a fúria da especulação financeira em detrimento dos povos e das nações;
9. Considerando os efeitos poluentes das energias fósseis e sua rarefação próxima, os perigos ocultos da energia nuclear (estocagem de resíduos, riscos ligados à rarefação da água de refrigeração, risco de explosão em consequência de catástrofes naturais ou carências humanas, ameaçando enormes populações pela radioatividade) que provocaram o subdesenvolvimento generalizado das energias renováveis não poluentes;

10. Considerando que o Norte, sob o pretexto da noção de desenvolvimento, continua a impor ao Sul um processo de ocidentalização forçado e uma concepção padronizada que ignora as diversidades e as virtudes das civilizações e culturas do planeta;
11. Considerando que esse processo ambivalente confere autonomia às gerações jovens e, às vezes, às mulheres, que contribui para a formação das classes médias que passam a desfrutar de padrões ocidentais, mas também das intoxicações da civilização ocidental; que ele esse processo aumenta as corrupções e desigualdades, que ele transforma as populações pauperizadas que dispunham de um mínimo de autonomia em populações miseráveis dependentes e excluídas;
12. Considerando que os “suis” estão submetidos a um colonialismo econômico que se apropria de suas riquezas e de suas terras e que prossegue sob novas formas de dominações e explorações;
13. Considerando que, para realizarem sua emancipação, os “suis” podem e devem continuar a se apropriar dos princípios desenvolvidos nas civilizações do Norte como os direitos do homem, os direitos da mulher, o direito dos povos, as liberdades democráticas;
14. Considerando, mais ainda, que os “suis” devem salvaguardar seus valores de solidariedade e de comunidade, de relação integrada ao cosmo e à natureza, seus saberes e fazeres adquiridos por experiências, muitas vezes multimilenares, de arte de vida e de sabedoria;
15. Considerando que para todos os lugares do planeta, mas de forma diversa segundo as condições, se impõe uma simbiose entre o melhor proveniente das culturas e civilizações do Norte e o melhor proveniente das culturas e civilizações dos “suis”;
16. Considerando que doravante é necessário promover uma política da humanidade fundada na pesquisa e no desenvolvimento de tais simbioses, assim como na ideia da inseparabilidade da unidade e da diversidade humanas;
17. Considerando que doravante é um dever ético e político vital considerar o outro simultaneamente em sua diferença e na sua identidade próprias;
18. Considerando que os progressos técnicos e materiais promovidos pela civilização do Norte, não acompanhados pelos progressos físicos e espirituais, conduzem a um mal-estar moral e físico no próprio cerne do bem-estar material;
19. Considerando que a noção de bem viver promulgada no Sul em Quito, Belém e La Paz deve dominar e englobar o bem-estar material;
20. Considerando que o bem viver implica autonomia pessoal e, simultaneamente, integração harmoniosa em uma ou mais comunidades; que a poesia da vida quer dizer o florescimento da habilidade de comungar, de se maravilhar, e tem a integração da capacidade infantil de amar, das aspirações e ardores da adolescência, da responsabilidade do adulto, da reflexividade dos mais velhos sobre sua experiência;
21. Considerando, igualmente, que o bem viver requer serenidade e, ao mesmo tempo, intensidade, o que implica a reconquista do tempo natural contra o tempo cronometrado imposto;
22. Considerando que todas as áreas das atividades humanas, econômicas, sociais, culturais, educacionais, mentais e existenciais necessitam de reformas profundas e intersolidárias.

### Nós nos dirigimos às mulheres e aos homens de boa vontade dos diversos “suis” para formular os seguintes princípios políticos:

1. Uma política de civilização deve lutar contra os efeitos negativos da civilização ocidental assim como contra as qualidades negativas das civilizações tradicionais.
2. Uma política da humanidade visa efetuar as simbioses entre o melhor das diversas culturas e civilizações.
3. Uma política da humanidade ambiciona realizar a unidade humana em sua diversidade no seio do nosso planeta tornando-se Terra-pátria, que não deverá suprimir, mas englobar as diversas pátrias.
4. Uma política da humanidade empenha-se na formação de uma confederação terrestre e, além

**Um esforço educativo intensivo deve ser voltado à introdução do conhecimento do conhecimento em todos os níveis de ensino.**

- disso, de uma sociedade-mundo de um novo tipo; o mais rápido possível, deve visar à instauração de instâncias de decisão legítimas no que diz respeito à economia globalizada, à biosfera, aos armamentos e à conseqüente proibição das armas nucleares e das armas químicas.
5. Uma política da humanidade deve não apenas instituir modos planetários de regulação da economia, mas também proscrever as especulações do capitalismo financeiro. Ela deve indicar as vias de uma economia plural, que comporta a economia de mercado, mas também os desenvolvimentos de uma economia equitativa que proíbe os predadores intermediários, favorecendo os contatos diretos entre produtores e consumidores. Uma política de humanidade deve favorecer uma economia social e solidária, assim como o desenvolvimento de uma economia verde de energias renováveis e de grandes trabalhos de humanização das cidades e de revitalização dos campos; nesse sentido, ela deve empenhar-se na redução progressiva da agricultura e da pecuária industrializadas.
  6. Uma política da humanidade deve comportar uma concepção renovada da cultura que não apenas religue e interfecunde as três culturas separadas, mas também integre as dimensões éticas, estéticas e espirituais.
  7. Um esforço educativo intensivo deve ser voltado à introdução do conhecimento do conhecimento em todos os níveis de ensino, a fim de reconhecer as fontes de erro e de ilusão; ele introduzirá os princípios de um conhecimento pertinente, que saiba contextualizar seus objetos e religar seus saberes. Introduzirá, simultaneamente, o ensino dos princípios da compreensão humana para todos os próximos, os vizinhos, os estrangeiros.
  8. É necessário ensinar os princípios da racionalidade, seus riscos de degradação, as insuficiências de uma racionalidade fechada, as condições e os limites da cientificidade, os princípios de um conhecimento e de um pensamento complexo que permitissem um conhecimento e uma ação o menos mutilante possível.
  9. Uma política da humanidade tende a promover as reformas de vida em função do “bem viver”, que saiba se libertar das intoxicações das civilizações, especialmente das intoxicações consumistas, das várias dependências que escravizam a existência, e indicar as vias que permitiriam aos seres humanos ter acesso à poesia da vida, à serenidade e à intensidade.
  10. Uma política da humanidade deve reconhecer, e fazer com que sejam conhecidas, as inúmeras iniciativas em todos os continentes, particularmente as iniciativas criativas dos “suis”, mas também aquelas presentes em todos os continentes, que constituem os caldos de cultura de um mundo novo.
  11. Uma política da humanidade encoraja e estimula todas as vias reformadoras que confluíram para uma via que conduziria a uma metamorfose na qual o planeta se converteria em uma metassociedade.
  12. Uma política da humanidade encoraja os desenvolvimentos de uma ciência complexa, de uma técnica de máquinas inteligentes que substituem as máquinas deterministas alienantes e, também, os desenvolvimentos, de uma economia equitativa e solidária.
  13. Uma política da humanidade retoma e assume os princípios éticos das grandes religiões, a compaixão pelo sofrimento do Buda, o amor ao próximo e o perdão do Evangelho, a clemência e a misericórdia do Corão, por meio da laicização dos princípios de fraternidade contidos na trindade laica: liberdade, igualdade, fraternidade. Ela é guiada pela ideia de associar o desenvolvimento pessoal, a melhoria da sociedade e a fraternidade comunitária.
- Os “suis” são os lugares onde as simbioses e as miscigenações da civilização começam a operar, onde ainda se salvaguarda o melhor dos valores do passado, estão em conflito decisivo as forças da vida e as forças da morte, as forças da opressão e as forças da liberdade, onde se impõe a necessidade de um pensamento complexo que responda aos desafios gigantescos do nosso século.
- Nós começamos aqui a obra imensa e necessária da elaboração de um pensamento do Sul. Ela vai se esforçar para reconhecer, difundir e ilustrar todas as experiências criadoras de um novo futuro e de uma nova civilização. Esse pensamento será não particularista, mas aberto, integrativo e proposto a toda a humanidade.
- É aqui, em nós e conosco, que em meio à angústia e à incerteza, o amor e a esperança ressuscitam, sem o que nada é possível. Amor, esperança e razão devem se associar para compreender e orientar as reformas necessárias à salvaguarda da humanidade. Karl Jaspers afirmava que a humanidade só pode sobreviver transformando-se a si própria. Hoje, e sem nenhum equívoco, a causa é sublime: a da salvação da humanidade por intermédio da metamorfose.

Rio de Janeiro, 17 de março 2011.

# Convocatoria para un pensamiento del Sur

Morin, Edgar

*Nosotros, mujeres y hombres de los diferentes «sures», educadores e investigadores de trece países, reunidos en Río de Janeiro entre los días 14 y 17 de marzo, anunciamos las siguientes consideraciones:*

- 1. Considerando que el futuro globalizado de nuestro planeta produce una comunidad de destino para todos los seres humanos confrontados con peligros mortales, pero que, a la vez, dichos peligros conducen a desastres suicidas para la humanidad;*
- 2. Considerando que el desarrollo de la ciencia, la tecnología y la economía globalizada produce innumerables beneficios pero, a la vez, ocasiona la multiplicación de las armas de destrucción masiva, la degradación de la biósfera de la que somos parte, el aumento de las desigualdades y la desreglamentación de una economía que cede a las especulaciones del capitalismo financiero;*
- 3. Considerando que la economía debe reconectarse al hombre, a su entorno y a la sociedad; que la economía debe regenerarse de acuerdo a los principios de ética social como la transparencia y la responsabilidad, así como debe ser la expresión, en muchos aspectos, de fraternidad y solidaridad, a nivel local y global;*
- 4. Considerando que a la muerte de los totalitarismos del siglo XX le siguió el despertar de los insaciables fanatismos raciales, nacionales, étnicos, religiosos y el furor del capitalismo financiero especulativo que amenaza a toda la humanidad;*
- 5. Considerando que las crisis múltiples de nuestro siglo (crisis económicas, crisis de la modernidad occidental, de las sociedades tradicionales y del progreso) constituyen la gran crisis de la humanidad, que no puede constituirse como humanidad;*
- 6. Considerando la arrogancia de un pensamiento fundado únicamente sobre el cálculo y los desarrollos cuantitativos, ciego a las realidades humanas profundas y a los problemas fundamentales y globales;*
- 7. Considerando que la disyunción entre cultura científica, cultura humanista y cultura mediática mutila cada una de dichas culturas; la científica que no posee la capacidad de reflexionar; la humanista, desconsidera aspectos cruciales de los conocimientos científicos; y la cultura mediática, frecuentemente sufre de superficialidad y futilidad;*
- 8. Considerando que el reino del capital, inducido por la monetización generalizada, redujo al extremo del mundo occidentalizado la parte libre de la existencia, desarrolló enormes corrupciones en todos los países y permitió la furia de la especulación financiera en detrimento de los pueblos y naciones;*
- 9. Considerando los efectos contaminantes de las energías fósiles y su cercana rarefacción, los peligros ocultos de la energía nuclear (almacenamiento de residuos, riesgos ligados a la rarefacción del agua de refrigeración, riesgo de explosión en consecuencia de catástrofes naturales o carencias humanas, amenazando enormes poblaciones debido a la radioactividad) y que provocó el subdesarrollo generalizado de las energías renovables no-contaminantes;*

10. Considerando que el Norte, bajo el pretexto de concepto de desarrollo, sigue imponiendo al Sur un proceso de occidentalización radical y un concepto estandarizado que ignora las diversidades y virtudes de las civilizaciones y culturas del planeta;
11. Considerando que este proceso ambivalente trae autonomías a las generaciones jóvenes y a veces a las mujeres, así como la formación de las clases medias que pasan a disfrutar de los estándares occidentales, pero trae también de intoxicaciones de la civilización occidental; que él aumenta las corrupciones y desigualdades, transforma las pobrezas disponiendo de un mínimo de autonomía en miseria de dependencia y de exclusión;
12. Considerando que los «sures» sufren un colonialismo económico que se apropia de sus riquezas y de sus tierras y sigue bajo nuevas formas de dominación y exploración;
13. Considerando que los «sures», para llevar a cabo su emancipación, pueden y deben seguir apropiándose de los principios desarrollados en las civilizaciones del Norte, como los derechos del hombre y de las mujeres, los derechos de los pueblos, las libertades democráticas;
14. Pero considerando que los «sures» deben salvaguardar sus valores de solidaridad y comunidad, de relación integrada en el cosmos y en la naturaleza, de saber y de habilidades adquiridas por experiencias muchas veces multimilenarias, de arte de vida y de sabiduría;
15. Considerando que para todos los lugares del planeta, pero de una manera diversa según se den las condiciones, se impone una simbiosis entre lo mejor proveniente de las culturas y civilizaciones del Norte y lo mejor que proviene de las culturas y civilizaciones de los «sures»;
16. Considerando que de ahora en adelante es necesaria la promoción de una política de la humanidad basada en la investigación y en el desarrollo de dichas simbiosis y basada en la idea inseparable de la unidad y de la diversidad humana;
17. Considerando que de ahora en adelante es un deber ético y político vital considerar al prójimo simultáneamente según su diferencia y a la vez según su misma identidad;
18. Considerando que el progreso técnico y material que promueve la civilización del Norte, no seguido de los progresos físicos y espirituales, conduce — aunque en el seno del bienestar material — a un malestar moral y físico;
19. Considerando que la noción de buen vivir que se promulga en el Sur en Quito, Belén y La Paz debe dominar y englobar el bienestar material;
20. Considerando que vivir bien significa a la vez autonomía personal e integración armoniosa en una o más comunidades; que poesía de la vida significa florecer en la capacidad de comulgar, maravillarse, y tiene la integración de la habilidad del niño de amar, de las aspiraciones y ardores de la adolescencia, de la responsabilidad del adulto, de la reflexividad de los adultos mayores sobre su experiencia;
21. Considerando, asimismo, que vivir bien comporta serenidad e intensidad a la vez, lo que incluye la reconquista de su tiempo natural contra el tiempo cronometrado impuesto;
22. Considerando que todas las áreas de las actividades humanas, económicas, sociales, culturales, educacionales, mentales y existenciales necesitan reformas tanto profundas como inter-solidarias.

---

Un esfuerzo educativo intenso debe ser consagrado para introducir en todos los niveles de enseñanza el conocimiento del conocimiento, para reconocer las fuentes de error y de ilusión.

Nosotros nos dirigimos a las mujeres y hombres de buena voluntad de los diferentes «sures» para formular los siguientes principios políticos:

1. *Una política de civilización debe luchar en contra de los efectos negativos de la civilización occidental, así como en contra de las cualidades negativas de las civilizaciones tradicionales.*
2. *Una política de la humanidad tiene como objetivo las simbiosis entre lo mejor de las diferentes culturas y civilizaciones.*
3. *Una política de humanidad aspira realizar la unidad humana en su diversidad en el seno de nuestro planeta, transformándose en Tierra-patria, la cual no deberá suprimir, sino englobar las diferentes patrias.*
4. *Una política de la humanidad se dedica a la formación de una confederación terrestre y, además, de una sociedad-mundo de nuevo tipo; debe tener como finalidad instaurar lo más pronto posible instancias de decisión legítimas en lo que concierne a la economía globalizada, a la biósfera, a los armamentos; de ahí la prohibición de las armas nucleares y armas químicas.*
5. *Una política de la humanidad debe no solamente instituir modos planetarios de regulación de la economía, sino también prohibir las especulaciones del capitalismo financiero. Debe señalar los caminos hacia una economía plural, que incluya la economía de mercado, pero también los desarrollos de una economía igualitaria, prohibiendo los predadores intermediarios y favoreciendo los contactos directos entre los productores y los consumidores. Deberá favorecer una economía social y solidaria, así como el desarrollo de una economía verde de energías renovables y de grandes trabajos de humanización de las ciudades y de revitalización de los campos; en este sentido, debe trabajar para una reducción progresiva de la agricultura y de la pecuaria industrializadas.*
6. *Una política de la humanidad debe comportar un concepto renovado de la cultura que no solamente conecte y hace que se crucen las tres culturas separadas, sino que también integre las dimensiones éticas, estéticas y espirituales.*
7. *Un esfuerzo educativo intenso debe ser consagrado para introducir en todos los niveles de enseñanza el conocimiento del conocimiento, para reconocer las fuentes de error y de ilusión; él introducirá los principios de un conocimiento pertinente, que sepa contextualizar sus objetos y reconectar sus saberes. Al mismo tiempo, introducirá la enseñanza de los principios de la comprensión humana para con el prójimo, los vecinos, los extranjeros.*
8. *Es necesario enseñar los principios de la racionalidad, sus riesgos de degradación, las insuficiencias de una racionalidad cerrada, las condiciones y límites de la comunidad científica, los principios de un conocimiento y de un pensamiento complejo que permitan un conocimiento y una acción lo menos mutiladora posible.*
9. *Una política de la humanidad tiende a promover las reformas de vida en función del buen vivir, que sepa liberarse de las intoxicaciones de las civilizaciones, especialmente de las intoxicaciones consumistas, de las varias dependencias que esclavizan la existencia e indicar las vías que permitirían a los seres humanos tener acceso a la poesía de la vida, a la serenidad y a la intensidad.*
10. *Una política de la humanidad debe reconocer y dar a conocer las innumerables iniciativas en todos los continentes, particularmente creadoras en los «sures», pero también presentes en todos los continentes y que constituyen los caldos de cultura de un mundo nuevo.*
11. *Una política de la humanidad anima y estimula todos los caminos reformadores que confluirían hacia una vía que conduciría a una metamorfosis en la cual el planeta se convertiría en una meta-sociedad.*



12. *Una política de la humanidad fomenta los desarrollos de una ciencia compleja, de una técnica de máquinas inteligentes que sustituyan las máquinas deterministas alienantes e, también, desarrollos, de una economía equitativa y solidaria.*
13. *Una política de la humanidad retoma y asume los principios éticos de las grandes religiones, la compasión por el sufrimiento de Buda, el amor al prójimo y el perdón del Evangelio, la clemencia y la misericordia del Corán, en la secularización de los principios de fraternidad en el seno de la trinidad laica: libertad, igualdad, fraternidad. Ella se guía por la idea de asociar el desarrollo personal, la mejoría de la sociedad y la fraternidad comunitaria.*

*Los «sures» son los lugares en los que empiezan a operar las simbiosis y los mestizajes de la civilización, donde se salvaguardan aun lo mejor de los valores del pasado, donde se encuentran en conflicto decisivo las fuerzas de la vida y las fuerzas de la muerte, las fuerzas de la opresión y las fuerzas de la libertad, donde se impone la necesidad de un pensamiento complejo que responda a los desafíos gigantescos de nuestro siglo.*

*Nosotros empezamos aquí la obra inmensa y necesaria de la elaboración de un pensamiento del Sur. La misma se va a esforzar para reconocer, difundir e ilustrar todas las experiencias criadoras de un nuevo futuro y de una nueva civilización.*

*Este pensamiento será no-particularista, sino abierto, integrativo y propuesto a toda la humanidad.*

*Es aquí, en nosotros y con nosotros, que en el corazón de la ansiedad y de la inseguridad resucitan el amor y la esperanza sin la cual nada es posible. Amor, esperanza y razón deben asociarse para comprender y orientar las reformas necesarias para salvaguardar la humanidad. Jaspers decía que la humanidad sólo puede sobrevivir transformándose a sí misma. Hoy, la causa es, inequívocamente, sublime: es la causa de la salvación de la humanidad a través de la metamorfosis.*

*Río de Janeiro, 17 de marzo de 2011.*

# Anexos

## Contribuições para a reflexão: diálogos com Edgar Morin

*Aportes para una reflexión: diálogos  
con Edgar Morin*

Os anexos desta publicação sistematizam as contribuições individuais dos participantes do encontro. Os textos foram produzidos no sentido de dialogar com o texto inspirador de Edgar Morin “Para um pensamento do Sul”, os quais foram consolidados em um documento prévio ao encontro, intitulado *Para um pensamento do sul: diálogos com Edgar Morin*.

*Los anexos de la publicación sistematizan aportes individuales de los participantes del encuentro. Los textos fueron producidos para dialogar con el texto inspirador de Edgar Morin “Para un pensamiento del Sur”, y fueron consolidados en un documento anterior al encuentro, intitulado Para un pensamiento del Sur: diálogos con Edgar Morin.*

# A esperança vem do Sul

Adão, Antonieta Capparelli\*

\* Pedagoga pela PUC-Rio, pós-graduanda no curso “Saberes e práticas da educação básica em educação de jovens e adultos”, da Universidade Federal do Rio de Janeiro; assessora-técnica da Gerência de Educação e Ação Social do Departamento Nacional do SESC, atua no núcleo das atividades Educação de Jovens e Adultos, Cursos de Valorização Social, Ensino Médio e Educação Complementar. Apresentou comunicação sobre material didático no I Seminário em Educação de Jovens e Adultos (SEEJA), na PUC-Rio, em 2010. Realizou intercâmbio na Universidade Autônoma de Madrid, Espanha, em 2005. Participou do grupo de pesquisa “Educação, cotidianos e culturas” (GECEC); bolsista pelo CNPq, sob a coordenação de Vera Maria Candau, de 2003 a 2005.

Norte e Sul. Relativizar essas duas posições geográficas não é simplesmente dividir o planeta em hemisférios Sul e Norte. É, também, apresentar pensamentos e formas de ver e estar em um mundo no qual um determinado pensamento hegemônico, do Norte, sobrepôs seus valores, crenças e costumes a outras culturas, difundindo pelo planeta, nos aspectos econômicos, sociais, técnicos, políticos e culturais, uma lógica perversa de eficácia, consumo, lucros e um progresso que vem colocando em xeque a nossa existência na Terra.

Sem desprezar as heranças culturais vindas do Norte, e valendo-se das devidas contribuições, emerge a necessidade de um pensamento que problematize o mundo, as relações que o homem estabelece com a natureza, respeitando a diversidade presente na unidade, de forma que o exercício da cidadania não se limite pela origem étnica de um ser humano. um pensamento que confronte o instinto devorador hegemônico.

Norte e Sul. Prosa e poesia. Hemisférios direito e esquerdo do cérebro. O que corresponde a cada um? Ao Norte, a prosa e o hemisfério esquerdo, lógica, racionalidade; ao Sul, poesia e ao hemisfério direito, criatividade e sensibilidade? Nada precisa ser tão preto no branco. Ao sugerir a mistura das heranças culturais e reintegrá-las, Morin aponta que ao Sul cabe não reduzir a complexidade dos fenômenos, pois a qualidade de vida depende de suscitar as questões fundamentais que angustiam o ser humano. E, nesse

sentido, há que se reproblematicar a sabedoria, a razão, sem que a centralidade do pensamento no lucro e no poder embote nossa generosidade e dignidade com a vida.

Ao Sul — ou melhor, aos “suis” — não cabe somente o romantismo e a poesia dos seus belos cenários, que paira no imaginário do Norte como o destino de relaxamento para seus estresses, oriundos dos negócios. Como diz Morin: “reanimado pelo pensamento do Sul pode voltar às ocupações, ao business, à técnica, ao poder.” O Sul também é prosa, é sobrevivência.

Diante dos impasses, das vulnerabilidades decorrentes das crises “entre os seres humanos e a natureza, das sociedades tradicionais que tendem a se desintegrar sob o dinamismo dessa mundialização que, na verdade, é uma ocidentalização”, a esperança e a harmonia são alimentadas em momentos curtos de lazer e em celebrações com amigos e familiares. As promessas de uma vida melhor na modernidade decepcionaram, assim como a harmonia nos ideais socialistas e comunistas.

Um pensamento do Sul, que restaure a ética, a esperança, a harmonia, a solidariedade, “o contexto e o global”, o sentido do amor e de comunidade, diante desse caos planetário, talvez seja o caminho para solucionar essas questões. é claro que para não chegarmos a um destino fatalista, o caminho são os processos de metamorfose.

# La esperanza viene del Sur

Adão, Antonieta Capparelli\*

\* Pedagoga egresada de la PUC-Rio, alumna del curso de postgrado «Saberes y prácticas de la educación básica en educación de jóvenes y adultos» de la Universidad Federal de Rio de Janeiro. Asesora técnica de la Gerencia de Educación y Acción Social del Departamento Nacional de SESC, forma parte del núcleo de las actividades Educativas de Jóvenes y Adultos, Cursos de Valorización Social, Enseñanza Media y Educación Complementaria. Presentó una comunicación sobre material didáctico en el I Seminario de Educación de Jóvenes y Adultos (SEEJA), en la PUC-Rio, en el año 2010. Realizó intercambio en la Universidad Autónoma de Madrid, España, en 2005. Participó del grupo de investigación «Educación, cotidianos y culturas» (GECEC); becaria por el CNPq, bajo coordinación de Vera Maria Candau, durante el periodo comprendido entre los años 2003 y 2005.

*Norte y Sur. Relativizar esas dos posiciones geográficas no es simplemente de dividir el planeta en hemisferios Sur y Norte. Es, también, presentar pensamientos y formas de ver, así como estar en un mundo en el que un determinado pensamiento hegemónico, del Norte, sobrepuso sus valores, creencias y costumbres a otras culturas, difundiendo por el planeta, en los aspectos económicos, sociales, técnicos, políticos y culturales, una lógica perversa de eficacia, consumo, ganancias y un progreso que viene poniendo en peligro nuestra misma existencia en la Tierra.*

*Sin despreciar las herencias culturales que vienen del Norte y considerando los debidos aportes, nace la necesidad de un pensamiento que problematice el mundo, las relaciones establecidas entre el hombre y la naturaleza, respetando la diversidad presente en la unidad, de manera que el ejercicio de la ciudadanía no se limite por el origen étnico de un ser humano. Un pensamiento que pueda confrontar el instinto devorador hegemónico.*

*Norte y Sur. Prosa y poesía. Hemisferios derecho e izquierdo del cerebro. ¿Qué le corresponde a cada uno? ¿Al Norte, la prosa y el hemisferio izquierdo, la lógica y la racionalidad; y al Sur, le corresponde la poesía y el hemisferio derecho, creatividad y sensibilidad? Nada debe ser tan exacto. Al sugerir una mezcla de herencias culturales y reintegrarlas, Morin señala que le cabe al Sur no reducir la complejidad de los fenómenos, pues la calidad de vida depende de suscitar las cuestiones fundamentales que angustian*

*al ser humano. Y, en este sentido, se debe re-problematizar la sabiduría, la razón, sin que la centralidad del pensamiento en la ganancia y en el poder ofusque nuestra generosidad y dignidad hacia la vida.*

*Al Sur — es decir, a los «sures» — no le cabe solamente el romanticismo y la poesía de sus bellos escenarios, que en el imaginario del Norte no es más que el destino de relajación de sus intereses provenientes de los negocios. Como dice Morin, «reanimado por el pensamiento del Sur, se puede, sin embargo, retornar a las ocupaciones, al business, a la técnica, al poder». El Sur también es prosa, sobrevivencia.*

*Ante los impases, las vulnerabilidades decurrentes de las crisis «entre los seres humanos y la naturaleza, de las sociedades tradicionales que tienden a desintegrarse bajo el dinamismo de dicha mundialización que, en verdad, es una occidentalización», se alimentan la esperanza y la armonía en cortos momentos de ocio y en celebraciones con amigos y familiares. Las promesas de una vida mejor en la modernidad decepcionaron, como también la armonía en los ideales socialistas y comunistas.*

*Un pensamiento del Sur, capaz de restaurar la ética y la esperanza, la armonía, la solidaridad, «el contexto global», el sentido del amor y de comunidad, ante ese caos planetario, quizá pueda ser el camino para la solución de dichas cuestiones. Es evidente que para no llegar a un destino fatalista, el camino son los procesos de metamorfosis.*

# Pensamento do Sul

Aguirre, Julio Leônidas\*

\* Licenciatura em Ciências Políticas e Administração Pública pela Universidade Nacional de Cuyo (UNCuyo). Doutorando em Ciências Políticas pela Universidade Nacional de San Martín (UNSAM). Pesquisador do Centro Interdisciplinar para o Estudo de Políticas Públicas (CIEPP) e pesquisador da Comunidade de Pensamento Complexo (CPC). Linhas de pesquisa: Pensamento Complexo, Teoria dos Sistemas Complexos, Ciências da Complexidade, Epistemologia das Ciências Sociais, Metodologia para Pesquisa das Ciências Sociais, Teorias e Métodos das Políticas Públicas e Sociais, Sistemas de Bem-Estar.

O pensamento do Sul deve constituir-se de forma contra-hegemônica pelo menos em dois sentidos: a) dar conta de uma alternativa para pensar/fazer o mundo de forma diferente ao que é imposto pelo pensamento moderno ocidental, e b) Deve opor-se às ações concretas que conformam a hegemonia do pensamento reducionista moderno ocidental: a atual conformação dos processos de globalização, a estrutura atual da economia mundial, o atual critério de desenvolvimento e sua depredação da biodiversidade natural, o sistema de ideias mediante o qual são legitimadas ações militares que partem do Norte hegemônico em direção ao resto do planeta e a particular configuração adotada pelas sociedades pós-industriais modernas, que leva à polarização das sociedades e à falta de coesão social.

Para poder constituir-se como contra-hegemônico, o pensamento do Sul deve, segundo Edgar Morin, problematizar o mundo (em sua atual configuração civilizatória) e problematizar o próprio instrumento da problematização, a razão. Para isso, não deve apenas encontrar novas formas de conhecer, mas, além disso, deve orientar-se em torno a um compromisso ético-político em prol da mudança civilizatória. Essa complicada tarefa deve, inevitavelmente, envolver não apenas o âmbito científico/acadêmico, mas também a cidadania em seu conjunto, a arte, a política, a economia e a cultura.

É por essa qualidade multidimensional que o pensamento do Sul deve utilizar suas pautas de reprodução e derrubar as altas barreiras da academia para entrar plenamente na sociedade por meio de um ativo compromisso. Para isso, o mesmo deve adotar uma linguagem cotidiana (que se afaste da linguagem, por vezes incompreensível e impenetrável, da ciência) capaz de gerar pautas normativas capazes de orientar tanto a conduta individual como a social, em direção a uma nova forma de ver e fazer a vida.

Por esse motivo, considero que o reencontro com sua herança cultural originária é o ponto de partida para o pensamento do Sul. Para alcançar a integração num mundo cada vez mais multicultural, o pensamento do Sul deve dar conta daqueles simples conceitos que “falam” ao espírito humano. Nesse sentido, o texto de Morin convoca a uma recuperação dos princípios éticos vitais: a solidariedade e a responsabilidade. Segundo minha opinião, estes princípios estão enraizados na ideia do *sumak kawsay*, o “bem viver”.

A ideia do *sumak kawsay* (incorporada no Art. 14 da nova constituição do Equador) é um conceito indígena ancestral e uma herança cultural fundamental dos povos originários da América Latina. É proveniente da mitologia *kichwa* e considera que o bem viver é conquistado a partir do reconhecimento de um direito universal das pessoas de viver num ambiente saudável e ecologicamente equilibrado, que garanta a sustentabilidade. A harmonia com o meio ambiente (social e natural) envolve as ideias de responsabilidade

(cuidado sustentável do meio vital) e solidariedade (harmonização com os outros).

Entendido dessa forma, o bem viver poderia se transformar no novo horizonte a ser seguido, deixando de lado as noções lineais de desenvolvimento como crescimento econômico, as quais estão presentes nas agendas governamentais há dois séculos. Valorizar a qualidade de vida e a harmonia com o meio ambiente antes da acumulação (veiculada nas classes dominantes por meio da busca de riquezas e poder, e que nas classes dominadas aparece formada sob a lógica do consumismo desenfreado com falso sentido de pertencimento) levaria a transitar por novos caminhos que, construídos a partir do pensamento do Sul, nos permitiriam acompanhar a mudança social.

Por esta razão, o *sumak kawsay*, ao ser incorporado como um conceito central do pensamento do Sul, estaria presente nos dois princípios contra-hegemônicos mencionados anteriormente.

As novas constituições do Equador e da Bolívia incorporam em seus textos menções explícitas de conceitos centrais da herança cultural do Sul (como o *sumak kawsay*, a harmonia do homem com a natureza e a convivência de nossa diversidade étnico/cultural).

Devemos destacar as importantes contribuições de grandes pensadores que, ao longo da história recente de nossos países, seguiram adiante com o objetivo de construir um caminho alternativo: Simón Bolívar, José Martí, José Carlos Mariátegui, Víctor Raúl Haya de la Torre, Octavio Paz e vários outros. A eles, devemos somar as comunidades que sistematicamente buscaram teorias alternativas para observar o mundo a partir do Sul: A Cepal e a teoria da dependência (Andre Gunder Frank, Raul Prebisch, Theotonio dos Santos, Enrique Cardoso, Edelberto Torres-Rivas) ou o pensamento descolonial e a nova filosofia latino-americanista (Dussel, Roig, Boaventura de Sousa Santos, entre outros).

O projeto do livro coletivo *La emergencia de los enfoques de la complejidad en América Latina: desafíos, contribuciones y compromisos para abordar los problemas complejos del siglo XXI*, iniciativa da Comunidade de Pensamento Complexo, faz parte, claramente, de uma nova tentativa para ajudar na busca de se construir, de forma participativa, um novo pensamento do Sul.

Os movimentos contra-autoritários surgidos na história da América Latina, apesar de se originarem em diferentes correntes ideológicas e terem como objetivo diversas reivindicações sociais,

são um exemplo do compromisso ativo de nossos povos contra aquilo que lhes é imposto.

A integração de grupos artísticos, políticos, sociais, organizações econômicas etc. em torno desses movimentos são um exemplo de luta que deve ser sempre recuperado como reivindicação histórica dos esforços por um mundo diferente. Da mesma forma, esses movimentos contra-autoritários atuaram como conformadores de identidades (individuais e coletivas) alternativas àquelas imperantes. Tais experiências históricas são ricas em lições, às quais devemos estar atentos no momento de buscar construir uma nova identidade para um novo pensamento do Sul.

A construção coletiva de um pensamento do Sul envolve um compromisso institucional central. Para que este seja possível, devem ser aprofundadas as tentativas de integrar os pensadores críticos da região, por meio da construção de cátedras itinerantes que, eventualmente, façam escola em toda a região, inclusive aprofundando a ideia de uma universidade latino-americana cujo objetivo central seja a construção, crítica e desenvolvimento de um pensamento do Sul.

Para isso, devemos nos centrar primariamente em duas críticas: a) uma crítica epistemológica que permita dar conta dos limites e carências dos paradigmas dominantes e, diante deles, oponha um paradigma alternativo com base num pensamento do Sul; b) uma crítica institucional que coloque em julgamento a atual estruturação da ciência e dos saberes em espaços estáveis cujas esporádicas integrações costumem perseguir critérios de rentabilidade (orientadas pelos mercados econômicos e acadêmicos).

O pensamento do Sul deve estar voltado a responder os problemas centrais de nossos países (como a pobreza, a desigualdade, a falta de coesão social, entre outros), assim como deve considerar aqueles problemas que se tornam globais (o problema do meio-ambiente, a guerra e as novas modalidades de violência e crime organizado, entre outros).

Por último, o pensamento do Sul deve ser capaz de harmonizar as diferentes formas de conhecimento, as artes e a cultura, com o objetivo de ser constituído como estratégia civilizatória integral, capaz de recuperar a herança de nossos povos originários e sua ancestral sabedoria de viver.

# Pensamiento del Sur

Aguirre, Julio Leônidas\*

\* Licenciatura en Ciencias Políticas y Administración Pública por la Universidad Nacional de Cuyo (UNCuyo). Doctorando en Ciencias Políticas por la Universidad Nacional de San Martín (UNSAM). Investigador del Centro Interdisciplinario para el Estudio de Políticas Públicas (CIEPP). Investigador de la Comunidad de Pensamiento Complejo (CPC). Líneas de investigación: Pensamiento Complejo, Teoría de los Sistemas Complejos, Ciencias de la Complejidad, Epistemología de las Ciencias Sociales, Metodología para la Investigación de las Ciencias Sociales, Teorías y Métodos de las Políticas Públicas y Sociales, Regímenes de Bienestar.

*El pensamiento del Sur debe constituirse contra hegemónico al menos en dos sentidos: a) dar cuenta de una alternativa para pensar/hacer al mundo distinto de lo impuesto por el pensamiento moderno occidental. b) Debe oponerse a las acciones concretas que configuran la hegemonía del pensamiento reduccionista moderno occidental: la actual configuración de los procesos de globalización, la actual estructura de la economía mundial, el criterio actual de desarrollo y su depredación de la biodiversidad natural, el sistema de ideas mediante el cual se legitiman acciones militares desde el Norte hegemónico hacia el resto del planeta y la particular configuración que han adoptado las sociedades postindustriales modernas que llevan a la polarización de las sociedades y la falta de cohesión social.*

*Para poder constituirse en contra-hegemónico, el pensamiento del Sur debe, en palabras de Morin, problematizar el mundo (en su actual configuración civilizatoria) y problematizar el propio instrumento de la problematización, la razón. Para ello, no solo debe dar cuenta de nuevas formas de conocer sino que, además, debe orientarse en torno a un compromiso ético político en pos del cambio civilizatorio. Esta difícil tarea debe, indefectiblemente, involucrar no solo al ámbito científico/académico sino también a la ciudadanía en su conjunto, el arte, la política, la economía, la cultura.*

*Es por esta cualidad multidimensional que el pensamiento del Sur debe adoptar sus pautas de reproducción y romper los altos muros de la academia*

*para insertarse de lleno en la sociedad a través de un compromiso militante. Para esto, debe adoptar un lenguaje cotidiano (que se aleje del lenguaje, por momentos abstruso e impenetrable de la ciencia) que genere pautas normativas para orientar la conducta (individual y social) hacia una nueva forma de ver y hacer la vida.*

*Es por esto último que considero que el punto de partida de pensamiento del Sur sea reencontrarse con su herencia cultural originaria. Para lograr integrarse en un mundo cada vez más multicultural, el pensamiento del Sur debe dar cuenta de aquellos simples conceptos que le «hablan» al espíritu humano. En este sentido, el texto de Morin llama a una recuperación de dos principios éticos vitales: la solidaridad y la responsabilidad. En mi opinión, estos principios se encuentran enraizados en la idea del sumak kawsay, el «buen vivir».*

*La idea del sumak kawsay (incorporada en el Art. 14 de la nueva constitución de Ecuador) es una concepción indígena ancestral y herencia cultural fundamental de los pueblos originarios de América Latina. Deviene de la mitología kichwa y considera que el buen vivir se conquista a partir del reconocimiento del derecho universal de las personas a vivir en un ambiente sano y ecológicamente equilibrado que garantice la sostenibilidad. La armonía con el medio ambiente (social y natural) involucra a las ideas de responsabilidad (cuidado sustentable del medio vital) y solidaridad (armonización con los otros).*



*El buen vivir así entendido, se podría transformar en el nuevo horizonte a seguir, dejando de lado las nociones lineales de desarrollo como crecimiento económico que han marcado las agendas gubernamentales desde hace ya dos siglos. Poner en valor la calidad de vida y la armonía con el medio ambiente por sobre la acumulación (que se vehiculiza en las clases dominantes a través de la búsqueda de riquezas y poder, y en las clases dominadas aparece configurada bajo la lógica del consumismo exacerbado con su falso sentido de pertenencia) llevaría a recorrer nuevos caminos que, contruidos desde el pensamiento del Sur, nos permitirán acompañar el cambio social.*

*Por eso, el sumak kawsay, al incorporarse como un concepto central del pensamiento del Sur, asistiría en los dos principios contra hegemónicos mencionados previamente.*

*Las nuevas constituciones de Ecuador y Bolivia incorporan en sus textos menciones explícitas de conceptos centrales de la herencia cultural del Sur (como el sumak kawsay, la armonía del hombre con la naturaleza y la convivencia que demanda nuestra diversidad étnico/cultural).*

*Cabe destacar los importantes aportes que a lo largo de la historia reciente de nuestros países han llevado adelante grandes pensadores con el objeto de construir un camino alternativo: Simón Bolívar, José Martí, José Carlos Mariátegui, Víctor Raúl Haya de la Torre, Octavio Paz y otros. A estos, debemos sumar comunidades académicas que sistemáticamente buscaron teorías alternativas para mirar el mundo desde el Sur: La CEPAL y la Teoría de la Dependencia (Andre Gunder Frank, Raul Prebisch, Theotonio dos Santos, Enrique Cardoso, Edelberto Torres-Rivas) o el Pensamiento Decolonial y la nueva Filosofía Latinoamericanista (Dussel, Roig, Boaventura de Sousa Santos y otros).*

*El proyecto del libro colectivo: La emergencia de los enfoques de la complejidad en América Latina. desafíos, contribuciones y compromisos para abordar los problemas complejos del siglo XXI, impulsado por la Comunidad de Pensamiento Complejo, se inserta, claramente, en un nuevo intento por ayudar a la búsqueda para construir de forma participativa un nuevo pensamiento del Sur.*

*Los movimientos contra autoritarios que hilvanan la historia latinoamericana, si bien provinieron de distintas corrientes ideológicas y tenían como objetivo diversas reivindicaciones sociales, son un ejemplo del compromiso militante de nuestros pueblos en contra de aquello que les viene impuesto.*

*La integración de grupos artísticos, políticos, sociales, organizaciones económicas etc., en torno a estos movimientos, son un ejemplo de lucha que*

*debe ser siempre recuperado como reivindicación histórica de las luchas por un mundo distinto. Asimismo, estos movimientos contra autoritarios operaron como configuradores de identidades (individuales y colectivas) alternativas a las imperantes. Estas experiencias históricas son ricas en lecciones que debemos tomar al momento de buscar construir una nueva identidad para un nuevo pensamiento del Sur.*

*La construcción colectiva de un pensamiento del Sur involucra un compromiso institucional central. Para que este sea posible, deben profundizarse los intentos por integrar a los pensadores críticos de la región construyendo cátedras itinerantes que, eventualmente, hagan escuela en toda la región, incluso, profundizando la idea de una universidad latinoamericana cuyo objetivo central sea la construcción, crítica y desarrollo de un pensamiento del Sur.*

*Para esto debemos centrarnos, primariamente, en dos críticas: a) una crítica epistemológica que permita dar cuenta de los límites y las carencias de los paradigmas dominantes y, ante ellos, oponga un paradigma alternativo basado en un pensamiento del Sur, b) una crítica institucional que ponga en tela de juicio la actual estructuración de la ciencia y los saberes en espacios estables cuyas esporádicas integraciones suelen perseguir criterios de rentabilidad (orientadas por los mercados tanto económicos como académicos).*

*El pensamiento del Sur debe estar abocado a dar respuesta a los problemas centrales de nuestros países (como la pobreza, la desigualdad, la falta de cohesión social, entre otros) así como también, debe tomar la posta de aquellos problemas que se vuelven globales (el problema medioambiental, la guerra y las nuevas modalidades de violencia y crimen organizado, entre otros).*

*Por último, el pensamiento del Sur debe ser capaz de armonizar las distintas formas de conocimiento, las artes y la cultura con el objetivo de constituirse en una estrategia civilizatoria integral que recupere la herencia de nuestros pueblos originarios y su ancestral sabiduría de vida.*

# Pensamento do Sul como reserva antropológica

Almeida, Maria da Conceição de\*

\* Professora titular do Departamento de Educação da UFRN. Doutora em Ciências Sociais pela PUC de São Paulo. Professora dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e em Educação da UFRN. Coordenadora do Grupo de Estudos da Complexidade (Gecom) — primeiro ponto brasileiro da Cátedra Itinerante Edgar Morin para o Pensamento Complexo (Unesco). Membro da Association Pour La Pensée Complexe, Paris, França, e do Conselho Científico Internacional da Multiversidad Mundo Real Edgar Morin, México. Principais publicações: *Complexidade, saberes científicos e saberes da tradição*, 2010; *Cultura e pensamento complexo* (coautoria com E. de A. Carvalho), 2009; *Para compreender la complejidad*, 2008; *Lagoa do Piató: fragmentos de uma história* (coautoria com W. F. Pereira), 2006.

Marcadas por incertezas, apostas e esperanças, as ideias de Edgar Morin no texto “Para um pensamento do Sul” expressam resistência ao cenário da globalização, que tem oscilado entre a norte-americanização e a ocidentalização das culturas. Destituídas do sentido unicamente territorial e geográfico, as noções de Norte e Sul passam a significar modos de pensar e viver que se organizam por princípios, valores e práticas distintas. O Sul, a ser concebido no plural, “suis”, diz respeito a reservas antropológicas da condição humana; capacidades criativas de regeneração da diversidade cultural; estilos de viver mais próximos da dinâmica da natureza estendida; cultivo de valores capazes de problematizar a homogeneização tecnoeconômica do planeta; potenciais de emergências e ruídos no interior de uma mundialização imersa em crises de várias ordens; operador cognitivo que poderia restaurar o singular, o concreto, a dialógica local-global; expressão de valores como solidariedade, honra, hospitalidade, esperança no improvável e aspiração à harmonia; recusa a um universal abstrato e aos mitos do desenvolvimento e do progresso sem limites.

Distante das posições teórico-acadêmicas que se encarceram nas utopias irrealizáveis, no medo do desvio, no imobilismo, na vitimização e no

ressentimento, as reflexões de Edgar Morin sublinham a necessidade de “integrar as contribuições benéficas do Norte”, suas conquistas democráticas, seus avanços emancipatórios. Trata-se, no entanto, de “recusar seus aspectos perversos e nocivos e, sobretudo, recusar sua hegemonia”. O pensamento do Sul diz respeito a uma ecologia das ideias e a práticas socioculturais que favorecem as forças da criatividade, da diversidade noológica e de formas de viver tão necessárias a uma metamorfose da vida no planeta Terra — o que inclui a vida humana, mas não se reduz a ela. Ao reconhecer o pensamento do Sul como pensamento complexo, Morin demonstra, mais uma vez, a expansão das matrizes epistemológicas por ele construídas e permanentemente reorganizadas.

A simpatia, o apoio e a adesão a um pensamento do Sul decorrem, de minha parte, de uma experiência de pesquisa e intercâmbio de ideias com populações de origem rural desde os anos de 1970. A sistematização ampliada dessa experiência, que inclui a concepção de “intelectuais da tradição”, está em *Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição*.

## Experiências inovadoras: um cardápio aberto

Mesmo uma observação superficial do mundo atual permite visualizar focos de criatividade e resistência à monocultura da mente, à colonização do imaginário, à ocidentalização do planeta, à civilização da beterraba, à “macdonização” do mundo, conforme expressões de Vandana Shiva, Serge Latouche, Edgar Morin, Claude Lévi-Strauss, Maurice Holt. É possível identificar já agora casulos de um pensamento do Sul. Um cardápio aberto de proposições e experiências inovadoras já está exposto e requer problematização, reorganização, disseminação. Cito quatro dessas experiências:

- a. No que diz respeito à velocidade do tempo como um valor hegemônico, o movimento *slow food* (decorrente de uma piada do jornalista Carlo Petrini, em 1986, diante de uma loja do Mc Donald's em Roma) expande-se por congressos internacionais, universidades e escolas norte-americanas. Ao lado do padrão *fastfood*, temos hoje a revalorização da culinária tradicional e do cultivo e comercialização de produtos orgânicos. Na Itália e em outros países europeus, as chamadas “cidades desaceleradas” criam regras para reduzir o trânsito de automóveis e criar espaços verdes para encontros e caminhadas. A redução da velocidade serve também de modelo educacional. A *slow school* é uma alternativa à *fast school*. Nas palavras de Maurice Holt, ela “trata de filosofia, tradição, comunidade e escolhas morais”. O movimento *slow food* tem por meta valores como dignidade e herança cultural e se opõe a “um modo de vida fundamentado unicamente na pressa e na conveniência”. Tais experiências são apresentadas em *Alfabetização ecológica*, de Fritjof Capra, David W. Orr, Maurice Holt et al.
- b. Quanto ao fortalecimento da cultura local e a manutenção das populações em seus lugares de origem, faço referência ao Centro de Estudos Universitários Arkos, em Puerto vallarta, México. O Arkos direciona seus cursos para a formação de profissionais que respondam às demandas da própria cidade, com vistas a reduzir a emigração e reforçar o compromisso do cidadão com seu lugar. A inserção da Arkos na comunidade local é visível e a população da cidade participa ativamente nos debates da universidade.
- c. Reconhecimento de saberes indígenas. O Instituto Indígena Brasileiro para a Propriedade Intelectual (Inbrapi), dirigido pelo educador indígena Daniel Munduruku, tem incentivado homens e

mulheres de etnias diversas a construir uma formação universitária que não suprima, mas amplie as experiências culturais originárias. O projeto Encontros com a Literatura Indígena, entre outros, responde por estratégias de valorização de experiências e saberes indígenas.

- d. Projeto de Extensão Estaleiro de Saberes. Coordenado pelo grecom (UFRN), é uma atividade para atualização de professores da rede pública do ensino básico. Existe há três anos e procura sensibilizar os educadores para a importância e o reconhecimento de saberes técnicos e especulativos de intelectuais da tradição; construir estratégias de método que tornem tais saberes complementares aos da cultura científica escolar; dar a conhecer a publicação de livros paradidáticos que registram os conhecimentos sistematizados pelos intelectuais da tradição, com o apoio dos pesquisadores do Grecom (coleção Metamorfose, publicada pela Editora Flecha do Tempo, com seis volumes sobre ecossistema, previsão climática, histórias de Trancoso etc.). Os encontros se circunscrevem às seguintes temáticas: Ecologia e ciências da saúde; Saberes da tradição, Música e cosmologia; Paisagens sonoras e cultura da criança; Cosmologia e matemática da tradição; Patrimônio, história oral e literatura. A matriz de referência para o Estaleiro associa dois livros de Edgar Morin (*A cabeça bem-feita* e *Os sete saberes necessários à educação do futuro*), um livro sobre cosmologia indígena (*O céu dos Tembé*), fragmentos de teses de doutorado, dissertações de mestrado e monografias, frutos das pesquisas na região, além de saberes sistematizados pelos intelectuais da tradição, *sites* da internet e vídeos.

## Questões prioritárias

Como proceder a uma crítica do processo civilizatório sem nos deixar contaminar pelos sentimentos de revanche, vitimização ou de ilusão de volta ao passado? Como assumir para nós (no lugar que cada um ocupa) os ideários de um pensamento do Sul, sem nos instituímos como legítimos representantes das numerosas populações e da diversidade de saberes excluídos da rede de comunicação da tecnologia? Como fazer para identificar, escolher e potencializar as reservas criativas e regenerativas dos saberes da tradição, pondo-as à disposição de uma ecologia das ideias? Como incentivar e apoiar iniciativas minoritárias, de modo que elas se transformem em casulos de experiências mais alargadas e mesmo mais institucionalizadas?

# Pensamiento del Sur como reserva antropológica

Almeida, Maria da Conceição de\*

\* Profesora titular del Departamento de Educación de la UFRN. Doctora en Ciencias Sociales por la PUC de São Paulo. Profesora de los Programas de Posgrado en Ciencias Sociales y Educación de la UFRN. Coordinadora del Grupo de Estudios de la Complejidad (Gecom) — primer punto brasileño de la Cátedra Itinerante Edgar Morin para el Pensamiento Complejo (Unesco). Miembro de la Association Pour La Pensée Complexe, Paris, Francia, y del Consejo Científico Internacional de la Multidiversidad Mundo Real Edgar Morin, México. Principales publicaciones: *Complexidade, saberes científicos e saberes da tradição*, 2010; *Cultura e pensamento complexo* (coautoría con E. de A. Carvalho), 2009; *Para comprender la complejidad*, 2008; *Lagoa do Piató: fragmentos de una historia* (coautoría con W.F. Pereira), 2006.

*Marcadas por incertidumbres, apuestas y esperanzas, las ideas de Edgar Morin en su texto «Para un Pensamiento del Sur» expresan resistencia al escenario de la globalización, el cual oscila entre la norteamericanización y la occidentalización de las culturas. Fuera del sentido únicamente territorial y geográfico, las nociones de Norte y Sur pasan a significar modos de pensar y vivir organizados por principios, valores y prácticas distintas. El Sur, a considerarse en el plural «sures», se relaciona a reservas antropológicas de la condición humana; capacidades creativas de regeneración de la diversidad cultural; estilos de vivir más cercanos a la dinámica de la naturaleza ampliada; cultivo de valores que problematizan la homogeneización tecnoeconómica del planeta; potenciales de emergencias y ruidos en el interior de una mundialización inmersa en varios tipos de crisis; operador cognitivo que podría restaurar lo singular, lo concreto, la dialógica local-global; expresión de valores como la solidaridad, honra, hospitalidad, esperanza en lo improbable y aspiración a la armonía; rechazo a lo universal abstracto y a los mitos del desarrollo y el progreso ilimitados.*

*Distante de las posiciones teórico-académicas encarceradas en las utopías irrealizables, en el miedo del desvío, el inmovilismo, la victimización y el rencor, las reflexiones de Edgar Morin subrayan la necesidad de «integrar los aportes benéficos del Norte», sus conquistas democráticas, sus avances emancipatorios. Se trata, sin embargo,*

*de «rechazar sus aspectos perversos y nocivos y, sobre todo, rechazar su hegemonía». El pensamiento del Sur es sobre una ecología de las ideas y las prácticas socioculturales que favorecen las fuerzas de la creatividad, de la diversidad noológica y de maneras de vivir tan necesarias a una metamorfosis de la vida en el planeta Tierra — lo que incluye la vida humana, pero no se reduce a ella. Al reconocer el pensamiento del Sur como pensamiento complejo, Morin demuestra una vez más la expansión de las matrices epistemológicas que construyó y que son permanentemente reorganizadas.*

*La simpatía, el apoyo y la adhesión a un pensamiento del Sur provienen, por mi parte, de una experiencia de investigación e intercambio de ideas con poblaciones de origen rural desde la década de 1970. La sistematización ampliada de dicha experiencia, que incluye la concepción de «intelectuales de la tradición», se encuentra en Complejidade, saberes científicos, saberes da tradição.*

## Experiencias innovadoras: un abanico abierto

*Aun una observación superficial del mundo actual permite visualizar focos de creatividad y resistencia a la monocultura de la mente, a la colonización del imaginario, a la occidentalización del planeta,*

a la civilización de la remolacha, a la «mcdonalización» del mundo, según las expresiones de Vandana Shiva, Serge Latouche, Edgar Morin, Claude Lévi-Strauss, Maurice Holt. Ya es posible identificar capullos de un pensamiento del Sur. Ya se encuentra expuesto un abanico de proposiciones y experiencias innovadoras, y el mismo requiere problematización, reorganización, disseminación. Menciono cuatro de esas experiencias:

- a. En lo que se refiere a la velocidad del tiempo como un valor hegemónico, el movimiento slow food (que proviene de un chiste del periodista Carlo Petrini, en el año 1986, ante una tienda de Mc Donald's en Roma) se expande por congresos internacionales, universidades y escuelas norteamericanas. Al lado del patrón fastfood, tenemos hoy la revaloración de la culinaria tradicional y el cultivo y comercialización de productos orgánicos. En Italia y en otros países de Europa, las denominadas «ciudades desaceleradas» imponen reglas para la reducción del tráfico de automóviles y la creación de espacios verdes para encuentros y caminatas. La reducción de la velocidad sirve también de modelo educacional. La slow school es la alternativa ante la fast school. Según Maurice Holt, la misma «trata de filosofía, tradición, comunidad y elecciones morales». El movimiento slow food tiene como meta valores como dignidad y herencia cultural y se opone al «modo de vivir basado únicamente en la prisa y la conveniencia». Dichas experiencias están presentadas en Alfabetización ecológica, por Fritjof Capra, David W. Orr, Maurice Holt et al.
- b. Sobre el fortalecimiento de la cultura local y el mantenimiento de las poblaciones en sus lugares de origen, menciono el Centro de Estudios Universitarios Arkos, en Puerto Vallarta, México. El Arkos direcciona sus cursos para la formación de profesionales que respondan a las demandas de la misma ciudad procurando reducir la migración y reforzar el compromiso del ciudadano con su lugar. El ingreso de Arkos en la comunidad local es visible y la población de la ciudad participa de manera activa en los debates de la universidad.
- c. Reconocimiento de los saberes indígenas. El Instituto Indígena Brasileño para la Propiedad Intelectual (Inbrapi), que tiene como director el educador indígena Daniel Munduruku, incentiva hombres y mujeres de varias etnias a recibir una formación universitaria que no suprima, sino más bien pueda ampliar las experiencias culturales originarias. El proyecto «Encuentros con la Literatura Indígena», entre otros, trae estrategias de valorización de experiencias y saberes indígenas.
- d. El Proyecto de Extensión «Estaleiro dos Saberes (Plataforma de los Saberes)», coordinado por el

Grecom (UFRN), es una actividad para la actualización de profesores de enseñanza básica del área pública. Cuenta con tres años de existencia y procura sensibilizar a los educadores respecto a la importancia y el reconocimiento de conocimientos técnicos y especulativos de intelectuales de la tradición; construir estrategias de métodos capaces de convertir dichos saberes complementarios a los de la cultura científica escolar; pagar la publicación de libros paradidácticos que registran los conocimientos sistematizados por los intelectuales de la tradición, con el apoyo de los investigadores de Grecom (colección *Metamorfose*, publicada por la Editorial Flecha do Tempo, que contiene seis tomos sobre ecosistema, previsión climática, historias de Trancoso etc.). Los encuentros se circunscriben a las siguientes temáticas: Ecología y ciencias de la salud; Saberes de la tradición, Música y cosmología; Paisajes sonoros y cultura del niño; Cosmología y matemáticas de la tradición; Patrimonio, historia oral y literatura. La matriz de referencia para el «Estaleiro dos Saberes» asocia dos libros de Edgar Morin (La cabeza bien puesta y Los siete saberes necesarios para la educación del futuro), un libro indígena (O céu dos Tembê), fragmentos de tesis de doctorado, tesis de maestrías y monografías, productos de las investigaciones en la región, además de conocimientos sistematizados por los intelectuales de la tradición, páginas web y vídeos.

## Cuestiones prioritarias

¿Cómo reaccionar a una crítica del proceso civilizatorio sin dejarnos contaminar por los sentimientos de venganza, victimización o ilusión de regreso al pasado? ¿Cómo asumir para nosotros (en el determinado lugar que cada uno ocupa) los idearios de un pensamiento del Sur sin instintuirmos como legítimos representantes de innumerables poblaciones y de la diversidad de saberes excluidos de la red de comunicación de la tecnociencia? ¿Cómo identificar, elegir y potenciar las reservas creativas y regenerativas de los saberes de la tradición, poniéndolas a disposición de una ecología de las ideas? ¿Cómo fomentar y apoyar iniciativas minoritarias para que se conviertan en capullos de experiencias más amplias y más institucionalizadas?

# A cegueira: o movimento do mundo e a reforma das instituições e mentes

Almeida, Rosilene Sousa\*

\* Pedagoga, mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Assessora-técnica no Departamento Nacional do SESC, atuando na coordenação nacional do Projeto SESC LER com foco na alfabetização e escolarização de jovens e adultos. Já atuou como professora do curso de Pós-Graduação em EJA, na Universidade Estácio de Sá e na Universidade Federal Fluminense (UFF). Realiza assessoria pedagógica em diversas secretarias municipais de educação. Desde 1999 é membro do Fórum de Educação de Jovens e Adultos no Estado do Rio de Janeiro. Faz parte da Comissão Estadual da Agenda Territorial de Desenvolvimento Integrado da Alfabetização e da Educação de Jovens e Adultos.

Há uma inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas e, por outro lado, realidades e problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários.

EDGAR MORIN

Entendendo a atual realidade, no campo do saber institucionalizado, Morin toca no verdadeiro estado do processo em mutação no mundo: a urgência de uma reforma do pensamento que sintonize com uma nova perspectiva de um mundo em constante redescoberta. Dentre a gama de fenômenos e temas estudados por esse filósofo, destacamos o confronto entre o mundo das certezas, herdado da tradição, fundado na concepção da racionalidade explicável por leis naturais, simples e imutáveis, e o mundo das incertezas, gerado pelo nosso tempo de transformações; o mundo complexo.

A partir dessa visão, entendemos que há uma correspondência entre o pensamento do Norte e do Sul. Apesar das óticas e focos diferenciados, percebe-se que em algum momento esses pensamentos se complementam e interagem, passando por transformações, frutos dessas conexões.

Por outro lado, como nos alerta Morin, essas transformações vão depender da crescente conscientização dos homens em relação a elas e ao novo lugar que cabe a cada um de nós nesse novo universo. Nos rastros do pensamento complexo, o que nos importa ressaltar aqui é o fato de que, no lugar do sujeito seguro, com base em certezas absolutas, fundado no pensamento tradicional, está hoje um sujeito interrogante, do diálogo, das incertezas. Um sujeito que, diante desse mundo em acelerada transformação, busca encontrar um novo centro ou novo ponto de apoio, para uma nova ordem, em meio ao oceano de dúvidas e incertezas. Por isso, não há como dizer que um determinado pensamento é certo, errado ou superior, inferior ao outro.

Percebemos que uma das áreas em que o pensamento complexo vem causando maior impacto é a da Educação. área que, por natureza, deve ser o centro ou a síntese da sociedade, cujos valores e conhecimentos de base tem a tarefa de disseminar às novas gerações. Concordamos, assim, com o pensamento de Brandão (1981), de que “quando o educador pensa a educação, ele acredita que, entre homens, ela é o que dá a forma e o polimento. Mas ao fazer isso na prática, tanto pode ser a mão do artista que guia

e ajuda o barro a que se transforme, quanto a forma que iguala e deforma”. Por isso, nesses tempos de mudanças estruturais, a Educação se vê diante desses impasses na relação sociedade-escola, trazendo à tona a necessidade de mudanças de paradigmas e, conseqüentemente, de tentativas de reforma, conforme sinaliza Morin (2000): “não se pode reformar uma instituição, sem uma prévia reforma das mentes, mas não se pode reformar as mentes, sem uma prévia reforma das instituições.”

As divergências e contradições entre o pensamento do Norte e do Sul revelam a busca de superação em face às mudanças estruturais da sociedade. Isso acontecerá, como destacou Morin, com a reforma das instituições e das mentes, e pelo entendimento de que esses são processos indissociáveis.

Partindo da busca de uma nova forma — pois o que está hoje no mundo pode tanto nos levar a uma nova e esplendorosa civilização, quanto lançarnos em uma nova barbárie —, Edgar Morin nos convida a pensar no fato de que tudo depende de nós; e a complexidade é o caminho para o novo conhecimento. Cabe, portanto, a nós escolher entre ficar à margem ou mergulhar nessa complexidade.

No romance *Ensaio sobre a cegueira*, o escritor português José Saramago conta a história ocorrida em uma grande cidade onde as pessoas começam a ficar súbita e inexplicavelmente cegas. O problema se torna contagioso e a propagação do surto retrata o início de uma gama de terríveis acontecimentos, centrados numa só realidade: as desventuras de uma sociedade que, acostumada à unidimensionalidade, a um modo quase único de perceber o mundo, é de repente levada a depender por inteiro dos demais sentidos, que sempre havia mantido em plano secundário.

A história revelada nesse livro nos traduz uma metáfora das desventuras de uma sociedade, cujo principal modo de perceber o mundo foi suspenso. A isso se adiciona o fato de que esse modo de percepção, por sua natureza, impede as pessoas de buscar referenciais externos, com o resultante apagamento progressivo da vida interior, levando-as a partir para a busca de uma solidariedade perdida e a perceber o quanto estão mais preparados para a competição do que para a parceria. Esse romance de Saramago pode ser interpretado como um questionamento ao pensamento único, apropriado pelo poder de uma cultura em que o homem perdeu o sentido da globalidade e

o de si mesmo, retomando nossa forma de ver e entender o mundo, traduzida em um saber que questiona a cegueira do modelo mental dominante. Modelo esse que pode ser traduzido pelas diferentes formas de pensar do Norte e do Sul, entendendo que não há como compreender um pensamento superior ou inferior ao outro, pois vivemos em uma sociedade plural e diversa, com culturas infinitas, e que nos fazem seres individuais, unos, porém frutos, de interações em constante transformação. No entanto, essas relações também nos levam à competição, ao preconceito, à superioridade, e precisamos urgentemente criar meios de lidar com isso. O resgate da solidariedade perdida é uma das possibilidades, como abordou Saramago.

A reflexão aqui apresentada traduz uma tentativa de compreender as divergências dos pensamentos do Norte e do Sul, revelando que a interação entre os homens é condição *sine qua non* para enfrentar as mudanças estruturais pelas quais a sociedade vem passando, sendo a Educação um dos caminhos possíveis para esse enfrentamento.

E isso se desenvolverá em sua plenitude quando tivermos em conta o importante papel que a Educação tem na formação de sujeitos interrogantes, nesse diálogo com a reforma necessária tanto da instituição como das mentes, como nos alerta Morin. E não precisamos ficar cegos, como na história de Saramago, para perceber que a parceria e a solidariedade são condições para nos sentirmos pertencentes a esse mundo global, complexo, transdisciplinar, multidimensional, transversal...

## REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 8. ed. Tradução: Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- MORIN, Edgar. *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

# La ceguera: el movimiento del mundo y la reforma de las instituciones y mentes

Almeida, Rosilene Sousa\*

\* Pedagoga, cuenta con una maestría en Educación por la Universidad del Estado de Rio de Janeiro (UERJ). Asesora-técnica del Departamento Nacional de SESC, actúa en la coordinación nacional del Proyecto SESC LER con el foco en la alfabetización y escolarización de jóvenes y adultos. Ha actuado como profesora del curso de Posgrado en EJA, en la Universidad Estácio de Sá y en la Universidad Federal Fluminense (UFF). Realiza asesoría pedagógica en diversas secretarías municipales de educación. Desde el año 1999 es miembro del Foro de Educación de Jóvenes y Adultos en el Estado de Rio de Janeiro. Forma parte de la Comisión Estatal de la Agenda Territorial de Desarrollo Integrado de la Alfabetización y de la Educación de Jóvenes y Adultos.

*Hay una inadecuación cada vez más amplia, profunda y grave, por un lado, entre los saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas y, por el otro, realidades y problemas cada vez más poli-disciplinarios, transversales, multidimensionales, transnacionales, globales y planetarios.*

EDGAR MORIN

*Comprendiendo la realidad actual, en el campo del saber institucionalizado, Morin toca el verdadero estado del proceso en mutación en el mundo: la urgencia de una reforma del pensamiento capaz de sintonizar una nueva perspectiva de un mundo en constante redescubrimiento. Entre la variedad de fenómenos y temas que estudia el filósofo, resaltamos el enfrentamiento entre el mundo de las certezas, heredado de la tradición, fundado en la concepción de la racionalidad explicable por leyes naturales, simples e inmutables, y el mundo de las incertezas, generado por nuestro tiempo de transformaciones; el mundo complejo.*

*A partir de esa visión, entendemos que hay una correspondencia entre el pensamiento del Norte y del Sur. A pesar de las ópticas y de los focos diferenciados, se puede observar que en algún momento dichos pensamientos se complementan e interactúan entre sí, pasando por transformaciones que son producto de esas conexiones.*

*Por otro lado, como nos alerta Morin, dichas transformaciones dependerán de la creciente concientización de los hombres respecto a ellas y al nuevo lugar que cabe a cada uno de nosotros en ese nuevo universo. En las huellas que deja el pensamiento complejo, lo que nos importa destacar aquí es el hecho de que, en lugar del sujeto seguro, basado en certezas absolutas, fundado en el pensamiento tradicional, se encuentra actualmente un sujeto interrogante, del diálogo, de las incertezas. Es un sujeto que, ante este mundo de acelerada*



transformación, busca encontrar un nuevo centro o nuevo punto de apoyo para una nueva orden, en medio al océano de dudas e incertidumbres. Por este motivo, no hay forma de afirmar que un determinado pensamiento es correcto, equivocado, superior o inferior a otro.

Notamos que una de las áreas en las que el pensamiento complejo viene causando mayor impacto es el área de Educación que, por naturaleza, debe ocupar el centro o síntesis de la sociedad y cuyos valores y conocimientos fundamentales tienen como tarea diseminar a las nuevas generaciones. Estamos de acuerdo, entonces, con el pensamiento de Brandão (1981), quien afirma que «cuando el educador piensa en educación cree que, entre hombres, ella es lo que le da forma y lo pule. Pero al ponerla en práctica, puede ser tanto la mano del artista que guía y ayuda el barro a transformarse, como la forma que iguala y deforma». Por eso, en los tiempos actuales de cambios estructurales, la Educación se ve ante esos impases en la relación sociedad-escuela, sacando a la luz la necesidad de cambios de paradigmas y, como consecuencia, de intentos de reforma, según señala Morin (2000): «no se puede reformar una institución sin una previa reforma de las mentes y, a la vez, no se puede reformar las mentes sin una previa reforma de las instituciones».

Las divergencias y contradicciones entre el pensamiento del Norte y del Sur revelan la búsqueda de superación en virtud de los cambios estructurales de la sociedad. Ello sucederá, como resalta Morin, con la reforma de las instituciones y de las mentes, además del entendimiento de que dichos procesos son indisociables.

Partiendo de la búsqueda de una nueva forma — pues lo que hay actualmente en el mundo nos puede llevar tanto a una nueva y esplendorosa civilización, como lanzarnos en una nueva barbarie —, Edgar Morin nos invita a pensar en el hecho de que todo depende de nosotros; y la complejidad es el camino hacia el nuevo conocimiento. Nos corresponde, por lo tanto, elegir si quedarnos al margen o zambullirnos en dicha complejidad.

En la novela *Ensayo sobre la ceguera*, el escritor portugués José Saramago cuenta lo que ocurrió a una gran ciudad, donde las personas se vuelven súbita e inexplicablemente ciegas. El problema se contagia y la propagación del brote de ceguera retrata el inicio de innumerables sucesos centrados en una sola realidad: el infortunio de una sociedad que, acostumbrada a la unidimensionalidad, a un modo casi único de percibir el mundo, de repente es llevada a depender enteramente

de sus demás sentidos, los que siempre había mantenido en un nivel secundario.

La historia que se revela en este libro nos traduce una metáfora de las adversidades de una sociedad a la que le suspendieron su principal modo de percibir el mundo. A eso se suma el hecho de que ese modo de percepción, por su misma naturaleza, impide que las personas busquen referencias externas, con la resultante supresión de la vida interior, llevándolas a buscar una solidaridad perdida y a percibir cómo están más preparadas para la competencia que para lo colectivo. Se puede interpretar la novela de Saramago como un cuestionamiento al pensamiento único, apropiado por el poder de una cultura en la que el hombre perdió el sentido de globalidad y el de sí mismo, retomando nuestra forma de ver y entender el mundo, traducida en un saber que cuestiona la ceguera del modelo mental dominante. Dicho modelo puede ser traducido por los distintos modos de pensar del Norte y del Sur, entendiendo que no hay forma de comprender un pensamiento superior o inferior al otro, pues vivimos en una sociedad plural y diversa, con culturas infinitas y que nos hacen seres individuales, unidos, pero frutos de interacciones en constante transformación. Sin embargo, esas relaciones nos llevan de igual manera a la competencia, al prejuicio, a la superioridad y se nos hace necesario encontrar los medios de lidiar con ello. El rescate de la solidaridad perdida es una de las posibilidades, como lo planteó Saramago.

La reflexión presentada aquí traduce un intento de comprender las divergencias de los pensamientos del Norte y del Sur, revelando que la interacción entre los hombres es una condición sine qua non para enfrentar los cambios estructurales que enfrenta la sociedad, siendo la Educación uno de los caminos posibles para ese enfrentamiento.

Y eso se desarrollará plenamente cuando consideremos el importante papel que desempeña la Educación en la formación de sujetos interrogantes, en ese diálogo con la reforma necesaria para la institución como para las mentes, como advierte Morin. Y no es necesario quedarnos ciegos, como en la historia de Saramago, para notar que el trabajo en equipo y la solidaridad son condiciones que nos sintamos pertenecientes a este mundo global, complejo, transdisciplinar, multi-dimensional, transversal...

# Pensamento do sul: uma bússola para um novo mundo?

Barros, Luiz Fernando de Moraes\*

Charret, Heloize da Cunha\*\*

Mello, Edir Figueiredo de O. Teixeira de\*\*\*

\* Doutor em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, atualmente é professor da Escola SESC de Ensino Médio, onde coordena a Área de Códigos e Linguagens.

\*\* Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica, atualmente é professora da Escola SESC de Ensino Médio, onde coordena a Área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias.

\*\*\* Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Rio de Janeiro, atualmente realiza pesquisa no Observatório do Ensino Médio, equipe da UERJ, financiada pela Faperj, e é professora da Escola SESC de Ensino Médio, onde coordena a Área de Ciências Humanas e Sociais.

Por que esse título? Ora, em primeira instância, uma bússola pode ser definida apenas como um instrumento científico destinado à orientação. Sabemos que ela aponta uma direção, o Norte, o qual serve de referência, um guia que nos possibilita o deslocamento, com certa precisão e segurança, enfim, apontar caminhos e elaborar mapas. Cabe destacar, entretanto, que o Norte só é Norte em relação ao Sul. Dessa forma, podemos observar, tal qual brilhantemente o fez Edgar Morin, que nessa polarização o que está em jogo não é apenas a representação de posições espaciais diametralmente opostas e, sim, as relações aí constituídas.

Nesse sentido, vale a pena resgatar, privilegiando as reflexões desse pensador, o que as relações entre Norte e Sul representam no contexto da modernidade ou, como sugerem alguns autores, da pós-modernidade.<sup>1</sup> Seguindo as pistas de Morin, para além dos preceitos técnicos e científicos, concebeu-se sócio-historicamente uma noção de Norte arraigada no conceito de progresso, do domínio da técnica, da fragmentação do saber, da hegemonia e da homogeneização cultural e política. Em contrapartida, ao Sul, visto como lugar subdesenvolvido, atrasado, onde proliferam a pobreza e a ausência, entre outras mazelas, atrelou-se a visão do terceiro dos mundos. Contudo, se o delineamento desses contrastes pareceu demarcar fronteiras bastante rígidas, contemporaneamente, assistimos à emergência de uma corrente de pensamento que advoga a necessidade de questionarmos esse modelo reducionista, a saber: o pensamento do Sul.

<sup>1</sup> Sobre o conceito de pós-modernidade, indicamos as seguintes obras: ANDERSON, Perry. *Origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999; BAUMAN, Zygmunt. *A modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001; LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2008.

Como paradigma alternativo ao do Norte hegemônico, o pensamento do Sul propõe a relativização dessa dicotomia. Não se trata, entretanto, de demonizar o Norte ou santificar o Sul, mas, sim, de construir uma reflexão que traduza uma lógica menos hierarquizante. Quais contribuições um e outro podem agregar para erigir dimensões mais satisfatórias entre os indivíduos e desses com o planeta? Como diminuir distâncias aparentemente indissolúveis? Como construir a unidade na diversidade, valorizando a alteridade como fonte de conhecimento e possibilidade de superação das desigualdades?

Sem dúvida alguma, essa perspectiva não nega as peculiaridades do Norte e do Sul, tampouco aquilo que se construiu ou destruiu no encontro entre esses dois mundos. Entretanto, é preciso reconhecer que é nessas mesmas peculiaridades que subjaz a riqueza do diálogo. Precisamente por essa lógica é possível combinar a objetividade técnico-científica trazida pelo Norte e os saberes ancestrais acerca da relação do homem com a natureza, oriundos da cultura do Sul. Na mesma direção, podemos pensar nas possibilidades humanitárias, culturais, estéticas e afetivas que o progresso tecnológico no campo das comunicações oferece ao dissipar distâncias espaciais e temporais. É inegável, por exemplo, a difusão crescente de expressões artísticas, culturais e mesmo científicas advindas do Sul no cenário mundial. Outro aspecto igualmente relevante é a constituição de patrimônios multiculturais em nível global produzidos pela combinação de diversas manifestações étnicas e religiosas.

Dentro dos limites dessa proposta, sem ambição de esgotar os temas sugeridos nesta reflexão, cabe elencar algumas experiências que ilustram o caráter objetivo que o pensamento ou as identidades do Sul vêm assumindo no cenário mundial contemporâneo.

Em uma observação preliminar, podemos destacar a valorização crescente que os países da América Latina vêm atribuindo à educação em todas as suas dimensões e, prioritariamente, em seu aspecto formal. Não obstante, isso se faz notar na drástica redução dos níveis de analfabetismo, comprovada pelos índices de desenvolvimento humano nesses territórios.

Merece destaque a produção de políticas públicas voltadas para a inclusão social de minorias sociológicas e o reconhecimento da pluralidade cultural e étnica. Por esse caminho, chama atenção também a configuração progressiva de um pensamento que insta o trabalho como prin-

cípio pedagógico e a pesquisa como princípio educativo. Tal pensamento sugere o desenvolvimento do ato criativo e inventivo no processo de ensino aprendizagem, além da inegável promoção dos ambientes formais de educação ao posto de produtores de conhecimento e não somente de transmissores de saberes.

Não podemos deixar de mencionar o conceito de democracia como valor unânime dentro do pensamento do Sul; única maneira de garantir a reforma da ética em busca de uma verdade para a existência humana, como nos ensina Morin.

A despeito dos avanços mencionados, há, contudo, questões que precisam ser problematizadas pelo olhar do Sul. Está claro que, historicamente, o Norte dedicou uma quase cegueira às dinâmicas sociais e culturais do Sul, que, por sua vez, aceitou essa condição marginalizada ao longo de vários séculos. Sendo assim, voltados agora para uma nova lógica, que valoriza o pensamento do Sul, poderíamos dizer que a grande missão de tal olhar seria religar os indivíduos em torno dos desafios que são de fato coletivos: a má distribuição de renda, a preservação ambiental, a escassez de recursos naturais não renováveis, o preconceito. Enfim, cabe ao espírito humano lançar um novo olhar para o Sul, destituído da cegueira histórica, como forma de religar esses dois lugares, antes antagônicos, criando a harmonia necessária para a vida. Transformando-a em poesia para a existência na Terra.

O pensamento do Sul, por tudo isso, reforça a urgência da conciliação entre polos que, no fundo, são complementares e não excludentes. Essa é a essência da troca: o objeto trocado é talvez menos importante do que o próprio contrato humano estabelecido em parceria. Não são os bens intercambiados que importam; o ato recíproco é que reforça laços de humanidade. Como nos diz Marcel Mauss em seu sensível *Ensaio sobre a dádiva*: “No fundo, são misturas. Misturam-se as almas nas coisas; misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas e eis como as pessoas e as coisas misturadas saem, cada uma, das suas esferas e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca.”<sup>2</sup>

<sup>2</sup> MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974. 2 v.

# Pensamiento del Sur: ¿una brújula para un nuevo mundo?

Barros, Luiz Fernando de Moraes\*

Charret, Heloize da Cunha\*\*

Mello, Edir Figueiredo de O. Teixeira de\*\*\*

\* Doctor en Letras Vernáculas por la Universidad Federal de Rio de Janeiro, actualmente trabaja como profesor de la Escuela SESC de Enseñanza Media, donde es coordinador del Área de Códigos y Lenguajes.

\*\* Alumna del Doctorado en Educación de la Pontificia Universidad Católica, actualmente trabaja como profesora de la Escuela SESC de Enseñanza Media, donde es coordinadora del Área de Ciencias de la Naturaleza y sus Tecnologías.

\*\*\* Doctora en Ciencias Sociales por la Universidad de Rio de Janeiro, actualmente realiza una investigación en el Observatorio de la Enseñanza Media, equipo de la UERJ financiada por la Fundación de Amparo a la Investigación del Estado de Rio de Janeiro (FAPERJ, por sus siglas en portugués). Trabaja como profesora de la Escuela SESC de Enseñanza Media, donde coordina el Área de Ciencias Humanas y Sociales.

*¿Por qué la elección de ese título? Bien, en primer lugar, se puede definir a una brújula como simplemente un instrumento científico dirigido a orientar. Sabemos que la brújula señala una dirección, el Norte, el cual sirve de referencia, una guía que nos hace posible movernos con cierta precisión, seguridad y, finalmente, señalar el camino y elaborar mapas. Sin embargo, debemos resaltar que el Norte sólo es Norte en relación al Sur. Así, podemos observar tal como lo hizo brillantemente Edgar Morin, que en esa polarización lo que está en evidencia no es solamente la representación de posiciones espaciales diametralmente opuestas, sino las relaciones que ahí se establecen.*

*En este sentido, cabe rescatar, privilegiando las reflexiones de ese pensador, qué representan las relaciones entre Norte y Sur en el contexto de la modernidad o, incluso, como sugieren algunos autores, de la posmodernidad.<sup>1</sup> Siguiendo las pistas de Morin, además de los preceptos técnicos y científicos, se ha concebido socio-históricamente una nación de Norte arraigada en el concepto de progreso, del dominio de la técnica, de la fragmentación del saber, de la hegemonía y de la homogeneización cultural y política. Por otro lado, al Sur, concebido como lugar subdesarrollado, atrasado, donde proliferan la pobreza y la ausencia además de otras dolencias, se lo asoció a la visión del tercero de los mundos. No obstante, si el delineamiento de esos contrastes pareció demarcar fronteras muy rígidas, contemporáneamente, asistimos a la emergencia de una corriente de pensamiento que aboga la necesidad de cuestionar dicho modelo reduccionista, es decir, el pensamiento del Sur.*

<sup>1</sup> Sobre el concepto de posmodernidad, indicamos las siguientes obras: ANDERSON, Perry. *Origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999; BAUMAN, Zygmunt. *A modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001; LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2008.

Como paradigma alternativo al del Norte hegemónico, el pensamiento del Sur propone la relativización de esa dicotomía. Sin embargo, no se trata de demonizar el Norte o santificar el Sur, sino de construir una reflexión que traduzca una lógica menos jerarquizante. ¿Qué pueden efectivamente aportar el uno y el otro con el fin de establecer dimensiones más satisfactorias entre los individuos y de éstos con el planeta? ¿Cómo proceder a reducir distancias aparentemente indisolubles? ¿Cómo construir la unidad en la diversidad, valorando la alteridad como fuente de conocimiento y posibilidad de superación de desigualdades?

Sin lugar a dudas, dicha perspectiva no niega las peculiaridades del Norte y del Sur, tampoco aquello que se construyó o destruyó al momento que esos dos mundos se encontraron. Sin embargo, es necesario reconocer que en esas mismas particularidades se esconde la riqueza del diálogo. Precisamente por esa lógica es posible combinar la objetividad técnico-científica proveniente del Norte y los saberes ancestrales acerca de la relación del hombre con la naturaleza presentes en la cultura del Sur. En este mismo camino, podemos pensar en las posibilidades humanitarias, culturales, estéticas y afectivas que ofrece el progreso tecnológico en el campo de las comunicaciones al disipar distancias espaciales y temporales. Es innegable, por ejemplo, la difusión y creciente propagación de las expresiones artísticas, culturales y científicas que provienen del Sur en el escenario mundial. Otro aspecto igualmente relevante es la constitución de patrimonios multiculturales en nivel global que se producen en la combinación de innumerables manifestaciones étnicas y religiosas.

Dentro de los límites de esta propuesta, sin la ambición de agotar los temas sugeridos en esta reflexión, cabe listar algunas experiencias que ilustran el carácter objetivo que el pensamiento o las identidades del Sur vienen asumiendo en el escenario mundial contemporáneo.

En una observación preliminar, podemos destacar la valoración creciente que los países de América Latina vienen atribuyendo a la educación en todas sus dimensiones y, prioritariamente, en su aspecto formal. No obstante, lo podemos notar en la drástica reducción de los niveles de analfabetismo comprobada por los índices de desarrollo humano en estos territorios.

En medio de esto, se destaca la producción de políticas públicas con foco en la inclusión social de minorías sociológicas y el reconocimiento de la pluralidad cultural y étnica. En el mismo camino, despunta también la configuración progresiva

de un pensamiento que insta el trabajo como fundamento pedagógico y la investigación como fundamento educativo. Dicho pensamiento sugiere el desarrollo del acto creativo e inventivo en el proceso de enseñanza-aprendizaje, además de la innegable promoción de los ambientes formales de educación al cargo de productores de conocimiento y no solamente de transmisores de saberes.

No podemos dejar de mencionar el concepto de democracia como valor unánime dentro del pensamiento del Sur. Es la única manera de garantizar la reforma de la ética en búsqueda de una verdad para la existencia humana, como nos instruye Morin.

No obstante, sobre los avances mencionados, hay cuestiones que necesitan problematizarse por medio de la mirada del Sur. Claro está que, históricamente, el Norte cerró los ojos ante las dinámicas sociales y culturales del Sur, que, a su vez, aceptó esa condición de marginación a lo largo de varios siglos. Así, volcados ahora a una nueva lógica que valora el pensamiento del Sur, podríamos afirmar que la gran misión de esa mirada sería reconectar a los individuos alrededor de los desafíos que son, de hecho, colectivos: la mala distribución de las riquezas, la preservación ambiental, la escasez de los recursos naturales no renovables, el prejuicio. Finalmente, cabe al espíritu humano lanzar una nueva mirada al Sur, fuera de la ceguera histórica, como forma de reconectar esos dos lugares, antes antagónicos, estableciendo la armonía necesaria a la vida. Convirtiéndola en poesía para la existencia en la Tierra.

El pensamiento del Sur, por eso, refuerza la urgencia de la conciliación entre polos que, en el fondo se complementan, no se excluyen. Esa es la esencia del intercambio: el objeto intercambiado es tal vez menos importante que el mismo contrato humano que se establece en sociedad. No son los bienes intercambiados los que importan, sino la reciprocidad es la que refuerza los lazos de humanidad. Como afirma Marcel Mauss en su sensible Ensayo sobre la dádiva: «En el fondo, son mezclas. Se mezclan las almas en las cosas, se mezclan las cosas en las almas. Se mezclan vidas y así es como salen las personas y las cosas combinadas entre sí, cada cual de sus esferas y se mezclan: lo que es precisamente el contrato y el intercambio».<sup>2</sup>

<sup>2</sup> MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974. 2 v.

# Temas centrais que inspiram o pensamento do Sul

Carrizo, Luis\*

\* O Mag. Luis Carrizo, do Centro Latinoamericano de Economía Humana/CLAEH (Uruguai), é psicólogo, especializado em Psicologia Social e Mestre em Desenvolvimento Regional e Local. Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade de Buenos Aires. Foi vice-reitor acadêmico do Centro Latino-Americano de Economia Humana (CLAEH, 2006-2010) e atualmente é responsável por sua Unidade de Pesquisa e Política. Coordenador Acadêmico da Cátedra de Condição Humana e Complexidade na mesma instituição. Diretor executivo da Fundação Economia e Humanismo. Consultor e assessor de diversos organismos internacionais (Unesco, UNFPA, OEA, OEI, BID). Integrante do Conselho Consultivo da Escola Nacional de Administração Pública e do Conselho Consultivo de Educação Terciária Privada (Ministério da Educação e Cultura). Membro do Comitê Científico do Instituto Internacional de Recherche Politique de Civilisation. Integrante da Coordenação do ORUS (Observatório Internacional de Reformas Universitárias). Membro do Grupo de Especialistas em Educação, Valores e Cidadania, assessor do secretário-geral da Organização de Estados Ibero-Americanos para a Educação, Ciência e Cultura (OEI).

De acordo com o exposto por Edgar Morin no documento de base para este encontro, a noção de pensamento do Sul é construída a partir de uma reflexão dialógica que integra visões, ao mesmo tempo, contraditórias, complementares e concorrentes. A dialógica é um conceito chave na obra moriniana, sobre o qual está baseada uma proposta epistemológica e política que procura levar a uma reforma do pensamento e da ação.

Nesse sentido, Morin enfoca a concepção de um pensamento do Sul, cuja vocação seja a de integrar criativamente visões culturais que aparecem, à primeira vista, como excludentes entre si, tais como a racionalidade do paradigma denominado do Norte e a espiritualidade do paradigma denominado do Sul. O autor esclarece, justamente, que não se trata de posições geográficas, mas que representam posições ideológicas e políticas que se instalam no eixo da dominação e da busca por hegemonia.

A mudança de rumo proposta por este pensamento do Sul moriniano constitui-se a partir da integração dialógica, tanto em nível local como global, das virtudes e valores de ambos os paradigmas, no marco de uma política de civilização que conjugue e recrie os "opostos" a favor de uma nova visão do mundo. Nessa nova formulação (que na obra moriniana deriva em múltiplas aplicações e, especialmente para o que nos compete neste trabalho, na caracterização do *homo sapiens/demens*), são problematizadas as noções de desenvolvimento,

humanismo, racionalidade, espiritualidade, realidade, mundialização, produção, autonomia, unidade e diversidade. O caminho dessa reflexão leva à identificação de componentes que são sistematicamente excluídos tanto de um quanto do outro componente do binômio Norte-Sul. Dessa forma, temos a solidariedade na racionalidade produtiva; a responsabilidade no desenvolvimento científico-tecnológico; a lógica técnica nas economias tradicionais; e, finalmente, a autonomia em sociedades comunitárias, com impacto na concepção de direitos.

Nessa perspectiva, é possível explorar com uma visão crítica a riqueza do binômio Norte-Sul, identificar suas necessárias complementaridades e denunciar os reducionismos que levam às misérias das duas culturas. Morin, apaixonado humanista, convoca o Sul a promover um caminho que leve a um novo paradigma e o faz já desenvolvendo um método, descrevendo os fundamentos do pensamento complexo, estabelecendo as bases para uma educação do futuro, um caminho em direção a uma política de civilização, enfim, propondo uma visão única e diversa, local e global, para conceber e viver na Terra-pátria. O pensamento do Sul deverá ser, segundo o pensador francês, o que assumirá a condição humana neste terceiro milênio.

## Experiências inovadoras

Nesta seção, tomo a liberdade de fazer referência a algumas experiências das quais participo diretamente e que podem contribuir para ilustrar o que o autor do documento de base descreve como pensamento do Sul. Trata-se de experiências em processo, as quais mostraram qualidades de impacto em seus respectivos universos de participação e que estão sendo aplicadas atualmente em três diferentes campos: administração pública, formação científica e desenvolvimento local.

### Administração pública

Formação de diretores públicos na Escola Nacional de Administração Pública, no Uruguai (Coordenador acadêmico). A experiência vem sendo implementada desde o ano 2007 e constitui um espaço de diálogo entre realidade, teoria e metodologia de análise e resolução de problemas, com base num olhar ao mesmo tempo técnico e cultural da direção pública. Suas características fundamentais são:

- a. A transversalidade disciplinar de seu processo e conteúdos.
- b. A qualidade aplicada à aprendizagem.
- c. O treinamento dos participantes na análise de situações e na tomada de decisões em setores complexos, com ênfase na corresponsabilidade.
- d. A participação ativa dos estudantes no processo de aprendizagem.
- e. A visão do Estado e da Democracia como bem comum, associada à eficiência da gestão.

### Formação científica

Escolas Regionais de Verão para a América Latina e o Caribe do Programa MOST da Unesco para jovens pesquisadores (Coordenador-geral). Trata-se de incentivar a responsabilidade do pesquisador de ciências sociais para contribuir com sua maior implicação nos assuntos públicos, por meio da aliança entre pesquisa e políticas.

Programa de Interdisciplinaridade da Pontifícia Universidade Católica do Peru (PUCP), (Consultor). Trata-se de superar a visão fragmentada das disciplinas para projetar abordagens transdisciplinares sobre assuntos complexos de interesse público, com ênfase na responsabilidade científica e a ética do conhecimento.

### Desenvolvimento local

Intermunicipalidade para a coesão social e territorial na América Latina, Programa URB-AL III (Avaliador). A experiência local na região huista da Guatemala articula a enraizada (embora historicamente ameaçada) cultura maia da solidariedade e respeito à natureza, com os preceitos da integração entre municípios e a sociedade civil, para o desenvolvimento sustentável da região.

### Questões prioritárias

- a. A superação dos dualismos (Norte/Sul, esquerda/direita, desenvolvimento/subdesenvolvimento, técnica/humanismo, local/global, e muito outros).
- b. A formação de educadores, cientistas, sociedade civil e políticos em direção de novas formas de conhecimento e governo.
- c. A autonomia dada às organizações da sociedade civil e comunidades para o conhecimento de seus direitos e das formas de torná-los efetivos.

# Temas centrales que inspiran el pensamiento del Sur

Carrizo, Luis\*

\* Mag. Luis Carrizo, CLAEH/Centro Latinoamericano de Economía Humana (Uruguay), es psicólogo, especialista en Psicología Social y Magister en Desarrollo Regional y Local. Doctorando en Ciencias Sociales en la Universidad de Buenos Aires. Ha sido vicerrector Académico del Centro Latinoamericano de Economía Humana (CLAEH, 2006-2010) y actualmente es responsable de su Unidad de Investigación y Política. Coordinador Académico de la Cátedra de Condición Humana y Complejidad en la misma institución. Director ejecutivo de la Fundación Economía y Humanismo. Consultor y asesor de diversos organismos internacionales (Unesco, UNFPA, OEA, OEI, BID). Integra el Consejo Consultivo de la Escuela Nacional de Administración Pública y el Consejo Consultivo de Educación Terciaria Privada (Ministerio de Educación y Cultura). Es miembro del Comité Científico del Institut International de Recherche Politique de Civilisation. Integra la Coordinación del ORUS (Observatorio Internacional de Reformas Universitarias). Es miembro del Grupo de Expertos en Educación en Valores y Ciudadanía, asesor del secretario general de la Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI).

*De acuerdo a lo planteado por Edgar Morin en su documento de base para este encuentro, la noción de pensamiento del Sur se constituye a partir de una reflexión dialógica que integra visiones que son — a la vez — contradictorias, complementarias y concurrentes. Se trata, la dialógica, de un concepto llave en la obra moriniana, sobre el que se funda una propuesta epistemológica y política que quiere conducir a una reforma del pensamiento y de la acción.*

*Desde esta perspectiva, Morin se enfoca en concebir un pensamiento del Sur cuya vocación sea la de integrar creativamente visiones culturales que aparecen a primera vista como excluyentes entre sí, tales como la racionalidad del paradigma dicho del norte y la espiritualidad del paradigma dicho del Sur. El autor aclara, con justa razón, que no se trata de posiciones geográficas; estas representan más bien posiciones ideológicas y políticas, que se instalan en el eje de la dominación y la búsqueda de hegemonía.*

*El viraje propuesto por este «pensamiento del Sur» moriniano se constituye a partir de la integración dialógica, tanto a nivel local como global, de las virtudes y valores de ambos paradigmas, en el marco de una política de civilización que conjugue y recree los «opuestos» a favor de una nueva visión del mundo. A partir de esta nueva formulación (que en la obra moriniana deriva en múltiples aplicaciones y, en especial para lo que nos compete en este trabajo, en la caracterización del homo sapiens/demens), se problematizan las nociones de desarrollo, humanismo, racionalidad, espiritualidad, realidad, mundialización, producción, autonomía, unidad y diversidad. El camino de esta reflexión lleva a identificar componentes que son sistemáticamente excluidos de uno y otro componente del binomio Norte-Sur: así tenemos la solidaridad en la racionalidad productiva; la responsabilidad en el desarrollo científico-tecnológico; la lógica técnica en las economías tradicionales; y finalmente la autonomía en*



sociedades comunitarias, con impacto en la concepción de derechos.

Desde esta perspectiva, es posible explorar con visión crítica la riqueza del binomio Norte-Sur, identificar sus necesarias complementariedades y denunciar los reduccionismos que llevan a las miserias de una y otra cultura. Morin, apasionado humanista, convoca al Sur para promover un camino que conduzca a un nuevo paradigma. Como lo ha hecho ya desarrollando un método, describiendo los fundamentos del pensamiento complejo, estableciendo las bases para una Educación del futuro, en camino hacia una Política de Civilización, en fin, proponiendo una visión única y diversa, local y global, para concebir y vivir la Tierra-patria. El pensamiento del Sur deberá ser, según el pensador francés, quien asuma la condición humana en este tercer milenio.

## Experiencias innovadoras

Para este apartado, me permito hacer referencia a algunas experiencias en las que participo directamente y que pueden contribuir a ilustrar lo que el autor del documento base describe como pensamiento del Sur. Se trata de experiencias en proceso, que han mostrado cualidades de impacto en sus respectivos universos de participación, y que se están aplicando actualmente en tres ámbitos diferentes: administración pública, formación científica y desarrollo local.

## Administración pública

Formación de directores públicos en la Escuela Nacional de Administración Pública, Uruguay (Coordinador académico). La experiencia se viene implementando desde 2007 y constituye un espacio de diálogo entre realidad, teoría y metodología de análisis y resolución de problemas, con base en una mirada a la vez técnica y cultural de La dirección pública. Sus características fundamentales son:

- a. la transversalidad disciplinaria de su proceso y contenidos;
- b. la cualidad aplicada del aprendizaje;
- c. el entrenamiento de los participantes en el análisis de situaciones y en la toma de decisiones en ámbitos complejos con énfasis en la corresponsabilidad;
- d. la participación activa de los estudiantes en el proceso de aprendizaje;

e. la visión del Estado y la Democracia como bien común, asociado a la eficiencia de la gestión.

## Formación científica

Escuelas Regionales de verano para América Latina y el Caribe del Programa MOST de Unesco para jóvenes investigadores (Coordinador general). Se trata de fomentar la responsabilidad del investigador de ciencias sociales para contribuir a su mayor implicación en los asuntos públicos, a través del enlace entre investigación y políticas.

Programa de Interdisciplinariedad de la Pontificia Universidad Católica del Perú (PuCP), (Consultor). Se trata de superar la visión fragmentada de las disciplinas, para diseñar abordajes transdisciplinarios sobre asuntos complejos de interés público, con énfasis en la responsabilidad científica y la ética del conocimiento.

## Desarrollo local

Intermunicipalidad para la cohesión social y territorial en América Latina, Programa URB-AL III (Evaluador). La experiencia local en la región Huista en Guatemala, articula la arraigada (aunque históricamente jaqueada) cultura maya de la solidaridad y el respeto a la naturaleza, con los preceptos de la integración entre municipios y la sociedad civil, para el desarrollo sustentable de la región.

## Cuestiones prioritarias

- a. La superación de los dualismos (Norte/Sur, izquierda/derecha, desarrollo/subdesarrollo, técnica/humanismo, local/global, entre tantos otros).
- b. La formación de educadores, científicos, sociedad civil y políticos hacia nuevas formas de conocimiento y gobierno.
- c. El empoderamiento de las organizaciones de la sociedad civil y las comunidades, para el conocimiento de sus derechos y las formas de hacerlos efectivos.

# Contribuições para um pensamento do Sul

Carvalho, Edgard de Assis\*

\* Professor-titular de Antropologia, coordenador do Núcleo de Estudos da Complexidade (Complexus). Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP. Coordenador brasileiro da Cátedra Itinerante Unesco Edgar Morin (Ciuem).

Patrimônio e expressão da práxis e das práticas, a cultura é instrumento de cidadania democrática. As dualidades entre erudito e popular, erudito e massificado, humanista e científico não possuem qualquer valor ontológico; o que criam são *expertises* parcelares e fragmentadas. Cultura é conjunto sócio-histórico universal dos saberes e fazeres gerados pelos humanos de todos os tempos, realidade econômica, social, ideológica, articulada ao sistema social global. O código constitutivo desse conjunto de saberes, afirma Edgar Morin (2002, p. 188), “é de natureza simultaneamente cognitiva e estética”.

Na modernidade líquida do capitalismo globalizado, a cultura se debate entre pressões locais e injunções universais, e a lógica da eficácia se expande por toda parte. As primeiras dizem respeito a um estilo próprio de sociedades históricas, as segundas obedecem à pressão da uniformização estéril da imitação e da prescrição dos padrões da acumulação e da reprodução.

Uma distinção entre dois níveis da universalidade pode ser precisada tendo como base as ideias de François Jullien em *O diálogo entre as culturas. Do universal ao multiculturalismo*.<sup>1</sup> Uma universalidade fraca e indolente, limitada à experiência concreta, e outra forte e rigorosa, cuja legitimação se efetiva por meio da dominação de determinadas culturas sobre outras. Uma universalidade forte é fundada na necessidade de princípio de algo que possa ser aplicável a todos. Ela é importante para o estabelecimento de princípios éticos comuns formulados desde Kant. A ação de qualquer ser humano, independentemente de cor, sexo, idade, nação só adquire sentido ao se tornar lei universal. Todo sujeito humano “não se perguntará senão isto: posso universalizar a máxima desse ato?” (JULLIEN, 2009, p. 23).

O uniforme “é o duplo pervertido do universal doravante disseminado pela globalização” (JULLIEN, 2009, p. 14). Diferenças de diferenças, diversidades de diversidades são reações às pressões e regulações sociopolíticas mundializadas. Por isso, as reivindicações identitárias assumem valor de lei, regra, intolerância. Sob o disfarce da extensão a todos das conquistas da uniformização, exercita-se uma ditadura de dominação, valores, padrões de consumo ditos globais. Os reflexos do uniforme podem ser identificados por toda parte. “Fechado finalmente sobre si mesmo, o todo (planetário) só faz refletir-se: autorreflexo que constitui doravante fantasisticamente o mundo sob a aparência da similitude (e da superficialidade)” (JULLIEN, 2009, p. 33).

Sem ser lógico como o universal ou derivado da produção como o uniforme, o comum investe em uma política de vida cuja base é a partilha, a coparticipação, a equidade. Envolve planilhas de reconhecimento mútuo, enraíza-se na experiência. O comum nos leva

<sup>1</sup> O ensaio de François Jullien, filósofo e sinólogo que viveu na China vários anos, traz reflexões importantes para o diálogo e a transmissão dos saberes.

a refletir sobre ações e decisões assumidas no dia a dia que, apenas no nível das aparências, parecem restritas à repetição monótona de padrões, ritmos, códigos, números.

Muitas vezes revoltas são imperiosas. é verdade que podem paralisar sujeitos e coletividades, mas também impulsioná-los para reorganizações cognitivas, psíquicas, amorosas. O que existe no plano do mundo real é uma arborescência universal de acontecimentos interligados, Sul e Norte, Oriente e Ocidente. Responsável por extinções, bifurcações e emergências, a física da terra religa e “dialogiza” causas locais e efeitos universais, causas físicas e efeitos biológicos, causas naturais e efeitos culturais. Daí decorre a dupla face do comum: ele “é ao mesmo tempo inclusivo-exclusivo, pode abrir e fechar, opor-se ao próprio e identificar-se com ele” (JULLIEN, 2009, p. 42).

O comum exige que o reconhecimento se volte à construção de sujeitos plenos, empenhados na consolidação da Terra-pátria; implica transcender o âmbito sacralizado da pólis, com seus mitos de fundação e consolidação. O pertencimento fechado engendra intolerâncias. É preciso abri-lo, bifurcá-lo para que a comunidade não se feche. “A comunidade tem como vocação não se cerrar, mas se descerrar. A própria história do comum, no seio da transformação política da grécia antiga, já ia nesse sentido” (JULLIEN, 2009, p. 43).

A colaboração intercultural e interpolítica entre Norte e Sul é fundamental para a democracia universal de povos e nações. Sul e Norte não são noções meramente geográficas, como enfatiza Edgar Morin. São estilos de vida, cognições, experiências que requerem problematização permanente. Retornar à origem, ao primordial, ao arquetípico é tarefa de todos para que a lógica da disjunção seja superada. Acredito ser essa a tarefa primordial do pensamento do Sul: restaurar a arte de viver, refundar a democracia planetária, instaurar a ética da condição humana.

O que nos diferencia na qualidade de primatas humanos é que somos portadores de um polienraizamento antropológico cerebral-espiritual-cultural-social que, por sua vez, exige um polienraizamento físico-biológico-zoológico. Submetidos ao espírito do tempo, é a partir deles que somos capazes de diagnosticar, propor, teorizar, imaginar a complexidade do real e o real da complexidade e colocá-los na contramão da idade de ferro planetária que marca a hipermodernidade.

Nossas sociedades precisam de mitologias que deem conta das potencialidades do *sapiens-demens* e permitam contextualizar a emergência das complexidades individuais, das qualidades de alma, das instabilidades dos afetos.

É preciso retornar ao homem genérico. Construída por Marx, a noção é desprovida de subjetividade, emoção, amor, loucura, poesia, pois o *homo faber*, fabricante das técnicas e inventor da dominação incontrolada da natureza, ainda permanece como um indômito desbravador dos ecossistemas naturais, responsável pela construção racional de uma segunda natureza. A natureza é sempre primeira, primordial. Marx precisa ser inserido nos circuitos da modernidade líquida para que as emoções, o imaginário, a “desrazão” penetrem na mente de todos. Isso requer o fim do antropocentrismo. Requer também a superação das fronteiras natureza-cultura, local-universal, Sul-Norte. É preciso “dialogizar” essas oposições e entendê-las como pares simultaneamente complementares, concorrentes, antagônicos. No lugar de uma monocultura da mente, uma policultura da vida.

Respostas às questões para onde vamos e para onde queremos ir deixam de ser especulações filosóficas adjetivas, isso porque traduzem anseios, desejos, pulsões comuns a todos. Por isso, os pensadores imbuídos do sentido dessa utopia realizável — artistas, cientistas, filósofos — continuam a imaginar,

inventar, propor, projetar. Suas narrativas atravessam a flecha do tempo, formatam a biblioteca universal da vida, instauram novas formas de sociabilidade, restauram a esperança, reencantam o conhecimento, recuperam o tempo perdido que não pode se perder mais, minoram o mal-estar instalado na civilização.

Nossa Terra-pátria requer uma efetiva política de civilização. Requer também experiências pedagógicas que implementem a religação. Para isso, as instituições voltadas à educação devem converter-se em comunidades de aprendizagem. Aprendizados e experiências caminham juntos. Todos são aprendentes: alunos, professores, gestores. Seu empenho prioritário é restaurar o sentido da totalidade das culturas, superar a fragmentação disciplinar, sepultar a banalidade do mal-estar instalado na cultura. Culturas não são apenas compostas de padrões regularizadores nem se assemelham a fábricas da ordem. São plataformas de espaço-tempo empenhadas na preservação da memória cultural dos povos da Terra.

A experimentação de novas formas de entendimento da vida, que religam o prosaico e o poético, pode propiciar um pouco mais de felicidade. Em um de seus últimos livros, ao ser perguntado sobre o sentido da felicidade, Edgar Morin afirmou o seguinte: “Sim, sou feliz, mas tenho um lado melancólico, como a face obscura da Lua” (MORIN, 2010).

## REFERÊNCIAS

- JULLIEN, François. *O diálogo entre as culturas: do universal ao multiculturalismo*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- MORIN, Edgar. *Da culturálise à política cultural*. Tradução: Edgard de Assis Carvalho; Mariza Perassi Bosco. São Paulo: EDUC, 2002. p. 188.
- MORIN, Edgar. *Meu caminho*. Entrevistas com Djénane Kareh Tager. Tradução: Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

# Aportes para un pensamiento del Sur

Carvalho, Edgard de Assis\*

\* Profesor titular de Antropología, coordinador del Núcleo de Estudios de la Complejidad (Complexus). Coordinador del Comité de Ética en Investigación de la PUC-SP. Coordinador brasileño de la Cátedra Itinerante Unesco Edgar Morin (Ciuem).

*Patrimonio y expresión de la praxis y de las prácticas, la cultura es un instrumento de ciudadanía democrática. Las dualidades entre lo erudito y lo popular, lo erudito y lo masificado, lo humanista y lo científico no guardan en sí cualquier valor ontológico, sino que crean expertises parcelares y fragmentadas. Cultura es el conjunto sociohistórico universal de los saberes y haceres generados por los humanos de todos los tiempos, realidad económica, social, ideológica, articulada al sistema social global. El código constitutivo de ese conjunto de saberes, afirma Edgar Morin (2002, p. 188), «es de naturaleza simultáneamente cognitiva y estética».*

*En la modernidad líquida del capitalismo globalizado, la cultura se debate entre presiones locales e imposiciones universales, y la lógica de la eficacia se expande por todas partes. Las primeras se relacionan a un estilo propio de sociedades históricas, las segundas obedecen a la presión de la uniformización estéril de la imitación y de la prescripción de los estándares de la acumulación y de la reproducción.*

*Puede ser preciso hacer una distinción entre dos niveles de la universalidad basados en las ideas de François Jullien en O diálogo entre as culturas. Do universal ao multiculturalismo.<sup>1</sup> Una universalidad débil y perezosa, limitada a la experiencia concreta, y otra fuerte y rigurosa, cuya legitimación se hace efectiva mediante la dominación de determinadas culturas sobre otras. Una universalidad fuerte está basada en la necesidad de un principio de algo que pueda ser aplicable a todos. Es importante para establecer principios éticos comunes formulados a partir de Kant. La acción de cualquier ser humano, independiente de su color, sexo, edad, nación, solamente adquiere sentido al volverse una ley universal. Todos los sujetos humanos «no se preguntarán sino lo siguiente: ¿puedo universalizar la máxima de este acto?» (JULLIEN, 2009, p.23, traducción propia).*

*El uniforme «es el doble pervertido de lo universal ahora diseminado por la globalización» (JULLIEN, 2009, p. 14, traducción propia). Diferencias de diferencias, diversidad de diversidades son reacciones a las presiones y regulaciones sociopolíticas mundializadas. Por esta razón, las reivindicaciones de identidad asumen valor de ley, regla, intolerancia. Con el disfraz de la extensión a todos de las conquistas de la uniformización, se ejerce una dictadura de dominación, de valores y estándares de consumo denominados globales. Los reflejos del uniforme se pueden identificar en todas partes. «Finalmente cerrado en sí mismo, el todo (planetario) solo se refleja: auto reflejo que constituye de ahora*

<sup>1</sup> El ensayo de François Jullien, filósofo y sinólogo que vivió en China por muchos años, lleva a importantes razonamientos sobre el diálogo y la transmisión de los saberes.

*en adelante inventivamente el mundo bajo la apariencia de la similitud (y de la superficialidad)» (JULLIEN, 2009, p. 33, traducción propia).*

*Sin ser lógico como lo universal o derivado de la producción como lo uniforme, lo común invierte en una política de vida cuya base es compartir, coparticipar y tener equidad. Involucra planillas de reconocimiento mutuo, está arraigada en la experiencia. Lo común nos lleva a reflexionar sobre acciones y decisiones que se asumen diariamente, sólo a nivel de apariencias, y que parecen restrictas a la repetición monótona de patrones, ritmos, códigos, números.*

*Muchas veces, las revueltas son imperiosas. Es cierto que pueden paralizar sujetos y colectividades, pero también los puede impulsar a reorganizaciones cognitivas, psíquicas, afectivas. Lo que existe en el plan del mundo real es una arborescencia universal de sucesos interconectados, Sur y Norte, Oriente y Occidente. Responsable por extinciones, bifurcaciones y emergencias, la física de la tierra reconecta y «dialogiza» causas locales y efectos universales, causas físicas y efectos biológicos, causas naturales y efectos culturales. Por ello, ocurre la doble cara de lo común: «el mismo es a la vez inclusivo y exclusivo, puede abrir y cerrar, oponerse al propio e identificarse con él» (JULLIEN, 2009, p. 42, traducción propia).*

*Lo común exige que el reconocimiento se vuelva a la construcción de sujetos plenos, empeñados en la consolidación de la Tierra-patria; implica trascender el ámbito sacralizado de la polis con sus mitos de fundación y consolidación. La pertenencia cerrada engendra intolerancias. Es necesario abrirla, bifurcarla, para que la comunidad no se cierre. «La comunidad tiene por vocación no cerrarse, sino descerrar. La misma historia de lo común, en el seno de la transformación política de Grecia antigua, ya lo consideraba» (JULLIEN, 2009, p. 43, traducción propia).*

*La colaboración intercultural e interpolítica entre Norte y Sur es fundamental para la democracia universal de pueblos y naciones. Sur y Norte no son nociones meramente geográficas, como lo enfatiza Edgar Morin. Son estilos de vida, cogniciones, experiencias que requieren problematización permanente. Regresar al origen, a lo primordial, al arquetípico es una tarea de todos para que se pueda superar la lógica de la disyunción. Creo que esa es la tarea primordial del pensamiento del Sur: restaurar el arte de vivir, refundar la democracia planetaria, instaurar la ética de la condición humana.*

*Lo que nos diferencia como primates humanos es el hecho de que somos portadores de un poli arraigamiento antropológico cerebral-espiritual-cultural-social que, a su vez, exige un poli arraigamiento físico-biológico-zoológico. Sometidos al espíritu del tiempo, es a partir de ellos que somos capaces de diagnosticar, proponer, teorizar, imaginar la complejidad de lo real y lo real de la complejidad, y ponerlos en la contramano de la edad de fierro planetaria que marca la hipermodernidad.*

*Nuestras sociedades necesitan mitologías que den cuenta de las potencialidades del sapiens-demens y permitan contextualizar la emergencia de las complejidades individuales, de las cualidades de alma, de las inestabilidades de los afectos.*

*Es necesario regresar al hombre genérico. La noción que construyó Marx no posee subjetividad, emoción, amor, locura, poesía, pues el homo faber, fabricante de las técnicas e inventor de la dominación incontrolada de la naturaleza, aún se mantiene como un indómito desbravador de los ecosistemas naturales, responsable de la construcción racional de una segunda naturaleza. La naturaleza es siempre primera, primordial. Es necesario insertar a Marx en los circuitos de la modernidad líquida, para que las emociones, el imaginario, la «desrazón» puedan penetrar la mente de todos. Para ello, se requiere el fin del antropocentrismo. Se requiere aun la superación de las fronteras naturaleza-cultura, local-universal, Sur-Norte. Es necesario «dialogizar» esas oposiciones*

*y comprenderlas como pares simultáneamente complementarios, competentes, antagónicos. En lugar de una monocultura de la mente, una policultura de la vida.*

*Respuestas a las cuestiones «¿a dónde vamos?» y «¿a dónde queremos ir?» dejan de ser simples especulaciones filosóficas adjetivos, pues traducen aspiraciones, deseos, pulsiones comunes a todos. Por ello, los pensadores imbuidos del sentido de esa utopía realizable — artistas, científicos, filósofos — siguen imaginando, creando, proponiendo, proyectando. Sus narrativas cruzan la flecha del tiempo, formatean la biblioteca universal de la vida, instauran nuevas formas de sociabilidad, restauran la esperanza, reencantan el conocimiento, recuperan el tiempo perdido que ya no se puede perder, reducen el malestar que se ha instalado en la civilización.*

*Nuestra Tierra-patria requiere una efectiva política de civilización. Requiere también experiencias pedagógicas que implementen la reconexión. Para ello, las instituciones volcadas a la educación deben convertirse en comunidades de aprendizaje. Aprendizaje y experiencias caminan de la mano. Todos son aprendices: alumnos, profesores, gestores. Su empeño prioritario es restaurar el sentido de totalidad de las culturas, superar la fragmentación disciplinaria, sepultar la banalidad del malestar instalado en la cultura. Las culturas no están solamente compuestas de estándares regularizadores, ni se asemejan a fábricas del orden. Son plataformas de espacio-tiempo que se empeñan en preservar la memoria cultural de los pueblos de la Tierra.*

*La experimentación de nuevas formas de entendimiento de la vida, que reconectan lo prosaico y lo poético, puede propiciar un poco más de felicidad. En uno de sus últimos libros, al ser cuestionado sobre el sentido de la felicidad, Edgar Morin señaló: «Sí, soy feliz, pero tengo un lado melancólico, como la cara oscura de la Luna» (MORIN, 2010, traducción propia).*

# Quais os temas centrais que inspiram o pensamento do Sul?

Cordão, Francisco Aparecido\*

\* Presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Consultor Educacional da Escola SESC de Ensino Médio. Diretor-presidente da Consultoria Educacional Peabiru, Consultores Associados em Educação. Presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação.

- a. Para o Sul, a hegemonia do Norte é percebida, essencialmente, como a hegemonia da técnica, da economia, da racionalização, da rentabilidade, da eficiência e da eficácia. qualquer cultura ou civilização contempla qualidades, virtudes, ilusões e imperfeições. Evidentemente, a cultura do Norte trouxe ganhos, como a democracia representativa, a afirmação dos direitos humanos e dos direitos da mulher, as autonomias individuais. Entretanto, também apresenta suas cegueiras e ilusões, expressas na concentração de poderes políticos e religiosos e na primazia do desenvolvimento material sobre o desenvolvimento humano.
- b. O pensamento do Sul se expressa, por exemplo, na unidade de um universo criado pelo Deus único; na mensagem das cartas paulinas, orientando a religião cristã para todos os seres humanos; na herança da cultura helênica, segundo a qual o ser humano é dotado de razão, o que lhe permite exercer uma ação política na sociedade; no entendimento do objeto da filosofia como sendo o da busca da verdade e como vontade de reflexão sobre todas as coisas; bem como na herança universalista romana, que reconhecia os direitos dos cidadãos romanos de forma independente de suas origens étnicas.
- c. A mensagem do Renascimento europeu deve ser considerada como uma mensagem do Sul, enquanto movimento do espírito que problematiza tudo: o mundo, o homem, a natureza e Deus. O humanismo nasceu dessa problematização promovida pelo Renascimento, apresentando duas faces: uma arrogante, do homem dominador, senhor e mestre da natureza, e outra fundamentada no valor e na dignidade de todo ser humano, venha de onde vier, vivendo numa transitória comunidade de passageiros, em um planeta minúsculo, situado em uma galáxia periférica.
- d. O pensamento do Sul implica a problematização da própria razão, considerada enquanto instrumento de problematização de tudo e de todos, como racionalidade estimulada por uma paixão, oposta à racionalidade glacial do cálculo e da aritmética.
- e. É urgente regenerar as virtudes da racionalidade, manifestas nas capacidades teóricas e críticas, na economia das coisas, na resistência aos anátemas de qualquer natureza e na capacidade de autocrítica.
- f. O desafio de uma reflexão centrada no pensamento do Sul é o de promover a mistura entre as heranças culturais mediterrâneas e as heranças culturais africanas e sul-americanas, ligando-as a uma nova consciência ecológica, que nos integra na biosfera.



- g. A herança das tradições de solidariedade e das artes do bem viver, presente no pensamento do Sul, orienta para integrar e não para destruir e desagregar.
- h. É urgente e essencial problematizar o processo de mundialização desenfreada movido pelo desenvolvimento científico, tecnológico, econômico e cultural, centrado na prevalência da acumulação do lucro e da propriedade. Esse processo acabou acarretando grandes perigos para a humanidade, como a proliferação das armas nucleares, a desagregação da biosfera, as polícrises planetárias e os novos conflitos étnicos e religiosos.
- i. As sociedades tradicionais tendem a se desintegrar sob o comando e o dinamismo de um processo de globalização movido por uma crise econômica sem regulação e corrompida pela especulação financeira.
- j. Com o fracasso da modernidade científica, tecnológica e econômica no cumprimento das promessas de um mundo melhor e mais justo para todos, a aventura humana passou a ser uma aventura de risco desconhecido, que exige urgente retorno às raízes.
- k. A crise da unificação técnica, científica e econômica do globo terrestre é uma crise do processo de mundialização promovido pelo ocidente que, se de um lado, trouxe aumento do bem-estar, autonomies individuais e emancipação de novas classes médias, por outro lado, destruiu as solidariedades tradicionais, gerou novas formas de corrupção e fez prosperar as desigualdades, promovendo pobreza e miséria.
- l. Presenciamos uma fantástica unificação do planeta Terra, a transformação em uma verdadeira aldeia global, a qual coincide com um movimento de decomposição e de desagregação sociocultural, ameaçando as originalidades e as singularidades culturais, étnicas e nacionais, promovendo uma incerteza histórica que promove a perda de fé no progresso e a perda de esperança em um mundo melhor para todos.
- m. Assistimos ao desencadeamento simultâneo de duas pragas para a humanidade: de um lado, a unificação abstrata e homogeneizante que destrói as diversidades; de outro lado, o fechamento das singularidades em si mesmas, isolando-as do resto da humanidade. É preciso entender o vínculo entre a unidade e a diversidade, que faz com que o tesouro da unidade humana seja o da diversidade e este o da unidade, para que a cegueira promovida por um pensamento fundado essencialmente no cálculo e cego para a existência da alegria, do sofrimento e da felicidade e infelicidade não acabe cegando as nossas consciências para o lado humano da humanidade, ignorando as qualidades da vida.
- n. Uma das promessas do Sul deveria ser “antes melhor do que mais”, ou seja, “menos, porém melhor”. Para tanto, precisamos nos livrar das intoxicações consumistas promovidas pelo processo mundial de produção e consumo de objetos com qualidades ilusórias e obsolescências programadas.
- o. O pensamento fundamentado no *homo economicus*, determinado unicamente pelo interesse pessoal, é cego a tudo o que escapa desse interesse: o amor, a dádiva, a comunhão, a solidariedade, a responsabilidade, a unidade, a diversidade, o lazer, a brincadeira, a cultura, a alegria, a poesia, a filosofia e a felicidade.
- p. Os indivíduos humanos não são máquinas triviais, mesmo que subjugados a lógicas triviais, pois escapam das trivialidades por intermédio de suas aspirações, sonhos, súbitas manifestações amorosas, estéticas e transgressoras, com seu poder criador frente ao inesperado e ao inusitado.
- q. As lógicas da eficiência e da eficácia, da previsibilidade, do cálculo cronometrado e hiper especializado, geram uma burocracia que gangrena as atividades gestoras, criando uma racionalização que promove total irracionalidade.
- r. A lógica do Norte considera as realidades do Sul como a pura expressão do atraso, do arcaísmo e da preguiça, porque trata os problemas organizacionais como problemas técnicos, práticos e quantificáveis, isto é, como a prosa da vida. Entretanto, a vida não se resume à prosa feita por obrigação e por imposição para se ganhar a vida e sobreviver. A vida só vale a pena ser vivida de forma poética, no amor, na comunhão, na realização de si, na felicidade e no êxtase, o ápice da felicidade. O homem habita a terra de forma prosaica e poética.
- s. Como a prosa invade todos os rincões de nossa vida, uma das missões essenciais do pensamento do Sul é a de lembrar à humanidade o caráter primordial da poesia e da arte humana de viver, de maneira alegre e extrovertida, fundamentada na comunicação e na comunhão, na hospitalidade, na solidariedade e nas qualidades poéticas da vida, sem desprezar as contribuições benéficas do Norte, mas recusando os seus aspectos perversos e nocivos, sobretudo a sua hegemonia.

- t. Um dos grandes desafios do pensamento do Sul é o de enfrentar as complexidades de nossa vida, da realidade humana e a insustentável complexidade do mundo no planeta Terra. O pensamento do Sul, por a própria natureza, só poder ser complexo, no sentido latino do termo, como aquilo que é tecido em conjunto e como aquele que religa o que foi artificialmente separado e, portanto, está apto a ressuscitar os problemas globais fundamentais, promovendo as qualidades e a poesia da vida.
- u. O pensamento do Sul é chamado a reproblematicar a sabedoria, um dos grandes avanços culturais da Antiguidade greco-romana, relativizando a sua identificação com uma vida dotada de razão e enfatizando a sua vinculação com a paixão, reconhecendo as virtudes da poesia, do amor e do sentido de comunidade e de solidariedade.
- v. A missão do pensamento do Sul é a de retomar o adjetivo em nossa vida, retomando o concreto, a existência, o singular, integrando-o no universal, ligando a unidade à diversidade, restaurando solidariedades concretas e planetárias, cuja necessidade é vital para todos nós, restaurando valores como o sentimento de honra e a hospitalidade, e promovendo a regeneração ética da solidariedade e da responsabilidade, com autonomia moral e intelectual.
- x. A nave espacial Terra está na noite e na neblina, provavelmente rumo a um futuro de catástrofe e ao abismo. Entretanto, como na história humana o improvável sempre acontece, podemos hoje sonhar e restaurar a esperança no improvável, que não obedece a nenhuma promessa histórica, mas está fundada na ideia da crise e da imaginação criativa, de fundamental importância para a elaboração de um diagnóstico pertinente e identificação de um caminho de saída a partir de um despertar criativo.
- y. A metáfora das células-tronco é uma boa demonstração de que as capacidades geradoras dormem nas sociedades e despertam em épocas de crise, nos indivíduos desviantes da média, nos poetas, nos escritores, nos músicos, nos descobridores e inventores/criadores.
- z. Sabemos que quando um sistema não é mais capaz de tratar os seus problemas fundamentais, ou ele se desintegra ou se metamorfoseia, engendrando um metassistema mais rico, para melhor tratar esses problemas. O sistema do planeta Terra, hoje, está em crise e não consegue mais tratar de seus problemas vitais, tais como fome, morte representada pelas armas

nucleares, degradação da natureza, violência generalizada, corrupção financeira desenfreada, falência do sistema econômico etc. Portanto, está condenado a morrer ou a se transformar. Essa metamorfose não se decreta e não se programa, mas é a única saída para se criar a verdadeira Terra-pátria-mãe. Então, só nos resta buscar caminhos novos, mesmo que improváveis, mas que sejam utopias que nos orientem para caminhar na direção da metamorfose. Essa é a missão grandiosa e universal do pensamento do Sul.

### Quais as experiências inovadoras implementadas e/ou em curso que ilustram o pensamento e/ou as identidades do Sul?

- a. Escola SESC de Ensino Médio: em funcionamento na cidade do Rio de Janeiro, em período integral, como escola residente, recebe alunos de todas as unidades da Federação Brasileira e promove com eles um ensino da melhor qualidade, desenvolve um currículo escolar integrado, interdisciplinar, diversificado e contextualizado à realidade de jovens oriundos de ambientes socioculturais e econômicos heterogêneos. É uma escola organizada e orientada para o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem permanente, para que seus alunos tenham condições de continuar aprendendo continuamente, em condições de responder aos novos desafios da vida cidadã e profissional de forma original e criativa.
- b. Programa de Ensino Médio inovador: em processo de implantação pelo governo federal, em regime de colaboração com as diferentes unidades da Federação Brasileira, tem o apoio da Escola SESC de Ensino Médio, especialmente quanto ao treinamento e desenvolvimento de professores, para que o currículo escolar desenvolvido articule as dimensões de educação científica, tecnológica, cultural e profissional. Objetiva-se implantar uma escola de ensino médio que atenda melhor aos interesses dos jovens em processo de desenvolvimento, com oferta de um ensino que assuma como princípios educativos o trabalho, a prática social, a ciência, a cultura e a tecnologia, promovendo o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem permanente, para que os jovens tenham condições de continuar aprendendo e adaptando-se com flexibilidade e perspicácia às novas condições do mundo do

trabalho e da promoção do desenvolvimento sustentável e solidário da sociedade em que vivem.

- c. Desenvolvimento de programas de Educação Profissional e Tecnológica comprometidos com o desenvolvimento de competências profissionais que permitam ao cidadão-trabalhador enfrentar e responder a desafios socioprofissionais esperados e inesperados, previsíveis e imprevisíveis, rotineiros e inusitados, com criatividade, autonomia, ética e efetividade, qualificando-se para um exercício profissional competente. O compromisso ético das instituições de educação profissional e tecnológica em relação aos seus alunos, aos empregadores de seus formandos e à sociedade beneficiária dos trabalhos desses profissionais, de acordo com as atuais Diretrizes Curriculares Nacionais, definidas pelo Conselho Nacional de Educação, está diretamente relacionado com o desenvolvimento da competência profissional, como sendo a capacidade de mobilizar, articular e colocar em ação Conhecimentos, Habilidades, Atitudes, Valores e Emoções (CHAVE), para responder, de forma criativa, aos desafios e requerimentos de cidadania e de vida profissional e pessoal do trabalhador, com eficiência e eficácia diante do inesperado, com uma atuação transformadora e criadora. O conhecimento é entendido como o que muitos denominam saber conhecer ou simplesmente saber. A habilidade refere-se ao saber fazer relacionado com a prática no trabalho, transcendendo o mero treinamento operacional para a ação motora. Os valores, as atitudes e as emoções se expressam no saber ser e no saber conviver, intimamente relacionados com o julgamento da pertinência da ação, com a qualidade do trabalho, a ética do comportamento, a convivência participativa e solidária, entre outros atributos humanos.

## Quais as questões prioritárias a serem tratadas pelo olhar do Sul na direção de uma política de civilização?

- a. Educação Básica das crianças e dos adolescentes, desde a Educação Infantil e Ensino Fundamental até o Ensino Médio e Profissional, centrada no compromisso para com o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem dos alunos, para que tenham condições de continuar aprendendo e de enfrentar o choque do futuro com segurança, responsabilidade e criatividade; tomando-se como meios básicos os conteúdos curriculares desenvolvidos de forma integrada, interdisciplinar e contextualizada, para que façam sentido para os alunos em situação de aprendizagem.
- b. Formação de professores para a Educação Básica que sejam capazes de conduzir os seus alunos nas trilhas da aprendizagem, ensinando-os a ver o mundo com perspicácia e nele atuar em condições de decidir, sabendo julgar, analisar, avaliar, observar, interpretar, correr riscos, corrigir fazeres, antecipar escolhas, resolver e responder desafios, conviver com o incerto e o inusitado.
- c. Assumir como princípios educativos da juventude o trabalho, a ciência, a cultura, a tecnologia e o desenvolvimento sustentável e solidário, tratando-os de forma integrada, interdisciplinar e contextualizada com o mundo do trabalho, o desenvolvimento cultural e a prática social do cidadão.

# ¿Cuáles son los temas centrales que inspiran el pensamiento del Sur?

Cordão, Francisco Aparecido\*

\* Presidente de la Cámara de Educación Básica del Consejo Nacional de Educación. Consultor Educacional de la Escuela SESC de Enseñanza Media. Director presidente de la Consultoría Educacional Peabiru, Consultores Asociados en Educación. Presidente de la Cámara de Educación Básica del Consejo Nacional de Educación. Consultor Educacional de la Escuela SESC de Enseñanza Media. Director-presidente de la Consultoría Educacional Peabiru, Consultores Asociados en Educación.

- a. *Para el Sur, se percibe la hegemonía del Norte, esencialmente, como la hegemonía de la técnica, de la economía, de la racionalización, de la rentabilidad, de la eficiencia y de la eficacia. Todas las culturas o civilizaciones poseen cualidades, virtudes, ilusiones e imperfecciones. Claro está que la cultura del Norte aportó beneficios, como la democracia representativa, la afirmación de los derechos humanos y de los derechos de la mujer, las autonomías individuales. Sin embargo, presenta también sus cegueras e ilusiones, expresadas en la concentración de poderes políticos y religiosos y en la supremacía del desarrollo material sobre el desarrollo humano.*
- b. *El pensamiento del Sur se expresa, por ejemplo, en la unidad de un universo creado por un Dios Único; en los mensajes de las cartas del apóstol Pablo, que orientaba la religión cristiana a todos los seres humanos; en la herencia de la cultura helénica, según la cual el ser humano es dotado de razón, lo que le permite ejercer una acción política en la sociedad; en el entendimiento del objeto de la filosofía como el de la búsqueda de la verdad y como voluntad de reflexión sobre todas las cosas; así como en la herencia universalista romana, la cual reconocía los derechos de los ciudadanos romanos de forma independiente de sus orígenes étnicas.*
- c. *El mensaje del Renacimiento europeo debe considerarse un mensaje del Sur, ya que es un movimiento del espíritu que problematiza todo: al mundo, al hombre, a la naturaleza y a Dios. El humanismo surge de dicha problematización que promueve el renacimiento, presentando dos caras: una arrogante, del hombre dominador, señor y maestro de la naturaleza; y otra basada en el valor y en la dignidad de todos los seres humanos, sea ése de dónde sea, viviendo en una transitoria comunidad de pasajeros, en un planeta minúsculo de una galaxia periférica.*
- d. *El pensamiento del Sur implica la problematización de la misma razón, que como instrumento de problematización de todo y de todos, es considerada racionalidad estimulada por una pasión, opuesta a la racionalidad glacial del cálculo y de la aritmética.*
- e. *Es urgente regenerar las virtudes de la racionalidad, las que se manifiestan en las capacidades teóricas y críticas, en la economía de las cosas, en la resistencia a los anatemas de cualquier naturaleza y en la capacidad de autocrítica.*
- f. *El desafío de una reflexión centrada en el pensamiento del Sur es promover la mezcla entre las herencias culturales mediterráneas y las herencias culturales*

- africanas y sudafricanas, conectándolas a una nueva conciencia ecológica que nos integra en la biósfera.*
- g. La herencia de las tradiciones de solidaridad y de las artes del buen vivir, presente en el pensamiento del Sur, orienta a la integración y no a la destrucción o a la disgregación.*
- h. Es urgente y esencial problematizar el proceso de mundialización desenfrenada movido por el desarrollo científico, tecnológico, económico y cultural, que se centra en la prevalencia de la acumulación de ganancias y de propiedad. Ese proceso conllevó grandes peligros para la humanidad, como la proliferación de las armas nucleares, la disgregación de la biósfera, las poli crisis planetarias y los nuevos conflictos étnicos y religiosos.*
- i. Las sociedades tradicionales tienden a desintegrarse bajo el comando y el dinamismo de un proceso de globalización que se mueve a través de una crisis económica sin regulación y que se corrompe por la especulación financiera.*
- j. Con el fracaso de la modernidad científica, tecnológica y económica, en cumplimiento de las promesas de un mundo mejor y más justo para todos, la aventura humana llegó a ser de un riesgo desconocido que exige un inminente regreso a las raíces.*
- k. La crisis de la unificación técnica, científica y económica del globo terrestre consiste en una crisis del proceso de mundialización que promueve el occidente, el mismo que por un lado trajo aumento del bienestar, autonomías individuales y emancipación de nuevas clases medias, pero por otro lado destruyó las solidaridades tradicionales, generó nuevas formas de corrupción e hizo que prosperaran las desigualdades, fomentando las pobrezas y miserias.*
- l. Somos testigos de una fantástica unificación del planeta Tierra, la transformación del mismo en una verdadera aldea global que coincide con un movimiento de descomposición y disgregación sociocultural, amenazando las originalidades y singularidades culturales, étnicas y nacionales, promoviendo una incerteza histórica que fomenta la pérdida de la fe en el progreso y la pérdida de la esperanza en un mundo mejor para todos.*
- m. Vemos el desencadenamiento simultáneo de dos plagas que asolan la humanidad: de un lado, la unificación abstracta y homogeneizante que destruye las diversidades; del otro, el cierre de las singularidades en sí mismas, aislándolas del resto de la humanidad. Es necesario entender el vínculo entre la unidad y la diversidad, que hace que el tesoro de la unidad humana sea el de la diversidad y éste el de la unidad, para que la ceguera impulsada por el pensamiento fundado esencialmente en el cálculo ciego para la existencia de la alegría, del sufrimiento y de la felicidad e infelicidad no termine por cegar nuestras consciencias para el lado humano de la humanidad, ignorando las cualidades de la vida.*
- n. Una de las promesas del Sur debería ser «antes mejor que más», es decir, «menos, pero mejor». Para ello, necesitamos librarnos de las intoxicaciones consumistas alentadas por el proceso mundial de producción y consumo de objetos con cualidades ilusorias y obsolescencias programadas.*
- o. El pensamiento basado en el homo economicus, determinado únicamente por el interés personal, es ciego a todo lo que escapa a ese interés: el amor, la dádiva, la comunión, la solidaridad, la responsabilidad, la unidad, la diversidad, el ocio, el juego, la cultura, la alegría, la poesía, la filosofía y la felicidad.*
- p. Los individuos humanos no son máquinas triviales, aunque subyugados a lógicas triviales, pues escapan de las trivialidades por intermedio de sus aspiraciones, sueños, súbitas manifestaciones amorosas, estéticas y transgresoras, con su poder creador ante lo inesperado e inusitado.*
- q. Las lógicas de la eficiencia y de la eficacia, de la previsibilidad, del cálculo cronometrado e hiper especializado generan una burocracia que gangrena las actividades gestoras y crea una racionalización que promueve una completa irracionalidad.*
- r. La lógica del Norte considera las realidades del Sur como la pura expresión de atraso, arcaísmo y pereza, porque trata problemas organizacionales como problemas técnicos, prácticos y cuantificables, es decir, como la prosa de la vida. Sin embargo, la vida no se resume a la prosa obligada e impuesta para ganarse la vida y sobrevivir. La vida sólo vale la pena si la vivimos de forma poética, en amor, comunión, realización personal, felicidad y éxtasis, el ápice de la felicidad. El hombre habita la tierra de manera prosaica y poética.*
- s. Como la prosa irrumpe en todos los rincones de nuestra vida, una de las misiones esenciales del pensamiento del Sur es hacer recordar a la humanidad cuál es el carácter primordial de la poesía y del arte humano de vivir, de manera alegre y extrovertida, basada en la comunicación y en la comunión, en la hospitalidad, la solidaridad y las cualidades poéticas de la vida, sin despreciar los beneficios que aporta el Norte, pero rechazando sus aspectos perversos y nocivos, sobre todo su hegemonía.*

- t. Uno de los grandes retos del pensamiento del Sur es enfrentar las complejidades de nuestra vida, de la realidad humana y la insostenible complejidad del mundo en el planeta Tierra. El pensamiento del Sur, por su misma naturaleza, sólo puede ser complejo en el sentido latino del término, como lo que es tejido en conjunto y como lo que reconecta lo que se separó artificialmente y, por lo tanto, está apto a resucitar los problemas globales fundamentales, fomentando las cualidades y la poesía de la vida.
- u. Se convoca al pensamiento del Sur a re-problematizar la sabiduría, uno de los grandes avances culturales de la Antigüedad grecorromana, relativizando su identificación con una vida dotada de razón, enfatizando su vinculación con la pasión, reconociendo las virtudes de la poesía, el amor y el sentido de comunidad y solidaridad.
- v. La misión del pensamiento del Sur es la de retomar el adjetivo en nuestras vidas, volverse al concreto, a la existencia, a lo singular, integrándolo como universal, conectando la unidad a la diversidad, restaurando solidaridades concretas y planetarias, cuya necesidad nos es vital a todos, restaurando valores como el sentimiento de honra y hospitalidad e impulsando la regeneración ética de la solidaridad y de la responsabilidad, con autonomía moral e intelectual.
- x. La nave espacial llamada Tierra se encuentra en la noche y en la neblina. Sigue probablemente rumbo a las catástrofes, al abismo. Sin embargo, en la historia humana lo improbable siempre ocurre, podemos hoy soñar y restaurar la esperanza en lo improbable, que no obedece a ninguna promesa histórica, en la idea de la crisis y de la imaginación creativa, esencialmente importante para la elaboración de un diagnóstico pertinente e identificación de un camino de salida a partir de un despertar creativo.
- y. La metáfora de las células madre es una buena demostración de que las capacidades generadoras duermen en las sociedades y despiertan en épocas de crisis, en los individuos desviados de la media, en los poetas, escritores, músicos, descubridores, inventores/creadores.
- z. Sabemos que cuando un sistema ya no es capaz de ocuparse de sus problemas fundamentales el mismo tiene dos alternativas: o bien se desintegra, o se transforma, engendrando un metasistema más rico para mejor ocuparse de dichos problemas. El sistema del planeta Tierra hoy está en crisis y ya no puede atender a sus problemas vitales, como lo son el hambre, la muerte representada por armas nucleares, la degradación de la naturaleza, la violencia genera-

lizada, la corrupción financiera desenfrenada, la falencia del sistema económico etc. Por lo tanto, está condenado a morir o a transformarse. Dicha metamorfosis no se puede decretar o programar, pero es la única salida para la creación de la verdadera Tierra-patria-madre. Por ello, sólo nos queda ir en búsqueda de nuevos caminos, aunque improbables, pero que sean utopías capaces de dirigirnos hacia la metamorfosis. Esa es la grandiosa y universal misión del pensamiento del Sur.

### ¿Cuáles son las experiencias innovadoras implementadas y/o en curso que ilustran el pensamiento y/o identidades del Sur?

- a. Escuela SESC de Enseñanza Media: ubicada en la ciudad de Rio de Janeiro y con funcionamiento en periodo integral, como escuela residente, recibe a alumnos de todas las Unidades de la Federación Brasileña y promueve con ellos una enseñanza de excelente calidad; desarrolla aun un currículo escolar integrado, interdisciplinar, diversificado y contextualizado con la realidad de los jóvenes provenientes de ambientes socioculturales y económicos heterogéneos. Es una escuela organizada y dirigida al desarrollo de la capacidad de aprendizaje permanente, para que sus alumnos tengan condiciones de seguir aprendiendo continuamente, en condiciones de responder, original y creativamente, a los nuevos retos de la vida ciudadana y laboral.
- b. Programa innovador de Enseñanza Media: en proceso de implantación por el Gobierno Federal y en colaboración con las diferentes Unidades de la Federación Brasileña, cuenta con el apoyo de la Escuela SESC de Enseñanza Media, especialmente respecto al entrenamiento y al desarrollo de profesores, para que el currículo escolar elaborado articule las dimensiones de la educación científica, tecnológica, cultural y profesional. La finalidad es la implantación de una escuela de Enseñanza Media capaz de atender de mejor manera los intereses de los jóvenes en proceso de desarrollo, con oferta de una enseñanza que asuma como principios el trabajo, la práctica social, la ciencia, la cultura y la tecnología, promoviendo el desarrollo de la capacidad de aprendizaje permanente, para que los jóvenes tengan condiciones de seguir aprendiendo y adaptándose con flexibilidad y perspicacia a las nuevas condiciones del mundo laboral y de la promoción del desarrollo sostenible y solidario de la sociedad en la que viven.

c. *Desarrollo de Programas de Educación Profesional y Tecnológica comprometidos con la mejora de las competencias laborales que permitan al ciudadano-trabajador enfrentar y responder a los desafíos sociolaborales previstos e inesperados, previsibles e imprevisibles, rutinarios e inusitados, con creatividad, autonomía, ética y efectividad, calificándose para el ejercicio laboral competente. El compromiso ético de las instituciones de educación profesional y tecnológica con sus alumnos, con los empleadores de sus alumnos y con la sociedad beneficiaria de los trabajos de esos trabajadores, conforme lo dicta las actuales Directrices Curriculares Nacionales definidas por el Consejo Nacional de Educación, se encuentra directamente relacionado al desarrollo de la competencia profesional, como siendo la capacidad de movilización, articulación y puesta en marcha de los Conocimientos, Habilidades, Actitudes, Valores y Emociones (CHAVE), para poder, de esta forma, responder de manera creativa a los desafíos y requerimientos de la ciudadanía y de la vida laboral y personal del trabajador, con eficiencia y eficacia ante lo inesperado y con una actuación transformadora y creadora. Muchas personas entienden como conocimiento «saber conocer» o simplemente «saber». La habilidad se refiere al «saber hacer», relacionado a la práctica en el trabajo, trascendiendo el simple entrenamiento operacional para la acción motora. Los valores, las actitudes y emociones están expresas en el saber ser y en el saber convivir, íntimamente relacionados al juicio de la pertinencia de la acción, a la calidad del trabajo, la ética del comportamiento, la convivencia participativa y solidaria, y otras cualidades humanas.*

## ¿Qué cuestiones son consideradas prioritarias en la mirada del Sur hacia una política de civilización?

- a. *Educación Básica de los niños y adolescentes, desde la Educación Infantil y la Enseñanza Básica, hasta la Enseñanza Media y Profesional, centrada en el compromiso con el desarrollo de la capacidad de aprendizaje de los alumnos, impulsando a que tengan condiciones de seguir aprendiendo y enfrentar las sorpresas del futuro con seguridad, responsabilidad y creatividad. Se toman como medios básicas los contenidos curriculares desarrollados de manera integrada, interdisciplinar y contextualizada, para que tengan sentido para los alumnos en situación de aprendizaje.*
- b. *Formación de profesores para la Educación Básica que sean capaces de conducir a sus alumnos en los caminos del aprendizaje, enseñándolos a encarar el mundo con perspicacia y actuar satisfactoriamente en la toma de decisiones, juzgando, analizando, evaluando, observando, interpretando, corriendo riesgos, corrigiendo medidas, anticipando elecciones, solucionando y respondiendo a los desafíos, conviviendo con lo incierto e inusitado.*
- c. *Asumir como principios educativos de la juventud el trabajo, la ciencia, la cultura, la tecnología y el desarrollo sostenible y solidario, tratándolos de manera integrada, interdisciplinar y contextualizada con el mundo laboral, el desarrollo cultural y la práctica social del ciudadano.*

# Contribuições para um pensamento do Sul

Coutinho, Jairo\*

\* Coordenador do Espaço Criança Esperança do Rio de Janeiro, projeto nas favelas Cantagalo e Pavão/Pavãozinho. Médico com formação em Psiquiatria. Dedicou-se à gestão de projetos sociais e educacionais. Ativista social participante de numerosos movimentos, ONGs e entidades comunitárias e sindicais.

Viver é muito perigoso...  
Porque aprender a viver é que é o viver mesmo...  
Travessia perigosa, mas é a da vida.

GUIMARÃES ROSA

A primeira e central questão que se coloca para a elaboração de um pensamento do Sul, como desenvolve Morin, é o reconhecimento de que existe um Sul, vários "suis". Não como algo geográfico, mas como fruto de uma relação com o Norte, surgido com o fim da oposição Ocidente-Oriente, conceitos vigentes até o fim do Terceiro Mundo, que expressavam a geopolítica anterior à queda do muro de Berlim.

Compreender que existe um Sul exige humildade e coragem. Humildade para renunciar às "certezas" impostas pela hegemonia técnica, científica e econômica que se impõe, a partir do Norte, ao conjunto do planeta. Modelo que dissemina miséria, desemprego, violência, banditismo, a morte precoce dos jovens, o sofrimento, degradando a vida social e cultural de milhões de pessoas e extenua a biosfera, caminhando perigosamente para a extinção da própria vida no planeta.

Coragem para reconhecer no Sul, nos "suis", uma vida inteligente, com suas virtudes, com a beleza da diversidade, plena de fraternidade, de alegria, de solidariedade. Mas também é preciso humildade para reconhecer e incorporar num novo paradigma os benefícios do conhecimento técnico, científico e do desenvolvimento econômico, necessariamente vinculado à sustentabilidade ambiental e social.

Coragem e humildade para admitir-se que do Sul é possível, e unicamente daí, um caminho civilizatório na paz e fraternidade. Caminho que empreende as bases de uma metamorfose que supere a antinomia Sul-Norte, religando a todos, num "destino comum", em harmonia na Terra-pátria. Do Sul uma fênix, libertadora e salvadora.

No Sul, o "Sul do Sul". No Norte, o "Sul no Norte". As periferias, os bairros de migrantes, as favelas não cansam de exigir o fim da miséria, da desigualdade, que assola essas populações. Em seus movimentos, na sua música e poesia, clamam por justiça, pela igualdade de direitos, por oportunidades para conquistarem uma vida digna. São vozes que falam alto, diuturnamente. São vozes que, quando não ouvidas, irrompem em explosões de violência, protagonizadas, sobretudo, pelos jovens. Vítimas e algozes matam e morrem, reféns do consumismo, usurpados de sonhos. Nas cidades, em suas entranhas, a crise a clamar por uma saída. Saída para aqueles reféns da miséria, da tirania dos bandos armados, saída para aqueles detentores de bens e oportunidades, também vitimados pelo consumismo, pela angústia, que, assustados pela violência, ficam aprisionados pelos muros e grades dos condomínios, pela "segurança" dos *shoppings*.

Saída que não idealize o Sul, porque também contém suas imperfeições, tampouco satanize o Norte, não reconhecendo suas virtudes. Mas saída que necessariamente seja capaz de recusar a hegemonia "nortista", integrando suas virtudes às virtudes do Sul, na recuperação do humano na humanidade.



Há muita esperança no ar. De um lado, pelos flagrantes sinais de esgotamento do modelo reducionista. Sinais bem evidentes inclusive, na recente crise econômica, de 2008, engendrada no centro do capitalismo norte-americano e europeu, que está exigindo para sua saída uma nova ordem mundial, onde países do Sul, emergentes, assumem um protagonismo até há pouco rejeitado pelo Norte. Por outro lado, sinais são emitidos em direção à construção de um pensamento do Sul. Indicações de um empenho pelo desenvolvimento, tendo como algumas de suas condicionantes a superação da miséria, a construção de oportunidades para os excluídos, uma, ainda que inicial, condicionalidade e incorporação dos valores de sustentabilidade ambiental e social. Cresce essa consciência.

Aqui não posso deixar de fazer um registro, sublinhando meu olhar otimista. Diz-se que a paixão não é boa companheira da razão, mas seria absurda a ideia de que a razão existe sem emoção, sem paixão. Prefiro extrair de minha indignação a energia que o otimismo alimenta. Que possa, de maneira fundada, despertar a necessária mobilização criativa para enfrentar os desafios colocados, que impeça uma catástrofe anunciada, nuclear ou ambiental, e retome o caminho da felicidade.

A metáfora, genialmente recuperada por Bergman em seu filme *O ovo da serpente*, muito se aplica neste momento. O ovo da serpente, quando colocado contra a luz, permite visualizar a serpente, o monstro, em seu crescimento, ainda que não se possa percebê-la num olhar externo, desprovido da luz. O cineasta utilizou essa metáfora para mostrar como, após a Primeira Guerra Mundial, engendrava-se na Alemanha, de maneira não perceptível, o monstro do nazismo, capaz de cometer as atrocidades que todos vieram a conhecer.

É possível olharmos este momento “contra a luz” e enxergarmos a catástrofe se avolumando como uma tsunami, mas, ao mesmo tempo, cresce uma consciência dos riscos, um pensamento libertador dessa hegemonia, criando as bases de uma metamorfose libertadora, como tantas vezes se sucedeu na história do homem. É possível ver a crise com otimismo, como condição de sua superação.

No Brasil, um operário é eleito presidente da República e é sucedido por uma mulher, algo que tem o reconhecimento mundial, dado o lugar secundário em que é colocada a mulher nos países do Sul. Não bastasse, a mulher em questão é ainda uma ex-guerrilheira, sobrevivente das

lutas democráticas. Há a vitória de Mandela, o programa Verdade e Reconciliação, a construção de um novo caminho, derrotando o *apartheid* e inscrevendo seu ideário no imaginário da cena mundial. Há o Mercosul, a adesão de mais países da América do Sul, as pontes diplomáticas, culturais, sociais e econômicas em construção com a África.

Como se diz que no Brasil tudo acaba em futebol e samba, por que não falar da sequência de Copas do Mundo no Sul, África do Sul (2010), Brasil (2014), Rússia (2018) e Qatar (2022)? Sinais de um novo diálogo civilizatório?

O Fórum Social Mundial, a miríade de movimentos sociais, colocando em alto som a exigência de um novo caminho, que coloque a paz, a fraternidade, a solidariedade, a harmonia com a biosfera no centro do desenvolvimento. A mobilização da opinião pública mundial, que, até pelo menos este momento em que escrevo estas linhas, sustou a execução da morte por apedrejamento da iraniana Sakineh. A internet, o fenômeno das redes sociais (*o Facebook* com seus 500 milhões de participantes, *o Youtube*) permitem que milhões de pessoas exerçam suas identidades, dialoguem com todos, produzindo um “borbulhar” horizontalizado, liberto de uma hegemonia centralizadora.

Pensar globalmente e agir localmente é uma exigência, mas também o é pensar localmente e agir globalmente. Recentemente uma região de favelas no Rio de Janeiro, o Complexo do Alemão, onde, contando com arredores, vivem cerca de 400 mil pessoas, foi libertada por forças policiais e militares do controle territorial armado do narcotráfico. Um domínio de décadas, onde o crime organizado se tornou senhor da vida e da morte dos moradores e construiu um *bunker* inexpugnável, de onde também partiam para impor o medo no conjunto da cidade. A favela e a cidade aplaudem, se regozijam, festejam a retomada que, para além da vitória militar, está comprometida com a inclusão social, econômica e cultural. Bom para a favela, bom para todos.

Celebremos com o Zeca Pagodinho, sambista carioca:

Deixa a vida me levar

(vida leva eu)

Deixa a vida me levar

Sou feliz e agradeço

Por tudo que Deus me deu...

# Aportes para un pensamiento del Sur

Coutinho, Jairo\*

\* Coordinador del Espacio Criança Esperança de Rio de Janeiro, proyecto actuante en las favelas Cantagalo y Pavão/Pavãozinho. Médico Psiquiatra, se dedica a la gestión de proyectos sociales y educacionales. Activista social partícipe en numerosos movimientos, ONGs y entidades comunitarias y sindicales.

*Vivir es muy peligroso... Porque aprender a vivir es lo que es el vivir... Travesía peligrosa, pero es la de la vida.*

GUIMARÃES ROSA

*La primera y central cuestión en la elaboración de un pensamiento del Sur, como desarrolla Morin, es el reconocimiento de que existe un Sur, varios «sures». No como algo geográfico, sino como fruto de una relación con el Norte, que surge con el fin de la oposición Occidente-Oriente, conceptos vigentes hasta el fin del Tercer Mundo, que expresaban la geopolítica anterior a la caída del muro de Berlín.*

*Comprender que existe un Sur exige humildad y coraje. Humildad para renunciar a las «certezas» impuestas por la hegemonía técnica, científica y económica impuesta a partir del Norte a todo el planeta. Se trata de un modelo que propaga la miseria, el desempleo, la violencia, el bandidaje, la muerte precoz de los jóvenes, el sufrimiento, lo que degrada la vida social y cultural de millones de personas y extenúa la biósfera, caminando peligrosamente a la extinción de la vida misma en el planeta.*

*Es necesario coraje para reconocer en el Sur, en los «sures», una vida inteligente, con sus virtudes, la belleza de su diversidad, plena de fraternidad, alegría y solidaridad; pero también es necesario tener humildad para reconocer e incorporar en un nuevo paradigma los beneficios del conocimiento técnico, científico y del desarrollo económico, necesariamente vinculado a la sustentabilidad ambiental y social.*

*Coraje y humildad para admitir que es posible a partir del Sur, y únicamente de ahí, hacer surgir un camino civilizatorio de paz y fraternidad. Ca-*

*mino que emprende las bases de una metamorfosis capaz de superar la antinomia Sur-Norte, reconectando a todos en un destino común», en armonía en la Tierra-patria. Del Sur, un ave fénix libertadora y salvadora.*

*En el Sur, el «Sur del Sur». En el Norte, el «Sur del Norte». Las periferias, los barrios de migrantes, las favelas, no cansan de exigir el fin de la miseria, de la desigualdad que asola esas poblaciones. En sus movimientos, en su música y poesía, claman por justicia, por la igualdad de derechos, por oportunidades para conquistar una vida digna. Son voces que gritan incansablemente. Son voces que, cuando no se escuchan, irrumpen en explosiones de violencia, protagonizadas, sobre todo, por los jóvenes. Víctimas y verdugos mueren y matan, rehenes del consumismo, a quienes se les fue quitado el soñar. En las entrañas de las ciudades, la crisis clama por una salida. Salida para los rehenes de la miseria, de la tiranía de las bandas armadas, salida para los que poseen bienes y oportunidades e igualmente son víctimas del consumismo, de la angustia, y que asustados por la violencia se aprisionan en los muros y rejas de los condominios, en la «seguridad» de los centros comerciales.*

*Una salida que no idealice al Sur, porque éste también posee sus imperfecciones. Tampoco que sea una salida que satanice el Norte, dejando de reconocer sus virtudes. Que sea una salida que necesariamente rechace la hegemonía «nortista», integrando sus virtudes a las virtudes del Sur, en la recuperación de lo humano en la humanidad.*

*Hay una atmósfera de mucha esperanza. De un lado, por los flagrantes signos del agotamiento del modelo reduccionista, incluso muy evidentes, en la reciente crisis económica del año*

2008, engendrada en el centro del capitalismo norteamericano y europeo que está exigiendo un nuevo orden mundial para su salida, en la que los países emergentes del Sur asumen un protagonismo hasta hace poco tiempo rechazado por el Norte. Por otro lado, hay señales que apuntan hacia la construcción de un «pensamiento del Sur». Indicaciones de un empeño por el desarrollo; algunas de sus condicionantes son la superación de la miseria, la construcción de oportunidades para los excluidos, una — aunque inicial — condicionalidad e incorporación de los valores de sostenibilidad ambiental y social. Dicha consciencia es creciente.

No puedo dejar de hacer una observación, resaltando mi mirada optimista. Se dice que la pasión no es una buena compañera de la razón, pero sería absurda la idea de que la razón existe sin emoción, sin pasión. Prefiero extraer de mi indignación la energía que el optimismo alimenta. Que sea posible, de una manera fundada, despertar la necesaria movilización creativa para enfrentar los desafíos planteados impedir una catástrofe anunciada, nuclear o ambiental, y así retomar el camino de la felicidad.

La metáfora genialmente recuperada por Bergman en su película *El huevo de la serpiente* se aplica bien en este momento. El huevo de la serpiente, cuando es puesto contra la luz, permite visualizar la serpiente, el monstruo, en su crecimiento, aunque no se pueda desde una mirada externa en ausencia de luz. El cineasta utilizó esta metáfora para mostrar cómo, después de la Primera Guerra Mundial, se engendraba en Alemania, de forma no perceptible, el monstruo del nazismo, capaz de cometer las atrocidades de las que todos fueron testigos.

Podemos mirar este momento «contra la luz» y ver la catástrofe creciendo como un tsunami, pero, a la vez, crece una conciencia de riesgos, un pensamiento libertador de esa hegemonía, formando las bases de una metamorfosis libertadora, como tantas veces ha sucedido en la historia del hombre. Es posible ver la crisis con optimismo, como condición de su superación.

En Brasil, un obrero es elegido presidente de la República y lo sucede una mujer, un hecho de reconocimiento mundial debido al lugar secundario que ocupa la mujer en los países del Sur. Como si no bastara, la mujer en cuestión es una ex guerrillera, sobreviviente de las luchas democráticas. Además, es importante considerar la victoria de Mandela y el programa Verdad y Reconciliación, la construcción de un nuevo camino que derrota el apartheid inscribiendo su ideario en el imaginario de la escena mundial, así como el Mercosur,

la adhesión de más países de Sudamérica, los puentes diplomáticos, culturales, sociales y económicos en construcción con África.

Como se dice que en Brasil todo termina en fútbol y samba, ¿por qué no mencionar la secuencia de los Mundiales de Fútbol en el Sur: Sudáfrica (2010), Brasil (2014), Rusia (2018) y Qatar (2022)? ¿Son signo de un nuevo diálogo civilizatorio?

Está el Foro Social Mundial, la mirada de movimientos sociales, poniendo en alto sonido la exigencia de un nuevo camino que ponga en el centro del desarrollo la paz, la fraternidad, la solidaridad, la armonía con la biósfera. Además, la movilización de la opinión pública mundial, que hasta el momento en que escribo ha suspendido la ejecución de la muerte por apedreamiento de la iraní Sakineh; la internet, el fenómeno de las redes sociales (Facebook con sus 500 millones de participantes, así como Youtube) que permiten que millones de personas ejerzan sus identidades, dialoguen con todos, produciendo entonces un «brote» horizontalizado, libre de una hegemonía centralizadora.

Pensar de forma global y actuar de forma local es una exigencia, pero también lo es el pensar localmente y el actuar globalmente. Recientemente una región de favelas de Rio de Janeiro, el Complejo de Alemão, donde viven cerca de 400 mil personas en la totalidad de su área, pasó a ser libre del control territorial armado del narcotráfico, gracias a las fuerzas policiales y militares. Un dominio de décadas, donde el crimen organizado se volvió el señor de la vida y de la muerte de los quienes vivían ahí y construyó un bunker inexpugnable, de donde también partían para imponer el miedo en toda la ciudad. La favela y la ciudad aplauden, celebran el retorno que, además de una victoria militar, está comprometida con la inclusión social, económica y cultural. Siendo bueno para la favela, es bueno para todos.

Celebremos con Zeca Pagodinho, sambista carioca:

*Que me lleve la vida*

*(Vida, llévame)*

*Que me lleve la vida*

*Soy feliz y agradecido*

*Por todo lo que me ha dado Dios...*

# Contribuições para um pensamento do Sul

Estarque, Tereza Mendonça\*

\* Psicóloga, psicanalista do Círculo de Psicanálise do Rio de Janeiro. Doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP, com Pós-Doutorado em Ciências Políticas pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Coordenadora do Instituto de Estudos da Complexidade (IEC). Autora de *Homo Creator: ética e complexidade na reprogramação da vida* (2007) e de diversos artigos na interface Psicanálise e Cultura. Organizadora, com Edgard de Assis Carvalho, de *Ensaio de complexidade 2* (2004).

O pensamento de Edgar Morin é para todos. Para além do hermetismo dos pequenos círculos intelectuais, consegue conjugar a riqueza e a abrangência das questões abordadas, com clareza e simplicidade no tratamento da escrita. Economiza, para nós, o esforço de mapeamento, exposição dos fatores causais e desdobramentos das muitas crises contemporâneas. Com impressionante capacidade de síntese, apresenta-nos a vivacidade de um pensamento em ação. Com essa inspiração, parto de um momento axial de seu escrito, quando problematiza as muitas crises da atualidade: "Todas essas crises desembocam na crise do desenvolvimento."

Inegavelmente, como resultado da revolução industrial e do desenvolvimento da economia de mercado, colocou-se em marcha uma ação devastadora para os vínculos sociais, verdadeiros "moinhos satânicos", para mencionar Karl Polanyi e sua atualidade. Essa força descomunal desarticula o laço entre as pessoas e enfraquece a identidade do homem com a natureza. Como erva daninha, passou a parasitar as vidas humanas. Partindo do cálculo utilitário, da razão instrumental e do preceito da máxima eficiência, expandiu-se e disseminou-se planetariamente.

O modelo do *homo economicus* defende que a otimização dos interesses individuais produz o máximo de bem-estar coletivo. Adam Smith ilustrou bem seu pensamento ao afirmar: "não é da benevolência do padeiro, do açougueiro ou do cervejeiro que eu espero que saia o meu jantar, mas sim do empenho deles em promover seu 'autointeresse'." Desembocamos aqui em uma questão crucial: a crença no princípio do interesse individualista como principal móbil para a ação humana e como base para a construção societária. Antes dele, Bernard Mandeville chocou o mundo intelectual ao afirmar que os vícios privados promovem a riqueza das nações. A crença no individualismo instaurou, segundo J. Goudbout, uma teoria que goza de um "privilégio paradigmático" sobre as demais, dificultando as possibilidades de interpretação do mundo a partir de outros pontos de vista.

Alguns anos antes da emergência e propagação da concepção individualista, em seu *Tratado sobre a natureza humana*, Hume formulou a ideia de que a simpatia seria, por excelência, o sentimento responsável pelo vínculo entre as pessoas. Mesmo Smith, considerado o pai do liberalismo, havia já escrito uma grande obra, de menor sucesso, onde desenvolveu sua teoria dos sentimentos morais, postulando uma tendência natural do humano para a simpatia. Frans de Waal vai além, estendendo a simpatia aos

primatas e fazendo a ponte do símeo em nós. São os movimentos do pensamento em suas alternâncias e dialogias.

Uma teoria complexa da ação humana precisaria trabalhar para ultrapassar as clássicas dicotomias sociológicas. *Homo economicus*, *homo donator*, *homo ludens*, *homo creator* e muitos outros, compõem esse mosaico multifacetado.

O achado antropológico de Mauss, a tríplice obrigação (dar-receber-retribuir), resultou em diferente compreensão sobre as trocas humanas e inspirou o Mouvement Anti-utilitariste en Sciences Sociales (MAUSS), que surgiu nos anos 1970 como crítica profunda ao utilitarismo em geral e ao liberalismo em particular. O dom é um paradigma relacional, que afirma um sistema de obrigações como base para o laço social. A tríade tece o vínculo a partir de relações complexas de amor e ódio, guerra e paz. Ao contrário, o projeto do liberalismo visa libertar o homem de qualquer relação pessoal com o outro, com quem estabelece suas trocas. Essa liberdade funda-se na liquidação imediata da dívida. Se não há perspectiva de futuro para as relações, não estamos inseridos num sistema de obrigações.

Vislumbramos, aqui e ali, movimentos de resistência aos assaltos dos “moínhos satânicos”. Dentre os de natureza prática, destaco Muhamad Yunus e seu sonho de transformar a miséria em objeto de museu. A economia de comunhão, de Chiara Lubich. Sugata Mitra e sua aposta no autodidatismo e na busca de inclusão digital para crianças pobres. Amartya Sen e Mahbub ul Haq, criadores do índice de Desenvolvimento Humano (IDH), apenas para citar algumas experiências inovadoras.

Ares de renovação incidem também na produção intelectual, incluindo a dimensão do afeto na constituição dos atores sociais. Fazendo suplência ao pensamento de Habermas, Axel Honneth introduz a questão do amor primário, vivido na relação mãe-bebê como imprescindível forma de reconhecimento. Sobre essa base serão edificados dois outros patamares sociais de reconhecimento: a justiça e a solidariedade.

Se vivemos um momento de muitas crises, podemos escolher enfrentá-lo como infortúnio ou como oportunidade. Inscrevo-me entre os que veem as crises como incríveis oportunidades de mudança e renovação de tudo aquilo que se cristalizou e pleiteou eternização. Partilho uma compreensão da vida como processo sempre inacabado, onde o novo emerge incitado pelas angústias do presente, pelas projeções futuras, mas também, e sempre, a partir das sombras do passado.

É ingênuo pensar que as transformações sociais que testemunhamos através da história impliquem extinção dos valores da tradição. Ao contrário, servimo-nos deles para operar as mudanças necessárias ao enfrentamento dos desafios contemporâneos. Chamarei de “paradigma da queda generalizada” à prevalência da difusão da “crença no esvaziamento”. Segundo esse ponto de vista, a ausência de marcadores socioculturais, claramente postos como nortes para a ação do indivíduo em sociedade, evidencia e promove uma desarticulação entre os governos de si e da pólis. Prenuncia-se, assim, uma catástrofe de dimensões incalculáveis.

A adequação desses discursos à realidade revela-se frágil e pouco resistente a uma investigação mais acurada. O que essa vertente de pensamento percebe e descreve é, em minha opinião, apenas uma parte dos processos de mudança expressos em seus aspectos mais espetaculares e por isso mesmo mais visíveis.

Esse olhar incorre, portanto, no equívoco de tomar o todo pela parte mais evidente de uma realidade que, em geral, é sempre mais complexa do que parece. Reduzida por esse prisma, pode tornar-se sombria e assustadora,

convertendo-se em profecia pessimista projetada sobre os ombros das novas gerações.

Existe um fervilhante mutirão de pequenas ações sociais que opõem resistência às forças dominantes. Agindo subcutaneamente na restauração do tecido social, essas ações são invisíveis. E o invisível confunde-se com o inexistente. Nesse sentido, não pode ser oferecido como referência.

Não entra na contabilidade das ações válidas para uma metamorfose nas relações entre as pessoas e entre elas e seu ambiente. Ainda que se multipliquem e se propaguem subterraneamente, permanecem não reconhecidas e precisam de proteção.

Defendo a premissa de que os processos de mudança não são engendrados somente por aquilo que salta aos olhos. Existem movimentos mais sutis e, nem por isso, de menor operatividade transformadora. Uma metamorfose dos costumes pode estar em gestação concomitantemente a todas as quedas acontecidas e anunciadas, impulsionando-nos na direção de uma sociedade mais justa e solidária.

É fundamental que se coloque em foco e que se tente dar estatuto de existência aos movimentos sociais subjacentes que preparam a metamorfose. Como fazer isso? Retomo uma frase inesquecível que ouvi de Edgar Morin em 1998, momento que coincidiu com o nascimento do IEC: "Nós não somos poucos, nós somos muitos, nós só precisamos nos religar numa grande rede."

Tão ocupados estamos no labor cotidiano de nossas práticas, tão ocupados de nós mesmos, que negligenciamos a grande tarefa, aquela mesma que pode nos fortalecer na direção da mudança: a religação. Ela é, talvez, a única forma de trazeremos à luz esse grande organismo humano que trabalha, incessantemente, pela preservação da vida. unindo seus vários pontos, como estrelas de uma imensa constelação, sua forma poderá então se revelar e fazer frente ao tamanho da tarefa posta pelo desafio de construção do futuro. No caminho rumo a esse futuro incerto, o *homo creator* deve ser convidado a inventar, reviver e conjugar as inúmeras rotas de desenvolvimento que nos permitem coabitar o planeta, atendendo às necessidades básicas de todas as formas de vida existentes.

# Aportes para un pensamiento del Sur

Estarque, Tereza Mendonça\*

\* Psicóloga, psicoanalista del Círculo de Psicoanálisis de Rio de Janeiro. Doctora en Ciencias Sociales por la PUC-SP, con Posdoctorado en Ciencias Políticas por el Instituto Universitario de Investigaciones de Rio de Janeiro (Iuperj). Coordinadora del Instituto de la Complejidad (IEC). Autora de *Homo creator: ética e complexidade na reprogramação da vida* (2007) y de varios artículos en la *interface* Psicoanálisis y Cultura. Organizadora, juntamente con Edgard de Assis Carvalho, de *Ensaíos de complexidade 2* (2004).

*El pensamiento de Edgar Morin es para todos. Más allá del hermetismo de los pequeños círculos intelectuales, logra relacionar la riqueza y el alcance de las cuestiones planteadas con claridad y simplicidad en su escritura. Nos ahorra el esfuerzo del mapeo, exposición de los factores causales y desdoblamientos de las muchas crisis contemporáneas. A través de una impresionante capacidad de síntesis, nos presenta la vivacidad de un pensamiento en acción. Con esa inspiración, parto de un momento axial de su escritura, cuando problematiza las muchas crisis de la actualidad: «todas esas crisis conllevan a la crisis del desarrollo».*

*Indiscutiblemente, como resultado de la revolución industrial y del desarrollo de la economía de mercado, se puso en marcha una acción devastadora para los vínculos sociales. Verdaderos «molinos satánicos», para mencionar a Karl Polanyi y su momento actual. Esa fuerza descomunal desarticula el lazo entre las personas y debilita la identidad del hombre con la naturaleza. Como la maleza, pasó a ser un parásito en las vidas humanas. A partir del cálculo utilitario, de la razón instrumental y del precepto de máxima eficiencia, se expandió y se diseminó planetariamente.*

*El modelo de homo economicus defiende que la optimización de los intereses individuales produce el máximo bienestar colectivo. Adam Smith planteó su pensamiento al afirmar: «no espero mi cena de la benevolencia del panadero, del carnicero o del cervecero, sino del empeño de ellos en promover su autointerés». Entramos aquí a una cuestión crucial: la creencia en el principio del interés individualista como principal motivación para la acción humana y como base para la construcción de la sociedad. Anteriormente, Bernard Mandeville movió el mundo intelectual al afirmar que los vicios privados promueven la riqueza de las naciones. La creencia en el individualismo instauró, según J. Goudbout, una teoría que goza de un «privilegio paradigmático» sobre las demás, dificultando las posibilidades de interpretación del mundo a partir de otros puntos de vista.*

*Algunos años antes de la emergencia y propagación de la concepción individualista, en su Tratado sobre la naturaleza humana, Hume formuló la idea de que la simpatía sería, por excelencia, el sentimiento responsable del vínculo entre las personas. Incluso Smith, considerado el padre del liberalismo, había escrito una gran obra, de menor éxito, en la que desarrolla su teoría de los sentimientos*

*morales, postulando una tendencia natural del humano para la simpatía. Frans de Waal va más allá, extendiendo la simpatía a los primates y haciendo el puente del simio en nosotros. Son los movimientos del pensamiento en sus alternancias y dialogías.*

*Una teoría compleja de la acción humana necesitaría trabajar para sobrepasar a las clásicas dicotomías sociológicas. Homo economicus, homo donator, homo ludens, homo creator y muchos otros son los que componen este mosaico multifacético.*

*El hallazgo antropológico de Mauss, la tríplice obligación (dar-recibir-retribuir) resultó en diferente comprensión sobre los intercambios humanos e inspiró el Mouvement Anti-utilitariste en Sciences Sociales (MAUSS), que surgió en los años 1970 como crítica profunda al utilitarismo en general y al liberalismo en particular. El don es un paradigma relacional que afirma un sistema de obligaciones como base para la conexión social. La tríada teje el vínculo a partir de relaciones complejas de amor y odio, guerra y paz. Al contrario, el proyecto del liberalismo tiene como finalidad liberar al hombre de cualquier relación personal con el otro, con quien establece su intercambio. Esta libertad está basada en la liquidación inmediata de la deuda. Si no hay perspectiva de futuro para las relaciones, no estamos inseridos en un sistema de obligaciones.*

*Percibimos en todas partes movimientos de resistencia a los asaltos de los «molinos satánicos»; entre los de naturaleza práctica destaco a Muhamad Yunus y su sueño de convertir la miseria en un objeto de museo; la economía de comunión de Chiara Lubich; Sugata Mitra y su apuesta en el autodidactismo y en la búsqueda por inclusión digital para niños pobres; Amartya Sen y Mahbub ul Haq, creadores del Índice del Desarrollo Humano (IDH); son solamente algunas experiencias innovadoras.*

*Aires de renovación inciden también en la producción intelectual, incluyendo la dimensión del afecto en la constitución de los actores sociales. Sustituyendo el pensamiento de Habermas, Axel Honneth introduce el amor primario, vivido en la relación entre madre y bebé, como una imprescindible forma de reconocimiento. Sobre esta base se identificarán otras dos categorías sociales de reconocimiento: la justicia y la solidaridad.*

*Si vivimos un momento de muchas crisis, podemos elegir encararlo como mala suerte o como oportunidad. Me inscribo entre los que ven las crisis como increíbles oportunidades de cambio y renovación de todo lo que se cristalizó y demandó eternización. Comparto una comprensión de vida como proceso siempre inacabado, en donde lo nuevo emerge incitado por las angustias del presente, por las proyecciones futuras, pero también y siempre a partir de las sombras del pasado.*

*Es ingenuo pensar que las transformaciones sociales de las que somos testigos a través de la historia impliquen extinción de los valores de la tradición. Al contrario, nos servimos de ellos para realizar los cambios necesarios al enfrentamiento de los desafíos contemporáneos. Denominaré «paradigma de la caída generalizada» a la prevalencia de la difusión de la «creencia en el vaciamiento». Conforme a ese punto de vista, la ausencia de marcadores socioculturales, claramente puestos como nortes para la acción del individuo en sociedad, evidencia y promueve una desarticulación entre los gobiernos de sí y la polis. Se denuncia, de esta manera, una catástrofe de incalculable dimensión.*

*La adecuación de esos discursos a la realidad se revela frágil y poco resistente a una investigación más detenida. Lo que esa vertiente de pensamiento percibe y describe es, según mi opinión, solamente una parte de los procesos de cambio expresados en sus aspectos más espectaculares y, por este motivo, más visibles.*

*Esa mirada incurre, por lo tanto, en el equívoco de tomar el todo por la parte más evidente de una realidad que, en general, siempre es más compleja de lo que*



*parece. Reducida por ese prisma, puede volverse sombría y estremecedora, convirtiéndose en profecía pesimista apoyada sobre los hombros de las nuevas generaciones.*

*Existe una campaña febril de pequeñas acciones sociales que oponen resistencia a las fuerzas dominantes. Actuando subcutáneamente en la restauración del tejido social, dichas acciones son invisibles y lo invisible suele confundirse con lo inexistente. En este sentido no debe ser ofrecido como referencia.*

*No entra a la contabilidad de las acciones válidas para una metamorfosis en las relaciones entre las personas y entre las mismas y su entorno. Aunque se multipliquen y propaguen subterráneamente, permanecen no reconocidas y necesitan protección.*

*Defiendo la premisa de que los procesos de cambio no se engendran solamente por lo que salta a los ojos. Existen movimientos más sutiles y no por eso de menor operatividad transformadora. Una metamorfosis de las costumbres puede estar gestando concomitantemente a todas las caídas que ocurren y se anuncian, impulsándonos hacia una sociedad más justa y solidaria.*

*Es fundamental que sea puesto en foco y que se trate de dar estatuto de existencia a los movimientos sociales subyacentes que preparan la metamorfosis. ¿Cómo hacerlo? Retomo una frase inolvidable que escuché de Edgar Morin en el año 1998, momento que coincide con el nacimiento del IEC: «no somos pocos, somos muchos; sólo necesitamos reconectarnos en una gran red».*

*Tan ocupados estamos en la labor cotidiana de nuestras prácticas, tan ocupados de nosotros mismos, que descuidamos la gran tarea, esa que nos puede fortalecer hacia el cambio: la reconexión. Ella es tal vez la única manera de traernos a la luz ese gran organismo humano que trabaja incesantemente en la preservación de la vida. Uniendo sus varios puntos, como estrellas de una inmensa constelación, su forma podrá revelarse y encarar el tamaño de la tarea que pone el desafío de construcción del futuro. En el camino rumbo a ese futuro incierto, es necesario invitar al homo creator a inventar, revivir y conjugar las incontables rutas de desarrollo que nos permiten cohabitar el planeta, atendiendo a las necesidades básicas de todas las formas de vida que existen.*

# Contribuições para um pensamento do Sul

Falci, Nurimar Maria\*

\* Bacharel e licenciada em Ciências Sociais (PUC-SP). Mestre em Literatura da Língua Portuguesa (USP). Doutorado concluído, mas ainda não apresentado (USP), com a proposta de uma pesquisa interdisciplinar em um diálogo entre a Literatura, a História e a Antropologia. Bolsa sanduíche para pesquisa de doutorado pelo CNPq na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris, França (2001). Colóquio internacional: Usages culturels du passe et construction identitaire dans les pays méditerranéens du XVI siècle a nos jours. Apresentação da comunicação: "Fronteiras do Mediterrâneo: culturas, memórias e identidades". Tunis, Tunísia; EHESS, Paris, França e Centre des Recherches Economiques et Sociales (2009). Na unidade do SESC em São Paulo foi coordenadora da Área de Literaturas e reativou as Bibliotecas (1997-2007). Assistente da Gerência de Estudos e Desenvolvimento SESC-SP (2008-2010). Atua na área de elaboração de textos e pesquisa em educação não formal. Atualmente é consultora para a área de Educação e Cultura e pesquisadora universitária. Colaboradora de Edgar Morin desde 1996 e agente literária para livros não editados.

A partir do texto "Para um pensamento do Sul", Edgar Morin nos convida a uma reflexão sobre fatos e questões cruciais que nos são apresentados na contemporaneidade — no âmbito mundial, regional e local — e a identificarmos prováveis caminhos para novos paradigmas do pensamento e das relações humanas. Este encontro deverá servir como embrião de ideias e ações que possibilitem a elaboração e a estruturação da proposta para um pensamento do Sul.

A que Sul se refere Edgar Morin? Ao geográfico, ao geopolítico, ao cultural, ao simbólico? Desde o início, nos defrontamos com o desafio da definição da noção de Sul. Se o definirmos geograficamente com relação ao Norte, nos damos conta da ambiguidade e da complexidade de que essa noção é portadora. Tomemos o exemplo do Magrebe, formado pelo Marrocos, pela Argélia e pela Tunísia, que é um Sul em relação à Europa, mas, ao mesmo tempo, é um Norte, uma vez que se localiza no norte da África. A Itália, por sua vez, que é um país do sul da Europa, tem seu norte na região da Lombardia, cuja capital é Milão. A França, país do norte europeu, também tem o seu Sul, o Midi, como é conhecido, constituído pela Provença e pelo Languedoc, com suas especificidades histórico-culturais e linguísticas. No Brasil, São Paulo, metrópole do Sul, é muito influenciada pelo Norte, uma vez que recebe um grande afluxo de migrantes do Norte e do Nordeste do país, sem mencionarmos o fato de que se trata de uma metrópole cosmopolita.

A noção de Sul é, portanto, relativa e não deve ser reificada, ou definida como realidade objetiva, ou substantivada. À noção de Norte não podemos aludir o sentido geográfico devido a sua heterogeneidade. há algumas décadas, o Norte era denominado de Ocidente em oposição ao Oriente e, posteriormente, quando o termo Terceiro Mundo caiu em desuso, o Norte tornou-se oposição de Sul. Oriunda do ocidente europeu e desenvolvida no mundo anglo-saxão, à cultura do Norte é atribuída a hegemonia do desenvolvimento material, da técnica, do progresso, da economia, do consumismo, da rentabilidade, da racionalização.

O pensamento do Norte supervaloriza o pensamento reductor, hiperespecializado, quantitativo e disjuntivo, incentiva exageradamente o consumismo, a unificação tecnoeconômica, a mundialização, o comprometimento e a homogeneização de aspectos socioculturais e da própria condição natural do planeta.

No entanto, um pensamento do Sul deve ser consciente e crítico no tocante a essas noções, uma vez que a hegemonia do Norte se expande pelo mundo, e que, com a mundialização, tenta devorar o Sul. Por outro lado, não podemos desconsiderar a visão de que a cultura do Norte trouxe a democracia, os direitos humanos, os direitos das mulheres.

Existem vários “suis”, uns diferentes dos outros, e que ao olhar do Norte são concebidos unicamente como sinônimo de atraso, de subdesenvolvimento, sob vários aspectos da necessidade de seu desenvolvimento econômico, tecnológico e de modernização.

Essa visão do Norte não consegue conceber nos “suis” suas qualidades, virtudes, a riqueza nas diversidades culturais e no modo de viver, na poesia e na tradição, nos mitos seculares; sua maior possibilidade de abertura ao conhecimento num contexto abrangente, à rearticulação dos saberes compartimentados, à relação entre o humano e o mundo natural, ao meio ambiente, ao contexto global.

Mas as diferentes culturas dos “suis” também são responsáveis pela manutenção de poderes políticos e religiosos autoritários, ditatoriais, da dominação do homem sobre a mulher e dos vários tipos de censura. Exemplos que podem ser enumerados com as ditaduras militares ocorridas na América do Sul e Central, e em países do norte da África, como Tunísia, Argélia, Egito, Líbia e outros países do mundo árabe e da África Negra, Sudão, República do Congo, Costa do Marfim, Camarões, países que foram durante séculos colonizados pelos europeus, nomeadamente os franceses, os belgas, os portugueses, os espanhóis, os italianos, entre outros.

Assim, como nos sugere Edgar Morin, não devemos desvalorizar nem o pensamento do Norte nem o pensamento do Sul. Toda cultura, toda civilização possui suas qualidades, suas virtudes, suas ilusões, suas deficiências.

O pensamento do Sul tem sua origem na história e na cultura do Mediterrâneo. Na tentativa de elaborar e de estruturar o pensamento do Sul, torna-se imprescindível fazer uma trajetória em

direção às nossas origens histórico-culturais, a partir dessa região, desse mar matricial, levando-se em conta a ligação com o passado para melhor compreensão do presente.

O Mediterrâneo foi um espaço por onde, durante séculos, se cruzaram diversas culturas, etnias, religiões. Zona de pluralidades, de raízes de diversas civilizações, de antagonismos, de conflitos, de criação e, ao mesmo tempo, de destruição. O Mediterrâneo foi campo de batalha de povos, nações, e centro de três grandes religiões: o Cristianismo, o Judaísmo e o Islamismo.

Na história e na cultura do Mediterrâneo se juntam três continentes: a Europa, a Ásia e a África, que se unem, no seu extremo sul, ao Oceano Atlântico. A região do Mediterrâneo teve importância fundamental para a história e para a cultura do mundo, por sua economia e comércio, pela diversidade de povos que por lá passaram; uma região que foi palco da ascensão e da queda dos vários impérios.

Uma das contribuições do Mediterrâneo ao pensamento do Sul poderia ser a reflexão sobre o sentido de uma divindade universal, herança antiga propagada pelo faraó Akhenaton por meio do rei Sol. O Deus universal reaparece posteriormente na Bíblia, um só Deus. E nos Evangelhos, na figura de Cristo. Mas há também a diversidade concreta da natureza, expressa pelos múltiplos deuses do politeísmo grego e latino.

Outra contribuição do Mediterrâneo ao pensamento do Sul é a herança helênica, raízes clássicas universais da Grécia, da qual se originou o pensamento ocidental, a democracia e a filosofia, e a herança universalista do Império Romano, com a criação do Édito de Caracala, que ofereceu o direito de cidadania romana aos estrangeiros. A herança do Renascimento, no século XV, quando o espírito começa a problematizar a natureza, o mundo, a Terra, o homem, Deus, e que reconhece os valores humanos de quem quer que seja e de onde seja (direito à diversidade).

Na Idade Média e no Renascimento, o Mediterrâneo teve de aceitar a convivência de diferentes religiões e culturas: cristã, hebraica, católica, bizantina, islâmica. Na realidade, no mundo contemporâneo, o pensamento do Sul também se defrontaria com a problemática dos conflitos religiosos e étnicos.

Pensar o Mediterrâneo é, ao mesmo tempo, pensar a unidade, as diversidades, as oposições e as contradições. Para compreendê-lo é necessário um pensamento que não seja linear, que

considere, ao mesmo tempo, a complementaridade e os antagonismos, as complexidades nos diversos sentidos, que religue e contextualize. Portanto, esses elementos do pensamento mediterrâneo servem de exercício para reflexão sobre um pensamento do Sul.

O pensamento do Sul não se submete a um pensamento linear, quantitativo, especializado, como ocorre no mundo contemporâneo, mas à necessidade de encontrar novos caminhos para novos paradigmas do pensamento e das relações humanas. Várias regiões do Sul ainda não foram invadidas pela visão de mundo fundada no cálculo, na técnica, na rentabilidade. Na cultura do Sul existem relações mais próximas de solidariedade, hospitalidade, festas tradicionais, poesia da vida. É um pensamento que restaura o concreto, a subjetividade humana e a afetividade, a existência, a poesia da vida, a singularidade individual e cultural e, ao mesmo tempo, restaura o contexto global fundamental.

Para a reflexão sobre o pensamento do Sul a partir das noções relativas de Norte e Sul e da discussão do papel do Mediterrâneo na contemporaneidade, achamos pertinente tecer algumas considerações no âmbito histórico-cultural. Em um momento, debates e discussões entre países que compõem o Mediterrâneo, dentre eles o Magrebe (Marrocos, Argélia e Tunísia), localizado na região do norte da África, entre o Mar Mediterrâneo, o Saara, o Oceano Atlântico e o Egito, tentam redefinir seu papel dentro do bloco mediterrâneo após a descolonização europeia. Essas discussões refletem a insustentável complexidade do mundo contemporâneo, das relações humanas, uma vez que esses países do Magrebe sentem-se discriminados pelos países europeus que fazem parte do Mediterrâneo, levando-se em conta a questão cultural e religiosa dos países árabes, dos bérberes.

Tomando a Itália como outro exemplo de reflexão para o pensamento do Sul, a região do sul do país, denominada o *mezzogiorno*, e que na Antiguidade compunha a Magna Grécia, local onde surgiu a Escola Eleática, de Parmênides, Zenão de Eleia e de tantos outros pensadores que deram forma ao pensamento, que se tornaria o próprio destino do Ocidente, também sofre, na contemporaneidade, a discriminação do norte do próprio país, industrializado e tecnologicamente mais desenvolvido, economicamente mais rico.

Como último exemplo, tomemos São Paulo, considerada a maior metrópole da América do Sul.

É uma cidade formada por vários imigrantes e migrantes, de maioria nordestina, que ajudaram a construir esse gigante centro urbano e que sofrem discriminações e exclusões de diferentes aspectos, reflexo das ambiguidades e contradições da sociedade e do mundo contemporâneo.

O pensamento do Sul está apto a afrontar os grandes desafios da vida, a insustentável complexidade do nosso mundo, do planeta Terra, que não está conseguindo tratar dos seus problemas vitais. O pensamento do Sul deve tentar restaurar a solidariedade, os princípios e as noções de hospitalidade, na atualidade do mundo contemporâneo, na qual presenciamos grandes deslocamentos e os movimentos imigratórios e migratórios pelas diversas partes do mundo, com as violências e conflitos que deles advêm. É preciso tentar restaurar a fraternidade, no sentido da aceitação das diferenças religiosas e étnicas, que devem ser superadas e restauradas, é preciso, enfim, ter esperança e acreditar na probabilidade de transformar o mundo num lugar que respeita as diversidades, denominado Terra-pátria.

Concluindo, o pensamento do Sul deve propor uma nova política de civilização que esteja a serviço do bem-estar dos indivíduos, da sociedade e do mundo, e que não esteja apenas ligada aos valores materiais e ao consumo desenfreado.

Edgar Morin afirma que a reforma da política, a reforma do pensamento, a reforma da sociedade, a reforma da vida são necessidades interrelacionadas. O destino da humanidade, o destino da biosfera, o destino da civilização estão ligados e o planeta Terra está agonizando. "Renunciar ao melhor dos mundos não é renunciar a um mundo melhor."

# Aportes para un pensamiento del Sur

Falci, Nurimar Maria\*

\* Graduada y licenciada en Ciencias Sociales (PUC-SP), cuenta con una Maestría en Literatura de Lengua Portuguesa (USP) y Doctorado concluido pero aun no presentado (USP), bajo la propuesta de una investigación interdisciplinar en un diálogo entre Literatura, Historia y Antropología. Beca para investigación de doctorado por CNPq en École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) en París, Francia (2001). Coloquio internacional: Usages culturels du passé et construction identitaire dans les pays méditerranéens du XVI siècle a nos jours. Presentación de la comunicación: «Fronteras del Mediterráneo: culturas, memorias e identidades». Túnez; EHESS, París, Francia y Centre des Recherches Economiques et Sociales (2009). En la unidad de SESC de São Paulo fue coordinadora del Área de Literaturas, reactivando las Bibliotecas (1997-2007). Asistente de Gerencia de Estudios y Desarrollo SESC-SP (2008-2010). Actúa en el área de elaboración de textos e investigación en educación no formal. Actualmente es consultora para el área de Educación y Cultura e investigadora universitaria. Colaboradora de Edgar Morin desde el año 1996 y agente literaria para libros no editados.

*A partir del texto «Para un pensamiento del Sur», Edgar Morin nos invita a reflexionar sobre hechos y cuestiones cruciales que se nos presentan en los días de hoy — en el ámbito mundial, regional y local — y a identificar probables caminos para nuevos paradigmas del pensamiento y de las relaciones humanas. Este encuentro deberá servir como un embrión de ideas y acciones que hagan posible la elaboración y estructuración de la propuesta para un pensamiento del Sur.*

*¿A qué Sur se refiere Edgar Morin? ¿Al Sur geográfico, al geopolítico, al cultural, al simbólico? Desde el inicio nos deparamos con el desafío de la definición de la noción de Sur. Si lo definimos geográficamente respecto al Norte nos damos cuenta de la ambigüedad y complejidad que porta la noción. Tomemos como ejemplo el Magreb, formado por Marruecos, Argelia y Túnez, que es un Sur con relación a Europa, pero a la vez es un Norte, pues está ubicado en la parte norte de África. Italia, por su vez, es un país del Sur de Europa, tiene su Norte en la región de la Lombardía, cuya capital es Milán. Francia, país del Norte europeo, también tiene su Sur, el Midi, como es conocido, constituido de la Provenza y Languedoc, con sus especificaciones histórico culturales y lingüísticas. En Brasil, São Paulo, metrópolis del Sur, es muy influenciada por el Norte, recibiendo un gran flujo de migrantes del Norte y Nordeste del país, sin mencionar el hecho de que se trata de una metrópolis cosmopolita.*

*La noción de Sur es, por lo tanto, relativa y no debe ser cosificada o definida como realidad objetiva, o incluso sustantivada. No podemos aludir a la noción de Norte el sentido geográfico debido a su heterogeneidad. Hace algunas décadas, se conocía el Norte como Occidente en oposición al Oriente y, posteriormente, cuando se prescribió el término Tercer Mundo, el Norte se convirtió*

en oposición de Sur. Oriunda del occidente europeo y desarrollada en el mundo anglosajón, a la cultura del Norte se le atribuye la hegemonía del desarrollo material, de la técnica, del progreso, de la economía, del consumismo, de la rentabilidad, de la racionalización.

*El pensamiento del Norte supervalora el pensamiento reductor, hiperespecializado, cuantitativo y disyuntivo, fomenta de manera exagerada el consumismo, la unificación tecnoeconómica, la mundialización, el comprometimiento y la homogeneización de aspectos socioculturales y de la condición misma natural del planeta.*

*No obstante, un pensamiento del Sur debe ser consciente y crítico en lo que respecta a esas naciones, mientras la hegemonía del Norte se expande por el mundo y que, con la mundialización, trata de devorar el Sur. Por otro lado, no podemos desconsiderar la visión de que la cultura del Norte trajo la democracia, los derechos humanos y los derechos de las mujeres.*

*Existen varios «sures», unos diferentes de los otros, y que la mirada del Norte los concibe únicamente como sinónimo de atraso, subdesarrollo, bajo varios aspectos de la necesidad de su desarrollo económico, tecnológico y de modernización.*

*Esa visión del Norte no puede concebir que en los «sures» haya cualidades, virtudes, riqueza en las diversidades culturales y en el modo de vivir, en la poesía y en la tradición, en los mitos seculares; su mayor posibilidad de apertura al conocimiento en un contexto abarcador, a la rearticulación de los saberes compartimentados, a la relación entre el humano y el mundo natural, al medio ambiente, al contexto global.*

*Pero las diferentes culturas de los «sures» también son responsables del mantenimiento de poderes políticos y religiosos autoritarios, dictatoriales, de la dominación del hombre sobre la mujer y de los varios tipos de censura. Ejemplos que se pueden listar con las dictaduras militares de Sudamérica y Centroamérica, y en países del norte de África, como Túnez, Argelia, Egipto, Libia y otros países del mundo árabe y del África Negra, Sudán, República del Congo, Costa de Marfil, Camerún, países que fueron durante siglos colonizados por los europeos, en particular los franceses, belgas, portugueses, españoles, italianos entre otros.*

*Asimismo, como nos sugiere Edgar Morin, no debemos desvalorar el pensamiento del Norte y tampoco el pensamiento del Sur. Todas las culturas y civilizaciones poseen sus cualidades, virtudes, ilusiones y deficiencias.*

*El pensamiento del Sur se origina en la historia y en la cultura del Mediterráneo. En el intento de*

*elaborar y estructurar el pensamiento del Sur, es imprescindible establecer un camino hacia nuestros orígenes histórico culturales, a partir de esa región, de ese mar matricial, considerando la conexión con el pasado para mejor comprender el presente.*

*El Mediterráneo fue un espacio por donde, durante siglos, se cruzaron diversas culturas, etnias, religiones. Zona de pluralidades, de raíces de muchas civilizaciones, antagonismos, conflictos, creación y, a la vez, destrucción; el Mediterráneo fue el campo de batalla de pueblos, naciones y centro de tres grandes religiones: el Cristianismo, el Judaísmo y el Islam.*

*En la historia y cultura del Mediterráneo se juntan tres continentes: Europa, Asia y África, unidos en su extremo Sur al Océano Atlántico. La región del Mediterráneo fue de esencial importancia para la historia y cultura mundial, por su economía y comercio, y por la diversidad de pueblos que por ahí pasaron; una región que fue palco de la elevación y caída de varios imperios.*

*Uno de los aportes del Mediterráneo al Pensamiento del Sur podría ser la reflexión sobre el sentido de una divinidad universal, herencia antigua difundida por el faraón Akhenaton a través del Rey Sol. El Dios universal reaparece posteriormente en la Biblia, uno solo Dios, y en los Evangelios a través de la figura de Cristo. Pero existe aún la diversidad concreta de la naturaleza, expresa por los múltiples dioses del politeísmo griego y latino.*

*Otro factor que aporta el Mediterráneo al pensamiento del Sur es la herencia helénica, raíces clásicas universales de Grecia, de donde nació el pensamiento occidental, la democracia y la filosofía, y la herencia universalista del Imperio Romano, con la creación del Edicto de Caracalla, que ofreció el derecho de ciudadanía romana a los extranjeros. La herencia del Renacimiento, en el siglo XV, cuando el espíritu empieza a problematizar la naturaleza, el mundo, la Tierra, el hombre, Dios y que reconoce los valores humanos de quien sea y de donde sea (derecho a la diversidad).*

*En la Edad Media y en el Renacimiento, el Mediterráneo debió aceptar la convivencia de diferentes religiones y culturas: cristiana, hebrea, católica, bizantina, islámica. En verdad, en el mundo actual, el pensamiento del Sur también se confrontaría con la problemática de los conflictos religiosos y étnicos.*

*Pensar el Mediterráneo es, a la vez, pensar la unidad, las diversidades, las oposiciones y las contradicciones. Para comprenderlo es necesario un pensamiento no lineal, que tenga en cuenta, a la vez, la complementariedad y los antagonismos,*

las complejidades en los diversos sentidos, que reconecte y contextualice. Por lo tanto, esos elementos del pensamiento mediterráneo sirven de ejercicio para la reflexión sobre un pensamiento del Sur.

*El pensamiento del Sur no obedece a un pensamiento lineal, cuantitativo, especializado, como ocurre en el mundo contemporáneo, sino a la necesidad de encontrar nuevos caminos para nuevos paradigmas del pensamiento y de las relaciones humanas. Varias regiones del Sur aún no fueron invadidas por la visión de mundo basada en el cálculo, la técnica, la rentabilidad. En la cultura del Sur existen relaciones más cercanas a la solidaridad, hospitalidad, fiestas tradicionales, poesía de la vida. Es un pensamiento que restaura lo concreto, la subjetividad humana y afectividad, la existencia, la poesía de la vida, la singularidad individual y cultural y, a la vez, restaura el contexto global fundamental.*

*Para la reflexión sobre el pensamiento del Sur a partir de las nociones relativas de Norte y Sur y de la discusión del papel del Mediterráneo en la contemporaneidad, nos parece pertinente hacer algunas consideraciones en el terreno histórico-cultural. En un determinado momento, debates y discusiones entre países que componen el Mediterráneo, entre ellos el Magreb (Marruecos, Argelia y Túnez), ubicado en la región del Norte de África, entre el Mar Mediterráneo, el Sahara, el Océano Atlántico y Egipto, tratan de redefinir su papel dentro del bloque mediterráneo después de la descolonización europea. Esas discusiones reflejan la insustentable complejidad del mundo contemporáneo, de las relaciones humanas, ya que esos países del Magreb se sienten discriminados por los países europeos que forman parte del Mediterráneo, considerando la cuestión cultural y religiosa de los países árabes, de los bereberes.*

*Poniendo a Italia como otro ejemplo de reflexión para el pensamiento del Sur, la región del Sur del país, denominada mezzogiorno, y que en la antigüedad era parte de la Magna Grecia, lugar de surgimiento de la Escuela Eleática, de Parménides, Zenón de Elea y muchos otros pensadores que formaron el pensamiento, que se volvería el destino mismo del Occidente, también sufre actualmente la discriminación del Norte del propio país, industrializado y tecnológicamente más desarrollado, económicamente más rico.*

*Como último ejemplo, veamos el caso de Sao Paulo, considerada la mayor metrópolis de Sudamérica. Es una ciudad formada por varios inmigrantes y migrantes, con mayoría de nordestinos quienes ayudaron en la construcción de ese gigantesco centro urbano y sufren discriminaciones y*

*exclusiones de diferentes aspectos, reflejo de las ambigüedades y contradicciones de la sociedad y del mundo contemporáneo.*

*El pensamiento del Sur está apto a encarar los grandes desafíos de la vida, la insostenible complejidad de nuestro mundo, del planeta Tierra, que no logra tratar sus problemas vitales. El pensamiento del Sur debe tratar de restaurar la solidaridad, los principios y las nociones de hospitalidad, en la actualidad del mundo contemporáneo, en la que presenciamos grandes dislocamientos y los movimientos inmigratorios y migratorios en varias partes del mundo, con las violencias y conflictos que de ellos derivan. Es necesario tratar de restaurar la fraternidad, en el sentido de la aceptación de las diferencias religiosas y étnicas, que deben superarse y restaurarse, es decir, es necesario tener esperanza y creer en la probabilidad de transformar el mundo en un lugar que respeta las diversidades, denominado Tierra-patria.*

*Finalmente, el pensamiento del Sur debe proponer una nueva política de civilización que esté al servicio del bienestar de los individuos, de la sociedad y del mundo, y que no esté ligada solamente a los valores materiales y al consumo desenfrenado.*

*Edgar Morin afirma que la reforma de la política, la reforma del pensamiento, la reforma de la sociedad, la reforma de la vida, son necesidades interrelacionadas. El destino de la humanidad, de la biosfera, de la civilización están ligados y el planeta Tierra agoniza. «Renunciar al mejor de los mundos no significa renunciar a un mundo mejor».*

# Religar a experiência do Sul e o Sul da experiência: um método alternativo de pesquisa-ação-formação

Galvani, Pascal\*

\* Após uma ruptura escolar e uma autoformação intercultural próxima às filosofias do oriente e culturas indígenas da América, Galvani trabalhou durante 15 anos como incentivador e formador de movimentos de formação permanente, centrados sobre uma aproximação emancipadora. A partir de 1986, colaborou com Gaston Pineau e Georges Lerbet na Universidade de Tours (França) e desenvolveu pesquisas sobre a autoformação numa perspectiva complexa e reflexiva, inspirada na obra de Edgar Morin. Sua experiência na consolidação de vários programas de pesquisa-ação sobre temáticas como pobreza, diálogo intercultural e transdisciplinaridade lhe permitiu afinar um método dialógico, intercultural e transdisciplinar de cruzamento dos saberes prático-empíricos, saberes poético-existenciais e saberes teóricos. Desde 2001 é professor e pesquisador da Universidade de Quebec.

Como afirma firmemente Edgar Morin, o Sul não é uma noção geográfica, mas uma noção alternativa à hegemonia da mundialização do “Norte”, que é “a hegemonia da técnica, da economia, do cálculo, da racionalização, da rentabilidade, da eficácia” (MORIN, 2010). Desta forma, nos países do “Sul”, assim como nos do “Norte”, encontramos forças de dominação hegemônica da lógica de redução da realidade ao quantitativo. Reciprocamente, encontramos nos países do “Norte”, como também nos do “Sul”, experiências criativas que exploram vias alternativas para uma reforma de vida. Durante a conferência de Fortaleza sobre os sete saberes, Gaston Pineau propunha reter um oitavo saber do humor e da alegria de viver, batizado com o nome de “alegre saber” (PINEAU, 2010). Este “alegre saber” está no centro do cotidiano de nossas experiências criativas emergentes. Chamo esses momentos de *kairos* da “vida vivente”, palavras de Dostoievski. Os *kairos* são os instantes decisivos, os momentos oportunos onde as dimensões teórica, prática e poética da vida entram em relação significativa. Para viver neste mundo, todos nós criamos alternativas de sentido frente ao não sentido da carreira hegemônica em direção ao abismo. E o que cai bem? O que é inventado nas experiências do Sul e no Sul da experiência?

As experiências alternativas ainda são rudimentares, se desenvolvem numa escala local nas transformações de práticas individuais e coletivas cotidianas. Como explorar, conscientizar, valorizar estas experiências alternativas que se desenvolvem a nível local e interindividual? Como permitir que os atores formalizem os saberes teóricos, práticos e poéticos que são produzidos nestas experiências? Os métodos tradicionais de formação e investigação, fundamentados na ruptura do sujeito e do objeto, e a exclusão de saberes



nascidos da experiência vivida, têm a tendência de tornar invisíveis e mudas as experiências de vias alternativas para uma reforma da vida. Para conscientizar as experiências embrionárias de vias alternativas, deve-se, essencialmente, transformar os métodos de formação e investigação que se encontram por todos os lados (tanto no Norte quanto no Sul) constituídos sobre o paradigma reducionista da disjunção dos saberes teóricos e dos saberes das experiências vividas. Sendo assim, podemos dizer que o “alegre saber” da vida e da experiência sempre corre o risco de ser camuflado pela hegemonia dos saberes disciplinados, já formalizados. Esses saberes de experiência são o “Sul” do conhecimento, sempre camuflado por uma visão redutora da formação.

Gostaríamos de apresentar os elementos chave de um processo reflexivo e dialógico de pesquisa-ação-formação, amplamente inspirado na obra de Edgar Morin e experimentado em diferentes programas realizados na França (GALVANI, 2006); em Quebec, em diálogo intercultural com as culturas ameríndias (GALVANI, 2011); e no México, com o centro universitário Arkos (ESPINOSA MARTÍNEZ, 2010; GALVANI, 2008).

Os sete saberes necessários à educação, propostos por Edgar Morin, apresentam um desafio fundamental para a formação dos formadores e dos professores. Como realizar a passagem de uma educação baseada na disjunção do saber e da vida para uma formação baseada na interdependência complexa entre o sujeito cognoscente e os diferentes saberes teóricos, práticos e existenciais? É necessária uma “dupla revolução da aprendizagem” (MORIN; MOTTA; CIURANA, 2003), “que se autonomiza do ensino e que se religa à rótula autopoietica dos seres viventes” (PINEAU, 2010). A reforma do pensamento implica uma reforma da educação, que implica uma reforma do pensamento. Como formar os formadores e quem pode formá-los? Consideramos a hipótese de que esta rótula complexa pode ser trabalhada de forma reflexiva. Uma formação na complexidade deve ser em si mesma uma experiência da complexidade. O pensamento complexo implica autorreferência e co-construção sistêmica dos saberes. Implica reflexividade colaborativa dos que se formam para religar e transformar dinamicamente a prática e a teoria.

A revolução paradigmática proposta pelos sete saberes para a educação supõe uma tripla revolução:

- a. Uma revolução epistemológica do paradigma das ciências aplicadas ao paradigma reflexivo da complexidade. Conceber a aprendizagem como uma construção auto-eco-organizadora do sujeito em interação com o meio físico e social.
- b. Uma revolução prática do ensino ao acompanhamento da aprendizagem. Passar da transmissão de conteúdos para o acompanhamento de um processo de aprendizagem pela produção de saber que articula pesquisa-ação-formação.
- c. Uma revolução ética da educação à reciprocidade em coformação. Religar os saberes acadêmicos com os saberes da vida prática e poética pela reflexão sobre a experiência vivida.

Para desenvolver esse tema, podemos apresentar as estratégias de um método complexo, reflexivo e dialógico de pesquisa-ação-formação-transdisciplinar.

O pensamento complexo não é uma formulação fechada, mas um caminho. É um método para aprender a reconhecer que o próprio concreto é o complexo. O complexo, ou seja, “o que está tecido”, é o concreto das interdependências dialógicas em transformação permanente que constituem a vida vivente. Toda vida é, desde sua origem, complexa e transdisciplinar.

Formar-se na complexidade é aprender a reconhecer as interdependências, as retroações e as recursividades que fazem a trama de nossas vidas. Interdependências generalizadas que nos tecem, das quais emergimos em nossos atos, diálogos e símbolos. Formar-se na complexidade é ultrapassar os saberes que reduzem a realidade à materialidade concreta de objetos isolados em identidades excludentes. Formar-se na complexidade é aprender a reconhecer, muito além do concreto material, este outro concreto da interação generalizada dos fenômenos. Formar-se na complexidade é operar o reflexo desta realidade dialógica concreta em nossa vida.

Nossas vidas, experiências, práticas, são tecidas, nessa realidade complexa e transdisciplinar. Formar-se na complexidade poderia ser primeiro desaprender a dissolver o saber redutor das identificações. Formar-se na transdisciplinaridade é aprender a reconhecer os diferentes níveis de realidade práticos, teóricos, mas também sutis da vida poética. Formar-se na complexidade é aprender a reconhecer o concreto do princípio dialógico de autonomia/dependência nas interações entre si (auto), o outro (sócio) e o cosmos (eco).

O pensamento complexo nos faz entender a aprendizagem como um processo de auto-co-eco-formação permanente. Devemos, pois, construir estratégias para acompanhar a co-aprendizagem colocando em diálogo o saber disciplinar com o saber não disciplinar da experiência vivida. Não podemos ensinar a complexidade, mas podemos ajudar-nos mutuamente a reconhecê-la numa co-aprendizagem permanente em diálogo com a vida vivida. Para que possamos explorar as criações alternativas e desenvolver um pensamento a partir do Sul, precisamos de estratégias de exploração ternárias que abram o reconhecimento do terceiro-incluído e as mediações.

Acompanhar a auto-eco-formação é abrir espaços reflexivos e dialógicos de auto-co-eco-formação:

- a. Formar-se (autoformação).
- b. Pela pesquisa sobre a experiência vivida (reflexão).
- c. Em diálogo com os outros saberes (coformação).
- d. Relacionando os diferentes níveis de realidade: teórico, prático, existencial, poético.

Para isso, sugerimos uma estratégia epistemológica ternária de formação que relaciona a explicação, a compreensão e a ação. A explicação é, evidentemente, dispor de ferramentas intelectuais teóricas que permitam a análise abstrata, à distância. A compreensão é conscientizar o ponto de vista do sujeito. A ação é sempre retornar à experiência vivida dos fenômenos na interação concreta.

Aprender a contextualizar os saberes é aprender a conscientizar e criticar as próprias teorias implícitas pela produção do próprio saber em diálogo com os outros. Uma estratégia ternária de método consiste em substituir a condução do ensino em busca de consumo de saber, pela condução da formação em busca de produção de saber (CHARTIER; LERBET, 1993). Trata-se de religar a formação, a pesquisa e a ação construindo formações pela pesquisa sobre a ação (DESROCHE, 1990).

Na oficina de pesquisa-ação-transdisciplinar, a contextualização e a relação circular do todo e as partes é introduzida pelo mesmo método que se apoia sobre a reflexão dialogada, a propósito de problemáticas sociais e ecológicas vividas pelos participantes.

Acompanhar a aprendizagem da condição humana consiste em reintroduzir o sujeito cognoscente em seu conhecimento, por um processo reflexivo e dialógico, inscrito no triângulo da vida (D'AMBROSIO, 2007). Construir a aprendizagem como o diálogo entre si, os outros e o mundo é relacionar a subjetivação, a socialização e a ecologização.

Frente às forças destruidoras do quadrimotor da mundialização econômica, as práticas individuais de reforma da vida, muitas vezes, parecem frágeis. As alternativas se multiplicam fora dos caminhos trilhados, fora das universidades e centros de formação. Como costuma ocorrer, aqui a prática adianta a teoria. Para reforçar as estratégias para a vida e as condições da emergência de uma sociedade-mundo (MORIN; MOTTA; CIURANA, 2003), a educação e a formação devem sustentar as experiências alternativas, permitindo-lhes refletir-se, nomear-se e teorizar-se. Uma engenharia reflexiva e dialógica de exploração das experiências alternativas pode permitir conscientizar os saberes emergentes.

## REFERÊNCIAS

- CHARTIER, D.; LERBET, G. *La formation par production de savoir*. Paris: L'Harmattan, 1993.
- D'AMBROSIO, U. *Concimient y valores humanos*. Visión Docente Con-Ciencia, Puerto Vallarta, v. 7, n. 35, p. 6-18, março/abr. 2007.
- DESROCHE, H. *Apprentissage 3 entreprendre d'apprendre: d'une autobiographie raisonnée aux projets d'une recherche-action*. Paris: Éditions Ouvrières, 1990.
- DOSTOÏEVSKI. *L'Adolescent*. Paris: Gallimard, 1956.
- ESPINOSA MARTINEZ, A. C. *Estrategias metodológicas para operacionalizar la práctica educativa transdisciplinaria, en conjunto con los actores universitarios, en las licenciaturas del Centro de Estudios Universitarios Arkos de Puerto Vallarta*. San José Costa Rica: Universidad Estatal a Distancia, 2010.
- ESPINOSA MARTINEZ, A. C. *Transdisciplinarietà, complejidad, currículo e innovaciones: el caso del Centro de Estudios Universitarios Arkos de México*. Académica Gaudeamus, Costa Rica, v. 2, n. 1, p. 19-39, 2010.
- GALVANI, P. *Autoformation mondialogante et exploration de l'écoformation. Éducation Permanente: ingenierie de la rencontre interculturelle: dispositifs et médiations en formation et autoformation*, 2011.
- GALVANI, P. *L'Exploration des moments d'autoformation: prise de conscience et compréhension dialogique. Éducation Permanente: autoformation actualité et perspectives*, n. 168, p. 59-73, 2006.
- GALVANI, P. *Transdisciplinarité et écologisation d'une formation universitaire: une pratique critique à partir du paradigme de la complexité. Éducation Relative à l'Environnement*, n. 7, p. 133-158, 2008.
- MORIN, E. *Pour une pensée du sud*. 2010. Mimeografado.
- MORIN, E.; MOTTA, R.; CIURANA, E. *Éduquer pour l'ère planétaire: la pensée complexe comme méthode d'apprentissage dans l'erreur et l'incertitude humaine*. Paris: Balland, 2003.
- PINEAU, G. *Experiencias de vida y formación enseñante: religar los saberes*. Trabalho apresentado na Conferencia Internacional sobre Los siete saberes para una educacion del presente, Fortaleza, 2010.

# Religar la experiencia del Sur y el Sur de la experiencia, un método alternativo de investigación-acción-formación

Galvani, Pascal\*

\* Después de una ruptura escolar y una autoformación intercultural cerca de las filosofías de oriente y de culturas indígenas de América, Galvani trabajó 15 años como animador y formador en movimientos de formación permanente centrados sobre una aproximación emancipadora. A partir de 1986 él colabora con Gaston Pineau y Georges Lerbet en la Universidad de Tours (Francia) y desarrolla investigación sobre la autoformación en una perspectiva compleja y reflexiva, inspirada de la obra de Edgar Morin. Su experiencia de consolidación de varios programas de investigación-acción sobre temáticas como pobreza, diálogo intercultural y de transdisciplinariedad, le permitió afinar un método dialógico, intercultural y transdisciplinar de cruzamiento de los saberes práctico-experienciales, de los saberes poético-existenciales y de los saberes teóricos. Desde 2001 es profesor e investigador en la Universidad de Quebec.

*Como lo expresa fuertemente Edgar Morin, el Sur no es una noción geográfica sino una noción alternativa a la hegemonía de la mundialización del «Norte», que es «La hegemonía de la técnica, de la economía, del cálculo, de la racionalización, de la rentabilidad, de la eficacia» (MORIN, 2010). Así, en los países del «Sur», como en los del «Norte», encontramos fuerzas de dominación hegemónica de la lógica de reducción de la realidad a lo cuantitativo. Recíprocamente, encontramos en los países del «Norte» como en los del «Sur», experiencias creativas que exploran vías alternativas para una reforma de vida. Durante la conferencia de Fortaleza sobre los siete saberes, Gastón Pineau proponía retener un octavo saber del humor y de la alegría de vivir, bautizado como el «alegre saber» (PINEAU, 2010). Este «alegre saber» está en el corazón de lo cotidiano de nuestras experiencias creativas emergentes. Llamo a estos momentos, los káiros de la «vida viviente», palabras de Dostoievski. Los káiros son los instantes decisivos, los momentos oportunos, donde las dimensiones teórica, práctica y poética de la vida entran en relación significativa. Para vivir en este mundo todos nosotros inventamos alternativas de sentido frente al no sentido de la carrera hegemónica hacia el abismo. ¿Qué es lo que va bien? ¿Qué es lo que se inventa en las experiencias del Sur y en el Sur de la experiencia?*

*Las experiencias alternativas son todavía embrionarias, germinan a escala local en las transformaciones de prácticas individuales y colectivas cotidianas. ¿Cómo explorar, concientizar, valorizar estas experiencias alternativas que se desarrollan al nivel local e inter-individual? ¿Cómo permitir a los actores formalizar los saberes teóricos, prácticos y poéticos que son producidos en estas experiencias? Los métodos tradicionales de formación e investigación, basados*

en la ruptura del sujeto y del objeto, y la exclusión de saberes nacidos de la experiencia vivida, tienden a hacer invisibles y mudas las experiencias de vías alternativas para una reforma de la vida. Para concientizar las experiencias embrionarias de vías alternativas, es fundamental transformar los métodos de formación e investigación que están en todas partes (tanto en el Norte como en el Sur) constituidas sobre el paradigma reduccionista de la disyunción de los saberes teóricos y de los saberes de experiencias vividas. Así, podemos decir que el «alegre saber» de la vida y de la experiencia está siempre en riesgo ser ocultado por la hegemonía de los saberes disciplinados, ya formalizados. Estos saberes de experiencia son el «Sur» del conocimiento, siempre ocultado por una visión reductora de la formación.

Quisiéramos presentar los elementos clave de un proceso reflexivo y dialógico de investigación-acción-formación, ampliamente inspirado por la obra de Edgar Morin y experimentado en diferentes programas realizados en Francia (GALVANI, 2006), en Quebec en diálogo intercultural con las culturas amerindias (GALVANI, 2011), y en México con el centro universitario Arkos (ESPINOSA MARTÍNEZ, 2010; GALVANI, 2008).

Los siete saberes necesarios para la educación propuestos por Edgar Morin plantean un desafío fundamental a la formación de los formadores y de los profesores. ¿Cómo operar el paso de una educación basada en la disyunción del saber y de la vida a una formación basada en la interdependencia compleja entre el sujeto cognoscente y los diferentes saberes teóricos, prácticos y existenciales? Nos hace falta una «doble revolución del aprendizaje» (MORIN; MOTTA; CIURANA, 2003), «que se autonomiza de la enseñanza y que se religa al bucle autopoiético de los seres vivientes» (PINEAU, 2010). La reforma del pensamiento implica una reforma de la educación que implica una reforma del pensamiento. ¿Cómo formar a los formadores y quién puede formarlos? Consideramos la hipótesis de que este bucle complejo puede ser trabajado de manera reflexiva. Una formación en la complejidad debe ser en sí misma una experiencia de la complejidad. El pensamiento complejo implica la auto-referencia y la co-construcción sistémica de los saberes. Implica la reflexividad colaborativa de los que se forman para religar y transformar, dinámicamente, la práctica y la teoría.

La revolución paradigmática propuesta por los siete saberes para la educación, supone una triple revolución:

- a. Una revolución epistemológica del paradigma de las ciencias aplicadas al paradigma reflexivo de la complejidad. Concebir el aprendizaje como una construcción auto-eco-organizadora del sujeto en interacción con el medio físico y social.
- b. Una revolución práctica: de la enseñanza al acompañamiento del aprendizaje. Pasar de la transmisión de contenidos al acompañamiento de un proceso de aprendizaje por la producción de saber que articula investigación-acción-formación.
- c. Una revolución ética de la educación a la reciprocidad en co-formación. Religar los saberes académicos con los saberes de la vida práctica y poética por la reflexión sobre la experiencia vivida.

Para desarrollar esta cuestión podemos presentar las estrategias de un método complejo, reflexivo y dialógico de investigación-acción-formación-transdisciplinar.

El pensamiento complejo no es una formulación cerrada, sino un camino. Es un método para aprender a reconocer que lo concreto mismo es lo complejo. Lo complejo, es decir, «lo que está tejido», es lo concreto de las interdependencias dialógicas en transformación permanente que constituyen la vida viviente. Toda vida es, desde su origen, compleja y transdisciplinar.

Formarse en la complejidad es aprender a reconocer las interdependencias, las retroacciones y las recursividades que hacen la trama de nuestras vidas. Interdependencias generalizadas que nos tejen, de donde emergemos en nuestros

*actos, nuestros diálogos, nuestros símbolos. Formarse en la complejidad es sobrepasar los saberes que reducen la realidad a la materialidad concreta de objetos aislados en identidades excluyentes. Formarse en la complejidad es aprender a reconocer, más allá de lo concreto material, este otro concreto de la interacción generalizada de los fenómenos. Formarse en la complejidad es operar el reflejo de esta realidad dialógica concreta en nuestras vidas vividas.*

*Nuestras vidas, nuestras experiencias, nuestras prácticas, son tejidas en esta realidad compleja y transdisciplinaria. Formarse en la complejidad podría ser primero desaprender y disolver el saber reductor de las identificaciones. Formarse en la transdisciplinaria es aprender a reconocer los diferentes niveles de realidad prácticos y teóricos, pero también sutiles de la vida poética. Formarse en la complejidad es aprender a reconocer lo concreto del principio dialógico de autonomía /dependencia en las interacciones entre el sí (autos), otro (socio) y el cosmos (eco).*

*El pensamiento complejo nos hace comprender el aprendizaje como proceso de auto-co-eco-formación permanente. Debemos pues construir estrategias para acompañar el co-aprendizaje poniendo en diálogo el saber disciplinario con el saber no disciplinario de la experiencia vivida. No podemos enseñar la complejidad, pero podemos ayudarnos mutuamente a reconocerla en un co-aprendizaje permanente en diálogo con la vida vivida. Para explorar las creaciones alternativas y desarrollar un pensamiento a partir del Sur nos hacen falta estrategias de exploración ternarias que abran el reconocimiento del tercero-incluido y las mediaciones.*

*Acompañar el auto-eco-formación es abrir espacios reflexivos y dialógicos de auto-co-eco-formación:*

- a. Formarse (auto-formación)*
- b. Por la investigación sobre la experiencia vivida (reflexión)*
- c. En diálogo con los otros saberes (co-formación)*
- d. Relacionando los diferentes niveles de realidad: teórico, práctico, existencial, poético*

*Para esto, sugerimos una estrategia epistemológica ternaria de formación que relaciona la explicación, la comprensión y la acción. La explicación, es por supuesto disponer de herramientas intelectuales teóricas que permiten el análisis abstracto, a distancia. La comprensión es concientizar el punto de vista del sujeto. La acción es siempre volver a la experiencia vivida de los fenómenos en la interacción concreta.*

*Aprender a contextualizar los saberes, es aprender a concientizar y criticar sus propias teorías implícitas por la producción de su propio saber en diálogo con los otros. Una estrategia ternaria de método consiste en reemplazar: la conducción de la enseñanza por el consumo de saber, por la conducción de la formación por la producción de saber (CHARTIER; LERBET, 1993). Se trata de religar la formación, la investigación y la acción construyendo formaciones por la investigación sobre la acción (DESROCHE, 1990).*

*En el taller de investigación-acción-transdisciplinaria, la contextualización y la relación circular del todo y las partes es introducida por el mismo método que se apoya sobre la reflexión dialogada, a propósito de problemáticas sociales y ecológicas vividas por los participantes.*

*Acompañar el aprendizaje de la condición humana consiste en reintroducir el sujeto cognoscente en su conocimiento, por un proceso reflexivo y dialógico, inscrito en el triángulo de la vida (D'AMBROSIO, 2007). Construir el aprendizaje como el diálogo entre el sí, los otros y el mundo, es relacionar la subjetivación, la socialización y la ecologización.*

*Frente a las fuerzas destructoras del cuatrimotor de la mundialización económica, las prácticas individuales de reforma de la vida parecen a menudo muy*

débiles. Las alternativas se multiplican fuera de los caminos trillados, fuera de las universidades y centros de formación. Aquí la práctica, como a menudo sucede, adelanta la teoría. Para reforzar las estrategias para la vida y las condiciones de la emergencia de una sociedad-mundo (MORIN; MOTTA; CIURANA, 2003), la educación y la formación deben sostener las experiencias alternativas, permitiéndoles reflejarse, nombrarse y teorizarse. Una ingeniería reflexiva y dialógica de exploración de las experiencias alternativas puede permitir concientizar los saberes emergentes.

# Em direção a um pensamento do Sul: uma visão peruana

Gamero, Teresa Salinas\*

\* Diretora-executiva do Instituto Peruano de Pensamento Complexo Edgar Morin e do Centro Regional de Competências em Educação para o Desenvolvimento Sustentável (CRC) Lima-Callao, associado à Universidade das Nações Unidas.

Segundo minha interpretação, o pensamento do Sul proposto por Morin é inspirado nos seguintes temas centrais:

- a. A ação depredadora do homem sobre a natureza, que põe em perigo as possibilidades de vida no planeta.
- b. O fracasso, a cegueira cognitiva e as ilusões da ideologia do progresso da civilização ocidental.
- c. O Projeto Ocidental que pretende, como afirma Morin, “a unificação abstrata que homogeneiza e destrói as diversidades”, empobrecendo a vida no planeta.
- d. O sofrimento da humanidade nos diversos “suis” e o fato contundente de que “nosso sistema Terra está condenado à morte ou à metamorfose”. Por este motivo, somos motivados a buscar as vias para a metamorfose do Norte e do Sul. “Esta seria a grandiosa e universal missão do pensamento do Sul”, sentencia Morin.

## Experiências inovadoras executadas ou em andamento que ilustram o pensamento ou as identidades do Sul

No Peru, segundo o plano teórico e epistemológico, José Carlos Mariátegui é considerado o pensador que melhor soube como abordar a realidade peruana e latino-americana, assim como o fez Marx em sua época, por meio de uma visão e originalidade surpreendentes e ainda vigentes.

Segundo Aníbal Quijano, o legado principal de Mariátegui consiste em seu esforço por construir uma racionalidade alternativa à racionalidade ocidental. Nesse sentido, esta proposta epistemológica e teórica volta agora ao primeiro plano do debate aberto com a crise da modernidade. Mariátegui descobre a originalidade histórica da América Latina, a que não pode ser entendida somente em função da experiência europeia, nem da perspectiva eurocêntrica dominante no marxismo da época.

O pensador procurará elaborar uma racionalidade integradora de fontes heterogêneas dentro de sua historicidade. Disto podemos entender que um dos problemas básicos que a crítica revolucionária da sociedade confronta é o problema do índio e, vinculado a este, o problema de nação.



Cabe mencionar aqui sua decisiva influência na superação da visão reducionista que teve o movimento indigenista peruano num primeiro momento, para passar a uma visão mais harmonizadora, construtiva e libertadora, como podemos verificar na obra do escritor José María Arguedas, que reconhece que lendo Mariátegui encontrou uma compreensão das coisas, mas sem matar “aquilo que é mágico”. Arguedas reivindicou as manifestações espirituais e culturais do mundo andino. Este ano é celebrado o centenário de seu nascimento.

Outra original contribuição ao pensamento do Sul é a do sociólogo Aníbal Quijano, que abre o debate sobre a crise da América Latina com sua proposta referida à colonialidade do poder que a modernidade estabelece desde o século XVI. Desde então, América e a modernidade são partes de uma só história. Enquanto a modernidade se desenvolve na Europa, na América é estabelecido um padrão de poder colonial que exercerá exploração e dominação em todas as esferas da existência social: o trabalho, o sexo, a autoridade pública, a intersubjetividade e a natureza.

Por outro lado, a partir de meados do século XX, é acelerada a migração massiva do campo à cidade e ao processo intercultural, produzindo, ao mesmo tempo, estudos sobre o papel da cultura andina, realizados por: Alberto Flores Galindo, José Matos Mar, Hugo Neira, Manuel Burga, Juan Ossio, Wilfredo Kapsoli, Rodrigo Montoya, Antonio Peña, Hugo Pereyra, Carlos Milla, Javier Lajo, entre outros.

No âmbito da recuperação das cosmovisões e práticas andino-amazônicas, Gerardo Ramos, em sua obra *Uma visão alternativa do Peru*, estabeleceu fatores-chaves que diferenciam a cultura ocidental e a cultura andina; estas cruciais diferenças fazem inviável no mundo andino o projeto ocidental, mas a cegueira cognitiva e os interesses de poder insistem em homogeneizá-los. Ramos sustenta que “na Europa os ecossistemas são muito homogêneos, sua geomorfologia de grandes planícies, climas definidos (pouco variados). No mundo andino, os ecossistemas são heterogêneos, a geomorfologia de altas montanhas muito acidentada, o clima muito variável (80 por cento dos climas do mundo)”. Esses fatores, entre outros, teriam determinado uma cosmovisão diferente na cultura andina.

Cabe, ainda, destacar o trabalho realizado por Jorge Ishizawa, investigador do Projeto Andino de Tecnologias Campesinas (Pratec) e do Instituto

Peruano de Pensamento Complexo Edgar Morin (IPCEM). Sua convivência com a população das comunidades andino-amazônicas tem como finalidade conhecer e apreender as práticas cotidianas do bem viver. O Pratec já produziu cerca de 3 mil fascículos com suas experiências de recuperação das práticas da cultura andino-amazônica.

No âmbito da organização social, temos as comunidades andinas e amazônicas que lutam pela defesa de suas identidades e direitos coletivos, tais como: a Associação Interétnica de Desenvolvimento da Floresta Amazônica (Aidesepe), a Comissão Nacional de Comunidades Afetadas pela Mineração (Conacami), a Coordenadoria de Organizações Indígenas da Bacia Amazônica, entre outras. Nos últimos anos, houve um incentivo e um crescimento da necessidade de afirmação das identidades locais e o resgate da relação harmônica e afetiva com a natureza, tradição milenar dos habitantes das terras.

Em junho de 2003, no sul do Peru, o povo arequipenho se opôs massivamente à venda de água às empresas transnacionais. Em junho de 2009, as comunidades amazônicas de Bagua conseguiram fazer com que o governo derogasse os decretos de lei que favoreciam a venda do território amazônico. Também foram suscitados conflitos em Tambogrande, Yanacocha, Cerro Verde, e outros lugares do território peruano. Apesar de tudo, no Peru não há uma ação política clara e transparente de apoio e revalorização das comunidades andino-amazônicas, como ocorre na Bolívia e no Equador.

A época de mudanças que vivemos originou uma revolução na cosmovisão de mundo e da construção de conhecimentos e saberes. Os mesmos requerem a articulação entre filosofia, ciência, tecnologia e sociedade. Contribuem neste processo: a prática do pensamento complexo, as ciências da complexidade, a bioética global e a transdisciplinaridade, entre outras.

O Instituto Peruano de Pensamento Complexo Edgar Morin foi fundado com a finalidade de contribuir para com a criação de espaços democráticos onde participem a cidadania e possa haver a tomada de consciência sobre o pensamento positivista, redutor e disjuntivo que destrói a vida no planeta. Com essa finalidade, definimos três eixos estratégicos: socialização, pesquisa e formação, para promover o desenvolvimento humano sustentável a partir do Sul.

Recentemente nos tornamos Centro Regional de Competências em Educação para o Desenvolvimento Sustentável de Lima-Callao, associado à universidade das Nações Unidas, com o objetivo de impulsionar um movimento por um pensamento complexo do Sul a partir das práticas sociais. Também nos associamos a projetos do Ministério de Educação, para a inclusão do pensamento complexo nas práticas educativas; ao Comitê de Medicina Tradicional e Transdisciplinar do Colégio Médico do Peru, onde se trabalha para alcançar o reconhecimento da medicina ancestral das diversas culturas do mundo; à Rede de Projetos Alfa da União Europeia, por meio do projeto Melhoria da pertinência da educação das Engenharias nas Universidades da América Latina, onde estamos propondo um enfoque holístico, não linear e transdisciplinar, que inclua os saberes ancestrais. Estamos, portanto, nos esforçando em participar de redes locais e globais que estejam interessadas nos enfoques da complexidade e da transdisciplinaridade. Estão envolvidas em tais redes algumas das instituições similares no Brasil, Bolívia, Cuba, Espanha, México, França, Canadá, Colômbia e Argentina.

## Em direção a uma política de civilização, a partir de um olhar do Sul

Podemos concluir com o seguinte: é preciso desenvolver uma racionalidade alternativa à racionalidade instrumental na crise da modernidade capitalista, assimilando as contribuições do pensamento complexo e as ciências da complexidade, para alcançar uma nova visão e compreensão do mundo. Da mesma forma, propiciar um diálogo entre as civilizações, na dimensão política, ética, educativa, social, econômica que permita construir um cenário viável para o planeta. Este objetivo propiciaria conhecer as diversas racionalidades que existem nas diferentes culturas do Sul e do Norte, com o fim de valorizar e reconectar todas aquelas que estão comprometidas com a defesa e sustentabilidade da vida. Nesse mesmo sentido, devemos construir uma agenda que permita o encontro e o debate entre os diferentes seus, para levantar uma plataforma para sua discussão e execução a nível global. Criar e/ou consolidar um movimento que seja sustentável e articule instituições, personalidades do mundo acadêmico, assim como cidadãos comprometidos com as reformas propostas por Morin para propiciar a metamorfose da humanidade. Enfim, a necessidade de impulsionar o desenvolvimento de um pensamento ético global como requisito para a superação da pobreza espiritual, cultural e material que faz inviável a vida no planeta. Seguindo o mesmo raciocínio, é importante construir uma educação integral, não linear e transdisciplinar na população, especialmente na juventude, que permita a emergência de uma nova civilização descolonizada, onde a reciprocidade, a solidariedade e o amor façam possível um mundo melhor.

# Hacia un pensamiento del Sur: una visión desde el Perú

Gamero, Teresa Salinas\*

\* Directora ejecutiva del Instituto Peruano de Pensamiento Complejo Edgar Morin y del Centro Regional de Competencias en Educación para el Desarrollo Sostenible (CRC) Lima-Callao, asociado a la Universidad de las Naciones Unidas..

*Desde mi perspectiva, el pensamiento del Sur planteado por Morin se inspira principalmente en los siguientes temas centrales:*

- a. *La acción depredadora del hombre sobre la naturaleza que pone en peligro las posibilidades de vida en el planeta.*
- b. *El fracaso, la ceguera cognitiva y las ilusiones de la ideología del progreso de la civilización occidental.*
- c. *El Proyecto Occidental que pretende, como afirma Morin, «la unificación abstracta que homogeneiza y destruye las diversidades», pauperizando la vida en el planeta.*
- d. *El sufrimiento de la humanidad en los diversos «sures» y el hecho contundente de que «nuestro sistema Tierra está condenado a la muerte o a la metamorfosis». Por eso nos insta a buscar las vías para la metamorfosis del Norte y del Sur. «Esta sería la misión grandiosa y universal del pensamiento del Sur», sentencia Morin.*

Experiencias innovadoras que se ejecutaron o están en curso e ilustran el pensamiento o las identidades del Sur

*En el Perú, desde el plano teórico y epistemológico, José Carlos Mariátegui es considerado el pensador que mejor supo abordar la realidad del Perú y América Latina, tal como lo hizo Marx en su época, con una visión y originalidad sorprendentes, aún vigentes.*

*Según Aníbal Quijano, el legado principal de Mariátegui consiste en su esfuerzo por construir una racionalidad alternativa a la racionalidad occidental. En tal sentido, esta propuesta epis-*

*temológica y teórica vuelve ahora al primer plano del debate, abierto, con la crisis de la modernidad. Mariátegui, descubre la originalidad histórica de Latinoamérica, la que no puede entenderse solamente en función de la experiencia europea, ni de la perspectiva eurocéntrica dominante en el marxismo de la época.*

*Él tratará de elaborar una racionalidad integradora de fuentes heterogéneas dentro de su historicidad. De allí podemos entender que uno de los problemas básicos que confronta la crítica revolucionaria de la sociedad es el problema del indio y, vinculado con este, el problema de nación.*

*Es pertinente mencionar aquí su decisiva influencia en la superación de la visión reduccionista que tuvo el movimiento indigenista peruano en un primer momento, para pasar a una visión más armonizadora, constructiva y liberadora, como se verifica en la obra del escritor José María Arguedas, quien reconoce que fue leyendo a Mariátegui como encontró una comprensión de las cosas, pero sin matar en él «lo mágico». Arguedas reivindicó las manifestaciones espirituales y culturales del mundo andino, este año se celebra el centenario de su nacimiento.*

*Otro de los aportes originales al pensamiento desde el Sures es el del sociólogo Aníbal Quijano, quien abre el debate sobre la crisis de América Latina con su propuesta referida a la colonialidad del poder que la modernidad establece desde el siglo XVI. Desde entonces, América y la modernidad son partes de una misma historia. Mientras que la modernidad se desarrolla en Europa, en América se establece un patrón de poder colonial que ejercerá la explotación y dominación en todas las esferas de la existencia social: el trabajo, el sexo, la autoridad pública, la intersubjetividad y la naturaleza.*

*Por otro lado, a partir de mediados del siglo XX se acelera la migración masiva del campo a la ciudad y al proceso intercultural, produciéndose al mismo tiempo estudios sobre el rol de la cultura andina realizados por: Alberto Flores Galindo, José Matos Mar, Hugo Neira, Manuel Burga, Juan Ossio, Wilfredo Kapsoli, Rodrigo Montoya, Antonio Peña, Hugo Pereyra, Carlos Milla, Javier Lajo, entre otros.*

*En el ámbito de la recuperación de las cosmovisiones y prácticas andino-amazónicas, Gerardo Ramos, en su obra Una visión alternativa del Perú, estableció factores claves que diferencian la cultura occidental y la cultura andina; estas cruciales diferencias hacen inviable en el mundo andino el Proyecto Occidental, solo que la ceguera cognitiva y los intereses de poder persisten en homogeneizarlos. Ramos sostiene: «En Europa los ecosistemas son muy homogéneos, su geomorfología de grandes planicies, climas definidos (poco variados). En el mundo andino, los ecosistemas son heterogéneos la geomorfología de altas montañas muy accidentada, el clima muy variado (80 por ciento de los climas del mundo).» Estos factores, entre otros, habrían determinado una cosmovisión diferente en la cultura andina.*

*Asimismo, cabe destacar la labor que realiza Jorge Ishizawa, investigador del Proyecto Andino de Tecnologías Campesinas (Pratec) y del Instituto Peruano de Pensamiento Complejo Edgar Morin (IPCCEM), quien convive con la población de las comunidades andino-amazónicas a fin de conocer y aprehender las prácticas cotidianas del buen vivir. El Pratec ha producido cerca de 3.000 cuadernillos con sus experiencias de recuperación de las prácticas de la cultura Andino/Amazónica.*

*En el ámbito de la organización social, tenemos las comunidades andinas y amazónicas que luchan por la defensa de sus identidades y derechos colectivos, tales como: la Asociación Interétnica de Desarrollo de la Selva Peruana (Aidesep), la Comisión Nacional de Comunidades Afectadas por la Minería (Conacami), la Coordinadora de Organizaciones Indígenas de la Cuenca Amazónica, entre otras. y en los últimos años se ha incentivado y está emergiendo la necesidad de afirmar las identidades locales y el rescate de la relación armónica y afectiva con la naturaleza, tradición milenaria de los habitantes de estas tierras.*

*En junio de 2003, en el Sur del Perú, el pueblo arequipeño se opuso masivamente a la venta del agua a las transnacionales. En junio de 2009, las comunidades amazónicas de Bagua lograron que el gobierno derogue los Decretos Ley que favorecían la venta del territorio amazónico. También se suscitaron conflictos en Tambogrande, Yanacocha, Cerro verde, entre muchos otros lugares del territorio peruano. A pesar de todo ello, en el Perú no hay una acción política clara y transparente de apoyo y revaloración de las comunidades andino-amazónicas, como se están dando en Bolivia y Ecuador.*

*La época de cambios que vivimos ha originado una revolución en la cosmovisión Del mundo y la construcción de conocimientos y saberes. Estos, requieren de la articulación de la filosofía, la ciencia, la tecnología y la sociedad. Contribuyen en este proceso la práctica del pensamiento complejo, las ciencias de la complejidad, la bioética global y la transdisciplinariedad, entre otras.*

*El Instituto Peruano de Pensamiento Complejo Edgar Morin se fundó con la finalidad de contribuir a crear espacios democráticos donde puedan participar la ciudadanía y tome consciencia del pensamiento positivista, reductor y disyuntivo que destruye la vida en el planeta. Para tal fin, hemos definidos tres ejes estratégicos: socialización, investigación y formación para promover el desarrollo humano sostenible desde el Sur.*

*Nos hemos constituido recientemente en el Centro Regional de Competencias en Educación para el Desarrollo Sostenible de Lima-Callao, asociado a la universidad de las Naciones unidas, con el objetivo de impulsar un movimiento*

*por un pensamiento complejo del Sur desde las prácticas sociales. También estamos asociados a proyectos del Ministerio de Educación, para la inclusión del pensamiento complejo en las prácticas educativas, al Comité de Medicina Tradicional y Transdisciplinaria del Colegio Médico del Perú, quienes se encuentran trabajando para lograr el reconocimiento de la medicina ancestral de las diversas culturas del mundo, a la Red de Proyectos Alfa de la unión Europea a través del proyecto Mejora de la pertinencia de la educación de las Ingenierías en las Universidades de Latinoamérica, donde estamos proponiendo un enfoque holístico, no lineal y transdisciplinar que incluya a los saberes ancestrales. Estamos pues, tratando de participar en las Redes locales y globales que estén interesadas en los enfoques de la complejidad y la transdisciplinariedad. En estas redes se encuentran involucradas instituciones pares en Brasil, Bolivia, Cuba, España, México, Francia, Canadá, Colombia y Argentina.*

## Hacia una política de civilización desde una mirada del Sur

*Podemos concluir con lo siguiente: se hace necesario desarrollar una racionalidad alternativa a la racionalidad instrumental en crisis de la modernidad capitalista, asimilando los aportes del pensamiento complejo y las ciencias de la Complejidad, para lograr una nueva visión y comprensión del mundo; asimismo propiciar un diálogo entre civilizaciones, en la dimensión política, ética, educativa, social, económica que permita construir un escenario viable para el planeta. Este objetivo propiciaría conocer las diversas racionalidades que existen en las diferentes culturas del Sur y del Norte, a fin de valorar y reconectar todas aquellas que están comprometidas con la defensa y sostenibilidad de la vida. En el mismo sentido debemos construir una agenda que permita el encuentro y el debate entre los diferentes Sures, para levantar una plataforma para su discusión y ejecución a nivel global. Crear y/o consolidar un movimiento que sea sostenible y articule instituciones, personalidades del mundo académico, así como ciudadanos comprometidos con las reformas que propone Morin para propiciar la metamorfosis de la humanidad. Finalmente, la necesidad de impulsar el desarrollo de un pensamiento ético global como requisito para la superación de la pobreza espiritual, cultural y material que hace inviable la vida en el planeta. En la misma línea es importante construir una educación integral, no-lineal y transdisciplinaria en la población, especialmente en la juventud, que permita la emergencia de una nueva civilización descolonizada, donde la reciprocidad, la solidaridad y el amor hagan posible un mundo mejor.*

# Inspirações do Sul para uma nova política de civilização

Irving, Marta de Azevedo\*

\* Professora e pesquisadora do Programa Eicos, INCT/PPED/UFRJ e Instituto Nacional da Ciência e Tecnologia em Políticas Públicas e Estratégias de Desenvolvimento. Áreas de atuação: Desenvolvimento, Governança e Conservação da Biodiversidade.

## Quais os temas centrais que inspiram o pensamento do Sul?

O pensamento do Sul reflete identidades e especificidades de diversos “suis” construídos e ressignificados a partir de suas origens, histórias, cosmologias, saberes ancestrais e interações com os diversos “nortes” e “ocidentes”, relativizados a partir de referenciais inexatos e ideologicamente estabelecidos.

O pensamento dos “suis” resulta, assim, de uma construção histórica, fundamentada em valores endógenos, transmutados e retransformados a partir de valores e lógicas exógenos, mas subjetividades que não perderam as impressões digitais e que, talvez, por essa razão, constituam-se, na atual crise civilizacional, em potencialidades de inovação e metamorfose. Para Morin, o que não se transforma tende a se degradar. E o Sul, representado pelos seus inúmeros significados, transforma-se pelo exercício de confronto permanente com as incertezas, em contraposição às certezas da modernidade; com a naturalidade das crises, em resistência à ilusão da arrogância do domínio do homem sobre o próprio homem e sobre a natureza, resultante da glorificação da racionalidade científica, da ciência e da técnica; e com a solidariedade, como alternativa possível para a sobrevivência e consolidação dos laços sociais, em antagonismo à apologia do individualismo como sinônimo de liberdade. Assim, o Sul, em suas inúmeras representações, busca caminhos para uma reforma de civilização que transcenda os próprios limites para alcançar o passado no presente, o presente no futuro. um futuro que se constrói em novas bases éticas, na relação entre indivíduos, desses, em sociedade, e das sociedades, com a noção de comunidade de destino, em escala planetária.

Vivemos a insistência vazia e reducionista do que parece ter restado de um confronto histórico e perverso entre o “Norte” e o “Sul” e reproduzimos, incessantemente, em nossas reflexões, pensamentos e ações que nos ancoram no passado e nos dificultam avançar rumo ao futuro, na busca de uma nova política de civilização, baseada em novos valores de cidadania global. Nesse percurso, a ciência e a técnica permitiram avanços e modos de funcionamento das sociedades humanas nunca antes imaginados. Com a modernidade e os saltos de conhecimento proporcionados pela ciência, o ser humano passou a vislumbrar outra escala para o universo e para a própria existência e mergulhou também na crença de que tudo estava sob controle. uma sociedade de controle, de conhecimento sofisticado e altamente especializado, de velocidade supersônica. Mas, talvez, nessa “viagem” da arrogância do humanismo “desumanizado”, que transformou a

vida em códigos e corridas cegas, o ser humano tenha também se afastado da própria essência, de outras formas de existir e entender o mundo. E talvez, exatamente por não ter pretendido ou alcançado os padrões e os modos de existência do Norte, o Sul (ou os “suis”) vem resistindo em suas peculiaridades, identidades e valores, hoje ressignificados em possibilidades reais de transformação, de inovação, de metamorfose.

O Sul materializa essa possibilidade real de transformação, a partir de novas formas de diálogo e interação com os valores ocidentalizados e cristalizados de um Norte em crise profunda. Isto porque, na hegemonia histórica e nas certezas viscerais do Norte, nos “suis” se construiu uma visão de mundo alimentada de incertezas, de crises permanentes, que, por sua vez, exigiram novas soluções e percursos e a construção de uma perspectiva “identitária” de integração entre o Norte e o Sul, em um “caldo de cultura” desconhecido e, também por essa razão, promissor. É nessa “matriz” de incertezas e inovação que tendem a se configurar os pensamentos do Sul e é também nesse contexto de autoafirmação para o futuro que o Sul busca dialogar com o planeta. E, dessa forma, todos os temas da contemporaneidade se transmutam em novos significados, em reflexões de contracultura, em “transgressões” criativas. Nas incertezas, na desconstrução de mitos historicamente consolidados pelos valores ocidentalizados do Norte e nas transformações criativas se constrói, assim, o pensamento do Sul, entre a prosa e a poesia.

## Quais as experiências inovadoras implementadas, e/ou em curso, que ilustram o pensamento e/ou as identidades do Sul?

São inúmeros os caminhos da inovação e da ruptura dos paradigmas convencionais do desenvolvimento nos “suis” do Norte, no Mediterrâneo, na África e na América Latina. Evidentemente que não se pretende esgotar um tema tão vasto em um ensaio circunscrito a algumas páginas. Mas alguns caminhos ilustram possibilidades reais de transformação.

A Rio-92 trouxe para o Sul o convite a se repensar, criticamente, a noção de desenvolvimento. E, no Sul, as inúmeras “tribos globais”, criativamente e genuinamente, se manifestaram e impuseram uma nova forma de se “negociar” o futuro do

planeta, pensando a natureza em sua relação direta com a sociedade.

O Fórum Social Mundial surgiu e se consolidou no Sul e pelo Sul, com a parceria do resto do mundo. Essa rede global, pulsante e eticamente conectada, trouxe à cena principal uma nova espécie de vibração e crítica aos valores hegemônicos de um Norte que também quer despertar para um novo recomeço. O Fórum Social Mundial e seus desdobramentos ilustraram de maneira exemplar uma nova forma de articulação global para além dos pressupostos convencionais da mundialização ou da globalização. E, nesse processo, a sociedade civil buscou alianças, quebrou barreiras antes intransponíveis e partiu para uma perspectiva inovadora, não mais da crítica pela crítica, mas da crítica pela ação transformadora.

Como resultado de Estados enfraquecidos, a sociedade passou, assim, a assumir o protagonismo da história nos países do Sul e, nessa dinâmica, importantes experiências se afirmam no processo de transformação de valores e construção de cidadania. Assim, são numerosas as experiências de projetos sociais inovadores na América Latina e em todos os países da região.

No Brasil, de norte a sul, a partir do resgate dos valores tradicionais e das “identidades perdidas ou subjugadas”, se afirma um novo país. Em muitas cidades, vários projetos envolvendo parcerias das mais diversas, transformam localidades abandonadas e massacradas pela miséria e degradação social em “territórios de cidadania”, nos quais o resgate da autoestima alimenta um novo cotidiano e a esperança de futuro. No meio rural, novas lideranças enfrentam um passado de poder consolidado e inventam formas criativas de organização, geração de emprego e renda e inserção social e mudam, efetivamente, suas histórias de vida.

As identidades culturais e a história são ressignificadas e revalorizadas também pelo olhar das minorias excluídas, com naturalidade, como ilustrado pelo resgate e afirmação dos valores ancestrais pelas populações tradicionais, antes marginalizadas em toda a América Latina. E isso se traduz também em poder. As primeiras mulheres são eleitas democraticamente presidentes em países que, historicamente, se construíram com base em valores masculinos.

A academia, gradativamente, passa a internalizar o seu papel social e a valorizar os saberes tradicionais na geração de conhecimento. Rompe-se

também, progressivamente, o mito da disciplinaridade incrustada como afirmação de poder e, nas fraturas do sistema, a inovação tecnológica é construída com base na interdisciplinaridade e na ousadia do pensamento complexo. E, de maneira inédita, avalia-se o desempenho acadêmico com base em critérios de contribuição social e solidariedade.

Na gestão pública, inicia-se o percurso ainda tímido da transversalidade na ação governamental e os pactos sociais passam a orientar o processo de decisão política, em um confronto corajoso e democrático, com inúmeros conflitos de interesse, progressivamente explicitados e apoiados por uma mídia que se afirma na construção de informação qualificada. E, na perspectiva de desenvolvimento dos países do Sul, há o resgate na crença do elo perdido pela modernidade, entre a natureza humana e a humanidade naturalizada. Resgata-se a percepção da noção de Terra-pátria, na perspectiva de comunidade de destino.

Evidentemente que não se pode romancear a realidade do Sul, submetida à memória de regimes ditatoriais desumanos, “eficiências questionáveis e atrasos” pelos parâmetros do Norte, contextos corrompidos e nem sempre politicamente sãos, e passivos sociais ainda ilimitados. Mas não é mais possível duvidar que é nesse cenário pulsante de crises permanentes e incertezas que poderão emergir reflexões para uma nova política de civilização.

## Quais as questões prioritárias a serem tratadas pelo olhar do Sul na direção de uma política de civilização?

- a. A reforma da Educação: não se pode mais insistir em uma visão compartimentada do mundo nem imaginar um processo educacional apenas centrado em um compromisso de qualidade técnica e operacional, desvinculado de uma perspectiva crítica e de uma discussão ética profunda. A proposta do pensamento complexo e a educação para a cidadania global e planetária constituem pressupostos fundamentais a ser incorporados. Mas o processo educativo precisa também avançar em uma perspectiva crítica, baseada na reflexão filosófica e na formação dirigida à solidariedade e à cidadania planetária.
- b. O combate permanente à pobreza e às desigualdades sociais: uma das metas do milênio propostas pela ONU, o combate à pobreza, associado ao compromisso de vida digna para as populações humanas, deveria se constituir em proposta prioritária para essa nova política de civilização. Mas, para isso, seria fundamental entender que o combate à pobreza não se efetiva a partir de medidas assistencialistas e de curto prazo, mas que implica também uma reforma do modo de vida das sociedades contemporâneas, com base na produção permanente de desejos que não podem ser satisfeitos e na substituição da noção de ser humano pelo sentido do “ter humano”. As sociedades contemporâneas tornaram-se reféns de si mesmas, ao acreditar na arrogância do humanismo e na ilusão de que os abismos entre ricos e pobres não teriam consequências.
- c. A reforma do modo de vida: não se pode mais imaginar uma sociedade planetária cujos padrões de vida e consumo não são capazes de admitir os limites do próprio planeta. O excesso do consumo e as escolhas individuais de alguns resultam, obrigatoriamente, na escassez e na deterioração dos modos de existir de outros. É possível tecnologicamente gerar e consolidar padrões mais sustentáveis e solidários de vida, em harmonia com os limites do próprio planeta e com as exigências de vida digna para a sociedade. Esse é um pressuposto central de uma nova civilização.



d. A revisão dos padrões de governança global: em um mundo globalizado e conectado em que todos influenciam todos, em tempo real, e novas lideranças e valores se impõem em contraste às hegemonias historicamente consolidadas no Norte, não se admite mais a insistência desse modo de governabilidade centrado nos mesmos poderes, como se o mundo permanecesse o mesmo e novas configurações globais fossem inexistentes. É fundamental que novas formas de governança global sejam inventadas e construídas, com base na perspectiva de comunidade de destino. Como é fundamental o resgate e a valorização das bases culturais, cosmologias e ancestralidades que delineiam as identidades múltiplas do mundo globalizado, não apenas como forma de resistência e afirmação, mas como uma via possível para o resgate da própria existência humana e a geração de um conhecimento centrado não apenas na racionalidade científica linear, mas em uma compreensão integrada e integral do ser humano no universo. A ressignificação da natureza como valor intrínseco, essencial ao equilíbrio planetário, ao bem-estar da sociedade humana e ao resgate de seus valores essenciais, desqualificados pela ditadura da racionalidade científica, frequentemente desumanizante. É fundamental também a busca por propostas de desenvolvimento que privilegiem a economia solidária, a valorização da proximidade, a agregação de valor aos modos de vida locais e às formas de produção sustentáveis, baseadas em energia limpa, nos princípios de ecoeficiência e na geração de produtos e serviços capazes de gerar uma nova forma de funcionamento da sociedade e não apenas a mercantilização da natureza para atender a voracidade do mercado.

Enfim, como discute Edgar Morin, é necessária a integração da prosa e da poesia, da razão e da emoção, em um mundo em processo permanente de criação e recriação e, portanto, em metamorfose.

# Inspiraciones del Sur para una nueva política de civilización

Irving, Marta de Azevedo\*

\* Profesora e investigadora del Programa Eicos, INCT/PPED/UFRJ e Instituto Nacional de Ciencia y Tecnología en Políticas Públicas y Estrategia de Desarrollo. Áreas de actuación: Desarrollo, Gobierno y Conservación de la Biodiversidad.

## ¿Cuáles son los temas centrales que inspiran el pensamiento del Sur?

*El pensamiento del Sur refleja identidades y especificidades de varios «sures», contruidos y re-significados a partir de sus orígenes, historias, cosmologías, saberes ancestrales e interacciones con los varios «nortes» y «occidentales», relativizados a partir de referencias inexactas e ideológicamente establecidos.*

*De esta manera, el pensamiento de los «sures» resulta de una construcción histórica, basada en valores endógenos, transmutados y re-transformados a partir de valores y lógicas exógenas, pero subjetividades que no perdieron las impresiones digitales y que, tal vez por este motivo, se constituyen — dentro de la actual crisis de las civilizaciones — en potencialidades de innovación y metamorfosis. Para Morin, lo que no se transforma tiende a degradarse. Y el Sur, representado por un sinnúmero de significados, se transforma por el ejercicio de confrontación permanente con las incertidumbres, en contraposición a las certezas de la modernidad; con la naturalidad de las crisis, en resistencia a la ilusión de la arrogancia del dominio del hombre sobre el mismo hombre y sobre la naturaleza, resultante de la glorificación de la racionalidad científica, de la ciencia y de la técnica; y con la solidaridad, como alternativa posible para la sobrevivencia y consolidación de los lazos sociales, en antagonismo a la apología del individualismo como sinónimo de libertad. De esta forma, el Sur, en sus incontables representaciones, busca caminos hacia una reforma de civilización que pueda trascender sus propios límites para alcanzar el pasado en el presente, el presente en el futuro. Un futuro que se construye en nuevas bases éticas, en la relación entre individuos, de estos, en sociedad y de las sociedades con la noción de comunidad de destino, en escala planetaria.*

*Vivimos la insistencia hueca y reduccionista de lo que parece haber quedado de una confrontación histórica y perversa entre «Norte» y «Sur» y reproducimos incesantemente en nuestras reflexiones los pensamientos y acciones que nos anclan al pasado y nos hacen difícil el avanzar rumbo al futuro en búsqueda de una nueva política de civilización, basada en nuevos valores de ciudadanía global. En este recorrido, la ciencia y la técnica permitieron avances y modos de funcionamiento de las sociedades humanas nunca antes imaginados. Con la modernidad y los saltos de conocimiento proporcionados por la ciencia, el ser humano pudo vislumbrar otra escala para el universo y para su propia existencia, sumergiéndose también en la creencia de que todo estaba bajo control. Una sociedad de control, de conocimiento sofisticado y altamente especializado,*

de velocidad supersónica. Pero quizás, en ese «viaje» de la arrogancia del humanismo «deshumanizado» que transformó la vida en códigos y carreras ciegas, el ser humano se haya también apartado de su misma esencia, de otras formas de existir y entender el mundo. Y tal vez, exactamente por no haber querido o alcanzado los patrones y modos de existencia del Norte, el Sur (o los «sures») vienen resistiendo en sus peculiaridades, identidades y valores, hoy re-significados en posibilidades reales de transformación, innovación y metamorfosis.

El Sur materializa esa posibilidad real de transformación a partir de nuevas formas de diálogo e interacción con los valores occidentalizados y cristalizados de un Norte en crisis profunda. Esto se da debido a que en la hegemonía histórica y en las certezas viscerales del Norte, en los «sures» se construyó una visión de mundo alimentada de incertidumbres, de crisis permanentes que, por su lado, exigieron nuevas soluciones y recorridos y la construcción de una perspectiva «de identidad» de integración entre el Norte y el Sur, en un caldo de cultura» desconocido y, también por eso, promisor. Es en esa «matriz» de incertidumbre e innovación que tienden a configurarse los pensamientos del Sur y es también en este contexto de autoafirmación para el futuro que el Sur busca dialogar con el planeta. Y, de esta forma, todos los temas de la contemporaneidad se transmutan en nuevos significados, en reflexiones de contracultura, en «transgresiones» creativas. En las incertidumbres, en la desconstrucción de mitos históricamente consolidados por los valores occidentalizados del Norte y en las transformaciones creativas es que se construye el pensamiento del Sur, entre la prosa y la poesía.

## ¿Qué experiencias innovadoras implementadas y/o en curso ilustran el pensamiento y/o identidades del Sur?

Son incontables caminos los de la innovación y la ruptura de los paradigmas convencionales del desarrollo en los «sures» del Norte, en el Mediterráneo, en África y en Latinoamérica. Claro está que no se intenta agotar un tema tan extenso en un ensayo de algunas páginas, sin embargo, algunos caminos ilustran posibilidades reales de transformación.

La conferencia Rio-92 trajo al Sur la invitación a repensar críticamente la noción de desarrollo. Y en el Sur, las innumerables «tribus globales» creativa y genuinamente se manifestaron e impusie-

ron una nueva manera de «negociar» el futuro del planeta, pensando la naturaleza en su relación directa con la sociedad.

El Foro Social Mundial surgió y se consolidó en el Sur y por el Sur, en sociedad con el resto del mundo. Esa red global, pulsante y éticamente conectada trajo a la escena principal una nueva especie de vibración y crítica a los valores hegemónicos de un Norte que también desea despertar a un nuevo recomienzo. El Foro Social Mundial y sus desdoblamientos ilustraron de forma ejemplar una nueva forma de articulación global para más allá de los presupuestos convencionales de la mundialización o de la globalización. Y, en ese proceso, la sociedad civil buscó alianzas, rompió barreras que antes eran insuperables y se dirigió hacia una perspectiva innovadora, ya no la de «criticar por criticar», sino la de la crítica por la acción transformadora.

Como resultado de estados debilitados, la sociedad pasó a asumir el protagonismo de la historia en los países del Sur y, en esa dinámica, importantes experiencias se afirman en el proceso de transformación de valores y construcción de la ciudadanía. Así, son muchas las experiencias de proyectos sociales innovadores en América Latina y en todos los países de la región.

En Brasil, de Norte a Sur, a partir del rescate de los valores tradicionales y de las «identidades perdidas o subyugadas», se afirma un nuevo país. En muchas ciudades, varios proyectos involucrando las más diferentes alianzas transforman lugares abandonados y masacrados por la miseria y la degradación social en «territorios de ciudadanía» en los que el rescate de la autoestima alimenta un nuevo cotidiano y la esperanza de futuro. En el medio rural, nuevos liderazgos enfrentan un pasado de poder consolidado e inventan creativas maneras de organizarse, generar empleo e ingresos, e insertarse socialmente, cambiando efectivamente sus historias de vida.

Las identidades culturales y la historia son re-significadas y revaloradas también por la mirada de las minorías excluidas, con naturalidad, como ilustrado por el rescate y afirmación de los valores ancestrales de las poblaciones tradicionales, antes marginadas en toda Latinoamérica. Ello se traduce también en poder. Las primeras mujeres se eligen democráticamente como presidentas en países que, históricamente, se construyeron basados en valores masculinos.

La academia, gradualmente, pasa a internalizar su papel social y valorar los saberes tradicionales en lo que respecta a la generación de conocimiento. Se rompe también progresivamente el mito de la disciplinabilidad incrustada como afirmación de

*poder y, en las fracturas del sistema, la innovación tecnológica se construye con base en la interdisciplinariedad y en la audacia del pensamiento complejo. E, inéditamente, se evalúa el desempeño académico teniendo en cuenta criterios de contribución social y solidaridad.*

*En gestión pública, se inicia el recorrido aún tímido de la transversalidad en la acción gubernamental y los pactos sociales surgen como orientación del proceso de decisión política, en una valiente y democrática confrontación que lleva incontables conflictos de interés, progresivamente manifestados y apoyados por medios que se afirman en la construcción de información cualificada. Y, en la perspectiva de desarrollo de los países del Sur, está el rescate en la creencia en el eslabón perdido por la modernidad, entre la naturaleza humana y la humanidad naturalizada. Se rescata la percepción de la noción de Tierra-patria, en la perspectiva de comunidad de destino.*

*Evidentemente que no se puede idealizar la realidad del Sur, sometida a la memoria de sistemas dictatoriales inhumanos, «eficiencias cuestionables y atrasos» por los parámetros del Norte, contextos corrompidos y no siempre políticamente sanos, y pasivos sociales aún limitados. Pero ya no es posible dudar que es en dicho escenario pulsante de crisis permanentes e incertidumbres que podrán emerger reflexiones para una nueva política de civilización.*

## ¿Cuáles son las cuestiones prioritarias a ser tratadas por la mirada del Sur hacia una política de civilización?

- a. La reforma de la Educación: ya no se puede insistir en una visión compartimentada del mundo o imaginar un proceso educacional que sólo se centra en un compromiso de calidad técnica y operacional, sin perspectiva crítica o discusión ética profunda. La propuesta del pensamiento complejo y la educación para la ciudadanía global y planetaria constituyen presupuestos fundamentales a ser incorporados. Por otro lado, el proceso educativo también debe avanzar en una perspectiva crítica basada en la reflexión filosófica y en la formación direccionada a la solidaridad y a la ciudadanía planetaria.*
- b. El combate permanente a la pobreza y a las desigualdades sociales: una de las metas del milenio propuestas por la ONU, el combate a la pobreza, en asociación con el compromiso de vida digna para las poblaciones humanas, debería constituirse como una propuesta prioritaria para esa nueva política de civilización. Para ello, sería fundamental, sin embargo, entender que el combate a la pobreza no se efectúa a partir de medidas asistencialistas de corto plazo, sino que implica también una reforma del modo de vida de las sociedades contemporáneas, basado en la producción permanente de deseos que no pueden satisfacerse en la sustitución de la noción de ser humano por el sentido del «tener humano». Las sociedades contemporáneas se convirtieron en rehenes de sí mismas al creer en la arrogancia del humanismo y en la ilusión de que los abismos entre ricos y pobres no tendrían consecuencias.*
- c. La reforma del modo de vida: ya no se puede imaginar a una sociedad planetaria cuyos estándares de vida y consumo no son capaces de admitir los límites del planeta mismo. El exceso del consumo y las elecciones individuales de algunos resultaron, obligatoriamente, en la escasez y deterioro de los modos de existir de otros. Es posible tecnológicamente generar y consolidar patrones más sostenibles y solidarios de vida, en armonía con los límites del propio planeta y las exigencias de vida digna para la sociedad. Ese es un presupuesto central de una nueva civilización.*
- d. La revisión de los patrones de gobierno global: en un mundo globalizado y conectado en el que todos influyen a todos, en tiempo real, y nuevos liderazgos y valores son impuestos contrastando con las hegemonías históricas-*

*mente consolidadas en el Norte, ya no se admite la insistencia de ese modo de gobernabilidad centrado en los mismos poderes, como si permaneciera el mismo mundo y nuevas configuraciones globales fueran realmente inexistentes. Se hace fundamental la creación y construcción de nuevas formas de gobierno global, con base en la perspectiva de comunidad de destino. Como también se hace fundamental rescatar y valorar las bases culturales, cosmologías y ancestralidades que subrayan las identidades múltiples del mundo globalizado, no solamente como forma de resistencia y afirmación, sino como una vía posible para el rescate de la existencia humana misma y la generación de un conocimiento centrado no sólo en la racionalidad científica lineal, sino en una comprensión integrada e integral del ser humano en el universo. La re-significación de la naturaleza como valor intrínseco, esencial al equilibrio planetario, al bienestar de la sociedad humana y al rescate de sus valores esenciales, descalificados por la dictadura de la racionalidad científica, frecuentemente deshumanizante. Se hace fundamental, de igual manera, la búsqueda por propuestas de desarrollo que privilegien la economía solidaria, la valoración de la proximidad, la agregación de valor a los modos de vida locales y a las formas de producción sustentables, basadas en energía limpia, en los principios de eco-eficiencia y en la generación de productos y servicios capaces de generar una nueva manera de funcionamiento de la sociedad y no sólo la mercantilización de la naturaleza para atender a la voracidad del mercado.*

*Finalmente, como lo discute Edgar Morin, es necesaria la integración de la prosa y de la poesía, de la razón y de la emoción, en un mundo en proceso permanente de creación y recreación, un mundo en metamorfosis.*

# Algumas reflexões sobre o pensamento do Sul

Leite, Márcia Costa Rodrigues\*

\* Gerente de Cultura do Departamento Nacional do SESC, professora da Universidade Cândido Mendes e membro da diretoria da Escola Oga Mitá-RJ. Mestre em Educação (UERJ), Arquiteta (UFRJ), Pedagoga (INSTB), Arte-Educadora e Psicopedagoga (CEPERJ). Foi diretora de Tecnologia Educacional da TV Educativa, Rede Brasil (1995/98), coordenadora do projeto Salto para o Futuro, TV Escola (1991/94), e diretora da Escola de Professores-RJ (1995/98).

## Quais os temas centrais que inspiram o pensamento do Sul?

O pensamento do Sul ocupa o lugar simbólico dos povos colonizados, dependentes, considerados de segunda categoria, substituindo conceitos como Terceiro Mundo ou países subdesenvolvidos. O Sul não se define em um espaço estritamente geográfico, não pode ser reificado, até porque nele existem lugares mais Sul do que outros, em função de suas diferenças em relação às sociedades do Norte, capitalistas, urbanas, ocidentais e prioritariamente brancas.

Ao longo da história oficial, o Norte sempre é quem define o que é melhor para o Sul, com sua hegemonia política e econômica, impondo modelos culturais e referências sociais, independentemente da diversidade dos povos e nações do planeta.

Falar em globalização é tratar dessas relações de dominação, do processo de colonização, que não são apenas nem exclusivamente geográficas, agravadas especialmente no século XX, com o desenvolvimento das novas tecnologias nos campos da produção, consumo e comunicação humanos. Dessa forma, o pensamento do Sul precisa ser construído pelo próprio Sul, por mais que sejam bem intencionados intelectuais e filósofos do Norte.

Claro que é preciso haver diálogo constante, uma relação dialógica entre os dois polos, e ainda procurar o pensamento do Leste, do Oeste, do Sudeste, do Sudoeste, mantendo a metáfora dos pontos cardeais. Com isso, ultrapassamos as dicotomias que acabam polarizando e empobrecendo a complexidade dos diversos modos de pensar, de fazer e de ser, a partir de olhares superiores, superficiais e hegemônicos, por melhores que sejam as intenções.

Boaventura de Souza Santos, em *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência* (2000), propõe a construção de um pensamento de fronteira e de uma política da tradução, no sentido de que nunca seremos o Outro. No máximo, para que o diálogo seja realmente possível, entre iguais, é preciso construir uma linguagem comum, entendendo que estaremos em um território que não é o nosso, e por isso a humildade e o estranhamento tornam-se condições necessárias para uma comunicação respeitosa.

No texto "Para um pensamento do Sul", Edgar Morin sugere que "temos que assumir a herança cultural do Renascimento, porque hoje devemos problematizar o mundo". Outra proposição importante para um (e não o) pensamento do Sul: questionar conceitos

dominantes, valores e mesmo objetos construídos; questionar a própria forma de questionar, a própria hegemonia da razão, os processos epistemológicos da modernidade, já que sabemos hoje existirem várias racionalidades, vários modos “certos” de agir e pensar; várias realidades.

O autor propõe “misturar essas heranças culturais mediterrâneas com as heranças culturais africanas e sul-americanas”. Consideramos, entretanto, que o desafio ainda é maior do que fazer a mistura, até porque ela já existe. Somos frutos de uma miscelânea cultural e o que importa é descobrirmo-nos como tal, para respeitarmos todas as origens, a nossa relação com a natureza e com o cosmo.

Resta-nos ultrapassar a dicotomia do bem e do mal, do certo e do errado, entender que a razão iluminista trouxe luz, ciência, tecnologia, mas também trouxe a escuridão, as guerras, o pensamento unificante, homogeneizante, que destrói as singularidades.

Por fim, Morin afirma que o pensamento do Sul deveria estar apto para enfrentar as complexidades de nossa vida, a complexidade das realidades humanas e da ‘insustentável complexidade do mundo.’” Sem dúvida, esse é o grande desafio, mas não só do pensamento do Sul, acredito que também do pensamento do Norte, e, assim, pode ser possível restaurar a esperança no improvável, sempre possível.

## Quais as experiências inovadoras implementadas e/ou em curso que ilustram o pensamento e/ou as identidades do Sul?

Um exemplo paradigmático: as edições do Fórum Mundial Social vêm se consolidando como espaços/tempos privilegiados para a construção e troca de experiências inovadoras, nos quais novos pensamentos são elaborados por muitos diferentes; consegue-se pensar em um outro mundo possível, onde a justiça, a qualidade de vida e a felicidade de todos sejam prioridade; e onde as diferenças sejam condição de existência.

O Norte passou a ouvir as vozes dos povos das florestas, das populações indígenas, das mulheres. Vários países conseguem se destacar por suas práticas e experiências inovadoras, derrubando velhos preconceitos e impondo novas formas de fazer. Desde ações pontuais, que

acontecem em pequenas cidades, em escolas, projetos comunitários, até eleições presidenciais surpreendentes. Do pensamento do Sul, exemplificamos com o Brasil, que conseguiu eleger um metalúrgico, com sucesso absoluto de público após oito anos de poder, e, depois, uma mulher, que foi torturada nos anos de chumbo da ditadura. Do Norte, o melhor exemplo é um negro como presidente de um país poderoso, que carrega na sua história marcas desumanas de preconceito étnico.

## Quais as questões prioritárias a serem tratadas pelo olhar do Sul na direção de uma política de civilização?

As questões prioritárias a serem tratadas pelo olhar do Sul na direção de uma política de civilização precisam ser construídas pelo Sul e não traçadas *a priori*.

Considerar que “os suís” têm um poder e um saber próprios é a condição primeira para que o diálogo entre iguais possa ser estabelecido. Iguais que são sempre muito diferentes. Segunda condição para uma política de civilização: é preciso querer a diferença mais do que apenas tolerá-la ou identificá-la.

Por último, é preciso questionar e relativizar o conceito de “civilização”. O processo civilizatório precisa garantir condições de desenvolvimento, mas essas condições devem ser contextualizadas. São conceitos que se organizam de diferentes formas, objetivas e subjetivas, em função do jeito de ser e de viver de cada comunidade humana.

# Algunas reflexiones sobre el pensamiento del Sur

Leite, Márcia Costa Rodrigues\*

\* Gerente de Cultura del Departamento Nacional de SESC, profesora de la Universidad Cândido Mendes y miembro de la dirección de la Escuela Oga Mitá-RJ. Maestría en Educación (UERJ), Arquitecta (UFRJ), Pedagoga (INSTB), Arte-Educadora y Psicopedagoga (CEPERJ). Ejerció como directora de Tecnología Educativa de la TV Educativa, Rede Brasil (1995/98), como coordinadora del proyecto Salto para o Futuro, TV Escola (1991/94), y como directora de la Escuela de Profesores-RJ (1995/98).

## ¿Cuáles son los temas centrales que inspiran el pensamiento del Sur?

*El pensamiento del Sur ocupa el lugar simbólico de los pueblos colonizados, dependientes, considerados como de bajo nivel, sustituyendo conceptos como «Tercer Mundo» o «países subdesarrollados». El Sur no se define en un espacio estrictamente geográfico, no puede ser cosificado, incluso porque en él existen lugares más Sur que otros, en función de sus diferencias respecto a las sociedades del Norte, capitalistas, urbanas, occidentales y prioritariamente blancas.*

*A lo largo de la historia oficial, el Norte siempre es el que define lo que es mejor para el Sur a través de su hegemonía política y económica, imponiendo modelos culturales y referencias sociales, sin considerar la diversidad de los pueblos y naciones del planeta.*

*Cuando hablamos de globalización, hablamos sobre esas relaciones de dominación, del proceso de colonización, que no exclusivamente geográficas, agravadas principalmente en el siglo XX, con el desarrollo de las nuevas tecnologías en las áreas de producción, consumo y comunicación humanas. De esta forma, el pensamiento del Sur debe ser construido por el mismo Sur, aunque sean buenas las intenciones de los intelectuales y filósofos del Norte.*

*Es evidente la necesidad del diálogo constante, una relación dialógica entre los dos polos, y aún buscar el pensamiento del Este, del Oeste, del Sudeste, del Sudoeste, manteniendo la metáfora de los puntos cardinales. Con eso, ultrapasamos las dicotomías que terminan polarizando y empobreciendo la complejidad de los varios modos diferentes de pensar, hacer y ser, a partir de miradas superiores, superficiales y hegemónicas, aunque sean buenas las intenciones.*

*Boaventura de Souza Santos, en A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência (2000), propone la construcción de un pensamiento fronterizo y de una política de traducción, en el sentido de que nunca seremos el Otro. Como máximo, para que el diálogo sea realmente posible, entre iguales, es necesario construir un lenguaje común, entendiendo que estaremos en un territorio que no es nuestro y por eso la humildad y la extrañeza son condiciones necesarias a una comunicación respetuosa.*



*En el texto «Para un pensamiento del Sur», Edgar Morin sugiere que «debemos asumir la herencia cultural del Renacimiento, porque hoy, nuevamente, debemos problematizar el mundo». Otra importante proposición para un (y no el) pensamiento del Sur: cuestionar conceptos dominantes, valores e incluso objetos construidos; cuestionar la forma de cuestionar misma, la hegemonía misma de la razón, los procesos epistemológicos de la modernidad, debido a que sabemos hoy que existen varias racionalidades, varios modos «correctos» de actuar y pensar; varias realidades.*

*El autor propone «mezclar esas herencias culturales mediterráneas con las herencias culturales africanas y sudafricanas». Consideramos, sin embargo, que el desafío es mayor aún que dicha mezcla, porque la misma ya existe. Somos fruto de una miscelánea cultural y lo que importa es que nos descubramos como tal, para respetar todos los orígenes, nuestra relación con la naturaleza y con el cosmos.*

*Nos resta ultrapasar la dicotomía del bien y del mal, de lo correcto y de lo incorrecto, entender que la razón iluminista trajo luz, ciencia, tecnología, pero también oscuridad, guerras, el pensamiento unificador, homogeneizador, que destruye las singularidades.*

*Finalmente, Morin afirma que el «pensamiento del Sur debería estar apto para enfrentar las complejidades de nuestras vidas, la complejidad de las realidades humanas y la “insustentable complejidad del mundo». Sin duda, ese es el gran desafío, pero no sólo del pensamiento del Sur, pienso que también del pensamiento del Norte y, así, puede ser posible restaurar la esperanza en lo improbable, siempre posible.*

### ¿Cuáles son las experiencias innovadoras implementadas y/o en curso que ilustran el pensamiento y/o las identidades del Sur?

*Un ejemplo paradigmático: las ediciones del Foro Mundial Social vienen consolidándose como espacios/tiempos privilegiados para la construcción e intercambio de experiencias innovadoras, en las que nuevos pensamientos se elaboran por muchos diferentes; se logra pensar en otro mundo posible, en donde sean prioridad la justicia, la calidad de vida y la felicidad de todos, y las diferencias sean una condición de existencia.*

*El Norte pasó a escuchar las voces de los pueblos de las selvas, de las poblaciones indígenas, de*

*las mujeres. Varios países logran sobresalir por sus prácticas y experiencias innovadoras, tumando antiguos prejuicios e imponiendo nuevas formas de hacer. Desde acciones puntuales, realizadas en pequeñas ciudades, escuelas, proyectos comunitarios, hasta elecciones presidenciales sorprendentes. Del pensamiento del Sur tenemos como ejemplo Brasil, que logró elegir a un metalúrgico, con éxito absoluto de público después de ocho años de poder y, luego, una mujer que había sido torturada en los duros años de la dictadura militar. Del Norte, el mejor ejemplo es un negro como presidente de un poderoso país, que carga en su historia marcas deshumanas de prejuicio étnico.*

### ¿Cuáles son las cuestiones prioritarias a ser tratadas por la mirada del Sur hacia una política de civilización?

*Las cuestiones prioritarias a ser tratadas por la mirada del Sur hacia una política de civilización necesitan ser construidas por el Sur y no esbozadas a priori.*

*Considerar que «los sures» tienen un poder y un saber propios, es la primera condición para que el diálogo entre iguales pueda efectivamente establecerse. Iguales que son siempre muy diferentes. La segunda condición para una política de civilización está en que es necesario querer la diferencia más que simplemente tolerarla o identificarla.*

*Finalmente, es necesario cuestionar y relativizar el concepto de «civilización». El proceso civilizatorio debe garantizar condiciones de desarrollo, pero esas condiciones deben ser contextualizadas. Son conceptos que se organizan de diferentes formas, objetivas y subjetivas, en función de la manera de ser y de vivir de cada comunidad humana.*

# Para um pensamento do Sul: notas para reflexão

Limena, Maria Margarida Cavalcanti\*

\* Professora do Departamento de Sociologia e do Programa de Estudos de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP.

Edgar Morin, em sua reflexão sobre a possibilidade de construção de um pensamento do Sul, lança-nos alguns desafios que têm, como premissa, a ideia de que para se chegar à plena consciência das qualidades e virtudes do Sul seria necessário elaborar um pensamento próprio.

O primeiro aspecto a considerar diz respeito, precisamente, à possibilidade de se constituir um pensamento do Sul que possa ultrapassar a própria diferença entre Norte e Sul, estabelecida histórica, política, econômica e culturalmente, ultrapassando, portanto, os limites geográficos. Aberta a possibilidade de um pensamento do Sul, há que se questionar acerca da existência de um pensamento que navega nas águas do Ocidente como um todo, isto é, um pensamento hegemônico que estabelece os critérios e parâmetros para a diferença. Isto faz com que o Sul, ao mesmo tempo, se diferencie e se assemelhe ao Norte, em muitos aspectos. Se, de um lado, o pensamento hegemônico (do Norte) construiu a noção de Sul a partir de uma perspectiva etnocêntrica e eurocêntrica, a existência de diversos suís aponta o segundo aspecto a ser considerado: a questão da diversidade.

Para Edgar Morin, a questão da diversidade padece de duas pragas: a unificação abstrata e homogeneizante que destrói as diversidades e o fechamento das singularidades em si mesmas que, dessa forma, se tornam abstratas. Estes dois aspectos sinalizam a questão, talvez, a mais importante: é possível a construção de um pensamento do Sul? Como este pensamento poderia contribuir, de forma efetiva, para a construção de uma política de civilização?

A resposta está, a meu ver, em algo mais profundo, ultrapassando a distinção entre Norte e Sul, remetendo-se à necessidade de uma ampla reforma do pensamento. O pensamento do Sul pode contribuir, apontando caminhos, fazendo-se visível naquilo que constitui sua essência — a diversidade — e propondo outras formas de pensar, libertas da hegemonia do norte, conscientes de suas influências e formas de dominação e como forma de resistência à homogeneização das culturas.

Nessa perspectiva, devemos abandonar a perspectiva dualista que, de um lado, sinaliza querer entender a diversidade, mas, com frequência, trata a diversidade como a alteridade, com todas as implicações do termo. De outro, deve-se apostar na possibilidade de construção de um pensamento diverso do hegemônico, considerando, sempre, a pluralidade de formas de apropriação material e simbólica que constituem expressão ímpar da diversidade nas sociedades do Sul: é nisto que reside sua riqueza cultural — patrimonial, social, política e imagética.

Deixando de lado nossas pretensões quanto ao conhecimento, devemos apontar as questões essenciais sobre a falência do modelo iluminista — hegemônico — cujo exemplo mais evidente é a ideia de progresso, que abriu espaço para conceitos como emancipação universal, formação de identidades nacionais, extensões de direitos de participação política, individualidade e consciência de si, mas, também, para as diversas formas de dominação e submissão. Para isso, torna-se imperativa a necessidade de novas modalidades de reflexão: deve-se apostar em uma nova agenda de problemas a serem discutidos — questões relacionadas à tolerância, a diversidade, a fragmentação e a solidariedade, a ser explicitadas de modo a poder delinear as possibilidades de análise do mundo contemporâneo, na relação ambivalente entre ordem e caos.

Há que se recuperar, para isto, uma perspectiva que deve ter por princípio uma dupla lógica, ou dialógica — racional e imaginal —, capaz de incorporar os itinerários míticos, mágicos e artísticos, articulando-se numa nova atitude científica. Para isto, a perspectiva de uma nova transdisciplinaridade, capaz de romper o desenvolvimento disciplinar se situa como uma necessidade histórica e tem que significar, de fato, o reconhecimento da interdependência de todos os aspectos da realidade, instaurando não apenas um novo nível do discurso mas uma outra atitude. É esta nova atitude que poderá ser capaz de situar o pensamento investigativo entre a lógica e a não lógica, entre o racional e o irracional, ensinando-nos a não eliminar, mas a aceitar a vitalidade da desordem que se insinua numa nova ordem, produzindo desarmonia, diferenças, tensões desconfortáveis, restaurando as responsabilidades do pensamento no mundo e desencadeando outros fluxos energéticos para um futuro aberto à esperança. Em outros termos, uma política de civilização.

Talvez, o pensamento do Sul possa vir a fornecer respostas às nossas indagações acerca do presente e do futuro de nossas sociedades, que hoje articulam suas especificidades às marcas de uma sociedade global. É aqui que se insere o papel de cientistas e intelectuais no século XXI. Em seu texto, *Tecnociências e sistemas complexos contemporâneos*,<sup>1</sup> Edgard de Assis Carvalho<sup>2</sup>

afirma que, para resistir e criar condições de autonomia e liberdade para o pensamento e para a ação, não basta pensar como um especialista, prisioneiro dos contornos de seu objeto de pesquisa; deve-se manter a atitude de “outsider vigilante”, que questiona a desumanização da vida e da cultura, de animais e de homens. Para isto, a exigência que se põe é a de intelectuais polivalentes, universalistas e éticos, que enfrentem com vigor as contradições do cenário planetário contemporâneo, destinado à ciência e à técnica um papel a ser compreendido num amplo circuito de ambivalências e retroações. De forma ampliada, há que se considerar uma prioridade a necessidade de religação entre as ciências da cultura e as ciências da natureza, apontando possibilidades de restauração do conhecimento pertinente, capaz de repensar as múltiplas dimensões da atividade humana sem causalidades e determinismos fixos. Esta religação dos saberes poderia reencontrar um caminho revigorado para respostas a questões como: quem somos, onde estamos, de onde viemos, para onde vamos?

No plano cognitivo, creio ser este o grande desafio dos cientistas e educadores do século XXI, a despeito dos limites que ainda nos são impostos em termos da contínua reprodução e fortalecimento do modelo hegemônico: da especialização, da fragmentação, da disciplinarização, que operam de maneira disjuntiva.

O pensamento do Sul poderia trazer sua contribuição para a superação de cisões e dicotomias, a partir de suas características sociais e culturais. O escopo deste pensamento não seria mais aquele de “conhecer para dominar”, mas aquele de observar e conferir sentido à perene transformação. São notórias as experiências vinculadas à resistência e à mobilização para a emergência de uma sociedade diferente ou de novas formações para a vida social, que já vêm acontecendo. Isto poderá levar a um pensamento do Sul original, menos normativo e mais instaurador, constituindo a base para o fortalecimento de ações coletivas, voltadas para a construção de uma antropoética ou política de civilização.

<sup>1</sup> CARVALHO, E. A; MENDONÇA (Org.). *Ensaio de complexidade II*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

<sup>2</sup> O Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho é professor do Departamento de Antropologia e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP.

# Para un pensamiento del Sur: apuntes para reflexión

Limena, Maria Margarida Cavalcanti\*

\* Profesora del Departamento de Sociología y del Programa de Estudios de Posgraduados en Ciencias Sociales de la PUC-SP.

*Edgar Morin, en su reflexión sobre la posibilidad de construcción de un pensamiento del Sur, nos lanza algunos desafíos que tienen, como premisa, la idea de que para llegar a la plena consciencia de las cualidades y virtudes del Sur sería necesaria la elaboración de un pensamiento propio.*

*El primer aspecto a considerar tiene relación, precisamente, con la posibilidad de construcción de un pensamiento del Sur que pueda superar la diferencia misma entre Norte y Sur, establecida histórica, política, económica y culturalmente, excediendo por lo tanto los límites geográficos. Al darse la posibilidad de un pensamiento del Sur, es necesario cuestionarse sobre la existencia de un pensamiento que navega por aguas del occidente como un todo, es decir, un pensamiento hegemónico que establece criterios y parámetros para la diferencia. Esto hace que el Sur se diferencie y a la vez se asemeje al Norte en muchos aspectos. Si de un lado el pensamiento hegemónico (del Norte) construyó la noción de Sur a partir de una perspectiva etnocéntrica y eurocéntrica, la existencia de diversos sures señala el segundo aspecto a considerarse: la cuestión de la diversidad.*

*Para Edgar Morin, la cuestión de la diversidad padece de dos plagas: la unificación abstracta y homogeneizante que destruye las diversidades y el encierro de las singularidades en sí mismas que, de esta forma, se vuelven abstractas. Estos dos aspectos señalan la cuestión tal vez más importante: ¿es posible construir un pensamiento del Sur? ¿Cómo dicho pensamiento podría contribuir de forma efectiva para la construcción de una política de civilización?*

*La respuesta está, a mi parecer, en algo aún más profundo, excediendo la distinción entre Norte y Sur, remetiéndose a la necesidad de una amplia reforma del pensamiento. El pensamiento del Sur puede contribuir señalando caminos, haciéndose visible en lo que constituye su misma esencia — la diversidad — y proponiendo otras formas de pensar, liberas de la hegemonía del Norte, conscientes de sus influencias y formas de dominación y como forma de resistencia a la homogeneización de las culturas.*

*En este aspecto, debemos abandonar la perspectiva dualista que, por su lado, señala querer entender la diversidad, pero frecuentemente trata la diversidad con alteridad, con todo lo que implica el término. Por otro lado, es necesario apostar en la posibilidad de construcción de un pensamiento diverso del hegemónico, considerando siempre la pluralidad de formas de apropiación material y simbólica que constituyen una expresión única de la diversidad en las sociedades del Sur: en ello reside su propia riqueza cultural, patrimonial, social, política y de imagen.*

*Dejando de lado nuestras pretensiones respecto al conocimiento, debemos señalar las cuestiones esenciales sobre la quiebra del modelo iluminista —*

hegemónico — cuyo ejemplo más evidente es la idea de progreso, que cedió espacio a conceptos como emancipación universal, formación de identidades nacionales, extensiones de derechos de participación política, individualidad y conciencia de sí, pero también a diversas formas de dominación y sumisión. Para ello, es indispensable la necesidad de nuevos modos de reflexión: se debe apostar en una nueva agenda de problemas a ser discutidos — cuestiones relacionadas con la tolerancia, la diversidad, la fragmentación y la solidaridad, que deben hacerse explícitas de una manera que puedan delinear las posibilidades de análisis del mundo contemporáneo, en la relación ambivalente entre orden y caos.

Es necesario, para ello, recuperar una perspectiva que debe tener como premisa una doble lógica, o dialógica — racional e imaginaria — capaz de incorporar los itinerarios míticos, mágicos y artísticos, articulándose en una nueva actitud científica. Para este fin, la perspectiva de una nueva transdisciplinariedad, capaz de romper el desarrollo disciplinar, se convierte en una necesidad histórica y tiene que significar, efectivamente, el reconocimiento de la interdependencia de todos los aspectos de la realidad, instaurando no solamente un nuevo nivel del discurso, sino otra actitud. Esta nueva actitud podrá ser capaz de ubicar el pensamiento investigativo entre la lógica y la no lógica, entre lo racional y lo irracional, enseñándonos a no eliminar, sino aceptar la vitalidad del desorden que sugiere una nueva orden, produciendo desarmonía, diferencias, tensiones incómodas, restaurando las responsabilidades del pensamiento en el mundo y desencadenando otros flujos energéticos para un futuro abierto a la esperanza. En otros términos, una política de civilización.

Quizás el pensamiento del Sur pueda proveer respuestas a nuestras indagaciones sobre el presente y el futuro de nuestras sociedades, que hoy articulan sus especificidades siguiendo la huella de una sociedad global. Aquí es donde toma injerencia el papel de los científicos e intelectuales en el siglo XXI. En su texto *Tecnociências e sistemas complexos contemporâneos*,<sup>1</sup> Edgard de Assis Carvalho<sup>2</sup> afirma que, para resistir y crear condiciones de autonomía y libertad para el pensamiento y la acción, no basta pensar como un experto, prisionero de los contornos de su objeto de investigación, sino que es necesario

mantener la actitud de «outsider vigilante», que cuestiona la deshumanización de la vida y de la cultura, de animales y de hombres. Para esto, la exigencia es la de intelectuales polivalentes, universalistas y éticos, que enfrenten con vigor las contradicciones del escenario planetario contemporáneo, destinado a la ciencia y a la técnica, un papel a ser comprendido en un amplio circuito de ambivalencias y retroacciones. De forma ampliada, hay que considerar como una prioridad la necesidad de reconexión entre las ciencias de la cultura y las ciencias de la naturaleza, señalando posibilidades de restauración del conocimiento pertinente, capaz de repensar las múltiples dimensiones de la actividad humana sin causalidades y determinismos fijos. Esta reconexión de los saberes podría reencontrar un camino revigorizado para respuestas a cuestiones como quiénes somos, dónde estamos, de dónde vinimos y para dónde vamos.

En el plan cognitivo, pienso que éste es el gran desafío de los científicos y educadores del siglo XXI, pese a los límites aún impuestos en términos de la continua reproducción y fortalecimiento del modelo hegemónico: de la especialización, fragmentación, disciplinarización, que operan disyuntivamente.

El pensamiento del Sur podría aportar a la superación de escisiones y dicotomías, a partir de sus mismas características sociales y culturales. El objetivo de dicho pensamiento ya no sería el de «conocer para dominar», sino el de observar y otorgar sentido a la perenne transformación. Se hacen evidentes las experiencias vinculadas a la resistencia y a la movilización para la emergencia de una sociedad diferente o de nuevos formatos para la vida social, que ya vienen ocurriendo. Esto podrá conducir a un pensamiento del Sur original, menos normativo y más instaurador, constituyendo la base para el fortalecimiento de acciones colectivas direccionadas a la construcción de una antropoética o política de civilización.

<sup>1</sup> CARVALHO, E. A., MENDONÇA (Org.). *Ensaio de complexidade II*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

<sup>2</sup> El Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho es profesor del Departamento de Antropología y del Programa de Estudios Posgraduados en Ciencias Sociales de la PUC-SP.

# Rumo ao Sul

Maldonato, Mauro\*

\* Médico e psiquiatra italiano. Professor-associado de Psicologia Geral da Universidade da Basilicata. Estudou nas universidades La Sapienza (Roma), Federico II (Nápoles), London School of Economics (Londres), École des Hautes Études (Paris). Foi professor visitante de diversas instituições, entre as quais destacamos a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), a Universidade de São Paulo (USP) e a Duke University (EUA). Atualmente sua pesquisa está voltada para o estudo da Consciência, da Psicologia da Decisão, sobre a pesquisa e as esferas cognitivas da inovação. É diretor do Cognitive Sciences Studies for the Research on Research Group, da Duke University (Durham, Carolina do Norte). Como autor e organizador de livros, produziu volumes e artigos científicos traduzidos em inglês, francês, português e espanhol.

Fecha-se a cortina sobre a *belle époque* da globalização, em meio a um clima de inquietudes, contradições, conflitos. Uma *époque*, na realidade, bastante breve. De fato, durou apenas uma temporada a ilusão de uma via técnico-administrativa para o bem-estar universal, de uma mobilização geral de indivíduos e culturas rumo às “venturas” do modelo de vida do Ocidente. Em breve ato, assistimos à queda do socialismo real, ao estilhecimento dos providencialismos secularizados, às ebriedades ideológicas sobre o ocaso da política, até sobre o “fim da história”.

Mas era realmente imaginável que o mundo seria conquistado, sem que um único golpe fosse desferido, por um poder “desterritorializado”, por uma supersociedade que domina todos os recursos financeiros e os meios de informação, por lideranças políticas nacionais cada vez mais dependentes daquele poder? Era imaginável uma globalização dessa espécie, que desarraiga diferenças de lugar e de cultura, ou, quando muito, as tolera? Não teria sido ilusório imaginar que a globalização pudesse ser realizada sem dilacerações e fragmentações, cancelando as polaridades concretas, as individualidades históricas e culturais, os grandes espaços que se reconhecem e se identificam em uma memória e um destino comuns?

A globalização em andamento exige um espaço-tempo único e indiferente. O “lugar”, o “local”, nada mais é do que o ponto no qual interesses e investimentos baixam, investimentos e interesses que são contingentes e aleatórios: em uma homologação abstrata e universal, eles não têm a menor possibilidade de “salvação”. Na realidade, a própria metáfora do global é altamente problemática. Com efeito, ela mitifica o fato de que o “local” está se transformando em mero produto do global, ao passo que a individualidade do “lugar” só tem sentido em grandes espaços concretos, historicamente definidos. Nenhum lugar pode viver sem poliarquia. Nenhum *nomos* da terra, que não seja uma *lex mercatoria* universal defendida pelo poderio militar e pregado em nome de direitos que nenhuma jurisdição internacional sanciona e defende, poderá existir. Uma globalização poliárquica e policêntrica parece ser, hoje, o único horizonte político capaz de dar uma alma à ordem mundial que está no aperto do duplo movimento da despolitização universal e da expansão de um direito internacional a serviço de toda ingerência ou intervenção militar, que hoje já parece ter tomado o lugar do antigo direito fundamentado em pactos interestaduais.

Um pensamento renovado e livre pode dar a si próprio outra missão — talvez a mais elevada — indicando a viabilidade e a necessidade política, em escala planetária, de uma coexistência, de um *foedus* entre grandes espaços culturais autônomos? A tarefa teórica mais alta e urgente é hoje um pensamento federativo capaz de se medir com os processos de globalização, em todos os seus aspectos. Não algum vago dever ser, mas aquele dever ser que vive nos momentos reais. A exigência de justiça não é um sonho, mas uma realidade histórica, e não reconhecer esse fato é, antes de tudo, um erro político. Nunca existiu e nunca existirá uma ética da responsabilidade sem a defesa da reciprocidade e da possibilidade de troca das convicções. Reduzir tudo, como se faz, para além da retórica habitual, a choque de civilizações, a relações de força, é irrealismo puro. Mais uma vez, são anos cruciais, e uma decisão entre a desmedida universalista e a medida federalista se faz urgente.

## O arquipélago

A ideia de poliarquia não é uma globalização como ocidentalização, porque nenhuma Nova Ordem da Terra nascerá espontaneamente da ocidentalização planetária das forças e dos sistemas econômicos; tampouco uma ideologia, oposta e complementar a essa, que poderíamos definir da dissolução da soberania, porque nenhum poder militar consegue hoje estar sozinho no cenário internacional. A ideia da poliarquia está perfeitamente presente na metáfora do arquipélago, e precisamente na ideia da coexistência dos diferentes (*nómoi, lógoi* etc.), que também é espaço simbólico, pois contém em si o próprio princípio da conexão, na ausência de um princípio unificador.

A disposição a ser somente e totalmente uno, indistinto, indiferenciado, consiste na recusa de qualquer conexão. Arquipélago, ao contrário, é inteligência que divide e separa. O problema filosófico e político da relação do uno e dos muitos se constrói, precisamente, a partir dessa tensão para a compreensão do múltiplo, das diferenças. O pensamento ocidental educa e objetiva, a partir do pressuposto que o fim é a harmonização dos conflitos dentro de um “*logos* unitário” que contenha os distintos na unidade. A estratégia, em que ele mantém unidos os distintos, passa por uma análise que os determina e define, com precisão, como procedimentos

racionais, colocando-os uns contra os outros, dividindo-os e construindo, por meio dessa passagem de compreensão separada e de sujeição, precisamente aquelas modalidades de *logos* unitário.

Hoje nada deixa prever se esse pluralismo poliárquico poderá encontrar um espaço próprio. O sistema econômico-político dominante é articulado em seu interior, fala uma linguagem complexa e está exposto a conflitos enormes. De resto, as funções de contenção do sistema podem se chocar com as do desenvolvimento. Além disso, os interesses da comunidade empresarial em ampliar os mercados e restringir a concorrência exigem intervenções de regulação que não conseguem representá-los de imediato. Por fim, as inovações no âmbito da pesquisa vivem em um hiperespaço da liberdade de informação que não coincide minimamente com os interesses oligárquicos dominantes. Tudo isso deve ser considerado atentamente e contra toda apologia (quer positiva, quer negativa) do “paradigma único”.

Resta o fato, incontestável, de que a ordem desses fatores diferentes (isto é, a hierarquia desses diferentes fatores), que age conforme um sentido e uma vocação — que afinal é a tendência da época à unidade global — nunca se expressará em uma *reductio ad unum*: é muito mais provável, aliás, que dê lugar a um holismo caótico, pois a unidade global se fundamenta na reprodução constante de diferenças e desequilíbrios.

## Pensar o Sul

Mas, se uma *reductio ad unum* é impossível, se torna ainda mais necessário um pensamento capaz de restituir ao Sul sua antiga dignidade de sujeito, rompendo assim a longa sequência que o viu como objeto do pensamento alheio. Pensar o Sul — isto é, o Sul pensando o Sul — significa ganhar o máximo de autonomia dessa gigantesca mutação, identificar outros critérios de julgamento com relação àqueles que hoje dominam a cena, pensar outra gramática da pobreza e da riqueza, pensar a dignidade de outras formas de vida.

Começamos a pensar o Sul ali onde começa o mar; quando o litoral quebra a organicidade e a dura disciplina da terra; quando descobrimos que a fronteira não é um lugar onde o mundo termina, mas aquele onde os diferentes se tocam e a partida da relação com o outro se torna

difícil, arriscada, autêntica. Onde, ao contrário, a terra reina absoluta, impõe-se o fechamento nas próprias raízes, o imperialismo agressivo, o fundamentalismo.

O Mediterrâneo, lugar do Sul por excelência, não é apenas um mar do passado. Naquele encontro de mar e terra, que decerto não representa um idílio (os irreconstituíveis e sangrentos conflitos religiosos, geopolíticos e geoeconômicos são prova disso), residem recursos preciosos, úteis para contrastar uma modernidade desmedida. Trata-se de uma volta às origens, sobretudo mental, que possibilita apreciar com mais força o calor daquele mar entre as terras, tão central na história do mundo.

Em conclusão, nosso pensamento recorda os médicos de *A peste*, de Camus, os quais, em um mundo ensandecido, um mundo em que Deus se retirou em um enigmático e dilacerante silêncio, continuam em sua luta e a testemunhar sua solidariedade para com o próximo. Aqueles médicos são os melhores dos homens, os que transformam o sentimento de nossa fragilidade em uma batalha comum, os que não projetam o ódio nos outros homens, mas sabem transformá-lo em solidariedade.

#### REFERÊNCIAS

- CACCIARI, M. *Geofilosofia dell'Europa*. Milano: Adelphi, 1994.
- CAMUS, A. *La peste*. Milano: Bompiani, 2000.
- CASSANO, F. *Il pensiero meridiano*. Roma: Laterza, 2007.
- MALDONATO, M. *Raizes errantes*. Introdução de Edgar Morin. São Paulo: Ed. 34, 2004.
- MORIN, E.; KERN, A. B. *Terra patria*. Milano: Cortina, 1994.
- SCHMITT, C. *Il nomos della terra nel diritto internazionale dello "Jus publicum europaeum"*. Milano: Adelphi, 1991.



## Maldonado, Mauro\*

\* Médico y psiquiatra italiano. Profesor asociado de Psicología General de la Universidad de la Basilicata. Estudió en las universidades La Sapienza (Roma), Federico II (Nápoles), London School of Economics (Londres), École des Hautes Études (Paris). Ejerció como profesor visitante en varias instituciones, entre las que destaca la Pontificia Universidad Católica de Sao Paulo (PUC-SP), la Universidad de Sao Paulo (USP) y la Duke University (EEUU). Actualmente su investigación se dirige al estudio de la Conciencia, de la Psicología de la Decisión, sobre la investigación y las esferas cognitivas de la innovación. Es director del Cognitive Sciences Studies for the Research on Research Group, de la University (Durham, Carolina del Norte). Como autor y organizador de libros, produjo obras y artículos científicos traducidos al inglés, francés, portugués y español.

*Se cierra la cortina sobre la belle époque de la globalización, en medio a un clima de inquietudes, contradicciones, conflictos. Una época, en realidad, muy corta. De hecho, ha durado solamente una temporada la ilusión de una vía técnico-administrativa para el bienestar universal, de una movilización general de individuos y culturas rumbo a las «venturas» del modelo de vida occidental. En breve acto, fuimos testigos de la caída del socialismo real, del despedazamiento de los providencialismos secularizados, las ebriedades ideológicas sobre el ocaso de la política, hasta sobre el «fin de la historia».*

*Pero ¿era de hecho imaginable que el mundo sería conquistado, sin que se diera ni un único golpe, por un poder «desterritorializado», por una súper sociedad que domina todos los recursos financieros y los medios de información, por liderazgos políticos nacionales cada vez más dependientes de aquel poder? ¿Era imaginable una globalización de esa especie, que desarraiga diferencias de lugar y cultura o, a lo máximo, las tolera? ¿No hubiera sido ilusorio imaginar que la globalización pudiera realizarse sin dilaceraciones y fragmentaciones, cancelando las polaridades concretas, las individualidades históricas y culturales, los grandes espacios que se reconocen e identifican en una memoria y destino comunes?*

*La globalización en curso exige un espacio-tiempo único e indiferente. El «lugar», el «local», no son más que el punto en el que intereses e inversiones*

*bajan, inversiones e intereses contingentes y aleatorios: en una homologación abstracta y universal, ellos no tienen la menor posibilidad de «salvación». En verdad, la misma metáfora de lo global es altamente problemática. Efectivamente, la misma mitifica el hecho de que lo «local» se está transformando en un mero producto de lo global, a la vez que la individualidad del «lugar» sólo tiene sentido en grandes espacios concretos, históricamente definidos. Ningún lugar puede vivir sin poliarquía. Ningún nomos de la tierra, que no sea una lex mercatoria universal defendida por el poderío militar y predicado en nombre de derechos que ninguna jurisdicción internacional sanciona y defiende, podrá existir. Una globalización poliárquica y policéntrica parece ser, hoy, el único horizonte político capaz de dar un alma a la orden mundial que se encuentra ajustada por el doble movimiento de la despolitización universal y de la expansión de un derecho internacional a servicio de toda la injerencia o intervención militar, que hoy parece haber tomado el lugar del antiguo derecho fundamentado en pactos interestatales.*

*¿Un pensamiento renovado y libre puede dar a sí mismo otra misión — tal vez la más elevada — indicando la viabilidad y necesidad política, en escala planetaria, de una coexistencia, de un foedus entre grandes espacios culturales autónomos? La tarea teórica más alta y urgente actualmente es un pensamiento federativo capaz de medirse con los procesos de globalización, en*

*todos los niveles. No algún vago deber ser, sino aquel deber ser que existe en los momentos reales. La existencia de justicia no es un sueño, sino una realidad histórica, y no reconocerlo es, ante todo, un error político. Nunca existió y nunca existirá una ética de la responsabilidad sin la defensa de la reciprocidad y de la posibilidad del intercambio de las convicciones. Reducir todo, como se hace, para más allá de la retórica habitual, a choque de civilizaciones, a relaciones de fuerza, es puro irrealismo. Una vez más, son años cruciales y se vuelve urgente una decisión entre la desmedida universalista y la medida federalista.*

## El archipiélago

*La idea de poliarquía no es una globalización como occidentalización, ya que ninguna Nueva Orden de la Tierra nacerá espontáneamente de la occidentalización planetaria de las fuerzas y sistemas económicos. Tampoco se trata de una ideología opuesta y complementaria a esa, que podríamos definir de la disolución de la soberanía, pues ningún poder militar puede hoy encontrarse solo en el escenario internacional. La idea de la poliarquía está perfectamente presente en la metáfora del archipiélago y precisamente en la idea de coexistencia de los diferentes (nomoi, logoi etc.), que también es espacio simbólico, pues contiene en sí el mismo principio de conexión, en la ausencia de un principio unificador.*

*La disposición a ser solamente y totalmente uno, indistinto, indiferenciado, consiste en el rechazo a cualquier conexión. Archipiélago, al contrario, es inteligencia que divide y separa. El problema filosófico y político de la relación del uno y de los muchos se construye, precisamente, a partir de esa tensión para la comprensión de lo múltiple, de las diferencias. El pensamiento occidental educa y objetiva, a partir del presupuesto de que el fin es la armonización de los conflictos dentro de un «logos unitario» que posea los distintos en la unidad. La estrategia en que él mantiene unidos los distintos pasa por un análisis que los determina y define, precisamente, como procedimientos racionales, poniéndolos los unos contra los otros, dividiéndolos y construyendo a través de ese pasaje de comprensión separado y de sujeción, precisamente aquellas modalidades de logos unitario.*

*Actualmente nada permite predecir si ese pluralismo poliárquico podrá encontrar un espacio propio. El sistema económico-político dominante es articulado en su interior, utiliza un lenguaje complejo y está expuesto a enormes conflictos. Asimismo, las funciones de contención del sistema pueden chocarse con las del desarrollo. Además, los intereses de la comunidad empresarial en ampliar los mercados y restringir la competencia, exigen intervenciones de regulación que no pueden representarlos inmediatamente. Finalmente, las innovaciones en el ámbito de la investigación residen en un hiperespacio de la libertad de información que no coincide en lo más mínimo con los intereses oligárquicos dominantes. Se debe considerar atentamente todo esto y contra toda apología (positiva o negativa) del «paradigma único».*

*Queda el hecho incontestable de que el orden de estos factores diferentes (es decir, la jerarquía de estos diferentes factores), que actúa según un sentido y una vocación — que a fin de cuentas es la tendencia de la época a la unidad global — nunca se expresará en una reductio ad unum: es mucho más probable, inclusive, que ceda lugar a un holismo caótico, ya que la unidad global se basa en la reproducción constante de diferencias y desequilibrios.*

## Pensar el Sur

*Si embargo, si una reductio ad unum es imposible, se vuelve aún más necesario un pensamiento capaz de restituir al Sur su antigua dignidad de sujeto, rompiendo de esa manera la larga secuencia que lo vio como objeto del pensamiento ajeno. Pensar el Sur — es decir, el Sur pensando el Sur — significa ganar lo máximo de autonomía de esa gigantesca mutación, identificar otros criterios de juicio respecto a aquellos que hoy dominan la escena, pensar otra gramática de la pobreza y de la riqueza, pensar la dignidad de otras formas de vida.*

*Empezamos a pensar el Sur ahí donde empieza el mar; cuando el litoral rompe la organicidad y la dura disciplina de la tierra; cuando descubrimos que la frontera no es un lugar donde termina el mundo, sino donde los diferentes se tocan y la puesta en marcha de la relación con el otro se vuelve difícil, arriesgada, auténtica. Donde, al contrario, la tierra reina absoluta, el encierro en las mismas raíces se impone, el imperialismo agresivo, el fundamentalismo.*

*El Mediterráneo, lugar del Sur por excelencia, no es solamente un mar del pasado. En aquel encuentro de mar y tierra, que ciertamente no representa un idilio (los irreconstituibles y sangrientos conflictos religiosos, geopolíticos y geoeconómicos son una prueba de ello), residen recursos preciosos, útiles para contrastar una modernidad desmedida. Se trata de un regreso a los orígenes, sobre todo mental, que permite apreciar con más intensidad el calor de aquel mar entre las tierras, tan central en la historia del mundo.*

*Finalmente, nuestro pensamiento recuerda los médicos de La Peste, de Camus, quienes en un mundo enloquecido, en el que Dios se retiró en un enigmático y dilacerante silencio, siguen en su lucha y siendo testigos de su solidaridad para con el prójimo. Esos médicos son los mejores de los hombres, los que transforman el sentimiento de nuestra fragilidad en una batalla común, los que no proyectan el odio en los demás, sino que saben transformarlo en solidaridad.*

# Uma experiência transdisciplinar de auto-eco-organização de uma universidade do Sul

Martinez, Ana Cecília Espinosa\*

\* Doutora em Educação pela Universidade Nacional Estatal a Distância da Costa Rica. Mestre em Ciências da Educação com especialidade em investigação e docência, pela Universidade de Valle de México e licenciada em Contadoria pelo Centro de Estudos Universitários Arkos de Puerto Vallarta, Jalisco, México, onde é diretora acadêmica e dirige o projeto de Investigação-Ação Transdisciplinar Arkos. Criou e atualmente dirige o jornal *Gaceta Universitaria Visión Docente Con-Ciência*, o qual difunde trabalhos sobre transdisciplinaridade e educação. Conta com artigos publicados sobre transdisciplinaridade e complexidade para a educação superior.

Tomando como base a proposta de Morin (2010) “Para um pensamento do Sul” e de identificando-a como uma noção aberta também às contribuições plurais, culturais da civilização que não foram certificadas pela cultura hegemônica “do Norte” — que assume a vida como centrada no quadrimotor ciência-tecnologia-produção-lucro, no contexto da mundialização — considero essencial abordar a pergunta: quais das experiências inovadoras que se implementaram e/ou estão em andamento ilustram o pensamento e/ou as identidades do Sul? Pois a partir dela podemos identificar temas centrais que inspiram o pensamento do Sul e derivar questões prioritárias a serem tratadas pelo olhar do Sul em direção de uma política de civilização. Por isso, compartilho neste encontro uma experiência concreta que um dos *suis* que abriga a busca de uma formação que ponha em equilíbrio os vértices do triângulo da vida de D’Ambrosio (2007): indivíduo sociedade natureza e garanta a construção de um mundo melhor (MORIN, 2010).

O texto expõe a experiência do CEUArkos para implementar a transdisciplinaridade na universidade, assim como algumas das vivências e aprendizagens que se conseguem com tal experiência a partir de quatro grandes estratégias universitárias para a transdisciplinaridade e complexidade. A contribuição ao encontro “Para um Pensamento do Sul” se dá por meio da apresentação de uma experiência transdisciplinar real numa universidade concreta e no nível da escala global numa instituição; o CEUArkos, que por um período de cinco anos vem explorando e experimentando com os membros de sua comunidade (docentes, estudantes e diretores) as formas de orientar uma formação universitária disciplinar e uma transdisciplinar em todos os seus programas educativos.

## Contexto da pesquisa

O CEUArkos, localizado em Puerto Vallarta, Jalisco, México, foi fundado em 1990 como a primeira instituição de educação superior da cidade e sua zona de influência. Seus fundadores são educadores com muitos anos de experiência na formação de jovens e adultos no âmbito da educação pública popular. Trata-se de uma instituição de caráter privado, com reconhecimento oficial da Secretaria de Educação Pública que oferece programas de licenciatura nas seguintes áreas: Administração de Empresas Turísticas, Contabilidade, Direito, Ciências da Comunicação e Marketing. Contam com um total de 300 a 400 alunos matriculados, trabalhadores em sua maioria. A equipe docente conta com 50 professores que se caracterizam por serem também profissionais em exercício em diversas áreas do conhecimento. A universidade possui uma filosofia relacionada a uma perspectiva social e desenvolve uma prática educativa humanista, evidenciada em seu interesse por uma formação integral do indivíduo e sua filosofia "Educar é formar homens livres". Animada por esta visão, a direção do centro se interessou precocemente pela aproximação transdisciplinar.

## Estratégias para uma formação transdisciplinar na universidade

Durante as oficinas de pesquisa-ação criamos quatro grandes estratégias construídas com os atores da comunidade universitária para orientar o passo paradigmático em direção da transdisciplinaridade, a saber:

### Estratégia 1: oficinas de pesquisa-ação-formação transdisciplinar

A necessidade de superar a fragmentação do conhecimento e a formação no CEUArkos em nível institucional nos levou a considerar que era a concepção das práticas educativas e a forma em que elas são realizadas o que estava no centro (práticas às quais subjaz uma visão de mundo e realidade). Por esta razão, construir caminhos sobre como operacionalizar a transdisciplinaridade e a complexidade deveria realizar-se por meio de uma questão formulada em conjunto com os atores universitários. Para isso, era fundamental começar com a própria formação destes atores. Então, um de nossos principais obje-

tivos foi formar os professores e diretores nessas perspectivas, melhorando sua competência pedagógica e profissional. Com eles e com os estudantes buscamos criar e experimentar as práticas e estratégias transdisciplinares para a formação universitária. Realizamos esta tarefa a partir de oficinas de P-A (Pesquisa-Ação), as quais estavam enfocadas em identificar e experimentar os processos para uma formação mais integral a partir da visão transdisciplinar. Foi como abordamos as formas de traduzir a transdisciplinaridade e a complexidade com passos metodológicos, para então adaptá-los às práticas formativas do CEUArkos, fazendo o possível para liberá-las da fragmentação.

O objetivo é também encarnar as novas correntes pelos atores a partir de práticas de P-A reflexivas, onde cada um possa contribuir para com a concepção, construção e avaliação dos caminhos explorados (NICOLESCU, 1998), pois uma evolução tão importante como ir de uma lógica disciplinar a uma transdisciplinar na universidade não pode ser desenvolvida brusca e totalmente sem a participação dos atores e sob um esquema de transmissão que ignora a ação-pesquisa, pois querer compreender as novas perspectivas sem experimentá-las é uma contradição epistemológica.

As oficinas estão inspiradas nas propostas Ciret-Unesco, nos pilares da transdisciplinaridade, nos princípios da complexidade, nos trabalhos de Galvani (2007b) e Pineau (2007b), assim como em nossa proposta (ESPINOZA; TAMARIZ, 2001), nascida numa pesquisa anterior. As oficinas estão sendo realizadas desde o ano 2007 e a compõem diretores, professores e estudantes voluntários das diferentes esferas do CEUArkos.

a. Orientações pedagógicas para uma formação baseada em três níveis de realidade. As oficinas têm como orientação que os participantes possam desenvolver três tipos de aprendizagem ligados a três grandes dimensões ou níveis de realidade do sujeito (GALVANI, 2007b): vinculado ao Nível Teórico-Epistêmico, procura-se aprender a pensar mediante a pesquisa e por meio dos três pilares da transdisciplinaridade (NICOLESCU, 1998) e os sete princípios da complexidade (MORIN, 2005), tentando gerar um pensamento complexo; relacionado ao Nível Prático, enfatiza-se aprender a dialogar, distinguir e reconectar as disciplinas, assumir seus limites e complementos, procurar sua interação por meio do diálogo (aberto *versus* a discussão ou persuasão) e a exploração

coletiva; ligado ao Nível Ético ou Existencial (reintrodução das dimensões sensível e ética), trabalha-se com a perspectiva de aprender a aprender sobre o conhecimento de si mesmo, dos próprios preconceitos, condicionamentos sociais, históricos e pessoais de nossas crenças e certezas, nossa inspiração e vocação, afinidades, limites e possibilidades, mas também gerar reflexões sobre o conhecimento e o conhecimento do conhecimento. Estes três tipos de aprendizagem, interrelacionados ao mesmo tempo a três níveis de realidade de atuação do sujeito, constituem o que podemos denominar aprendizagens e formas de construção do conhecimento transdisciplinar para a formação universitária que exploramos no Projeto Arkos.

b. Processos das oficinas de P-A-formação transdisciplinar: Segundo nossa experiência, uma série de processos facilitaram o trabalho nas oficinas: a) Processos de sensibilização e familiarização direcionados à transdisciplinaridade e complexidade; b) Processos de identificação das perguntas de interesse dos participantes; c) Consolidação do grupo, processos de autoformação e coformação a partir de uma problemática comum que interesse a todos e é construída em duas mãos (DESROCHE, 1998); d) Processos de diálogo intersubjetivo para a abertura e religação dos saberes e das pessoas; e) Processos de exploração, apropriação e aprofundamento nos pilares transdisciplinar e princípios complexos — para aproximar-se a problemáticas vividas pelos atores e exercitar-se no manejo das ferramentas do pensamento complexo, pois se tornaram conscientes de que não estavam habituados a pensar complexamente; f) Processos de autorreflexão e reflexão sobre a inter-experiência; g) Processos de produção coletiva de saber, como a criação de diversas estratégias e cursos transdisciplinares para todas as licenciaturas, reconhecidos pelo Ministério de Educação Mexicano que representam o dízimo transdisciplinar proposto por Morin (2002).

### Estratégia 2: mesas redondas transdisciplinares

Essas mesas redondas constituem uma oportunidade para a práxis transdisciplinar ao constituir-se numa experiência para o diálogo intersubjetivo e para a reconexão dos saberes, devido a que retomam como eixos problemáticas que nos dizem respeito como seres humanos, parte de uma sociedade e de um meio, que são dialogadas em grupos transdisciplinares. Trata-se de

um espaço aberto e liberado para compartilhar, pensar e refletir de forma lúdica sobre os problemas sociais. As mesas redondas estão dirigidas a toda a comunidade Arkos e são abertas à cidadania. São um ponto de encontro para indivíduos, coletivos, organizações e instituições que procuramos incidir nos problemas de nossa comunidade com o desejo de fortalecer os laços para a vida coletiva. Trata-se também de abrir o diálogo à arte e aos saberes não disciplinares como os da experiência, do vivido fenomenologicamente, da compreensão intersubjetiva e intercultural (GALVANI, 2009b).

### Estratégia 3: seminários de tese transdisciplinares

Nos seminários trabalha-se com grupos mistos de estudantes de diferentes carreiras, os quais são acompanhados por uma equipe docente transdisciplinar (formada por membros das oficinas de P-A) que, respaldada pela transdisciplinaridade, apoia os estudantes no exercício de uma nova forma de pensamento (complexo) para abordar o trabalho de pesquisa e fazer sua tese de licenciatura. A dinâmica de trabalho está baseada na dialógica, na intersubjetividade e no cruzamento de saberes. É uma visão que permite apreciar e respeitar as contribuições de todos, a partir de um diálogo entre os participantes (de diferentes disciplinas) para abordar problemáticas (sociais, ambientais e humanas) em suas teses que emergem de sua relação com a comunidade e o meio no qual estão inscritos e para produzir um saber individual e coletivo sobre as mesmas que se gestam na colaboração e coparticipação. Com esta experiência transdisciplinar, observamos a aproximação dos universitários, mediante o estudo, a reflexão e a pesquisa, à problemáticas sociais, ambientais cotidianas que conhecem os estudantes e que os tocam pessoal ou familiarmente. Não se trata de problemas teóricos abstratos ou especializados que levantam a lógica interna da disciplina, mas de problemas enraizados na vida que exigem a vinculação e reconexão dos saberes disciplinares para abordar, elucidar, compreender e tratar as realidades complexas. A qualidade da implicação e a utilização de passos dialogados experimentados no seminário transdisciplinar outorga um matiz muito particular a estes trabalhos de tese. A dimensão meio-ambiental aparece com muito mais frequência e, sobre tudo, podemos encontrá-la em todas as disciplinas.

#### Estratégia 4: exercícios transdisciplinares nas aulas universitárias

Procurando despertar precocemente uma atitude transdisciplinar nas aulas, por meio de exercícios vivenciais e crítico-reflexivos sobre diversos campos de interesse transdisciplinar e complexo, os participantes construíram os Exercícios Transdisciplinares, que se baseiam no uso de saberes populares, como o círculo da palavra (CLASTRES, 1971), dinâmicas de diálogo (BOHM, 2004) e saberes artísticos, como teatro, poesia, fotografia, literatura e música, pois funcionam como sensibilizadores prévios à abordagem de temáticas transdisciplinares que são reflexionadas em grupos pequenos.

#### Em direção de uma ecologização dos saberes universitários

Embora haja um longo caminho a ser percorrido e construído no propósito de transitar a uma formação transdisciplinar no CEUArkos, com esta experiência temos a responsabilidade de informar que disciplinas aparentemente estrangeiras à educação sobre o meio-ambiente, como Direito, Contabilidade, Administração ou Comunicação, são ecologizantes a partir de uma postura transdisciplinar que põe em diálogo o conhecimento acadêmico com os saberes do meio social, os artísticos, populares, políticos, e introduz a preocupação meio-ambiental como uma dimensão ética na produção dos saberes universitários. A visão transdisciplinar tende, assim, a ecologizar os saberes: "Isto é, põe os saberes em diálogo com aqueles do ambiente e ao mesmo tempo introduz o ambiente como a maior preocupação os conhecimentos e das aprendizagens produzidas." (GALVANI, 2008b, p.4). Em outras palavras, a passagem de um paradigma disciplinar (técnico redutor-simplificador) a um paradigma complexo e transdisciplinar implica um questionamento crítico e autocrítico das diferentes disciplinas sobre os desequilíbrios ambientais.

#### REFERÊNCIAS

- BOHM, D. *On dialogue*. Londres: Routledge, 2004, p. 136.
- CLASTRES, P. *La société contre l'état*. Paris: Editions de Minuit, 1971.
- D'AMBROSIO, U. Concimient y valores humana. *Visión Docente Con-Ciencia*, Puerto Vallarta, v. 7, n. 35, p. 6-18, março/abr. 2007.
- DESROCHE, H. Les auteurs et les acteurs: la recherche coopérative comme recherche-action. *Communautés: archives de sciences sociales et de la coopération et du développement*, n. 59, p. 36-94, 1982.
- ESPINOSA MARTÍNEZ, A. C.; TAMARIZ, C. *Un modelo transdisciplinario de educación para la universidad*. 506 f. Tese (Mestrado) — Universidad de Valle de México, Santiago de Querétaro, México, 2001.
- GALVANI, P. Methodology. In: FOURTH WORLD UNIVERSITY RESEARCH GROUP. *The merging of knowledge: people in poverty and academics thinking together*. [S.I.]: university Press of America, 2007b, p. 9-30.
- GALVANI, P. *La transdisciplinariedad y la complejidad: una mirada que religa los saberes y la experiencia vivida*. Puerto Vallarta, 2009b. Conferencia dictada en el Centro de Estudios Universitarios Arkos para los Seminarios de Tesis Transdisciplinarios.
- GALVANI, P. Transdisciplinariedad y ecologización de los saberes: 1ª parte. *Visión Docente Con-Ciencia*, Puerto Vallarta, n. 40, 2008b, p. 4-13.
- MORIN, E. *La cabeza bien puesta: repensar la reforma, reformar el pensamiento*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002. 143 p.
- MORIN, E. *Introducción al pensamiento complejo*. Madri: Editorial Gedisa, 2005, 167 p.
- MORIN, E. *Para um pensamento do sul*. 2010. Mimeo grafado.
- NICOLESCU, B. *La transdisciplinariedad, una nueva visión del mundo: manifiesto*. Paris: Ediciones Du Rocher, 1998. 125 p.
- PINEAU, G. Knowledge: freeing knowledge!: life, school and action. In: FOURTH WORLD UNIVERSITY RESEARCH GROUP. *The merging of knowledge: people in poverty and academics thinking together*. [S.I.]: University Press of America, 2007b, p. 215-306.

# Una experiencia transdisciplinar de auto-eco-organización de una universidad del Sur

Martinez, Ana Cecília Espinosa\*

\* Doctora en Educación por la Universidad Nacional Estatal a Distancia de Costa Rica. Magister en Ciencias de la Educación con especialidad en investigación y docencia, por la Universidad del Valle de México y licenciada en Contaduría por el Centro de Estudios Universitarios Arkos de Puerto Vallarta, Jal, México, donde es Directora Académica y dirige el proyecto de Investigación-Acción Transdisciplinar Arkos. Creó y dirige en la actualidad la *Gaceta Universitaria Visión Docente Con-Ciencia* que difunde trabajo sobre transdisciplinariedad y educación. Tiene artículos publicados sobre transdisciplinariedad y complejidad para la educación superior.

*Tomando como base la propuesta por Morin (2010) «Para un pensamiento del Sur» y de identificarla como una noción abierta también a las aportaciones plurales, culturales de la civilización que no han sido acreditadas por la cultura hegemónica «del Norte» — que asume la vida como centrada en el cuatrimotor ciencia-tecnología-producción-ganancia, en el contexto de la mundialización —, considero clave abordar la pregunta: ¿Qué experiencias innovadoras que se implementaron y/o están en curso ilustran el pensamiento y/o las identidades del Sur? Puesto que a partir de ella podemos identificar temas centrales que inspiran el pensamiento del Sur y derivar cuestiones prioritarias a tratarse por la mirada del Sur hacia una política de civilización. De allí que comparto en este encuentro una experiencia concreta de uno de los sures que abriga la búsqueda de una formación que ponga en equilibrio los vértices del triángulo de la vida de D'Ambrosio (2007): individuo-sociedad-naturaleza y abone a la construcción un mundo mejor (MORIN, 2010).*

*El texto plantea la experiencia del CEUArkos para implementar La transdisciplinariedad en la universidad así como algunas de las vivencias y aprendizajes logrados con dicha experiencia a partir de cuatro grandes estrategias universitarias para la transdisciplinariedad y la complejidad. El aporte al encuentro «Para un pensamiento del Sur» está dado por la presentación de una experiencia transdisciplinaria real en una universidad concreta y a nivel de la escala global en una institución: el CEUArkos, que por espacio de cinco años ha venido explorando y experimentando con los miembros de su comunidad (docentes, estudiantes y directivos) las formas de orientar el paso de una formación universitaria disciplinaria a una transdisciplinaria en todos sus programas educativos.*

## Contexto de la investigación

*El CEUArkos, ubicado en Puerto Vallarta, Jalisco, México, nace en 1990 como la primera institución de educación superior de la ciudad y su zona de influencia.*



Fue fundada por educadores con muchos años de experiencia en la formación de jóvenes y adultos en el ámbito de la educación pública popular. Se trata de una institución de carácter privado, con reconocimiento oficial de la Secretaría de Educación Pública que ofrece programas de licenciatura en las siguientes áreas: Administración de Empresas Turísticas, Contaduría, Derecho, Ciencias de la Comunicación, y Mercadotecnia. De 300 a 400 alumnos estudian allí, la mayoría son personas que trabajan. La plana docente cuenta con 50 profesores que se distinguen por ser además, profesionales en ejercicio en las diversas áreas del conocimiento. La universidad posee una filosofía relacionada con una perspectiva social y desarrolla una práctica educativa humanista, evidenciada en su interés por una formación integral del individuo y su filosofía «Educar es formar hombres libres». Animada por esa visión, la dirección del centro se interesó muy temprano por la aproximación transdisciplinaria.

## Estrategias para una formación transdisciplinaria en la universidad

*Durante los talleres de investigación-acción creamos cuatro grandes estrategias construidas con los actores de la comunidad universitaria para orientar el paso paradigmático hacia la transdisciplinaria, a saber:*

### Estrategia 1: talleres de investigación-acción-formación transdisciplinaria

*La necesidad de superar la fragmentación del conocimiento y la formación en el CEUArkos a escala institucional, nos llevó a considerar que era la concepción de las prácticas educativas y la forma en que éstas son llevadas a cabo lo que estaba en El centro (prácticas a las que subyace una visión de mundo y realidad), por lo que construir caminos sobre cómo operacionalizar la transdisciplinaria y la complejidad debía darse a través de una indagación conjunta con los actores universitarios. Para ello era básico iniciar con la propia formación de dichos actores. Es así que uno de los principales propósitos fue formar a los profesores y directivos en estas perspectivas, mejorando su competencia pedagógica y profesional. Con ellos y con los estudiantes hemos buscado crear y experimentar, las prácticas y estrategias transdisciplinarias para la formación universitaria. Esta tarea la realizamos a partir de talleres de I-A centrados en identificar y experimentar los procesos para una*

*formación más integral a partir de la visión transdisciplinaria. Es allí que abordamos cómo traducir a pasos metodológicos la transdisciplinaria y la complejidad para adaptarlos a las prácticas formativas del CEUArkos, intentando liberarlas de la fragmentación.*

*El objetivo es también encarnar las nuevas corrientes por los actores a partir de prácticas de I-A reflexivas donde cada uno contribuya a la concepción, construcción y evaluación de los caminos explorados (NICOLESCU, 1998), pues una evolución tan importante como ir de una lógica disciplinaria a una transdisciplinaria en la universidad no puede desarrollarse brusca y totalmente, sin la participación de los actores y bajo un esquema de sólo transmisión y no de acción-investigación pues querer comprender las nuevas perspectivas sin experimentarlas es una contradicción epistemológica.*

*Los talleres están inspirados en las propuestas Ciret-Unesco, en los pilares de La transdisciplinaria, principios de la complejidad, trabajos de Galvani (2007b) y Pineau (2007b), así como nuestra propia propuesta (ESPINOSA; TAMARIZ, 2001), nacida en una investigación anterior. Los talleres se han dado desde el año 2007, están compuestos de directivos, profesores y estudiantes voluntarios de las diferentes esferas del CEUArkos.*

*a. Orientaciones pedagógicas para una formación basada en tres niveles de realidad. Los talleres están orientados a que los participantes desarrollen tres tipos de aprendizaje ligados a tres grandes dimensiones o niveles de realidad del sujeto (GALVANI, 2007b): vinculado al Nivel Teórico-Epistémico, se busca aprender a pensar, mediante la investigación y a través de los tres pilares de la transdisciplinaria (NICOLESCU, 1998) y los siete principios de la complejidad (MORIN, 2005), intentando generar un pensamiento complejo; relacionado al nivel práctico se enfatiza aprender a dialogar, distinguir y reconectar las disciplinas, asumir sus límites y complementos, buscar su interacción a través del diálogo (abierto versus la discusión o la persuasión) y la exploración colectiva; ligado al nivel ético o existencial (reintroducción de las dimensiones sensible y ética), se trabaja con la perspectiva de aprender a aprender sobre el conocimiento de sí mismo, de los propios prejuicios, condicionamientos sociales, históricos y personales de nuestras creencias y certezas, nuestra inspiración y vocación, afinidades, límites y posibilidades, pero también generar reflexiones sobre el conocimiento y el conocimiento del conocimiento. Estos tres tipos de aprendizaje, inter-relacionados a su vez a tres niveles de realidad del actuar del sujeto, constituyen lo que podemos denominar los*

*aprendizajes y formas de construcción del conocimiento transdisciplinar para la formación universitaria que exploramos en el Proyecto Arkos.*

*b. Procesos de los talleres de I-A-formación transdisciplinar: En nuestra experiencia, una serie de procesos han facilitado el trabajo en los talleres: a) Procesos de sensibilización y familiarización hacia la transdisciplinariedad y la complejidad; b) Procesos de identificación de las preguntas de interés de los participantes; c) Consolidación del grupo, por procesos de auto-formación y co-formación a partir de una problemática común que atañe a todos y es co-construida (DESROCHE, 1998); d) Procesos de diálogo intersubjetivo para la apertura y religación de los saberes y las personas; e) Procesos de exploración, apropiación y profundización en los pilares transdisciplinares y principios complejos — para aproximarse a problemáticas vividas por los actores y ejercitarse en el manejo de las herramientas del pensamiento complejo, pues se volvieron conscientes de que no estaban habituados a pensar complejamente; f) Procesos de auto-reflexión y reflexión sobre la inter-experiencia; g) Procesos de producción colectiva de saber, como la creación de diversas estrategias y cursos transdisciplinarios para todas las licenciaturas reconocidos por el Ministerio de Educación Mexicano que representan el diezmo transdisciplinario planteado por Morin (2002).*

### **Estrategia 2: mesas redondas transdisciplinarias**

*Estas mesas redondas constituyen una oportunidad para la praxis transdisciplinaria al devenir en una experiencia para el diálogo intersubjetivo y la reconexión de saberes dado que retoman como eje problemáticas que nos atañen como seres humanos, parte de una sociedad y un medio, que son dialogadas en grupos transdisciplinarios. Se trata de un espacio abierto y liberado para compartir, reflexionar y reflejar de manera lúdica los problemas sociales. Las mesas redondas están dirigidas a toda la comunidad Arkos y son abiertas a la ciudadanía. Son un punto de encuentro para individuos, colectivos, organizaciones e instituciones que buscamos incidir en los problemas de nuestra comunidad y anhelamos fortalecer los lazos para la vida colectiva. Se trata también de abrir el diálogo al arte y los saberes no disciplinarios como los de la experiencia, de lo vivido fenomenológicamente, de la comprensión intersubjetiva e intercultural (GALVANI, 2009b).*

### **Estrategia 3: seminarios de tesis transdisciplinarios**

*Los seminarios se trabajan con grupos mixtos de estudiantes de las diferentes carreras y son acompañados por un equipo docente transdisciplinar (conformado por miembros de los talleres de I-A) que sustentado en la transdisciplinariedad, apoya a los estudiantes para ejercitarse en una nueva forma de pensamiento (complejo) para abordar el trabajo de investigación y hacer sus tesis de licenciatura. La dinámica de trabajo está basada en la dialógica, en la intersubjetividad y el cruce de saberes. Es una visión que permite apreciar y respetar las aportaciones de todos, a partir de un diálogo entre los participantes (de diferentes disciplinas) para abordar problemáticas (sociales, ambientales y humanas) en sus tesis que emergen de su relación con la comunidad y el medio en que están inscritos y para producir un saber individual y colectivo sobre las mismas que se gestan en la colaboración y la co-participación. Con esta experiencia transdisciplinaria, vemos a los universitarios aproximarse mediante el estudio, la reflexión y la investigación, a problemáticas que salen del dominio de los campos técnicos de las licenciaturas, que reconocen la riqueza y complejidad de la realidad. Las investigaciones se arraigan en las problemáticas sociales, ambientales cotidianas que conocen los estudiantes y que los tocan personalmente o familiarmente. No se trata ya, de problemas teóricos abstractos o especializados que levantan la lógica interna de la disciplina sino*

*de problemas arraigados en la vida que demandan la vinculación y reconexión de los saberes disciplinarios para abordar, elucidar, comprender y tratar las realidades complejas. La cualidad de la implicación y la utilización de pasos dialogados experimentados en el seminario transdisciplinar otorga un matiz muy particular a estos trabajos de tesis. La dimensión medioambiental aparece con mucho más frecuencia y sobre todo, la encontramos en todas las disciplinas.*

#### **Estrategia 4: ejercicios transdisciplinarios en las aulas universitarias**

*Buscando despertar tempranamente una actitud transdisciplinaria en las aulas a través de ejercicios vivenciales y crítico reflexivos sobre diversos campos de interés transdisciplinar y complejo, los participantes construyeron los ejercicios transdisciplinarios, que se apoyan en el uso de saberes populares, como el círculo de la palabra (CLASTRES, 1971), dinámicas de diálogo (BOHM, 2004) y saberes artísticos (como teatro, poesía, fotografía, literatura, música), pues fungen como sensibilizadores previos al abordaje de temáticas transdisciplinarias que son reflexionadas en grupos pequeños.*

#### **Hacia una ecologización de los saberes universitarios**

*Aunque hay un largo camino por recorrer y construir en el propósito de transitar hacia una formación transdisciplinaria en el CEUArkos, con esta experiencia nos toca advertir que disciplinas aparentemente extranjeras a la educación sobre el medio ambiente como el derecho, la contabilidad, la administración, o la comunicación, son ecologizantes a partir de una postura transdisciplinaria que pone en diálogo el conocimiento académico con los saberes del medio social, los artísticos, populares, políticos e introduce la preocupación medioambiental como una dimensión ética en la producción de los saberes universitarios. La visión transdisciplinaria tiende así a ecologizar los saberes: «Es decir, pone los saberes en diálogo con aquellos del medio ambiente, a la vez que introduce el medio ambiente como la preocupación mayor de los conocimientos y los aprendizajes producidos.» (GALVANI, 2008b, p. 4). En otras palabras, el paso de un paradigma disciplinario (técnico reductor-simplificante) a un paradigma complejo y transdisciplinario implica un cuestionamiento crítico y autocrítico de las diferentes disciplinas sobre los desequilibrios ambientales.*

# Contribuição dos estudos “descoloniais” para os desafios propostos por Edgar Morin para a organização do pensamento do Sul

Martins, Paulo Henrique\*

\* Professor-titular de Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), membro da Associação Mauss (Moviment Anti-Utilitariste dans les Sciences Sociales), com sede na França. Vice-presidente da Associação Latino-Americana de Sociologia (Alas) e presidente do Comitê Brasileiro da Alas Recife 2011.

As reflexões de Edgar Morin relativas à organização de um pensamento do Sul enfatizam a necessidade de se recusar a redução do complexo a um dos seus elementos e a disjunção que separa ideias aparentemente antagônicas, mas que são, de fato, complementares. Tais comentários colocam várias possibilidades de exploração teórica para que avancemos na construção do diálogo entre Sul e Norte, que, no fundo, é o diálogo entre várias modernidades e campos diferenciados de pensamento e ação.

Considerando que o texto de Morin abre um vasto leque de reflexões, decidimos explorar um foco particular sugerido pelo autor, a saber, que o pensamento do Sul deveria conciliar “o sentido da diversidade concreta da natureza expressa pelos deuses dos politeísmos antigos, principalmente o grego e o latino, assim como o sentido da unidade do universo que o Deus único exprime”. No nosso entender, os estudos pós-coloniais, surgidos nas sociedades que se libertaram parcialmente da colonização planetária e, sobretudo, os estudos “descoloniais”, que radicalizam a crítica ao progresso econômico com vistas ao resgate do diverso e do ausente, podem ser de muito valor para se aprofundar este debate de integração da diversidade na unidade que impede a fragmentação cultural.

Assim, me parece interessante começar nossa reflexão com uma pergunta: que grau de interação existe entre os chamados estudos pós-coloniais, que questionam a modernidade eurocêntrica e que buscam organizar um pensamento do Sul, e a crítica antiu-

tilitarista complexa formulada por Edgar Morin, que permite avançar na crítica da modernidade desde o Norte?

Uma primeira resposta a essa pergunta é a constatação de que o reconhecimento de lugares diversos de produção da crítica teórica — crítica desde o Norte e desde o Sul — já constitui, em si mesmo, o reflexo dos deslocamentos das fronteiras nacionais modernas. Se essas, anteriormente, eram fundadas na ideia do universalismo do Estado nacional, agora, tais fronteiras se abrem para a diversidade e para o surgimento de territórios transnacionais, que contribuem para tornar os territórios nacionais mais complexos do ponto de vista linguístico, cultural, social, econômico, político e jurídico. Nessa perspectiva, a busca de novos nexos entre Norte e Sul não significa que as antigas fronteiras nacionais estejam borradas, mas que elas agora são atravessadas, no pensamento e na prática, por zonas de contato intermediárias que favorecem o surgimento de entendimentos plurais da realidade, desenhando uma configuração de poder plural e diversificada.

Assim, não é mais problema o reconhecimento das diversidades de experiências intelectuais em cada lado das fronteiras, pois tais diversidades estão condicionadas por experiências cognitivas e práticas que revelam diferentes experiências culturais, históricas e políticas. Assim, se no Sul o pensamento “descolonial” interroga as teorias pós-coloniais tradicionais, prisioneiras da ideologia do desenvolvimento, como a teoria estruturalista cepalina e a teoria da dependência, no Norte há outros marcos interpretativos a interrogar como, por exemplo, as críticas às teses reducionistas e utilitaristas que inspiraram o desenvolvimento do capitalismo e das ideologias mercantilistas como o neoliberalismo.

Nossa reflexão neste texto se baseia, então, em duas teses complementares: uma epistemológica e outra epistêmica. A epistemológica propõe fazer uma conexão estreita entre os estudos pós-coloniais e “descoloniais” — que objetivam revalorizar as tradições, lutas e possibilidades sócio-históricas das sociedades do Sul —, e os estudos antiutilitaristas e da complexidade do Norte, que criticam os reducionismos teóricos, os moralismos travestidos de universalismos éticos, assim como as ações depredadoras voltadas para a mercantilização do mundo. Assim, não se pode falar de crítica “descolonial” na América Latina sem referência a uma série de esforços de renovação teórica que apontam

para a diversidade de saberes propostos por Morin, como aqueles dos *postcolonial studies*, dos *subaltern studies*, dos *gender studies*, ou sem revisar Marx. Ou seja, o avanço da teoria crítica num lado, o do Sul, se faz em paralelo às mudanças da teoria no outro lado, no Norte.

Segundo nossa hipótese, os giros epistemológicos em curso têm origens diversas definidas pela colonização, mas articuladas por uma globalização que é produzida nos espaços da política e da tradução cultural e linguística que se formatam desde as origens da modernidade europeia. No Sul, o giro é conduzido desde a práxis anticolonial e desde a crítica pós-colonial, que nasceu da reação contra a subalternidade hierárquica colonial; no Norte, o giro é produzido desde o avanço da crítica antiutilitarista e antirreducionista, sobretudo sociológica, que passa a interrogar a subalternidade não somente a partir da exploração econômica, mas também a partir dos fatores culturais e morais, como o provam as teorias da complexidade, do dom e do reconhecimento, nos últimos anos.

A tese epistêmica, por sua vez, sugere que o avanço simultâneo da crítica teórica nas três últimas décadas, no Sul e no Norte, é produzido por deslocamentos progressivos e cada vez mais acelerados do imaginário da modernidade, passando-se gradualmente de um olhar eurocêntrico para outro, “mundialocêntrico”. A tese epistêmica propõe que a modernidade é um discurso que se gera, desde suas origens, por rupturas e deslocamentos entre as representações do passado e do futuro, desde o Leste e o Oeste, e entre imaginários diversos da colonização, que constituem importantes zonas linguísticas de contato no momento presente. Cada imaginário aponta para uma equação híbrida, como são os casos de latinização, indianização, ocidentalização, orientalização, modernização, entre outros. Eles apontam sempre para deslocamentos epistêmicos que permitem se entender Norte e Sul como metáforas de uma mesma coisa, que envolve as duas regiões de construção da colonialidade na modernidade. Isso significa que há uma articulação permanente entre os produtores do conhecimento das duas regiões, articulação que se expande progressivamente na conjuntura global com a ampliação de interioridades e exterioridades, permitindo novas visibilidades teóricas nos espaços de produção da liberdade entre os ex-colonizados.

A produção teórica pós-colonial e “descolonial” na Europa (Fanon, Memmi etc.), na América Latina

(Quijano, Escobar, Dussel, Lander etc.) na Ásia (Spivak, Chatterjee, Chakrabarty etc.) contribuem para provar que as duas regiões do conhecimento e do poder das modernidades planetárias conhecem ontologias diversas, mas articuladas por traduções e tradutores, por meio das várias fronteiras históricas, políticas, simbólicas e epistemológicas, inter e transculturais. Nesse sentido, é necessário esclarecer que Norte e Sul não são somente pontos geográficos, administrativos, jurídicos e políticos, mas também, lugares de produção do conhecimento e de imaginários sociais e culturais diversos que se movem em paralelo. Suas cartografias de poder e de saber são redimensionadas desde as tensões e conflitos que nascem nas fronteiras compartilhadas do imaginário eurocêntrico com os imaginários próprios da Ásia, da África e da América Latina.

A valorização dos espaços de conhecimento transnacionais que envolvem os dois campos imaginários, ou melhor, os dois lados das fronteiras do imaginário da mundialização, aqueles situados desde dentro e desde fora, desloca a relação tradicional espaço-tempo que inspirou a cartografia da colonização e dos territórios dos Estados nacionais. Essa antiga cartografia da colonização foi produzida por um saber colonizador organizado a partir das forças da burguesia e do Cristianismo e que valorizou a ideologia do progresso, da mercantilização e da expropriação. Com a crítica "descolonial" produzida desde as exterioridades esse marco tradicional é interrogado, o que provoca o nascimento de outro marco espacial-temporal que se impõe sem eliminar o antigo. Consequentemente, são criados novos territórios transnacionais de organização das experiências da vida cotidiana e novas modalidades de ação coletiva e da política.

A superação dessas fronteiras nacionais modernas está contribuindo para mudar as noções de espaço e tempo, permitindo integrar novos horizontes cognitivos e emocionais na produção das experiências individuais e coletivas, de gênero, de etnias, de sexualidade, entre outras. Assim, é interessante observar que, a partir do olhar europeu, ser homem e branco implica enorme diferença na constituição das hierarquias de respeitabilidade em nível mundial. Mas, hoje, ser negro, mulher ou aimara deixa de ser símbolo de arcaísmo ou inferioridade cultural para significar o valor das distinções, da revalorização do diferente, o que é fundamental para a expansão de um novo humanismo que, como sugere Morin, se afirme pela consciência do pertencimento a uma mesma comunidade de destino. Ou seja, as manifestações de exterioridades mudam as representações do mundo desde fora e desde dentro.

Por consequência, a sombra do "bárbaro" passa a questionar diretamente a dominação colonial, simultaneamente desde o Sul e desde o Norte. Pois se, por um lado, temos a emergência dos movimentos indígenas, por exemplo, como prova da afirmação dos novos territórios de produção de movimentos sociais e culturais inéditos no Sul, temos também que reconhecer que no Norte há em curso mudanças importantes sobre a vida política, social e cultural, como demonstram as reações dos imigrantes e das grandes mobilizações coletivas urbanas nas grandes cidades.

Para concluir, gostaríamos de dizer que se o pensamento do Sul é "solicitado a reproblematicar a sabedoria" como propõe Morin, então é importante que essa reproblematicação não se faça de costas para o Norte, mas em diálogo compreensivo e complexo que respeite as diversidades e promova as dignidades.

# Aporte de los estudios «descoloniales» para los desafíos propuestos por Edgar Morin para la organización del pensamiento del Sur

Martins, Paulo Henrique\*

\* Profesor titular de Sociología de la Universidad Federal de Pernambuco (UFPE), miembro de la Asociación Mauss (Moviment Anti-Utilitariste dans les Sciences Sociales), con sede en Francia. Vicepresidente de la Asociación Latinoamericana de Sociología (Alas) y presidente del Comité Brasileño de Alas Recife 2011.

*Las reflexiones de Edgar Morin relacionadas con la organización de un pensamiento del Sur dan énfasis a la necesidad de rechazar la reducción de lo complejo a uno de sus elementos y a la disyunción que separa ideas aparentemente antagónicas, pero que son, de hecho, complementarias. Dichos comentarios conducen a varias posibilidades de exploración teórica para que nos sea posible avanzar en la construcción del diálogo entre Sur y Norte, el que, en el fondo, es el diálogo entre varias modernidades y campos diferenciados de pensamiento y acción.*

*Considerando que el texto de Morin abre un amplio abanico de reflexiones, decidimos explorar un tema particular que sugiere el autor, el de que el pensamiento del Sur debería conciliar «el sentido de la diversidad concreta de la naturaleza expresa por los dioses de los politeísmos antiguos, principalmente el griego y el latino, así como el sentido de la unidad del universo que el Único Dios manifiesta». Según entendemos, los estudios poscoloniales que surgieron en las sociedades liberas parcialmente de la colonización planetaria y, sobre todo, los estudios «descoloniales», que radicalizan la crítica al progreso económico con la finalidad de rescatar lo diverso y lo ausente, pueden ser muy valiosos para la profundización de este debate de integración de la diversidad en la unidad que impide la fragmentación cultural.*

*De esta manera, me parece interesante dar inicio a nuestra reflexión con una pregunta: ¿Qué nivel de interacción existe entre los denominados estudios poscoloniales, que cuestionan la modernidad eurocéntrica y buscan organizar un pensamiento del Sur, y la crítica antiutilitarista compleja que formula Edgar Morin y que permite avanzar en la crítica de la modernidad desde el Norte?*

*Una primera respuesta a esta cuestión es la constatación de que el reconocimiento de lugares diversos de producción de la crítica teórica — crítica desde el Norte y desde el Sur — ya constituye en sí mismo el reflejo de los desplazamientos de las fronteras nacionales modernas. Si éstas se fundamentaban anteriormente en la idea del universalismo del Estado nacional, ahora, tales fronteras se abren a la diversidad y al surgimiento de territorios transnacionales que aportan para convertir los territorios nacionales más complejos del punto de vista lingüístico, cultural, social, económico, político y jurídico. En esta perspectiva, la búsqueda*

*de nuevos nexos entre Norte y Sur no significa que las antiguas fronteras nacionales se borran, sino que ahora las cruzan, en el pensamiento y en la práctica, zonas de contacto intermediarias que permiten el surgimiento de entendimientos plurales de la realidad, trazando una configuración de poder plural y diversificado.*

*Así, ya no es un problema el reconocimiento de las diversidades de experiencias intelectuales en cada lado de las fronteras, pues dichas diversidades están condicionadas por experiencias cognitivas y prácticas que revelan diferentes experiencias culturales, históricas y políticas. Entonces, si en el Sur el pensamiento «descolonial» cuestiona las teorías poscoloniales tradicionales, prisioneras de la ideología del desarrollo, como la teoría estructuralista cepalina y la teoría de la dependencia, en el Norte hay otros marcos interpretativos que cuestionar, como por ejemplo, las críticas a las tesis reduccionistas y utilitaristas que inspiraron el desarrollo del capitalismo y de las ideologías mercantilistas, como el neoliberalismo.*

*Nuestra reflexión en este texto se basa, entonces, en dos tesis complementarias: una epistemológica y otra epistémica. La epistemológica propone hacer una conexión estrecha entre los estudios poscoloniales y «descoloniales» — que tienen como finalidad revalorar las tradiciones, luchas y posibilidades socio-históricas de las sociedades del Sur — y los estudios antiutilitaristas y de la complejidad del Norte, que critican los reduccionismos teóricos, los moralismos travestidos de universalismos éticos y las acciones depredadoras dirigidas a la mercantilización del mundo. No se puede, entonces, mencionar una crítica «descolonial» en Latinoamérica sin referencia a una serie de esfuerzos de renovación teórica que apuntan a la diversidad de saberes planteados por Morin, como aquellos de los postcolonial studies, de los subaltern studies, de los gender studies, o incluso sin revisar a Marx. Es decir, el avance de la teoría crítica por un lado, el del Sur, se hace paralelamente a los cambios de la teoría en el otro lado, en el Norte.*

*Conforme a nuestra hipótesis, los giros epistemológicos en curso tienen orígenes diversos definidos por la colonización, pero articulados por una globalización que se produce en los espacios de la política y de la traducción cultural y lingüística que se formatean desde los orígenes de la modernidad europea. En el Sur, el giro se conduce desde la praxis anticolonial y desde la crítica poscolonial, que nació de la reacción en contra de la subalternidad jerárquica colonial; en el Norte, el giro se produce desde el avance de la*

*crítica antiutilitarista y antirreduccionista, sobre todo sociológica, que pasa a cuestionar la subalternidad no solamente a partir de la exploración económica, sino también a partir de los factores culturales y morales, como lo prueban las teorías de la complejidad, del don y del reconocimiento en los últimos años.*

*La tesis epistémica, por su vez, sugiere que el avance simultáneo de la crítica teórica en las tres últimas décadas, en el Sur y en el Norte, se produce por desplazamientos progresivos y cada vez más acelerados del imaginario de la modernidad, pasándose gradualmente de una mirada eurocéntrica a otra, «mundialocéntrica». La tesis epistémica plantea que la modernidad es un discurso que se genera, desde sus orígenes, por rupturas y desplazamientos entre las representaciones del pasado y del futuro, desde el Este y el Oeste, y entre diversos imaginarios de la colonización que constituyen importantes zonas lingüísticas de contacto en el momento presente. Cada imaginario señala una ecuación híbrida, como son los casos de la latinización, indigenización, occidentalización, orientalización, modernización, y muchos otros. Los mismos señalan siempre dislocamientos epistémicos que permiten el entendimiento de Norte y Sur como metáforas de una misma cosa, que involucra las dos regiones de construcción de la colonialidad en la modernidad. Esto significa que existe articulación y que la misma es permanente entre los productores del conocimiento de las dos regiones, articulación que se expande progresivamente en la coyuntura global con la ampliación con la ampliación de interioridades y exterioridades, permitiendo nuevas visibilidades teóricas en los espacios de producción de la libertad entre los ex colonizados.*

*La producción teórica poscolonial y «descolonial» en Europa (Fanon, Memmi etc.), en Latinoamérica (Quijano, Escobar, Dussel, Lander etc.), en Asia (Spivak, Chatterjee, Chakrabarty etc.) contribuyen para probar que las dos regiones del conocimiento y del poder de las modernidades planetarias conocen ontologías diversas, pero articuladas por traducciones y traductores, por medio de las muchas fronteras históricas, políticas, simbólicas y epistemológicas, inter y transculturales. En este sentido, es necesario aclarar que Norte y Sur no son solamente puntos geográficos, administrativos, jurídicos y políticos, sino también lugares de producción del conocimiento y de imaginarios sociales y culturales diversos que se mueven paralelamente. Sus cartografías de poder y de saber son redimensionadas desde las tensiones y conflictos que nacen en las*



*fronteras compartidas del imaginario eurocéntrico con los imaginarios propios de Asia, de África y de América Latina.*

*La valoración de los espacios de conocimiento transnacionales que involucran los dos campos imaginarios, es decir, los dos lados de las fronteras del imaginario de la mundialización, aquellos situados desde adentro y desde afuera, disloca la relación tradicional espacio-tiempo que inspiró la cartografía de la colonización y de los territorios de los Estados nacionales. Esta antigua cartografía de la colonización se produjo por un saber colonizador organizado a partir de fuerzas de la burguesía y del Cristianismo y que valoró la ideología del progreso, de la mercantilización y de la expropiación. Con la crítica «descolonial» producida desde las exterioridades, se cuestiona ese marco tradicional, lo que hace surgir otro marco espacial-temporal, que se impone sin eliminar al anterior. Como consecuencia, se crean nuevos territorios transnacionales de organización de las experiencias de la vida cotidiana y nuevas modalidades de acción colectiva y de la política.*

*La superación de dichas fronteras nacionales modernas está contribuyendo para cambiar las nociones de espacio y tiempo, permitiendo integrar nuevos horizontes cognitivos y emocionales en la producción de las experiencias individuales y colectivas, de género, etnias, sexualidad, y otras. Es interesante observar que a partir de la mirada europea, ser hombre y blanco implica enorme diferencia en la constitución de las jerarquías de respetabilidad a nivel mundial. Pero hoy, ser negro, mujer o aimara deja de ser símbolo de arcaísmo o inferioridad cultural y pasa a significar el valor de las distinciones, de la revaloración de lo diferente, lo que es fundamental para la expansión de un nuevo humanismo que, como lo sugiere Morin, se afirme por el sentimiento de pertenencia a una misma comunidad de destino. Es decir, las manifestaciones de exterioridades cambian las representaciones del mundo desde afuera y desde adentro.*

*Como consecuencia, la sombra del «bárbaro» pasa a cuestionar directamente la dominación colonial, simultáneamente desde el Sur y desde el Norte. Si por un lado se nos presenta la emergencia de los movimientos indígenas, por ejemplo, como prueba de la afirmación de los nuevos territorios de producción de movimientos sociales y culturales inéditos en el Sur, debemos reconocer de la misma manera que en el Norte hay importantes cambios en curso sobre la vida política, social y cultural, como lo demuestran las reacciones de los inmigrantes y de las grandes movilizaciones colectivas urbanas en las grandes ciudades.*

*Para concluir, quisieramos plantear que si el pensamiento del Sur es «solicitado a re-problematizar la sabiduría», como lo propone Morin, es importante, desde luego, que esa re-problematización no se ejecute de espaldas al Norte, sino en un diálogo comprensivo y complejo que respete las diversidades y promueva las dignidades.*

Aporte de los estudios «descoloniales» para los desafíos propuestos por Edgar Morin para la organización del pensamiento del Sur

# Leonardo e Anderson: encontro entre os Alpes Suíços e a Floresta Amazônica

Medeiros, Claudia Santos de\*

\* Mestre em Educação Brasileira pela PUC-Rio, com a dissertação "Profissionais de Saúde, Lazer, Cultura e Educação que trabalham com a Educação Infantil: práticas e concepções de infância" (2009). Especialista em Educação Infantil, também pela PUC-Rio, pedagoga, atualmente é assessora-técnica da Gerência de Educação e Ação Social (GEA) do Departamento Nacional do SESC, atuando principalmente na formação de professores de Educação Infantil das escolas do SESC em quase todos os estados do Brasil.

Foi Leonardo Da Vinci que, em 1510, subiu os Alpes Suíços e encontrou fósseis de seres do mar. Uma das explicações disponíveis para tal fenômeno, na época, dada pela Igreja, é que Noé jogara-os de sua arca, durante o grande Dilúvio. Hoje, estudiosos afirmam que os Alpes foram o fundo de um mar, cujo nome não me lembro agora, mas que subiu por causa de um choque da África com a Europa. E dividiu-se o continente europeu em Norte e Sul. "Culpa" dos Alpes.

Desde Leonardo, homem do Sul (da Europa), os mistérios do mundo também habitam os lados de baixo. E há gente do Sul que acende a centelha do saber, que habita as fronteiras. Há temas que inspiram o pensamento e a ação do homem, de qualquer lado do planeta. E, como Morin nos lembra que os lados mudam de direção, eu, daqui de outro Sul, o Brasil, não posso deixar de encontrar em DaMatta (outro homem do Sul) uma explicação singela para tanta "fronteirice": espaço e tempo são construções sociais. E não se pode falar de espaço sem falar de tempo.

Houve tempo em que o homem esteve mais em moda, potente, másculo, racional, ocupando os espaços com sua "lógica cultural" (DAMATTA, 1985). Walter Benjamin (1996) já nos dizia que nos identificamos com os vencedores, mas a história empilha os cadáveres dos nossos, dos vencidos. Quem somos nós, os do Sul, mas que se veem pelos olhos do Norte? Hoje, parece que tanta potência está resultando em problemas, com os quais se torna difícil reconhecer-nos nesse homem, e nossos caminhos parecem por vezes sem direção.

Morin, de certa forma, nos convida a subir aos Alpes com Leonardo, trazendo algumas coisas que nos permitam ver além dos fósseis "lançados por Noé". E o que seria subir aos Alpes? Quiçá vislumbrar o mundo de cima, do Norte, ou juntar a luz do Sul com a do Norte? Fico com a segunda opção, tentando manchar as fronteiras. Mas, como concretizar tempo e espaço sem contrastes? Como falar de ecologia se abraçamos árvores que ficam lá longe, enquanto o sistema de esgoto não existe para todos, e quem dirá uma educação para todos os homens?

Presente em todos os estados do Brasil, a instituição Serviço Social do Comércio (SESC), na qual trabalho, poderia contar ações que ilustram o pensamento de outro Sul, o Brasil, apesar de essa instituição ser Norte enquanto pensamento e ação em muitos lugares no país (ah! esse Norte que nos persegue como se, não tentando sê-lo, só nos restasse ser Sul). Mas foi no Pará (região Norte do Brasil, sul do mundo ocidental) que conheci um bombeiro militar, Anderson, que vive na cidade de Inhangapi (Pará). Esse homem participava de uma semana de estudos pedagógicos do SESC, junto com professores de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos, enfim, atividades desenvolvidas por aquela instituição. Ele faz parte de um projeto chamado “Criança Cidadã”, uma parceria entre a prefeitura local e o SESC, na tentativa de recolocar crianças em situação de risco, formando-as guardas ambientais mirins, cuja ação é mais ecológica: “Nossa sorte é que temos a floresta e o rio”, ele diz, lembrando que todos na cidade vivem nessa fronteira. E o bombeiro me conta, com aquele jeito manso e sábio, que eles vão para a floresta com os meninos, acampam, removem obstáculos (árvores grandes caídas), trabalham juntos e contam histórias ao redor de fogueiras. E os outros meninos da cidade, que não fazem parte do projeto, ao passarem por ele, dizem com intimidade: “Ei, professor Anderson! Que coisa mais Sul”, talvez dirá Morin, buscando esse homem por aqui mais humano. Mas, eu penso, “que coisa mais bacana é trabalhar junto durante o dia e ouvir histórias à noite. Eis que a narrativa não morreu, Benjamin!” Ainda podemos ser homens que compartilham histórias, sonhos, desejos e medos. E vivermos uma experiência coletiva, que faz de um bombeiro militar um professor de meninos que ainda não são seus alunos.

Tal como o bombeiro que vem estudar Vygotsky comigo, e anda na mata com os meninos, e me leva com ele, os Alpes não são mais os mesmos. Já podem ser notadas mudanças ocorridas em pelo menos trinta milhões de anos, dizem os cientistas. Estão mais baixos, menores, o gelo lima as pedras, cria uma nova paisagem. Será que precisaremos de mais trinta milhões de anos para que outro continente se choque com a Europa e mova novamente a Terra, mudando de lugar a parte antiga, que fica por cima, e a nova, que fica por baixo, numa situação que parece magia? Ou será melhor seguir com Leonardo e com o bombeiro Anderson, curiosos e encantados com uma Arca de Noé, que deixa cair os seres do mar por sobre as montanhas geladas da Suíça, e com uma floresta e um rio, para podermos estar mais próximos e compartilhar histórias?

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II: Rua de mão única*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e norte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MORIN, Edgar. *Para um pensamento do sul*. 2010. Mimeografado.

# Leonardo y Anderson: encuentro entre los Alpes Suizos y la Selva Amazónica

Medeiros, Claudia Santos de\*

\* Maestría en Educación Brasileña por la PUC-Rio con presentación de su tesis «Profesionales de Salud, Entretenimiento, Cultura y Educación que trabajan con Educación Infantil: prácticas y concepciones de infancia» (2009). Pedagoga con Especialización en Educación Infantil también por la PUC-Rio, actualmente es asesora técnica de la Gerencia de Educación y Acción Social (GEA) del Departamento Nacional de SESC, actuando principalmente en el área de formación de profesores de Educación Infantil de las escuelas de SESC en casi todos los estados de Brasil.

*Fue Leonardo Da Vinci que, en el año 1510, subió los Alpes Suizos y encontró fósiles de animales marinos. Una de las explicaciones disponibles en aquella época para dicho fenómeno, planteada por la iglesia, es que Noé los había tirado de su arca durante el gran Diluvio. En la actualidad, científicos afirman que los Alpes fueron el fondo de un mar, cuyo nombre no puedo recordar, pero que subió por motivos de un choque de África con Europa. Y dividió el continente europeo en Norte y Sur. «Culpa» de los Alpes.*

*Desde Leonardo, hombre del Sur (de Europa), los misterios del mundo también habitan los lados de abajo. Y hay gente del Sur que enciende la llama del saber, que habita las fronteras. Hay temas que inspiran el pensamiento y la acción del hombre, de cualquier lado del planeta. Y como Morin nos recuerda que los lados cambian su dirección, yo, que me encuentro en otro Sur, Brasil, no puedo dejar de encontrar en DaMatta (otro hombre del Sur) una sencilla explicación para tanta «fronteridad»: espacio y tiempo son construcciones sociales. No se puede tampoco hablar de espacio sin mencionar el tiempo.*

*Hubo un tiempo en que el hombre estuvo más de moda, potente, masculino, racional, ocupando los espacios con su «lógica cultural» (DAMATTA, 1985). Walter Benjamin (1996) afirmaba que nos identificamos con los vencedores, pero la historia apila los cadáveres de los nuestros, los vencidos. ¿Quiénes somos, nosotros los del Sur, vistos a los ojos del Norte? Hoy, tanta potencia parece resultar en problemas con los que es difícil reconocernos en ese hombre, y nuestros caminos muchas veces parecen sin rumbo.*

*Morin, de cierta manera, nos invita a subir los Alpes junto con Leonardo, trayendo de ahí algunas cosas que nos permitan ver más que los fósiles «tirados por Noé». ¿Qué sería, entonces, subir los Alpes? ¿Podrá significar vislumbrar el mundo desde arriba, desde el Norte, o unir la luz del Sur con la del Norte? Me quedo con la segunda opción, intentando manchar las fronteras. Pero ¿cómo concretar tiempo y espacio sin contrastes? ¿Cómo hablar de ecología si abrazamos árboles que están lejos, mientras que no todos los hombres cuentan con un sistema de cloacas, ni mucho menos con una educación para todos?*

*Presente en todos los estados de Brasil, la institución de la que formo parte, Servicio Social del Comercio (SESC), podría contar acciones que ilustran el*

*pensamiento de otro Sur, Brasil, a pesar que esa institución es «Norte» respecto al pensamiento y acción en muchos lugares del país (iese Norte nos persigue como si sólo nos quedara ser Sur, aunque no quisiéramos!). Pero fue en el Estado de Pará, en la región Norte de Brasil (Sur del mundo occidental), que conocí a un bombero militar, Anderson, que vive en la ciudad de Inhangapi. Ese hombre participaba en una semana de estudios pedagógicos de SESC, junto a los profesores de Educación Infantil, Fundamental y de Jóvenes y Adultos, es decir, actividades desarrolladas por aquella institución. Él forma parte de un proyecto denominado «Criança Cidadã» (Niños Ciudadanos), una iniciativa conjunta entre la municipalidad local y SESC en pro de reposicionar niños en situación de riesgo, formándolos como guardias ambientales infantiles, cuya acción es más ecológica: «Nuestra suerte es tener la selva y el río», dice él, recordando que todos en la ciudad viven en esa frontera. El bombero me cuenta, entonces, con su aire sereno y sabio, que ellos van de campamento a la selva con los niños, remueven obstáculos (grandes árboles tumbados), trabajan en conjunto y cuentan historias alrededor de fogatas. Incluso, otros niños que no forman parte del proyecto, al pasar por él, lo tratan con familiaridad: «¡Oye, Profesor Anderson!» Quizá Morin dirá: «¡Qué cosa más Sur!», buscando a ese hombre que por aquí es más humano. Pero yo, al contrario, pienso que qué bueno es poder trabajar juntos durante el día y escuchar historias en la noche. ¡Y sucede que la narrativa no ha muerto, Benjamin! Aún podemos ser hombres que comparten historias, sueños, deseos y miedos, y vivir una experiencia colectiva que hace a un bombero militar convertirse en profesor de niños aunque no sean sus alumnos.*

*Así como el bombero que se acerca a estudiar Vygotsky conmigo y camina en la selva con los niños, llevándome con él, los Alpes ya no son los mismos. Ya se pueden notar los cambios que ocurrieron durante por lo menos treinta millones de años, dicen los científicos. Están más bajos, más pequeños, el hielo lima las piedras creando un nuevo paisaje. ¿Necesitaremos treinta millones de años más para que otro continente se choque con Europa y mueva nuevamente la Tierra, desplazando la parte antigua ubicada arriba por la nueva, ubicada abajo, en una situación que más parece magia? ¿O será mejor seguir con Leonardo y el bombero Anderson, curiosos y encantados con una arca de Noé que tira los animales marinos sobre las montañas heladas de Suiza, y con una selva y un río, para poder estar más cerca y compartir historias?*

# Considerações sobre Edgar Morin e a defesa de um pensamento do Sul

Miranda, Danilo Santos de\*

\* Diretor da unidade do SESC em São Paulo. Especialista em Ação Cultural, formado em Filosofia e Ciências Sociais, realizou estudos complementares de especialização na Pontifícia Universidade Católica, na Fundação Getúlio Vargas de São Paulo e no Management Development Institute (Imede), de Lausanne, Suíça. Foi presidente do Comitê Diretor do Fórum Cultural Mundial, em 2004. Atua como Conselheiro em diversas entidades, entre as quais: Fundação Itaú Cultural, Museu de Arte Moderna de São Paulo e Movimento Nossa São Paulo. É membro da Art for the World, com sede na Suíça. Atualmente é vice-presidente continental da Federação Internacional de Esportes para todos (FISPT), vice-presidente da Associação Latino-Americana de Lazer e Tempo Livre. Foi presidente do comissariado brasileiro do Ano da França no Brasil em 2009 e presidente regional (América Latina e Caribe) do Conselho Internacional de Bem-Estar Social (ICSW), 2008-2010. Nos últimos anos tem participado ativamente como conferencista em eventos nacionais e internacionais e foi agraciado com homenagens de reconhecimento ao seu desempenho em favor da cultura.

A modernidade tem sido um problema para diferentes filósofos e pensadores sociais. De Hegel a Max Weber, diferentes interpretações trataram da interrelação entre a razão ocidental e a modernidade, considerando sua extensão nos núcleos organizadores da empresa capitalista e do aparelho burocrático de Estado; elaborando e reelaborando seus vínculos na atualidade até o limite das teses contrárias, que puderam forjar novas concepções como a de pós-modernidade. As teorias da modernização, com abordagem econômica, política e sociocultural, buscaram identificar na ordenação dos países industrializados os fatores sociais e institucionais que teriam sido responsáveis pelo desenvolvimento para que, como teoria ou conhecimento instrumentalizado, pudessem, inclusive, ser aplicados em países ditos subdesenvolvidos ou do Terceiro Mundo. Com características referidas aos processos que se acumularam e internamente foram reforçados a partir do desenvolvimento das forças produtivas, da formação de capital e mobilização de recursos, do aumento da produtividade do trabalho, da formação de identidades nacionais, dos direitos de participação política e das formas de vida urbana e escolarização, as teorias da modernização conceberam, em sua maioria, as diferenças sociais como estágios de um percurso histórico, cuja etapa superior culminaria com o padrão ocidental da sociedade europeia, então moderna e desenvolvida.

Além dessas configurações estabelecidas e já diante de determinadas revisões sociológicas, a teoria da modernização também entende que, em dado momento histórico, a modernidade se para-se de suas origens europeias e das referências históricas do racionalismo ocidental para criar um padrão estilizado, sem tempo e lugar, a ser apropriado como parâmetro para os processos de desenvolvimento social em geral. Vista desse ângulo, a modernização social alcançou uma existência autônoma, com processos que podem ser relativizados, tendendo a ser adotada como uma lógica, sobretudo em tempos de globalização, com assertivas e proposições, ou, ainda, como *ethos*.

Na direção da compreensão da modernidade e dos processos da dita modernização, Edgar Morin, de acordo com sua trajetória intelectual, tem postulado a necessidade de um pensamento complexo, visto que a fragmentação do conhecimento, como desdobramento dessa dinâmica expansionista, que cresce por meio da segmentação técnica, tem minado o entendimento do mundo e das coisas, sujeitando saberes e fazeres e, ainda, impedido que a transdisciplinaridade se estabeleça como racionalidade. De outro modo, e diante da produção de saberes cada vez mais especializados e mais distantes dos grandes temas do mundo, da vida, do planeta e da humanidade, o autor tem buscado unir a cultura das humanidades à cultura científica, fazendo com que ambas dialoguem, reavivando as conexões e virtudes cognitivas entre as artes, literatura, ciência e poesia. Mas o princípio de conjunção, defendido por Morin, apresenta-se de forma sistematizada também nos estudos do início da década de 1990 denominados *O método*, em que o autor propõe não um manifesto de desconstrução do método científico, como Paul Feyerabend e Imre Lakatos, mas novas formas de compreensão do humano em suas determinantes universais bio-psico-socioculturais; delineando uma metodologia libertária capaz de abrigar, entre outros aspectos ditos contraditórios, o senso comum menosprezado e a norma culta. Mas a religação de sonhos, mitos, saberes e fazeres tradicionais na metodologia do pensamento complexo é apreensível em um terreno de flexibilidade e sem os rigores que marcam o método científico, propriamente.

Nesse antimétodo, por assim dizer, pode-se perceber como um pensamento do Sul está esboçado e implica os pressupostos para a convergência

de todos os pensamentos e para uma “maneira radicalmente complexa de pensar”. No volume IV de *O método — As ideias* (a organização das ideias — noologia), Morin defende, por exemplo, a linguagem natural<sup>1</sup> de diferentes sociedades, em contraposição aos postulados científicos que defendem a linguagem formalizada como instrumento mais competente para o desenvolvimento do pensamento. Nesse exemplo, o autor refuta o formalismo, inclusive citando Roman Jakobson e Blaise Grize em suas ponderações sobre a inferioridade da linguagem formal e seus impedimentos à capacidade de invenção, imaginação e criação humanas.

Na sintonia de uma resistência e optando por outras vias de transformação da fragmentação, da especialização e da “disciplinarização” do conhecimento, formas também presentes na educação fundamental e universitária, o autor tem reforçado a abordagem sobre pensamentos hegemônicos e sujeitados, ilustrados nessa oportunidade, como os pensamentos do Norte e do Sul, geograficamente relativos.

O pensamento do Sul é um pensamento em potencial, a ser elaborado a partir de premissas extraídas dos diferentes “suis” do planeta, sem submetê-las, no entanto, a uma concepção única, como pretende o pensamento do Norte diante da necessidade de ordenar o que lhe parece fora da ordem e de onde parecem se destacar apenas o atraso e o subdesenvolvimento.

Em sua progressão globalizante, o pensamento do Norte avança na direção de “devorar”, conforme Morin, os “suis”. Diante disso, o potencial pensamento do Sul deve ser fortalecido por meio da proteção das culturas locais, suas “artes de viver, saber e fazer”, para que possa, sem rejeitar certos ditames e virtudes do pensamento do Norte, criticá-los, na medida da necessidade de sua autoelaboração enquanto pensamento complexo e de ligação.

Por meio da proposta de elaboração de um pensamento do Sul, o autor recusa a abreviação de um complexo a um de seus elementos, como seria a diversidade rica em tradições culturais e aspectos da realidade de diferentes “suis” reduzida a uma de suas imperfeições sociais, como a violência, a corrupção ou os conflitos gerados no cotidiano.

<sup>1</sup> Linguagens naturais são as linguagens comuns aos membros de uma cultura e as linguagens correntes que servem aos diversos usos da vida cotidiana (MORIN, 2000, p. 214).

Nesse sentido, retrata as possíveis contribuições do Mediterrâneo para a elaboração de princípios capacitados à conjunção, desde a Antiguidade. Para tanto, refere-se à diversidade politeísta dos faraós, no Egito, destacando a unidade dada pela supremacia divina do deus-sol, passando pelo monoteísmo do Cristianismo, do Islamismo e do Judaísmo, como elemento que desponta na compreensão da unidade e universalidade humanas, retomadas no Renascimento, que, a exemplo da democracia ateniense, oferece o debate como meio para a sabedoria, reanimando a vontade de reflexão sobre o mundo, essa grande herança que nos permite, ainda hoje, problematizar a vida, o cosmos e a natureza.

Do Humanismo, o autor critica a arrogante crença da supremacia humana diante da natureza, enaltecendo sua outra face, que valoriza e dignifica o ser humano, hoje na condição de integrar a “comunidade de destino” na era planetária. Mas, diante do humanismo que dignifica, é necessário problematizar a própria razão, entendendo-a não como um bloco hegemônico de ideias e pensamentos fechados, mas como racionalidade aberta, que reconhece seus limites no desvendamento dos mistérios do universo.

Das críticas feitas à racionalidade especializada e dividida em muitos setores, destaca-se o imperativo da regeneração crítica, particularmente da autocrítica. Dito isso, o autor propõe a mistura das heranças culturais mediterrâneas com as sul-americanas e africanas, para delas extrair sua “verdade profunda”, a que nos reunirá à “nova consciência ecológica” e à solidariedade, capazes de frear a degradação mundial estimulada pelo Norte, integrando os diversos conhecimentos sobre a vida e a natureza, sem sobrepujança e destruição.

A civilização caminha, hoje, em meio à crise. Crise da razão, da ocidentalização e da mundialização. O projeto do progresso ilimitado diante da abundância de recursos e matérias-primas há décadas demonstra sua inviabilidade. São rechaçados, sobretudo pelo Norte, os tratados e acordos globais para minimizar o impacto sobre a natureza e as condições climáticas nessa atual fase do modelo econômico de enriquecimento dos países. De outro lado, quanto mais se promove a unificação técnico-econômica do planeta, tanto mais se dão reações de desagregação socioculturais e étnicas. Uniformidade prosrando a diversidade e isolamento defensivo são resultados incompatíveis com os desígnios que nos levariam à unidade na diversidade. unidade que não pode ser apenas econômica, pois, a unidade econômica não realizará a complexa unidade humana na diversidade, assim como o isolamento defensivo das etnias e culturas diversas não produzirão a solidariedade e a responsabilidade, vitais ao século XXI.

Como o pensamento do Norte não aceita e não entende a realidade e a sinergia do Sul, simplesmente os desconsidera. A lógica do Norte é a prosa que faz sobreviver com eficácia, ordem e coerência. “A prosa é o que fazemos por obrigação, por imposição, para ganhar nossa vida”, diz Morin (2010). Para viver é preciso mais. É preciso *poiesis*. É preciso amor, poesia e sabedoria, que são complementares e faces do mesmo humanismo. A sabedoria, nesse sentido, precisa ser integrada sem ser imperativa, permitindo a “arte de viver” da hospitalidade, da comunicação, da alegria, dos afetos em sua manifestação lúdica e estética. Pois viver significa poder desfrutar do extraordinário entendendo, a importância da realização em si e por si.

Segundo Morin, ao recusarmos o pensamento do Norte, recusamos suas vicissitudes, seu niilismo, suas sutilezas de controle e de aprisionamento. Nessa medida, dá-se poder (*empowerment*) ao pensamento do Sul para que possa resistir, fazendo-se lembrar do que é feita a vida, e como o belo e o sonho estão sempre a povoá-la. Como um pensamento que potencialmente liga o que está cindido e disperso, o pensamento do Sul está mais propenso a pro-



blematizar as questões e o repto fundamental de nosso tempo, para os quais a ciência, a filosofia e a política estão em silêncio.

Ao reconhecer e defender os valores pouco utilitários da vida, debatendo e questionando os excessos que são cometidos contra a vida comum no planeta, parece caber ao pensamento do Sul a missão de legitimar, de fato, aspectos vitais, valores e ideais que desafiem e desconstruam a predominância do consumo como sentido imperativo da vida.

A condição humana, nesse patamar civilizatório, depende de um pensamento reformador capaz de ajudá-la a escapar das armadilhas criadas pelos processos descontrolados originados pela busca de eficácia voltada a interesses parciais, pouco ou nada coletivos; capaz de propor alternativas para um projeto histórico de educação para a cidadania planetária, com poder de redimensionar o que é prioritário hoje e no futuro.

Elegendo a educação como princípio de unidade para as atuais e futuras gerações, redefine-se parte de seus propósitos não utilitários e as possibilidades de transformação para a vida coletiva na complexidade. Mais educação, cujos saberes possam ser ministrados de diferentes maneiras e por diversas instituições. Desse modo, e assumindo a responsabilidade por sociedades educativas, elaboraremos novos e possíveis caminhos para garantir o sentido da diversidade na unidade, como propõe Morin.

Assim, e nesse foro a ser promovido, esperamos que as propostas para um pensamento do Sul permitam boas oportunidades de fortalecimento de um dos últimos territórios potencialmente subsistentes à uniformidade orientada pelos padrões técnico-eficientes do pensamento hegemônico. E que possa conduzir nossa criatividade como um arquétipo à espera de sua realização e configuração.

## REFERÊNCIAS

- MORIN, E. *Amor, poesia e sabedoria*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1998.
- MORIN, E. *Para um pensamento do sul*. 2010. Mimeografado.
- MORIN, E. *A re-ligação dos saberes*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.

# Consideraciones sobre Edgar Morin y la defensa de un pensamiento del Sur

Miranda, Danilo Santos de\*

\* Director de la unidad de SESC de São Paulo. Especialista en Acción Cultural, graduado en filosofía y Ciencias Sociales, realizó estudios complementarios de especialización en la Pontificia Universidad Católica, en la Fundación Getúlio Vargas de Sao Paulo y en el Management Development Institute (Imede) de Lausanne, Suiza. Ejerció como presidente del Comité Director del Foro Cultural Mundial en el año 2004. Actúa como Consejero en diversas entidades, como: Fundación Itaú Cultural, Museo de Arte Moderno de Sao Paulo y Movimento Nossa São Paulo. Es miembro de Art for the World, con sede en Suiza. Actualmente es vice-presidente continental de la Federación Internacional de Deportes para Todos (FISPT) y vice-presidente de la Asociación Latinoamericana de Ocio y Tiempo Libre. Fue presidente del comisariado brasileño del Año de Francia en Brasil en 2009 y presidente regional (Latinoamérica y Caribe) del Consejo Internacional del Bienestar Social (ICSW) en el periodo 2008-2010. En los últimos años ha participado activamente como conferencista en eventos nacionales e internacionales, siendo también reconocido por su desempeño en favor de la cultura.

*La modernidad ha sido motivo de problema para diferentes filósofos y pensadores sociales. De Hegel a Max Weber, distintas interpretaciones dieron cuenta de la interrelación entre la razón occidental y la modernidad, considerando su extensión en los núcleos organizadores de la empresa capitalista y del aparato burocrático del Estado; elaborando y reelaborando sus vínculos en la actualidad hasta el límite de las tesis contrarias, las que pudieron forjar nuevas concepciones, como la de posmodernidad. Las teorías de la modernización, con abordaje económico, político y sociocultural, buscaron identificar en la disposición de los países industrializados los factores sociales e institucionales que habrían sido los responsables del desarrollo para que, como teoría o conocimiento instrumentalizado, pudieran, incluso, ser aplicados en países denominados subdesarrollados o de tercer mundo. Con características que se refieren a los procesos que se han acumulado e internamente han sido reforzados a partir del desarrollo de las fuerzas productivas, de la formación de capital y movilización de recursos, del aumento de la productividad laboral, de la formación de identidades nacionales, de los derechos de participación política y de las formas de vida urbana y escolarización, las teorías de la modernización han concebido, en su gran mayoría, las diferencias sociales como tramos de un recorrido histórico cuya etapa superior culminaría con el estándar occidental de la sociedad europea, entonces moderna y desarrollada.*

*Además de esas configuraciones ya establecidas y ante determinadas revisiones sociológicas, la teoría de la modernización también entiende que, en un determinado momento histórico, la modernidad se separa de sus orígenes europeos y de las referencias históricas del racionalismo occidental para crear un patrón estilizado, sin tiempo y lugar, a apropiarse como parámetro para los procesos de desarrollo social en general. Desde este ángulo, la modernización*

social alcanzó una existencia autónoma, con procesos que pueden ser relativizados, tendiendo a ser adoptada como una lógica, sobre todo en tiempos de globalización con asertivas y proposiciones o, incluso, como ethos.

Hacia la comprensión de la modernidad y de los procesos de dicha modernización, Edgar Morin, acorde a su trayectoria intelectual, ha postulado la necesidad de un pensamiento complejo, debido a la fragmentación del conocimiento como desdoblamiento de esa dinámica expansionista que crece mediante la segmentación técnica y viene minando el entendimiento del mundo y de las cosas, sometiendo saberes y haceres y, aún, impidiendo el establecimiento de la transdisciplinariedad como racionalidad. De otro modo, y ante la producción de saberes cada vez más especializados y distantes de los grandes temas del mundo, de la vida, del planeta y de la humanidad, el autor ha buscado unir la cultura de las humanidades a la cultura científica, haciendo que ambas dialoguen, reavivando las conexiones y virtudes cognitivas entre las artes, literatura, ciencia y poesía. Pero el principio de conjunción que defiende Morin se presenta de manera sistematizada también en los estudios del inicio de la década de los 90, denominados O método, en el que el autor propone no un manifiesto de desconstrucción del método científico, como Paul Feyerabend e Imre Lakatos, sino nuevas formas de comprensión del humano en sus determinantes universales bio-psico-socioculturales; delineando una metodología libertaria capaz de abarcar — entre otros aspectos considerados contradictorios — el sentido común menospreciado y la norma culta. Pero la reconexión de los sueños, mitos, saberes y haceres tradicionales con la metodología del pensamiento complejo es aprehensible en un terreno de flexibilidad y sin los rigores que naturalmente marcan el método científico.

En ese antimétodo, por así decirlo, es posible observar cómo un «pensamiento del Sur» se esboza e implica los presupuestos para la convergencia de todos los pensamientos y para una «manera radicalmente compleja de pensar». En el tomo IV de O método — As ideias (la organización de las ideas — noología), Morin defiende, por ejemplo, el lenguaje natural<sup>1</sup> de diferentes sociedades, en contraposición a los postulados científicos que defienden el lenguaje formalizado como un instrumento más competente para el desarrollo del pensamiento. En este ejemplo, el autor rechaza el formalismo, citando, inclusive, a Roman Jakobson y a Blaise Grize en sus ponderaciones sobre la inferioridad del lenguaje formal y sus impedimentos a la capacidad de invención, imaginación y creación humanas.

Con actitud resistente y optando por otras vías de transformación de la fragmentación, de la especialización y «disciplinarización» del conocimiento, formas también presentes en la educación fundamental y universitaria, el autor ha reforzado el abordaje sobre pensamientos hegemónicos y sujetados, ilustrados en esa oportunidad, como los pensamientos del Norte y del Sur, geográficamente relativos.

El pensamiento del Sur es un pensamiento potencial, a ser elaborado desde premisas extraídas de los diferentes «sures» del planeta, pero sin someterlas a una concepción única, como lo pretende el pensamiento del Norte ante la necesidad de ordenar lo que le parece desordenado y de donde solamente el atraso y el subdesarrollo parecen destacar.

En su progresión globalizante, el pensamiento del Norte avanza a «devorar» los «sures», como lo afirma Morin. Ante eso, el potencial pensamiento del Sur debe fortalecerse mediante la protección de las culturas locales, de sus «artes de vivir, saber y hacer», para que pueda, sin rechazo de ciertos dictámenes y virtudes del pensamiento del Norte, criticarlos, en la medida de la necesidad de su autoelaboración como pensamiento complejo y de conexión.

<sup>1</sup> Lenguajes naturales son los lenguajes comunes a los miembros de una cultura y los lenguajes corrientes que sirven a los distintos usos de la vida cotidiana (MORIN, 2000, p. 214).

*Mediante la propuesta de elaboración de un pensamiento del Sur, el autor rechaza la abreviación de un complejo a uno de sus elementos, como sería la diversidad rica en tradiciones culturales y aspectos de la realidad de diferentes «sures» reducida a una de sus imperfecciones sociales, como la violencia, la corrupción o los conflictos que se generan en a diario.*

*En ese sentido, expone los posibles aportes del Mediterráneo para la elaboración de principios capacitados a la conjunción, desde la antigüedad. Para ello, se refiere a la diversidad politeísta de los faraones, en Egipto, resaltando la unidad que brinda la supremacía divina del dios-sol, pasando por el monoteísmo del Cristianismo, el Islamismo y el Judaísmo, como elemento que surge en la comprensión de la unidad y universalidad humanas, revisitadas en el Renacimiento, que, como en la democracia ateniense, ofrece el debate como medio para la sabiduría, reanimando la voluntad de reflexión sobre el mundo, esa gran herencia que nos permite aún en los días de hoy problematizar la vida, el cosmos y la naturaleza.*

*Del Humanismo, el autor critica la arrogante creencia de la supremacía humana ante la naturaleza, enalteciendo su otra cara, que valora y dignifica al ser humano, hoy en la condición de integrar la «comunidad de destino» en la era planetaria. Sin embargo, ante el humanismo que dignifica, es necesario problematizar la razón misma, entendiéndola no como un bloque hegemónico de ideas y pensamientos cerrados, sino como racionalidad abierta, capaz de reconocer sus límites en el descubrimiento de los misterios del universo.*

*De las críticas hacia la racionalidad especializada y dividida en muchos sectores, destaca la exigencia de la regeneración crítica, especialmente de la autocrítica. Con eso, el autor propone la mezcla de las herencias culturales mediterráneas con las sudamericanas y africanas, para extraer de ellas su «verdad profunda», la que nos reunirá a la «nueva conciencia ecológica» y la solidaridad, capaces de frenar la degradación mundial estimulada por el Norte, integrando los diferentes conocimientos sobre la vida y la naturaleza, sin sobrepujanza y destrucción.*

*La civilización camina, hoy, en medio de una crisis. Crisis de la razón, de la occidentalización y de la mundialización. El proyecto del progreso ilimitado ante la abundancia de recursos y materias primas hace décadas demuestra ser inviable. El Norte, sobre todo, rechaza los tratados y acuerdos globales para minimizar el impacto sobre la naturaleza y las condiciones climáticas en la actual fase del modelo económico de enriquecimiento de los países. Por otro lado, conforme más se promueve la unificación técnico-económica del planeta, más surgen reacciones socioculturales y étnicas de disgregación. La uniformidad debilitando la diversidad y el aislamiento defensivo son resultados incompatibles con los designios que nos conducirían a la unidad en la diversidad. Unidad que no puede ser solamente de carácter económico, pues la unidad económica no realizará la compleja unidad humana en la diversidad, como también el aislamiento defensivo de las etnias y culturas diversas no producirán la solidaridad y la responsabilidad, vitales en el siglo XXI.*

*Como el pensamiento del Norte no acepta y no entiende la realidad y la sinergia del Sur, los desconsidera, simplemente. La lógica del Norte es la prosa que hace sobrevivir con eficacia, orden y coherencia. «La prosa es lo que hacemos por obligación, por imposición, para ganarnos la vida», dice Morin (2010). Para vivir, se necesita más. Se necesita poiesis. Se necesita amor, poesía y sabiduría, que son complementarios y caras del mismo humanismo. La sabiduría, en este sentido, debe ser integrada sin ser imperativa, permitiendo el «arte de vivir» de la hospitalidad, de la comunicación, de la alegría, de los afectos en su manifestación lúdica y estética. Pues vivir significa poder disfrutar lo extraordinario, comprendiendo la importancia de la realización en sí y por sí.*

*Según Morin, al rechazar el pensamiento del Norte, rechazamos sus vicisitudes, su nihilismo, sus sutilezas de control y de aprisionamiento. En esa medida,*

*se empodera (empowerment) al pensamiento del Sur para poder resistir, se hace recordar de qué está hecha la vida, y cómo lo bello y los sueños están siempre presentes inundándola. Como un pensamiento que potencialmente conecta lo separado y lo disperso, el pensamiento del Sur está más propenso a problematizar las cuestiones y el desafío fundamental de nuestra época, para los cuales la ciencia, la filosofía y la política permanecen en silencio.*

*Al reconocer y defender los valores poco utilitarios de la vida, debatiendo y cuestionando los excesos que se cometen en contra de la vida común en el planeta, parece caber al pensamiento del Sur la misión de legitimar, de hecho, aspectos vitales, valores e ideas que desafíen y des-construyan la predominancia del consumo como sentido imperativo de la vida.*

*La condición humana, en ese nivel civilizatorio, depende de un pensamiento re-formador capaz de ayudarla a escapar de las trampas creadas por los procesos descontrolados originados por la búsqueda de eficacia dirigida a los intereses parciales, poco o nada colectivos; capaz de proponer alternativas para un proyecto histórico de educación para la ciudadanía planetaria, con poder de redimensionar lo que es prioritario hoy y en el futuro.*

*Eligiendo la educación como un principio de unidad para las generaciones de hoy y las futuras, se redefine parte de sus objetivos no utilitarios y las posibilidades de transformación para la vida colectiva en la complejidad. Más educación, cuyos saberes se puedan ministrar de diferentes maneras y por diferentes instituciones. Así, y asumiendo la responsabilidad por sociedades educativas, elaboraremos nuevos y posibles caminos para garantizar el sentido de la diversidad en la unidad, como lo propone Morin.*

*De esta manera, y en lo que promueve ese foro, esperamos que las propuestas para un pensamiento del Sur permitan buenas oportunidades de fortalecimiento de uno de los últimos territorios potencialmente subsistentes a la uniformidad orientada por los patrones técnico-eficientes del pensamiento hegemónico. Y que ello pueda conducir nuestra creatividad como un arquetipo a la espera de su realización y configuración.*

# Contribuições para um pensamento do Sul

Moraes, Maria Cândida\*

\* Doutora em Educação pela PUC-SP e mestre pelo Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE/CNPq). Atualmente é professora de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Brasília-DF. É também pesquisadora do CNPq e do grupo Giad/DOE/UB; coordenadora-adjunta da Rede Internacional de Ecologia dos Saberes, da Universidade de Barcelona. Foi professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-SP, de 1997 a 2008. Consultora e conferencista nacional e internacional. Foi pesquisadora-visitante da OEA, em Washington, e consultora do Banco Mundial. Autora de vários livros, entre eles, *O paradigma educacional emergente* e *Pensamento ecossistêmico*, ambos com chancela da Unesco; *Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação: novos fundamentos para reencantar a educação* e *Complexidade, transdisciplinaridade em educação: teoria e prática docente*. É coordenadora do grupo de pesquisa Ecotransd/CNPq.

Vários são os temas emergentes que o texto “Para um pensamento do Sul”, de Edgar Morin (2010), nos inspira. Entretanto, em função da solicitação feita, selecionaremos apenas alguns aspectos.

Morin, ao finalizar seu texto, observa que “quando um sistema não é capaz de tratar seus problemas vitais e fundamentais, ele se desintegra, ou então, é capaz de se metamorfosear, de engendrar um metassistema mais rico que possa tratar esses problemas” (MORIN, 2010, p. 15). Entendemos que a crise de obsolescência da educação brasileira requer a busca imediata de novos caminhos, de um novo metassistema, mais rico e competente para tratar os problemas mais prementes. É uma crise pautada na baixa qualidade da educação oferecida, na falta de profissionalização docente, associada a uma total desmotivação por parte de alunos e professores, ao desinteresse e descompromisso do alunado com a educação recebida, à falta de segurança e à violência nas escolas, aos problemas de ordem emocional que vem afetando alunos e professores, tudo isso influenciado também pelas questões de natureza econômica e social.

Assim, acreditamos que é urgente e necessário ressignificar o paradigma educacional vigente a partir de um novo metassistema, mais rico e significativo, para tratar a problemática.

Isso porque entendemos que a crise educacional atual é de natureza paradigmática, envolvendo, portanto, aspectos ontológicos, epistemológicos e metodológicos do fazer em educação. É fruto de uma crise muito mais ampla, que envolve também outros aspectos, relacionados não apenas ao indivíduo,

mas também à sociedade e ao planeta, como um todo. Assim, não podemos continuar oferecendo um conjunto de práticas formalistas e fragmentadoras da realidade, das dimensões do ser, do conhecer e do fazer, que vem comprometendo a qualidade da educação e o desenvolvimento integral do aluno, dificultando, assim, seu acoplamento estrutural com a realidade. É uma prática educacional arrogante e prepotente, de natureza positivista, que ignora a subjetividade humana, as emergências cognitivo-emocionais e auto-eco-organizadoras ocorrentes em sala de aula, e que continua culpando nossas crianças e jovens por não assumirem suas dificuldades e incompetências. Tais propostas vêm provocando sofrimento no aluno, tanto o de educação básica, como média, tecnológica ou superior, ao oferecer práticas contrárias às suas necessidades vitais, que negam sua maneira de pensar, sentir, conhecer, se expressar, ignorando suas emoções, seus sentimentos e afetos. São práticas fundamentadas em belas teorias e planos pedagógicos aparentemente inovadores, mas ontológica e epistemologicamente equivocadas, ao separar mente e corpo, vida e educação, não tendo nada a ver com o que acontece na sala de aula.

Ao separar aprendizagem e vida, vida e educação, além de dificultar o acoplamento estrutural do sujeito aprendente com sua realidade, tais práticas prejudicam o desenvolvimento dos processos de autoria e de autonomia dos alunos, bem como a possibilidade de sua emancipação e inserção social, comprometendo a relação do indivíduo com o seu meio e com o triângulo da vida, representado pelas relações indivíduo-natureza-sociedade. Mas, qual é o problema? Por que abordar essa questão neste espaço de interlocução tão privilegiado?

É que tais inquietudes e dificuldades vêm provocando dor e sofrimento nos alunos ao atingir o âmago do processo de construção do conhecimento e ao dificultar seus processos de desenvolvimento integral e sua inserção social. Sabemos que todo conhecer é inseparável do ser, do fazer e do viver/conviver. É, portanto, inseparável da ontogenia dos sujeitos aprendentes, inseparável de seus processos de desenvolvimento, em um sentido mais amplo.

Em realidade, e concordando com Nize Pellanda (2008), estamos oferecendo uma prática educacional ontologicamente esquizofrênica<sup>1</sup> e epis-

temologicamente, no mínimo, equivocada, sem sentido e significado para o aluno. Nas escolas, o prazer e a alegria continuam fora da sala de aula, habitando o recreio e outros espaços de convivência escolar. Por sua vez, o sofrimento e a insatisfação discente, entre outras causas, vêm também provocando, como nunca antes, o estresse e o sofrimento docente, cujos dados recentemente divulgados são absolutamente alarmantes.<sup>2</sup> Tudo isso nos revela que estamos vivendo uma situação de caos e obsolescência na educação brasileira. E mais, que os docentes também estão participando como vítimas dessa tragédia nacional. Ora, o que leva um trabalho tão significativo e meritório a ser tão desgastante e sofrido? Quais são os problemas de ordem emocional que vêm afetando professores e alunos?

Um segundo aspecto importante a ser comentado é a observação feita por Morin (2010, p. 8) de que “o pensamento dominante do Norte é fundamentado na redução do complexo ao simples e na disjunção, ou seja, na separação do que, na verdade, é inseparável. (...) As especializações das disciplinas fechadas, estranhas umas às outras, desemboca no primado de um pensamento que se torna míope, que isola os objetos de seus contextos e de seus laços naturais”.

O mesmo acontece com a nossa educação, que continua apoiada em uma visão reducionista, fragmentada e unidimensional da realidade, em uma cultura escolar que dificulta a aprendizagem, que exclui a subjetividade e fragmenta a multidimensionalidade humana, a intersubjetividade presente nos processos de construção do conhecimento, negando a interferência de uma realidade social que precisa ser reconhecida e melhor trabalhada. Ela continua apoiada em uma visão de realidade falsamente objetiva e independente do aprendiz. Ora, ensinados por Morin (1996), sabemos que “erros ontológicos levam a erros epistemológicos e metodológicos”, inaugurando e alimentando um anel defeituoso, gerador de um ensino também defeituoso e de uma prática pedagógica esquizofrênica que, além de não reconhecer a multidimensionalidade humana, deixa prevalecer a ausência de cuidado, de carinho e ternura, de sensibilidade em relação aos vínculos escolares, provocando a emergência do individualismo, debilidade das relações, insegurança, medo e depressão.

<sup>1</sup> *Esquizo*, em grego, significa cortado; *frenus* significa inteligência.

<sup>2</sup> Folha de São Paulo, 17 de outubro de 2010.

Toda essa problemática exige, portanto, um quadro ontológico, epistemológico e etodológico mais amplo e profundo, capaz de promover mudanças paradigmáticas e também programáticas em educação. Não podemos continuar trabalhando em educação com uma inteligência cega que fragmenta e disjunta, mas com um pensamento e uma inteligência ecológica, capaz de religar as diferentes dimensões da vida com as diferentes dimensões constitutivas do ser humano.

Necessitamos, portanto, de um pensamento complexo, transdisciplinar e ecológizante, capaz de religar o que precisa ser religado, de valorizar outros modos de conhecer a realidade, de integrar diferentes saberes, de reconhecer e trabalhar a multidimensionalidade humana.

Já não podemos continuar repetindo saberes originados em outros continentes, em outros circuitos acadêmicos, considerados como sendo únicos e oficiais. Precisamos construir uma ciência e uma prática educacional fundada na complexidade e na transdisciplinaridade, que levem em conta os diferentes níveis de realidade presentes nas salas de aula, que reconheçam a importância do contexto, do saber local dialogando com o saber global, que reconheçam a importância da intuição feminina e a presença de uma racionalidade sensível, amorosa, atenta e cuidadosa. uma ciência que nasça do continente sul-americano e que leve em conta nossas raízes mestiças, nossa sensibilidade, nossa poesia e nossa criatividade, que considere significativas nossas experiências cotidianas e o valor intrínseco de nossa espiritualidade. uma pedagogia que dê maior atenção àquilo que está nas fronteiras disciplinares, atenção aos saberes dos alunos, que os considere como referências cognitivas importantes, prenes de experiência, vida, sabedoria e aprendizagem. uma pedagogia que utilize a lógica do sensível, da intuição, da imaginação e da espiritualidade como operadores de um pensar complexo e transdisciplinar.

Entretanto, um dos maiores problemas observados para se efetivar uma mudança paradigmática mais profunda em educação é a insuficiência da formação docente recebida pelos professores e a dificuldade que a maioria tem para lidar com questões ontológicas e epistemológicas mais profundas e afeitas aos processos de construção do conhecimento decorrentes das práticas pedagógicas desenvolvidas, condição essencial para que ocorra a verdadeira inclusão daqueles que chegam à escola carregando as marcas da exclusão.

Não é somente a igualdade de acesso que importa, mas também a qualidade dos processos desenvolvidos, ou seja, a igualdade de condições vivenciadas nos processos de construção do conhecimento, que necessariamente tem que ser ecológico, social, justo, fraterno e solidário, como quer Bataloso (2011). O conhecimento já não pode continuar sendo trabalhado de maneira fragmentada, desconectado da realidade, sem sentido e significado para o sujeito aprendiz, a partir de um viés positivista, pois em vez de a escola ajudá-lo a superar barreiras, esse tipo de educação acaba criando outros impedimentos para o aprendizado do aluno em seus processos de emancipação e inclusão social.

A escola que, entre outros aspectos, coloca a aprendizagem e a inclusão no centro de suas preocupações pedagógicas precisa trabalhar, simultaneamente, as cegueiras do conhecimento, a condição humana, o desenvolvimento da compreensão (MORIN, 2000), a partir de novas pautas educacionais nutridas por práticas pedagógicas capazes de restaurar o concreto, a existência, o afetivo em nossa vida, como proposto por Edgar Morin (2010), em seu texto "Para um pensamento do Sul". Para tanto, é preciso trabalhar um novo metassistema, mais rico e competente, apoiado em novas concepções dos processos de construção do conhecimento e nos operadores cognitivos para um pensar complexo, para que o aprendiz possa verdadeiramente entender a "insustentável complexidade do mundo" e da vida, a complexidade da realidade, a incerteza presente na aprendizagem e no conhecimento, bem como nas demais dimensões constitutivas da dinâmica da vida. E, nesse sentido, concordamos com Edgar Morin ao dizer que o desdobramento do pensamento do Sul, no que se refere às implicações na área educacional, somente poderá ser um pensamento de natureza complexa, ou seja, tecido em conjunto no seio das organizações educacionais e nutrido por uma nova lógica, a dialógica, acompanhada pelos operadores cognitivos para um pensar complexo.

Para tanto, é fundamental cuidar dos processos de formação dos educadores, catalisar mudança de mentalidade e novas atitudes no professorado, colaborar para a reforma do pensamento (MORIN, 2000), mas uma reforma nutrida por um coração amoroso, sensível e solidário, capaz de restaurar a compaixão, curar a alma docente e discente, professar a religião da solidariedade e da fraternidade para que, como civilização,



possamos seguir adiante. É uma reforma do pensamento enriquecida de solidariedade e comprometimento social. Sem isso não conseguiremos sair do caos e da obsolescência em que está a educação brasileira e reinventar o sopro criativo gerador de vida, fé e esperança.

## Questões prioritárias a serem tratadas pelo pensamento do Sul em direção a uma política de civilização

Entendemos que uma das questões prioritárias em direção a uma política de civilização é a necessidade de uma consciência coletiva capaz de reconhecer que a ecologia se converteu no contexto de grande parte dos problemas atuais: da educação, da política, do processo industrial, da urbanização, da economia, do direito, da saúde e da reflexão filosófica e religiosa (BOFF, 2011). Nossa atual crise civilizatória, de natureza ecológica, social, econômica, política e educacional, com incalculáveis e imprevisíveis consequências, vem colocando em risco a sobrevivência humana e a preservação da vida no planeta.

Sua superação exige um novo estado de consciência da humanidade, no qual predomine a responsabilidade, a cooperação, a sensibilidade, a ternura e a fraternidade. Aos poucos, a humanidade vem tomando consciência de que somos constituídos pelos mesmos elementos físico-químicos e pela mesma energia e campos vibracionais constitutivos da mãe Terra e da qual, em realidade, não estamos separados. Ela está presente dentro de cada um de nós. Aos poucos, a humanidade está se conscientizando de que somente é possível compreender verdadeiramente o ser humano a partir de seus processos de interdependência, de sua conexão com o processo universal, com os elementos materiais e energéticos mais sutis, como partes da Terra e do Cosmo.

Dessa forma, entendemos que uma política de civilização deve estar voltada, simultaneamente, para o ser humano e para as questões ecológicas, em direção a uma política de civilização planetária, preocupada com o desenvolvimento de uma consciência de caráter multidimensional e abrangente. Isso exige uma tomada de consciência, em termos de responsabilidade planetária, capaz de garantir os mesmos direitos a todos os seres vivos, incluindo a mãe Terra.

Essa mudança de consciência implica uma reforma do pensamento como desejado por Morin, nutrida por maior abertura do coração. Implica também a construção de um pensamento ecológico capaz de restabelecer as relações de ligação, de conexão, os processos de interdependência, reconhecendo a mestiçagem dos processos e que tudo está em comunhão, condição fundamental para que possamos apurar nossos canais perceptivos e retomar nossos diálogos com a vida e com a realidade.

Dessa forma, a prioridade de uma política de civilização deve, sem dúvida, ser a mesma prioridade da agenda educacional brasileira, não apenas no que se refere às questões relacionadas à aprendizagem e aos processos de construção de conhecimento, mas, simultaneamente, às questões afeitas à sustentabilidade ecológica, à cidadania planetária e ao restabelecimento dos vínculos com a Terra e com a vida. Mas, uma vida autossustentável, o que implica a busca do equilíbrio do sujeito consigo mesmo, com o outro e com o planeta, condição essencial para o exercício de uma democracia fundada na complexidade das interrelações entre unidade e diversidade e compreensão das novas identidades emergentes.

Como educadores, precisamos enfatizar a tessitura social, ecológica e planetária e compreender as interrelações de natureza ecossistêmica existentes entre os diferentes domínios da natureza, percebendo a interdependência entre ambiente, ser humano, pensamento e processos de desenvolvimento. Precisamos enfatizar a existência de uma cooperação global natural, não apenas em relação aos processos cognitivo-emocionais, mas também no que se refere às escalas social, ecológica e planetária, entendendo que nossas demandas educacionais não estão separadas das demandas globais relacionadas ao triângulo da vida, ou seja, às relações indivíduo/sociedade/natureza.

Ao concluir, ratificamos a importância de se ter um pensamento ecologizante capaz de contextualizar, relacionar, religar as diferentes dimensões humanas com as diferentes dimensões que tecem a trama da vida. Tal pensamento exige o rompimento com o paradigma tradicional, reducionista e fragmentador da realidade, em busca de novas explicações sobre o real e a natureza do que é cognoscível. Isso exige, portanto, a construção de um pensamento ecologizado em educação, um pensamento ecossistêmico (MORAES, 2004), nutrido pela complexidade que

tece uma nova ecologia de saberes (MORAES, 2008), para que, como educadores, possamos aprender a religar o que precisa ser religado, compreender e atuar sobre a realidade a partir do exercício de uma nova consciência planetária, apoiada em princípios éticos centrados no respeito à vida, ao ser humano e à natureza.

Essa é uma das condições necessárias para a preparação das futuras gerações para um novo diálogo do indivíduo com o outro, com a natureza. Enfim, para um novo diálogo com a vida. Um diálogo mais amoroso, fraterno, criativo e solidário, capaz de restabelecer os preciosos vínculos que nos unem e criar novas relações e conexões, não apenas voltadas para a evolução da ciência e da tecnologia, mas, sobretudo, para o cultivo da paz, da harmonia e para a preservação da vida no planeta.

### Experiências importantes

Uma das experiências em andamento é o trabalho desenvolvido pela Escola Vila, em Fortaleza, Ceará, desde 1981, voltado para a formação do ser humano integral, com base em uma proposta pedagógica de natureza transdisciplinar, preocupado com a integração corpo e mente, teoria e prática, educador e educando, buscando romper disjunções, fragmentações e simplificações epistemológicas e metodológicas. Desde sua fundação, a Escola Vila vem se destacando por sua proposta inovadora, voltada para a construção de uma educação diferenciada, a partir da descoberta das necessidades genuínas de cada aluno, da revelação de seus talentos e habilidades, do resgate de sua autoestima, do desenvolvimento de sua autonomia intelectual e moral, associada a uma profunda reflexão sobre valores, condutas éticas e padrões de comportamentos responsáveis.

Outra experiência importante foi desenvolvida pela Escola Cidadã, promovida pela Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no período de 1989 a 2004. Caracterizou-se por oferecer uma educação comprometida com a formação para a cidadania, a democracia e a participação solidária na construção e execução de políticas públicas. Vale a pena observar que nesse período houve um aumento muito significativo de matrículas e uma grande redução da evasão, reprovação e analfabetismo. Para mais informações, ver o texto de José Clovis Azevedo, Carolina

Contreiras e Sumaia Fuchs Curço, *Escola cidadã* (2010).

### REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, José Clovis de; RODRIGUES, Carolina Contreiras; CURÇO, Sumaia Fuchs. Escola cidadã: políticas e práticas inclusivas. *Arquivos analíticos de políticas educativas*, v. 18, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://www.oei.es/noticias/spip.php?article6437>>. Acesso em: jan. 2011.
- BATALLOSO NAVAS, Juan Miguel. *Dimensões da psicopedagogia hoje: uma visão transdisciplinar*. Brasília: ProLiber, 2011.
- BOFF, Leonardo. *¿Qué significa ser y sentirse tierra?* Disponível em: <<http://www.servicioskoinonia.org/relat/253.htm>>. Acesso em: 5 jan. 2011.
- MORIN, Edgar. *Para um pensamento do sul*. 2010. Mimeografado.
- MORIN, Edgar. *O problema epistemológico da complexidade*. Sintra, Portugal: Publicações Europa-América, 1996.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2000b.
- PELLANDA, Nize M. C. Sofrimento escolar como impedimento da construção de conhecimento/subjetividade. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 29, n. 129, p. 1060-1088, set./dez. 2008.

# Aportes para un pensamiento del Sur

227

Moraes, Maria Cândida\*

\* Doctora en Educación por la PUC-SP, con maestría por el Instituto de Investigaciones Espaciales (INPE/CNPq). Actualmente ejerce como profesora del Posgrado en Educación de la Universidad Católica de Brasilia-DF. Es investigadora del CNPq y del grupo Giad/DOE/UB; coordinadora adjunta de la Red Internacional de Ecología de los Saberes de la Universidad de Barcelona. Fue profesora del Programa de Posgrado en Educación de la PUC-SP, en el periodo de 1997 a 2008. Consultora y conferencista nacional e internacional. Fue investigadora-visitante de la OEA, en Washington y consultora del Banco Mundial. Autora de varios libros, entre ellos, *O paradigma educacional emergente* y *Pensamento ecossistêmico*, ambos con sello de la Unesco; *Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação — novos fundamentos para reencantar a educação* y *Complexidade, transdisciplinaridade em educação: teoria e prática docente*. Es coordinadora del grupo de investigación Ecotransd/CNPq.

Varios son los temas emergentes que nos inspira el texto «Para un pensamiento del Sur», de Edgar Morin (2010). Sin embargo, como nos fue solicitado, seleccionaremos solamente algunos aspectos.

Al finalizar su texto, Morin observa que «cuando un sistema no es capaz de tratar sus problemas vitales y fundamentales, se desintegra, o entonces es capaz de metamorfosearse, o sea, de engendrar un metasisistema más rico que pueda tratar esos problemas» (MORIN, 2010, p. 15). Entendemos que la crisis de obsolescencia de la educación brasileña requiere la búsqueda inmediata de nuevos caminos, de un nuevo metasisistema, más rico y competente para tratar los problemas más urgentes. Es una crisis que toma como pauta la baja calidad de la educación que se ofrece, la falta de profesionalización docente, asociada a una total desmotivación por parte de los alumnos y profesores, al desinterés y falta de compromiso del alumnado con la educación que recibe, a la falta de seguridad y violencia en las escuelas, a los problemas de carácter emocional que vienen afectando a los alumnos y profesores; todo ello de igual manera influenciado por las cuestiones económicas y sociales.

Creemos, entonces, en la urgencia y necesidad de resignificar el paradigma educacional vigente a partir de un nuevo metasisistema, más rico y significativo, para tratar la problemática; porque entendemos que la crisis educacional actual es de naturaleza paradigmática e involucra, por lo tanto, aspectos ontológicos, epistemológicos y metodológicos del hacer en educación. Es el resultado de una crisis mucho más amplia, que involucra varios otros aspectos relacionados no solamente con el individuo, sino con la sociedad y el planeta como un todo. Así, no podemos seguir ofreciendo un conjunto de prácticas formalistas y que fragmentan la realidad, las dimensiones del ser, el conocer y el hacer, que viene comprometiendo la calidad educacional y el desarrollo integral del alumno, dificultando, de esta manera, su acoplamiento estructural con la realidad. Es una práctica educacional arrogante y prepotente, cuya naturaleza es positivista, que ignora la subjetividad humana, las emergencias cognitivo-

-emocionales y auto-eco-organizadoras que ocurren en el aula y que sigue culpando a nuestros niños y jóvenes por no asumir sus propias dificultades e incompetencias. Dichas propuestas vienen provocando sufrimiento al alumno, tanto el de educación básica como el de educación media, tecnológica o superior, al ofrecer prácticas contrarias a sus necesidades vitales, que niegan su manera de pensar, sentir, conocer, expresarse, ignorando sus emociones, sentimientos y afectos. Son prácticas fundamentadas en hermosas teorías y planes pedagógicos aparentemente innovadores, pero ontológica y epistemológicamente equivocados, pues separan mente y cuerpo, vida y educación, y no tienen nada que ver con lo que efectivamente ocurre en el aula.

*Al separar aprendizaje y vida, vida y educación, además de dificultar el acoplamiento estructural del sujeto aprendiente con su realidad, dichas prácticas perjudican el desarrollo de los procesos de autoría y de autonomía de los alumnos, así como la posibilidad de su emancipación e inserción social, comprometiendo la relación del individuo con su medio y con el triángulo de la vida, representado por las relaciones individuo-naturaleza-sociedad. Pero ¿cuál es el problema? ¿Por qué plantear esta cuestión en este espacio de interlocución tan privilegiado?*

*Es que dichas inquietudes y dificultades vienen provocando dolor y sufrimiento a los alumnos al tocar el meollo del proceso de construcción del conocimiento y dificultar sus procesos de desarrollo integral y su inserción social. Sabemos que todo conocer no se puede separar del ser, del hacer y del vivir/convivir. No se puede separar, por lo tanto, de la ontogenia de los sujetos aprendientes, ni de sus procesos de desarrollo, en un sentido más amplio.*

*En realidad, y concordando con Nize Pellanda (2008), estamos ofreciendo una práctica educativa ontológicamente esquizofrénica<sup>1</sup> y epistemológicamente, como mínimo, equivocada, sin sentido ni significado para el alumno. En las escuelas, el placer y la alegría siguen fuera del aula, habitando el recreo y otros espacios de convivencia escolar. Por su lado, el sufrimiento y la insatisfacción del alumnado, entre otros motivos, viene provocando también y, como nunca antes, el estrés y el sufrimiento del profesorado, cuyos datos recientemente divulgados son absolutamente alarmantes.<sup>2</sup> Todo esto nos muestra que estamos viviendo una situación caótica y obsoleta en la educación brasileña. Más aún, que el profesorado también participa como víctima de*

*esa tragedia nacional. Pero ¿qué es lo que lleva un trabajo tan significativo y meritorio a ser tan desgastante y doloroso? ¿Cuáles son los problemas de carácter emocional que vienen afectando a profesores y alumnos?*

*Un segundo aspecto importante es la observación de Morin (2010, p.8) de que «el pensamiento dominante del Norte está basado en la reducción de lo complejo a lo sencillo y en la disyunción, es decir, en la separación de lo que, en verdad, es inseparable. (...) La especialización de las disciplinas cerradas, extrañas las unas a las otras, conlleva, sin embargo, al primado de un pensamiento que se vuelve miope, que aísla los objetos de sus contextos y de sus lazos naturales».*

*Lo mismo pasa con nuestra educación, que sigue apoyada en una visión reduccionista, fragmentada y unidimensional de la realidad, en una cultura escolar que dificulta el aprendizaje, que excluye la subjetividad y fragmenta la multidimensionalidad humana, la intersubjetividad presente en los procesos de construcción del conocimiento, negando la interferencia de una realidad social que necesita ser reconocida y mejor trabajada. La misma sigue apoyada en una visión de realidad falsamente objetiva e independiente del aprendiz. Según las enseñanzas de Morin (1996), sabemos que «errores ontológicos conllevan a errores epistemológicos y metodológicos», inaugurando y alimentando un anillo defectuoso, generador de una enseñanza igualmente defectuosa y de una práctica pedagógica esquizofrénica que, además de no reconocer la multidimensionalidad humana, permite la prevalencia de la ausencia de cuidado, cariño, ternura y sensibilidad en relación con los vínculos escolares, lo que provoca la emergencia del individualismo, la debilidad de las relaciones, la inseguridad, el miedo y la depresión.*

*Toda esa problemática exige, por lo tanto, un cuadro ontológico, epistemológico y metodológico más amplio y profundo, capaz de promover cambios paradigmáticos y programáticos en educación. Ya no podemos seguir trabajando en educación con una inteligencia ciega que fragmenta y aísla. Debemos trabajar con un pensamiento y una inteligencia ecológica, capaz de reconectar las diferentes dimensiones de la vida con las diferentes dimensiones constitutivas del ser humano.*

*Necesitamos, por lo tanto, un pensamiento complejo, transdisciplinar y ecologizante, capaz de reconectar lo que necesita reconectarse, valorar otros modos de comprender la realidad, integrar diferentes saberes, reconocer y trabajar la multidimensionalidad humana.*

<sup>1</sup> *Esquizo* en griego significa cortado; *frenus*, significa inteligencia.

<sup>2</sup> Folha de São Paulo, 17 de outubro de 2010.

*Ya no podemos seguir repitiendo saberes originados en otros continentes, en otros circuitos académicos considerados únicos y oficiales. Necesitamos, efectivamente, construir una ciencia y una práctica educacional fundada en la complejidad y en la transdisciplinaridad, que consideren los diferentes niveles de realidad presentes en las aulas, reconozcan la importancia de la intuición femenina y la presencia de una racionalidad sensible, amorosa, atenta y cuidadosa. Una ciencia que nazca del continente sudamericano y que considere nuestras raíces mestizas, nuestra sensibilidad, poesía y creatividad; que considere significativas nuestras experiencias cotidianas y el valor intrínseco de nuestra espiritualidad. Una pedagogía más atenta a lo que está en las fronteras disciplinares, a los saberes de los alumnos, que los considere referencias cognitivas importantes, dotados de experiencia, vida, sabiduría y aprendizaje. Una pedagogía que utilice la lógica de lo sensible, de la intuición, de la imaginación y de la espiritualidad como operadores de un pensar complejo y transdisciplinar.*

*Sin embargo, uno de los grandes problemas observados para hacer efectivo un cambio paradigmático más profundo en educación es la insuficiencia de la formación docente que reciben los profesores y la dificultad que la mayoría de ellos tienen para lidiar con cuestiones ontológicas y epistemológicas más profundas y amoldadas a los procesos de construcción del conocimiento provenientes de las prácticas pedagógicas desarrolladas, condición esencial para que ocurra la real inclusión de aquellos que llegan a la escuela cargando las marcas de la exclusión.*

*No importa solamente la igualdad de acceso, sino también la calidad de los procesos desarrollados, es decir, la igualdad de condiciones vividas en el proceso de construcción del conocimiento, que necesariamente tienen que ser ecológico, social, justo, fraternal y solidario, como lo quiere Betaloso (2011). El conocimiento ya no puede seguir trabajándose de forma fragmentada, desconectada de la realidad, sin sentido y significado para el aprendiz, a partir de una orientación positivista, pues en vez de que la escuela lo ayude a transponer barreras, ese tipo de educación termina creando otros obstáculos al aprendizaje del alumno en sus procesos de emancipación e inclusión social.*

*La escuela que, en otros aspectos, ubica el aprendizaje y la inclusión en el centro de sus responsabilidades pedagógicas, necesita trabajar simultáneamente las cegueras del conocimiento, la condición humana, el desarrollo de la comprensión (MORIN, 2000), a partir de nuevas pautas*

*educacionales nutridas por prácticas pedagógicas capaces de restaurar lo concreto, la existencia, lo afectivo en nuestra vida, como lo propone Edgar Morin (2010) en su texto «Para un Pensamiento del Sur». Para ello, es necesario trabajar un nuevo metasistema, más rico y competente, apoyado en nuevas concepciones de los procesos de construcción del conocimiento y en los operadores cognitivos para un pensar complejo, para que el aprendiz pueda realmente entender la «insostenible complejidad del mundo» y de la vida, la complejidad de la realidad, la incerteza presente en el aprendizaje, en el conocimiento y en las demás dimensiones constitutivas de la dinámica de la vida. Y, en este sentido, estamos de acuerdo con Edgar Morin al afirmar que el desdoblamiento del pensamiento del Sur, en lo que se refiere a las implicaciones en el área educacional, solamente podrá ser un pensamiento de naturaleza compleja, es decir, tejido en conjunto en el seno de las organizaciones educacionales y nutrido de una nueva lógica, la dialógica, acompañada de los operadores cognitivos para un pensar complejo.*

*Para ello, es fundamental cuidar los procesos de formación de los educadores, catalizar cambios en la forma de pensar y nuevas actitudes en el profesorado, colaborar para la reforma del pensamiento (MORIN, 2000), pero una reforma a la que nutre un corazón afectuoso, sensible y solidario, capaz de restaurar la compasión, curar el alma del profesorado y del alumnado, profesar la religión de la solidaridad y de la fraternidad para que, como civilización, podamos seguir adelante. Esta reforma del pensamiento es rica en solidaridad y comprometimiento social. Sin ello no podremos salir de la situación de caos y de la obsolescencia en la que se encuentra la educación brasileña y reinventar el soplido creativo generador de vida, fe y esperanza.*

## Cuestiones prioritarias a ser tratadas por el pensamiento del Sur hacia una política de civilización

*Entendemos que una de las cuestiones prioritarias en dirección a una política de civilización es la necesidad de una conciencia colectiva capaz de reconocer que la ecología se convirtió en el contexto de gran parte de los problemas actuales: de la educación, la política, el proceso industrial la urbanización, la economía, las leyes, la salud y la reflexión filosófica y religiosa (BOFF, 2011). La actual crisis civilizatoria por la que pasamos, de*

*naturaleza ecológica, social, económica, política y educacional, con incalculables e imprevisibles consecuencias, viene poniendo en riesgo la sobrevivencia de la raza humana y la preservación de la vida en el planeta.*

*Su superación exige un nuevo estado de conciencia de la humanidad, en el que sea predominante la responsabilidad, la cooperación, la sensibilidad, la ternura y la fraternidad. Poco a poco, la humanidad va tomando conciencia que estamos hechos de los mismos elementos físico-químicos y de la misma energía y campos de vibración constitutivos de la madre Tierra y de la que, en realidad, no estamos separados. Ella está presente dentro de cada uno de nosotros. Poco a poco, la humanidad va tomando conciencia que solamente es posible comprender verdaderamente al ser humano a partir de sus procesos de interdependencia, de su conexión con el proceso universal, con los elementos materiales y energéticos más sutiles, como partes de la Tierra y del Cosmos.*

*De esta manera, entendemos que una política de civilización debe estar dirigida, simultáneamente, al ser humano y a las cuestiones ecológicas, hacia una política de civilización planetaria, preocupada con el desarrollo de una conciencia de carácter amplio y multidimensional, lo que exige una toma de conciencia en términos de responsabilidad planetaria, capaz de garantizar los mismos derechos a todos los seres vivos, incluyendo a la madre Tierra.*

*Este cambio de consciencia implica una reforma del pensamiento como la propuesta por Morin, nutrida de mayor apertura del corazón. Asimismo, implica la construcción de un pensamiento ecológico capaz de restablecer las relaciones de enlace, conexión, procesos de interdependencia, reconociendo el mestizaje de los procesos y que todo se encuentra en comunión, condición básica para que podamos perfeccionar nuestros canales perceptivos y retomar nuestros diálogos con la vida y la realidad.*

*De esta manera, la prioridad de una política de civilización debe, sin dudas, ser la misma prioridad de la agenda educacional brasileña, no solamente en lo que se refiere a las cuestiones que se relacionan con el aprendizaje y los procesos de construcción del conocimiento, sino, simultáneamente, a las cuestiones relacionadas con la sustentabilidad ecológica, la ciudadanía planetaria y el restablecimiento de los vínculos con la Tierra y con la vida. Pero, una vida autosostenible, lo que implica la búsqueda del equilibrio del individuo consigo mismo, con el otro y con el planeta, condición esencial para el ejercicio de*

*una democracia fundada en la complejidad de las interrelaciones entre unidad, diversidad y comprensión de nuevas identidades emergentes.*

*Como educadores necesitamos darle énfasis a la estructura social, ecológica y planetaria, y comprender las interrelaciones de naturaleza del ecosistema existentes entre los diferentes dominios de la naturaleza, observando la interdependencia entre ambiente, ser humano, pensamiento y procesos de desarrollo. Necesitamos enfatizar la existencia de una cooperación global natural, no solamente en relación con los procesos cognitivo-emocionales, sino también en lo que respecta a la escala social, a la ecológica y a la planetaria, a través del entendimiento de que nuestras demandas educacionales no están separadas de las globales relacionadas con el triángulo de la vida, es decir, las relaciones individuo/sociedad/naturaleza.*

*Finalmente, ratificamos la importancia de un pensamiento ecologizante, capaz de contextualizar, relacionar, reconectar las diferentes dimensiones humanas con las diferentes dimensiones que tejen la trama de la vida. Tal pensamiento exige romper con el paradigma tradicional, reduccionista y que fragmenta la realidad, y va en búsqueda de nuevas explicaciones sobre lo real y la naturaleza de lo que es cognoscible. Para ello, por lo tanto, se exige la construcción de un pensamiento ecologizado en educación, un pensamiento ecosistémico (MORAES, 2004), nutrido de la complejidad que teje una nueva ecología de saberes (MORAES, 2008), para que, como educadores, podamos aprender a reconectar lo que debe reconectarse, comprender y actuar sobre la realidad a partir del ejercicio de una nueva consciencia planetaria, apoyada en principios éticos que se centran en el respeto a la vida, al ser humano y a la naturaleza.*

*Esta es una de las condiciones necesarias a la preparación de las futuras generaciones para un nuevo diálogo del individuo con el otro, con la naturaleza, es decir, para un nuevo diálogo con la vida. Uno más amoroso, fraternal, creativo y solidario, capaz de restablecer los preciosos vínculos que nos unen y crear nuevas relaciones y conexiones, no solamente las que se vuelcan a la evolución de la ciencia y la tecnología, sino, sobre todo, al cultivo de la paz, la armonía y la preservación de la vida en el planeta.*

## Experiencias importantes

*Una de las experiencias en curso es el trabajo que desarrolla la Escola Vila, en la ciudad de Fortaleza, estado de Ceará, Brasil, desde el año 1981, y que se dirige a la formación del ser humano integral, basado en una propuesta pedagógica de naturaleza transdisciplinar, preocupado con la integración cuerpo y mente, teoría y práctica, educador y educando, buscando romper disyunciones, fragmentaciones y simplificaciones epistemológicas y metodológicas. Desde su fundación, la Escola Vila se destaca debido a su innovadora propuesta, que se dirige hacia la construcción de una educación diferenciada, a partir del descubrimiento de las necesidades genuinas de cada alumno, de la revelación de sus talentos y habilidades, del rescate de su autoestima, del desarrollo de su autonomía intelectual y moral, asociada a una profunda reflexión sobre valores, conductas éticas y patrones responsables de comportamiento.*

*Otra importante experiencia se desarrolló a través de la Escola Cidadã, que promueve la Secretaría Municipal de Educación de Porto Alegre, en el estado de Rio Grande del Sur, en Brasil, en el periodo entre 1989 a 2004. Se caracterizaba por ofrecer una educación comprometida con la formación para la ciudadanía, la democracia y la participación solidaria en la construcción y ejecución de políticas públicas. Vale la pena observar que en este periodo se presentó un aumento muy significativo de matrículas y una gran reducción en los índices de deserción, reprobación y analfabetismo. Para más informaciones, ver el texto de Jose Clovis Azevedo, Carolina Contriras e Sumaia Fuchs Curço, Escola cidadã (2010).*

# Contribuições para um pensamento do Sul

Moreira, Irlando Tenório\*

\* Cirurgião-dentista graduado pela Universidade Federal de Pernambuco, tem MBA em Gestão Estratégica pela FGV e especialização em Saúde Pública pela UFF. Participou da Coordenação do Fórum Regional de Organização da Sociedade Civil da América Latina e Caribe sobre o envelhecimento, edição de 2007, e é Gerente de Saúde do Departamento Nacional do SESC.

Formular o pensamento do Sul implica pensar fundamentalmente a América Latina e a África colonizadas, exploradas e expurgadas de oportunidades desenvolvimentistas, em um longo período histórico. Enveredar pela rede de solidariedade entre os povos do Sul pode ser um equívoco perpassado pelo provincianismo. A colaboração humanizada entre os grupos, redes, tribos e culturas do Sul também pode ser interpretada como um alento na busca por caminhos e oportunidades no Sul.

Para a formação do pensamento da maior parte desse hemisfério, temos que pensar obrigatoriamente nos processos de educação, conhecimento, treinamento da mão de obra tão cultuada e exigida pelo Norte. O Sul encaminhou suas experiências, vivências e construções inovadoras em um imaginário coletivo, como uma identidade de história oral, conforme concebe Paul Thompson. Assim se identifica o pensamento do Sul.

Por outro lado, ou paralelo a isso, construiu-se um comportamento, também coletivo, formulado entre esses povos em uma vivência de solidariedade, onde a necessidade imediata de sobrevivência leva as pessoas a compartilhar situações de miséria e catástrofes. uma colaboração de sobrevivência entre cidadãos por vezes sem cidadania. Historicamente, foram sendo criadas articulações entre as pequenas redes socioculturais do entorno imediato (em certos lugares na África ainda estão presentes as disputas entre tribos, dada uma situação de miséria total), bem como há manifestações de vivências criativas, praticamente espontâneas (comidas, danças,

vestes, gestos, falas, comportamentos) como formas de autointerpretação das suas culturas e experiências da vida cotidiana. A responsabilidade coletiva só é contagiante em segmentos já mais organizados em normas e objetivos criados pelos seus membros. Há a presença da "composição de poesias" a partir do sofrimento, no simples, e nos pequenos sonhos na maioria dos grupos por serem, também, mais simples.

Portanto, podemos apontar para uma política de civilização com elucidação mais humana que técnica. Assim, entendemos que deve haver a recusa da redução humana, ou da condição de "raça inferior", uma vez que na mistura de raças, cores e credos estão presentes a prática da diversidade e da multiplicidade cultural politeísta. É como se existisse um pragmatismo muito mais pela sobrevivência todos os dias, do que a preocupação com a construção de uma identidade nacional. Isso pode justificar a forte herança cultural popular do Sul.

Não podemos esquecer que nesse mesmo universo a capacidade de autocrítica apresenta-se subdesenvolvida. Há o exercício da corrupção convivendo com a solidariedade de forma ambígua. A degradação ambiental, inconsequente, é naturalizada, decorrente das subcondições de exploração, diretamente, dada a carência de formação profissional rentável, ausente para um quadro político ideal visto nas nações mais complexas. Superadas essas lacunas características do Sul, haverá condição para saída da subserviência.



# Aportes para un pensamiento del Sur

233

Moreira, Irlando Tenório\*

\* Cirujano Dentista egresado de la Universidad Federal de Pernambuco, cuenta con MBA en Gestión Estratégica por la Fundación Getúlio Vargas (FGV) y especialización en Salud Pública por la UFF. Participó en la Coordinación del Foro Regional de Organización de la Sociedad Civil de Latinoamérica y el Caribe sobre envejecimiento, edición de 2007, y ejerce como Gerente de Salud del Departamento Nacional de SESC.

*Formular el pensamiento del Sur implica pensar fundamentalmente en Latinoamérica y el África colonizadas, explotadas y expurgadas de oportunidades de desarrollo durante un largo periodo de la historia. Caminar por la red de solidaridad entre los pueblos del Sur puede ser un error permeado de provincianismo. La colaboración humanizada entre los grupos, redes, tribus y culturas del Sur también se puede interpretar como un aliento en la búsqueda de caminos y oportunidades en el Sur.*

*Para la formación del pensamiento de la mayor parte de este hemisferio, debemos pensar obligatoriamente en los procesos de educación, conocimiento, entrenamiento de la mano de obra exigida y adorada por el Norte. El Sur encaminó sus experiencias, vivencias y construcciones innovadoras en un imaginario colectivo, como una identidad de historia oral, según lo concibe Paul Thompson. Así es como se identifica el pensamiento del Sur.*

*Por otro lado, o incluso paralelamente a ello, se construyó un comportamiento, también colectivo, formulado entre aquellos pueblos en una vivencia de solidaridad, donde la necesidad inmediata de sobrevivencia lleva a las personas a compartir situaciones de miseria y catástrofes. Una colaboración de sobrevivencia entre ciudadanos que muchas veces no poseen ciudadanía. Históricamente, se fueron creando articulaciones entre las pequeñas redes socioculturales del entorno inmediato (en ciertos lugares de África aún están presentes las disputas entre tribus, debido a la situación de miseria total), como hay también manifestaciones de vivencias creativas,*

*prácticamente espontáneas (comidas, danzas, vestimenta, gestos, habla, comportamientos) como formas de auto-interpretación de sus culturas y experiencias de la vida diaria. La responsabilidad colectiva sólo se contagia en aquellos segmentos más organizados según las normas y objetivos creados por sus miembros. Ocurre la «composición de poesías» a partir del sufrimiento, en lo simple, y en los pequeños sueños de la mayoría de los grupos, por ser también más simples.*

*Por lo tanto, es posible señalar una política de civilización con una elucidación más humana que técnica. De esta manera entendemos que se debe rechazar la reducción humana o la condición de «raza inferior» una vez que en la mezcla de razas, colores y credos se encuentra la práctica de la diversidad y de la multiplicidad cultural politeísta. Es como si existiera un pragmatismo mucho más por la sobrevivencia cotidiana que por la preocupación con la construcción de una identidad nacional. Esto puede justificar la fuerte herencia cultural popular del Sur.*

*No se debe olvidar que en este mismo universo la capacidad de autocrítica se presenta subdesarrollada. El ejercicio de la corrupción convive con la solidaridad de forma ambigua. La degradación ambiental, inconsecuente, es naturalizada, y proviene de las sub-condiciones de explotación, directamente, debido a la carencia de formación profesional rentable, ausente para un cuadro político ideal que se ve en naciones más complejas. Cuando se superen estas lagunas, características del Sur, entonces habrá condiciones para salir del servilismo.*

# Para uma leitura de Edgar Morin

Neira, Hugo\*

\* Sociólogo, historiador, politicólogo. Peruano e cidadão francês. Estuda História na Universidade Nacional Mayor de San Marcos, em Lima, Peru. Está se formando no Instituto de Ciências Políticas, Paris (Sciences Po), onde será pesquisador. Tese de doutorado pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Fará parte do Ensino Superior da França por meio de concurso público. Será professor até aposentar-se no Taiti, Polinésia Francesa. Morou algumas temporadas entre a Europa e seu país de origem. Diretor de Difusão no governo revolucionário do general Velasco Alvarado (1970-1976). Diretor do Instituto de Governo (2005-2006) da Universidade San Martín de Porres, Lima. Diretor da Biblioteca Nacional do Peru (2006-2009). Como escritor, recebeu diversos reconhecimentos. Prêmio de Incentivo à Cultura, Peru, 1965, por *Cuzco, terra e morte*. Prêmio Casa das Américas, Cuba, em 1975, por *Huillca, habla um campesino peruano*. No concurso internacional de ensaio na cidade de Weimar, na Alemanha (2000), foi finalista considerado um dos “seis melhores ensaístas de língua espanhola em vida”. Condecorado pelo governo francês em 2010 como Chevalier de l'Ordre des Arts et Lettres.

Torna-se conveniente reinscrever o texto que passaremos a comentar na totalidade da obra de seu autor. Edgar Morin, há anos, afirmou que o conhecimento “que não conhece seus limites se automutila e, por isto, o que limita nosso conhecimento é o que o possibilita” (*El conocimiento del conocimiento*, 1988). No texto comentado aqui, é posta em questão uma ideia única do progresso vinda do Norte, isto é, a de uma modernidade sob um só padrão dominante. Mas Morin não vem nos propor uma ideia opositora, não menos única e salvadora, o Sul. Pelo contrário, com um método próprio de “princípio dialógico”, opõe ao conceito dominante uma série de matizes e alterações. A seguir, o comentário.

“A ideia do Sul é uma noção falsamente clara.” O primeiro fator que surpreende, nessas primeiras linhas, são as precauções feitas pelo próprio Morin. “A noção de Sul é relativa”. E não quer dizer Sul, simplesmente, um lugar geográfico, “o Magrebe, o Norte da África, ou as Metrôpoles do Sul”, e “São Paulo é muito impregnada de Norte”. Além disso, há outra preocupação: evitar substancializar. Se um conceito se substancia, seu conteúdo se propõe como permanente, fixo, durável. Por outro lado, atribuir valor eterno a fatos culturais — raça, classe, nação — provoca algumas reações. De um lado, um uso secundário; do outro, abandonar o terreno das ciências do homem. Não procuramos, de fato, essências, mas situações. O conceito é de Sartre. As ciências humanas, desde o início, nasceram para o pluralismo explicativo. Há uma ética do trabalho intelectual que habita nestes dois esclarecimentos prévios.

Dando continuidade a outra grande ideia do texto, existem “vários suís”. E ainda assim, o olhar do Norte (porque disso se trata, de olhares) tende a encerrá-los numa “concepção única, de atraso, de subdesenvolvimento”. Esses “suís”, observa Morin, são habitados

por “qualidades, virtudes, artes de viver”. Convém destacar o uso do plural aqui. Nesse ponto, o autor insiste novamente que, sendo Norte e Sul noções relativas, não se deve nem idealizá-las, nem desvalorizá-las. Novamente, “o princípio dialógico” utilizado por Morin. Nem tudo é errôneo nessa ideia proveniente do Norte, a quem também chamamos de ocidente europeu e, outras vezes, mundo anglo-saxão. O autor considera uma lista de instituições e condutas que não podemos desestimar: democracia representativa, direitos humanos, direitos da mulher, autonomias individuais, apesar das “cegueiras e ilusões”.

Este é o momento de enunciar a problemática do texto. O que está em jogo? O que Edgar Morin questiona, afinal? O autor questiona a redução das múltiplas culturas do mundo a apenas uma lei inelutável da história humana, a uma visão proveniente do ocidente europeu, mas que não abrange todo o planeta. Refuta a redução, o que é quase impossível no estado do mundo atual. Soma-se a isso um dos maiores erros em termos de epistemologia, segundo Morin, que é a disjunção. Trataria-se também de salvar o próprio Ocidente de algumas de suas maiores ilusões, suas dicotomias. Separação de natural e cultural, de emoção e paixão, homem e mulher, e a redução do complexo ao extremamente simples, coisa que Morin combate há anos. Para concluir este comentário, me ocuparei do resto da argumentação de Morin, que nos lembra de outras fontes que precederam o atual Ocidente e o nutriram: os deuses politeístas, o sentido da diversidade, os gregos e os latinos, Paulo de Tarso dirigindo-se aos judeus, a assembleia de cidadãos diferentes e, ao mesmo tempo, iguais em Atenas, a importância do debate, o Renascimento capaz de problematizar o mundo, a natureza, o homem. Chegando aos tempos modernos, há uma cara do progresso que precisamos abandonar, a do homem (ocidental) senhor e mestre da natureza. Assim, em poucas linhas, Morin, com veste seus sapatos de sete léguas e une o faraó Akenaton à “Terra-pátria” dos atuais ambientalistas.

Para responder sobre as experiências inovadoras que ilustram o pensamento do Sul, destaco que, em minha opinião, Morin parece atuar em três perspectivas. Em primeiro lugar, nos fatos, diante da coincidência de culturas e civilizações diversas, em presença e ao mesmo tempo antagônicas, neste momento mundial. Em segundo lugar, a insuficiência da racionalidade e da lógica convencionais. Em terceiro lugar, perante a ciência e a técnica, sua necessidade, mas também o fato de sua ambivalência. Há uma última aposta que remete aos “poderes que pode ter o improvável”, diante do inesperado no curso da história humana. Por trás desta postura se encontra a noção do caos criador, ao que remete o fundamental de Morin e seu modelo da complexidade.

Morin é sociólogo e ninguém se surpreende que se apoie no concreto e imediato. É evidente que há uma sorte de relógios mundiais e mapas de fusos horários que reúnem os aeroportos do mundo, mas são os mesmos mundos? O mesmo mundo ao sair de Nova York que ou de Abuja, na Nigéria? De Bogotá e de Nairóbi? O que fazer diante da unidade e da diversidade humana? “O tesouro da humanidade”, diz ele, “é diverso”. E evoca o gênio Leibniz, “o uno conserva e salva o múltiplo”. Eu diria, em minha opinião, que o contrário também é possível. Morin se inclina pela mistura, pelo que chamaríamos de cultura da mestiçagem, “que não deve ser confundido com uma cultura mestiça”, adverte o antropólogo Laplantine. Isto é, literaturas, línguas, religiões, música, tudo o que vai além da reprodução, a imitação, a cópia ou o calco, e que ocorre no encontro com o outro, o mestiçado adota, mas para transformar, anexar, modificar. Sua lealdade é a da transgressão, desde o tango à saudade. Culturas híbridas, frutos inesperados da alteralidade. Este mundo sem limites, do fora que se transforma no que está dentro, é um mundo da

vida e, portanto, de suas impurezas, e vai desde o “caboclo” brasileiro, ao “achorado” peruano, povoando o mundo de Megalópoles tão imensas quanto as ocidentais, mas pobres, periferias de periferias. Mas lugares de novos sentidos. As ideias de Morin chamam a uma outra sociologia e antropologia, a outra filosofia e história do mundo.

Enfim, a questão prioritária é dupla. Por um lado, atender o mundo multipolar no qual vivemos, de economias emergentes. Índia, China, Brasil, e as duas primeiras, não são muito o Sul, mas também não são o Norte. Então, Norte e Sul têm um valor combinatório na interação de economias e civilizações em curso. Por outro lado, há um valor epistemológico no texto de Morin (e, pessoalmente, foi de grande utilidade para mim em meus livros, desde o ano de 1996). Desta forma, o tema do Sul conduz a uma questão teórica e prioritária. Edgar Morin advogou por uma transversalidade de conhecimentos (ver *Relier les connaissances*, Paris: Seuil, 1999). Há 40 anos Morin lidera uma grande mudança de rumo e, atualmente, outros autores também buscam outro paradigma científico, desde o que se chamou “a galáxia de Stanford”. A ideia da auto-organização pode ser encontrada em vários domínios do conhecimento e em vários pensadores, como o biólogo Henri Atlan, o matemático René Thom e sua tipologia, Ilya Prigogine, René Girard. As teorias do caos auto-organizador são aplicadas ao sistema solar, à atmosfera terrestre, às flutuações das bolsas de valores. Para Morin, os eventos não ocorrem na ordem progressiva que se pensa. Seu esquema dinâmico de um anel recursivo-rotativo une a base e o topo, tomado da cibernética dos anos 1960, a ideia do *feedback*. E da biologia, a capacidade de autorregenerar-se da vida. Os anéis causais existem, mas não são simples, são complexos. Podem ser compreendidos se mudamos nossos hábitos de pensar. Em suma, o texto propõe uma divisão de naipes em ideias do Norte e contribuições do Sul, e nas mesmas relações internacionais.

# Para una lectura de Edgar Morin

237

Neira, Hugo\*

\* Sociólogo, historiador, politicólogo. Peruano y ciudadano francés. Estudia historia en la Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, Perú. Recibe una formación en el Instituto de Ciencias Políticas, París (Sciences Po) donde será investigador. Tesis de doctorado en la École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Ingresa en la enseñanza superior de Francia tras concurso público. Será profesor hasta su jubilación, en Tahití, Polinesia Francesa. Ha vivido, por periodos, entre Europa y su país de origen. Director de Difusión en el gobierno revolucionario del general Velasco Alvarado (1970-1976) Director del Instituto de Gobierno (2005-2006) de la Universidad San Martín de Porres, Lima. Director de la Biblioteca Nacional del Perú (2006-2009). Como escritor ha recibido diversas distinciones. Premio de Fomento a la Cultura, Perú, 1965, por *Cuzco, tierra y muerte*. Premio Casa de las Américas, Cuba, en 1975, por *Huillca, habla un campesino peruano*. En el concurso internacional de ensayo, ciudad de Weimar, en Alemania (2000), finalista, considerado uno de los «seis mejores ensayistas de lengua castellana, en vida». Condecorado, por el gobierno francés en el 2010, Chevalier de l'Ordre des Arts et Lettres.

*Conviene reinscribir el texto que vamos a comentar en la totalidad de la obra de su autor. Edgar Morin, años atrás, sostuvo que el conocimiento «que no conoce sus límites, se automutila, y por esto, lo que limita nuestro conocimiento es lo que lo posibilita» (El conocimiento del conocimiento, 1988). Ahora bien, en el texto que aquí se comenta, pone en cuestión una idea única del progreso venida del «Norte», es decir, la de una modernidad bajo un solo patrón dominante. Pero Morin no viene a proponernos una idea opositora no menos única y salvadora, «el Sur». Al contrario, con método que le es propio «el principio dialógico», opone al concepto dominante una serie de matices y alteraciones. Ahora, el comentario.*

*«La idea del Sur resulta una noción falsamente clara.» Lo primero que sorprende, desde las primeras líneas, son las precauciones que el propio Morin adopta. «La noción del Sur es relativa» y no quiere decir Sur, llanamente, un lugar geográfico, «el Magreb, el norte de África, o las Metrópolis del Sur», y «Sao Paulo está muy impregnada de Norte.» Además hay otra preocupación, evitar sustancializar. Si un concepto se sustancia, su contenido se propone como permanente, fijo, durable. Ahora bien, atribuirle valor eterno a hechos culturales — raza, clase, nación — lleva a provocar un par de cosas. De un lado, un uso sectario, del otro, abandonar el terreno de las ciencias del hombre. No buscamos, en efecto, ni esencias sino situaciones, el concepto es de Sartre. Las ciencias humanas desde su inicio, nacen para el pluralismo explicativo. Hay una ética del trabajo intelectual habitando en estos dos esclarecimientos previos.*

*Prosiguiendo, la otra gran idea del texto es que hay «varios sures». Y aun así, la mirada del Norte (porque de eso se trata, de miradas) tiende a encerrarlos en «una concepción única, de atraso, de subdesarrollo». Esos «sures», observa Morin, son habitados por «cualidades, virtudes, artes de vivir». Conviene señalar su uso del plural. Llegado a este punto, el autor vuelve a insistir que siendo nociones relativas Norte y Sur, no hay que ni idealizarlas ni desvalorizarlas. De nuevo «el principio dialógico» invocado en los usos mentales de Morin. No*

*todo es erróneo en esa idea proveniente del Norte, a quien también denomina occidente europeo y a veces mundo anglosajón. Toma en cuenta un aporte de instituciones y conductas que no podemos desestimar: democracia representativa, derechos humanos, derechos de la mujer, autonomías individuales. Pese a las «cegueras e ilusiones».*

*Ha llegado la hora de enunciar la problemática del texto. ¿Qué es lo que está en juego? ¿Qué es lo que cuestiona Edgar Morin? Cuestiona la reducción de las múltiples culturas del mundo a una sola ley ineluctable de la historia humana, a una visión oriunda en el occidente europeo, pero que no abarca el planeta entero. Objeta la reducción, casi imposible en el estado del mundo actual. A eso se añade uno de los errores mayores en términos de epistemología, según Morin, que es la disyunción. Se trataría también de salvar al occidente mismo de algunas de sus mayores ilusiones, sus dicotomías. Separación de lo natural y lo cultural, de emoción y pasión, de hombre y mujer, y la reducción de lo complejo a lo extremadamente simple, cosa que Morin combate desde hace años. En fin, atenderé, para concluir esta parte del comentario, el resto de la argumentación de Morin. Recuerda las otras fuentes que precedieron al actual occidente y lo nutrieron: los dioses politeístas, el sentido de la diversidad, los griegos y los latinos, Pablo de Tarso dirigiéndose a los no judíos, la asamblea de ciudadanos a la vez distintos e iguales en Atenas, la importancia del debate, el Renacimiento capaz de problematizar el mundo, la naturaleza, al hombre. Llegando a los tiempos modernos, hay una cara del progreso que necesitamos abandonar, la del hombre (occidental) señor y maestro de la naturaleza. Así, en unas cuantas líneas, Morin con los zancos de siete leguas, une al faraón Akenaton con la «patria-tierra» de los actuales ambientalistas.*

*Para contestar a qué experiencias innovadoras ilustran el pensamiento del Sur, señalo que Morin me parece actuar en tres direcciones. En primer lugar, en los hechos, ante la coincidencia de culturas y civilizaciones diversas, en presencia y a la vez antagónicas, en esta hora del mundo. En segundo lugar, la insuficiencia de la racionalidad y la lógica convencionales. En tercer lugar, ante la ciencia y la técnica, su necesidad pero también el hecho de su ambivalencia. Hay una última apuesta que remite a «los poderes que puede tener lo improbable», ante lo inesperado en el curso de la historia humana. Detrás de esta postura se halla la noción del caos creador, al que remite lo fundamental de Morin y su modelo de la complejidad.*

*Morin es sociólogo, y nadie se asombra que se afiance en lo concreto e inmediato. Es cierto que una suerte de reloj mundial y mapa de husos horarios reúne a los aeropuertos del mundo entero, ¿pero, son los mismos mundos? ¿Lo mismo a la salida de New York que de Abuja en Nigeria, de Bogotá que de Nairobi? Ante la unidad y la diversidad humana, ¿qué hacer? «El tesoro de la humanidad», dice, «es diverso». Y evoca el genio de Leibniz, «el uno conserva y salva el múltiple». Diría, por mi parte, que lo contrario es también posible. Morin se inclina por la mezcla, por lo que llamaríamos la cultura del mestizaje, «que no hay que confundirlo con una cultura mestiza», advierte el antropólogo Laplantine. Es decir, literaturas, lenguas, religiones, música, todo aquello que va más allá de la reproducción, la imitación, la copia o el calco, y que ocurre en el encuentro con el otro, el mestizado lo adopta, pero para transformar, anexar, modificar. Su lealtad es la de transgresión, desde el tango a la saudade. Culturas híbridas, frutos inesperados de la alteralidad. Ese mundo sin límites del afuera que se vuelve lo del adentro, es un mundo de la vida y por lo tanto de sus impurezas, y va desde el «caboclo» brasileño al ahorado peruano, poblando el mundo de Megalópolis tan grandes como las occidentales, pero pobres, periferia de periferias. Pero lugares de nuevos sentidos. Las ideas de Morin llaman a otra sociología y antropología, a otra filosofía e historia del mundo.*

*En fin, la cuestión prioritaria resulta doble. Por una parte, atender al mundo multipolar en el que vivimos, de economías emergentes. India, China, Brasil, y las*

*dos primeras, no son muy el Sur pero tampoco el Norte. Entonces, Norte y Sur tienen un valor combinatorio en la interacción de economías y civilizaciones, en curso. Por otra parte, hay un valor epistemológico en el texto de Morin (y personalmente, a mi me ha sido útil, en mis libros, desde 1996). Así, el tema del Sur conduce a una cuestión teórica y prioritaria. Edgar Morin ha abogado por una transversalidad de los conocimientos (ver Relier les connaissances, Paris: Seuil, 1999). Hace 40 años que Morin encabeza un gran viraje. Hoy, otros también buscan otro paradigma científico. Desde lo que se ha llamado «la galaxia de Stanford». La idea de la auto-organización se encuentra en varios dominios del conocimiento y en varios pensadores. El biólogo Henri Atlan. El matemático René Thom y su topología. Ilya Prigogine. René Girard. Las teorías del Caos autorganizador son aplicadas al sistema solar, la atmósfera terrestre, las fluctuaciones bursátiles. Para Morin las cosas ocurren pero no en el orden progresivo que se ha creído. Su esquema dinámico de un anillo recursivo-rotativo, une la base y la cumbre, tomado de la cibernética en los años 1960, la idea del feedback. y de la biología, la capacidad auto-reparadora de la vida. Los anillos causales existen, pero no son simples sino complejos, se pueden comprender si cambiamos nuestros hábitos de pensar. En suma, el texto propone un reparto de naipes en ideas del Norte y aportes del Sur, y en las mismas relaciones internacionales.*

# Algumas questões centrais sobre o pensamento do Sul

Nuovo, Santo Di\*

\* Nascido em 3 de junho de 1950, na Catania, Itália. Ph.D. em Filosofia (Catania, 1972) e Psicologia (Pádua, 1976). Catedrático desde 1990 de Metodologia (Universidade de Palermo) e Psicologia (Universidade de Catania). Reitor da Faculdade de Educação da Universidade de Catania (2001-2006). Vice-reitor da Universidade Livre da Sicília Central — “Kore” de Enna (2004-2007). Reitor da Faculdade de Psicologia da Universidade de Catania. Diretor do Serviço de Aconselhamento da Universidade de Catania. Principais campos de interesse para pesquisa: Psicologia Experimental, Psicologia Clínica-reabilitadora e Forense, Aconselhamento Psicológico, Metodologia e Avaliação. Autor ou coautor de cerca de trezentos livros e artigos publicados.

Para todo Norte há um Sul, conforme as entidades geográficas. A qualificação de Norte e Sul como entidades sociológicas e psicológicas depende da história e da cultura. É necessária uma reorganização do pensamento sobre distribuições geográficas a fim de se reconstruir as relações sociais e a distribuição do poder econômico e político. Isso requer, também, conforme sugerido por Morin, a conceitualização de uma “nova racionalidade” adaptada ao contexto de um mundo globalizado, mas não centralizado exclusivamente no mercado econômico global.

Poderia essa nova racionalidade vir dos diversos “suis” do mundo, começando com a tolerância e a “infeliz consciência” típica dos países do Sul?

Entretanto, uma “consciência” para o Sul não é nem uma corrente nem uma realidade ativa. A nova “racionalidade” do Sul precisa ser adquirida. Vamos começar com a situação italiana: Um partido estabelecido no norte da Itália (o partido da “Liga”) está tentando separar as duas regiões, sustentando que o Norte, mais rico e mais produtivo, não pode conviver em harmonia com um Sul que é pobre e “consumidor de riquezas”.<sup>1</sup> Esta é uma

<sup>1</sup> A crítica poderia ser facilmente estendida aos níveis da inteligência, estimulada por afirmações (pseudo) científicas: em um artigo recente, Lynn (2010) argumentou que há diferenças entre o QI dos italianos do Norte e os do Sul, e que estes preveem diferenças importantes na renda, na educação, na mortalidade infantil, na estatura e no alfabetismo. Os níveis de QI dos adultos foram obtidos por Lynn a partir dos resultados do PISA (Programa para a Avaliação do Estudante Internacional) destinado a avaliar o desempenho na juventude. Infelizmente, entretanto, esse programa parece ignorar não apenas um século de definições e de pesquisas psicométricas sobre a Inteligência, como também os critérios básicos que deveriam ser utilizados na pesquisa científica. Assim, além dos objetivos do autor, este conceito errôneo da realidade pode promover o preconceito.



patologia da economia, influenciando a cultura e a política.

Em progressão simétrica, o Sul tende a se “separar” do Norte, na tentativa de adquirir uma independência fundamentada principalmente no apadrinhamento, e às vezes na “mentalidade da massa” que se infiltra na sociedade e também é compartilhada por pessoas não-afiliadas, como uma atitude mental comum contra o Estado, que é visto como um inimigo. Essa é uma patologia de valores, outra influência sobre a cultura e a política.

O pensamento do Sul precisa se tornar o ponto focal para uma reflexão significativa sobre o mundo e sobre o próprio Sul no mundo globalizado, mas não preconcebido por uma atitude reacionária contra o Norte do mesmo Estado. Por exemplo, para que a Sicília e o Sul da Itália construam uma nova mentalidade, eles poderiam olhar para os países do Mediterrâneo, em vez de somente para o Norte da própria Itália, uma vez que o Norte da Itália agora olha mais para a Europa que para o próprio Sul.

Um “pensamento dominante” — típico do Norte — é o pensamento de um único domínio, em sua maior parte econômico. O pensamento pluralista se refere a muitos domínios: ele promove uma mente “aberta” contrastando com uma mente “fechada” (ou seja, monástica, rígida, defensiva, preconceituosa). O Sul, com base na sua história cultural, poderia muito bem falar essa linguagem do pluralismo.

Um exemplo vem da Sicília, que está no Sul da Itália, e no Sul da própria Europa. Muitos domínios vieram e se foram dessa ilha: os Sicani, os Elymian, os fenícios, os gregos, os romanos, os bizantinos, os árabes, os normandos, os franceses, os espanhóis, os Bourbons, os Savoys... Em outras palavras, a Sicília teve uma pluralidade de idiomas, arquiteturas, economias, sistemas políticos, e estilos de vida — um verdadeiro “caldeirão” de culturas. Os sicilianos emigraram para muitos países do mundo; agora, por sua vez, hospedam muitas pessoas vindas de outras regiões (principalmente da área do Mar Mediterrâneo, mas também da África Central, do Sul da Ásia e da China).

O Mar Mediterrâneo (literalmente “o mar que fica entre terras”) pode ser visto como uma fonte central de alimento para a civilização, uma vez que as trocas comerciais e culturais floresceram por vários séculos ao redor dessa região. Entretanto, ele também foi uma fonte de conflitos

e guerras. A mistura de vários povos pode levar à construção de um pensamento novo integrado, mas também pode estimular novos conflitos, principalmente se cada nacionalidade mantiver estritamente seus valores e preconceitos particulares. Portanto, não é necessária uma cultura comum — devido ao risco de uma nova imposição monástica, hegemônica e “dominante”, isto é, a cultura do mais forte; em vez disso, há a necessidade de um modo de pensar plural, aberto, compartilhado e subordinado.

Que características deve ter este tipo de pensamento? Creio que o ícone desta forma de raciocínio poderia ser Odisseu/Ulisses, uma vez que sua vida estava ligada a viagens, descobertas e superação de obstáculos. O pensamento cognitivo, afetivo e existencial é necessário para se participar de um empreendimento comum. “Vocês não foram feitos para viver como animais brutos, mas para viver na busca da virtude e do conhecimento”, disse Dante Alighieri em sua comédia sobre Ulisses, o herói mediterrâneo tipicamente “inteligente”. Tal conhecimento deve estar aberto à multiplicidade, às diferenças e aos conflitos, desafiando a natureza e a história de uma maneira “inteligente”, com “uma cabeça bem feita em vez de uma cabeça bem cheia”, de acordo com as palavras de Morin.

Como são implementadas as respostas a esses desafios? Como a complexidade do pensamento é reafirmada e desenvolvida enquanto se “reconnecta o que estava artificialmente separado”? O pensamento global é ao mesmo tempo pensamento complexo. O poder de hegemonia (Norte) é capaz de atingir um pensamento globalizado no nível econômico dominante, mas parece ser incapaz de atingir o pensamento complexo (que é exatamente o oposto do pensamento “dominante”, unidimensional). O Sul pode se tornar o líder do pensamento complexo, ou seja, mais capaz de um pensamento não dominante, não rígido, mas aberto e flexível. Como esse pensamento pode ser treinado?

## Experimentos inovadores para promover uma identidade sulista específica

Alguns experimentos-piloto inovadores foram implementados a fim de criar uma mentalidade diferente, em contraste com a mentalidade dominante (baseada na abertura da mente),

da qual podem se apresentar novos e originais processos socioeconômicos. Esses experimentos envolveram campos educacionais, como aconselhamento vocacional em ambientes educacionais estabelecidos em uma identidade sulista, isto é, uma economia menos desenvolvida, altas taxas de emigração e baixo nível educacional. Diferentemente dos estereótipos inúteis fundamentados na mídia que promovem a passividade e a coletivização da mente (com relação a trabalhos adequados para gêneros e classes sociais), uma abertura de mente baseada em valores transcendentais ao ego e valores cooperativos orientados pelo universalismo e pela benevolência, impulsionados em direção à solidariedade, modificará as atitudes com relação ao futuro pessoal e coletivo.

O aconselhamento vocacional motiva as pessoas a mudarem com o objetivo de construir seu futuro, o que pode estimular essa orientação voltada para a formação/trabalho com base na inovação. Os detalhes acerca dos experimentos realizados nas escolas e faculdades serão apresentados na reunião.

### Questões prioritárias e principais temas a serem explorados

- a. Como esses experimentos-piloto poderiam ser implementados e difundidos entre as famílias e escolas, assim como em contextos menos abastados e educados?
- b. Como, isto é, por quais meios culturais e tecnológicos, o pensamento inovador sobre a civilização pode se desenvolver, particularmente nos diversos "suis" do mundo?
- c. Como (seguramente envolvendo os meios de comunicação antigos e novos, ou seja, a internet) esse pensamento inovador pode estender-se e ser difundido nos países do Norte e no mundo global?

# Algunas cuestiones centrales sobre el pensamiento del Sur

Nuovo, Santo Di\*

\* Nacido el 3 de junio de 1950 en Catania, Italia. Es PhD en Filosofía (Catania, 1972) y Psicología (Padua, 1976). Catedrático desde 1990 de Metodología (Universidad de Palermo) y Psicología (Universidad de Catania). Rector de la Facultad de Educación de la Universidad de Catania (2001-2006). Vicerrector de la Universidad Libre de Sicilia Central — “Kore” de Enna (2004-2007). Rector de la Facultad de Psicología de la Universidad de Catania. Director del Servicio de Consejo de la Universidad de Catania. Principales campos de interés para la investigación: Psicología Experimental, Psicología Clínica-rehabilitadora y forense, Consejo Psicológico, Metodología y Evaluación. Autor y coautor de cerca de trescientos libros y artículos publicados.

*Para todo Norte hay un Sur, según las entidades geográficas. La calificación de Norte y Sur como entidades sociológicas y psicológicas depende de la historia y de la cultura. Es necesaria una reorganización del pensamiento sobre distribuciones geográficas para poder reconstruir las relaciones sociales y la distribución del poder económico y político. Ello requiere aun, según lo sugiere de Morin, la conceptualización de una «nueva racionalidad» adaptada al contexto de un mundo globalizado, pero no centralizado exclusivamente en el mercado económico global.*

*¿Podría esa nueva racionalidad venir de los diversos “sures” del mundo, empezando con la tolerancia y la «infeliz conciencia» típica de los países del Sur?*

*Sin embargo, una «conciencia» para el Sur no es ni una corriente, ni una realidad activa. Es necesario adquirir la nueva «racionalidad» del Sur. Empecemos con la situación italiana: Un partido establecido en el Norte de Italia (el partido de «Liga») intenta separar las dos regiones, sosteniendo que el Norte, más rico y más productivo, no puede convivir armónicamente con un Sur pobre y «consumidor de riquezas».<sup>1</sup> Esta es una patología de la economía que influye la cultura y la política.*

*En progresión simétrica, el Sur tiende a «separarse» del Norte, en un intento de adquirir una independencia cimentada principalmente en el apadrinamiento y, a veces, en la «mentalidad de la gente» que se infiltra en la sociedad y también se comparte por personas no-vinculadas, como una actitud mental común contra el Estado, al cual se le considera un enemigo. Esa es una patología de valores, otra influencia sobre la cultura y la política.*

*El «pensamiento del Sur» necesita transformarse en el foco para una reflexión significativa sobre el mundo y sobre el propio Sur en el mundo globalizado, pero no preconcebido por una actitud reaccionaria en contra del Norte del*

<sup>1</sup> La crítica podría ser fácilmente extendida a los niveles de inteligencia, estimulada por afirmaciones [pseudocientíficas]: en un artículo reciente, Lynn (2010) ha argumentado que hay diferencias entre el CI de los italianos del Norte y los del Sur, y que éstas implican diferencias importantes en la riqueza, la educación, la mortalidad infantil, la estatura y el analfabetismo. Los niveles de CI en los adultos de los que habla Lynn se obtuvieron a partir de los resultados del PISA (Programa para la Evaluación del Estudiante Internacional, por sus siglas en italiano), destinado a evaluar el desempeño de la juventud. Infelizmente, sin embargo, este programa parece ignorar no solamente un siglo de definiciones e investigaciones psicométricas sobre la Inteligencia, sino también los criterios básicos que deberían utilizarse en la investigación científica. De esta manera, además de los objetivos del autor, este concepto erróneo de la realidad puede fomentar el prejuicio.

*mismo Estado. Por ejemplo, para que Sicilia y el Sur de Italia puedan construir una nueva mentalidad, podrían mirar hacia los países del Mediterráneo, en vez de mirar nada más que el Norte de la misma Italia, ya que el Norte de ese país ahora mira más a Europa que a su mismo Sur.*

*Un «pensamiento dominante» — típico del norte — es el pensamiento de un único dominio, en su mayor parte económico. El pensamiento pluralista se refiere a muchos dominios: promueve una mente «abierta» contrastando con una mente «cerrada» (es decir, monástica, rígida, defensiva, prejuiciosa). El Sur, basado en su historia cultural, podría hablar ese lenguaje del pluralismo.*

*Un ejemplo es Sicilia, que está ubicada en el Sur de Italia y en el Sur de Europa misma. Muchos dominios vinieron y se fueron de esa isla: los sicanos, los élimos, los fenicios, griegos, romanos, bizantinos, árabes, normandos, franceses, españoles, borbones, Savoyas... En otras palabras, Sicilia tuvo una pluralidad de idiomas, arquitecturas, economías, sistemas políticos y estilos de vida — un verdadero «caldero» de culturas. Los sicilianos emigraron a muchos países del mundo; ahora, por su lado, hospedan a muchas personas que vienen de otras regiones (especialmente del área del Mar Mediterráneo, pero también de África Central, del Sur, de Asia y de China).*

*El Mar Mediterráneo (literalmente «mar en medio de las tierras») puede ser visto como una fuente central de alimentos para la civilización, ya que los intercambios comerciales y culturales florecieron por varios siglos alrededor de esa región. Sin embargo, el Mediterráneo también fue una fuente de conflictos y guerras. La mezcla de varios pueblos puede llevar a la construcción de un pensamiento nuevo integrado, pero también puede estimular nuevos conflictos, principalmente si cada nacionalidad mantiene estrictamente sus valores y prejuicios particulares. Por lo tanto, no es necesaria una cultura común — debido al riesgo de una nueva imposición monástica, hegemónica y «dominante», es decir, la cultura del más fuerte; en vez de eso, ahí está la necesidad de un modo de pensar plural, abierto, compartido y subordinado.*

*¿Qué características debe tener este tipo de pensamiento? Creo que el ícono de esta forma de raciocinio podría ser Odiseo/Ulises, una vez que su vida estaba ligada a viajes, descubrimientos y superación de obstáculos. El pensamiento cognitivo, afectivo y existencial es necesario para participar en un emprendimiento común. «Ustedes no fueron hechos para existir como bestias, sino que se os ha creado para buscar la virtud y la inteligencia» (traduc-*

*ción libre), dijo Dante Alighieri en su Comedia sobre Ulises, el héroe mediterráneo típicamente «inteligente». Tal conocimiento debe estar abierto a la multiplicidad, a las diferencias y a los conflictos, desafiando la naturaleza y la historia de una manera «inteligente». Dicho conocimiento debe estar abierto a la multiplicidad, a las diferencias y a los conflictos, desafiando la naturaleza y la historia de una manera «inteligente», con «una cabeza bien puesta en vez de una cabeza bien llena», de acuerdo con las palabras de Morin.*

*¿Cómo se implementan las respuestas a esos desafíos? ¿Cómo la complejidad del pensamiento se reafirma y se desarrolla mientras se «reconecta lo que estaba artificialmente separado»? El pensamiento global es, a la vez, pensamiento complejo. El poder de hegemonía (Norte) es capaz de alcanzar un pensamiento globalizado en nivel económico dominante, pero parece ser incapaz de alcanzar el pensamiento complejo (que es exactamente lo opuesto del pensamiento «dominante», unidimensional) ¿El Sur puede volverse líder del pensamiento complejo? es decir ¿más capaz que un pensamiento no dominante, no rígido, sino abierto y flexible? ¿Cómo se puede entrenar dicho pensamiento?*

## Experimentos innovadores para la promoción de una identidad sureña específica

*Algunos experimentos-piloto innovadores se implementaron con la finalidad de crear una mentalidad diferente, en contraste con la mentalidad dominante (basada en la apertura de la mente), de la que pueden presentarse nuevos y originales procesos socioeconómicos. Dichos experimentos involucraron campos educacionales, como orientación vocacional en ambientes educacionales establecidos en una identidad sureña, es decir, una economía menos desarrollada, altas tasas de emigración y bajo nivel educacional. A diferencia de los estereotipos inútiles basados en los medios que fomentan la pasividad y la colectivización de la mente (respecto a trabajos adecuados para géneros y clases sociales), una apertura de la mente basada en valores trascendentes al ego y valores cooperativos orientados por el universalismo y la benevolencia, impulsados en dirección a la solidaridad, modificará las actitudes respecto al futuro personal y colectivo.*

*La orientación vocacional motiva a las personas a cambiar con el objetivo de construir su mismo futuro, lo que puede estimular esa orientación*

*direccionada a la formación/trabajo con base en la innovación. Los detalles acerca de los experimentos realizados en las escuelas y universidades serán presentados en la reunión.*

## Cuestiones prioritarias y principales temas a ser explotados

- a. ¿Cómo dichos experimentos-pilotos podrían implementarse y difundirse entre las familias y escuelas, así como en contextos menos favorecidos y educados?*
- b. ¿Cómo y por qué medios culturales y tecnológicos el pensamiento innovador sobre la civilización puede desarrollarse, particularmente en los diversos «sures» del mundo?*
- c. ¿Cómo (seguramente involucrando los medios de comunicación antiguos y modernos, es decir, la internet) dicho pensamiento innovador puede extenderse y difundirse en los países del Norte y en el mundo global?*

# Pensamento do Sul

Ospina, Gustavo Lopez\*

\* Diretor da Corporação Complexus da Colômbia; Coordenador do Comitê Técnico do Programa Internacional “Conhecimento, Inovação, Políticas” (KIP) das Nações Unidas (UNOPS, OMS, UNIFEM, outras agências); consultor internacional em Desenvolvimento Humano Sustentável. Ex-diretor do Programa Internacional da Unesco “Educar para um Mundo Viável” (de 1994 a dezembro de 2001, programa a partir do qual a Unesco preparou, juntamente com Edgar Morin, a obra *Los siete saberes necesarios a la educación del futuro*); diretor regional para a América Latina e o Caribe da Oficina CI da Unesco e representante para os países Andinos em Quito, 2002 a 2006. Autor de vários livros, centenas de artigos e cofundador de várias instituições e espaços de inovação. Mais de três décadas vinculadas às Nações Unidas.

Em seu texto, Edgar Morin nos mostra a urgência em promover um novo pensamento e propõe chamá-lo do Sul. Este pensamento permitiria uma melhor compreensão do mundo de hoje, com todos os seus perigos mortais e oportunidades, assim como entender como se chegou a esta época de incertezas, caos e medos generalizados. Permitiria imaginar os passos apropriados para a construção de um novo futuro e explorar futuros possíveis conservando tudo de maravilhoso que tenhamos à disposição (pensamento do Norte); dar espaço à criatividade e à inovação de mãos dadas com a solidariedade-cooperação e consensos múltiplos, enquanto forças motoras na formulação progressiva de ideias, políticas, ética, propostas e experiências a serem compartilhadas por toda a humanidade.

## Temas centrais que poderiam inspirá-lo

- Sob que condições se pode aceitar que o pensamento humano é o que regula o mundo? Que cumplicidade existe entre pensamento e mundo?
- Pensamento radical, ilusão sobre o mundo, ou discurso sobre o real, que busca por um mundo objetivo e compreensivo? Pensamento sedutor? Pensamento complexo?
- Em que estado se encontra o principal radical de incerteza no universo, incluindo o humano, moral, mental, social, econômico, político? A incerteza do mundo contribui para com a incerteza do pensamento? Em que momento o pensamento não procura transformar realmente o mundo e escolhe a incerteza? Existe algo que não possa ser provado ou refutado. O que nos é permitido esperar?
- Com a tecnologia o ser humano procura criar, na prática, outros mundos? Tecnologia, mercado, globalização financeira, realmente, para que sentido apontam hoje?
- Procurar o paraíso por meio do chamado progresso, ou abrir espaço para a criatividade e chegar a um novo homem e qualidade de vida, mediante um olhar mais qualitativo e complexo (novas noções: riqueza, crescimento, pobreza-pobres, invenção do modelo vigente, e outras)?

- f. Se o território é sagrado, dá sentido de pertença e finalidade à vida, é o total de um pensamento da compreensão, ao recompor e vincular a experiência integral de vida, como afirma Morin, como convocar a partir do mesmo a universalidade?
- g. A ausência de indicadores, códigos, fórmulas que transcrevam ou tornem equivalente o estado real das coisas, transforma os seres humanos em conformistas? Paralisa as mudanças?
- h. Que passos devem ser dados para reinventar a governabilidade mundial (ONU) num mundo multipolar, fragmentado e global, sem arruinar as esperanças universais multilaterais?

## Experiências inovadoras que oferecem suporte e projeção

- a. A Convenção sobre o Patrimônio Mundial Natural e Cultural da humanidade, realizada pela Unesco e que une hoje em dia centenas de sítios da maior importância para a conservação da biodiversidade e da diversidade cultural, num controle integral do território.
- b. O Projeto Andino de Tecnologias Campesinas (Pratec) foi desenvolvido no Peru com o apoio do Fundo de Afirmação Cultural em dez locais, entre os anos de 2002-2010, e o patrocínio da Fundação Suiça *Tradiciones para el Mañana*, sobre o fortalecimento das tradições indígenas. Início de outras ações voltadas ao saber e aos interesses indígenas.
- c. O Programa de Plantas Medicinais da Universidade Autônoma de Chapingo, México, iniciou atividades no começo da década de 1980, com pesquisas em comunidades dos estados de Pueblo, Hidalgo, Chiapas, Guanajuato, Morelos, Guerrero, Colima e Nayarit. Linhas de pesquisa: a) Exploração etnobotânica; b) Agronômica em propagação e conservação; c) Farmacológica; d) Fitoquímica; e) Serviço Universitário à comunidade; f) Medicamentos a base de ervas.
- d. Universidade Intercultural Sumak Yachaypi, Aprender na Sabedoria e Bem Viver, Equador. Educação Superior que dá conta da pluralidade e diversidade, ao mesmo tempo em que se sustenta sobre os pilares de sua identidade, cosmovisão, ancestralidade, articulando o antes com o agora e o que está por vir, enriquecendo assim o processo social intercultural e tornando-o patrimônio da humanidade. Da mesma forma, a “Capilla del Hombre” (Capela do Homem), de Oswaldo Guayazamin.
- e. Construir a Cidade Sonhada, Medellín (Colômbia), transformação de uma cidade. Conhecida desde a década de 1980 como a cidade do narcotráfico e da violência generalizada, Medellín alcançou resultados impressionantes a partir de uma proposta global de mudança, sustentada na arte e na cultura, mais do que no econômico. Quebrou o ciclo cultural da violência.
- f. Centros Regionais de Competências para o Desenvolvimento Sustentável, iniciativa que desde 2005 lidera a Universidade das Nações Unidas em Tóquio.
- g. Programa das Nações Unidas (UNOPS, UNDP, Agências ONU) orientado ao apoio a Redes Territoriais para o desenvolvimento humano sustentável, “Conhecimento, Inovação, Políticas (KIP)”. Esforço em conjunto de atores locais, nacionais e internacionais.

## Considerações sobre uma política de civilização

Os sistemas de compreensão do mundo chegaram e tomaram tanta autonomia e força que moldaram os humanos. Sistemas que permitem alegrias, dores e dissabores. Sujeito a pensamentos, sonhos, simbolização, rituais, e ações, o ser humano se transformou no ser vivo mais complexo, porém, o não haver compreendido até hoje esta realidade ocasionou grandes desafios e problemas com a arte, a educação, a ciência, a tecnologia, a economia e a própria política.

- a. Educação: evitar que o processo de ensino-aprendizagem seja somente um ato de entrega, reprodução, benefício e resignação voltado à rápida extinção da intersubjetividade, motor e razão de ser dos seres humanos. O modelo de crescimento atual situado nos usos da própria vida obriga a uma revisão completa dos sistemas educativos do mundo. Viver é criar valores, valorizar é criar.
- b. Biodiversidade e ameaças: mudança climática, transformação e perda de ecossistemas, superexploração, invasão biológica e contaminação em geral.
- c. Revolução biotecnológica, resultado de uma confluência de forças tecnológicas e sociais que criaram uma nova matriz operativa (RIFKIN, Jeremy. *El siglo de la biotecnología*, 1999), propõe um enorme salto qualitativo no planeta Terra.
- d. Interculturalidade: relação entre culturas para a busca do Projeto Comum, recriar em permanência o mundo. Uma política de civilização deve considerar os elementos étnico-culturais e biogeográficos, inter-relação entre comunidade humana e natural.
- e. Identidade: eixo estrutural de toda comunidade humana que de forma complementar converge para interagir com outras identidades.
- f. Patrimônio cultural e natural: bens essenciais a toda a humanidade para sua sobrevivência futura. Políticas sobre os bens e serviços públicos da humanidade.
- g. Estética: na concepção andina, a estética surge do diálogo e reciprocidade com os deuses e a natureza, quando é essencialmente sentimento, forma de criar e deixar-se criar. O fazer com sentido a partir de um sentimento harmônico.
- h. Sustentabilidade: o que permanece no tempo. Transforma-se e nunca acaba. Resultado de um pensamento que relaciona cosmovisão e cultura, e se transforma em vivência-sentimento. Forma vivencial de ser e estar no mundo.
- i. Pesquisa: que seja capaz de unir a inovação e as heranças numa perspectiva histórica, e assim contribuir para com a integração dos seres humanos, da sociedade e da espécie em termos de solidariedade.



# Pensamiento del Sur

249

## Ospina, Gustavo Lopez\*

\* Director de la Corporación Complexus en Colombia; Coordinador del Comité Técnico del Programa Internacional «Conocimiento, Innovación, Políticas» (KIP) de las Naciones Unidas (UNOPS, OMS, UNIFEM, otras Agencias); consultor internacional en Desarrollo Humano Sostenible. Ex director del Programa Internacional de la Unesco «Educar para un Mundo Viable» (1994 a diciembre del 2001. Programa desde el cual la Unesco con Edgar Morin preparó la obra *Los siete saberes necesarios a la educación del futuro*); director regional para América Latina y el Caribe de la Oficina CI de Unesco y representante para los países Andinos en Quito, 2002 a 2006. Autor de varios libros, centenas de artículos y cofundador de varias instituciones y espacios de innovación. Más de tres décadas vinculadas a las Naciones Unidas.

*Edgar Morín muestra en su texto la urgencia de impulsar un nuevo pensamiento que propone llamar del Sur. Este permitiría comprender mejor el mundo de hoy con todos sus peligros mortales y oportunidades; entender como se ha llegado a estos tiempos de incertidumbre — caos y miedos generalizados; imaginar los pasos apropiados para la construcción de un nuevo futuro y explorar futuros posibles conservando todo lo maravilloso que tengamos a disposición (pensamiento del Norte); dar espacios a La creatividad y la innovación, de manos dadas con la solidaridad-cooperación y consensos múltiples, en tanto que fuerzas motoras en la formulación progresiva de ideas, políticas, ética, propuestas y experiencias a ser compartidas por toda la humanidad.*

### Temas centrales que podrían inspirarlo

- a. *¿Bajo qué condiciones puede aceptarse que es el pensamiento de los humanos el que regula el mundo? ¿Qué complicidad existe entre pensamiento y mundo?*
- b. *¿Pensamiento radical, ilusión sobre el mundo, o discurso de lo real, que procura un mundo objetivo y comprensible? ¿Pensamiento seductor? ¿Pensamiento complejo?*
- c. *¿El principio radical de incertidumbre en el universo, incluido lo humano, moral, mental, social, económico, político, en qué estado se encuentra? ¿La incertidumbre del mundo aporta la incertidumbre del pensamiento? ¿Cuándo el pensamiento no busca transformar realmente el mundo y toma partido por la incertidumbre? Existe algo que no pueda ser probado o refutado. ¿qué nos es permitido esperar?*
- d. *¿El ser humano con la tecnología procura crear, en la práctica, otros mundos? ¿Tecnología, mercado, globalización financiera hacia dónde apuntan hoy en realidad?*
- e. *¿Procurar el paraíso vía el llamado progreso, o abrir espacio a la creatividad y llegar a un hombre nuevo y calidad de vida, mediante una mirada más cualitativa y compleja (nociones nuevas: riqueza, crecimiento, pobreza-pobres, invento del modelo vigente, otras)?*
- f. *¿Si el territorio es sagrado, da sentido de pertenencia y finalidad a la vida, es el todo de un pensamiento de la comprensión, al recomponer y vincular la expe-*

*riencia integral de vida, como afirma Morín, como convocar a partir de éste a la universalidad?*

- g. ¿La ausencia de indicadores, códigos, fórmulas que transcriban, o hagan equivalente el estado real de las cosas, vuelve conformistas a los seres humanos? ¿Paraliza los cambios?*
- h. ¿Qué pasos dar para reinventar la gobernabilidad mundial (ONU) en un mundo multi-polar, fragmentado y global, sin arruinar las esperanzas universales multilaterales?*

## Experiencias innovadoras que le dan soporte y proyección

- a. La Convención sobre el Patrimonio Mundial Natural y Cultural de la humanidad, gerenciada por la Unesco, que vincula hoy en día centenares de sitios de la mayor importancia para la conservación de la biodiversidad y la diversidad cultural, en un manejo integral del territorio.*
- b. El Proyecto Andino de Tecnologías Campesinas (Pratec) ha trabajado en el Perú con apoyo del Fondo de Afirmación Cultural, en diez sitios, entre el 2002-2010, y el auspicio de la Fundación Suiza Tradiciones para el Mañana el vigorizar las tradiciones indígenas. Inicio de otras acciones volcadas al saber y los intereses indígenas.*
- c. El Programa de Plantas Medicinales de la Universidad Autónoma de Chapingo, Méjico, inició labores a comienzos de los años 1980, con investigaciones en comunidades de los estados de Puebla, Hidalgo, Chiapas, Guanajuato, Morelos, Guerrero, Colima y Nayarit. Líneas de investigación: a) Exploración etnobotánica; b) Agronómica en propagación y conservación; c) Farmacológica; d) Fitoquímica; e) Servicio universitario a la comunidad; f) Medicamentos herbolarios.*
- d. Universidad Intercultural Sumak Yachaypi, Aprender en la Sabiduría y el Buen Vivir, Ecuador. Educación superior que al tiempo que da cuenta de la pluralidad y la diversidad, se sustenta sobre los pilares de su identidad, cosmovisión, ancestros, articulando el antes con el ahora y lo que viene, enriqueciendo así el proceso social intercultural y haciéndolo patrimonio de la humanidad. Así mismo, la Capilla del hombre Oswaldo Guayazamin.*
- e. Construir la Ciudad que se Sueña, Medellín (Colombia), transformación de una ciudad. Conocida desde los años 1980 como ciudad de narcotráfico y violencia generalizada, ha logrado resultados impresionantes desde una propuesta global de cambio, sustentada en la arte y la cultura, más que en lo económico. Rompió el ciclo cultural de la violencia.*
- f. Centros Regionales de Competencias para el Desarrollo Sostenible, iniciativa que desde el 2005 lidera la Universidad de las Naciones Unidas en Tokio.*
- g. Programa de las Naciones unidas (UNOPS, UNDP, Agencias ONU) orientado al apoyo a Redes Territoriales para el desarrollo humano sostenible, «Conocimiento, Innovación, Políticas (KIP)». Esfuerzo conjunto de actores locales, nacionales internacionales.*

## Consideraciones a tener en cuenta sobre una política de civilización

*Los sistemas de comprensión del mundo llegaron y tomaron tanta autonomía y fuerza que moldearon a los humanos. Sistemas que permiten alegrías, dolores y sinsabores. Sujeto a un pensamiento, ensueño, simbolización, rituales y acciones, el ser humano se convirtió en el ser vivo más complejo; el no haber*

*comprendido hasta hoy esta realidad condujo a grandes desafíos y problemas con el arte, la educación, la ciencia, la tecnología, la economía y la misma política.*

- a. Educación: evitar que el proceso de enseñanza y aprendizaje sea solamente un acto de entrega, reproducción, beneficio, y resignación volcados a la rápida extinción de la intersubjetividad, motor y razón de ser de los humanos. El modelo de crecimiento actual que se instala en los usos de la vida misma, obliga a una revisión completa de los sistemas educativos del mundo. Vivir es crear valores, valorar es crear.*
- b. Biodiversidad y amenazas: cambio climático, transformación y pérdida de ecosistemas, sobrexplotación, invasión biológica y contaminación en general.*
- c. Revolución biotecnológica, resultado de una confluencia de fuerzas tecnológicas y sociales que han creado una nueva matriz operativa (RIFKIN, Jeremy. El siglo de la biotecnología, 1999) plantea un enorme salto cualitativo en el planeta Tierra.*
- d. Interculturalidad: relación entre culturas para la búsqueda del Proyecto Común, recrear en permanencia el mundo. Una política de civilización debe considerar los elementos étnico-culturales y bio-geográficos, interrelación entre comunidad humana y natural.*
- e. Identidad: eje estructural de toda comunidad humana que de forma complementaria converge para interactuar hacia otras identidades.*
- f. Patrimonio cultural y natural: bienes esenciales a toda la humanidad para su supervivencia futura. Políticas sobre los bienes y servicios públicos de la humanidad.*
- g. Estética: en la concepción andina, la estética surge del diálogo y reciprocidad con los dioses y la naturaleza, cuando son esencialmente sentimiento, forma de crear y dejarse criar. El hacer con sentido a partir de un sentimiento armónico.*
- h. Sostenibilidad: lo que permanece en el tiempo. Se transforma y no agota. Resultado de un pensamiento que relaciona cosmovisión con cultura y se vuelve vivencia-sentimiento. Forma vivencial de ser y estar en el mundo.*
- i. Investigación: que sea capaz de unir la innovación y las herencias, en una perspectiva histórica, y así contribuir a la integración de los seres humanos, la sociedad y la especie en términos de solidaridad.*

# Um pensamento do Sul e a esperança de uma nova política de civilização

Petraglia, Izabel\*

\* Pós-doutora pelo Centro Edgar Morin, antigo Centro de Estudos Transdisciplinares, Sociologia, Antropologia e História (CETSAH) da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS), de Paris, França. Doutora em Educação pela USP e mestre em Educação pela PUC-SP. Psicóloga e pedagoga. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (Uninove), São Paulo. Desenvolve projetos de investigação na linha de Educação e Complexidade.

Coordenadora e fundadora do Núcleo Interinstitucional de Investigação da Complexidade (NIIC), em São Paulo. Autora de diversos artigos, capítulos e livros, entre eles: *Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber* (2010); *Olhar sobre o olhar que olha: complexidade, holística e educação* (2001), e *Interdisciplinaridade: o cultivo do professor* (1993).

Há uma relatividade geográfica entre Norte e Sul, Ocidente e Oriente, e uma heterogeneidade que deveria ser dialógica, considerando as saudáveis especificidades locais. Cada sociedade, civilização, oferece possibilidades e dificuldades específicas e gerais, que é o que tem de melhor. Local e global, micro e macro, são complementares e, simultaneamente, apresentam qualidades próprias, emergentes, singulares. A homogeneização coloca em risco autonomias individuais, originalidades culturais, étnicas, nacionais. um pensamento complexo rejeita a redução, a disjunção, e considera os operadores cerebrais hologramáticos, dialógicos e recursivos para a tessitura do complexus. Tarefa fundamental da filosofia a de refletir sobre todas as coisas: problematizar, contextualizar, reproblematicar.

Há um pensamento do Norte que detém a hegemonia cultural, técnica, econômica do mundo. A despeito desse pensamento especializado, fragmentado, redutor, um pensamento do Sul poderia propor a miscigenação e integração das diversas heranças culturais do planeta, de modo a minimizar os efeitos devastadores de uma policrise decorrente do desenvolvimento subdesenvolvido e desenfreado científico-técnico-econômico. Com isso, o pensamento do Sul poderia revitalizar a ética, a solidariedade e a responsabilidade, empregando a ideia da religação e restaurando o estado poético da existência humana. É preciso buscar caminhos de transformação e esperança.

Na atualidade, muitos já perceberam que a educação é a alternativa possível e viável para as transformações pessoais, sociais e planetárias. A religação dos saberes que visa à superação da fragmentação pressupõe audácia, persistência e dedicação. Morin (2000b) já propôs um conjunto de reflexões norteadoras da educação deste século XXI, com a

indicação de sete saberes necessários, cuja discussão na escola, ao lado da revisão constante das práticas pedagógicas, pode propiciar a tão necessária reforma do pensamento. Não se trata de tarefa simples, mas de estimular reflexões e ações que expressem os princípios do pensamento complexo, na amplitude dos modos de conhecer o próprio conhecimento.

O autor já anunciava um duplo desafio quando afirmou: “A reformado ensino deve levar à reforma do pensamento, e a reforma do pensamento deve levar à reforma do ensino” (Morin, 2000a, p. 20). Não se trata de estabelecer modelos ou de listar experiências bem-sucedidas, que devam ser copiadas, mas de buscar conhecer os próprios limites, possibilidades, e traçar estratégias a partir de problematizações em contextos específicos e singulares.

Há de se descobrir e fazer descortinar brechas de possibilidades de realização em cada escola, em cada grupo. Para se delinear um caminho, é preciso desenvolver estratégias, que não podem ser confundidas com regras de um manual, mas devem conceber ações concretas que emergem da reflexão, ao passo que também as despertam. Compartilhamos da ideia de método como caminho: “O método é o que ensina a aprender. é uma viagem que não se inicia com um método; inicia-se com a busca do método” (MORIN et al. 2003, p. 29-32). Método, caminho, pressupõe estratégias articuladas que se nutrem, reciprocamente: “por um lado, facilita o desenvolvimento de estratégias para o conhecimento; por outro, facilita o desenvolvimento das estratégias para a ação.”

Assim, para a concepção de um pensamento do Sul, com suas identidades e olhares próprios, é necessário que se busque um método. E, como afirma Morin (1999, p. 41): “A missão desse método não é fornecer as fórmulas programáticas de um pensamento ‘são’, mas convidar a pensar-se a si mesmo na complexidade”. E, assim, que seja possível a revitalização da ética, das ideias, das relações, das ações e das finalidades da educação.

Se o termo “política” — do grego — indica procedimentos relativos à pólis, cidade, Estado, para o bem estar individual e coletivo, que regula e orienta a vida em sociedade, o termo “política de civilização” indica o emprego com o ressignificado de valores da e para nossa civilização. Dar novo significado ao termo política significa manter o que há de positivo nele e eliminar os seus efeitos negativos. Para Morin (2010, p. 262), “trata-se de refundar e renovar a política. A política de civilização visa a salvaguardar as antigas solidariedades, lá onde elas não foram destruídas, e/ou instaurar novas solidariedades”. O termo não pretende reduzir a política à política de civilização, mas integrar a política de civilização àquela. Não se trata de criar uma nova ética, mas de regressar à ética. “Pretende ser uma política multidimensional na qual todos os problemas humanos têm hoje uma dimensão política” (MORIN; NAIR, 1997, p. 149).

Morin (2010, p.151-159) aponta imperativos de uma política de civilização: solidarizar (contra a paralisia e a compartimentação); revitalizar as identidades culturais (contra a padronização); conviver (contra a degradação da qualidade de vida —material/existencial/ ambiental); moralizar (contra egocentrismo e irresponsabilidade).

Conviver com a transitoriedade e com a incerteza é um desafio constante que o pensamento complexo nos impõe. É preciso renovar a esperança nas aspirações e possibilidades criativas, libertárias e fraternais dos seres humanos. O pensamento complexo propõe a conjugação da ciência com as culturas, as artes e a filosofia para a construção de uma política planetária que contemple uma educação comprometida com a formação de cidadãos planetários, éticos e mais felizes. É nessa direção que um pensamento do

Sul poderia se estabelecer, garantindo uma educação disposta e capaz de operar transformações.

Uma nova política de civilização será possível? Será uma UTOPIA? U = não; TOPOS = lugar: O que não tem lugar no presente! O que não significa que, em algum dia possa ser possível ou viável. Morin (2010, p. 191-197) nos convida ainda a distinguir duas utopias: 1ª) O melhor dos mundos — inviável, impossível e terrível; 2ª) um mundo melhor — possível, improvável?

Um mundo melhor se constrói com o fim das guerras; com a melhoria das relações com o meio ambiente; com a regulação dos conflitos; com a possibilidade de remediar infelicidades humanas a partir da melhoria das condições sociais e políticas; com a preservação do planeta. Isso tudo pode ser possível, ainda que improvável. Por isso, é tão necessário quanto difícil. E, qualquer que seja a intensidade na melhoria do mundo, impõe às civilizações esperança e, ao mesmo tempo, coautoria. Trata-se de um problema antropológico e histórico, pois os seres humanos possuem as melhores e as piores potencialidades. Essa dialógica exige esperança na proporção da coautoria de um planeta civilizado. Civilizar a Terra é urgente! E, para isso, a educação é fundamental!

#### REFERÊNCIAS

- MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução: Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000a.
- MORIN, E. *Complexidade e transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental*. Tradução: Edgard de Assis Carvalho. Natal: Ed. da UFRN, 1999.
- MORIN, E. *Meu caminho*. Entrevistas com Djénane Kareh Tager. Tradução: Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2000b.
- MORIN, E.; CIURANA, E-R; MOTTA, R. D. *Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana*. Tradução: Sandra T. Valenzuela. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2003.
- MORIN, E.; NAIR, S. *Uma política de civilização*. Tradução: Armando Pereira da Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

# Un pensamiento del Sur y la esperanza de una nueva política de civilización

Petraglia, Izabel\*

\* *Posdoctorado por el Centro Edgar Morin, antiguo Centro de Estudios Transdisciplinarios, Sociología, Antropología e Historia (CETSAH) de la Escuela de Altos Estudios en Ciencias Sociales (EHESS) de París, Francia. Doctora en Educación por la USP y magister en Educación por la PUC-SP. Psicóloga y pedagoga. Es profesora e investigadora del Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Nove de Julho (Uninove), de Sao Paulo. Desarrolla proyectos en la línea de investigación de Educación y Complejidad. Coordinadora y fundadora del Núcleo Interinstitucional de Investigación de la Complejidad (NIIC) en Sao Paulo. Autora de varios artículos, capítulos y libros, entre los que destacan: Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber (2010); Olhar sobre o olhar que olha: complexidade, holística e educação (2001), e Interdisciplinaridade: o cultivo do professor (1993).*

*Existe una relatividad geográfica entre Norte y Sur, Occidente y Oriente, y también una heterogeneidad que debería ser dialógica, considerando las saludables especificidades locales. Cada sociedad o civilización ofrece posibilidades y dificultades específicas y generales, que hacen que muestre lo mejor de sí. Local y global, micro y macro, son complementarias y, simultáneamente, presentan cualidades propias, emergentes, singulares. La homogeneización pone en riesgo autonomías individuales, originalidades culturales, étnicas, nacionales. Un pensamiento complejo rechaza la reducción, la disyunción, y considera los operadores cerebrales hologramáticos, dialógicos y recursivos para la tesitura del complexus. Una tarea fundamental es la filosofía y de reflexionar sobre todas las cosas: problematizar, contextualizar, re-problematizar.*

*Existe un pensamiento del Norte que detenta la hegemonía cultural, técnica y económica del mundo. A pesar de dicho pensamiento especializado, fragmentado, reductor, un pensamiento del Sur podría proponer el mestizaje y la integración de las diversas herencias culturales del planeta, de forma que reduzca los efectos devastadores de una polícrisis resultante del desarrollo subdesarrollado y desenfrenado científico-técnico-económico. De esta manera, el pensamiento del Sur podría revitalizar la ética, la solidaridad y la responsabilidad, empleando la idea de reconexión y restaurando el estado poético de la existencia humana. Es necesario buscar caminos de transformación y esperanza.*

*Actualmente, muchos ya notaron que la educación es la alternativa posible y viable para las transformaciones personales, sociales y planetarias. La reconexión de los saberes, que tiene como objetivo la superación de la fragmentación, presupone audacia, persistencia y dedicación. Morin (2000b) ya propuso un conjunto de reflexiones orientadoras de la educación de este siglo XXI, con la indicación de siete saberes necesarios, cuya discusión en la escuela, en paralelo con la revisión constante de las prácticas pedagógicas, puede propiciar la tan necesaria reforma del pensamiento. No se trata de una tarea simple, sino de fomentar reflexiones y acciones capaces de expresar los principios del*

*pensamiento complejo, en la amplitud de los modos de conocer del mismo conocimiento.*

*El autor ya anunciaba un doble reto, al afirmar: «La reforma de la enseñanza debe llevar a la reforma del pensamiento, y la reforma del pensamiento debe llevar a la reforma de la enseñanza» (Morin, 2000a, p. 20, traducción propia). No se trata de establecer modelos o listar experiencias exitosas que deban copiarse, sino de buscar conocer los propios límites, posibilidades, y trazar estrategias a partir de problematizaciones en contextos específicos y singulares.*

*Es necesario descubrir y descortinar posibilidades de realización en cada escuela y grupo. Para diseñar un camino, es necesario desarrollar estrategias que no se pueden confundir con reglas de un manual, sino que deben concebir acciones concretas que emergen de la reflexión y a la vez las despiertan. Compartimos la idea de método como camino: «El método es lo que enseña a aprender. Es un viaje que no se inicia como un método, sino con la búsqueda del método» (MORIN et al. 2003, p. 29-32, traducción propia). Método, camino, presupone estrategias articuladas que se nutren recíprocamente: «por un lado, facilita el desarrollo de estrategias para el conocimiento; por el otro, facilita el desarrollo de las estrategias para la acción».*

*De esta forma, para la concepción de un pensamiento del Sur, con sus identidades y miradas propias, es necesario buscar un método. Y como lo afirma Morin: «La misión de dicho método no es suministrar las fórmulas programáticas de un pensamiento «sano», sino invitar a pensarse a sí mismo en la complejidad» Morin (1999, p.41). Y de esta forma, que sea posible la revitalización de la ética, las ideas, relaciones, acciones y finalidades de la educación.*

*Si el término «política» — del griego — indica procedimientos relacionados a la polis, ciudad, estado, para el bienestar individual y colectivo, que regula y orienta la vida en sociedad, el término «política de civilización» indica el empleo con el resignificado de valores de y para nuestra civilización. Dar un nuevo significado al término «política» significa mantener lo que hay de positivo en él y eliminar sus efectos negativos. Para Morin (2010, p.262, traducción propia), «se trata de refundar y renovar la política. La política de civilización busca salvaguardar las antiguas solidaridades en el lugar donde las mismas no fueron destruidas, y/o instaurar nuevas solidaridades». El término no pretende reducir la política a la política de civilización, sino integrar la política de civilización a aquella. No se trata de crear una nueva ética, sino de regresar a la ética. «Tiene como objetivo ser una política multidimensional, en la que todos los problemas humanos tienen hoy una dimensión política» (MORIN; NAIR, 1997, p.149, traducción propia).*

*Morin (2010, p. 151-159) señala imperativos de una política de civilización: solidarizar (en contra de la parálisis y la compartimentación); revitalizar las identidades culturales (en contra de la estandarización); convivir (en contra de la degradación de la calidad de vida — material/ existencial/ ambiental); moralizar (en contra del egocentrismo y de la irresponsabilidad).*

*Convivir con la transitoriedad y con la inseguridad es un reto constante que nos impone el pensamiento complejo. Es necesario renovar la esperanza en las aspiraciones y posibilidades creativas, libertarias y fraternales de los seres humanos. El pensamiento complejo propone la conjugación de la ciencia con las culturas, las artes y la filosofía para la construcción de una política planetaria capaz de contemplar una educación comprometida con la formación de ciudadanos planetarios, éticos y más felices. En esa dirección podría establecerse un pensamiento del Sur, garantizando una educación dispuesta y capaz de operar transformaciones.*

*¿Será posible una nueva política de civilización? ¿Será una UTOPIA? U = NO; TOPOS = lugar: Lo que no tiene lugar en el presente. Lo que no significa que, algún día, pueda ser posible o viable. Morin (2010, p. 191-197) nos invita, aun, a distinguir*



dos utopías: 1ª) El mejor de los mundos — inviable, imposible y terrible; 2ª) un mundo mejor — ¿posible, improbable?

*Un mundo mejor se construye con el fin de las guerras, la mejora de las relaciones con el medio ambiente, la regulación de los conflictos, la posibilidad de remediar infelicidades humanas a partir de la mejora de las condiciones sociales y políticas, además de la preservación del planeta. Todo ello puede ser posible, aunque improbable. Por esta razón es tan necesario como difícil. Y cualquiera que sea la intensidad en la mejora del mundo, impone a las civilizaciones esperanza y a la vez coautoría. Se trata de un problema antropológico e histórico, pues los seres humanos poseen las mejores y peores potencialidades. Esa dialógica exige esperanza en la proporción de la coautoría de un planeta civilizado. ¡Es urgente civilizar la tierra! Para ello, la educación es fundamental.*

# Temas centrais que inspiram o pensamento do Sul

Riera, Elba del Carmen\*

\* Doutora em Filosofia pela Universidade Católica de Santa Fé. Professora Emérita do Conselho Superior e da Universidade Nacional de Santiago del Estero. Professora em cursos de Mestrado e Pós-Graduação. Conselheira Docente do Conselho Diretivo da Faculdade de Humanidades da Universidade Nacional de Santiago del Estero (1998-2001). Coordenadora do Curso de Licenciatura em Filosofia da Faculdade de Humanidades da Universidade Nacional de Santiago del Estero (1990-2006). Apresentação de trabalhos e palestras em Congressos Mundiais de Filosofia: Moscou, Rússia (1993) e Boston, EUA (1998). Autora de inúmeros trabalhos, artigos, exposições e contribuições para revistas, jornadas, congressos, seminários no país e no exterior. Convidada a dissertar no Latin American Dominican Symposium Educational Leadership in a Globalized Word (EUA, 2004). Responsável pela Jornada Pensamento Complexo, Interdisciplinaridade e Educação.

Conforme o tema do pensamento do Sul vai ganhando centralidade, acredito que somos obrigados a repensar a partir de um ponto de vista próprio, alternativo ao pensamento hegemônico do Norte, que revele nossa identidade e que nos estimule a desenvolver todos os aspectos humanos, econômicos, científicos, tecnológicos, políticos, organizacionais, éticos; que consiga desterrar a imagem instalada de subdesenvolvimento, atraso, pobreza, falta de capacidade para resolver nossos próprios problemas, com os quais nos marginaram durante muito tempo e que considere o seguinte:

- a. a riqueza da mestiçagem intercultural, da diversidade cultural com suas milenares e profundas sabedorias, próprias da América Latina;
- b. a necessidade de recriar um pensamento capaz de corrigir a racionalidade da modernidade, instalada como paradigma disjuntivo e redutivo, que trouxe como consequências a separação, fragmentação e hiperespecialização das disciplinas no campo das ciências e da educação;
- c. a reapropriação do conceito de condição humana, como *unitas multiplex*, expressão acabada da ideia de hipercomplexidade, como unidade de racionalidade e irracionalidade entendida como festa, gozo, dom, solidariedade, afeto, poesia, que reflete a identidade de nossos povos do Sul;
- d. a denúncia à concepção moderna da relação do homem com a natureza que devia ser concebida como ao serviço incondicional do rei da criação, com deploráveis consequências da crise ecológica que padecemos;
- e. crítica ao modelo ocidental de modernidade que enfatizou a individualização, eficácia, quantificação, eficiência, produtividade, acima da solidariedade, afetividade, comunhão,

colaboração, compaixão, comunicação, compromisso, qualidade, coordenação, construção, confiança e consenso.

## Experiências inovadoras implantadas ou em andamento que ilustram o pensamento do Sul

Por meio de nossa longa jornada na docência universitária, conseguimos transmitir a nossos discípulos a inquietude por esta nova forma de pensar, conhecer e agir proposta pelo pensamento complexo. Isto se manifestou por meio de numerosas contribuições e apresentações em congressos, jornadas e reuniões científicas, assim como numa tese de Doutorado de alunos e ex-alunos que procuram aprofundar e refletir a partir dos princípios do P.C.

Desde o ano de 2009, conformamos um grupo interdisciplinar de Estudo, Trabalho e Pesquisa na Faculdade de Humanidades, Ciências Sociais e da Saúde da Universidade Nacional de Santiago del Estero, o qual passa a integrar também professores de outras faculdades e universidades e, por sua vez, depende e está aprovado pelo “Programa de Reconhecimento Institucional de Pesquisa da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Buenos Aires”. A conformação deste grupo interdisciplinar de pesquisa foi bem-sucedida, devido à aceitação e entusiasmo de seus integrantes e da direção da Universidade, que nos prestou grande apoio. É a primeira vez que é formado, em nosso âmbito universitário, um grupo interdisciplinar destinado à investigação. Sabemos da necessidade de uma capacitação dos participantes, a qual tomará tempo. Entretanto, confiamos em que conseguiremos ir adiante, graças à colaboração e apoio dos diferentes grupos que vão se formando ao longo do nosso país, Argentina, e da condução de nosso Diretor Leonardo Rodriguez Zoya.

## Questões prioritárias a serem tratadas pelo olhar do Sul em direção de uma política de civilização

a. Reforma da educação e instituições educativas: a organização disciplinar tradicional dos conteúdos escolares não facilita o tratamento dos problemas antropológicos, sociais ou ambientais.

Não se aprende a selecionar e processar a impressionante quantidade de informação disponível ao nosso redor, nem se capacita para gerir os problemas planetários de nosso mundo. Os educandos não estão capacitados para resolver os problemas da vida cotidiana, apenas estudam e analisam de forma mecânica os problemas acadêmicos convencionais, sem explicar suas próprias ideias, sem cruzar e intercambiar argumentos. O pensamento simplificador, disjuntivo, fragmentário, próprio da cultura da superficialidade dominante e muito distante de um pensamento científico complexo não é superado.

Torna-se indispensável desenvolver a capacidade de contextualizar os saberes. É necessária uma reflexão epistemológica que ajude a relativizar o conhecimento e analisá-lo criticamente, incorporando a análise histórica que pode ajudar a entender o caráter de construção social contextualizada do conhecimento.

b. Democracia cognitiva: a democracia é um sistema complexo que implica o direito à inclusão, à liberdade de pensamento e ao exercício dessa liberdade que se dá no aprender. A democracia é um processo inacabado, não perfeito, mas perfectível. Sobre permanentes contaminações e, por este motivo, requer mudanças e transformações. É alimentado pela diversidade, pelo conflito, pelo interesse e pelas ideias. Torna-se necessária a democratização do conhecimento como condição para a constituição de atores sociais que possam opinar de forma não induzida por meios de comunicação. A base da democracia está na diversidade de opiniões e ideias que irão interagir em um mesmo espaço e que produzem novas identidades complexas.

É preciso, por meio da educação, formar cidadãos com autonomia pessoal, pensamento autônomo e deliberativo, consciência de seus direitos e responsabilidades, sentimento do vínculo cívico que os conecta a seus concidadãos, sentido de participação responsável no desenvolvimento de projetos que levem a transformação positiva de nossa comunidade e de nossa aldeia global. Cidadãos que tomem consciências da necessidade de assumir a “dupla cidadania”, cosmopolita, nacional, regional e planetária vinculada aos membros de sua comunidade, mas também de identificação enquanto pessoas com todos aqueles que também são pessoas, mesmo que de diferentes origens, línguas, culturas.

# Temas centrales que inspiran el pensamiento del Sur

Riera, Elba del Carmen\*

\* Doctora en filosofía por la Universidad Católica de Santa Fe. Profesora Emérita del Consejo Superior y de la Universidad Nacional de Santiago del Estero. Dicta clases en Maestrías y Cursos de Posgrado. Consejera Docente del Consejo Directivo de la Facultad de Humanidades de la Universidad Nacional de Santiago del Estero (1998-2001). Coordinadora de la Carrera de Licenciatura en Filosofía de la Facultad de Humanidades de la Universidad Nacional de Santiago del Estero (1990-2006). Presentación de trabajos y ponencias en Congresos Mundiales de Filosofía: Moscú, Rusia (1993) y Boston, EEUU (1998). Autora de numerosos trabajos, artículos, ponencias y contribuciones para revistas, Jornadas, Congresos, Seminarios en el país y en el extranjero. Invitada para disertar en el Latin American Dominican Symposium Educational Leadership in a Globalized Word (USA, 2004). Tuvo a su cargo una Jornada con el tema: Pensamiento Complejo, Interdisciplinariedad y Educación.

*A medida que se hace central el tema del pensamiento del Sur, creo que estamos obligados a repensar desde un punto de vista propio, alternativo al pensamiento hegemónico del Norte, que revele nuestra identidad, y que nos estimule a desarrollar todos los aspectos humanos, económicos, científicos, tecnológicos, políticos, organizacionales, éticos, que logre desterrar la imagen instalada de subdesarrollo, atraso, pobreza, incapacidad para resolver nuestros propios problemas, con que se nos ha marginado durante mucho tiempo y que tenga en cuenta lo siguiente:*

- a. la riqueza del mestizaje intercultural, de la diversidad cultural con sus milenarias y profundas sabidurías, propias de América Latina;*
- b. la necesidad de recrear un pensamiento que corrija la racionalidad de la modernidad, instalada como paradigma disyuntivo y reductivo, que trajo como consecuencias la separación, fragmentación e hiperespecialización de las disciplinas en el campo de las ciencias y de la educación;*
- c. la reapropiación del concepto de condición humana, como unitas multiplex, expresión acabada de la idea de hipercomplejidad, como unidad de racionalidad e irracionalidad entendida como fiesta, goce, don, solidaridad, afecto, poesía, que refleja la identidad de nuestros pueblos del Sur;*
- d. la denuncia a la concepción moderna de la relación del hombre con la naturaleza que debía ser concebida como al servicio incondicional del rey de*

*la creación, con las deplorables consecuencias de la crisis ecológica que estamos padeciendo;*

- e. crítica al modelo occidental de la modernidad que enfatizó la individualización, eficacia, cuantificación, eficiencia, productividad, por sobre la solidaridad, afectividad, comunión, colaboración, compasión, comunicación, compromiso, calidad, coordinación, construcción, confianza, consenso.*

## Experiencias innovadoras implementadas o en curso que ilustran el pensamiento del Sur

*A través de nuestra larga carrera en la docencia universitaria, hemos logrado transmitir a grupos de discípulos la inquietud por esta nueva forma de pensar, conocer y actuar que propone el pensamiento complejo; esto se ha puesto de manifiesto en numerosas contribuciones y presentaciones a congresos, jornadas y reuniones científicas y también una tesis doctoral, de alumnos y egresados, que intentan profundizar y reflexionar, desde de los principios del P. C.*

*A partir del 2009, hemos conformado un grupo de Estudio, Trabajo e Investigación interdisciplinario en la Facultad de Humanidades, Ciencias Sociales y de la Salud, de la Universidad Nacional*

*de Santiago del Estero, que está integrado además por profesores de otras facultades y universidades, y que a su vez depende y está aprobado por el «Programa de Reconocimiento Institucional de Investigación de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de Buenos Aires.» La conformación de este grupo de investigación interdisciplinario ha comenzado con éxito, por la aceptación y entusiasmo de sus integrantes y de la conducción de la universidad, que ha prestado un gran apoyo. Es la primera vez que se conforma, en nuestro ámbito universitario, un grupo interdisciplinario para investigar. Sabemos que requiere de una capacitación de los participantes, que llevará tiempo, pero confiamos en que saldremos adelante, gracias a la colaboración y apoyo de los distintos nodos que se van conformando a lo largo de nuestra Argentina y de la conducción de nuestro Director, el Lic. Leonardo Rodríguez Zoya.*

## Cuestiones prioritarias a tratarse por la mirada del Sur hacia una política de civilización

- a. Reforma de la educación e instituciones educativas: la organización disciplinaria tradicional de los contenidos escolares no facilita el tratamiento de los problemas antropológicos, sociales ni ambientales; no se aprende a seleccionar y procesar la abrumadora cantidad de información disponible en nuestro entorno, ni se capacita para gestionar los problemas planetarios de nuestro mundo. Los educandos no son capacitados para resolver los problemas de la vida cotidiana, sólo estudian y analizan, en forma mecánica, problemas académicos convencionales, sin explicitar sus propias ideas, sin cruzar e intercambiar argumentos. No se supera el pensamiento simplificador, disyuntivo, fragmentario, propio de la cultura de la superficialidad dominante y muy alejado de un pensamiento científico complejo. Resulta indispensable desarrollar la capacidad de contextualizar los saberes; se hace necesaria una reflexión epistemológica que ayude a relativizar el conocimiento y analizarlo críticamente, incorporando el análisis histórico, que puede ayudar a entender el carácter de construcción social contextualizada que tiene el conocimiento.*
- b. Democracia cognitiva: la democracia es un sistema complejo que implica el derecho a la inclusión, a la libertad de pensamiento y al ejercicio de esa libertad que se da en el aprender. La democracia es un proceso inacabado, no perfecto, pero perfectible; sufre permanentes contaminaciones y por ello requiere cambios y modificaciones. Se alimenta de diversidad y conflictividad, de intereses e ideas. Se hace necesaria la democratización del conocimiento, como condición para la constitución de actores sociales que puedan opinar de manera no inducida por los medios de comunicación. La base de la democracia está en la diversidad de opiniones e ideas que interactúan en un mismo espacio y que producen nuevas identidades complejas. A través de la educación hay que formar ciudadanos con autonomía personal; pensamiento autónomo y deliberativo; conciencia de sus derechos y responsabilidades; sentimiento del vínculo cívico que los ligan a sus conciudadanos; sentido de participación responsable en el desarrollo de proyectos que lleven a transformar positivamente nuestra comunidad y nuestra aldea global; que tomen conciencia de la necesidad de asumir la «doble ciudadanía», cosmopolita, nacional, regional y planetaria, vinculada a los miembros de su comunidad, pero también de identificación, en tanto que persona, con todos aquellos que también son personas, aunque diversos en sus orígenes, lenguas, culturas.*

# Temas centrais que inspiram o pensamento do Sul

Rodríguez Zoya, Leonardo Gabriel\*

\*Licenciado em Ciência Política pela Universidade de Buenos Aires (Argentina). Diploma de Honra. Doutorado em Ciências Sociais pela mesma universidade e Doutorando em Sociologia pela Universidade de Toulouse (França). Bolsa de Pesquisa Doutoral do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas da Argentina (Conicet, sua sigla em Espanhol). Bolsista da Embaixada da França e do Ministério de Educação da Argentina. Cofundador e coordenador da Comunidade de Pensamento Complexo (CPC) ([www.pensamientocomplejo.com.ar](http://www.pensamientocomplejo.com.ar)). Coordenador do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Complexidade e Ciências Sociais (GEICCS). Professor de Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade de Buenos Aires. Linhas de pesquisa: Pensamento Complexo, Teoria dos Sistemas Complexos, Ciências da Complexidade, Epistemologia Genética, Epistemologia Política, Epistemologia das Ciências Sociais, Metodologia das Ciências Sociais.

O tema central do pensamento do Sul é a problematização crítica da hegemonia norte-ocidental, com a finalidade de construir um pensar-fazer alternativo, o qual estimule a conservação e transformação radical da civilização e da humanidade. Isto abrange múltiplas vias ou temas:

- a. A mestiçagem de heranças culturais diversas, expressado como sincretismo e unidade complexa do diverso e plural, onde operaria uma reapropriação crítica das contribuições do Norte (tradição greco-latina, cultura europeia-anglo-saxã moderna) e do Sul (América Latina, Caribe e África), tornando possível a recomposição da solidariedade, a responsabilidade, a compreensão, a compaixão e o amor.
- b. A denúncia e o diagnóstico das regressões e implicâncias sociais, políticas, econômicas, éticas, culturais, epistêmicas e ecológicas do modelo civilizacional norte-ocidental, baseados no cálculo, lucro, exportação e domínio da natureza e da humanidade.
- c. O exame crítico dos modos nos quais são operadas e expressas as estratégias de dominação, controle e hegemonia norte-ocidental no plano do pensamento, cultura, política, economia e seus modos de reprodução.
- d. A crítica e denúncia dos fundamentos e estratégias do pensamento hegemônico do Norte enquanto racionalidade fechada, instrumental, redutora, disjuntiva e simplificadora, que unidimensionalize o multidimensional, unifica o diverso e tende a apagar e ocultar as diversidades e diferenças, fazendo aparecer sob categorias únicas e singulares as multiplicidades históricas, de identidade, culturais e cognitivas.
- e. A problematização do pensamento ocidental moderno e suas categorias naturalizadas de inteligibilidade da realidade, mostrando as zonas de invisibilidade, ilegitimidade, cegueira

e exclusão que produz; com a finalidade de seja reabilitado, viabilizado e restaurado o que antes foi oculto, destruído, ignorado, velado e não tematizado pelo pensamento do Norte, mas que foi constitutivo do pensar e atuar dos povos do Sul.

- f. A recriação do vínculo humanidade-cosmos-natureza, a partir de um conceito alternativo de viver bem, baseado no respeito pela diversidade concreta e a reconexão ecológica com a biosfera, que funde suas raízes histórico-culturais na ideia da Mãe-Terra (pachamama) dos povos e nacionalidades indígenas da América Latina.
- g. Visibilização das contribuições, riquezas e diversidades sociopolíticas, epistêmicas e culturais dos povos do Sul, os quais foram invisibilizados, ocultos, deslegitimados, exterminados, reduzidos, unidimensionalizados, por parte do pensamento hegemônico do Norte. Assim, a finalidade do pensamento do Sul consiste na construção e enraizamento de alternativas políticas e epistêmicas — a partir da articulação das experiências e processos históricos e atuais e, também, mediante a estimulação de outros novos — que tornem possíveis uma mundialização contra-hegemônica alternativa, centrada na solidariedade e na responsabilidade.

## Experiências inovadoras implementadas ou em andamento que ilustram o pensamento do Sul

- a. Afirmação reiterada, ao longo da história do Sul, de lutas contra diferentes formas de dominação colonial e imperial. Guerras pela independência no século XIX. Revoluções políticas e sociais do século XX no México, Cuba, Chile, Nicarágua, El Salvador. A busca de formas de governo que respeitem a herança histórico-cultural dos povos originários: a construção do Estado plurinacional no Equador e na Bolívia, o zapatismo no México.
- b. Afirmação da unidade do Sul mediante diversas políticas, processos e dispositivos institucionais de união. A experiência do Mercosul e da Unasur como resposta hegemônica ao neoliberalismo (ALCA) e estratégia de recentralização na política e no Estado.
- c. A busca de um pensamento crítico e de um conhecimento autônomo e não colonizado em solidariedade com a ação política transformadora da realidade social concreta: o pensamento de Mariano Moreno, José Carlos Mariátegui, José Martí, Víctor Raúl Haya de La Torre, entre outros. O desenvolvimento de uma ciência funcional as necessidades dos povos, que incrementa a autonomia produtiva (Oscar Varsavsky, Rolando García, entre outros). A teoria da dependência. O pensamento descolonial (Boaventura de Sousa Santos, Walter Dignolo, Enrique Dussel, Aníbal Quijano, entre outros).
- d. A resistência artístico-cultural na poesia, na literatura, pintura, arte, arquitetura, música, cinema e dança. As lutas e resistências dos povos e nacionalidades indígenas da América Latina, em muitos de nossos países em pleno século XXI.
- e. Lançamento do livro coletivo *La emergencia de los enfoques de la complejidad en América Latina: desafíos, contribuciones y compromisos para abordar los problemas complejos del siglo XXI*, editado pela Comunidad del Pensamiento Complejo, CPC.

## Questões prioritárias a serem tratadas pelo olhar do Sul em direção a uma política de civilização

- a. Vínculo entre conhecimento e política: reforma da ciência. Crítica à concepção dominante de ciência como regime hegemônico de produção de verdade e de validação e legitimação dos conhecimentos. Elaboração de uma epistemologia política complexa capaz de fundamentar um conceito alternativo de ciência que inclua de critérios sociais, históricos, culturais e políticos de produção e validação de saberes. Consideração da pertinência e legitimidade de outras formas/sistemas de conhecimento humano (arte, filosofia, literatura, incluída na ciência), principalmente, reabilitando os saberes e formas de conhecer dos povos do Sul.
- b. Reforma do conhecimento: problematizar a disjunção entre as duas culturas (ciência e filosofia) e a hiperespecialização disciplinar dos conhecimentos. Distinguir a transdisciplina e a interdisciplina e analisar a pertinência de cada uma para conduzir a investigação empírica concreta. Reforma dos sistemas de ciência e tecnologia com a finalidade de educar as novas gerações de cientistas na prática e cultura da pesquisa interdisciplinar.
- c. Reforma da educação: redefinição das finalidades da educação (em todos os níveis), incorporando a educação para a cidadania democrática e o tratamento dos problemas complexos fundamentais do Sul. Resistência à colonialidade cultural do saber científico eurocêntrico hegemônico. Aprofundamento do autorreconhecimento e estimulação da autonomia cultural e subjetiva.
- d. Reforma do pensamento: estudo das condições cognitivas, psicossociais, socioculturais e discursivas de produção, funcionamento e transformação dos paradigmas, modelos mentais, representações sociais e ideologias para delinear um programa multidimensional de reforma do pensamento.
- e. Pesquisa politicamente orientada em função dos problemas e necessidades sociais: identificação dos problemas complexos fundamentais dos povos do Sul, situando-os no contexto planetário. Elaboração de programas de pesquisa multi-país, desenvolvidos com equipes multidisciplinares e estratégias interdisciplinares que procurem o diagnóstico e a intervenção de tais problemas. Articulação de tais saberes na formulação de políticas públicas.
- f. Desenvolvimento econômico, social e ecologicamente justo e sustentável: aprofundamento e radicalização da democracia além do formalismo normativo e institucional, mas respeitando-o. Incorporação da ideia de conflito. Questionamento sobre o papel do Estado e da economia de mercado e exclusão. Construção de um paradigma alternativo de bem-estar, não consumista, não produtivista, não salvador, firmado sobre um novo modo de vida e valor.
- g. Estratégia político-cultural: desenho, planejamento e execução de um plano estratégico de longa duração, capaz de integrar os pontos anteriores, destinado ao enraizamento político e cultural do “pensamento do Sul” como paradigma alternativo e contra-hegemônico. Isto requer contemplar suas condições de possibilidade: realizar a mais consensual articulação de atores, grupos e experiências em andamento do Sul; a conformação de um movimento político-cultural e científico-acadêmico pelo pensamento do Sul; o desenho de uma estratégia comunicacional destinada aos diferentes públicos (cidadãos, educadores, políticos, científicos, acadêmicos, intelectuais etc.).



# Temas centrales que inspiran el pensamiento del Sur

Rodríguez Zoya, Leonardo Gabriel\*

\* Licenciado en Ciencia Política por la Universidad de Buenos Aires (Argentina). Diploma de Honor. Doctorando en Ciencias Sociales por la misma universidad y Doctorando en Sociología por la Universidad de Toulouse-1 (Francia). Becario de Investigación Doctoral del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas de Argentina (Conicet). Becario de la Embajada de Francia y del Ministerio de Educación de la Nación Argentina. Co-fundador y coordinador de la Comunidad de Pensamiento Complejo (CPC) ([www.pensamientocomplejo.com.ar](http://www.pensamientocomplejo.com.ar)). Coordinador del Grupo de Estudios Interdisciplinarios sobre Complejidad y Ciencias Sociales (GEICCS). Profesor de Metodología de la Investigación en Ciencias Sociales, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires. Líneas de investigación: Pensamiento Complejo, Teoría de los Sistemas Complejos, Ciencias de la Complejidad, Epistemología Genética, Epistemología Política, Epistemología de las Ciencias Sociales, Metodología de las Ciencias Sociales.

*El tema central del pensamiento del Sur es la problematización crítica de la hegemonía noroccidental, con la finalidad de construir un pensar hacer alternativo que estimule la conservación y transformación radical de la civilización y la humanidad. Esto abarca múltiples vías o temas:*

- a. El mestizaje de herencias culturales diversas, expresado como sincretismo y unidad compleja de lo diverso y plural, en donde operaría una reapropiación crítica de los aportes del Norte (tradición greco-latina, cultura europea-anglosajona moderna) y del Sur (Latinoamérica, el Caribe y África), tornando posible la recomposición de la solidaridad, la responsabilidad, la comprensión, la compasión, el amor.*
- b. La denuncia y diagnóstico de las regresiones e implicancias sociales, políticas, económicas, éticas, culturales, epistémicas y ecológicas del modelo civilizacional noroccidental, basado en el cálculo, el lucro, la explotación y dominio de la naturaleza y de la humanidad.*
- c. El examen crítico de los modos en que operan y se expresan las estrategias de dominio, control y hegemonía noroccidental en el plano del pensamiento, la cultura, la política, la economía, y sus modos de reproducción.*
- d. La crítica y denuncia de los fundamentos y estrategias del pensamiento hegemónico del Norte en tanto sea racionalidad cerrada, instrumental, reductora, disyuntiva y simplificadora, que unidimensionalize lo multidimensional, unifica lo diverso y tiende a borrar y ocultar las diversidades y diferencias, haciendo aparecer bajo categorías únicas y singulares las multiplicidades históricas, identitarias, culturales y cognitivas.*
- e. La problematización del pensamiento occidental moderno y sus categorías naturalizadas de inteligibilidad de la realidad, mostrando las zonas de invisibilidad, ilegitimidad, ceguera y exclusión que produce; con la finalidad de rehabilitar, viabilizar y restaurar lo que ha sido ocultado, destruido, ignorado, vedado y no tematizado por el pensamiento del Norte, pero que ha sido constitutivo del pensar y actuar de los pueblos del Sur.*

- f. *La recreación del vínculo humanidad-cosmos-naturaleza a partir de un concepto de vivir bien alternativo basado en el respeto por la diversidad concreta y la religancia ecológica con la biósfera, que hunde sus raíces histórico-culturales en la idea de la Madre-Tierra (pachamama) de los pueblos y nacionalidades indígenas de América Latina.*
- g. *Visibilización de los aportes, las riquezas y las diversidades socio-políticas, epistémicas y culturales de los pueblos del Sur; los cuales han sido invisibilizados, ocultados, deslegitimados, exterminados, reducidos, unidimensionalizados, por parte del pensamiento hegemónico del Norte. Así, la finalidad del pensamiento del Sur consiste en la construcción y enraizamiento de alternativas políticas y epistémicas — a partir de la articulación de las experiencias y procesos históricos y actuales y, también, mediante la estimulación de otros nuevos, que tornen posible una mundialización contra-hegemónica alternativa centrada en la solidaridad y la responsabilidad.*

## Experiencias innovadoras implementadas o en curso que ilustran el pensamiento del Sur

- a. *Afirmación reiterada a lo largo de la historia del Sur de luchas contra distintas formas de dominación colonial e imperial. Guerras por la independencia en el siglo XIX. Revoluciones políticas y sociales del siglo XX en México, Cuba, Chile, Nicaragua, El Salvador. La búsqueda de formas de gobierno que respeten la herencia histórico-cultural de los pueblos originarios: la construcción del Estado plurinacional en Ecuador y Bolivia, el zapatismo en México.*
- b. *Afirmación de la unidad del Sur mediante diversas políticas, procesos y dispositivos institucionales de unión. La experiencia del Mercosur y la Unasur, como respuesta contra-hegemónica al neo-liberalismo (ALCA) y estrategia de recentramiento en la política y el Estado.*
- c. *La búsqueda de un pensamiento crítico y un conocimiento autónomo y no colonizado en solidaridad con la acción política transformadora de la realidad social concreta: el pensamiento de Mariano Moreno, José Carlos Mariátegui, José Martí, Víctor Raúl Haya de la Torre, entre otros. El desarrollo de una ciencia funcional a las necesidades de los pueblos que incremente la autonomía productiva (Oscar Varsavsky, Rolando García, entre otros). La teoría de la dependencia. El pensamiento decolonial (Boaventura de Sousa*

*Santos, Walter Mignolo, Enrique Dussel, Aníbal Quijano, entre otros).*

- d. *La resistencia artístico-cultural en la poesía, la literatura, la pintura, el arte, la arquitectura, la música, el cine y la danza. Las luchas y resistencias de los pueblos y nacionalidades indígenas de América Latina, en muchos de nuestros países en pleno siglo XXI.*
- e. *Lanzamiento del libro colectivo La emergencia de los enfoques de la complejidad en América Latina: desafíos, contribuciones y compromisos para abordar los problemas complejos del siglo XXI editado por la Comunidad de Pensamiento Complejo, CPC.*

## Cuestiones prioritarias a tratarse por la mirada del Sur hacia una política de civilización

- a. *Vínculo entre conocimiento y política: Reforma de la ciencia. Crítica a la concepción dominante de ciencia como régimen hegemónico de producción de verdad y de validación y legitimación de los conocimientos. Elaboración de una epistemología política compleja que fundamente un concepto alternativo de ciencia inclusivo de criterios sociales, históricos, culturales y políticos de producción y validación de saberes. Consideración de la pertinencia y legitimidad de otras formas/sistemas de conocimiento humano (arte, filosofía, literatura, incluida la ciencia), especialmente, rehabilitando los saberes y formas de conocer de los pueblos del Sur.*
- b. *Reforma del conocimiento: Problematizar la disyunción entre las dos culturas (ciencia y filosofía) y la hiper-especialización disciplinaria de los conocimientos. Distinguir la transdisciplina y la interdisciplina y analizar la pertinencia de cada una para conducir la investigación empírica concreta. Reforma de los sistemas de ciencia y tecnología con la finalidad de educar a las nuevas generaciones de científicos en la práctica y la cultura de la investigación interdisciplinaria.*
- c. *Reforma de la educación: Redefinición de las finalidades de la educación (en todos los niveles), incorporando la educación para la ciudadanía democrática y el tratamiento de los problemas complejos fundamentales del Sur. Resistencia a la colonialidad cultural del saber científico euro-céntrico hegemónico. Profundización del auto-reconocimiento y estimulación de la autonomía cultural y subjetiva.*
- d. *Reforma del pensamiento: Estudio de las condiciones cognitivas, psico-sociales, socio-culturales*

*y discursivas de producción, funcionamiento y transformación de los paradigmas, modelos mentales, representaciones sociales e ideologías para delinear un programa multidimensional de reforma del pensamiento.*

- e. Investigación políticamente orientada en función de los problemas y necesidades sociales: Identificación de los problemas complejos fundamentales de los pueblos del Sur situándolos en el contexto planetario. Elaboración de programas de investigación multi-país desarrollados con equipos multidisciplinares y estrategias interdisciplinarias, que tiendan al diagnóstico e intervención sobre dichos problemas. Articulación de estos saberes en la formulación de políticas públicas.*
- f. Desarrollo económico, social y ecológicamente justo y sustentable: Profundización y radicalización de la democracia más allá del formalismo normativo e institucional, pero respetándolo. Incorporación de la idea de conflicto. Cuestionamiento del rol del estado y de la economía de mercado y exclusión. Construcción de un paradigma de bienestar alternativo, no consumista, no productivista, no salvador, asentado sobre un nuevo modo de vida y valor.*
- g. Estrategia político-cultural: Diseño, planificación y ejecución de un plan estratégico de larga duración que integre los puntos anteriores, destinado al enraizamiento político y cultural del «pensamiento del Sur» como paradigma alternativo y contra-hegemónico. Esto requiere contemplar sus condiciones de posibilidad: realizar la más consensuada articulación de actores, grupos y experiencias en curso en el Sur; la conformación de un movimiento político-cultural y científico-académico por el pensamiento del Sur; el diseño de una estrategia comunicacional destinada a los distintos públicos (ciudadanos, educadores, políticos, científicos, académicos, intelectuales etc.).*

# O pensamento do Sul: uma visão crítica do desenvolvimento destrutivo

Sebilha, Andres Salomon Cohen\*

\*Formado em Ciências Biológicas pela Universidade Santa Úrsula (1982); pós-graduado em Ensino de Ciências, modalidade Física, pela Universidade Federal Fluminense (1996). Tem trabalhos publicados nas revistas *Atlântica* e *Revista Brasileira de Zoologia*, e livro publicado pela Editora Nobel (1990). Desde 1996, é assessor-técnico do Departamento Nacional do SESC (Divisão de Projetos Sociais, Gerência de Educação, Projeto SESCiência) e atualmente ocupa o cargo de coordenador do Projeto Ação Comunitária SESC Cidade de Deus.

“Os povos dos países pobres são obrigados a fazer uma troca explícita: aceitar a degradação ambiental (em longo prazo) e a humilhação para atender as suas necessidades imediatas de alimentos e habitação.” Essa frase da ex-primeira-ministra da Índia, Indira Gandhi, proferida num discurso na sede das Nações Unidas em 1970, reflete, de certa forma, a opção que os povos do Sul tiveram que fazer para atender as exigências do Norte, mais poderoso e decantado como um exemplo civilizatório.

Precisamos misturar essas heranças culturais mediterrâneas com as heranças culturais africanas e sul-americanas. Por mais diferentes que sejam, todas elas comportam modos míticos ou religiosos de integração no cosmo e na natureza, dos quais devemos extrair a verdade profunda e ligá-la a nossa consciência ecológica, que reconhece nossa integração na biosfera, algo que o devir da mundialização continua a degradar impulsionado pelo norte (MORIN, 2010).

As questões que se apresentam, em função do pensamento de Edgar Morin, expresso no parágrafo anterior, para nossa reflexão, são: que consciência ecológica é essa? Existe uma consciência ecológica no Sul, diferente daquela do Norte? Os problemas ambientais que se apresentam no Sul são diferentes daqueles do Norte? Não foram os povos do Norte que capitanearam os movimentos em defesa do meio ambiente, nas décadas de 1960 e 1970?

Ao longo da sua história, a humanidade sempre foi além das próprias fronteiras em busca de matérias-primas essenciais, seja por meio do comércio ou das guerras, para satisfazer as suas necessidades. Hoje, devido à expansão do comércio internacional e da globalização da economia, esse fenômeno

atingiu um estágio que ameaça seriamente todos os ecossistemas do planeta. A busca de um desenvolvimento mais harmonioso com o meio ambiente está exigindo mudanças drásticas na economia e no modo de vida das sociedades e das nações, seja daquelas que já atingiram a plena capacidade industrial (ditas do Norte ou desenvolvidas ou do Primeiro Mundo) como daquelas que estão em vias de consegui-la (ditas do Sul ou subdesenvolvidas ou do Terceiro Mundo).

Assim, um novo pensamento se apresenta ao mundo com pretensões de universalidade: o ecológico, questionando o desenvolvimento e os modelos de sociedade. Esse desafio é apresentado como necessidade de se repensar o desenvolvimento na sua dimensão educacional, social, política, filosófica, econômica e cultural. Recoloca a crítica dos sistemas existentes, forçando o capital a se confrontar com o meio ambiente, que pretendeu e ainda pretende subordinar em sua realização. O pensamento ecológico está dizendo ao capital que antes dele vem a relação com a natureza, diante da qual o capital é apenas “uma criança brincando de Criador, sem ter idade e sabedoria para isso” (ACSELRAD, 1992).

O Cone Sul concentra uma grande parte da biodiversidade natural do planeta. Podemos, quem sabe, estender essa biodiversidade ao pensamento desses povos, resultados da miscigenação de “colonizadores” do Norte com os autóctones. Nossa cultura incorporou e fundiu, de ambos, aspectos das tradições, dos mitos, da alimentação, do vestuário, da língua, dentre outros, que culminaram no sincretismo que nos caracteriza.<sup>1</sup>

Segundo Darcy Ribeiro (1970), as profundas diferenças não só são decorrentes das matrizes culturais predominantemente latina e católica, indígena e africana, num caso, anglo-saxônica e protestante, no outro, mas também decorrem do grau de desenvolvimento socioeconômico, nível de escolaridade, tradição histórica etc. Para esse mesmo autor, “falta ainda uma teoria da cultura, capaz de dar conta da nossa realidade, em que o saber erudito é tantas vezes espúrio e o não saber popular alcança, contrastantemente, atitudes críticas, mobilizando consciências para movimentos profundos de reordenação

social. Como estabelecer a forma e o papel da nossa cultura erudita, feita à criatividade popular, que mescla as tradições mais díspares para compreender essa nossa nova versão do mundo e de nós mesmos?” (RIBEIRO, 1996, p. 16).

Portanto, continuamos perseguindo uma teoria unificadora do social com o ambiental, uma teoria que proponha um novo paradigma socioambiental, que traga bem-estar a todos, com mais justiça e distribuição de renda e que deságue em uma melhor qualidade de vida para muitos e não só para os poucos afortunados, sejam eles do Norte ou do Sul.

O espaço onde se procurou uma resposta mais intensamente foi nos chamados Encontros de Cúpula Alternativos, paralelos aos encontros do grupo dos Países Mais Ricos, para discutir os rumos da economia mundial dentro da perspectiva do movimento ecológico (GABEIRA, 1994). Ainda não se chegou a um sistema acabado, mas esses encontros levaram a uma visão do que pode ser uma economia ou um desenvolvimento alternativo. E esse desenvolvimento seria diferente daquele que acontece no modelo de produção capitalista e do socialismo real, considerando aspectos fundamentais.

a. Desenvolvimento alternativo *versus* necessidades humanas: o desenvolvimento alternativo deve levar em conta as necessidades humanas e não a produção do lucro como ponto principal. Ao propor essa ideia, houve muitas dificuldades, pois o lucro sempre foi a mola mestra do sistema capitalista. A expressão “necessidades humanas” precisa ser mais bem definida. Elas representam as necessidades materiais e não materiais. As necessidades materiais nós conhecemos: habitação/moradia, alimentação, educação, lazer, transporte, salários dignos etc. Em relação às necessidades materiais, muita coisa mudou de, digamos, cinquenta anos para cá. A televisão, por exemplo, não era uma necessidade (assim como o telefone). Hoje, a televisão poderia representar uma importante fonte de lazer, educação e cultura para uma nação.

As necessidades não materiais são muito difíceis de definir. Porém, as discussões evoluíram até o ponto de introduzir ideias, como a possibilidade das pessoas conviverem em paz e harmonia, independentemente de raça, credo, cultura, posição social e escolaridade; criatividade e iniciativa para tentar resolver os seus problemas de desenvolvimento e meio ambiente, entre outras.

<sup>1</sup> “Sincretismo é a tentativa de fusão ou de conciliar crenças díspares e mesmo opostas e de fundir práticas de várias escolas de pensamento. Está associado em especial à tentativa de fundir e criar analogias entre várias tradições originariamente discretas, particularmente na teologia e mitologia da religião, afirmando assim uma unidade subjacente” (www.wikipedia.org).

b. Desenvolvimento alternativo endógeno: o desenvolvimento alternativo tem que ser endógeno. Esse processo de desenvolvimento material tem que partir das necessidades internas da sociedade. É a sociedade, internamente, quem decide os seus caminhos. Isso quer dizer que não existe um modelo universal de desenvolvimento e que cada sociedade tem o direito de procurar o seu. Esse fenômeno não acontece no Brasil, onde a mentalidade é fruto da sua colonização, cujo modelo é o capitalismo aplicado nos EUA e na Europa. Nós sempre nos vemos como se fôssemos um cidadão dos EUA e da Europa amanhã — Complexo de vodka Orloff — sem imaginar um modelo ou circunstância própria. Não teríamos como construir o colonialismo, o imperialismo e as próprias possibilidades planetárias em termos de recursos não renováveis. A Terra não suportaria o tipo de consumo dos EUA e da Europa, reproduzidos em escala mundial em todo o Terceiro Mundo. Então, teríamos que repensar o desenvolvimento não só porque nós temos as nossas características, como também porque não é possível se desenvolver com um consumo que o planeta não suportaria (aquecimento mais rápido do planeta, mais lixo e mais poluição).

c. Autossustentação: é o princípio do desenvolvimento do país (ou região) buscando recursos internamente, não dependendo de fora para estimulá-lo. No Brasil ainda se fala que o nosso desenvolvimento será muito estimulado pelo comércio exterior, pela venda fora do Brasil. Mas já existe uma corrente que fala em estimular o mercado interno. Vamos criar uma situação em que a gente produza e consuma, em que o dínamo do crescimento econômico esteja no Brasil.

d. Consciência ecológica: essa consciência não significa pura e simplesmente uma consciência política, mas uma consciência na qual reside o próprio desenvolvimento, que passa a ter uma importância no cálculo econômico. Então, onde entra esse custo? Essa é uma crítica que a visão da economia alternativa tem da economia convencional burguesa. Ela não calcula o desgaste do meio ambiente como perda a ser reparada, pois ela tem a perspectiva do produtor individual capitalista, cujo pensamento é: o que for lucro é lucro, o que for prejuízo a gente socializa. E, às vezes, pode ser até pior.

Portanto, temos a oportunidade de propor algo diferente, tanto para os nossos pares do Sul quanto para os formuladores das políticas do Norte. Estamos nessa encruzilhada: ou fazemos algo agora ou perderemos o bonde da história.

## REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, h. *Meio ambiente e democracia*. Rio de Janeiro: IBASE, 1992.
- GABEIRA, F. *Princípios da economia alternativa*. Documento Interno do Partido Verde de, Seccional do Rio de Janeiro. 1994.
- MORIN, E. *Para um pensamento do sul*. 2010. Mimeografado.
- RIBEIRO, D. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

# El pensamiento del Sur: una visión crítica del desarrollo destructivo

Sebilía, Andres Salomon Cohen\*

\* Graduado en Ciencias Biológicas por la Universidad Santa Úrsula (1982); posgraduado en Enseñanza de Ciencias, modalidad Física, por la Universidad Federal Fluminense (1996). Cuenta con trabajos publicados en las revistas *Atlântica* y *Revista Brasileira de Zoologia*, además de un libro publicado por la Editorial Nobel (1990). Desde el año 1996 es asesor técnico del Departamento Nacional de SESC (División de Proyectos Sociales, Gerencia de Educación, Proyecto SESCiência) y actualmente ejerce como coordinador del Proyecto Acción Comunitaria SESC Cidade de Deus.

«Los pueblos de los países pobres están obligados a hacer un cambio explícito: aceptar la degradación ambiental (a largo plazo) y la humillación para atender a sus necesidades inmediatas de alimentos y habitación.» Estas son palabras de la ex primera ministra de India, Indira Gandhim en un discurso proferido en la sede de las Naciones Unidas en 1970. Reflejan, de cierta forma, la elección que tuvieron que hacer los pueblos del Sur para atender a las exigencias del Norte, más poderoso y decantado como un ejemplo civilizatorio.

Necesitamos mezclar esas herencias culturales mediterráneas con las herencias culturales africanas y sudamericanas. Por más diferentes que sean, todas comportan modos míticos o religiosos de integración en el cosmos y en la naturaleza, de los cuales debemos extraer la verdad profunda y conectarla a nuestra conciencia ecológica, que reconoce nuestra integración en la biósfera, algo que el devenir de la mundialización sigue degradando, impulsado por el Norte (MORIN, 2010).

Las cuestiones que se presentan para nuestra reflexión, en función del pensamiento de Edgar Morin, expresado en el párrafo anterior, son las siguientes: ¿cuál es esa conciencia ecológica? ¿Existe una conciencia ecológica en el Sur, diferente de aquella del Norte? ¿Los problemas ambientales que se presentan en el Sur son diferentes de aquellos del Norte? ¿No fueron los pueblos del Norte los que capitanearon los movimientos en defensa del medio ambiente en las décadas de 1960 y 1970?

A lo largo de la historia, la Humanidad siempre avanzó más allá de sus fronteras en búsqueda de materias primas esenciales, sea por medios comerciales o de guerras, para satisfacer sus necesidades. Hoy en día, debido a la expansión del comercio internacional y de la globalización de la economía, dicho fenómeno alcanzó un peldaño que amenaza seriamente todos los ecosistemas del planeta. La búsqueda de un desarrollo más armonioso con el medio ambiente exige cambios drásticos en la economía y en el modo de vivir de las sociedades y naciones, ya sean las que alcanzaron la plena capacidad industrial (designadas del Norte, desarrolladas o de Primer Mundo), y/o aquellas que se encuentran en vías de conseguirlo (llamadas del Sur, subdesarrolladas o de Tercer Mundo). Así, un nuevo pensamiento se presenta al mundo con pretensiones de universalidad: lo ecológico, cuestionando el desarrollo y los modelos de sociedad. Este desafío se presenta como necesidad de repensar el desarrollo en su dimensión educacional, social, política, filosófica, económica y cultural. Reposiciona la crítica de los sistemas existentes, forzando al capital a confrontarse con el medio ambiente, que pensó y aún piensa subordinar en su realización. El pensamiento ecológico está diciendo al capital que antes de él está la relación con la naturaleza y, ante ella, el capital es solamente «un niño jugando a Creador, sin edad o sabiduría para ello» (ACSELRAD, 1992, traducción propia).

El Cono Sur concentra una gran parte de la biodiversidad natural del planeta. Podemos, de repente, extender esa biodiversidad al pensamiento de

esos pueblos, resultados del mestizaje de «colonizadores» del Norte con los autóctonos. Nuestra cultura ha incorporado y fundido de ambos aspectos de las tradiciones, de los mitos, de la alimentación, vestimenta, de la lengua, entre otros, los que culminaron en el sincretismo que nos caracteriza.<sup>1</sup>

Según Darcy Ribeiro (1970), las profundas diferencias no sólo vienen de las matrices culturales predominantemente latinas y católicas, indígenas y africanas por un lado, anglosajés y protestantes por el otro, sino también del grado de desarrollo socioeconómico, nivel de escolaridad, tradición histórica etc. Para Ribeiro, «aún hace falta una teoría de la cultura, capaz de dar cuenta de nuestra realidad, en la que el saber erudito es tantas veces espurio y el no saber popular alcanza, contrastantemente, actitudes críticas, movilizándolo para movimientos profundos de reordenamiento social. ¿Cómo establecer la forma y el papel de nuestra cultura erudita, fundamentada en la creatividad popular, que mezcla las tradiciones más dispares para comprender nuestra nueva versión del mundo y de nosotros mismos?» (RIBEIRO, 1996, p. 16, traducción propia).

Por lo tanto, seguimos persiguiendo una teoría unificadora de lo social con lo ambiental, una teoría que proponga un nuevo paradigma socio-ambiental, que traiga bienestar a todos, con más justicia y distribución de riqueza y, como consecuencia, lleve mejor calidad de vida para muchos y no solamente para pocos afortunados, sean estos del Norte o del Sur. Se buscó más intensamente una respuesta en los encuentros de Cumbres Alternativas, paralelos a los encuentros del grupo de Países Más Ricos, para discutir los rumbos de la economía mundial dentro de la perspectiva del movimiento ecológico (GABEIRA, 1994). Aún no se llegó a un sistema acabado, pero esos encuentros llevaron a una visión de lo que puede ser una economía o un desarrollo alternativo. Dicho desarrollo sería diferente al que ocurre en el modelo de producción capitalista y al socialismo real, considerando aspectos fundamentales:

a. *Desarrollo alternativo versus necesidades humanas: el desarrollo alternativo debe considerar las necesidades humanas y no la producción de ganancia como punto principal. Al proponer esa idea, hubo muchas dificultades, pues la ganancia siempre fue la pieza impulsora del sistema capitalista. La expresión «necesidades humanas» debe ser mejor definida. Ellas representan las necesidades materiales y no materiales. Las necesidades materiales las conocemos bien: vivienda, alimentación, educación, entretenimiento, transporte, salarios dignos etc. Respecto a las necesidades materiales, muchos aspectos cambiaron desde hace cincuenta años. La televisión, por ejemplo, no era una necesidad (como tampoco el teléfono). Hoy en día, la televisión podría representar una importante fuente de entretenimiento, educación y cultura para una nación.*

*Las necesidades no materiales son muy difíciles de definir. Sin embargo, las discusiones evolucionaron al punto de introducir ideas, como la posibilidad de que las personas convivan en paz y armonía, independientemente de su raza, creencia, cultura, posición social y escolaridad, creatividad e iniciativa en el intento de solucionar sus problemas de desarrollo y medio ambiente, entre otras.*

b. *Desarrollo alternativo endógeno: el desarrollo alternativo debe ser endógeno. Este proceso de desarrollo material debe partir de las necesidades internas de la sociedad. Es la sociedad, internamente, la que decide sus caminos, es decir, no existe un modelo universal de desarrollo y cada sociedad tiene el derecho de buscar el suyo. Este fenómeno no ocurre en Brasil, donde la mentalidad es fruto de su colonización y el modelo es el capitalismo que se aplica en los*

<sup>1</sup> «Sincretismo es un intento de fusionar o conciliar doctrinas distintas u opuestas y de fundir prácticas de varias escuelas de pensamiento. Se asocia especialmente al intento de fundir y crear analogías entre varias tradiciones originariamente discretas, particularmente en la teología y mitología de la religión, afirmando una unidad subyacente» ([www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org), traducción propia a partir del portugués).



EEUU y Europa. Nosotros siempre nos vemos como si fuéramos ciudadanos de EEUU y de Europa mañana — Complejo de Vodka Orloff — sin imaginar un modelo o circunstancia propia. No estaríamos en condiciones de construir el colonialismo, el imperialismo y las propias posibilidades planetarias en términos de recursos no renovables. La Tierra no soportaría el tipo de consumo de EEUU y Europa reproducidos a nivel mundial en todo el Tercer Mundo. Entonces, deberíamos repensar el desarrollo, no sólo porque tenemos nuestras características propias, sino también porque no es posible desarrollarnos con un consumo que el planeta mismo no soportaría (calentamiento más acelerado del planeta, más desechos y contaminación).

- c. *Autosostenibilidad*: es el principio del desarrollo del país (o región) buscando internamente los recursos, sin que la estimulación dependa de afuera. En Brasil aún se defiende que nuestro desarrollo será muy estimulado por el comercio exterior, por la venta fuera de Brasil. Pero ya existe una línea que defiende la estimulación del mercado interno. Vamos a crear una situación en que produzcamos y consumamos, en que la dinámica del crecimiento económico esté en Brasil.
- d. *Conciencia ecológica*: dicha consciencia no significa pura y simplemente una conciencia política, sino una conciencia en la que reside el desarrollo mismo, que pasa a tener una importancia en el cálculo económico. Entonces, ¿dónde entra dicho costo? Esa es una crítica de la visión de la economía alternativa con relación a la economía convencional burguesa. La misma no calcula el desgaste del medio ambiente como pérdida a ser reparada, pues tiene la perspectiva del productor individual capitalista, cuyo pensamiento es: lo que es ganancia, es ganancia; lo que es perjuicio, lo socializamos. Ya veces puede ser incluso peor. Por lo tanto, tenemos la oportunidad de proponer algo diferente, tanto para nuestros pares del Sur, como para los formuladores de las políticas del Norte. Nos encontramos en esa encrucijada: o hacemos algo ahora, o simplemente perderemos el tren.

# Pensamento do Sul: construindo uma nova civilização

Simões, Carlos Artexes\*

\* Engenheiro eletrônico pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pedagogo pela mesma Universidade. Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca.

O mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando.

GUIMARÃES ROSA

O que tem caracterizado a civilização atual é a sua capacidade de mudança de dinâmicas até então consideradas imutáveis. O que aparentemente poderia ser confundido apenas com uma adaptação para a permanência de costumes, privilégios e de relações hierárquicas de poder e exploração humana, também são possibilidades de reais transformações na cultura civilizatória. Novos modos de pensar o mundo, novas relações entre os seres humanos e novas formas de produção material para a existência humana são potencialidades para um novo padrão civilizatório mais livre, justo e fraterno.

Nesse cenário, a hegemonia econômica e cultural do Norte pode e deve ser questionada e a sua lógica, reelaborada com a participação da força emergente, e ainda pouco visível, do pensamento do Sul. Não se trata apenas de uma disputa e substituição da hegemonia territorial, mas uma síntese que considera a cultura e a compreensão dos povos do Sul, historicamente explorados, que de alguma forma sustentaram o desenvolvimento material dos países “ricos” do Norte, na elaboração de uma compreensão universal para todos os povos e uma nova civilização.

O agravamento das condições naturais da existência humana coloca em xeque o *ethos* no qual se constitui o pensamento hegemônico na civilização atual. Urge um consenso mínimo e uma postura ética que questione o nosso modo de estar e atuar no mundo para o enfrentamento da crise planetária. A novidade da participação e contribuição dos povos do Sul, com singularidades e situação cultural específicas, passa a ser imperativo para a superação da degradação ambiental e da exclusão social ainda predominante no mundo. Emergem do Sul, em uma situação adversa e subalterna, uma cultura e uma forma de viver emancipadoras, ligadas a uma nova consciência ecológica, a uma mistura étnica/racial configurada na tradição da solidariedade e da criatividade.

O sentido do paradigma dominante é a conquista. O conhecimento é assumido como forma de intervenção e dominação da natureza, o que corresponde a uma imagem de mundo na qual o ser humano tem a função do domínio sobre o meio ambiente e os demais

seres. O *ethos* vivenciado é pouco sensível à alteridade. A homogeneização e a padronização ameaçam as originalidades e as singularidades culturais. Dessa forma, a natureza não passa de um depósito de recursos, algo a ser manipulado, e o diferente, aquilo que foge à razão instrumental-analítica e à unificação tecno-econômica, algo a ser destruído. A crise ecológica mostra a insustentabilidade dessas crenças. O progresso, entendido como crescimento ilimitado e linear, produziu degradação ambiental e subdesenvolvimento. A Terra não suportaria a universalização do patamar de consumo e modo de vida dos países ricos.

Erigir pilares para uma nova civilização exige um novo pensar, sentir, uma vontade de transformação com novos referenciais éticos e uma nova forma de compreender a humanidade. A experiência dos povos do Sul tem elementos fundamentais para essa nova civilização. Eis o desafio: enfrentar a complexidade da realidade humana, com uma compreensão ampla do ser humano e do universo, a partir da vivência das contradições do modelo civilizatório até então desenvolvido; preservando uma sabedoria nativa de valorização da relação homem-natureza e entre os seres humanos. De um paradigma redutor, pautado pela dominação e exploração, precisamos passar a um paradigma capaz de religar conhecimentos, de valorizar outras formas de relacionamento com a natureza e com outros seres humanos e de apresentar um novo *ethos* e sentido. Como bem diz Leonardo Boff, “essa mudança precisa ser dialética, vale dizer, assumir tudo que é assimilável e benéfico do paradigma da modernidade e inseri-lo dentro de outro diferente mais globalizante e benfazejo”. Ética, assim compreendida, é a descoberta do mundo como valor e não como a concepção utilitarista em que o mundo só possui valor na sua funcionalidade a serviço dos interesses de pequenos grupos e como objeto de posse.

Uma iniciativa contra-hegemônica é o Fórum Social Mundial (FSM), evento “altermundialista” organizado por movimentos sociais de diversos continentes, mas com centralidade organizativa no Brasil, com objetivo de elaborar alternativas para uma transformação social global. O *slogan* “um outro mundo é possível” representa seu significado para uma nova ordem social. O Fórum se realizou várias vezes (em 2001, 2002, 2003 e 2005), no Brasil, na cidade de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul; em 2004, na Índia; de forma descentralizada em 2006; e em Nairóbi, Quênia, em 2007. A nona edição do Fórum novamente teve lugar no Brasil, em Belém, capital do estado do Pará.

Outra iniciativa, organizada no Brasil, se refere à economia solidária como uma forma de produção, consumo e distribuição de riqueza (economia) centrada na valorização do ser humano e não do capital. Tem base associativista e cooperativista, e é voltada para a produção, consumo e comercialização de bens e serviços de modo autogerido, tendo como finalidade a reprodução ampliada da vida. Preconiza o entendimento do trabalho como um meio de libertação humana dentro de um processo de democratização econômica, criando uma alternativa à dimensão alienante e assalariada das relações do trabalho capitalista.

Além disso, a economia solidária possui uma finalidade multidimensional, isto é, envolve a dimensão social, econômica, política, ecológica e cultural. Isto porque, além da visão econômica de geração de trabalho e renda, as experiências de economia solidária se projetam no espaço público, no qual estão inseridas, tendo como perspectiva a construção de um ambiente socialmente justo e sustentável. A economia solidária reafirma, assim, a emergência de atores sociais, ou seja, a emancipação de trabalhadoras e trabalhadores como sujeitos históricos.

Nesse cenário de mudanças culturais e elaboração de um pensamento do Sul como desenvolvimento de possibilidades de novo projeto civilizatório, vale a

pena conhecer as concepções da “Trimembração do organismo social” apresentada pelo filósofo austríaco Rudolf Steiner no início do século XX. A trimembração não é uma ideia interna de nenhuma corrente ou grupo, mas pertence à humanidade toda.

Assim como os corpos vivos têm atividade nervosa, digestiva, circulatória etc., cada uma com seu funcionamento próprio, porém interdependentes e partes do mesmo corpo, assim todas as atividades e fatos da sociedade humana se distribuem em três grandes áreas: vida econômica, vida cultural, vida normativa. Vida econômica é tudo o que produz bens, recursos, riquezas para o uso da sociedade inteira. Vida cultural não é apenas arte, mas tudo o que tem a ver com conhecimento, ideias, valores e capacidades humanas, nas mais diversas áreas, como pesquisa, educação, criação e outras formas de cultivo. Vida normativa são as instâncias em que os diferentes atores da vida social decidem as regras do jogo, fazem acordos e cuidam para que esses acordos sejam executados. São os espaços de discussão e representação, órgãos de administração, agências reguladoras, instâncias jurídicas etc. Cada uma dessas esferas de atividade tem por sua natureza um atributo ou lei de funcionamento: vida cultural = liberdade; vida normativa = igualdade; vida econômica = fraternidade.

A lei saudável numa esfera torna-se nociva na outra. A vida cultural é responsável pela criatividade da sociedade por meio da livre criatividade dos indivíduos. Nesse campo, igualdade significaria totalitarismo, massificação, estagnação. Na vida normativa, isto é, na decisão e execução dos acordos sociais, cada ser humano tem valor igual ao de qualquer outro. Aqui o indivíduo não tem liberdade de impor nada. A vida econômica é responsável por suprir os seres humanos daquilo de que necessitam. Aqui, liberdade de fazer o que se bem entender, sem levar em conta as necessidades sociais (como quer o neoliberalismo), produz concentração e exclusão.

# Pensamiento del Sur: construyendo una nueva civilización

Simões, Carlos Artexes\*

\* Ingeniero electrónico graduado por la Universidad Federal de Rio de Janeiro (UFRJ) y pedagogo por la misma Universidad. Magister en Educación por la Universidad Federal Fluminense (UFF). Profesor en el Centro Federal de Educación Tecnológica Celso Suckow da Fonseca.

*Lo más importante y bonito del mundo es esto: que las personas no siempre están iguales, aún no han sido terminadas, sino que siempre van cambiando.*

GUIMARÃES ROSA

*Lo que ha caracterizado la civilización actual es su capacidad de cambiar sus dinámicas hasta entonces consideradas inmutables. Lo que aparentemente podría confundirse solamente con una adaptación para la permanencia de costumbres, privilegios y relaciones jerárquicas de poder y explotación humana, también son posibilidades de reales transformaciones en la cultura civilizatoria. Nuevos modos de pensar el mundo, nuevas relaciones entre los seres humanos y nuevas maneras de producción material para la existencia humana son potencialidades para un nuevo patrón civilizatorio más libre, justo y fraternal.*

*En este escenario, la hegemonía económica y cultural del Norte puede y debe de ser cuestionada y su lógica reelaborada con la participación de la fuerza emergente y, aunque poco visible, del pensamiento del Sur. No se trata simplemente de una competencia y sustitución de la hegemonía territorial, sino de una síntesis que considera la cultura y la comprensión de los pueblos del Sur, históricamente explotados, que de alguna manera sostuvieron el desarrollo material de los países «ricos» del Norte, en la elaboración de una comprensión universal para todos los pueblos y una nueva civilización.*

*El agravamiento de las condiciones naturales de la existencia humana pone en evidencia el ethos en que se constituye el pensamiento hegemónico en la civilización actual. Es urgente un consenso mínimo y una postura ética que cuestione nuestro modo de estar y actuar en el mundo para enfrentar la crisis planetaria. La novedad de la participación y aporte de los pueblos del Sur, con singularidades y situaciones culturales específicas, pasa a ser imperativo para superar la degradación ambiental y la exclusión social aun predominante en el mundo. Emergen del Sur, en una situación adversa y subalterna, una cultura y forma de vivir emancipadoras, que se conectan a una nueva conciencia ecológica, a una mezcla étnico/racial configurada en la tradición de la solidaridad y de la creatividad.*

*El sentido de paradigma dominante es la conquista. Se asume el conocimiento como forma de intervención y dominación de la naturaleza, lo que corresponde a una imagen de mundo en que el ser humano tiene la función del dominio sobre el medio ambiente y los demás seres. El ethos que se vivencia es poco sensible a la alteridad. La homogeneización y estandarización amenazan las originalidades y singularidades culturales. Así, la naturaleza no pasa de un*

*depósito de recursos, algo a ser manipulado, y lo distinto, lo que huye de la razón instrumental-analítica y de la unificación tecno-económica, algo a ser destruido. La crisis ecológica muestra la insostenibilidad de dichas creencias. El progreso, entendido como crecimiento ilimitado y lineal, produjo degradación ambiental y subdesarrollo. La Tierra no soportaría la universalización del nivel de consumo y modo de vida de los países ricos.*

*Levantar los pilares para una nueva civilización exige un nuevo pensar, sentir, una voluntad de transformación con nuevos referenciales éticos y una forma de comprender la humanidad. La experiencia de los pueblos del Sur tiene elementos fundamentales para esa nueva civilización. Ahí reside el desafío: enfrentar la complejidad de la realidad humana con una comprensión amplia del ser humano y del universo, a partir de la vivencia de las contradicciones del modelo civilizatorio hasta el momento desarrollado; preservando una sabiduría nativa de valoración de la relación hombre-naturaleza y entre los seres humanos. De un paradigma reductor, pautado por la dominación y explotación, necesitamos pasar a un paradigma capaz de reconectar los conocimientos, valorar otras formas de relacionarse con la naturaleza y con otros seres humanos, y presentar un nuevo ethos y sentido. Como lo menciona Leonardo Boff, «dicho cambio debe ser dialéctico, es decir, asumir todo lo que es asimilable y benéfico del paradigma de la modernidad e insertarlo dentro de otro diferente, más globalizante y benéfico». La ética, así comprendida, es el descubrimiento del mundo como un valor y no como la concepción utilitarista en que el mundo sólo posea valor en su funcionalidad al servicio de los intereses de pequeños grupos y como objeto de posesión.*

*Una iniciativa contra-hegemónica es el Foro Social Mundial (FSM), evento «altermundialista» organizado por movimientos sociales de varios continentes, pero con el centro organizacional ubicado en Brasil. Tiene como objetivo la elaboración de alternativas para una transformación social global. El slogan «Otro mundo es posible», representa su significado para un nuevo orden social. El Foro se realizó varias veces (en los años 2001, 2002, 2003 y 2005) en Brasil, en la ciudad de Porto Alegre, capital del Estado de Rio Grande do Sul; en 2004 en India; de forma descentralizada en el año 2006; y en Nairobi, Kenia, en 2007. La novena edición del Foro tuvo lugar nuevamente en Brasil, ciudad de Belém, capital del estado de Pará.*

*Otra iniciativa organizada en Brasil se refiere a la Economía Solidaria como una forma de producción, consumo y distribución de riqueza (economía) centrada en la valoración del ser humano y no del capital. Tiene base asociativa y cooperativista y está volcada a la producción, consumo y comercialización de bienes y servicios de modo autogestionado, teniendo como fin reproducir ampliamente la vida. Preconiza el entendimiento del trabajo como un medio de liberación humana dentro de un proceso de democratización económica, creando una alternativa a la dimensión alienante y asalariada de las relaciones del trabajo capitalista.*

*Además, la Economía Solidaria posee una finalidad multidimensional, es decir, involucra la dimensión social, económica, política, ecológica y cultural. Esto porque además de la visión económica de generación de trabajo y riqueza, las experiencias de Economía Solidaria se proyectan en el espacio público en el que están insertadas, teniendo como perspectiva la construcción de un ambiente socialmente justo y sostenible. De esta manera, la Economía Solidaria reafirma la emergencia de actores sociales, es decir, la emancipación de trabajadoras y trabajadores como sujetos históricos.*

*En ese escenario de cambios culturales y elaboración de un pensamiento del Sur como desarrollo de posibilidades de nuevo proyecto civilizatorio, vale la pena conocer las concepciones de la «Trimembración del organismo social», presentada por el filósofo austriaco Rudolf Steiner en el inicio del siglo XX. La*

*trimembración no es una idea interna de ninguna corriente o grupo, sino que pertenece a toda la humanidad.*

*Como bien se sabe que los cuerpos vivos tienen actividad nerviosa, digestiva, circulatoria etc., cada una de ellas con su propio funcionamiento, pero interdependientes y partes del mismo cuerpo, de la misma forma todas las actividades y hechos de la sociedad humana están distribuidos en tres grandes áreas: vida económica, vida cultural y vida normativa. La vida económica es todo lo que produce bienes, recursos, riquezas para el uso de toda la sociedad. La vida cultural no es solamente arte, sino todo lo que tiene que ver con el conocimiento, ideas, valores y capacidades humanas, en las más diferentes áreas, como investigación, educación, creación y otras formas de cultivo. La vida normativa son las instancias en que los distintos actores de la vida social deciden las reglas del juego, hacen acuerdos y cuidan que los mismos se ejecuten efectivamente. Los espacios de discusión y representación, órganos de administración, agencias reguladoras, instancias jurídicas etc., cada una de esas esferas de actividad tiene, por su misma naturaleza, un atributo o ley de funcionamiento: vida cultural = libertad; vida normativa = igualdad; vida económica = fraternidad.*

*La ley saludable en una esfera se vuelve nociva en la otra. La vida cultural es responsable de la creatividad de la sociedad por medio de la libre creatividad de los individuos. En este campo, igualdad significaría totalitarismo, masificación, estagnación. En la vida normativa, es decir, en la decisión y ejecución de los acuerdos sociales, cada ser humano tiene valor igual al de cualquier otro y el individuo no tiene libertad para imponer nada. La vida económica es responsable de suplir a los seres humanos de lo que necesitan y la libertad de hacer lo que uno bien quiera, sin considerar las necesidades sociales (como lo plantea el neoliberalismo) produce concentración y exclusión.*

# Pensamento do Sul e humanismo latino-americano na trama do universal

Soriano, Luz Inmaculada Madera\*

\* Nascida em Santo Domingo, República Dominicana. Licenciada em Educação (Ciências Sociais — Orientação Escolar), doutora em Ciências Pedagógicas (Cuba) e doutoranda em Engenharia Informática — Sociedade da Informação e do Conhecimento (Espanha). Pós-Graduações em Psicologia Clínica, Gestão, Integração Regional, Relações Internacionais e Cooperação. Áreas de pesquisa: Internacionalização — cooperação universitária e uso de mídias sociais na formação. Atual vice-reitora de Assuntos Docentes, Estudantis e Internacionais na Universidade APEC. Membro fundador do grupo Complejidad RD.

A sabedoria cura a separação.

E. TOLLE

Existe um Sul, a propósito de um Norte. Metáfora geográfica que vela e hierarquiza as condições e relações humanas que formaram, durante o passar dos séculos, uma sociedade global e assimétrica. Coloca em evidência, da mesma forma, a escurecedora vigência do “pensamento único”,<sup>1</sup> cujo esquema ideológico se escorre no discurso e na práxis de seguidores e detratores (MELLA, 2007). Mas, sobre tudo, contém a emergência de um pensamento emancipador que, impulsionado desde o denominado Sul, conquista uma dimensão universal.

Edgar Morin propõe a construção coletiva deste pensamento, por meio de um esforço que convoque e sistematize, a partir de um olhar complexo, saberes e fazeres de todos os seus, em todos os tempos, a favor da humanidade. Esse propósito redimensiona a reflexão humanista, como herança fundamental na conformação de um pensamento do Sul transformador. O humanismo, como elemento axiológico, corrente filosófica e prática cotidiana, tem transitado no pensamento latino-americano através de sua história. A América Latina se cristaliza no seio de uma tradição humanista particular e liberadora. Isso faz com que seja valorizada a significação do humanismo latino-americano no contexto de um pensamento do Sul para um mundo inclusivo.

<sup>1</sup> Termo atribuído a Ramonet (1995). Seu uso foi adotado a fins do século XX, designando a tendência a expressar e impor ideias com sentido hegemônico ou dominante. A expressão está associada, principalmente, à supremacia do pensamento “neoliberal” na dinâmica econômica, política, social e ambiental do planeta, patrocinada pelos países desenvolvidos.



## Pensamento do Sul e humanismo latino-americano

Invocar um pensamento do Sul complexo, capaz de propor alternativas de convivência para uma humanidade fraturada, constitui um desafio reivindicativo e de esperança. Por um lado, supõe “aprender que existe um Sul, aprender a ir em direção deste Sul, aprender a partir do Sul e com o Sul” (SOUSA, 2009, p. 287, tradução nossa), propiciando uma interação dialógica entre coletivos culturais e culturas, a fim de equilibrar o inoperante esquema global. Por sua vez, implica superar a disjuntiva Norte-Sul, religar os componentes planetários naturais e sociais que foram violenta e artificialmente dispersos e regenerar o atual pensamento da humanidade (MORIN, 2011).

Ultrapassando os limites dos pontos cardinais, Edgar Morin denuncia um mundo em crise ante o fracasso do progresso como resultado inexorável da modernidade, as consequências de uma homogeneização imposta, a radicalização das singularidades, a desvalorização da condição humana, a ampliação da miséria, a destruição ambiental. Neste cenário, proclama a urgente necessidade de consolidar um pensamento do Sul emergente, que articule um saber diverso e integrador capaz de reproblematicar o mundo no qual vivemos e reativar, a uma escala planetária, a marca humanista presente na identidade e na cultura do Sul americano.

Século após século, a orientação do pensamento latino-americano foi substancial a um humanismo que renasce na proposta de um pensamento do Sul.<sup>2</sup> As reocupações pelo homem, sua natureza, essência e condição o diferenciam desde seus albores (GRADARRAMA, 2003). Em sua sabedoria primitiva, a cosmovisão ameríndia outorgou um lugar privilegiado ao ser humano e sua harmonia com a natureza. A redução do homem autóctone e seus valores sob a lógica da conquista (SOUSA, 2006), situam a disputa sobre sua condição humana ao centro da problemática humanista que emerge no pensamento escolástico do continente.

A chegada da Modernidade favoreceu as ideias de reivindicação do aborígene e dignificação do homem latino-americano — F.J. Clavijero (México) — precursoras do pensamento político emancipatório na América Latina. A crítica ao dogmatismo impulsionada pela ilustração crioula — Félix Valera (Cuba) — contribuiu para transcender o pensamento escolástico e valorizar a capacidade humana. Este espírito humanista e liberador constituiu a plataforma educativa das personalidades ilustres da independência latino-americana, influenciado por intelectuais como Simón Rodríguez (Venezuela) e Andrés Bello (Chile). A semente plantada por eles deu frutos no pensamento humanista bolivariano, a gesta libertária no continente e nos processos emergentes, autóctones e integradores que hoje reconfiguram o panorama latino-americano (GRADARRAMA, 2003).

Na antiga Espanha, insular e bicéfala, a urgência emancipadora de escravos insurgentes dá à luz o primeiro país livre da América: o Haiti. Em Santo Domingo, a visão política e humanista de Juan Pablo Duarte impulsiona a independência e propõe um falido projeto de nação dominicana sustentada na fé, na liberdade, no patriotismo e na justiça (ALFAU, 1976).

Na conformação histórica do humanismo latino-americano, antessala de um pensamento do Sul, confluíram as mais variadas ideologias. Durante a segunda metade do século XIX e começo do século XX, o positivismo latino-

<sup>2</sup> Como humanismo se conhece a corrente de pensamento, ética e práxis humana que, com o passar dos séculos, afirmou a centralidade, o valor e a dignidade do ser humano, cujo interesse primordial o constitui a vida, a posição do ser humano no mundo, sua relação consigo mesmo e com os outros seres sociais e naturais. Este olhar inclui e transcende a identificação do conceito humanismo com épocas e movimentos filosóficos determinados através da história.

-americano, sua maior influência, promoveu a transição de uma moral teológica a uma moral cívica, o sentido de solidariedade, a soberania latino-americana e o papel da educação na evolução dos povos — José Ingenieros (Argentina), E. J. Varona (Cuba), J. Sierra (México), J. E. Rodó (Uruguai), Eugenio M. de Hostos (Porto Rico). Neste contexto, o humanismo remonta no pensamento otimista e libertador de José Martí (Cuba) e correntes como o espiritualismo — Domingo F. Sarmiento (Argentina) — o socialismo e o marxismo — José Carlos Mariátegui (Peru) — se inseriram na tradição humanista, evoluíram suas bases éticas e denunciaram o caráter desumano da sociedade (GUADARRAMA, 2003; 2004). Durante o século XX, os antipositivistas latino-americanos<sup>3</sup> — A. Khon (Argentina), A. Caso e J. Vasconcelos (México), P. Henriquez Ureña (R. Dominicana) — desde diferentes óticas, reivindicaram a urgência de um novo humanismo e a emergência de um sentimento de unidade americanista. Nas últimas décadas, o pensamento reivindicativo do homem americano se amplia e aprofunda desde diferentes formas e espaços: Filosofia da Libertação de E. Dussel (Argentina); Pedagogia do Oprimido de P. Freire (Brasil), Teoria da Dependência de Theotonio dos Santos (Brasil), filosofia latino-americana de L. Zea (México), entre outras, que revelam a intenção comum de alcançar a autenticidade latino-americana que proponha um pensamento do Sul.

## Na trama do universal

Transitar sobre as pegadas do humanismo na América Latina revela que neste Sul, plural e diverso, se pensou, sentiu e agiu desde sempre por meio de diversos olhares que reivindicam “valor e da dignidade de todo ser humano, qualquer que seja ele, venha de onde vier”. (MORIN, 2011, p.3). Ao mesmo tempo, a realidade continental evidencia a densa, sustentada e prevalente presença de ideias, sistemas, práticas e valores — autóctones e estrangeiros — contraditórios a esta ética da vida que retorna cheia de esperança num pensamento do Sul.

<sup>3</sup> Na América Latina, o positivismo apresenta características diferenciadoras *suis generise* assume uma perspectiva otimista, desalienadora, que confia na ciência, no progresso e no desenvolvimento industrial, sobretudo no ser humano e em sua capacidade criativa. De forma diversa ao positivismo europeu, entre suas vozes dissonantes ressurgiu a preocupação humanista vigente no pensamento latino-americano precedente, potencializando-a.

Edgar Morin propõe conhecer a partir do Sul para mudar o mundo. Um “Sul” simbólico, diverso, vital, religado ao concerto de condições humanas no contexto planetário. Convida a reinventar “improváveis, é verdade, mas possíveis, que permitirão caminhar na direção da metamorfose, missão grandiosa e universal do pensamento do Sul”. Convida-nos a recuperar um humanismo sem fronteiras nem tempo e construir juntos um saber integrador que cure a separação.

## REFERÊNCIAS

- ALFAU, V. *Ideário de Duarte*. Santo Domingo: Dirección General de Cultura de la Secretaría de Estado de Educación, Bellas Artes y Cultos, 1976.
- FRANCOVICH, G. *Humanismo latino-americano*. [S.l.]: Biblioteca Virtual Universal, 2003. Disponível em: <<http://www.biblioteca.org.ar/libros/1255.pdf>>. Acesso em: jan. 2011.
- GUADARRAMA, P. *Jose Martí y el humanismo en América Latina*. Bogotá: Convenio Andres Bello, 2003. (Colección Confluencias).
- GUADARRAMA, P. Positivismo y antipositivismo en América Latina. *Ciencias Sociales*, La Habana, 2004.
- MELLA, P. *Las relaciones norte-sur*. Barcelona: Cátedra de Ética y Pensamiento Cristiano, Instituto Químico de Sarrià, Santo Domingo, 2007. Conferência não publicada, versão digital.
- MORIN, E. *Para um pensamento do sul*. 2011. Mimeografado.
- RAMONET, I. La pensée unique. *Le Monde Diplomatique*, Paris, p. 1, jan. 1995. Disponível em: <<http://www.monde-diplomatique.fr/1995/01/RAMONET/1144>>. Acesso em: jan. 2011.
- SOUSA, B. *Conocer desde el sur: para una cultura política emancipatoria*. Lima: Fondo Editorial, 2006.
- SOUSA, B. *Una epistemología del sur: la reivindicación del conocimiento y la emancipación social: CLACSO y siglo XXI*. México: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2009.

# Pensamiento del Sur y humanismo latinoamericano en la trama de lo universal

Soriano, Luz Inmaculada Madera\*

\* Nacida en Santo Domingo, República Dominicana. Licenciada en Educación (Ciencias Sociales-Orientación Escolar), doctora en Ciencias Pedagógicas (Cuba) y doctoranda en Ingeniería Informática-Sociedad de la Información y el Conocimiento (España). Posgrados en psicología clínica, gestión, integración regional, relaciones internacionales y cooperación. Áreas de investigación: Internacionalización-cooperación universitaria y uso de social medias en la formación. Actual vicerrectora de Asuntos Docentes, Estudiantiles e Internacionales en la Universidad APEC. Miembro fundador del grupo Complejidad RD.

*La sabiduría cura la separación.*

E. TOLLE

*Existe un Sur, a propósito de un Norte. Metáfora geográfica que devela y jerarquiza las condiciones y relaciones humanas que han configurado, siglo a siglo, una sociedad global y asimétrica. Evidencia, además, la obnubilante vigencia del «pensamiento único»,<sup>1</sup> cuyo esquema ideológico se escurre en el discurso y la praxis de seguidores y detractores (MELLA, 2007). Pero sobre todo, contiene la emergencia de un pensamiento emancipador que, impulsado desde el denominado Sur, alcance estatura universal.*

*Edgar Morin propone la construcción colectiva de ese pensamiento, mediante un esfuerzo que convoque y sistematice desde una mirada compleja, saberes y haceres de todos los sures, en todos los tiempos, a favor de la humanidad. Este propósito redimensiona la reflexión humanista, como herencia fundamental en la conformación de un pensamiento del Sur transformador. El humanismo, como elemento axiológico, corriente filosófica y práctica cotidiana, ha transitado en el pensamiento latinoamericano a través de su historia. América Latina cristaliza al seno de una*

<sup>1</sup> Término atribuido a Ramonet (1995). Su uso fue adoptado a fines del siglo XX, designando la tendencia a expresar e imponer ideas con sentido hegemónico o dominante. La expresión se asocia principalmente a la supremacía del pensamiento “neoliberal” en la dinámica económica, política, social y ambiental del planeta, auspiciada por los países desarrollados.

*tradición humanista particular y liberadora. Ello hace necesario valorar la significación del humanismo latinoamericano en el marco de un pensamiento del Sur para un mundo incluyente.*

## Pensamiento del Sur y humanismo latinoamericano

*Invocar un pensamiento del Sur complejo, que proponga alternativas de convivencia para una humanidad fracturada, constituye un desafío reivindicativo y esperanzador. Por un lado supone «aprender que existe el Sur, aprender a ir hacia el Sur, aprender a partir del Sur y con el Sur» (SOUSA, 2009, p. 287), propiciando una interacción dialógica entre colectivos y culturas, a fin de equilibrar el inoperante esquema global. A su vez, implica superar la disyuntiva Norte-Sur, reconectar los componentes planetarios naturales y sociales que han sido violentos y artificialmente dispersos y regenerar el actual pensamiento de la humanidad (MORIN, 2011).*

*Trascendiendo los puntos cardinales, Edgar Morin denuncia un mundo en crisis ante el fracaso del progreso como resultado inexorable de la modernidad, las consecuencias de una homogenización impuesta, la radicalización de las singularidades, la desvalorización de la condición humana, la ampliación de la miseria, la destrucción ambiental. En este escenario, proclama la urgente necesidad de consolidar un pensamiento*

*del Sur emergente, que articule un saber diverso e integrador, capaz de re-problematizar el mundo en que vivimos y reactivar, a escala planetaria, la impronta humanista presente en la identidad y la cultura del Sur americano.*

*Siglo a siglo, la orientación del pensamiento latinoamericano ha sido consustancial a un humanismo<sup>2</sup> que renace en la propuesta de un pensamiento del Sur. Las reocupaciones por el hombre, su naturaleza, esencia y condición lo diferencian desde sus albores (GUADARRAMA, 2003). En su sabiduría primigenia, la cosmovisión amerindia otorgó un lugar privilegiado al ser humano y su armonía con la naturaleza. La reducción del hombre autóctono y sus valores bajo la lógica de la conquista (SOUSA, 2006), sitúan la disputa sobre su condición humana al centro de la problemática humanista que emerge en el pensamiento escolástico del continente.*

*El arribo de la Modernidad favoreció las ideas de reivindicación de lo aborígen y dignificación del hombre latinoamericano — F. J. Clavijero (México) —, precursoras del pensamiento político emancipatorio en Latinoamérica. La crítica al dogmatismo impulsada por la ilustración criolla — Félix Valera (Cuba) —, contribuyó a trascender el pensamiento escolástico y valorar la capacidad humana. Este espíritu humanista y liberador constituyó la plataforma educativa de los próceres de la independencia latinoamericana, bajo la influencia de intelectuales como Simón Rodríguez (Venezuela) y Andrés Bello (Chile). Su semilla dio frutos en el pensamiento humanista bolivariano, la gesta libertaria en el continente y en los procesos emergentes, autóctonos e integradores que hoy reconfiguran el panorama latinoamericano (GUADARRAMA, 2003).*

*En la antigua España, insular y bicéfala, la urgencia emancipadora de esclavos insurgentes da a la luz el primer país libre de América: Haití. En Santo Domingo, la visión política y humanista de Juan Pablo Duarte impulsa la independencia y propone un fallido proyecto de nación dominicana sustentada en la fe, la libertad, el patriotismo y la justicia (ALFAU, 1976).*

*En la conformación histórica del humanismo latinoamericano, antesala de un pensamiento del Sur, han confluído las más variadas ideologías. Durante la segunda mitad del siglo XIX e inicios del XX, el positivismo latinoamericano nota, su mayor influencia, promovió la transición de una moral teológica a una moral cívica, el sentido de solidaridad, la soberanía latinoamericana y el rol de la educación en la evolución de los pueblos — José Ingenieros (Argentina), E. J. varona (Cuba), J. Sierra (México), J. E. Rodó (Uruguay), Eugenio M. de Hostos (Puerto Rico). En ese marco, el humanismo remonta en el pensamiento optimista y libertador de José Martí (Cuba) y corrientes como el espiritualismo — Domingo. F. Sarmiento (Argentina) —, el socialismo y el marxismo — José Carlos Mariátegui (Perú) —, se insertaron en la tradición humanista, evolucionaron sus bases éticas y denunciaron el carácter inhumano de la sociedad (GUADARRAMA, 2003; 2004). Durante el siglo XX, los antipositivistas latinoamericanos<sup>3</sup> — A. Khon (Argentina), A. Caso y J. vasconcelos (México), P. Henríquez Ureña (R. Dominicana) —, desde distintas ópticas reivindican la urgencia de un nuevo humanismo y la emergencia de un sentimiento de unidad americanista. En las últimas décadas, el pensamiento reivindicativo del hombre americano se amplía y profundiza desde distintas formas y espacios:*

<sup>2</sup> Como humanismo se conoce a la corriente de pensamiento, ética y praxis humana que, a lo largo de siglos, ha afirmado la centralidad, el valor y la dignidad del ser humano, cuyo interés primordial lo constituye la vida, la posición del ser humano en el mundo, su relación consigo mismo y con los demás seres sociales y naturales. Esta mirada incluye y trasciende la identificación del concepto humanismo con épocas y movimientos filosóficos determinados a través de la historia.

<sup>3</sup> En América Latina, el positivismo presenta rasgos diferenciadores *suis generis* y asume una perspectiva optimista, desalienadora, que confía en la ciencia, el progreso y el desarrollo industrial, pero sobre todo en el ser humano y su capacidad creativa. A diferencia del positivismo europeo, entre sus disonantes voces resurge la preocupación humanista vigente en el pensamiento latinoamericano precedente y la potencia.

*Filosofía de la liberación de E. Dussel (Argentina); Pedagogía Del Oprimido de P. Freire (Brasil), Teoría de la dependencia de Theotonio dos Santos (Brasil), filosofía latinoamericana de L. Zea (México), entre otras; revelando la intención común de alcanzar la autenticidad latino americana que propugna un pensamiento del Sur.*

## En la trama de lo universal

*Recorrer la huella del humanismo en América Latina revela que en este Sur, plural y diverso se ha pensado, sentido y obrado desde siempre a través de miradas diversas que reivindican «el valor y de la dignidad de todo ser humano, quienquiera que sea, venga de donde venga» (MORIN, 2011, p.3). Al mismo tiempo, la realidad continental evidencia la densa, sostenida y prevaleciente presencia de ideas, sistemas, prácticas y valores — autóctonos como foráneos —, contradictorios a esta ética de la vida que retorna esperanzadora en un pensamiento del Sur.*

*Edgar Morin propone conocer desde el Sur para cambiar al mundo. Un «Sur» simbólico, diverso, vital, reconectado al concierto de condiciones humanas en el contexto planetario. Invita a reinventar «camino improbable pero posible, que permitirán caminar hacia la dirección de la metamorfosis, misión grandiosa y universal del pensamiento del Sur». Nos llama a recuperar un humanismo sin fronteras ni tiempo y construir juntos un saber integrador que cure la separación.*

# Em direção a um pensamento — complexo e crítico — do Sul

Sotolongo, Pedro Luis Codina\*

\* Ph.D. em Filosofia; Mestre em Física. Presidente Fundador da Cátedra de Complexidade de La Habana. Organizador dos Seminários Bienais Internacionais de Complexidade (2002, 20004, 2006 e 2008), assim como as Oficinas Cubanas de Complexidade (2003, 2005 e 2007). Membro da Comunidade do Pensamento Complexo (Argentina); do Comitê Acadêmico Internacional do Instituto de Pensamento Complexo Edgar Morin (IPCEM). Editor temático da revista *Internacional Emergence, Complexity & Organization* (E:CO) dos EUA e do Reino Unido. Autor de livros e artigos em vários países. Membro da Associação Nacional de Escritores de Cuba (Uneac). Formou estudiosos da Complexidade em países do Caribe, América Central e América do Sul. Recebeu o prêmio C. J. Finlay, maior reconhecimento aos cientistas cubanos pelo conjunto de obras.

Em agosto de 2009, em Lima, no contexto da inauguração do Instituto Peruano para o Pensamento Complexo que leva seu nome, pudemos escutar Edgar Morin expressar a necessidade e a importância de “um pensamento do Sul”, argumentando que não se trata de recusar qualquer ideia ou realidade proveniente de um Norte geográfico, mas transcender a hegemonia exercida por características de um modo de viver e pensar, desde a modernidade, sobre nossa maneira de conhecer, valorizar, sentir, agir e viver, em condições diferentes a esse Norte. Como ele mesmo nos escreve em outro recente documento, trata-se de colocar em jogo um pensamento complexo do Sul, e nos insta a que seja também um pensamento conscientemente crítico.

Para sermos fiéis a este chamado, não podemos esquecer o que alguém já mencionou: pensar complexo é considerar “tudo o que deve ser levado em consideração”; e que um pensar crítico é “pensar para não deixar que as coisas continuem iguais”, mas “para propiciar sua mudança”, ou seja, um pensar para a ação, para atuar. Sendo assim, um pensar complexo crítico é aquele que sabe considerar “tudo o que deve ser levado em consideração para propiciar a mudança das coisas”. Temos — e devemos — considerar, então, em primeiro lugar, em que consiste essa aludida hegemonia que provém do “Norte”, já que é o que devemos transformar. E essa hegemonia não “caiu do céu” como o maná bíblico, mas emergiu — retroalimentando-o e propiciando-o até o dia de hoje — de todo um padrão de poder que foi se erguendo a partir da modernidade, concomitantemente a uma maneira de produzir e intercambiar bens possuidora de uma impressionante capacidade de gerar riquezas materiais e culturais, que possibilitam o bem-estar

(para comprovar, basta comparar o estilo de vida do século XVII — ou do século XIX — com o estilo atual de vida); mas ao mesmo tempo, que possui uma igualmente impressionante incapacidade para distribuir e consumir de modo justo e ético essa riqueza material e cultural que produz (para comprovar, basta constatar que hoje existem aproximadamente trinta países com significativo desenvolvimento e mais de cento e cinquenta países em escasso desenvolvimento).

Essa hegemonia de grande importância expõe, por outro lado, a dificuldade de apreender nossas realidades “do Sul” (a partir dessa modernidade), sem sua imbricação com as realidades “do Norte”. Não para justificá-las, mas para, compreender melhor — a partir deste pensamento complexo — seu emergir, seu decolar, e como chegaram a exercer seu domínio sobre nós em suas diversas modalidades: a concentração “no poder e em outros desenvolvimentos materiais”, a valorização excessiva da “técnica da economia, do cálculo, da racionalização (tergiversadora da racionalidade), da rentabilidade, da eficácia” (no e para o mercado), tudo o que é previsto por Morin como aspectos a serem considerados e ampliados por esse pensamento complexo e crítico do Sul para assim poder “propiciar sua mudança” a esse “mundo melhor que é possível”. Esse pensar nos ajudará a compreender melhor que a história da colonialidade sul-americana e caribenha e a da modernidade eurocêntrica, não são processos independentes. Que um não aconteceu primeiro que o outro, como consequência, mas que ambos constituíram lados de uma mesma dinâmica complexa que marcou o começo de um sistema-mundo que desde seu eurocentrismo determinou qual seria nosso horizonte de sentido (da maneira como pensávamos, de como e o que conhecíamos, de como e o que valorizávamos e/ou sentíamos e de como e para que agíamos).

Tudo isso por meio do padrão de poder e sistema-mundo que nos conduziram à globalização não apenas das comunicações, das transações comerciais e operações financeiras, da informação e do conhecimento (sem esquecer que milhões de seres humanos ainda não sabem ler e escrever), mas que também “globalizaram a crise”: a ambiental, a energética, a alimentar, a financeira-econômica, a dos valores, a da política, a da distribuição da riqueza (enquanto a brecha entre os mais ricos e os mais pobres aumenta), a da convivência humana (consumo e tráfico de drogas, criminalidade organizada,

precariedade e marginalidade econômica, tráfico de pessoas, migrações massivas). O que nos faz ver que vivemos não numa “época de mudanças”, mas numa mudança de época, urgidos de uma verdadeira regeneração civilizatória, componente da qual podem — e deveriam ser — as artes de viver “do Sul” como o “viver bem” boliviano ou o “bem viver” peruano ou equatoriano, assim como o “nada é meu, tudo é de todos” centro-americano, como ilustrações de nossa especificidade multiétnica e multicultural rica e diversa, tantas vezes omitida. As mesmas estão reivindicando-se por um “movimento dos movimentos” sociais (desde as bases da sociedade), o qual reivindica as produções locais autoabastecedoras, tudo como uma dialógica entre globalização e localização, que “resgata” o social “sequestrado” pelo político (e subordinados ambos a lógica da economia do mercado global). Por isso mesmo, somos obrigados a constatar — sem importar se gostamos disso mais ou menos, conforme for o caso — e considerar (sem endeusar nem satanizar) as realidades em nossa região que evidenciam que estamos vivendo no Sul americano uma autêntica época transicional, com processos emergentes — de curta, média e longa duração — ou, se preferir, mudanças e transformações superficiais, outras de maior profundidade e algumas de grande profundidade e densidade histórica (com dinâmicas diferenciais inerentes que precisam de mais estudo) — que estão propiciando e conduzindo-nos de forma não presumível, mas previsível, em direção de uma nova situação de bifurcação (mudança qualitativa) de um processo mais global de alcance planetário da já aludida regeneração civilizatória na que nossa região sulista, em particular a do sul-americano andino, poderia desempenhar — e já está começando a desempenhar — um papel de vanguarda de época. São essas mudanças nos plásticos de nossa história (os que se enlaçam com as circunstâncias e as mudanças de longa duração) as que deixam uma marca indelével nas socialidades, fruto dos chamados “acontecimentos de ruptura”. E são precisamente entre estes últimos os que resultem nas bifurcações (na linguagem as Ciências da Complexidade) de escala mundial, os que poderiam propiciar essa mutação civilizatória cada vez mais urgente e necessária.

Contudo, o resplendor de outros acontecimentos também contemporâneos os faz propensos à supervalorização imediata, sem a suficiente

perspectiva histórica profunda, não os redimensionando adequadamente. Isto concerne a não nos deslumbrarmos — e/ou que não nos deixemos deslumbrar — com uma visão “do Norte” da atual globalização e muito menos com sua orientação neoliberal, como se plasmasse algo totalmente novo e marcasse o florescer de tal padrão de poder, como se o mesmo fosse cada vez mais sólido, maduro e insubstituível. Propõe-se a nós do Sul, entretanto, a necessidade de apreender essa globalização “contrariamente” à história que nos contam sobre ela. O que conduz a argumentar que a presente globalização é uma culminação, sim, mas de um processo de “mundialização” que se iniciou no final do século XV, com o início da conquista e colonização de nosso subconsciente latino-americano e caribenho; culminação que marca não o auge e o florescimento desse padrão de poder, mas o começo do fim do período histórico de seu predomínio, como certifica a já mencionada multicrise global crescente pela qual a cada dia mais padecemos. Desde a profunda convicção de que a convergência do pensar complexo e do pensar crítico é imprescindível para a compreensão dos processos que estão ocorrendo em nosso Sul e, portanto, nem o pensamento complexo nem o crítico são espontâneos, mas fruto de certa disciplina e exercício do pensar, da mesma forma expressamos a convicção de que tanto mais consciente deverá ser sua articulação num pensamento — complexo e crítico — do Sul. Este é o pensamento do Sul do qual precisamos.



# Hacia un pensamiento — complejo y crítico — del Sur

289

Sotolongo, Pedro Luis Codina\*

\* Ph.D. en Filosofía; Ms.C. en Física. Presidente Fundador de la Cátedra de Complejidad de La Habana. Organizador de Seminarios Bienales Internacionales Complejidad (2002, 2004, 2006 y 2008), así como de Talleres Cubanos de Complejidad (2003, 2005 y 2007). Miembro de la Comunidad de Pensamiento Complejo (Argentina); del Comité Académico Internacional del Instituto de Pensamiento Complejo Edgar Morin (IPCEM). Editor temático de la revista *Internacional Emergence, Complexity & Organization* (E:CO) de EEUU y Reino Unido. Autor de libros y artículos en varios países. Miembro de la Asociación Nacional de Escritores de Cuba (Uneac). Ha formado a estudiosos de la Complejidad en países del Caribe, Centro y Sur América. Orden C. J. Finlay, la mayor otorgada a científicos cubanos por la obra de la vida.

*En agosto del 2009, en Lima, al inaugurarse el Instituto Peruano de pensamiento Complejo que lleva su nombre, los allí presentes escuchamos a Edgar Morin expresar la necesidad e importancia de «un pensamiento del Sur»; argumentándonos que no se trata de rechazar cualquier idea o realidad proveniente de un Norte geográfico, sino de trascender el hegemonismo ejercido por características de un modo de vivir y pensar, desde la modernidad, sobre nuestra manera de conocer, de valorar, de sentir, de actuar y de vivir, en condiciones distintas a ese Norte. Como él mismo nos escribe en otro reciente documento, se trata de poner en juego un pensamiento complejo del Sur, y nos insta a que sea, asimismo, un pensamiento conscientemente crítico.*

*Para ser fieles a ese llamado, es preciso no olvidar lo que alguien dijera: pensar complejo es tener en cuenta todo lo que debe ser tenido en cuenta; y que un pensar crítico es pensar para no dejar que las cosas sigan igual, sino para propiciar que las cosas cambien; o sea, un pensar para la acción, para actuar. Entonces un pensar complejo crítico es aquel que sabe tener en cuenta todo lo que debe ser tenido en cuenta para propiciar que las cosas cambien. Y entonces lo primero que tenemos — y debemos — tener-en-cuenta es en qué consiste ese aludido hegemonismo proveniente del «Norte», ya que es lo que debemos propiciar que cambie. Y ese hegemonismo no «ha caído del cielo», como el maná bíblico, sino que ha emergido — retroalimentándolo y propiciándolo hasta hoy día — de todo un patrón de poder que se fue erigiendo a partir de la modernidad, concomitantemente con una manera de producir e intercambiar bienes poseedora de una impresionante capacidad para generar riquezas materiales y culturales, posibilitantes de bienestar (para comprobarlo basta con comparar cómo se vivía en el siglo XVII — o aún en el XIX — y cómo se puede ya vivir ahora); pero al mismo tiempo, poseedora de una igualmente impresionante incapacidad para distribuir y consumir de modo justo y ético esa riqueza material y cultural que produce (para comprobarlo basta con constatar hoy la treintena de países con significativo desarrollo y los más de ciento cincuenta países con escaso desarrollo).*

*Semejante hegemonía a trascender plantea por otra parte, la dificultad de aprehender nuestras realidades «sureñas» (a partir de esa modernidad), sin su imbricación con las realidades «norteñas». No para justificarlas, sino para,*

*desde tal pensamiento complejo y crítico del Sur, comprender mejor su emerger, su desplegarse y cómo llegaron a ejercer su dominio sobre nosotros en sus diversas modalidades: la concentración «en el poder y en los desarrollos materiales», la valoración excesiva de «la técnica, de la economía, del cálculo, de la racionalización (tergiversadora de la racionalidad), de la rentabilidad, de la eficacia» (en y para el mercado), todo lo cual nos previene Morin como aspectos a ser trascendidos por ese pensamiento complejo y crítico del Sur para así poder propiciar-que-cambien hacia ese «mundo mejor que es posible». Tal pensar nos ayudará a comprender mejor que la historia de la colonialidad suramericana y caribeña y la de la modernidad eurocentrada, no son procesos independientes; que uno no ocurrió primero y el otro después, como su consecuencia, sino que ambos constituyeron caras de una misma dinámica compleja que marcó el comienzo de un sistema-mundo que desde su eurocentrismo «tejió los hilos» de nuestro horizonte de sentido (de la manera cómo pensábamos, de cómo — y qué — conocíamos, de cómo — y qué — valorábamos y/o sentíamos y de cómo — y para qué — actuábamos); todo ello a través de ese patrón de poder que ya necesitamos propiciar-que-cambie.*

*Patrón de poder y sistema-mundo que nos han conducido a la globalización no sólo de las comunicaciones, de las transacciones comerciales y las operaciones financieras, de la información y el conocimiento (sin olvidar que millones y millones de seres humanos aún no saben ni leer ni escribir); sino que también nos han «globalizado las crisis»: la ambiental, la energética, la alimentaria, la financiera-económica, la de los valores, la de la política, la de la distribución de la riqueza (mientras la brecha entre los más ricos y los más pobres se incrementa), la de la convivencia humana (consumo y tráfico de drogas; criminalidad organizada; precariedad y marginalidad económica; tráfico de personas, migraciones masivas). Lo cual nos hace ver que vivimos no en una «época de cambios», sino en un cambio de época, urgidos de una verdadera regeneración civilizatoria, componente de la cual pueden — y deberían ser — artes de vivir «sureños» como «el vivir bien» boliviano, o «el bien vivir» peruano o ecuatoriano; así como el «Mío nada, todo-de-todos» centroamericano, como ilustraciones de nuestra especificidad multiétnica y multicultural rica y diversa, tantas veces omitida. Las que están reivindicándose por un «movimiento de los movimientos» sociales (desde las bases de la sociedad), que reivindica asimismo las producciones locales auto-abastecedoras, todo como una dialógica entre globalización y localización, que «rescata» a lo social «secuestrado» por lo político (y subordinados ambos a la lógica de la economía del mercado global). Por lo mismo, estamos obligados a constatar — nos gusten más o nos gusten menos (según sea el caso) — y a tener muy en cuenta (sin endiosarlas, ni satanizarlas), las realidades en nuestra región que evidencian que estamos viviendo en el Sur americano una auténtica época transicional, con procesos emergentes — de corta, media y larga duración — o si se prefiere, de cambios y transformaciones superficiales, otros de más profundidad y algunos de gran profundidad y densidad histórica (con dinámicas diferenciales inherentes, necesitadas de más estudio) — que están propiciando y conduciéndonos de manera no predecible, pero si previsible, hacia una nueva situación de bifurcación (de cambio cualitativo) de un proceso más global de alcance planetario de la ya aludida regeneración civilizatoria en la que nuestra región sureña, en particular la del hondón suramericano andino podría desempeñar — y está ya comenzando a desempeñar — un papel de vanguardia de época. Son esos cambios en el plasto profundo de nuestra historia (los que se enlazan con las circunstancias y los cambios de larga duración), los que dejan una marca indeleble en las socialidades, fruto de los llamados «acontecimientos ruptura». Y son precisamente entre éstos últimos los que resulten en las bifurcaciones (en el lenguaje de las Ciencias de la Complejidad) de escala mundial, los que podrían propiciar esa mutación civilizatoria cada vez más urgente y necesaria.*

*No obstante, el resplandor de otros acontecimientos también contemporáneos los hace proclives a ser sobrevalorados en su inmediatez, sin la suficiente perspectiva histórica profunda, no re-dimensionándolos adecuadamente. Ello concierne a no deslumbrarnos — y/o a que no nos deslumbren — con una visión «norteña» de la actual globalización — menos con su orientación neoliberal — como si plasmara algo totalmente nuevo y marcará la culminación floreciente de ese aludido patrón de poder, como si éste fuera cada vez más sólido, maduro e insustituible. Se nos plantea, por el contrario, a los del Sur, la necesidad de aprehender esa globalización «a contrapelo» de la historia que de ella nos cuentan. Lo que conduce a argumentar que la presente globalización es una culminación, sí, pero de un proceso de «mundialización» comenzado a fines del siglo XV, con el inicio de la conquista y colonización de nuestro sub-continente latinoamericano y caribeño; culminación que marca no el auge y florecimiento de ese patrón de poder, sino el comienzo epocal del fin del periodo histórico de su predominio, como lo atestigua la ya mencionada multicrisis global creciente que cada vez más padecemos. Desde la profunda convicción de que la convergencia del pensar complejo y del pensar crítico resulta imprescindible para comprender los procesos que están ocurriendo en nuestro Sur, y en tanto ni el pensamiento complejo ni el pensamiento crítico son espontáneos, sino que son fruto de una cierta disciplina y ejercicio del pensar, asimismo expresamos la convicción de que tanto más consciente deberá ser su articulación en un pensamiento — complejo y crítico — del Sur. Es ese el pensamiento del Sur que necesitamos.*

# Contribuições para um pensamento do Sul

Souza, Maria Alice Lopes\*

\*Pós-graduada em Psicologia da Educação pelo Instituto de Estudos Avançados em Educação da Fundação Getúlio Vargas (Iesae). Pedagoga com habilitação em Magistério e Supervisão. Especialista em Educação Especial pelo Instituto de Educação do Estado do Rio de Janeiro. Atua na Gerência de Educação e Ação Social do Departamento Nacional do SESC, desde 2007, com experiência em supervisão e coordenação pedagógica em escolas, regência de turmas da Educação Infantil e do Curso de Formação de Professores, com ênfase no processo de alfabetização.

A releitura de um dos maiores escritores brasileiros e pensador das questões da vida e do cotidiano do Sul, Guimarães Rosa, serviu-me de inspiração durante o estudo do texto de Edgar Morin. Destaco aqui os trechos que mais me marcaram: “Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou” (ROSA, 2001, p. 39, 294). E: “A gente tem que sair do sertão! Mas só se sai do sertão é tomando conta dele e de dentro”.

Outro autor a quem também recorri foi Paulo Freire, que desenvolveu conceitos muito próximos aos utilizados por Morin, como, por exemplo: hominização, dialógica, esperança, racionalidade, problematização, fragmentação dos saberes, prática reflexiva, formação de professores.

Como temas centrais que podem inspirar o pensamento do Sul, Morin aponta para a conciliação do sentido da diversidade concreta da vida, das crenças; a problematização do mundo baseada no humanismo como valor e dignidade de todo ser humano; a propagação do humanismo na “era planetária em que toda humanidade vive uma comunidade de destino”; a problematização das nossas relações.

É preciso entender que a razão não é única, monolítica, simples; atentar para a “racionalidade aberta que reconhece os limites de sua capacidade de apreensão”; fazer a crítica à racionalização, como racionalidade degenerada, fundada numa lógica implacável e limitada; ampliar o entendimento sobre a existência de vários “suis” como “nortes” e “misturar as heranças culturais mediterrâneas com as heranças culturais africanas e sul-americanas”.

A problematização da mundialização deve reunir e conjugar todas as heranças culturais. Desde a colonização, a escravidão, ainda presente no Sul, desdobra-se sob a forma de globalização, com novos perigos para a humanidade, como a degradação da biosfera, as diversas crises planetárias, o consumo desenfreado e os novos conflitos étnico-religiosos.

Na insegurança sobre o futuro e na angústia do presente, o que resta é a volta às raízes. Vivemos a crise do desenvolvimento, ao mesmo tempo como crise da ocidentalização e crise da mundialização, trazendo a miséria, que implica dependência e humilhação. A crise da mundialização é, também, a crise da unificação tecnoeconômica do globo, do capitalismo e das telecomunicações, que permitem que todos os pontos do planeta estejam em conexão imediata — homogeneizante, como ameaça às originalidades e às singularidades culturais, étnicas, nacionais, decorrendo reações de retorno à nação, à etnia e, até mesmo, à religião. São dois grandes perigos para a humanidade: a unificação abstrata e homogeneizante, que destrói as diversidades e, ao mesmo tempo, o fechamento das singularidades em si mesmas, tornando-as abstratas, isolando-as do resto da humanidade.

O desafio é encontrar um caminho para sair do antagonismo entre a diversidade fechada em si mesma e a unidade abstrata. A hegemonia do norte produz “a cegueira do pensamento fundado essencialmente no cálculo”, cego para a existência, para os sentimentos, para a consciência, “cego para o lado humano da humanidade”. Trata-se do humanismo em sintonia com o que pensou Paulo Freire, como “compromisso radical com o homem concreto. Compromisso norteado pela transformação de qualquer situação objetiva na qual o homem concreto esteja impedido de ser mais” (FREIRE, 1979, p. 22).

Os conhecimentos separados, fragmentados, conforme os pensamentos dominantes do Norte, não permitem apreender a complexidade dos fenômenos globais e o caráter fundamental de nossos problemas vitais; tornando cada vez mais difícil a busca por saídas. E dificulta também a busca dos princípios éticos imprescindíveis às sociedades humanas na formação dos laços entre a unidade e a diversidade, uma vida solidária e amorosa, da qual nos fala Freire, ou ainda, como nos dizeres de Rosa: “um ainda não é um: quando ainda faz parte com todos” (ROSA, 2001, p. 201, 474, 429); “O mundo ali tinha de ser de se recomeçar”; “vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras maiores perguntas”.

Sobre as experiências inovadoras implementadas e/ou em curso que ilustram o pensamento e/ou as identidades do Sul, podemos pensar nos movimentos culturais da periferia como grande novidade do século XXI. Os novos movimentos culturais gerados em favelas e peri-

ferias das grandes cidades repercutem e ultrapassam os limites da exclusão, influenciando as culturas urbanas. Como um fenômeno mais amplo, não restrito aos locais onde é engendrado, ressoam e renovam a cultura urbana de forma impactante.

## Os movimentos ecológicos em busca de saídas planetárias

Alguns marcos surgem no Sul, como a Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento, a Rio-92, quando foram assinados importantes acordos ambientais globais da história da humanidade. Entre eles, as Convenções do Clima e da Biodiversidade, a Agenda 21, a Declaração do Rio para Meio Ambiente e Desenvolvimento e a Declaração de Princípios para Florestas.

Apesar dos muitos compromissos assumidos, nem todas as nações assinaram os acordos e não há o efetivo controle dos impactos ambientais que continuam a ameaçar a vida no planeta. E, além disso, permanecem em aberto questões como a diminuição da pobreza no mundo, a fome, as desigualdades sociais e econômicas e o uso sustentável dos recursos naturais.

## Fóruns e movimentos sociais

É importante, ainda, ressaltar os movimentos sociais que surgiram nas últimas décadas, como o dos trabalhadores rurais que fundaram um movimento social camponês, autônomo, em busca da reforma agrária e de propostas de transformações sociais para o país. Inicialmente formado por posseiros atingidos por barragens, migrantes, meeiros e pequenos agricultores, o movimento dos trabalhadores rurais conquistou novas formas de organização, incluindo a educação sob uma nova perspectiva e saberes, da alfabetização à formação acadêmica, em cursos universitários específicos com abordagens inéditas.

Outro item que merece ser destacado é o sucesso dos fóruns sociais, como o Fórum Social Mundial, criado como contraponto ao Fórum Mundial Econômico de Davos, tão marcado pelos acordos e propostas neoliberais, que reúne os mais diversos setores das sociedades. Há também os fóruns mundiais como o da Educação,

do Turismo etc.: manifestações com temáticas tão diferentes que favorecem a busca por diminuir desigualdades, o respeito às diversidades e a preocupação em valorizar as diferentes manifestações humanas.

Apesar da redução do número de ditaduras pelo mundo, principalmente na América do Sul, e os avanços na consolidação dos direitos humanos, não há ainda muito que comemorar em relação ao que ocorre, por exemplo, com a maioria dos povos africanos. Temos hoje a proposta da economia solidária como outra forma de produção, consumo e distribuição de riqueza, centrada na valorização do ser humano e não no capital. Com base associativista e cooperativista, volta-se para a produção, consumo e comercialização de bens e serviços de modo autogerido. Trata-se do trabalho como um meio de libertação humana em um processo de democratização econômica, nas dimensões social, econômica, política, ecológica e cultural. E aqui nos encontramos mais uma vez com o pensamento de Guimarães Rosa: “Tudo o que já foi é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num cômputo. Eu penso é assim, na paridade. viver é muito perigoso, e não é não. Nem sei explicar estas coisas. Um sentir é do sentente, mas outro é do sentidor” (ROSA, 2001, p. 328, 116); “Eu sei que isto que estou dizendo é dificultoso, muito entrançado. Mas o senhor vai avante. (...) Eu queria decifrar as coisas que são importantes.”

E, para concluir, cito as questões prioritárias a serem tratadas pelo olhar do Sul na direção de uma política de civilização:

- a. Juntar a prosa (do Norte) com a poesia (do Sul), integrando as contribuições benéficas do Norte com o sentimento de solidariedade e as artes de viver, de maneira extrovertida, comunicativa, com hospitalidade, preservando as qualidades poéticas, do Sul.
- b. O pensamento do Sul deve ser complexo, aberto às complexidades da vida, às realidades humanas e do mundo, no sentido do que é tecido em conjunto, o pensamento que religa o que foi artificialmente separado, religa o que está disperso e poderia, assim, recuperar as qualidades e a poesia da vida.
- c. O diálogo permanente entre a razão e a paixão para alcançar uma nova sabedoria, que valorize as virtudes do amor e do sentido de comunidade. Assumir a condição humana, a resposta às angústias da vida é um encontro na comunidade, no amor, na doação de si.

d. Nas sociedades, como em todos os seres humanos, existem capacidades criativas adormecidas. Diz Morin: “As capacidades geradoras dormem nas sociedades e despertam em épocas de crise, como possibilidades criativas de superação. A aspiração à harmonia permeia toda a história da humanidade”. Existem ilhas de harmonia na nossa vida cotidiana. Essa aspiração pode suscitar regenerações.

e. Leonardo Boff propõe para a nova era “ecozoi-ca” uma cosmologia da transformação: “Nós mesmos somos a parte consciente e inteligente do universo e podemos enfrentar a crise, detectar o esgotamento de certos hábitos culturais e inventar novas formas de sermos humanos, de produzirmos, consumirmos e convivermos” (BOFF, 2009).

f. Que os seres humanos exerçam a esperança crítica, como presenças criadoras, capazes de transformar a realidade em que estão inseridos, “uma esperança crítica que move os homens para a transformação” (FREIRE, 1979).

Temos escolhas a fazer, pois o nosso sistema encontra-se condenado à morte ou à metamorfose (transformação). Morin nos convida, numa perspectiva de muita esperança, a buscar os caminhos improváveis, mas possíveis, que permitirão caminhar na direção da metamorfose, como missão inexorável do pensamento do Sul.

## REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. *Cosmologia da dominação em crise*. 27 fev. 2009. Disponível em: <<http://www.leonardoboff.com>>. Acesso em: jan. 2011.
- FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- ROSA, João guimarães. *Grande sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

# Aportes para un pensamiento del Sur

Souza, Maria Alice Lopes\*

\* Posgraduada en Psicología de la Educación por el Instituto de Estudios Avanzados en Educación de la Fundación Getulio Vargas (Iesae). Pedagoga con habilitación en Magisterio y Supervisión. Especialista en Educación Especial por el Instituto de Educación del Estado de Río de Janeiro. Trabaja en la Gerencia de Educación y Acción Social del Departamento Nacional de SESC desde el año 2007, con experiencia en supervisión y coordinación pedagógica en escuelas, regencia de grupos de Educación Infantil y del Curso de Formación de Profesores con énfasis en el proceso de alfabetización.

*La relectura de uno de los más importantes escritores brasileños y pensador de las cuestiones de la vida y del cotidiano del Sur, Guimarães Rosa, me sirvió de inspiración durante el estudio del texto de Edgar Morin. Resalto los fragmentos que más me impactaron: «Mire vea: lo más importante y bonito del mundo es esto: que las personas no siempre están iguales, todavía no han sido terminadas, sino que siempre van cambiando. Afinan o desafinan. Verdad mayor. Es lo que la vida me ha enseñado». (ROSA, 2001, p. 39, 294, traducción libre), y «Tenemos que salir del sertón! Pero sólo se sale del sertón cuidándolo desde adentro».*

*Otro autor a quien también recurre es Paulo Freire, quien desarrolló conceptos muy cercanos a los utilizados por Morin, como, por ejemplo: hominización, dialógica, esperanza, racionalidad, problematización, fragmentación de los saberes, práctica reflexiva, formación de profesores.*

*Como temas centrales que pueden inspirar el pensamiento del Sur, Morin señala la conciliación del sentido de la diversidad concreta de la vida, de las creencias; la problematización del mundo, basada en el humanismo como valor y dignidad de todos los seres humanos; la difusión del humanismo en la «era planetaria en que toda humanidad vive en una comunidad de destino»; la problematización de nuestras relaciones.*

*Es necesario comprender que la razón no es única, monolítica, simple; atender para la «racionalidad abierta que reconoce los límites de su capacidad de aprensión»; hacer la crítica a la racionalización, como racionalidad degenerada, fundada en una lógica implacable y limitada; ampliar el*

*entendimiento sobre la existencia de varios «sures» como «nortes» y «mezclar las herencias culturales mediterráneas con las herencias culturales africanas y sudamericanas».*

*La problematización de la mundialización debe reunir y conjugar todas las herencias culturales. Desde la colonización, la esclavitud — aún presente en el Sur — se despliega bajo la forma de globalización, trayendo nuevos peligros a la humanidad, como la degradación de la biósfera, las diversas crisis planetarias, el consumo desenfrenado y los nuevos conflictos étnico-religiosos.*

*En la inseguridad sobre el futuro y en la angustia del presente, lo que queda es el regreso a las raíces. Vivimos la crisis del desarrollo y, a la vez, la crisis de la occidentalización y la crisis de la mundialización, las mismas que traen la miseria, que implica dependencia y humillación. La crisis de la mundialización es también la de la unificación tecno-económica del globo, del capitalismo y de las telecomunicaciones, que permiten que todos los rincones del planeta se conecten de forma inmediata — homogeneizando, como amenaza a las originalidades y singularidades culturales, étnicas, nacionales, derivando en reacciones de regreso a la nación, a la etnia e, incluso, a la religión. Son dos grandes peligros para la humanidad: la unificación abstracta y homogeneizante, que destruye las diversidades y, a la vez, el cierre de las singularidades en sí mismas, volviéndolas abstractas, aislándolas del resto de la humanidad.*

*El desafío es encontrar un camino para salir del antagonismo entre la diversidad cerrada en sí misma y la unidad abstracta. La hegemonía del norte produce «la ceguera del pensamiento fun-*

*dado esencialmente en el cálculo», ciego para la existencia, para los sentimientos, para la conciencia, «ciego para el lado humano de la humanidad». Se trata del humanismo en sintonía con lo que pensó Paulo Freire, como «compromiso radical con el hombre concreto. Compromiso que se orienta por la transformación de cualquier situación objetiva en la que el hombre concreto esté impedido de ser más» (FREIRE, 1979, p.22, traducción propia).*

*Los conocimientos separados, fragmentados, conforme los pensamientos dominantes del Norte, no permiten aprehender la complejidad de los fenómenos globales y el carácter fundamental de nuestros problemas vitales, volviendo cada vez más complicada la búsqueda por salidas. Asimismo, dificulta también la búsqueda de los principios éticos imprescindibles a las sociedades humanas en la formación de los lazos entre la unidad y la diversidad, una vida solidaria y amorosa de la que habla Freire o, aún, como lo menciona Rosa: «el uno aún no es uno cuando aún forma parte de todos» (ROSA, 2001, p. 201, 474-429, traducción propia); «El mundo ahí debería de recomenzar»; «viviendo se aprende, pero lo que más se aprende es a hacer otras preguntas mayores».*

*Sobre las experiencias innovadoras que se implementaron y/o se encuentran en curso e ilustran el pensamiento y/o identidades del Sur, podemos pensar en los movimientos culturales de la periferia como la gran novedad del siglo XXI. Los nuevos movimientos culturales que se generan en las favelas y periferias de las grandes ciudades repercuten y exceden los límites de la exclusión, influenciando a las culturas urbanas. Como un fenómeno más amplio, no restricto a los locales en donde se engendra, retumban y renuevan a la cultura urbana de una manera impactante.*

## Los movimientos ecológicos en búsqueda de salidas planetarias

*Algunos marcos surgen al Sur, como la Conferencia de las Naciones Unidas sobre Ambiente y Desarrollo, la Rio 92, cuando se firmaron importantes acuerdos ambientales globales de la historia de la humanidad. Entre ellos, las Convenciones del Clima y de la Biodiversidad, la Agenda 21, la Declaración de Rio para Medio Ambiente y Desarrollo y la Declaración de Principios para Selvas.*

*A pesar de los distintos compromisos que se asumieron durante esos días, no todas las naciones firmaron acuerdos y no hay el efectivo control de*

*los impactos ambientales que siguen amenazando la vida del planeta. Además, permanecen sin solución cuestiones como la reducción de la pobreza en el mundo, el hambre, las desigualdades sociales y económicas y el uso sostenible de los recursos naturales.*

## Foros y movimientos sociales

*Es importante resaltar también los movimientos sociales que surgieron en las últimas décadas, como el caso de los trabajadores rurales que fundaron un movimiento social campesino, autónomo, en búsqueda de la reforma agraria y de propuestas de transformaciones sociales para el país. Inicialmente formado por ocupantes víctimas de represas, migrantes, apareceros y pequeños agricultores, el movimiento de los trabajadores rurales conquistó nuevas formas de organización que incluyen la educación bajo una nueva perspectiva de saberes, de la alfabetización a la formación académica, en cursos universitarios específicos con abordajes inéditos.*

*Otro ítem que merece atención es el éxito de los foros sociales, como es el caso del Foro Social Mundial, que se creó como respuesta al Foro Mundial Económico de Davos, tan marcado por los acuerdos y propuestas neoliberales que reúne los más diversos sectores de las sociedades. De igual manera, están los foros mundiales como el de la Educación, el Turismo etc., que son manifestaciones con temáticas tan distintas que favorecen la búsqueda por la reducción de las desigualdades, el respeto a las diversidades y la preocupación en valorar las diferentes manifestaciones humanas.*

*A pesar de la reducción del número de dictaduras por el mundo — principalmente en Sudamérica —, así como los avances en la consolidación de los derechos humanos, aún no hay mucho que celebrar respecto a lo que ocurre, por ejemplo, con la mayoría de los pueblos africanos. Tenemos hoy la propuesta de la Economía Solidaria como otra forma de producción, consumo, distribución de riqueza, centrada en la valoración del ser humano y no en el capital. Con base asociativista y cooperativista, se vuelve a la producción, consumo y comercialización de bienes y servicios de una manera autogestionada. Se trata del trabajo como medio de liberación humana en un proceso de democratización económica, en las dimensiones social, económica, política, ecológica y cultural. Y aquí nos encontramos una vez más con el pensamiento de Guimarães Rosa: «Todo lo que ya fue es el comienzo de lo que vendrá,*



*a cada momento estamos en una encrucijada. Yo pienso así, en la paridad. Vivir es muy peligroso, y no lo es. No sé explicar estas cosas. Un sentir es del sintiente, pero otro es el del sentidor (ROSA 2001, p. 328, 116, traducción libre); «sé que esto que estoy diciendo es dificultoso, muy trenzado. Pero usted va adelante. [...] Yo querría descifrar las cosas que son importantes».*

*Finalmente, cito las cuestiones prioritarias a ser tratadas por la mirada del Sur hacia una política de civilización:*

- a. Unir la prosa (del Norte) con la poesía (del Sur), integrando los aportes benéficos del Norte al sentimiento de solidaridad y artes de vivir, de una manera extrovertida, comunicativa, con hospitalidad, preservando las cualidades poéticas del Sur.*
  - b. El pensamiento del Sur debe ser complejo, abierto a las complejidades de la vida, a las realidades humanas y del mundo, en el sentido de lo que se teje en conjunto, el pensamiento que reconecta lo que fue artificialmente separado, reconecta lo que está disperso y podría, de esta manera, recuperar las cualidades y la poesía de la vida.*
  - c. El diálogo permanente entre la razón y la pasión para alcanzar una nueva sabiduría, que valore las virtudes del amor y del sentido de comunidad. Asumir la condición humana, la respuesta a las angustias de la vida es un encuentro en la comunidad, en el amor, en la donación de sí mismo.*
  - d. En las sociedades, como en todos los seres humanos, existen capacidades creativas adormecidas. Morin afirma: «Las capacidades generadoras duermen en las sociedades y se despiertan en las épocas de crisis, como posibilidades creativas de superación. La aspiración a la armonía permea toda la historia de la humanidad.» Existen islas de armonía en nuestra vida diaria y dicha aspiración puede hacer surgir regeneraciones.*
  - e. Leonardo Boff propone para la nueva era «ecozoica» una cosmología de la transformación: «Nosotros mismos somos la parte consciente e inteligente del universo y podemos enfrentar la crisis, detectar el agotamiento de ciertos hábitos culturales e inventar nuevas formas de ser humano, producir, consumir y convivir» (BOFF, 2009, traducción propia).*
  - f. Que los seres humanos puedan ejercer la esperanza crítica, como presencias creadoras, capaces de transformar la realidad en que están insertados, «una esperanza crítica que mueve a los hombres hacia la transformación» (FREIRE, 1979, traducción propia).*
- Tenemos elecciones que debemos hacer, debido a que nuestro sistema se encuentra condenado a la muerte o a la metamorfosis (transformación). Morin nos invita, en una perspectiva de mucha esperanza, a buscar los caminos improbables, pero posibles, que permitirán caminar hacia la metamorfosis como una misión inexorable del pensamiento del Sur.*

# Pensamento do Sul

Vallejo-Gomez, Nelson\*

\*Filósofo colombiano-francês. Mestre em Filosofia pela Universidade Sorbonne Paris-IV. Doutor Honoris Causa da Universidade Nacional de Tumbes (Peru, 2007), Doutor Honoris Causa da Universidade Nacional de Cajamarca (Peru, 2009) e Doutor Honoris Causa da Universidade de Caldas (Colômbia, 2010). Publicou ensaios de filosofia política e literatura em diferentes revistas da Colômbia, Brasil, Venezuela, Estados Unidos, Rússia, Itália e França. Livros publicados: *Morin, humanista planetario — ensayos y entrevistas* (2009), *La latinité à la recherche de l'universel*, em colaboração com Candido Mendes (2000). Tradução para o espanhol, *La latinidad en la búsqueda del universal* (2007). *El humanista planetario* — homenagem internacional a Edgar Morin, editor em colaboração com Gustavo López Ospina (2001). Foi secretário particular de Edgar Morin, secretário geral da Association pour la Pensée Complexe (APC) e assessor externo da Unesco. Atualmente é assessor do diretor-geral de Ensino Médio do Ministério de Educação da França.

## Que temas centrais inspiram o pensamento do Sul?

- a. A Modernidade: repensar e questionar suas contribuições, à luz da era planetária e do paradigma de complexidade, por meio das oposições complementares que suscitam a Razão (ilustração), o Progresso (desenvolvimento), a Ciência (bem-estar), considerando a ecologia da ação que gerou emergências contraditórias: raciocínio louco, desenvolvimento subdesenvolvido, ciência inconsciente.
- b. O Renascimento: retomar a arte de problematizar os conceitos de Indivíduo/Sujeito/Homem (o raciocínio), Natureza/Mundo/Ser (a realidade), Sociedade (a cultura, a educação, a política).
- c. O Humanismo (abstrato, cosmopolita, concreto).
- d. Crise/metamorfose: "a missão grandiosa e universal do pensamento do Sul é caminhar em direção da metamorfose" (MORIN, 2010). "A metamorfose é propriamente uma nova origem" (MORIN, 2011).
- e. mestiçagem genética, ética, cultural ("o caminho mestiço" elabora um humanismo planetário que incorpora o melhor da cultura arcaica, tradicional, moderna).
- f. Mundialização/globalização — Era Planetária (processo geográfico de territorialização/nacionalização/fronteirização versus dinâmica virtual de inter-relação/relição/globalização (anel local/global, parte/tudo).
- g. Pensamento do Sul/pensamento complexo/política de civilização.

## Corolário

O pensamento do Sul é uma ilustração (complexus antro-po-sociopolítico-epistemológico) do pensamento complexo. Consequentemente, estabelecer os conceitos e razoamentos

próprios a um pensamento do Sul requer estudar primeiro a epistemologia complexa (o paradigma de complexidade, o conceito de anel recursivo, o método moriniano do pensamento complexo).

Assim, antes de abordar os temas centrais para compreender o que se sente pelo pensamento do Sul, é preciso consagrar uma sessão de estudo do pensamento sistêmico que os sustenta (o paradigma da complexidade). Particularmente, uma sessão de recapitulação do macro conceito moriniano *Unitas Multiplex* (organização, sistema, inter-relação), assim como dos principais princípios sistêmicos: a) O todo é mais que a soma das partes; b) O tudo é menos que a soma das partes; c) O tudo é mais que o tudo; d) As partes são, ao mesmo tempo, mais e menos que o tudo; g) O tudo é insuficiente; h) O tudo é incerto; i) O tudo é conflitivo (CIURANA, 1997).

Não se trata de substituir um reducionismo analítico (pensamento do Norte) por outro reducionismo (pensamento do Sul). Um pensamento do Sul pretende ilustrar que, ao tomar o “caminho da mestiçagem cultural planetária” (MORIN 2011), são constatadas experiências e emergências que mostram a possibilidade de pensar de outra forma os conceitos tradicionais da Modernidade, do Humanismo e da Mundialização/globalização, em suma, trata-se de sair, como primeiro passo, do paradigma em oposição/exclusão, disjunção/redução. Um pensamento do Sul deve ser entendido a partir de um pensamento sistemático que reflita paradigmaticamente e não apenas teoricamente sobre o que significam na era planetária o homem, o mundo e a sociedade.

O princípio chave da atividade mental própria para um pensamento do Sul, como a de um pensamento complexo, leva em consideração um processo cognitivo estratégico, dialógico, recursivo e hologramático (um bônus quantitativo à lógica racional tradicional).

## Que experiências inovadoras implementadas e/ou que estão em andamento ilustram o pensamento e/ou as identidades do Sul?

- a. “Os sete saberes necessários à educação do futuro” (Unesco, Paris, 1999)
- b. “A Academia da Latinidade” (Paris/Rio de Janeiro, 2000)
- c. “A base comum de conhecimentos e competências” (Lei francesa de educação de 2005 e decreto de 2006)
- d. “Instituto de Pensamento Complexo Edgar Morin da Universidade Ricardo Palma” (Lima, 2009)

## Quais são as questões prioritárias a serem tratadas pelo olhar do Sul em direção a uma política de civilização?

- a. Identidade/Cultura/Educação/Desenvolvimento

O pensamento do Sul pode ser a proposta estratégica para pensar uma “nova origem”, uma “metamorfose” planetária em e a partir da América Latina; contribuindo assim a uma matriz teórica prática complexa para renovar os currículos educativos, liberar as mentes, reorganizar estratégias de identidade, cultura e desenvolvimento em nível local, já não por meio de uma “teologia”, uma “ideologia”, uma “guerrilha” ou um plano estrutural do tipo “FMI Societal”, mas graças a um pensamento do Sul, ético e laico, que anima uma matriz paradigmática complexa e reorganiza a tríade indivíduo-natureza-sociedade, em benefício de novas concepções do desenvolvimento, da ciência e da cultura.

# Pensamiento del Sur

Vallejo-Gómez, Nelson\*

\* Es filósofo colombiano-francés. Magíster en Filosofía por la Universidad Sorbona Paris-IV. Doctor Honoris Causa de la Universidad Nacional de Tumbes (Perú, 2007), Doctor Honoris Causa de la Universidad Nacional de Cajamarca (Perú, 2009), Doctor Honoris Causa de la Universidad de Caldas (Colombia, 2010), ha publicado ensayos de filosofía política y de literatura en diferentes revistas de Colombia, Brasil, Venezuela, Estados Unidos, Rusia, Italia y Francia. Libros publicados: *Morin, humanista planetario — ensayos y entrevistas* (2009), *La latinidad à la recherche de l'universel*, en colaboración con Candido Mendes (2000). Trad. en castellano, *La latinidad en la búsqueda del universal* (2007). *El humanista planetario — homenaje internacional a Edgar Morin*, editor en colaboración con Gustavo López Ospina (2001). Ha sido secretario particular de Edgar Morin, secretario general de la Association pour la Pensée Complexe (APC) y asesor externo de la Unesco. Actualmente es asesor del director general de Educación Media del Ministerio de Educación de Francia.

## ¿Qué temas centrales inspiran el pensamiento del Sur?

- a. *La Modernidad: repensar y cuestionar sus aportes, a la luz de la era planetaria y del paradigma de complejidad, a través de las oposiciones complementarias que suscitan la Razón (ilustración), el Progreso (desarrollo), la Ciencia (bienestar), teniendo en cuenta la ecología de la acción que ha generado emergencias contradictorias: razonamiento loco, desarrollo subdesarrollado, ciencia inconsciente.*
- b. *El Renacimiento: retomar el arte de problematizar los conceptos de Individuo/Sujeto/Hombre (el razonamiento), Naturaleza/Mundo/Ser (la realidad), Sociedad (la cultura, la educación, la política).*
- c. *El Humanismo (abstracto, cosmopolita, concreto).*
- d. *Crisis/metamorfosis: «la misión grandiosa y universal del pensamiento del Sur es caminar hacia la metamorfosis» (MORIN, 2010). «La metamorfosis es propiamente un nuevo origen» (MORIN, 2011).*
- e. *Mestizaje genético, étnico, cultural («la vía mestiza» elabora un humanismo planetario que incorpora lo mejor de la cultura arcaica, tradicional, moderna).*
- f. *Mundialización/globalización — Era Planetaria (proceso geográfico de territorialización/nacionalización/fronterización versus dinámica virtual de interrelación/religación/globalización (anillo local/global, parte/todo).*
- g. *Pensamiento del Sur/pensamiento complejo/política de civilización.*

## Corolario

*El pensamiento del Sur es una ilustración (complexus antropo-sociopolítico-epistemológico) del pensamiento complejo. Por consiguiente, establecer los conceptos y los razonamientos propios a un pensamiento del Sur requiere estudiar de entrada la epistemología compleja (el paradigma de complejidad, el concepto de anillo recursivo, el método moriniano del pensamiento complejo).*

Así pues, antes de abordar los temas centrales para comprender lo que se entiende por pensamiento del Sur, hay que consagrar una sesión de estudio al pensamiento sistémico que lo sustenta (el paradigma de complejidad). En particular, una sesión de recapitulación del macro concepto moriniano *Unitas Multiplex* (organización, sistema, interrelación), así como de los principales principios sistémicos: a) El todo es más que la suma de las partes; b) El todo es menos que la suma de las partes; c) El todo es más que el todo; d) Las partes son a la vez más y menos que las partes; e) Las partes son eventualmente más que el todo; f) El todo es menos que el todo; g) El todo es insuficiente; h) El todo es incierto; i) El todo es conflictivo (CIURANA, 1997).

No se trata de sustituir un reduccionismo analítico («pensamiento del Norte») por otro reduccionismo («pensamiento del Sur»). Un pensamiento del Sur pretende ilustrar que, al tomar la «vía del mestizaje cultural planetario» (MORIN, 2011), se constata por doquier experiencias y emergencias que muestran la posibilidad de pensar de otra manera los conceptos tradicionales de la Modernidad, del humanismo y de la Mundialización/globalización, en suma, se trata de salir, como primer paso, del paradigma en oposición/exclusión, disyunción/reducción. Un pensamiento del Sur debe ser entendido desde un pensamiento sistémico que refleje paradigmáticamente y no solo teóricamente lo que significa en la era planetaria el hombre, el mundo, la sociedad.

El principio clave de la actividad mental propia a un pensamiento del Sur, como a la de un pensamiento complejo tiene en cuenta un proceso cognitivo estratégico, dialógico, recursivo y hologramático (un plus cualitativo a la lógica racional tradicional).

¿Qué experiencias innovadoras que se implementaron y/o están en curso ilustran el pensamiento y/o las identidades del Sur?

- a. «Los siete saberes necesarios a la educación del futuro» (Unesco, Paris, 1999)
- b. «La Academia de la Latinidad» (Paris/Rio de Janeiro, 2000)
- c. «La base común de conocimientos y de competencias» (ley de educación francesa de 2005 y decreto de 2006)
- d. «El Instituto de Pensamiento Complejo Edgar Morin de la Universidad Ricardo Palma» (Lima, 2009)

¿Cuáles son las cuestiones prioritarias a tratarse por la mirada del Sur hacia una política de civilización?

a. Identidad/Cultura/Educación/Desarrollo

El pensamiento del Sur puede ser la propuesta estratégica para pensar un «nuevo origen», una «metamorfosis» planetaria en y desde la América latina; contribuyendo así a una matriz teórico-práctica compleja para renovar los currículos educativos, liberar las mentes, reorganizar estrategias de identidad, cultura y desarrollo a nivel local, ya no por medio de una «teología», una «ideología», una «guerrilla» o un plan estructural de tipo «FMI societal», sino gracias a un pensamiento del Sur, ético y laico, que anima una matriz paradigmática compleja y reorganiza la triada individuo-naturaleza-sociedad, en beneficio de nuevas concepciones del desarrollo, la ciencia y la cultura.

# Reconectar o que está disperso: um pensamento do Sul planetário

Velasco, Juan Miguel Gonzales\*

\* Presidente da Cátedra de Educação Transcomplexa La Paz (Bolívia). Coordenador Doutorado e Pós-doutorado de Educação-complexidade EMI-La Paz. Criador da Teoria Educativa Trans-complexa. Autor de várias obras sobre Currículo Complexo, Avaliação das Aprendizagens e Complexidade. Classe Mente Social, Metacomplexidade, Condição Humana. Editor e diretor de Educação e Complexidade. Fractal, Ciência com Consciência para a Mudança, Íntegra Educativa. Coordenador do projeto Red de Formación Transdisciplinar (RedFut) Espanha-AECID na América Latina. Membro da Rede Mundial do Pensamento Complexo Edgar Morin em Lima, Peru. Membro do Centro de Estudo e Pesquisa da Complexidade e da Transdisciplinarietà CEICT da Universidade San Luís Gonzaga de Ica, Peru. Conferencista internacional especializado, na América Latina e na Europa. Docente internacional de Programas de doutorado, como o Doutorado em Educação da Universidade do Atlântico, em Barranquilla, Colômbia.

Talvez a palavra “Sul” seja a causadora da confusão entre um pensamento que não divide ou procura diferenciar duas posições contrárias, “o Norte”, mas o pensamento complexo os entretece e complementa. Há muitos séculos, o pensamento do Norte tem sido predominante no mundo e feito com que diversas contribuições sejam consolidadas sem reflexão ou autoanálise, cheia de ilusões tais como a visão de democracia, os direitos humanos, as autonomias, o materialismo sobre o humanismo, o conceito de progresso, a ilustração etc. Entretanto, em meio a este surgimento esteve e estará o pensamento do Sul, um pensamento que permite que a humanidade complemente, problematize, questione nossa existência e o universo, a planetarização como uma visão de consciência ecológica. A visão de saberes ecológica nossa concepção de único e diverso, pelo que a palavra chave que se devém analisar a cada momento o que justamente pela visão do pensamento do Norte é “crise”, a mesma que é vista em todo sentido, por exemplo, crise econômica, política, ideológica, de desenvolvimento, material e a mais importante: a crise da humanidade que não nos permite nem nos faz pensar de forma abstrata sobre o que é a humanidade. Neste ponto, a reivindicação da condição humana exerce um papel de imensa importância.

Um dos processos reflexivos mais importantes para o “Sul” é a condição humana que, vista desde um pensamento do Sul, localizará nosso ser no planeta e no universo, fazendo-nos acreditar em nosso sentido comum e em nossa diversidade humana, e mais

profundamente no que nos identifica e nos une como seres humanos, fazendo compreender em que condição ou em que circunstâncias nascemos, crescemos, nos reproduzimos e deixamos este mundo, não apenas no aspecto biológico ou material, mas também nossa transcendência espiritual. Mas a mesma não está completa sem a visão poética, social, ecológica e diversa em realidades do Sul.

Um dos momentos mais significativos para o ser humano é sua cotidianidade, onde conflui uma infinidade de fatos, circunstâncias, relacionamentos e vivências regidas sob diversos critérios de pensamento, vistos entre um mundo macro, micro ou médio, isto é, o das complexidades, e faz com que o ser humano reflita sua energia, sua matéria e sua espiritualidade. É em sua vida cotidiana que sua condição de ser humano deve demonstrar sua existência, sua razão de ser no mundo e no universo, o elemento que o distingue como único e como diverso, onde os aspectos vinculados a razão, ao sentimento, ao pensamento, a sua criatividade, grandeza interior e exterior se entrelaçam para fazer dos seres humanos complexus, homens do Sul.

O pensamento do Sul em sua natureza mais simples também envolve falar de valores, por exemplo, o valor da vida, o da busca pela liberdade, do respeito do outro e de si mesmo, da busca da espiritualidade, da vinculação do ser com sua consciência, e que em muitos casos parte de uma visão individual a uma consciência social e, muito mais ampla, uma consciência planetária.

Este pensar no Sul permite a aproximação à liberdade do sujeito, essa liberdade que muitas vezes acreditamos ter alcançado, mas que na prática estamos muito longe de tê-la ou a vemos de forma concreta quando na verdade existe uma grande ambiguidade abstrata que o pensamento do Norte não nos permite ver, como tampouco às outras possibilidades, pois nos cega.

Mas neste pensamento fragmentado e cego que nos deixou o pensamento do “Norte”, há muitas dispersões teóricas, práticas e ideológicas muito importantes para poder pensar um mundo diferente. Estas cegueiras não são novas. Sempre existiram, e também não acredito que o pensamento do “Sul” seja uma alternativa livre de falhas, erros ou contradições. Entretanto, acredito, sim, que seja possível pensar em um pensamento do Sul mais otimista com a vida, o tempo e o espaço e, o mais importante, com uma nova forma de civilização, a mesma que durante muitos anos tratou de emergir, o fez e contribuiu com importantes facetas na história da humanidade.

Mas quais são as alternativas revolucionárias que nos permitirão ver um sentido inovador ou prático em diversas realidades? Um deles é a criação — projetada para este ano de 2011 na cidade mais alta do mundo — do Primeiro Instituto para a Complexidade e o Pensamento do Sul (IICPS), o qual trabalhará pela integração de saberes e pensamentos, compreensão, difusão internacional, investigação em linhas de interesse entre nações e publicação destas formas de pensamento “o que se tece em conjunto” e “religo o que está disperso”. Será um desafio constituir este instituto no Sul, desde o ponto de vista geográfico, já que é na América do Sul onde o pensamento do Sul tem maior impulso, maior trabalho e efervescência mundial. Este é o motivo pelo qual será constituído em uma das cidades mais representativas da América do Sul.

Da mesma forma, o IICPS será um instituto que trabalhará para impulsionar o trabalho em diversas linhas de interesse. Uma delas será a educativa, onde será promovida a criação da Primeira Universidade do Pensamento do Sul (UPS). É evidente que este centro de saber deverá estar imerso e sob os princípios do pensamento do Sul, em busca do que Edgar Morin chama de Terra-pátria, e começará a constituir na formação de formadores, aspecto que

considero pouco desenvolvido mesmo desde o pensamento complexo. A UPS deverá sensibilizar o sujeito a uma visão problematizadora do ser humano, planetária, humanizadora, que vincule saberes, a condição humana, a aplicação dos operadores cognitivos complexos, conteúdos transdisciplinares e, o mais importante, uma diversidade com alto nível ideológico do Sul.

Um dos maiores empoderamentos do pensamento do Norte é o tema “saúde”: muito parcelado, desigual. Ao longo dos anos buscaram-se metas que nunca foram alcançadas como, por exemplo, a famosa frase “Saúde para todos” no ano 2000. O pensamento do Sul deverá conscientizar o profissional de saúde em direção a um atendimento em saúde prioritário, equitativo e diverso. Considero este tema muito importante para o pensamento do Sul.

Finalmente, o pensamento do Sul gera uma nova forma de política civilizatória, que ao meu parecer esteve presente na história da humanidade, mas em eterna luta com o pensamento do Norte. Não quer dizer que existam dois grupos literalmente separados. Existem sim, mas puros e híbridos, com tempos de aparição, e aí é onde quero incidir o tempo do pensamento do Sul para religar tudo o que ficou disperso, em busca de uma Terra-pátria, uma política civilizatória mais integradora e humanizadora, isto é, que nos permita sair da pré-história do conhecimento, das cegueiras da ciência, da fragmentação das disciplinas, da falta de condição humana, tirar-nos da crise de estresse, por uma crise emergente de mudança permanente.

O pensamento do Sul, não é sem o Norte, já que na unicidade está a diversidade e vice-versa. É importante ressaltar que o pensamento do Sul recebe este nome porque tradicionalmente no globo terráqueo os países do Norte mantiveram seu poder sobre os do Sul, como é o caso de Europa e África ou América do Norte e América Central. Na verdade, cada país, região, lugar, cidade ou lar tem seu próprio pensamento do Sul, este pensamento mais poético que prosaico, mais multicultural, tradicional e pouco valorizado pelo pensamento do Norte. Com isso, quero dizer que o pensamento do Sul tem, sim, tradicionalmente um forte componente geográfico, mais que tudo ideológico, com fortes componentes recivilizatórios.



# Reconectar lo que está disperso: un pensamiento del Sur planetario

Velasco, Juan Miguel Gonzáles\*

\* Presidente de la Cátedra de Educación Transcompleja La Paz (Bolivia). Coordinador Doctorado y Posdoctorado de Educación-Complejidad EMI-La Paz. Creador de la Teoría Educativa Transcompleja. Autor de varias obras sobre Currículo Complejo, Evaluación de los Aprendizajes y Complejidad. Aula Mente Social, Metacomplejidad, Condición Humana. Editor y director de Educación y Complejidad. Fractal, Ciencia con Conciencia para el Cambio, Integra Educativa. Coordinador para Latinoamérica del proyecto Red de Formación Transdisciplinar (RedFut) España-AECID. Miembro de la Red Mundial del Pensamiento Complejo. Miembro honorario del Instituto Peruano del Pensamiento Complejo Edgar Morin, Lima, Perú. Miembro del Centro de Estudio e Investigación de la Complejidad y la Transdisciplinariedad CEICT de la Universidad San Luís Gonzaga de Ica, Perú. Experto conferencista internacional para Latinoamérica y Europa. Docente internacional de Programas Doctorales como Doctorado en Educación de la Universidad del Atlántico, en Barranquilla, Colombia.

*Tal vez la palabra «Sur» sea la causante de confusión ante un pensamiento que no divide o busca diferenciar dos posiciones contrarias, «el Norte», pero el pensamiento complejo los entreteteje y complementa. Durante muchos siglos el pensamiento del Norte ha predominado en el mundo y ha hecho que diversos aportes se afiancen sin reflexionar y autoanalizarse, llena de ilusiones tales como la visión de democracia, los derechos humanos, las autonomías, el materialismo sobre el humanismo, el concepto de progreso, la ilustración etc. Sin embargo, en medio de este surgimiento ha estado y estará el pensamiento del Sur, un pensamiento que permite a la humanidad complementar, problematizar, cuestionar nuestro existir y del universo, la planetarización como una visión de conciencia ecológica. La visión de saberes ecologiza nuestra concepción de único y diverso por lo que la palabra clave que se deviene, analiza a cada momento o que justamente por la visión del pensamiento del Norte es «crisis», la misma que es vista en todo sentido, por ejemplo, crisis económica, política, ideológica, de desarrollo, material, y la más importante, la crisis de la humanidad que no nos deja o nos hace pensar de manera abstracta de lo que es humanidad, es ahí donde la reivindicación de la condición humana juega un papel trascendental.*

*Uno de los procesos reflexivos más importantes para el «Sur» es la condición humana que, vista desde un pensamiento del Sur, ubicará nuestro ser en el planeta y en el universo, haciendo creer en nuestro ser común y nuestra diversidad humana, y más profundamente en lo que nos identifica y nos une como seres humanos, haciendo comprender en qué condición, es decir bajo qué circunstancias nacemos, crecemos, nos reproducimos y dejamos este mundo no solo en lo biológico o en lo material sino también nuestra trascendencia espiritual. Pero esta no está completa sin la visión poética, social, ecológica y diversa en realidades del Sur.*

*Uno de los momentos más significativos para el ser humano es su cotidianidad, donde confluyen infinidad de hechos, circunstancias, relaciones y vivencias*

*bajo diversos criterios de pensamiento, vistos entre un mundo macro, micro o tal vez meso, es decir el de las complejidades y hace que el ser humano refleje su energía, su materia y su espiritualidad. Es en su vida cotidiana donde su condición de ser humano debe demostrar su existir, su razón de ser en el mundo y en el universo, el elemento que lo distingue como único y como diverso, donde los bucles vinculados a la razón, al sentimiento, al pensamiento, a su creatividad, a su grandeza interior y exterior se entremezclan para hacer de los seres humanos complexus, hombres del Sur.*

*El pensamiento del Sur en su naturaleza más simple también involucra hablar de valores, por ejemplo, el valor de la vida, el de la búsqueda de la libertad, del respeto del otro y de sí mismo, de la búsqueda de la espiritualidad, de la vinculación del ser con su conciencia, y que en muchos casos parte de una visión individual a una conciencia social y, mucho más amplia, la conciencia planetaria.*

*Este pensar en el Sur permite el acercamiento a la libertad del sujeto, esa libertad que muchas veces creemos alcanzarla pero que en la práctica estamos muy lejos de tenerla o la vemos de manera concreta, cuando hay una gran ambigüedad abstracta que el pensamiento del Norte no nos deja ver otras posibilidades, nos hace ciegos.*

*Pero en este pensamiento fragmentado y ciego que nos ha dejado el pensamiento del «Norte» hay muchas dispersiones teóricas, prácticas e ideológicas muy importantes para poder pensar un mundo diferente. Estas cegueras no son nuevas. Siempre han existido ahí, y tampoco creo que sea el pensamiento del «Sur» una alternativa libre de falencias, errores o contradicciones. Sin embargo, sí creo que es posible pensar en un pensamiento del Sur más optimista con la vida, el tiempo y el espacio, y, lo más importante, con una nueva forma de civilización, la misma que durante muchos años ha tratado de emerger, lo ha hecho y ha aportado importantes facetas en la historia de la humanidad.*

*Pero ¿cuáles son las alternativas revolucionarias que nos permitirían ver un sentido innovador o práctico en diversas realidades?, una de ellas es la creación para este 2011, en la ciudad más alta del mundo, del Primer Instituto Internacional para la Complejidad y el Pensamiento del Sur (IICPS) que trabajará por la integración de saberes y pensamientos, la comprensión, la difusión internacional, la investigación en líneas de interés entre naciones y la publicación de estas formas de pensamiento «lo que se teje en conjunto» y «reconecto lo que está disperso». Será un reto constituir este instituto en el Sur, desde el punto de vista geográfico, ya que es en sudamérica donde el pensamiento del Sur tiene mayor impulso, mayor trabajo y efervescencia mundial, de ahí que constituirlo en una de las ciudades más representativas de sudamérica.*

*De igual manera, el IICPS será un instituto que impulsará el trabajo en diversas líneas de interés. una de ellas será la educativa, donde se impulsará la creación de la Primera Universidad del Pensamiento del Sur (UPS). Lógicamente, este centro del saber deberá estar inmerso y bajo los principios del pensamiento del Sur, buscando esto que Edgar Morin llama Tierra-patria y se empezará a constituir en la formación de formadores, aspecto que considero poco desarrollado aún desde el pensamiento complejo. La UPS deberá sensibilizar al sujeto hacia una visión problematizadora del ser humano, planetaria, humanizadora, que vincule saberes, la condición humana, la aplicación de los operadores cognitivos complejos, contenidos transdisciplinarios, y, lo más importante, una universidad con un alto nivel ideológico del Sur.*

*Uno de los mayores empoderamientos del pensamiento del Norte es el tema «salud»: muy parcelado, desigual, y a lo largo de los años se han buscado metas que nunca se han cumplido, como ejemplo, la famosa frase «Salud para todos» en el año 2000. El pensamiento del Sur deberá concientizar al profesional en salud hacia una atención en salud prioritaria, equitativa y diversa. Considero este tema muy importante para el pensamiento del Sur.*

*Finalmente, el pensamiento del Sur genera una nueva forma de política civilizatoria, que a mi parecer ha estado presente en la historia de la humanidad, solo que en eterna lucha con el pensamiento del Norte. No quiere decir que existan dos bandos literalmente separados, más bien los existen puros e híbridos, con tiempos de aparición, y es ahí donde quiero incidir el tiempo del pensamiento del Sur para reconectar todo lo que ha quedado disperso, en busca de una Tierra-patria, una política civilizatoria más integradora y humanizadora, es decir que nos permita salir de la prehistoria del conocimiento, de las cegueras de la ciencia, de la fragmentación de las disciplinas, de la falta de condición humana, sacarnos de la crisis de estrés, por una crisis emergente de cambio permanente.*

*El pensamiento del Sur, no es sin el Norte, ya que en la unicidad está la diversidad y viceversa. Creo importante señalar que el pensamiento del Sur es así llamado porque tradicionalmente en el globo terráqueo los países del Norte han mantenido su empoderamiento sobre los del Sur, tal es el caso de Europa y África o Norteamérica y Centroamérica, lo cierto es que cada país, cada región, cada localidad, ciudad u hogar tiene su propio pensamiento del Sur, este pensamiento más poético que prosaico, más multicultural, tradicional y poco valorado por el pensamiento del Norte. Con ello quiero decir que el pensamiento del Sur, si, tiene tradicionalmente un fuerte componente geográfico pero, más que todo, ideológico, con fuertes componentes re-civilizatorios.*

Esta publicação foi composta na tipologia Gothic 720 BT,  
em corpo 10/13, e impressa em papel reciclato  
120 g/m<sup>2</sup> (miolo) e duodesing 300 g/m<sup>2</sup> (capa).